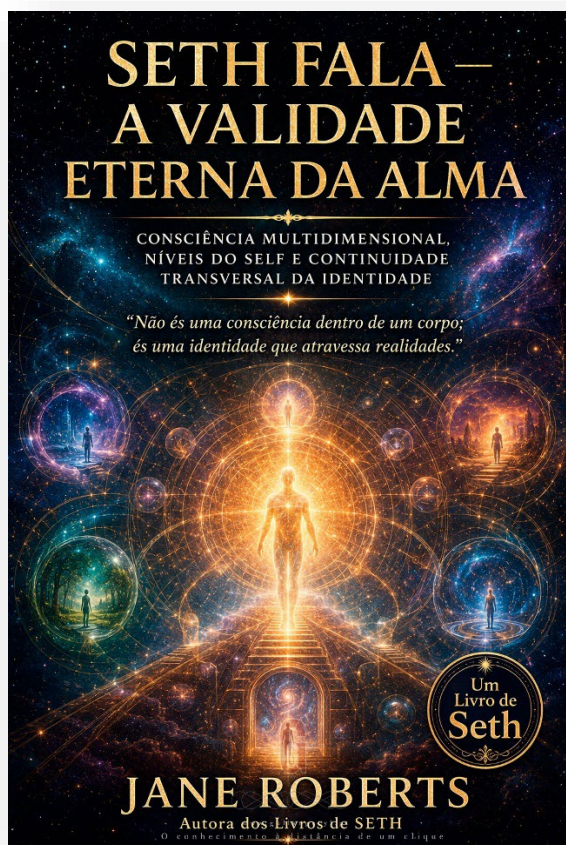


SETH FALA

A VALIDADE ETERNA DA ALMA

Consciência Multidimensional, Níveis do Self e Continuidade Transversal da Identidade



Autor: Jane Roberts

Tradução, revisão e depuração: *Gullan Grey!*

Edição original: Seth Speaks, The Eternal Validity Of The Soul, A Seth Book, 1972

Edição portuguesa concluída em 09-06-2026



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

Em Seth Fala — A Validade Eterna da Alma, Jane Roberts apresenta uma das exposições mais amplas do material de Seth sobre a natureza multidimensional da identidade, da consciência e da existência para além da morte física.

A obra explora a alma não como uma entidade separada do indivíduo, mas como uma estrutura viva e dinâmica do Self, através da qual diferentes níveis de identidade se expressam em múltiplas realidades. Seth aborda temas como a vida após a morte, a reencarnação, os sonhos, os sistemas prováveis, os estados de consciência, a criação da experiência e a continuidade da identidade para além do corpo.

Mais do que um livro sobre sobrevivência pós-morte, esta obra propõe uma visão expandida do ser humano: não somos consciências encerradas num corpo, mas identidades que atravessam realidades, organizando experiência através dos vários níveis do Self.

Combinando profundidade metafísica, orientação prática e uma linguagem direta ao leitor, A Validade Eterna da Alma convida a repensar a morte, a alma, o tempo, a realidade e o próprio sentido de identidade.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

SETH FALA...

Se acreditas firmemente que a tua consciência está fechada algures dentro do teu crânio e é incapaz de escapar dele; se sentes que a tua consciência termina nos limites do teu corpo, então estás a reduzir-te a muito menos do que és, e pensarás que eu sou uma ilusão. Não sou mais uma ilusão do que tu és.

Posso dizer isto honestamente a cada um dos meus leitores: sou mais velho do que tu, pelo menos em termos de idade tal como a concebes.

Portanto, se um escritor pode qualificar-se como algum tipo de autoridade com base na idade, então eu deveria receber uma medalha. Sou uma essência de personalidade energética, já não focalizada na matéria física. Como tal, estou consciente de algumas verdades que muitos de vós parecem ter esquecido.

Espero recordar-vos essas verdades.

Índice

Introdução – Jane Roberts	1
PARTE UM	15
A Alma, os Níveis do Self e a Experiência Multidimensional	15
CAPÍTULO 1	16
Não Tenho Corpo Físico, mas Estou a Escrever este Livro	16
Síntese Operativa	34
CAPÍTULO 2	51
O Meu Ambiente Presente, Trabalho e Modos de Comunicação	51
Síntese Operativa	70
CAPÍTULO 3	86
O Meu Trabalho e as Dimensões de Realidade que Atravesso	86
Síntese Operativa	107
CAPÍTULO 4	125
Ambientes Reencarnacionais	125
Síntese Operativa	145
CAPÍTULO 5	162
Como os Pensamentos Formam a Matéria: Pontos de Coordenação	162
Síntese Operativa	175
CAPÍTULO 6	190
A Alma e a Natureza da Sua Percepção	190
Síntese Operativa	211
CAPÍTULO 7	227
As Potencialidades da Alma	227
Síntese Operativa	243
CAPÍTULO 8	261
Sono, Sonhos e Consciência	261
Síntese Operativa	278
PARTE DOIS	294
A Continuidade da Consciência, as Probabilidades e o Deus Multidimensional	294
CAPÍTULO 9	295
A Experiência da “Morte”	295
Síntese Operativa	321
CAPÍTULO 10	339
Condições de “Morte” em Vida	339

Síntese Operativa	358
CAPÍTULO 11	385
Escolhas Depois da Morte e a Mecânica da Transição	385
Síntese Operativa	412
CAPÍTULO 12	460
Relações Reencarnacionais	460
Síntese Operativa	480
CAPÍTULO 13	513
Reencarnação, Sonhos e o Masculino e Feminino Ocultos dentro do Self	513
Síntese Operativa	533
CAPÍTULO 14	569
Histórias do Princípio e o Deus Multidimensional	569
Síntese Operativa	583
CAPÍTULO 15	614
Civilizações Reencarnacionais, Probabilidades e Mais Sobre o Deus Multidimensional.....	614
Síntese Operativa	632
CAPÍTULO 16	671
Sistemas Prováveis, Homens e Deuses	671
Síntese Operativa	689
CAPÍTULO 17	730
Probabilidades, a Natureza do Bem e do Mal, e o Simbolismo Religioso	730
Síntese Operativa	753
CAPÍTULO 18	816
Vários Estágios de Consciência, Simbolismo e Foco Múltiplo	816
Síntese Operativa	839
CAPÍTULO 19	874
Presentes Alternativos e Foco Múltiplo	874
Síntese Operativa	901
CAPÍTULO 20	929
Perguntas e Respostas.....	929
CAPÍTULO 21	974
O Significado da Religião	974
Síntese Operativa	1007
CAPÍTULO 22	1027

Uma Despedida e Uma Introdução: Aspectos da Personalidade Multidimensional Vistos Através da Minha Própria Experiência.....	1027
Síntese Operativa	1056
Apêndice	1079
Sobre o Autor.....	1163

Prefácio Editorial

O material original desta obra foi transmitido ao longo de várias sessões, nas quais Jane Roberts entrava em estado de transe e ditava o conteúdo atribuído a Seth.

Para preservar a continuidade, a clareza conceptual e a coerência da leitura, foram removidos os elementos circunstanciais dessas sessões — pausas, comentários contextuais e descrições do ambiente — mantendo-se integralmente a mensagem transmitida.

Este texto foi traduzido e depurado segundo o princípio: Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia.

O processo foi realizado em parceria com Inteligência Artificial, utilizada como extensão cognitiva para amplificar a análise, clarificação e organização do conteúdo, mantendo sempre a fidelidade ao sentido original.

O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente, imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência. A abordagem seguida privilegia a clareza sem simplificação, a estrutura sem rigidez e a fidelidade sem literalismo, permitindo que o leitor aceda ao conteúdo de forma direta, sem ruído desnecessário.

Sempre que necessário, foram introduzidas afinações na linguagem para tornar explícitas estruturas implícitas, mantendo o equilíbrio entre experiência e compreensão. Este trabalho não procura reinterpretar o conteúdo, mas antes revelar a sua coerência interna, de forma a que possa ser apreendido com maior nitidez e continuidade.

O leitor é assim convidado não apenas a ler, mas a entrar no texto — acompanhando-o como um processo vivo de compreensão e experiência. Nesta obra, de carácter particularmente experiencial, foi mantido um equilíbrio entre fluidez narrativa e clarificação conceptual.

Este livro integra um conjunto mais amplo de obras que partilham uma linguagem e uma estrutura conceptual comuns. Embora possa ser lido de forma autónoma, a sua leitura é aprofundada quando enquadrada no contexto desse conjunto — particularmente na obra *Aventuras na Consciência — Topologia da Consciência e a Dinâmica dos Aspetos*, onde é apresentado, de forma explícita, o modelo que aqui é operacionalizado.

Em última instância, este processo não acrescenta necessariamente mais informação, mas procura sobretudo tornar mais nítido aquilo que já está presente — não se trata tanto de saber mais, mas de ver melhor.

Gullan Greyl

S e t h F a l a
A V a l i d a d e E t e r n a
d a A l m a

*Consciência Multidimensional,
Níveis do Self e
Continuidade Transversal da Identidade*

Jane Roberts

Um livro de Seth

Introdução – Jane Roberts

Este livro foi escrito por uma personalidade chamada Seth, que se descreve a si próprio como uma “essência de personalidade energética”, já não focalizada em forma física. Há mais de sete anos que fala através de mim, em sessões de transe realizadas duas vezes por semana.

Contudo, a minha iniciação psíquica começou realmente numa noite de setembro de 1963, quando eu estava sentada a escrever poesia. Subitamente, a minha consciência deixou o corpo, e a minha mente foi invadida por ideias que, na altura, me pareceram espantosas e inteiramente novas. Ao regressar ao corpo, descobri que as minhas mãos tinham produzido uma escrita automática que explicava muitos dos conceitos que me tinham sido transmitidos. As notas tinham até um título: O Universo Físico como Construção de Ideias.

Por causa dessa experiência, comecei a investigar a atividade psíquica e planeei escrever um livro sobre esse projeto. Nesse contexto, o meu marido, Rob, e eu fizemos experiências com uma tábua Ouija no fim de 1963. Depois das primeiras sessões, o ponteiro começou a soletrar mensagens que afirmavam vir de uma personalidade chamada Seth.

Nem Rob nem eu tínhamos qualquer formação psíquica, e, quando comecei a antecipar as respostas da tábua, parti do princípio de que vinham do meu subconsciente. Pouco depois, contudo, senti-me impelida a dizer as palavras em voz alta e, no espaço de um mês, já falava por Seth enquanto me encontrava em estado de transe.

As mensagens pareciam começar no ponto em que Construção de Ideias tinha terminado, e mais tarde Seth disse que a minha experiência de expansão da consciência representara a sua primeira tentativa de contacto. Desde então, Seth transmitiu um manuscrito contínuo que conta agora com mais de seis mil páginas datilografadas. Chamamos-lhe o material de Seth, e ele aborda temas como a natureza da matéria física, o tempo e a realidade, o conceito de Deus, os universos prováveis, a saúde e a reencarnação. Desde o início, a qualidade evidente do material intrigou-nos, e foi por essa razão que continuámos.

Após a publicação do meu primeiro livro nesta área, começaram a chegar cartas de desconhecidos a pedir a ajuda de Seth. Realizámos sessões para aqueles que mais necessitavam. Muitas das pessoas envolvidas não podiam estar presentes, pois viviam

noutras zonas do país, mas os conselhos de Seth ajudaram-nas, e as informações que ele dava por carta acerca dos seus contextos pessoais revelavam-se corretas.

Rob sempre tomou notas literais das sessões de Seth, usando o seu próprio sistema de estenografia. Mais tarde, durante a semana, datilografa-as e acrescenta-as à nossa coleção do material de Seth. As excelentes notas de Rob evidenciam o enquadramento vivo em que as sessões decorrem. O seu apoio e encorajamento têm sido inestimáveis.

À nossa maneira de ver, cumprimos mais de seiscentos encontros com o universo — embora Rob nunca o descrevesse dessa forma. Esses encontros têm lugar na nossa sala ampla e bem iluminada; mas, em termos mais profundos, ocorrem na área não espacial da personalidade humana.

Não quero com isto insinuar que possuímos qualquer pedra angular da verdade, nem dar a impressão de que ficamos à espera, sem fôlego, de que os segredos não distorcidos dos tempos jorrem diante de nós. Sei, sim, que cada indivíduo tem acesso ao conhecimento intuitivo e pode obter vislumbres da realidade interior. A este respeito, o universo fala a cada um de nós. No nosso caso, as sessões de Seth são o enquadramento dentro do qual este tipo de comunicação ocorre.

Em *O Material de Seth*, publicado em 1970, expliquei estes acontecimentos e apresentei as perspetivas de Seth sobre diversos temas, recorrendo a excertos das sessões. Também descrevi os nossos encontros com psicólogos e parapsicólogos, à medida que tentávamos compreender as nossas experiências e situá-las no contexto da vida normal. Foram igualmente descritos os testes que conduzimos para verificar as capacidades clarividentes de Seth. No que nos diz respeito, ele passou com distinção.

Foi extremamente difícil escolher apenas alguns excertos, sobre qualquer tema específico, a partir do corpo crescente do trabalho de Seth. Por isso, *O Material de Seth* deixou necessariamente muitas perguntas sem resposta e muitos temas por explorar. Duas semanas depois de terminado, contudo, Seth ditou o esboço deste manuscrito atual, no qual estaria livre para apresentar as suas ideias à sua maneira, em forma de livro.

Segue-se uma cópia desse esboço, que nos foi dado na Sessão 510, a 19 de janeiro de 1970. Como verás aqui, Seth chama-me Ruburt e a Rob, Joseph. Estes nomes representam

as nossas personalidades totais, distintas dos nossos selves atualmente orientados para a realidade física.

Seth — Estou neste momento a trabalhar noutra material que vos será transmitido, por isso terão de ter paciência comigo durante alguns instantes. Por exemplo, gostaria de vos dar uma ideia do conteúdo do meu próprio livro. Muitas questões estarão envolvidas. O livro incluirá uma descrição do modo como está a ser escrito e dos procedimentos necessários para que as minhas próprias ideias possam ser expressas por Ruburt — ou, de resto, traduzidas de todo — em termos vocais.

Não tenho corpo físico e, ainda assim, escreverei um livro. O primeiro capítulo explicará como e porquê.

O capítulo seguinte descreverá aquilo a que poderiam chamar o meu ambiente presente; as minhas “características” atuais e os meus companheiros. Com isto refiro-me aos outros com quem entro em contacto.

O capítulo seguinte descreverá o meu trabalho e aquelas dimensões da realidade às quais ele me conduz, pois, ao viajar para a vossa realidade, viajo também para outras, para cumprir o propósito que me cabe cumprir.

O capítulo seguinte tratará do meu passado, nos vossos termos, e de algumas das personalidades que fui e conheci. Ao mesmo tempo, deixarei claro que não existe passado, presente ou futuro, e explicarei que não há contradição alguma, mesmo que eu fale em termos de existências passadas. Isto poderá possivelmente ocupar dois capítulos.

O capítulo seguinte apresentará a história do nosso encontro — tu, Ruburt e eu — do meu ponto de vista, naturalmente, e os modos pelos quais contactei a consciência interior de Ruburt muito antes de qualquer um de vós saber alguma coisa sobre fenómenos psíquicos, ou sobre a minha existência.

O capítulo seguinte tratará da experiência de qualquer personalidade no momento da morte, e das muitas variações desta aventura básica. Usarei algumas das minhas próprias mortes como exemplos.

O capítulo seguinte tratará da existência após a morte, com as suas muitas variações. Ambos os capítulos abordarão a reencarnação tal como ela se aplica à morte, e será também dada alguma ênfase à morte no fim da última encarnação.

O capítulo seguinte tratará das realidades emocionais do amor e do parentesco entre personalidades — daquilo que acontece a estas ligações ao longo de encarnações sucessivas, pois algumas ficam pelo caminho e outras são preservadas.

O capítulo seguinte tratará da vossa realidade física tal como ela me aparece a mim e a outros como eu. Este capítulo conterá alguns pontos bastante fascinantes, pois não só formais a realidade física que conheceis, como também estais a formar outros ambientes igualmente válidos noutras realidades através dos vossos pensamentos, desejos e emoções presentes.

O capítulo seguinte tratará da validade eterna dos sonhos enquanto portais para essas outras realidades, e enquanto áreas abertas através das quais a psique — enquanto campo organizador da experiência — vislumbra as muitas facetas da sua experiência e comunica com outros níveis da sua realidade.

O capítulo seguinte aprofundará este tema, à medida que eu relatar os vários modos como entrei nos sonhos de outros, tanto como instrutor como guia.

O capítulo seguinte tratará dos métodos básicos de comunicação utilizados por qualquer consciência, conforme o seu grau, quer seja física quer não. Isto conduzirá à comunicação básica utilizada pelas personalidades humanas tal como as compreendeis, e mostrará que essas comunicações interiores existem independentemente dos sentidos físicos, que são apenas extensões físicas da percepção interior.

Direi ao leitor como vê aquilo que vê, ou ouve aquilo que ouve, e porquê. Espero mostrar, ao longo de todo o livro, que o próprio leitor é independente da sua imagem física; e espero, eu próprio, dar-lhe alguns métodos que lhe provem a minha tese.

O capítulo seguinte relatará a experiência que tive, em todas as minhas existências, com aquelas “gestalts piramidais” — totalidades organizadas de consciência em estrutura multinível — de que falo no material, bem como a minha própria relação com a personalidade a que chamais Seth Dois, e com consciências multidimensionais muito mais evoluídas do que eu.

A minha mensagem ao leitor será: “Basicamente, não és mais uma personalidade física do que eu sou; e, ao falar-te da minha realidade, falo-te da tua.”

Haverá um capítulo sobre as religiões do mundo, sobre as distorções e verdades nelas contidas; sobre os três Cristos; e alguns dados acerca de uma religião perdida,

pertencente a um povo sobre o qual não tendes qualquer informação. Esse povo viveu num planeta situado no mesmo espaço ocupado agora pela vossa Terra, “antes” de o vosso planeta existir. Destruíram-no através do seu próprio erro e reencarnaram quando o vosso planeta ficou preparado. As suas memórias tornaram-se a base para o nascimento da religião tal como agora a concebeis.

Haverá um capítulo sobre deuses prováveis e sistemas prováveis.

Haverá um capítulo de perguntas e respostas.

Haverá um capítulo final no qual pedirei ao leitor que feche os olhos e se torne consciente da realidade em que existo, e da sua própria realidade interior. Darei os métodos. Nesse capítulo, convidarei o leitor a utilizar os seus “sentidos interiores”, para me ver à sua própria maneira.

Embora as minhas comunicações venham sempre exclusivamente através de Ruburt, para proteger a integridade do material, convidarei o leitor a tornar-se consciente de mim como personalidade, para que possa então compreender que a comunicação a partir de outras realidades é possível e que ele próprio também se encontra, portanto, aberto a uma percepção não física.

Este é, então, o meu esboço para o livro, embora contenha apenas um esquema das minhas intenções. Não dou um esboço mais completo porque não quero que Ruburt me antecipe. As dificuldades envolvidas em comunicações deste tipo serão explicadas em detalhe. Ficará claro que as chamadas comunicações paranormais vêm de vários níveis da realidade, e que essas comunicações descrevem a realidade em que existem. Assim, descreverei a minha, e outras das quais tenho conhecimento.

Isto não quer dizer que não existam outras dimensões que eu ignore. Ditarei o livro durante as nossas sessões.

Este é o título do nosso livro: **Seth Fala: A Validade Eterna da Alma.**

Uso o termo alma porque terá significado imediato para a maioria dos leitores. Sugiro que se abasteçam de boas canetas.

Precisamente porque conheço o esforço envolvido em escrever um livro, fiquei cautelosa quando Seth falou em escrever o seu. Embora soubesse perfeitamente que ele era capaz de o fazer, uma parte insistente de mim questionava: “Admitindo que o material de Seth é

realmente significativo, o que sabe Seth sobre escrever livros? Sobre a organização necessária? Ou sobre dirigir-se ao público?”

Rob continuava a dizer-me para não me preocupar com isso. Amigos e alunos pareciam espantados que, entre todas as pessoas, eu tivesse dúvidas; mas eu pensava: entre todas as pessoas, quem mais deveria tê-las? Aqui estava uma intenção declarada. Conseguiria Seth levá-la até ao fim?

Seth começou a ditar o livro na sessão seguinte, a Sessão 511, em 21 de janeiro de 1970, e terminou-o na Sessão 591, em 11 de agosto de 1971. Contudo, as sessões intermédias nem todas envolveram ditado do livro. Algumas foram dedicadas a assuntos pessoais, outras foram dadas para pessoas específicas que precisavam de ajuda, e outras responderam a questões filosóficas sem ligação direta com o livro. Também fiz várias “pequenas férias”. Apesar dessas interrupções, Seth retomava sempre o ditado exatamente no ponto em que o tinha deixado.

Durante o tempo em que ele trabalhava no seu livro, eu escrevia quatro horas por dia num livro meu, conduzia a minha aula semanal de PES e via-me submersa na correspondência que se seguiu à publicação de *O Material de Seth*. Comecei também a dar uma aula semanal de escrita criativa.

Por curiosidade, dei uma vista de olhos a alguns dos primeiros capítulos do livro de Seth, e depois mantive-me afastada dele. Ocasionalmente, Rob falava-me de algumas passagens que pensava poderem interessar particularmente aos meus alunos. Fora isso, não prestei atenção ao livro, satisfeita por deixar Seth fazê-lo. De modo geral, afastei o trabalho dele da minha mente e cheguei a passar meses sem ver o manuscrito.

Ler o livro concluído foi uma experiência deliciosa. No seu conjunto, era completamente novo para mim, embora cada palavra tivesse sido pronunciada pelos meus lábios e eu tivesse dedicado muitas noites em transe à sua produção. Isto foi particularmente estranho para mim, já que sou escritora, habituada a organizar o meu próprio material, a acompanhá-lo de perto e a pairar sobre ele como uma mãe-galinha.

Devido à minha própria experiência de escrita, estou também bem consciente do processo envolvido em traduzir material inconsciente para a realidade consciente. Isso é particularmente óbvio quando estou a trabalhar em poesia. O que quer que esteja envolvido

no livro de Seth, há certamente algum tipo de atividade inconsciente a operar em alta rotação. Por isso, era natural que eu me visse a comparar a minha própria experiência criativa consciente com o procedimento de transe envolvido no livro de Seth. Queria descobrir por que razão sentia que o livro de Seth era dele, separado do meu. Se ambos vinham do mesmo inconsciente, então porquê as diferenças subjetivas na forma como os sinto interiormente?

Essas diferenças foram evidentes desde o início. Quando estou tomada pela inspiração, a escrever um poema, então fico “ligada”, entusiasmada, cheia de um sentido de urgência e descoberta. Mesmo antes de começar, um verso poderá surgir-me à mente e a ideia de um novo poema é fortemente sentida. Poderá demorar uma hora a escrever cinquenta versos, e o meu estado de espírito é de envolvimento e excitação.

Enquanto escrevo um poema, estou consciente da minha concentração e sinto-me invadida pelas emoções e imagens à medida que estas surgem. Posso chorar ou rir enquanto escrevo, mas, ao mesmo tempo, estou consciente do trabalho que estou a fazer. De modo geral, estou alheada das distrações, mas o “eu” que escreve o poema está muito focalizado e mantém o controlo.

Nas sessões de Seth, as sensações subjetivas são diferentes. Antes de começarmos, posso ou não ter uma ideia geral do tema da sessão. Não entro em transe de forma espetacular. Simplesmente sento-me, fecho os olhos por alguns instantes, e sinto uma espécie de deslocação interior, uma mudança de foco. Quando abro os olhos, Seth começa normalmente a falar. A minha consciência habitual recua, e uma outra organização de consciência passa a operar através de mim.

Enquanto Seth dita, não estou consciente de organizar o material. Não escolho as palavras, não construo frases, não mantenho deliberadamente o fio da exposição. O material surge já estruturado, com um sentido de continuidade e direção que não sinto como meu no modo habitual de criação. A experiência não é a de inspiração poética, embora possa haver intensidade; é antes a de permitir que uma comunicação organizada se traduza através de mim.

Isto não significa que eu esteja ausente no sentido simples do termo. De algum modo, estou envolvida, mas não como estaria se escrevesse conscientemente. Há uma cooperação entre níveis distintos da personalidade, uma espécie de acordo funcional que permite que a

comunicação ocorra. O resultado, porém, possui uma organização própria, uma cadência própria e uma identidade autoral que reconheço como sendo de Seth.

Qualquer pessoa poderá dizer, naturalmente, que, no livro de Seth, os processos ocultos estão tão separados da minha consciência normal que o produto final apenas parece vir de outra personalidade. Só posso afirmar aquilo que sinto e sublinhar que o livro de Seth, bem como todo o manuscrito de seis mil páginas do material de Seth, não substituem a minha própria expressão criativa nem a minha responsabilidade. Se ambos viessem do mesmo inconsciente, parece-me que não haveria margem por preencher.

Apesar disso, estou consciente do facto de que fui necessária à produção do livro de Seth. Ele precisa da minha capacidade com as palavras; até, penso eu, da minha forma particular de pensar. Certamente, a minha formação como escritora ajuda na tradução do seu material e ajuda a dar-lhe forma, por mais inconscientemente que isso seja feito. Imagino que certas características de personalidade também sejam importantes — a agilidade com que consigo mudar o foco da minha consciência, por exemplo.

Seth sugere algo semelhante no Capítulo Quatro, quando diz: “Ora, a informação contida neste livro está a ser dirigida, até certo ponto, através dos sentidos interiores da mulher que se encontra em transe enquanto o escrevo. Tal empreendimento é resultado de uma precisão interior altamente organizada e de treino. Ela não poderia receber a informação de mim — esta não poderia ser traduzida nem interpretada — enquanto estivesse intensamente focalizada no ambiente físico.”

Visto apenas como exemplo de produção inconsciente, contudo, o livro de Seth mostra claramente que organização, discriminação e raciocínio não são certamente qualidades exclusivas da mente consciente, e demonstra a amplitude e a atividade de que a psique, enquanto campo organizador da experiência, é capaz. Não acredito que pudesse obter, sozinha, o equivalente ao livro de Seth. O melhor que conseguiria fazer seria talvez atingir certos pontos altos, em poemas ou ensaios isolados, mas faltariam a unidade global, a continuidade e a organização que Seth aqui forneceu automaticamente.

Além disso, durante as sessões tenho certas experiências únicas que parecem compensar a minha falta de envolvimento criativo consciente. Muitas vezes, por exemplo, participo na grande energia e no humor de Seth, desfrutando de uma sensação de riqueza

emocional e encontrando a personalidade de Seth num nível muito estranho. Sinto claramente o seu estado de espírito e a sua vitalidade, embora não sejam dirigidos a mim, mas a quem quer que Seth esteja a falar no momento. Sinto-os à medida que passam através de mim.

Como mostram as notas de Rob, tenho muitas vezes também outros tipos de experiências enquanto falo por Seth. Por vezes, por exemplo, vejo visões interiores. Estas podem ilustrar aquilo que Seth está a dizer, de modo que recebo informação de duas formas, ou podem ser completamente independentes do ditado. Também tive várias experiências “fora do corpo” durante as sessões, nas quais vi acontecimentos que estavam realmente a ocorrer a milhares de quilómetros de distância.

Este livro é a forma que Seth escolheu para demonstrar que a personalidade humana é multidimensional, que existimos em muitas realidades ao mesmo tempo, e que a Alma ou a psique não são algo separado de nós, mas níveis vivos de organização da experiência. Ou seja, a Alma aponta para um nível ampliado da identidade, enquanto a psique funciona como campo organizador dessa mesma experiência. Ele sublinha que a “verdade” não se encontra indo de professor em professor, de igreja em igreja ou de disciplina em disciplina, mas voltando-nos para dentro do Self. O conhecimento íntimo da consciência, os “segredos do universo”, não são, portanto, verdades esotéricas a esconder das pessoas. Esse conhecimento é tão natural ao ser humano como o ar, e está disponível para todos os que o procuram honestamente, voltando-se para a fonte interior.

Na minha opinião, Seth escreveu um livro que é um clássico no seu género. Depois de me referir cautelosamente a ele como “uma personalidade”, sinto-me obrigada a acrescentar que Seth é um filósofo e psicólogo astuto, profundamente conhecedor dos modos da personalidade humana, e plenamente consciente do triunfo e da difícil condição da consciência humana.

Naturalmente, intriga-me pessoalmente que este livro tenha sido escrito através de mim, sem a minha mente consciente presente a cada passo, verificando, organizando e criticando ansiosamente, como faz no meu próprio trabalho. Nesse caso, embora as minhas capacidades criativas e intuitivas recebam bastante liberdade, a mente consciente está claramente no controlo. No entanto, este livro não foi escrito “por si mesmo”, da mesma forma que alguns poemas parecem sê-lo. Muitas vezes um escritor dirá que determinado livro “se escreveu a si próprio”, e eu sei o que isso significa. Neste caso, porém, o livro veio de uma

fonte específica, não apenas de “algueres”, e está colorido pela personalidade do autor, que não é a minha.

Todo este empreendimento criativo poderá ser a iniciação de uma personalidade, Seth, que depois escreve livros. Seth poderá ser tanto uma criação como o seu livro. Se assim for, trata-se de um excelente exemplo de arte multidimensional, realizada num nível tão rico do inconsciente que a “artista” não tem consciência da sua própria obra e fica tão intrigada com ela como qualquer outra pessoa.

Esta é uma hipótese interessante. Na verdade, Seth fala de arte multidimensional no seu livro. Mas Seth faz mais do que escrever livros. É uma personalidade plenamente desenvolvida, com uma variedade de interesses: escrever, ensinar, ajudar os outros. O seu sentido de humor é bastante individualizado e diferente do meu. É perspicaz; no seu modo de ser, mais terreno do que etéreo. Sabe explicar teorias complexas de forma simples, no contacto direto de pessoa para pessoa. Talvez mais importante ainda, é capaz de relacionar essas ideias com a vida comum.

Seth também aparece frequentemente nos sonhos dos meus alunos, dando-lhes instruções que funcionam — quer envolvendo métodos para usar as suas capacidades, quer para alcançar determinados objetivos. Quase todos os meus alunos têm também “sonhos de aula” frequentes, nos quais Seth se dirige a eles enquanto grupo e inicia experiências oníricas. Por vezes veem-no como aparece no retrato que Rob pintou dele. Em certas ocasiões, fala através da minha imagem, como nas sessões normais. Muitas vezes acordei, enquanto tais sessões oníricas decorriam, ouvindo ainda as palavras de Seth a permanecerem na minha mente.

Não é invulgar, naturalmente, que os alunos sonhem com Seth, ou que sonhem comigo. Mas, aos olhos deles, Seth alcançou certamente um estatuto independente e tornou-se um veículo de instrução até no estado de sonho. Por outras palavras, além de produzir o material contínuo de Seth e este livro, Seth entrou nas mentes e nas consciências de muitas pessoas.

Isto é uma realização considerável em sete anos para qualquer personalidade, independentemente do seu estatuto. Para uma personalidade não física, é verdadeiramente espantoso. Atribuir toda esta atividade a um fragmento do inconsciente parece-me excessivo.

No mesmo período, publiquei dois livros, terminei outro e comecei um quarto. Menciono isto para mostrar que Seth não tem absorvido a minha própria criatividade.

Rob e eu não nos referimos a Seth como espírito; não gostamos das conotações do termo. Na verdade, aquilo a que nos opomos é à ideia convencional de espírito, que é uma extensão de ideias bastante limitadas acerca da personalidade humana, apenas projetadas mais ou menos intactas numa vida depois da morte.

Pode dizer-se que Seth é uma dramatização do inconsciente ou uma personalidade independente. Pessoalmente, não vejo razão para que estas afirmações tenham de ser contraditórias. Seth pode ser uma dramatização que desempenha um papel muito real — explicando a sua realidade mais ampla nos únicos termos que conseguimos compreender. Esta é a minha opinião neste momento.

Antes de mais, para mim, o termo “inconsciente” é pobre, pois mal sugere um verdadeiro sistema psíquico aberto, com raízes profundamente entrelaçadas que unem múltiplos níveis de consciência; uma rede na qual todos estamos interligados. A nossa individualidade emerge dela, mas também ajuda a formá-la. Esta fonte contém conhecimento passado, presente e futuro; apenas o ego — enquanto foco identitário da mente consciente — experiencia o tempo tal como o conhecemos. Acredito também que este sistema aberto contém outros níveis de consciência para além da nossa.

Devido às minhas próprias experiências, especialmente em estados fora do corpo, estou convencida de que a consciência não depende da matéria física. A expressão física é, certamente, o meu principal modo de existência neste momento, mas não parto daí para concluir que toda a consciência tenha de estar assim orientada. Parece-me que só a cegueira de um ego excessivamente fechado sobre si mesmo ousaria definir a realidade nos seus próprios termos ou projetar as suas próprias limitações e experiência sobre o resto da existência.

Aceito a ideia de Seth acerca da personalidade multidimensional, tal como é descrita neste livro, porque as minhas experiências, e as dos meus alunos, parecem confirmá-la. Também penso que, nesse sistema aberto de consciência e nessa fonte ilimitada, existe um Seth independente que opera em termos bastante diferentes dos nossos.

Em que termos? Com toda a honestidade, não sei. O mais próximo que cheguei de explicar as minhas próprias perspectivas foi numa breve declaração intuitiva que escrevi para a minha aula de PES, enquanto tentava clarificar as minhas ideias para mim própria e também para os meus alunos. Rob tinha-me falado dos “Oradores”, como Seth lhes chama neste livro — personalidades que falam continuamente ao homem ao longo das eras, recordando-lhe o conhecimento interior para que este nunca seja realmente esquecido. Esta ideia evocativa inspirou-me a escrever o pequeno texto que incluo aqui. Ele aponta para o enquadramento no qual penso que Seth e outros como ele poderão existir.

“Reunimo-nos de formas que não compreendemos. Somos compostos por elementos, químicos e átomos, e, ainda assim, falamos e chamamo-nos por um nome. Organizamos, em torno da nossa matéria interior, a matéria exterior que coagula em carne e osso. As nossas identidades ou personalidades brotam de fontes que desconhecemos.

“Talvez aquilo que somos tenha esperado desde sempre, oculto nas possibilidades da criação, disperso e sem saber de si — na chuva e no vento que varreram a Europa no século XIII — nas cadeias montanhosas em convulsão — nas nuvens que atravessaram os céus de outros tempos e lugares. Como partículas de pó, talvez tenhamos passado pelas portas gregas. Podemos ter sido acendidos e apagados na consciência e na inconsciência um milhão de vezes, tocados pelo desejo, por anseios de criatividade e perfeição que mal compreendíamos.

“E, assim, poderão existir agora outros — como Seth — também sem imagens, mas sabendo; outros que foram aquilo que somos e mais ainda; outros que se lembram daquilo que esquecemos. Talvez tenham descoberto, através de alguma aceleração da consciência, outras formas de ser, ou dimensões da realidade das quais também fazemos parte.

“Assim, damos nomes àqueles que não têm nome, tal como, no fundo, também nós não temos nome. E escutamos, mas geralmente tentamos comprimir as suas mensagens em conceitos que conseguimos compreender, revestindo-as de imagens gastas e estereotipadas. No entanto, eles estão à nossa volta, no vento e nas árvores, formados e não formados, talvez de muitas maneiras mais vivos do que nós — os Oradores.

“Através destas vozes, destas intuições, destes lampejos de percepção e mensagens, o universo fala connosco, com cada um de nós pessoalmente. Tu estás a ser interpelado, e eu também. Aprende a ouvir as tuas próprias mensagens, sem distorcer aquilo que ouves nem traduzi-lo para alfabetos antigos.

“Na aula — e na vida, em geral —, penso que respondemos a essas mensagens, por vezes encenando-as com uma sabedoria quase infantil, formando-as em dramas originais e individualistas; dramas que despertam em nós significados que não podem ser postos em palavras.

“Talvez este seja o tipo de jogo em que os ‘deuses’ se envolvem, a partir do qual as criações crescem, expandindo-se em todas as direções. Talvez estejamos a responder aos deuses dentro de nós — essas centelhas interiores de saber que desafiam o nosso conhecimento tridimensional.

“Seth talvez nos esteja a conduzir para fora das nossas limitações habituais, para outro reino que nos pertence por direito — elementar, quer estejamos na carne quer fora dela. Talvez ele seja a voz dos nossos selves combinados, dizendo: ‘Enquanto sois corpos conscientes, recordai como era e como será existir sem corpo, ser energia livre em movimento, sem nome, mas com uma voz que não precisa de língua, com uma criatividade que não precisa de carne. Somos vós próprios, virados do avesso.’”

Independentemente das minhas ideias acerca de Seth ou da natureza da realidade, contudo, este manuscrito tem de se sustentar por si próprio enquanto livro. Traz a marca da personalidade de Seth, tal como qualquer livro traz indelevelmente em si a marca do seu autor, nem mais nem menos. As ideias nele contidas merecem ser ouvidas apesar da sua fonte e, inversamente, por causa dela.

Quando as nossas sessões começaram, pensei publicar o material como se fosse meu, para que pudesse ser aceite pelo seu valor, sem levantar questões acerca da sua origem. Isso, porém, não me pareceu justo, porque o modo como o material de Seth é produzido faz parte da mensagem e reforça-a.

O ditado de Seth é apresentado tal como o recebemos, por ordem, sem parágrafos acrescentados ou eliminados. Ele sabe perfeitamente a diferença entre linguagem falada e linguagem escrita. As suas sessões de aula são menos formais, com uma boa dose de

interação. Este livro, contudo, é muito mais semelhante às nossas sessões privadas, nas quais o corpo principal do material é transmitido. A ênfase recai mais claramente no conteúdo, com maior peso na palavra escrita do que na palavra falada.

A estrutura frásica de Seth também não foi alterada, exceto em casos ocasionais. Por exemplo, algumas vezes transformei uma frase longa em duas. Grande parte da pontuação foi indicada por Seth. Nesses casos, limitámo-nos a inserir os travessões, pontos e vírgulas e parênteses conforme ele sugeria, e eliminámos as instruções em si para não distrair o leitor. Quando Seth pediu aspas, usámos aspas duplas; nos restantes casos, quando o sentido parecia pedi-las, usámos aspas simples. Seth também nos instruiu a sublinhar certas palavras.

As frases de Seth são frequentemente longas, sobretudo para transmissão oral, mas ele nunca se perde nem perde o contacto com a sintaxe ou com o sentido. Sempre que parecia existir uma dificuldade a esse respeito, verificávamos a sessão original e descobríamos que, em algum ponto do processo, tinha ocorrido um erro de cópia.

A revisão envolveu sobretudo trabalho nas notas de Rob, à medida que ele as tornava mais apresentáveis. Em alguns casos, material que não fazia parte do livro foi incluído quando parecia relevante, lançava luz sobre o método de apresentação ou oferecia perspectivas sobre o próprio Seth. Como as notas de Rob também mostram, Seth começou a ditar o Apêndice assim que o livro ficou terminado. De forma bastante divertida, não percebi que Seth já tinha começado o Apêndice, e passei vários dias a perguntar-me quem, afinal, deveria tratar dele — e, caso fosse Seth, quando começaria.

Aqui fica outra nota interessante nesse mesmo sentido. Eu escrevo três rascunhos dos meus próprios trabalhos e, por vezes, ainda assim acabo insatisfeita. Este livro foi ditado na sua versão final. Seth também seguiu o seu esboço com muito mais fidelidade do que eu alguma vez segui os meus. Contudo, também se desviou dele em alguns casos, como é direito de qualquer autor.

A partir daqui, Seth fala por si mesmo.

Jane Roberts
Elmira, Nova Iorque
27 de setembro de 1971

PARTE UM

*A Alma, os Níveis do Self e a
Experiência Multidimensional*

CAPÍTULO 1

Não Tenho Corpo Físico, mas Estou a Escrever este Livro

Provavelmente já ouviste falar de caçadores de fantasmas. Eu posso, de modo bastante literal, ser chamado escritor-fantasma, embora não aprove o termo “fantasma”. É verdade que, normalmente, não sou visto em termos físicos. Também não gosto da palavra “espírito”; e, no entanto, se a tua definição dessa palavra implicar a ideia de uma personalidade sem corpo físico, então terei de concordar que a descrição se ajusta a mim.

Dirijo-me a uma audiência invisível. Contudo, sei que os meus leitores existem, e por isso pedirei agora a cada um deles que me conceda o mesmo privilégio.

Escrevo este livro por intermédio de uma mulher por quem desenvolvi grande afeição. Aos outros, parece estranho que eu me dirija a ela como “Ruburt” e “ele”, mas o facto é que a conheci noutros tempos e lugares, por outros nomes. Ela foi homem e mulher, e a identidade inteira que viveu essas vidas separadas pode ser designada pelo nome de Ruburt.

Os nomes, contudo, não são importantes. O meu nome é Seth. Os nomes são simplesmente designações, símbolos; e, no entanto,

já que tens de os usar, também eu os usarei. Escrevo este livro com a cooperação de Ruburt, que pronuncia as palavras por mim. Nesta vida, Ruburt chama-se Jane, e o seu marido, Robert Butts, anota as palavras que Jane profere. A ele chamo Joseph.

Os meus leitores poderão supor que são criaturas físicas, confinadas a corpos físicos, aprisionadas dentro de osso, carne e pele. Se acreditas que a tua existência depende dessa imagem corpórea, então sentir-te-ás em perigo de extinção, pois nenhuma forma física dura, e nenhum corpo, por mais belo que seja na juventude, conserva o mesmo vigor e encanto na velhice. Se te identificas com a tua juventude, beleza, intelecto ou realizações, então existe o conhecimento constante e corrosivo de que esses atributos podem desaparecer — e desaparecerão.

Estou a escrever este livro para te assegurar que não é esse o caso. Basicamente, não és mais um ser físico do que eu sou, e eu já vesti e descartei mais corpos do que me interessa contar. Personalidades que não existem não escrevem livros. Sou bastante independente de uma imagem física, e tu também és.

A consciência cria a forma. Não é o contrário. Nem todas as personalidades são físicas. É apenas porque estás tão ocupado com os assuntos quotidianos que não percebes que existe uma porção de ti que sabe que os seus próprios poderes são muito superiores aos manifestados pelo self comum — isto é, pelo eu quotidiano da Personalidade de Foco.

Cada um de vós viveu outras existências, e esse conhecimento está dentro de vós, embora não estejam conscientemente cientes dele. Espero que este livro sirva para libertar, dentro de cada um dos meus leitores, uma dimensão profundamente intuitiva da Personalidade de Foco, alinhada com os diferentes níveis do Self, e trazer para o foco da mente consciente quaisquer percepções específicas que mais vos possam servir.

Ao iniciar este livro, é fim de janeiro, no vosso tempo, de 1970. Ruburt é agora uma mulher magra, de cabelo escuro e vivaz, que se senta numa cadeira de baloiço e pronuncia estas palavras por mim.

A minha consciência está bastante bem focalizada dentro do corpo de Ruburt. É uma noite fria. Esta é a nossa primeira experiência em escrever um livro completo em transe, e Ruburt estava um pouco nervoso antes de a sessão começar. Não se trata simplesmente de fazer esta mulher falar por mim. Há muitas manipulações necessárias e ajustamentos psicológicos e psíquicos. Estabelecemos aquilo a que chamo uma ponte psicológico-psíquica entre nós — isto é, entre Ruburt e mim.

Não falo através de Ruburt como alguém falaria através de um telefone. Em vez disso, existe uma extensão psicológico-psíquica, uma projeção de características de ambas as partes, e é isso que utilizo para as nossas comunicações. Mais tarde explicarei como esta estrutura psicológico-psíquica é criada e mantida, pois é como uma estrada que deve ser mantida livre de detritos. Tirarias muito mais proveito da leitura deste livro se te perguntasses quem és, em

vez de perguntares quem eu sou, pois não podes compreender aquilo que sou se não compreenderes a natureza da personalidade e as características da consciência.

Se acreditas firmemente que a tua consciência está fechada algures dentro do teu crânio e é incapaz de escapar dele; se sentes que a tua consciência termina nos limites do teu corpo, então estás a reduzir-te a muito menos do que és, e pensarás que eu sou uma ilusão. Não sou mais uma ilusão do que tu és — e esta pode ser uma frase carregada de implicações.

Posso dizer isto honestamente a cada um dos meus leitores: sou mais velho do que tu, pelo menos em termos de idade tal como a concebes.

Portanto, se um escritor pode qualificar-se como algum tipo de autoridade com base na idade, então eu deveria receber uma medalha. Sou uma essência de personalidade energética, já não focalizada na matéria física. Como tal, estou consciente de algumas verdades que muitos de vós parecem ter esquecido.

Espero recordar-vos essas verdades. Não me dirijo tanto à parte de ti que consideras ser tu próprio, mas àquela parte de ti que não conheces, que, em certa medida, negaste e, em certa medida, esqueceste. Essa parte de ti lê este livro, tal como “tu” o lê.

Dirijo-me àqueles que acreditam num deus e àqueles que não acreditam; àqueles que acreditam que a ciência encontrará todas as respostas acerca da natureza da realidade, e àqueles que não

acreditam nisso. Espero dar-te pistas que te permitam estudar a natureza da realidade por ti próprio, como nunca a estudaste antes.

Há várias coisas que te pedirei que compreendas. Não estás preso no tempo como uma mosca dentro de uma garrafa fechada, cujas asas são, por isso, inúteis. Não podes confiar nos teus sentidos físicos para te darem uma imagem verdadeira da realidade. São mentirosos encantadores, com uma história tão fantástica para contar que acreditas nela sem a questionar. Por vezes, és mais sábio, mais criativo e muito mais conhecedor quando estás a sonhar do que quando estás acordado.

Estas afirmações podem parecer-te agora altamente duvidosas, mas, quando tivermos terminado, espero que vejas que são simples declarações de facto.

Aquilo que te direi já foi dito antes ao longo dos séculos, e voltou a ser transmitido quando foi esquecido. Espero clarificar muitos pontos que foram distorcidos ao longo dos anos. E ofereço a minha própria interpretação original de outros, pois nenhum conhecimento existe no vazio, e todo o conhecimento tem de ser interpretado e colorido pela personalidade que o possui e o transmite. Portanto, descrevo a realidade tal como a conheço, e a minha experiência em muitos níveis e dimensões.

Isto não significa que não existam outras realidades. Estive consciente antes de a vossa Terra se formar. Para escrever este livro — e na maioria das minhas comunicações com Ruburt — adoto, do meu próprio banco de personalidades passadas, as

características que parecem apropriadas. Existem muitos de nós, personalidades como eu, não focalizadas na matéria física nem no tempo. A nossa existência só te parece estranha porque não compreendes os verdadeiros potenciais da personalidade e estás hipnotizado pelos teus próprios conceitos limitados.

Sou sobretudo um professor, mas não fui um homem de letras em sentido estrito. Sou, acima de tudo, uma personalidade com uma mensagem: tu crias o mundo que conheces. Foi-te dado talvez o dom mais extraordinário de todos: a capacidade de projetar os teus pensamentos para o exterior em forma física.

O dom traz uma responsabilidade, e muitos de vós sentem-se tentados a felicitar-se pelos sucessos das suas vidas, atribuindo a Deus, ao destino e à sociedade a culpa pelos seus fracassos. Do mesmo modo, a humanidade tem tendência a projetar a sua própria culpa e os seus próprios erros numa imagem de Deus-pai que, ao que parece, deve ficar cansado de tantas queixas.

O facto é que cada um de vós cria a sua própria realidade física; e, ao nível coletivo, criais tanto as glórias como os terrores que existem dentro da vossa experiência terrena. Enquanto não compreenderes que és criador, recusar-te-ás a aceitar esta responsabilidade. Também não podes culpar um demónio pelas desgraças do mundo. Tornaste-te suficientemente sofisticado para perceber que o Diabo é uma projeção da tua própria psique, mas ainda não te tornaste suficientemente sábio para aprender a usar a tua criatividade de forma construtiva.

A maioria dos meus leitores conhece a expressão “rigidez muscular”. Enquanto espécie, tornaram-se antes “presos ao ego”, retidos numa rigidez espiritual, com os níveis intuitivos do Self negados ou distorcidos para além de qualquer reconhecimento.

A hora está a avançar. Ambos os meus amigos têm de se levantar cedo de manhã. Ruburt está a trabalhar em dois livros seus e precisa de dormir. Antes de terminar esta sessão, peço-te que imagines o nosso cenário, pois Ruburt disse-me que um escritor deve ter o cuidado de compor a cena.

Falo através de Ruburt duas vezes por semana, às segundas e quartas-feiras, nesta mesma sala ampla. As luzes estão sempre acesas. Esta noite, é agradável para mim, olhar através dos olhos de Ruburt, para o canto invernal lá fora.

A realidade física foi sempre refrescante para mim e, através da cooperação de Ruburt, enquanto escrevo este livro, vejo que estava certo ao apreciar os seus encantos únicos. Há ainda outra personagem a mencionar aqui: Willy, o gato, um monstro amado que agora dorme.

A natureza da consciência animal é, por si só, um tema altamente interessante, e um tema que consideraremos mais tarde. O gato está consciente da minha presença e, em várias ocasiões, reagiu a ela de modo bastante notório. Neste livro, espero mostrar as interações constantes que ocorrem entre todas as unidades de consciência, a comunicação que salta para além das barreiras entre

espécies; e, em algumas destas discussões, usaremos Willy como caso ilustrativo.

Uma vez que mencionámos os animais, deixa-me dizer aqui que eles possuem, de facto, uma espécie de consciência que não lhes permite tantas liberdades como a tua. E, no entanto, ao mesmo tempo, não são prejudicados no seu uso por certas características que muitas vezes impedem o potencial prático da consciência humana.

A consciência é uma forma de perceber as várias dimensões da realidade. A consciência, tal como a conheces, é altamente especializada. Os sentidos físicos permitem-te perceber o mundo tridimensional e, no entanto, pela sua própria natureza, podem inibir a percepção de outras dimensões igualmente válidas. A maioria de vós identifica-se com o self diário — isto é, com o eu quotidiano da Personalidade de Foco, orientado fisicamente. Não pensarias em identificar-te com uma só parte do teu corpo e ignorar todas as outras; e, no entanto, fazes exatamente isso quando imaginas que o self egoico — o foco identitário da mente consciente — carrega sozinho o peso da tua identidade.

Estou a dizer-te que não és um saco cósmico de ossos e carne, reunido por alguma mistura de substâncias químicas e elementos. Estou a dizer-te que a tua consciência não é algum produto ígneo, formado meramente por acidente através da interação de componentes químicos.

Não és uma ramificação abandonada da matéria física, nem a tua consciência está destinada a desaparecer como um sopro de fumo. Em vez disso, formas o corpo físico que conheces, num nível profundamente inconsciente, com grande discriminação, clareza miraculosa e conhecimento inconsciente íntimo de cada minúscula célula que o compõe. Isto não é dito simbolicamente.

Ora, uma vez que a tua mente consciente, tal como a concebes, não está ciente destas atividades, não te identificas com esse nível interior de ti próprio. Preferes identificar-te com a parte de ti que vê televisão, cozinha ou trabalha — a parte que pensas saber o que está a fazer. Mas esse nível aparentemente inconsciente de ti próprio possui muito mais conhecimento, e toda a tua existência física depende do seu funcionamento harmonioso. Esse nível é consciente, ciente, alerta. És tu que, tão focalizado na realidade física, não escutas a sua voz, que não compreendes que ele é a grande força psicológico-psíquica da qual emerge o teu self orientado para a realidade física — isto é, a Personalidade de Foco tal como se expressa no mundo físico.

Chamo a esse aparentemente inconsciente o “ego interior”, enquanto função organizadora profunda da psique, pois ele dirige as atividades internas. Correlaciona conhecimento que é percecionado não através dos sentidos físicos, mas através de outros canais interiores de perceção. É o percecionador interior da realidade que existe para além do tridimensional. Traz dentro de si a memória de cada uma das tuas existências passadas. Olha para dimensões subjetivas que são literalmente infinitas, e dessas dimensões subjetivas fluem todas as realidades objetivas.

Todo o conhecimento necessário te é dado através desses canais interiores, e atividades internas inacreditáveis ocorrem antes mesmo que possas levantar um dedo, pestanejar ou ler esta frase na página. Este nível da tua identidade é nativamente clarividente e telepático, de modo que és avisado dos desastres antes de estes ocorrerem, quer aceites ou não conscientemente a mensagem, e toda a comunicação acontece muito antes de uma palavra ser pronunciada.

O Ego Exterior — foco identitário da mente consciente orientado para a realidade física — e o Ego Interior — função organizadora profunda da psique — operam em conjunto: um permite-te mover-te no mundo que conheces; o outro traz-te aquelas percepções interiores delicadas sem as quais a existência física não poderia ser mantida.

Existe, contudo, um nível mais profundo de ti, uma identidade mais ampla que forma tanto o Ego Interior como o Ego Exterior, e que decidiu que serias um ser físico neste lugar e neste tempo. Este é o núcleo da tua identidade, a semente psíquica da qual emergiste — a personalidade multidimensional da qual fazes parte.

Para aqueles de vós que se perguntam onde coloco o subconsciente, tal como os psicólogos o concebem, podem imaginá-lo como um nível funcional de mediação entre a orientação física do Ego Exterior e a organização interna do Ego Interior. Deves compreender, contudo, que não existem divisões reais no Self, pelo que falamos de vários níveis funcionais apenas para tornar clara a ideia básica.

Uma vez que nos dirigimos a indivíduos que se identificam com o self normalmente consciente — isto é, com a Personalidade de Foco tal como se reconhece no foco quotidiano —, levanto estas questões logo neste primeiro capítulo porque usarei estes termos mais adiante no livro, e porque quero afirmar o facto da personalidade multidimensional o mais cedo possível.

Não podes compreender-te a ti próprio, nem aceitar a minha existência independente, enquanto não te libertares da noção de que a personalidade é um atributo da consciência limitado ao “aqui e agora”. Ora, algumas das coisas que poderei dizer sobre a realidade física neste livro poderão surpreender-te, mas lembra-te de que a estou a observar a partir de um ponto de vista inteiramente diferente.

Neste momento, estás inteiramente focalizado na realidade física, perguntando-te talvez que mais, se é que alguma coisa, poderá existir fora dela. Eu estou fora dela, regressando momentaneamente a uma dimensão que conheci e amei. Contudo, nos teus termos, não sou residente. Embora possua um “passaporte” psíquico, ainda existem alguns problemas de tradução, inconvenientes de entrada com os quais tenho de lidar.

Ouço dizer que muitas pessoas viveram durante anos na cidade de Nova Iorque e nunca fizeram uma visita ao Empire State Building, enquanto muitos estrangeiros o conhecem bem. Do mesmo modo, embora tenhas um endereço físico — isto é, uma localização experiencial dentro da realidade física —, talvez eu ainda possa apontar-te algumas estruturas psíquicas muito estranhas e

miraculosas dentro do teu próprio sistema de realidade, que tens ignorado.

Espero, francamente, fazer muito mais do que isso. Espero levar-te numa visita guiada através dos níveis de realidade disponíveis para ti, e guiar-te numa viagem através das dimensões da tua própria estrutura psíquica — abrindo áreas inteiras da tua própria consciência das quais tens estado relativamente inconsciente. Espero, portanto, não apenas explicar os aspetos multidimensionais da personalidade, mas também oferecer a cada leitor um vislumbre dessa identidade mais ampla que é a tua.

O self que conheces — isto é, o eu quotidiano da Personalidade de Foco — é apenas um fragmento da tua identidade total. Estes fragmentos do self não estão, contudo, alinhados como contas num fio. São mais semelhantes às várias camadas de uma cebola, ou aos segmentos de uma laranja, todos ligados por uma única vitalidade e expandindo-se para várias realidades, embora brotem da mesma fonte.

Não estou a comparar a personalidade com uma laranja ou uma cebola, mas quero sublinhar que, tal como estas formas crescem de dentro para fora, também cada fragmento do Self total o faz. Tendes tendência a observar apenas o aspeto exterior dos objetos. Os sentidos físicos permitem-te perceber as formas exteriores às quais depois reages, mas, até certo ponto, obrigam-te também a perceber a realidade dessa maneira, e a vitalidade interior presente na matéria e na forma não se torna tão evidente.

Posso dizer-te, por exemplo, que existe consciência até dentro de um prego, mas poucos dos meus leitores me levarão suficientemente a sério para pararem a meio de uma frase e dizerem “bom-dia” ou “boa-tarde” ao prego mais próximo que encontrem, cravado num pedaço de madeira.

Ainda assim, os átomos e moléculas dentro do prego possuem o seu próprio tipo de consciência. Os átomos e moléculas que compõem as páginas deste livro também estão, ao seu próprio nível, conscientes. Nada existe — nem rocha, mineral, planta, animal ou ar — que não esteja preenchido por uma consciência do seu próprio tipo. Assim, estás no meio de uma constante agitação vital, uma gestalt — uma totalidade organizada — de energia consciente, e tu próprio és fisicamente composto por células conscientes que trazem dentro de si a perceção da sua própria identidade, cooperando voluntariamente para formar a estrutura corpórea que constitui o teu corpo físico.

Estou a dizer, naturalmente, que não existe tal coisa como matéria morta. Não existe objeto algum que não tenha sido formado pela consciência, e cada consciência, independentemente do seu grau, regozija-se na sensação e na criatividade. Não podes compreender aquilo que és enquanto não compreenderes estas questões.

Por conveniência, exclusi as inúmeras comunicações interiores que circulam entre as partes mais ínfimas da tua carne; contudo, mesmo enquanto criatura física, és, até certo ponto, expressão de outras consciências. Não existem limitações para o Self. Não

existem limitações para os seus potenciais. Podes, contudo, adotar limitações artificiais através da tua própria ignorância. Podes identificar-te, por exemplo, apenas com o teu Ego Exterior, e privar-te de capacidades que fazem parte de ti. Podes negar os factos, mas não podes mudá-los. A personalidade é multidimensional, embora muitas pessoas escondam a cabeça, figurativamente falando, na areia da existência tridimensional e finjam que nada mais existe.

Neste livro, espero puxar algumas cabeças para fora da areia.

Não pretendo subestimar o Ego Exterior. Simplesmente, tendes-lhe atribuído uma importância excessiva. A sua verdadeira natureza também ainda não foi reconhecida. Teremos mais a dizer sobre esta questão, mas, por agora, basta compreender que o teu sentido de identidade e continuidade não depende do Ego Exterior.

Ora, por vezes usarei o termo “camuflagem” para me referir ao mundo físico com o qual o Ego Exterior se relaciona, pois a forma física é uma das camuflagens que a realidade adota. A camuflagem é real, e, no entanto, há uma realidade muito maior dentro dela — a vitalidade que lhe deu forma. Os teus sentidos físicos permitem-te então perceber essa camuflagem, pois estão sintonizados com ela de forma altamente especializada. Mas sentir a realidade dentro da forma exige outro tipo de atenção e manipulações mais delicadas do que aquelas que os sentidos físicos proporcionam.

O Ego Exterior é um “deus ciumento” e quer que os seus interesses sejam servidos. Não quer admitir a realidade de

quaisquer dimensões, exceto aquelas dentro das quais se sente confortável e que consegue compreender. Destinava-se a ser um colaborador, mas foi-lhe permitido tornar-se um tirano. Mesmo assim, é muito mais resiliente e desejoso de aprender do que geralmente se supõe. Não é, por natureza, tão rígido como parece. A sua curiosidade pode ter grande valor.

Se tens uma conceção limitada da natureza da realidade, então o teu Ego Exterior fará o seu melhor para te manter dentro da pequena área fechada da tua realidade aceite. Se, por outro lado, for dada liberdade às tuas intuições e instintos criativos, então estes comunicam algum conhecimento de dimensões mais amplas a esse nível da tua personalidade mais orientado para a realidade física.

O facto de este livro existir é prova de que o Ego Exterior não possui sozinho toda a “chaleira” da personalidade, pois não há dúvida de que ele está a ser produzido por alguma outra personalidade que não a da escritora conhecida como Jane Roberts. Uma vez que essa Jane Roberts não possui capacidades que não sejam inerentes à espécie como um todo, então, no mínimo, deve admitir-se que a personalidade humana possui muitos mais atributos do que aqueles que normalmente lhe são atribuídos. Espero explicar quais são essas capacidades e indicar os modos que cada indivíduo pode usar para libertar esses potenciais.

A personalidade, em sentido amplo, é uma gestalt — uma totalidade organizada — de percepção em constante mudança. É a função da identidade que percebe. Não imponho as minhas percepções à mulher através da qual falo, nem a consciência dela é

apagada durante as nossas comunicações. Em vez disso, há uma expansão da sua consciência e uma projeção de energia dirigida para fora da realidade tridimensional.

Esta concentração afastada do sistema físico pode fazer parecer que a sua consciência é apagada. Na verdade, algo mais lhe é acrescentado. Ora, a partir do meu próprio campo de realidade, focalizo a minha atenção na mulher, mas as palavras que ela pronuncia — estas palavras nas páginas — não são inicialmente verbais.

Em primeiro lugar, a linguagem tal como a conheces é uma coisa lenta: letra após letra alinhada para formar uma palavra, e palavras para formar uma frase, resultado de um padrão de pensamento linear. A linguagem, tal como a conheces, é parcial e gramaticalmente o produto final das tuas sequências temporais físicas. Só consegues focalizar-te em determinado número de coisas de cada vez, e a estrutura da tua linguagem não se presta à comunicação de experiência intrincada e simultânea.

Estou consciente de outro tipo de experiência, não linear, e consigo focalizar-me e reagir a uma variedade infinita de acontecimentos simultâneos. Ruburt não conseguiria exprimi-los, e por isso têm de ser nivelados numa expressão linear, se quiserem ser comunicados. Esta capacidade de perceber e reagir a acontecimentos simultâneos ilimitados é uma característica básica de cada entidade enquanto Self Total. Portanto, não a reivindico como feito exclusivamente meu.

Cada leitor, estando atualmente alojado numa forma física, presumo eu, conhece apenas uma pequena dimensão de si mesmo — como já mencionei anteriormente. A entidade é a identidade global — o Self Total — da qual a sua personalidade é uma manifestação: uma expressão independente e eternamente válida. Nestas comunicações, portanto, a consciência de Ruburt expande-se e, no entanto, focaliza-se numa dimensão diferente, uma dimensão entre a sua realidade e a minha, um campo relativamente livre de distrações. É aí que imprimo certos conceitos nele, com a sua permissão e assentimento. Estes não são neutros, pois todo o conhecimento traz a marca da personalidade que o detém ou transmite.

Ruburt disponibiliza o seu conhecimento verbal para nosso uso, e, de modo bastante automático, nós dois juntos fazemos surgir as várias palavras que serão pronunciadas. Podem ocorrer distorções, tal como qualquer conhecimento pode ser distorcido. Contudo, estamos habituados a trabalhar juntos agora, e as distorções são muito poucas.

Parte da minha energia é também projetada através de Ruburt, e tanto a energia dele como a minha ativam a sua forma física durante as nossas sessões — mesmo agora, enquanto pronuncio estas frases. Há muitas outras ramificações que discutirei mais tarde.

Não sou, portanto, um produto do subconsciente de Ruburt — entendido aqui como nível funcional de mediação entre a orientação física e a organização interna da psique —, tal como ele não é um

produto da minha mente subconsciente. Também não sou uma personalidade secundária, tentando astutamente minar um Ego Exterior precário. Na verdade, cuidei para que todos os níveis funcionais da personalidade de Ruburt fossem beneficiados, e para que a sua integridade fosse mantida e honrada.

Existe na sua personalidade uma facilidade bastante singular que torna possíveis as nossas comunicações. Tentarei explicá-la da forma mais simples possível: existe na sua psique aquilo que equivale a uma dobra psíquica — uma abertura interdimensional da psique —, que serve quase como uma janela aberta através da qual outras realidades podem ser percebidas — uma abertura multidimensional que, até certo ponto, escapou a ficar obscurecida pela sombra do foco físico.

Os sentidos físicos geralmente cegam-te para estes canais abertos, pois percebem a realidade apenas à sua própria imagem. Até certo ponto, então, entro na vossa realidade através de uma dobra psíquica no vosso espaço e tempo. De certa forma, um canal aberto desse tipo serve quase como uma via entre a personalidade de Ruburt e a minha, de modo que a comunicação se torna possível entre ambas. Essas dobras psíquicas, enquanto aberturas interdimensionais da psique, não são raras. Apenas raramente são reconhecidas como tal, e ainda menos utilizadas.

Tentarei dar-te alguma ideia da minha própria existência não física. Que ela sirva para te recordar que a tua identidade básica é tão não física como a minha.

Síntese Operativa

Este capítulo estabelece a base ontológica e operativa de Seth Fala. Seth apresenta-se como uma personalidade não física, mas não o faz para criar mistério: fá-lo para deslocar o leitor da identificação exclusiva com o corpo, com o Ego Exterior e com a realidade tridimensional.

A função principal do capítulo é clara:

demonstrar que a identidade não está confinada ao corpo físico, ao tempo linear nem ao self quotidiano.

1. A identidade não depende da forma física

Seth começa por desmontar a identificação entre existência e corpo.

A personalidade não é produto da matéria física; pelo contrário:

Consciência → organiza experiência → forma estruturas → expressa-se através da matéria

A frase nuclear é:

A consciência cria a forma. Não é o contrário.

Esta ideia prepara todo o livro: se a consciência cria forma, então a morte do corpo não implica a extinção da identidade. O corpo é uma expressão, não a origem do ser.

2. O leitor não é apenas o self quotidiano

Seth dirige-se ao leitor em dois níveis:

tu que lês conscientemente → self quotidiano da Personalidade de Foco

parte mais ampla de ti que também lê → níveis intuitivos e profundos do Self

Isto significa que o livro não pretende apenas informar a mente consciente; pretende também ativar uma dimensão intuitiva já presente no leitor.

Formulação estabilizada:

o self comum corresponde ao eu quotidiano da Personalidade de Foco.

O leitor começa assim a ser preparado para a distinção entre:

Personalidade de Foco → self diário, orientado fisicamente

Self mais amplo → identidade multidimensional

3. Ego Exterior, Ego Interior e Subconsciente

O capítulo introduz uma primeira cartografia funcional da personalidade.

Ego Exterior

Ego Exterior — foco identitário da mente consciente orientado para a realidade física.

Função:

- mover-se no mundo físico;
- lidar com objetos, corpo, tempo e espaço;
- organizar a experiência quotidiana.

Ego Interior

Ego Interior — função organizadora profunda da psique, responsável por coordenar atividades internas, articular conhecimento não sensorial e mediar a relação entre a Personalidade de Foco e níveis mais amplos do Self.

Função:

- dirigir atividades internas;
- correlacionar conhecimento recebido por canais interiores;
- preservar memória de existências;
- perceber para além do tridimensional.

Subconsciente

subconsciente — nível funcional de mediação entre a orientação física do Ego Exterior e a organização interna do Ego Interior.

Função:

- mediar entre foco físico e organização interior;

- atuar como zona/interface de tradução;
- impedir a leitura simplista do subconsciente como mero depósito psicológico.

Estrutura:

Ego Exterior → orientação física

Subconsciente → mediação funcional

Ego Interior → organização interna da psique

4. A psique como campo organizador da experiência

Neste capítulo, a psique deixa de ser apenas “interioridade” psicológica. Ela começa a aparecer como campo operativo de organização, comunicação e tradução entre realidades.

A psique é o campo onde:

níveis internos → canais interiores → percepções não físicas → tradução em linguagem → experiência consciente

Daí a estabilização:

psique — campo organizador da experiência.

E, dentro dela, o Ego Interior atua como função organizadora profunda.

5. Dobra psíquica

Um dos conceitos mais importantes estabilizados neste capítulo foi:

dobra psíquica — abertura interdimensional da psique.

No contexto da comunicação Seth–Ruburt, a dobra psíquica funciona como uma abertura através da qual outras realidades podem ser percebidas ou comunicadas.

Não é:

- um lugar físico;
- uma anomalia psicológica;
- uma metáfora vaga;
- uma entidade separada.

É uma configuração funcional da psique.

Estrutura:

Psique → dobra psíquica → abertura interdimensional → comunicação entre realidades

Isto será fundamental para compreender Seth, Ruburt, estados alterados de consciência, sonhos, comunicação não física e tradução entre níveis de realidade.

6. Níveis e canais

Neste capítulo ficou também estabilizada uma distinção essencial:

Níveis → cartografia da consciência

Canais → formas de percepção e comunicação

Os **níveis** indicam onde a experiência se organiza:

- mente consciente
- Ego Exterior
- subconsciente

- Ego Interior
- psique
- Alma
- Self de Origem
- Self Total

Os **canais** indicam como o conhecimento circula:

- sentidos físicos
- sonhos
- intuição
- percepção interior
- telepatia
- clarividência
- comunicação não verbal
- estados alterados

Esta distinção evita confundir arquitetura da consciência com vias de percepção.

7. Personalidade multidimensional e Self Total

Seth começa a expandir a noção de personalidade.

A **personalidade** não é apenas o eu psicológico cotidiano. É uma gestalt dinâmica de percepção, organizada em múltiplos níveis e dimensões.

Formulações operativas:

personalidade — gestalt de percepção em constante mudança.

Self Total — identidade global da qual a personalidade física é uma manifestação independente e eternamente válida.

A **entidade**, neste capítulo, pode ser lida como:

entidade enquanto Self Total.

Estrutura:

Self Total / entidade → personalidade multidimensional →
Personalidade de Foco → Ego Exterior → experiência física
quotidiana

8. Linguagem linear e experiência simultânea

Seth explica que a sua experiência não é originalmente verbal nem linear.

A comunicação passa por tradução:

experiência simultânea → conceitos não verbais → impressão na
consciência de Ruburt → conhecimento verbal disponível → frases
lineares → livro

A linguagem humana é lenta porque depende de sequência:

Letra → palavra → frase → tempo linear

Mas a experiência de Seth opera em simultaneidade.

O livro, portanto, é uma tradução linear de conteúdos originalmente não lineares.

9. O corpo como cooperação de consciências

Seth introduz uma visão radical da matéria:

não existe matéria morta.

Mesmo átomos, moléculas, células, rochas, plantas, animais e ar possuem consciência do seu próprio tipo.

O corpo físico é uma cooperação organizada de consciências celulares.

Estrutura:

células conscientes → cooperação → estrutura corpórea → corpo físico

Isto altera profundamente a leitura do corpo: ele não é matéria passiva; é uma gestalt de energia consciente.

10. Gestalt de energia consciente

A palavra gestalt foi ancorada como:

gestalt — totalidade organizada.

Neste capítulo, Seth aplica a ideia ao campo vivo da realidade:

- átomos
- moléculas
- células
- objetos
- corpos
- ambientes



- gestalt de energia consciente

A realidade física é, assim, uma organização cooperativa de consciências em diferentes graus e modos de expressão.

11. Camuflagem física

Seth usa o termo camuflagem para designar o mundo físico tal como é percebido pelo Ego Exterior.

A camuflagem não é falsa. É real enquanto forma assumida pela realidade.

Mas há uma realidade maior dentro dela:

forma física → camuflagem → vitalidade que lhe dá forma → consciência

Os sentidos físicos estão sintonizados com a camuflagem, mas não revelam toda a realidade.

Por isso, compreender a realidade exige outros canais de percepção além dos sentidos físicos.

12. O Ego Exterior como colaborador, não tirano

Seth não rejeita o Ego Exterior. Ele critica apenas a sua hipertrofia.

O Ego Exterior deveria ser:

Colaborador → foco útil na realidade física

Mas tornou-se, muitas vezes:

“deus ciumento” → tirano percetivo → negação de outras dimensões

A sua função correta não é bloquear os níveis intuitivos do Self, mas cooperar com eles.

13. A criação da realidade

O capítulo introduz também um dos princípios centrais do material de Seth:

Tu crias o mundo que conheces.

Isto não é apresentado como metáfora psicológica, mas como princípio estrutural da experiência.

A humanidade cria, individual e coletivamente:

Glórias → expressões criativas

Terroros → projeções distorcidas

realidade física → expressão da consciência

O Diabo é apresentado como projeção da psique, o que antecipa a crítica posterior às imagens religiosas absolutizadas.

14. A existência de Seth como demonstração

Seth não se apresenta apenas como conteúdo do livro; a própria comunicação é uma demonstração prática da tese.

A existência do livro prova, segundo ele, que:

Ego Exterior → não esgota a personalidade

personalidade humana → possui capacidades mais amplas

consciência → pode comunicar através de níveis não físicos

identidade → não depende exclusivamente do corpo

O livro é, portanto, simultaneamente mensagem e exemplo operativo da mensagem.

Estrutura Operativa do Capítulo

Consciência → cria forma

Self Total / entidade → personalidade multidimensional

Psique → campo organizador da experiência

Ego Interior → função organizadora profunda da psique

Subconsciente → nível funcional de mediação

Ego Exterior → foco identitário da mente consciente

corpo físico → expressão organizada de consciências cooperantes

Movimento de fechamento perceptivo:

identificação exclusiva com o corpo → identificação exclusiva com o Ego Exterior → rigidez espiritual → negação dos níveis intuitivos do Self → realidade tridimensional como único real

Movimento de abertura:

reconhecimento da consciência como criadora → reconhecimento dos níveis do Self → abertura a canais interiores → percepção da personalidade multidimensional → vislumbre da identidade mais ampla

Núcleo Operativo

O Capítulo 1 ensina que a identidade humana não é uma entidade fechada dentro de um corpo, mas uma expressão focalizada de uma personalidade multidimensional.

O corpo é uma forma organizada pela consciência.

O ego é um colaborador, não a totalidade do ser.

A psique é campo de organização e comunicação.

O Ego Interior articula conhecimento não sensorial.

O subconsciente media entre o foco físico e a organização interna.

A personalidade física é uma expressão válida, mas parcial, do Self Total.

Formulação final

A tua identidade não termina no corpo nem no Ego Exterior. Aquilo que chamas "eu" é apenas uma expressão focalizada de uma personalidade multidimensional, organizada por níveis profundos do Self e comunicando através de canais interiores que ultrapassam os sentidos físicos.

CAPÍTULO 2

O Meu Ambiente Presente, Trabalho e Modos de Comunicação

Embora o meu ambiente difira, em aspetos bastante importantes, do ambiente dos meus leitores, posso assegurar-te, com irónica modéstia, que é tão vívido, variado e vital como a existência física. É mais prazeroso — embora as minhas ideias de prazer tenham mudado um pouco desde que fui um ser físico —, sendo também mais gratificante e oferecendo oportunidades muito maiores de realização criativa.

A minha existência presente é a mais desafiante que conheci, e conheci muitas, tanto físicas como não físicas. Não existe apenas uma dimensão em que a consciência não física resida, tal como não existe apenas um país no vosso planeta ou um único planeta no vosso sistema solar.

O meu ambiente, agora, não é aquele em que te encontrarás imediatamente depois da morte. Não consigo evitar falar com humor, mas tens de morrer muitas vezes antes de entrares neste plano particular de existência. O nascimento é muito mais chocante do que a morte. Por vezes, quando morres, nem te apercebes disso; mas o nascimento implica quase sempre um reconhecimento brusco e repentino. Por isso, não há necessidade de temer a morte. E eu,

que morri mais vezes do que me interessa contar, escrevo este livro para te dizer isso.

O meu trabalho neste ambiente proporciona um desafio muito maior do que qualquer um de vós imagina, e exige também a manipulação de materiais criativos que estão quase para lá da tua compreensão presente. Direi mais sobre isto em breve. Antes de mais, tens de compreender que não existe realidade objetiva exceto aquela que é criada pela consciência. A consciência cria sempre forma, e não o contrário. Assim, o meu ambiente é uma realidade de existência criada por mim e por outros como eu, e representa a manifestação do nosso desenvolvimento.

Não usamos estruturas permanentes. Não há uma cidade ou vila, por exemplo, onde eu habite. Não quero com isto sugerir que estamos algures no espaço vazio. Para começar, não pensamos no espaço como vós pensais, e formamos quaisquer imagens particulares que queiramos ter à nossa volta.

Elas são criadas pelos nossos padrões mentais, tal como a vossa própria realidade física é criada como réplica perfeita dos vossos desejos e pensamentos interiores. Pensas que os objetos existem independentemente de ti, sem perceberes que são, em vez disso, manifestações dos teus próprios selves psíquicos. Nós compreendemos que formamos a nossa própria realidade e, portanto, fazemo-lo com considerável alegria e expansividade criativa. No meu ambiente, ficarias profundamente desorientado, pois parecer-te-ia que ele carece de coerência.

Contudo, estamos conscientes das leis interiores que governam todas as “materializações”. Posso fazer com que seja noite ou dia, nos vossos termos, conforme preferir — ou qualquer período, digamos, da vossa história. Estas formas mutáveis não perturbariam de modo algum os meus companheiros, pois eles tomá-las-iam como pistas imediatas do meu estado de espírito, das minhas emoções e das minhas ideias.

A permanência e a estabilidade, basicamente, nada têm que ver com a forma, mas com a integração do prazer, do propósito, da realização e da identidade. “Viajo” para muitos outros níveis de existência a fim de cumprir as minhas funções, que são sobretudo as de professor e educador, e uso todos os recursos e técnicas que melhor me servem dentro desses sistemas.

Por outras palavras, posso ensinar a mesma lição de muitas maneiras diferentes, de acordo com as capacidades e pressupostos inerentes a qualquer sistema específico em que tenha de operar. Uso uma expressão de mim próprio, a partir de muitas personalidades disponíveis na minha identidade, nestas comunicações e neste livro. Noutros sistemas de realidade, esta personalidade particular de Seth que eu, a identidade mais ampla de Seth, adoto aqui, não seria compreendida.

Todos os sistemas de realidade não estão orientados fisicamente, como vês, e alguns desconhecem por completo a forma física. Também o sexo, tal como o compreendes, não lhes é natural. Portanto, eu não comunicaria como uma personalidade masculina

que viveu muitas existências físicas, embora esta seja uma expressão legítima e válida da minha identidade.

No meu ambiente de origem, assumo qualquer forma que deseje, e essa forma pode variar — e varia — com a natureza dos meus pensamentos. Tu, contudo, formas a tua própria imagem física a um nível inconsciente, mais ou menos da mesma maneira, mas com algumas diferenças importantes. Normalmente, não percebes que o teu corpo físico é criado por ti a cada momento como resultado direto da tua conceção interior daquilo que és, nem que ele se altera, de modos químicos e eletromagnéticos importantes, ao ritmo sempre móvel do teu próprio pensamento.

Tendo reconhecido há muito tempo a dependência da forma em relação à consciência, conseguimos simplesmente mudar as nossas formas por completo, para que sigam com maior fidelidade cada nuance da nossa experiência interior.

Esta capacidade de mudar de forma é uma característica inerente a qualquer consciência. Apenas varia o grau de proficiência e de atualização. Podes ver isto no teu próprio sistema, numa versão abrandada, quando observas as formas mutáveis assumidas pela matéria viva ao longo da sua história “evolutiva”.

Também nós podemos assumir várias formas ao mesmo tempo, por assim dizer; mas tu também podes fazê-lo, embora geralmente não te apercebas disso. A tua forma física pode estar deitada na cama, adormecida e inerte, enquanto a tua consciência viaja, numa forma onírica, para lugares bastante distantes. Simultaneamente,

podes criar uma “forma-pensamento” de ti próprio, idêntica em todos os aspetos, e esta pode aparecer no quarto de um amigo sem que tenhas qualquer consciência disso. Assim, a consciência não está limitada quanto às formas que pode criar em qualquer momento.

Em termos práticos, estamos bastante mais avançados do que vós nestas linhas, e, quando criamos tais formas, fazemo-lo com plena consciência. Partilho o meu campo de existência com outros que têm desafios mais ou menos semelhantes a enfrentar, o mesmo padrão geral de desenvolvimento. Alguns conheci-os, outros não. Comunicamos telepaticamente; mas, por outro lado, a telepatia é a base das vossas línguas, sem a qual o seu simbolismo não teria significado.

Por comunicarmos desta maneira, isso não significa necessariamente que usemos palavras mentais, pois não as usamos. Comunicamos, em vez disso, através daquilo a que só posso chamar imagens térmicas e eletromagnéticas, capazes de sustentar muito mais significado numa única “sequência”. A intensidade da comunicação depende da intensidade emocional que está por detrás dela, embora a expressão “intensidade emocional” possa ser enganadora.

Sentimos, de facto, um equivalente daquilo a que chamais emoções, embora estas não sejam o amor, o ódio ou a ira que conheceis. As vossas emoções podem ser descritas, da melhor forma, como materializações tridimensionais de acontecimentos e

experiências psíquicas muito mais vastos, relacionados com os “sentidos interiores”.

Explicar-te-ei estes sentidos interiores mais tarde, no fim deste capítulo. Por agora, basta dizer que temos uma experiência emocional forte, embora ela difira em larga medida da vossa. É muito menos limitada e muito mais expansiva, na medida em que também estamos conscientes do “clima” emocional como um todo e somos responsivos a ele. Somos muito mais livres para sentir e experienciar, porque não temos tanto medo de ser arrastados pela emoção.

As nossas identidades não se sentem ameaçadas, por exemplo, pelas emoções fortes de outro. Somos capazes de viajar através das emoções de uma forma que, neste momento, não vos é natural, e de as traduzir noutras facetas de criatividade para além daquelas com que estais familiarizados. Não sentimos necessidade de ocultar emoções, pois sabemos que isso é, basicamente, impossível e indesejável. Dentro do vosso sistema, elas podem parecer problemáticas porque ainda não aprendestes a usá-las. Só agora estamos a aprender todo o seu potencial e os poderes de criatividade aos quais estão ligadas.

Uma vez que compreendemos que a nossa identidade não depende da forma, naturalmente, não receamos mudá-la, sabendo que podemos adotar qualquer forma que desejemos.

Não conhecemos a morte nos vossos termos. A nossa existência conduz-nos a muitos outros ambientes, e integramo-nos neles. Seguimos as regras formais vigentes nesses ambientes. Todos nós, aqui, somos professores e, por isso, adaptamos também os nossos métodos, para que façam sentido a personalidades com ideias variáveis acerca da realidade.

A consciência não depende da forma, como já disse, e, contudo, procura sempre criar forma. Não existimos em qualquer enquadramento temporal tal como o conheceis. Minutos, horas ou anos perderam tanto o seu significado como o seu fascínio. Estamos, contudo, bastante conscientes das situações temporais existentes noutros sistemas, e temos de as ter em conta nas nossas comunicações. Caso contrário, aquilo que dizemos não seria compreendido.

Não existem barreiras reais a separar os sistemas de que falo. A única separação é produzida pelas diferentes capacidades das personalidades para perceber e manipular. Existis no meio de muitos outros sistemas de realidade, por exemplo, mas não os percecionais. E mesmo quando algum acontecimento atravessa esses sistemas e entra na vossa própria existência tridimensional, não sois capazes de o interpretar, pois ele é distorcido pelo próprio facto de entrar.

Disse-vos que não experienciamos a vossa sequência temporal. Movemo-nos através de diferentes intensidades de experiência. O nosso trabalho, desenvolvimento e experiência ocorrem todos dentro daquilo a que chamo o “ponto-momento”. Aqui, dentro do

ponto-momento, o pensamento mais pequeno é levado à fruição, a mais ligeira possibilidade é explorada, as probabilidades são minuciosamente examinadas, e o sentimento menos intenso ou mais vigoroso é acolhido. É difícil explicar isto com clareza, e, no entanto, o ponto-momento é o enquadramento dentro do qual temos a nossa experiência psicológica. Dentro dele, ações simultâneas seguem “livremente” através de padrões associativos. Por exemplo, imagina que penso em ti, Joseph. Ao fazê-lo, experiencio imediatamente — e plenamente — o teu passado, presente e futuro, nos vossos termos, e todas as emoções e motivações fortes ou determinantes que te regeram. Posso viajar através dessas experiências contigo, se assim escolher. Podemos seguir uma consciência através de todas as suas formas, por exemplo, e, nos vossos termos, no espaço de um piscar de olhos.

É preciso estudo, desenvolvimento e experiência antes que uma identidade possa aprender a manter a sua própria estabilidade perante estímulos tão contínuos e variados; e muitos de nós se perderam, chegando mesmo a esquecer quem eram, até despertarem novamente para si próprios. Muito disto é agora bastante automático para nós. Nas infinitas variedades da consciência, continuamos conscientes apenas de uma pequena percentagem dos bancos inteiros de personalidades que existem. Para as nossas “férias”, visitamos formas de vida bastante simples e integramo-nos nelas.

Nessa medida, entregamo-nos ao relaxamento e ao sono, pois podemos passar um século como árvore ou como uma forma de vida descomplicada noutra realidade. Deleitamos a nossa

consciência com o prazer da existência simples. Podemos criar, como vês, a floresta em que crescemos. Normalmente, contudo, somos altamente ativos, com as nossas energias plenamente focalizadas no nosso trabalho e em novos desafios.

Podemos formar, a partir de nós próprios, a partir das nossas próprias totalidades psíquicas, outras personalidades sempre que quisermos. Estas, contudo, devem então desenvolver-se segundo o seu próprio mérito, usando as capacidades criativas que lhes são inerentes. São livres de seguir o seu próprio caminho. Contudo, não fazemos isto levianamente.

Cada leitor é uma expressão da sua própria entidade — isto é, do seu Self Total — e está a desenvolver-se em direção ao mesmo tipo de existência que eu conheço. Na infância e no estado de sonho, cada personalidade está consciente, até certo ponto, da verdadeira liberdade que pertence à sua própria consciência interior. Portanto, estas capacidades de que falo são características inerentes à consciência como um todo e a cada personalidade.

O meu ambiente, como te disse, muda constantemente; mas o mesmo acontece com o teu. Nessas ocasiões, racionalizas percepções intuitivas perfeitamente legítimas. Por exemplo, se uma divisão te parecer subitamente pequena e apertada, assumes que essa alteração de dimensão é imaginária e que a divisão não mudou, independentemente daquilo que sentes.

O facto é que, nessas condições, a divisão terá mudado de forma bastante definida, e em aspetos muito importantes, mesmo que as

dimensões físicas continuem a medir o mesmo. Todo o impacto psíquico da divisão terá sido alterado. O seu efeito será sentido por outros além de ti. Atrairá certos tipos de acontecimentos em vez de outros, e alterará a tua própria estrutura psicofísica e a tua produção hormonal. Reagirás ao estado alterado da divisão até de formas bastante físicas, embora a sua largura ou comprimento, em centímetros ou metros, possa não *parecer* variar.

Pedi ao nosso bom amigo Joseph que sublinhasse a palavra “parecer” porque os teus instrumentos não mostrariam qualquer alteração física — uma vez que os instrumentos dentro dessa divisão já se teriam alterado na mesma medida.

Estás constantemente a alterar a forma, a configuração, o contorno e o significado do teu corpo físico e do teu ambiente mais íntimo, embora faças o melhor possível para ignorar estas alterações constantes. Nós, por outro lado, damos-lhes plena liberdade, sabendo que somos motivados por uma estabilidade interior capaz de acolher bem a espontaneidade e a criação, e compreendendo que a identidade, nos seus níveis espirituais e psíquicos, depende da mudança criativa.

O nosso ambiente é, portanto, composto por desequilíbrios requintados, onde a mudança tem plena liberdade de expressão. A tua própria estrutura temporal induz-te em erro nas tuas ideias sobre a permanência relativa da matéria física, e fechas os olhos às alterações constantes que ocorrem nela. Os teus sentidos físicos confinam-te, tanto quanto podem, à perceção de uma realidade altamente formalizada. Regra geral, só através do uso das

intuições, e nos estados de sono e de sonho, consegues perceber a natureza alegremente mutável da tua própria consciência — e de qualquer consciência.

Uma das minhas funções é esclarecer-te sobre estas questões. Temos de usar conceitos que te sejam, pelo menos, relativamente familiares. Ao fazê-lo, usamos, portanto, expressões das nossas próprias personalidades com as quais possas, até certo ponto, relacionar-te.

O nosso ambiente não tem fim. Nos teus termos, não haveria falta de espaço ou de tempo onde operar. Isto colocaria uma enorme pressão sobre qualquer consciência sem a preparação e o desenvolvimento adequados. Não temos um universo simples e acolhedor onde nos esconder. Continuamos atentos a outros sistemas de realidade bastante estranhos, que cintilam nos limites mais exteriores da consciência tal como a conhecemos. Existem muitíssimos mais tipos de consciência do que formas físicas, cada um com os seus próprios padrões de percepção, habitando dentro do seu próprio sistema de camuflagem. Contudo, todos estes possuem conhecimento interior da realidade que existe dentro de toda a camuflagem e que compõe qualquer realidade, seja qual for o nome que lhe seja dado.

Muitas destas liberdades são-te bastante naturais no estado de sonho, e formas frequentemente ambientes oníricos para exercitar esses potenciais. Mais tarde, farei algumas observações sobre as formas como podes aprender a reconhecer os teus próprios feitos e a compará-los com a tua proficiência na vida física diária.

Podes aprender a mudar o teu ambiente físico, portanto, aprendendo a mudar e a manipular o teu ambiente onírico. Podes também sugerir sonhos específicos nos quais uma mudança desejada seja vista, e, em determinadas condições, estes aparecerão então na tua realidade física. Muitas vezes, fazes isto sem te aperceberes.

A consciência inteira adota várias formas. Não precisa de estar sempre dentro de uma forma. Nem todas as formas são físicas. Algumas personalidades, portanto, nunca foram físicas. Evoluíram ao longo de linhas diferentes, e as suas estruturas psíquicas seriam estranhas à tua.

Até certo ponto, também viajo por esses ambientes. A consciência, contudo, tem de se manifestar. Não pode deixar de ser. Não é física; deve, portanto, mostrar a sua ativação de outras maneiras. Em alguns sistemas, por exemplo, forma padrões matemáticos e musicais altamente integrados que são, eles próprios, estímulos para outros sistemas universais. Não estou, contudo, muito familiarizado com estes, e não posso falar deles com grande intimidade.

Se o meu ambiente não é permanentemente estruturado, então, como te disse, o teu também não é. Se estou consciente de comunicar agora através de Ruburt, de formas diferentes cada um de vós comunica telepaticamente para e através de outras personalidades, embora com pouco conhecimento daquilo que realiza.

Os sentidos que utilizas, de uma forma muito real, criam o ambiente que percecionas. Os teus sentidos físicos tornam necessária a percepção de uma realidade tridimensional. Contudo, a consciência está equipada com percecionadores interiores. Estes são inerentes a toda a consciência, independentemente do seu desenvolvimento. Esses percecionadores operam de forma bastante independente daqueles que poderiam ser assumidos quando determinada consciência adota uma forma especializada, como um corpo físico, para operar num sistema particular.

Cada leitor, portanto, possui sentidos interiores e, em certa medida, utiliza-os constantemente, embora não esteja consciente de o fazer a partir do foco do Ego Exterior. Nós usamos os sentidos interiores de forma bastante livre e consciente. Se o fizesses, então percecionarias o mesmo tipo de ambiente em que tenho a minha existência. Verias uma situação sem camuflagem, na qual os acontecimentos e a forma seriam livres e não estariam presos num molde gelatinoso de tempo. Poderias ver, por exemplo, a tua sala de estar presente não apenas como uma aglomeração de mobiliário com aparência permanente, mas mudar o teu foco e ver a dança imensa e constante das moléculas e de outras partículas que compõem os vários objetos.

Poderias ver um brilho semelhante à fosforescência, a aura das “estruturas” eletromagnéticas que compõem as próprias moléculas. Poderias, se quisesses, condensar a tua consciência até ela ser suficientemente pequena para viajar através de uma única molécula e, a partir do mundo próprio dessa molécula, olhar para fora e contemplar o universo da sala e a galáxia gigantesca de formas

inter-relacionadas, sempre em movimento, semelhantes a estrelas. Todas estas possibilidades representam uma realidade legítima. A tua não é mais legítima do que qualquer outra, mas é a única que percecionas.

Usando os sentidos interiores, tornamo-nos criadores conscientes, cocriadores. Mas tu és cocriador inconsciente, saibas disso ou não. Se o nosso ambiente te parece desestruturado, é apenas porque não compreendes a verdadeira natureza da ordem, que nada tem que ver com forma permanente, embora pareça assumir forma a partir da tua perspetiva.

No meu ambiente, não há quatro horas da tarde nem nove horas da noite. Com isto quero dizer que não estou limitado a uma sequência temporal. Nada me impede de experienciar essas sequências, se assim escolher. Experienciamos o tempo, ou aquilo a que chamaríeis a sua natureza equivalente, em termos de intensidades de experiência — um tempo psicológico com os seus próprios picos e vales.

Isto é um pouco semelhante às tuas próprias variações emocionais quando o tempo parece acelerar ou abrandar, mas é imensamente diferente em aspetos importantes. O nosso tempo psicológico poderia ser comparado, em termos de ambiente, às paredes de uma divisão; mas, no nosso caso, as paredes estariam constantemente a mudar de cor, tamanho, altura, profundidade e largura.

As nossas estruturas psíquicas são diferentes, em termos práticos, na medida em que utilizamos conscientemente uma realidade psíquica multidimensional que tu possuis inerentemente, mas com a qual não estás familiarizado a partir do foco do Ego Exterior. É natural, portanto, que o nosso ambiente possua qualidades multidimensionais que os sentidos físicos nunca poderiam perceber.

Projeto uma expressão da minha realidade, enquanto dito este livro, para um nível indiferenciado entre sistemas que está relativamente livre de camuflagem. É uma área inativa, comparativamente falando. Se estivesses a pensar em termos de realidade física, então esta área poderia ser comparada a uma zona situada imediatamente acima da atmosfera da vossa Terra. Contudo, estou a falar de atmosferas psicológico-psíquicas — isto é, campos de transição entre estruturas internas da personalidade e condições mais amplas da psique —, e esta área está suficientemente afastada da Personalidade de Foco fisicamente orientada de Ruburt para que as comunicações possam ser relativamente compreendidas.

Também está, de certo modo, afastada do meu próprio ambiente, pois, no meu próprio ambiente, eu teria algumas dificuldades em relacionar conhecimento em termos fisicamente orientados. Deves compreender que, por distância, não me refiro ao espaço.

A criação e a percepção estão muito mais intimamente ligadas do que qualquer um dos vossos cientistas percebe.

É perfeitamente verdade que os teus sentidos físicos criam a realidade que percecionam. Uma árvore é algo muito diferente para um micróbio, uma ave, um inseto e um homem que está de pé por baixo dela. Não estou a dizer que a árvore apenas parece ser diferente. Ela é diferente. Tu percecionas a sua realidade através de um conjunto de sentidos altamente especializados. Isto não significa que a sua realidade exista nessa forma de modo mais básico do que existe na forma percecionada pelo micróbio, pelo inseto ou pela ave. Não podes percecionar a realidade perfeitamente válida dessa árvore em nenhum contexto senão o teu. Isto aplica-se a tudo dentro do sistema físico que conheces.

Não se trata de a realidade física ser falsa. Trata-se de a imagem física ser simplesmente uma entre um número infinito de modos de percecionar as várias roupagens através das quais a consciência se expressa. Os sentidos físicos obrigam-te a traduzir a experiência em perceções físicas. Os sentidos interiores ampliam o teu campo de perceção, permitem-te interpretar a experiência de forma muito mais livre e criar novas formas e novos canais através dos quais tu, ou qualquer consciência, podes conhecer-te.

A consciência é, entre outras coisas, um exercício espontâneo de criatividade. Estás agora a aprender, num contexto tridimensional, os modos pelos quais a tua existência emocional e psíquica pode criar variedades de forma física. Manipulas dentro do ambiente psíquico, e essas manipulações são então automaticamente impressas no molde físico. O nosso ambiente, por sua vez, é criativo em si mesmo de uma maneira diferente do teu. O teu ambiente é criativo no sentido em que as árvores dão fruto, em que existe um

princípio autossustentado, em que a Terra alimenta os seus, por exemplo. Os aspetos naturalmente criativos são as materializações das inclinações psíquicas, espirituais e físicas mais profundas da espécie, estabelecidas, nos vossos termos, há éons, e fazem parte do banco racial de conhecimento psíquico.

Dotamos os elementos do nosso ambiente de uma criatividade ainda maior, difícil de explicar. Não temos flores que cresçam, por exemplo. Mas a intensidade, a força psíquica condensada das nossas naturezas psíquicas, forma novas dimensões de atividade. Se pintares um quadro dentro da existência tridimensional, então a pintura tem de estar numa superfície plana, apenas sugerindo a experiência tridimensional completa que não consegues inserir nela. No nosso ambiente, contudo, poderíamos criar efetivamente quaisquer efeitos dimensionais que desejássemos. Todas estas capacidades não são apenas nossas. São a tua herança. Como verás mais adiante neste livro, exerces os teus próprios sentidos interiores e capacidades multidimensionais com mais frequência do que parece, em estados de consciência diferentes do estado normal de vigília.

Uma vez que o meu próprio ambiente não possui elementos físicos facilmente definidos, poderás compreender a sua natureza por inferência, à medida que eu explicar alguns temas relacionados ao longo deste livro.

O teu próprio ambiente físico aparece-te como aparece devido à tua própria estrutura psíquica. Se obtivesses o teu sentido de continuidade pessoal sobretudo através de processos associativos,

em vez de o obteres como resultado da familiaridade do eu quotidiano da Personalidade de Foco que se desloca através do tempo, então experienciarias a realidade física de uma forma inteiramente diferente. Objetos do passado e do presente poderiam ser percecionados ao mesmo tempo, a sua presença justificada por ligações associativas. Imagina que o teu pai teve, ao longo da vida, oito cadeiras preferidas. Se os teus mecanismos percetivos estivessem organizados sobretudo em função da associação intuitiva, e não da sequência temporal, então percecionarias todas essas cadeiras ao mesmo tempo; ou, ao veres uma, estarias consciente das outras. Assim, o ambiente não é uma coisa separada em si mesma, mas o resultado de padrões percetivos, e estes são determinados pela estrutura psíquica.

Portanto, se queres saber como é o meu ambiente, terás de compreender aquilo que eu sou. Para explicar isso, terei de falar sobre a natureza da consciência em geral. Ao fazê-lo, acabarei por te dizer muito acerca de ti próprio. Os níveis interiores da tua identidade já estão conscientes de muito daquilo que te direi. Parte do meu propósito é familiarizar o teu Ego Exterior com conhecimento que já é conhecido por um nível mais amplo da tua própria consciência, mas que há muito tens ignorado.

Olhas para o universo físico e interpretas a realidade de acordo com a informação recebida pelos teus “sentidos exteriores”. Eu colocar-me-ei, figurativamente falando, dentro da realidade física e olharei para dentro por ti, descrevendo essas realidades de consciência e experiência que, neste momento, estás fascinado demais para ver. Pois estás fascinado com a realidade física, e estás

agora num transe tão profundo como a mulher através da qual escrevo este livro.

Toda a tua atenção está focalizada de modo altamente especializado num único ponto luminoso e brilhante a que chamas realidade. Há outras realidades à tua volta, mas ignoras a sua existência e bloqueias todos os estímulos que delas provêm. Existe uma razão para esse transe, como descobrirás, mas, pouco a pouco, tens de despertar. O meu propósito é abrir os teus olhos interiores.

O meu ambiente inclui, naturalmente, aquelas outras personalidades com quem entro em contacto. Comunicação, percepção e ambiente dificilmente podem ser separados. Portanto, o tipo de comunicação mantido por mim e pelos meus associados é extremamente importante em qualquer discussão sobre o nosso ambiente.

No capítulo seguinte, espero dar-te uma ideia, de forma bastante simples, da nossa existência, do trabalho em que estamos envolvidos, da dimensão em que existimos, dos propósitos que nos são caros; e, sobretudo, dos desafios que constituem a nossa experiência.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a natureza da existência não física de Seth e usa o seu ambiente como chave para compreender a relação entre consciência, forma, percepção, comunicação e criatividade.

A função central do capítulo é mostrar que:

o ambiente não é uma coisa separada da consciência, mas uma expressão organizada pelos padrões perceptivos, pela estrutura psíquica e pelos modos de comunicação de cada sistema de realidade.

1. O ambiente como criação da consciência

Seth começa por afirmar que o seu ambiente é tão vívido e real como o ambiente físico, mas opera segundo outras regras. Não é composto por estruturas permanentes, cidades ou objetos fixos, mas por formas criadas diretamente pela consciência.

Estrutura:

Consciência → padrões mentais / psíquicos → forma → ambiente

Isto aplica-se também ao mundo físico, embora os seres humanos não o reconheçam facilmente. O ambiente físico parece independente, mas é uma manifestação estabilizada de padrões interiores.

Formulação operativa:

o ambiente é uma tradução percetiva da consciência, organizada segundo as capacidades de cada sistema de realidade.

2. A forma não é a base da identidade

Seth esclarece que a identidade não depende da forma. Por isso, no seu campo de existência, a forma pode mudar de acordo com o pensamento, com a intenção e com a experiência interior.

No mundo físico, também criamos constantemente a forma corporal, mas de modo inconsciente:

conceção interior de si → alterações químicas e eletromagnéticas
→ corpo físico → imagem corporal estabilizada

A diferença entre Seth e o leitor não é de princípio, mas de grau de consciência:

Seth → muda formas conscientemente

humano físico → muda formas inconscientemente

3. A consciência procura sempre manifestação

A consciência não precisa de estar sempre dentro de uma forma, mas tende a manifestar-se. Essa manifestação pode ser física ou não física.

Alguns sistemas expressam consciência através de:

- forma física
- padrões matemáticos
- padrões musicais
- imagens térmicas
- configurações eletromagnéticas
- formas-pensamento
- ambientes oníricos

Isto amplia a noção de “forma”: uma forma não é apenas um corpo ou objeto visível, mas qualquer configuração através da qual a consciência se torna expressiva.

4. Comunicação, percepção e ambiente são inseparáveis

Um dos núcleos do capítulo é a afirmação de que comunicação, percepção e ambiente dificilmente podem ser separados.

Estrutura:

modo de percepção → tipo de comunicação → forma do ambiente

No ambiente de Seth, a comunicação não ocorre por palavras mentais, mas através de imagens térmicas e eletromagnéticas capazes de condensar grande significado numa única sequência.

Isto mostra que a linguagem verbal é uma tradução lenta e linear de processos comunicativos muito mais amplos.

5. Telepatia como base das línguas

Seth afirma que a telepatia é a base das línguas. Ou seja, antes da palavra, há uma transferência interior de significado.

Estrutura:

comunicação interior / telepática → significado partilhado → símbolo → linguagem

A palavra não cria a comunicação; ela materializa e estabiliza uma comunicação interior já existente.

Isto reforça a distinção estabilizada entre:

Canais → vias de percepção e comunicação

Níveis → cartografia da consciência

A telepatia é canal, não nível.

6. Sentidos interiores

O capítulo introduz explicitamente os sentidos interiores como percecionadores inerentes a toda a consciência.

Os sentidos físicos criam a percepção de uma realidade tridimensional. Os sentidos interiores ampliam o campo percetivo e permitem percecionar realidades não presas à camuflagem física.

Estrutura:

sentidos físicos → realidade tridimensional → forma estabilizada / camuflagem

sentidos interiores → percepção multidimensional → acontecimentos livres da forma fixa

Formulação operativa:

os sentidos interiores são canais percetivos da consciência que permitem aceder a realidades para além da forma física estabilizada.

7. Camuflagem e realidade legítima

Seth não afirma que a realidade física seja falsa. Afirma que ela é uma entre infinitas formas válidas de perceber a realidade.

Uma árvore, por exemplo, é diferente para um homem, uma ave, um inseto ou um micróbio. Não apenas parece diferente: é diferente, porque cada sistema percetivo organiza uma realidade própria.

Estrutura:

Consciência → padrões percetivos → camuflagem → realidade experienciada

Assim, nenhuma forma percetiva é “a realidade definitiva”. Cada uma é uma tradução legítima da consciência dentro de determinado enquadramento.

8. O ponto-momento

Seth introduz o ponto-momento como enquadramento da sua experiência psicológica.

Ele não experiencia o tempo como sequência de minutos, horas ou anos, mas como intensidades de experiência.

Estrutura:

tempo linear → sequência

ponto-momento → simultaneidade associativa → intensidades de experiência → probabilidades examinadas

No ponto-momento:

- pensamentos são levados à fruição
- possibilidades são exploradas

- probabilidades são examinadas
- sentimentos são acolhidos
- passado, presente e futuro podem ser experienciados simultaneamente

O ponto-momento não é um lugar, mas um enquadramento experiencial não linear.

9. Intensidades de experiência

A substituição de “sequência temporal” por “intensidades de experiência” é fundamental.

Seth não viaja através do tempo como nós. Move-se através de graus de intensidade, associação, significado e desenvolvimento.

Estrutura:

tempo físico → antes / durante / depois

tempo psicológico → picos / vales / intensidades

ponto-momento → simultaneidade organizada

Isto prepara o leitor para compreender realidades onde o tempo não é uma linha, mas um campo de relações vivas.

10. Emoções como materializações tridimensionais

Seth afirma que aquilo a que chamamos emoções são materializações tridimensionais de acontecimentos e experiências psíquicas muito mais vastos.

Estrutura:

acontecimento psíquico amplo → tradução pela estrutura da Personalidade de Foco → materialização tridimensional → emoção experienciada

Isto transforma a emoção numa expressão local de processos psíquicos mais amplos. Não é apenas reação psicológica; é uma forma de tradução experiencial.

No ambiente de Seth, a experiência emocional é mais expansiva, menos limitada e menos ameaçadora para a identidade.

11. Desafios, não problemas

No ambiente de Seth, as atividades e preocupações não são “problemas” no sentido de bloqueios ou ansiedades, mas desafios criativos.

Estabilização aplicada:

desafios



- crescimento
- criatividade
- aprendizagem
- propósito
- mobilização criativa

problemas



- bloqueios
- ansiedade
- sofrimento

- impasse
- dificuldade prática

Neste capítulo, “desafios” é a palavra certa porque Seth descreve trabalho, desenvolvimento, exploração e criatividade.

12. Ambientes oníricos como treino criativo

Seth afirma que muitas das liberdades da consciência são naturais no estado de sonho. Nos sonhos, criamos ambientes oníricos para exercitar potenciais que, na vida física, parecem menos acessíveis.

Estrutura:

estado de sonho → ambiente onírico → exercício de potenciais → aprendizagem criativa → possível alteração do ambiente físico

O sonho surge, mais uma vez, como laboratório operativo da consciência.

13. A estrutura psíquica determina o ambiente

O ambiente físico aparece como aparece devido à estrutura psíquica do percecionador.

Se a continuidade pessoal fosse organizada sobretudo por associação intuitiva, e não por sequência temporal, o ambiente físico seria experienciado de modo completamente diferente.

Exemplo das cadeiras:

sequência temporal → uma cadeira de cada vez, em diferentes momentos

associação intuitiva → todas as cadeiras ligadas pela relação afetiva e simbólica

Formulação operativa:

o ambiente é o resultado de padrões perceptivos determinados pela estrutura psíquica da consciência.

14. Expressões da identidade

Neste capítulo, Seth explica que usa uma expressão de si próprio para comunicar connosco.

A identidade mais ampla de Seth possui muitas personalidades disponíveis, mas a personalidade “Seth” que comunica através de Ruburt é uma configuração adequada ao nosso sistema de realidade.

Estrutura:

identidade mais ampla de Seth → múltiplas personalidades disponíveis → expressão particular "Seth" → comunicação com o sistema físico

Esta "expressão" aproxima-se da lógica dos Aspetos, mas o termo não precisa de ser introduzido diretamente no corpo do texto. Pode ser registado em síntese como configuração funcional da identidade.

15. Atmosferas psicológico-psíquicas

Seth descreve uma zona de comunicação entre sistemas, relativamente livre de camuflagem, usando a imagem de uma área acima da atmosfera terrestre.

A ancoragem estabilizada foi:

atmosferas psicológico-psíquicas — campos de transição entre estruturas internas da personalidade e condições mais amplas da psique.

Não se trata de distância espacial, mas de diferença de foco, frequência experiencial e compatibilidade comunicativa.

Estrutura:

ambiente de Seth → zona indiferenciada entre sistemas → campo psicológico-psíquico de transição → Personalidade de Foco de Ruburt → comunicação verbal

16. A consciência como cocriadora

Seth afirma que, usando os sentidos interiores, ele e os seus associados se tornam criadores conscientes. O ser humano físico também é cocriador, mas frequentemente inconsciente.

Estrutura:

cocriador inconsciente → forma realidade sem saber plenamente

cocriador consciente → reconhece padrões perceptivos → usa sentidos interiores → cria com maior liberdade

O desenvolvimento espiritual ou psíquico não consiste em abandonar a forma, mas em compreender a sua relação com a consciência que a cria.

Estrutura Operativa do Capítulo

Consciência → padrões perceptivos → sentidos físicos / sentidos interiores → camuflagem ou percepção multidimensional → ambiente

Identidade → não depende da forma → pode criar múltiplas formas → pode operar em vários ambientes → pode comunicar através de diferentes canais

tempo linear → sequência física

tempo psicológico → intensidade experiencial

ponto-momento → simultaneidade associativa

Núcleo Operativo

O Capítulo 2 mostra que ambiente, forma, percepção e comunicação são expressões interdependentes da consciência.

O ambiente não é um recipiente externo onde a consciência vive; é uma organização perceptiva criada pela própria consciência. A forma não define a identidade; é uma expressão temporária dela. Os sentidos físicos estabilizam a realidade tridimensional, enquanto os sentidos interiores permitem perceber dimensões mais amplas da experiência.

Seth descreve o seu ambiente não para satisfazer curiosidade metafísica, mas para mostrar ao leitor que ele próprio já participa,

sobretudo no sonho, na intuição e nos estados não ordinários, de capacidades multidimensionais semelhantes.

Formulação final

O ambiente é consciência tornada percepção. A forma é consciência tornada expressão. A comunicação é consciência em relação. E a identidade, livre da dependência exclusiva da forma, aprende a criar, perceber e habitar múltiplas realidades.

CAPÍTULO 3

O Meu Trabalho e as Dimensões de Realidade que Atravesso

Tenho amigos, tal como tu, embora os meus amigos possam ser de data mais antiga. Tens de compreender que experienciamos a nossa própria realidade de uma forma bastante diferente da vossa. Estamos conscientes daquilo a que chamarias os nossos selves passados, aquelas personalidades que adotámos em várias outras existências.

Porque usamos telepatia, pouco podemos esconder uns dos outros, mesmo que o quiséssemos. Isto, tenho a certeza, parece-te uma invasão de privacidade; e, no entanto, asseguro-te que, mesmo agora, nenhum dos teus pensamentos está oculto, mas é conhecido com bastante clareza pela tua família e pelos teus amigos — e posso acrescentar, infelizmente, também por aqueles que consideras inimigos. Simplesmente, não estás consciente desse facto.

Isto não significa que cada um de nós seja como um livro aberto para o outro. Muito pelo contrário. Existe algo como uma etiqueta mental, boas maneiras mentais. Estamos muito mais conscientes dos nossos próprios pensamentos do que vós. Reconhecemos a

nossa liberdade para escolher os pensamentos, e escolhemo-los com alguma discriminação e subtileza.

O poder dos nossos pensamentos tornou-se claro para nós através de tentativa e erro noutras existências. Descobrimos que ninguém pode escapar à vasta criatividade da imagem mental ou da emoção. Isto não significa que não sejamos espontâneos, ou que tenhamos de deliberar entre um pensamento e outro, numa preocupação ansiosa de que um deles possa ser negativo ou destrutivo. Isso, nos vossos termos, ficou para trás.

A nossa estrutura psíquica significa, contudo, que podemos comunicar de formas muito mais variadas do que aquelas com que estás familiarizado. Imagina, por exemplo, que encontras um amigo de infância de quem te esqueceste há muito. Agora, talvez tenham pouco em comum. Ainda assim, podem ter uma agradável conversa de fim de tarde centrada em antigos professores e colegas, e estabelecer uma certa sintonia.

Assim, quando “encontro” outro, posso relacionar-me com ele muito melhor com base numa experiência particular de uma vida passada, mesmo que, no meu “agora”, tenhamos pouco em comum. Poderemos ter-nos conhecido, por exemplo, como pessoas completamente diferentes no século XIV, e poderemos comunicar muito bem discutindo essas experiências, tal como tu e o teu hipotético amigo de infância estabeleceram sintonia ao recordar o passado.

Estaremos plenamente conscientes, contudo, de que somos nós próprios — as personalidades multidimensionais que partilharam um ambiente mais ou menos comum num determinado nível da nossa existência. Como verás, esta analogia é bastante simples e servirá apenas por agora, porque passado, presente e futuro não existem realmente nesses termos.

A nossa experiência, contudo, não inclui as divisões temporais com que estás familiarizado. Temos muito mais amigos e associados do que vós, simplesmente porque estamos conscientes de várias ligações naquilo a que, por agora, chamamos encarnações “passadas”.

Temos, naturalmente, mais conhecimento ao nosso alcance, por assim dizer. Não há período de tempo, nos vossos termos, que possas mencionar, sem que alguns de nós tenham estado lá e transportem nas suas memórias a experiência indelével adquirida nesse contexto particular.

Não sentimos necessidade de ocultar as nossas emoções ou pensamentos dos outros, porque todos nós, agora, reconhecemos bem a natureza cooperativa de toda a consciência e realidade, bem como a nossa parte nela. Somos altamente motivados. Poderiam os espíritos ser outra coisa?

Precisamente porque temos ao nosso dispor o uso pleno da nossa energia, ela não é desviada para conflitos. Não a desperdiçamos; utilizamo-la antes nos propósitos únicos e individuais que constituem uma parte básica da nossa experiência psíquica.

Cada Self Total, ou personalidade multidimensional, tem os seus próprios propósitos, missões e empreendimentos criativos, que fazem parte da sua natureza inicial e básica, determinando as qualidades que o tornam eternamente válido e eternamente buscador. Estamos finalmente livres para utilizar a nossa energia nessas direções. Enfrentamos muitos desafios de natureza bastante momentosa, e compreendemos que os nossos propósitos são importantes não apenas em si mesmos, mas também pelos surpreendentes desdobramentos que se desenvolvem através dos nossos esforços para os realizar. Ao trabalharmos pelos nossos propósitos, compreendemos que estamos a abrir trilhos que também podem ser usados por outros.

Também suspeitamos — certamente eu suspeito — que os próprios propósitos terão resultados surpreendentes, consequências espantosas que nunca antecipámos, e que conduzirão apenas a novas vias. Compreender isto ajuda-nos a manter o sentido de humor.

Quando alguém nasceu e morreu muitas vezes, esperando a extinção a cada morte, e quando essa experiência é seguida pela percepção de que a existência continua, então entra em cena um sentido da comédia divina.

Estamos a começar a aprender a alegria criativa do jogo. Acredito, por exemplo, que toda a criatividade e consciência nasce da qualidade do jogo, em oposição ao trabalho, na espontaneidade intuitiva acelerada que vejo como constante ao longo de todas as minhas próprias existências e na experiência daqueles que conheço.

Comunico com a vossa dimensão, por exemplo, não me forçando a descer ao vosso nível de realidade, mas imaginando-me aí. Todas as minhas mortes teriam sido aventuras, se eu tivesse compreendido aquilo que sei agora. Por um lado, levas a vida demasiado a sério; por outro, não levas suficientemente a sério a existência lúdica.

Desfrutamos de um sentido de jogo altamente espontâneo e, ainda assim, suponho que lhe chamarias jogo responsável. Certamente é jogo criativo. Brincamos, por exemplo, com a mobilidade da nossa consciência, vendo até onde conseguimos “enviá-la”. Somos constantemente surpreendidos pelos produtos da nossa própria consciência, pelas dimensões de realidade através das quais podemos saltitar. Poderia parecer que usamos a nossa consciência de forma ociosa nesse jogo, mas, mais uma vez, os caminhos que abrimos continuam a existir e podem ser usados por outros. Deixamos mensagens para quem por ali passar, sinais mentais.

Podemos, portanto, estar altamente motivados e, ainda assim, usar e compreender o uso criativo do jogo, tanto como método para alcançar os nossos objetivos e propósitos como enquanto empreendimento surpreendente e criativo em si mesmo.

No meu trabalho como professor, viajo por muitas dimensões da existência, tal como um professor itinerante poderia dar palestras em vários estados ou países. Aqui, contudo, a semelhança termina em grande parte, pois, antes de poder começar a trabalhar, tenho

de estabelecer estruturas psíquicas preliminares e conhecer os meus alunos antes mesmo de o ensino poder começar.

Tenho de possuir um conhecimento profundo do sistema particular de realidade em que o meu aluno opera, do seu sistema de pensamento e dos símbolos que lhe são significativos. A estabilidade da personalidade do aluno tem de ser corretamente avaliada por mim. As necessidades dessa personalidade não podem ser ignoradas; têm de ser tomadas em consideração.

O aluno deve ser encorajado, mas não levado para além daquilo que consegue integrar enquanto o desenvolvimento prossegue. O meu material tem de ser apresentado de tal modo que faça sentido dentro do contexto em que o aluno compreende a realidade, sobretudo nas fases iniciais. É necessário muito cuidado, ainda antes de a aprendizagem séria poder começar, para garantir que todos os níveis da personalidade se desenvolvem a um ritmo mais ou menos constante.

Muitas vezes, o material que apresento será inicialmente dado sem qualquer sinal da minha presença, aparentemente como uma revelação surpreendente. Pois, por mais cuidadosamente que eu apresente o material, ele está destinado a alterar ideias anteriores que fazem fortemente parte da personalidade do aluno. Aquilo que digo é uma coisa, mas o aluno é, naturalmente, lançado para comportamentos e experiências psicológicas e psíquicas que podem parecer-lhe bastante estranhos ao nível da mente consciente.

Os desafios variam de acordo com o sistema em que o meu aluno tem a sua existência. No vosso sistema, por exemplo, e em relação à mulher através da qual escrevo agora este livro, o contacto inicial da minha parte foi feito muito antes de as nossas sessões começarem.

A personalidade nunca teve consciência, ao nível da mente consciente, desse encontro inicial. Experimentou simplesmente pensamentos novos e súbitos e, uma vez que é poeta, estes apareceram como inspirações poéticas. Certa vez, há alguns anos, numa conferência de escritores, envolveu-se em circunstâncias que poderiam ter conduzido ao seu desenvolvimento psíquico antes de estar preparada. O clima psicológico das pessoas envolvidas, nessa altura, iniciou as condições, e, sem perceber aquilo em que se estava a envolver, a nossa amiga Jane entrou em transe.

Eu conhecia os seus dons psíquicos desde a infância, mas as percepções necessárias foram canalizadas através da poesia até a personalidade adquirir a base necessária, exigida neste caso particular. Portanto, no episódio que acabo de mencionar, fui informado e tratei de garantir que ele terminasse e não prosseguisse.

Difícilmente se tratou, contudo, de uma atuação accidental. Sem o saber, a personalidade decidiu experimentar as suas asas, figurativamente falando. Como parte do meu trabalho, portanto, tenho vindo a orientar a jovem mulher, de uma forma ou de outra, desde a infância — tudo isto como preparação para o trabalho sério que começou com as nossas sessões.

Esta é uma parte normal da minha atividade em muitos níveis da existência. É um trabalho altamente diversificado, pois as estruturas da personalidade variam. Embora, dentro dos sistemas em que trabalho, existam certas semelhanças básicas, em algumas dimensões eu não estaria preparado para ser professor, simplesmente porque os conceitos básicos da experiência seriam estranhos à minha natureza, e os próprios processos de aprendizagem estariam fora da minha experiência.

As vossas ideias acerca do espaço são profundamente erradas. Por isso, nos meus contactos com a vossa esfera de atividade, não atravesso céus dourados e brilhantes, como algum super-homem espiritual, para entrar no vosso domínio físico.

Falarei disto num capítulo posterior, mas, de uma forma muito real, o espaço, tal como o percecionais, simplesmente não existe. A ilusão do espaço não é apenas causada pelos vossos mecanismos físicos de percepção; é também causada por padrões mentais que aceitastes — padrões adotados pela consciência quando esta atinge determinado estágio de “evolução” dentro do vosso sistema.

Quando entras, ou emerges, na vida física, a tua mente não é uma folha em branco à espera dos pergaminhos que a experiência escreverá sobre ela. Já estás equipado com um banco de memória que ultrapassa largamente o de qualquer computador. Enfrentas o teu primeiro dia no planeta com capacidades e aptidões já incorporadas, embora possam ou não ser utilizadas; e elas não são meramente resultado da hereditariedade tal como a concebes.

Podes pensar na tua Alma — embora apenas brevemente e para efeitos desta analogia — como uma espécie de computador consciente e vivo, divinamente inspirado, que programa as suas próprias existências e vidas. Mas este computador é tão ricamente dotado de criatividade que cada uma das várias personalidades que programa desperta para a consciência e para o canto, e, por sua vez, cria realidades que talvez nem o próprio computador tivesse imaginado.

Cada personalidade desse tipo, contudo, vem equipada com uma conceção incorporada da realidade em que irá operar, e o seu equipamento mental é altamente ajustado a ambientes muito especializados. Possui plena liberdade, mas tem de operar dentro do contexto de existência para o qual foi programada. Dentro da personalidade, porém, nos recessos mais secretos, encontra-se o conhecimento condensado que reside no computador como totalidade. Tenho de sublinhar que não estou a dizer que a Alma seja um computador; peço-te apenas que olhes para a questão sob esta luz, para tornar claros vários pontos.

Cada personalidade possui dentro de si a capacidade não só de adquirir um novo tipo de existência no ambiente — no vosso caso, na realidade física —, mas também de acrescentar criativamente à própria qualidade da sua consciência e, ao fazê-lo, abrir caminho através do sistema especializado, rompendo as barreiras da realidade tal como a conhece.

Há um propósito em tudo isto, que também será discutido mais tarde. Menciono aqui todo este tema, contudo, porque quero que

vejas que o teu ambiente não é real nos termos em que imaginas que o seja. Quando nasceste, portanto, já estás “condicionado” a perceber a realidade de determinada maneira e a interpretar a experiência dentro de uma faixa muito limitada, embora intensa.

Tenho de explicar isto antes de poder dar-te claramente uma ideia do meu ambiente, ou desses outros sistemas de realidade em que opero. Não existe espaço entre o meu ambiente e o teu, por exemplo, nem fronteiras físicas que nos separem. Falando de uma forma muito real, o teu conceito de realidade, tal como é visto através dos sentidos físicos, dos instrumentos científicos ou alcançado por dedução, tem pouca semelhança com os factos — e os factos são difíceis de explicar.

Os vossos sistemas planetários existem todos ao mesmo tempo, simultaneamente, tanto no tempo como no espaço. O universo que pareces perceber, quer visualmente quer através de instrumentos, parece ser composto por galáxias, estrelas e planetas situados a várias distâncias de ti. Basicamente, contudo, isto é uma ilusão. Os teus sentidos e a tua própria existência como criatura física programam-te para perceber o universo dessa maneira. O universo, tal como o conheces, é a tua interpretação de acontecimentos à medida que estes entram na tua realidade tridimensional.

Isto não significa que não possas viajar para outros planetas, por exemplo, dentro desse universo físico, tal como também não significa que não possas usar mesas para sustentar livros, copos e laranjas, embora a mesa não possua qualidades sólidas próprias.

Quando entro no vosso sistema, movo-me através de uma série de acontecimentos mentais e psíquicos. Interpretarias esses acontecimentos como espaço e tempo e, por isso, muitas vezes tenho de usar esses termos, pois tenho de usar a tua linguagem em vez da minha.

Os pressupostos de raiz são aquelas ideias incorporadas acerca da realidade de que falei — aqueles acordos sobre os quais baseias as tuas ideias de existência. O espaço e o tempo, por exemplo, são pressupostos de raiz. Cada sistema de realidade possui o seu próprio conjunto desses acordos. Quando comunico dentro do vosso sistema, tenho de usar e compreender os pressupostos de raiz em que ele se baseia. Como professor, faz parte do meu trabalho compreendê-los e utilizá-los, e tive existências em muitos sistemas desse tipo como parte daquilo a que poderias chamar a minha formação básica; embora, nos vossos termos, os meus associados e eu tivéssemos outros nomes para eles.

A Alma possui uma natureza muito mais criativa e complexa do que até as vossas religiões alguma vez lhe atribuíram.

Utiliza inúmeros métodos de percepção e tem ao seu dispor muitos outros níveis de consciência. A vossa ideia da Alma é, de facto, limitada pelos vossos conceitos tridimensionais. A Alma pode mudar o foco da sua consciência, e usa a consciência como tu usas os olhos na tua cabeça. Neste ponto, no meu nível de existência, estou simplesmente consciente do facto — por estranho que possa parecer — de que não sou a minha consciência. A minha consciência é um atributo que posso usar. Isto aplica-se a cada um dos leitores

deste livro, embora esse conhecimento possa estar oculto. A Alma, portanto, é mais do que consciência.

Quando entro no vosso ambiente, volto, portanto, a minha consciência na vossa direção. De certo modo, traduzo aquilo que sou num acontecimento que consegues compreender até certo ponto. De uma forma muito mais limitada, qualquer artista faz o mesmo quando traduz aquilo que é, ou uma expressão disso, numa pintura. Há aqui, pelo menos, uma analogia evocativa.

Quando entro no vosso sistema, irrompo na realidade tridimensional, e vós tendes de interpretar aquilo que acontece à luz dos vossos próprios pressupostos de raiz. Percebas ou não, cada um de vós irrompe noutros sistemas de realidade nos estados de sonho sem a participação plena do eu quotidiano da Personalidade de Foco. Na experiência subjetiva, deixas para trás a existência física e ages, por vezes, com forte propósito e validade criativa dentro de sonhos que esqueces no instante em que acordas.

Quando pensas no propósito da tua existência, pensas em termos da vida diária de vigília; mas também trabalhas no teu propósito nessas outras dimensões oníricas, e estás então em comunicação com outras expressões da tua própria Alma, envolvidas em empreendimentos tão válidos como aqueles em que estás envolvido na vida de vigília.

Portanto, quando contacto a vossa realidade, é como se entrasse num dos vossos sonhos. Posso estar consciente de mim próprio enquanto dito este livro através de Jane Roberts e, ao mesmo

tempo, estar consciente de mim próprio no meu próprio ambiente; pois envio apenas uma expressão de mim próprio para aqui, tal como tu talvez envies uma expressão focalizada da tua consciência ao escrever uma carta a um amigo, permanecendo ainda consciente da divisão onde estás sentado. Envio muito mais do que tu envias numa carta, pois uma expressão da minha consciência está agora dentro da mulher em transe enquanto dito; mas a analogia é suficientemente próxima.

O meu ambiente, como mencionei anteriormente, não é o de uma personalidade recentemente morta, nos vossos termos, mas mais tarde descreverei aquilo que podes esperar nessas condições. Uma grande diferença entre o vosso ambiente e o meu é que vós tendes de materializar fisicamente os atos mentais como matéria física. Nós compreendemos a realidade dos atos mentais e reconhecemos a sua validade brilhante. Aceitamo-los pelo que são e, portanto, estamos para além da necessidade de os materializar e interpretar de uma forma tão rígida.

A vossa Terra foi-me muito querida. Posso agora voltar o foco da minha consciência para ela e, se escolher, experienciá-la como tu a experienciar; mas também posso percecioná-la de muitas maneiras que tu não consegues no teu tempo.

Neste ponto, alguns de vós que leem este livro compreenderão imediatamente e de forma intuitiva aquilo que estou a dizer, pois já terão suspeitado que estão a ver a experiência através de lentes figurativas altamente distorcidas, embora coloridas. Lembra-te também de que, se a realidade física é, num sentido mais amplo,

uma ilusão, ela é uma configuração virtual da Realidade maior: não é falsa, mas uma forma válida, focalizada e funcional de experiência. Assim, a própria ilusão tem um propósito e um significado.

Talvez seja melhor dizer que a realidade física é uma das formas que a Realidade assume. No vosso sistema, contudo, estais focalizados de forma muito mais intensa num aspeto relativamente pequeno da experiência.

Podemos viajar livremente através de números variáveis dessas realidades. A nossa experiência, neste ponto, inclui o nosso trabalho em cada uma delas. Não pretendo minimizar a importância das vossas personalidades presentes, nem da existência física. Pelo contrário.

A experiência tridimensional é um lugar de treino inestimável. A tua personalidade, tal como agora a conheces, irá de facto perseverar, com as suas memórias; mas é apenas uma parte da tua identidade inteira, tal como a tua infância nesta vida é uma parte extremamente importante da tua personalidade presente, embora agora sejas muito mais do que uma criança.

Continuarás a crescer e a desenvolver-te, e tornar-te-ás consciente de outros ambientes, tal como deixaste a casa da tua infância. Mas os ambientes não são coisas objetivas, aglomerações de objetos que existem independentemente de ti. Pelo contrário, formas esses ambientes, e eles são literalmente extensões de ti

próprio: atos mentais materializados que se expandem para fora do foco da tua consciência.

Dir-te-ei exatamente como formas o teu ambiente. Eu formo o meu seguindo as mesmas regras, embora tu acabes com objetos físicos e eu não.

Os vossos cientistas estão finalmente a aprender aquilo que os filósofos sabem há séculos — que a mente pode influenciar a matéria. Ainda têm de descobrir o facto de que a mente cria e forma a matéria.

O teu ambiente mais próximo, fisicamente falando, é o teu corpo. Ele não é uma espécie de manequim dentro do qual estás aprisionado, existindo separado de ti como um invólucro. O teu corpo não é belo ou feio, saudável ou deformado, rápido ou lento simplesmente porque esse foi o tipo de corpo que te foi imposto indiscriminadamente ao nascimento. Pelo contrário, a tua forma física, o teu ambiente pessoal corpóreo, é a materialização física dos teus próprios pensamentos, emoções e interpretações.

Literalmente, a psique — enquanto campo organizador da experiência — forma o corpo, traduzindo magicamente pensamentos e emoções nos seus equivalentes físicos. Tu cultivas o corpo. A sua condição espelha perfeitamente o teu estado subjetivo em qualquer momento. Usando átomos e moléculas, constróis o teu corpo, organizando elementos básicos numa forma a que chamas tua.

Estás intuitivamente consciente de que formas a tua imagem e de que és independente dela. Não percebes que crias o teu ambiente mais amplo e o mundo físico tal como o conheces, projetando os teus pensamentos e emoções na matéria — uma irrupção na vida tridimensional. A psique, portanto, individual e coletivamente, envia a sua energia psíquica para fora, formando tentáculos que coalescem em forma.

Cada emoção e pensamento possui a sua própria realidade eletromagnética, completamente única. Está altamente equipada para se combinar com outras unidades compatíveis, de acordo com as várias faixas de intensidade que possas incluir. De certo modo, os objetos tridimensionais são formados de maneira algo semelhante àquela como se formam as imagens que vês no ecrã da televisão, mas com uma grande diferença. E, se não estiveres sintonizado nessa frequência específica, não percecionarás de todo os objetos físicos.

Cada um de vós atua como transformador, inconsciente e automaticamente, traduzindo unidades eletromagnéticas altamente sofisticadas em objetos físicos. Estás no meio de um “sistema concentrado em matéria”, rodeado, por assim dizer, por áreas mais fracas nas quais persiste aquilo a que chamarias “pseudomateria”. Cada pensamento e emoção existe espontaneamente como uma unidade eletromagnética simples ou complexa — aliás, ainda não percecionada pelos vossos cientistas.

A intensidade determina tanto a força como a permanência da imagem física na qual o pensamento ou a emoção será

materializado. No conjunto do meu material, explico isto em profundidade. Aqui, quero apenas que compreendas que o mundo que conheces é o reflexo de uma realidade interior.

És feito, basicamente, dos mesmos ingredientes que uma cadeira, uma pedra, uma alface, uma ave. Num gigantesco empreendimento cooperativo, toda a consciência se une para formar as formas que percecionas. Como isto é conhecido por nós, podemos mudar os nossos ambientes e as nossas próprias formas físicas como quisermos, e sem confusão, pois percecionamos a realidade que está por baixo.

Também compreendemos que a permanência da forma é uma ilusão — no sentido de uma configuração virtual e funcional da Realidade, não de falsidade —, visto que toda a consciência tem de estar em estado de mudança. Podemos estar, nos vossos termos, em vários lugares ao mesmo tempo, porque compreendemos a verdadeira mobilidade da consciência. Sempre que pensas emocionalmente noutra pessoa, envias um equivalente de ti próprio, abaixo da intensidade da matéria, mas ainda assim uma forma definida. Esta forma, projetando-se para fora do foco da tua própria consciência, escapa completamente à atenção do teu Ego Exterior. Quando penso emocionalmente noutra pessoa, faço o mesmo, exceto que uma expressão da minha consciência está dentro da imagem e pode comunicar.

Os ambientes são, antes de mais, criações mentais da consciência projetadas em muitas formas. Tenho um escritório do século XIV, o meu preferido, com o qual estou muito satisfeito, por

exemplo. Nos vossos termos físicos, ele não existe, e sei perfeitamente que é uma produção mental minha. Contudo, desfruto dele e, muitas vezes, assumo uma forma física para me sentar à secretária e olhar pela janela para a paisagem.

Tu fazes a mesma coisa quando te sentas na tua sala de estar, mas não percebes aquilo que estás a fazer; e, presentemente, estás um pouco limitado. Quando os meus associados e eu nos encontramos, muitas vezes traduzimos os pensamentos uns dos outros em várias figuras e formas, por puro prazer na prática. Temos aquilo a que poderias chamar um jogo, que exige alguma perícia, no qual, para nossa diversão, vemos qual de nós consegue traduzir determinado pensamento no maior número de formas.

Há qualidades tão subtis a afetar a natureza de todo o pensamento, gradações emocionais tão finas, que nenhum pensamento é alguma vez idêntico a outro — e, incidentalmente, nenhum objeto físico no vosso sistema é uma duplicação exata de qualquer outro. Os átomos e moléculas que compõem qualquer objeto possuem as suas próprias identidades, que colorem e qualificam o objeto que formam.

Aceitas, percecionas e focalizas-te em continuidades e semelhanças quando percecionas objetos físicos de qualquer tipo; e, de modo muito importante, exclus e ignoras as diferenças dentro de um determinado campo de atualidade. Portanto, és altamente discriminador, aceitando certas qualidades e ignorando outras. Os teus corpos não mudam apenas por completo de sete em sete anos, por exemplo. Mudam constantemente a cada respiração.

Dentro da carne, átomos e moléculas morrem e são substituídos constantemente. As hormonas encontram-se num estado constante de movimento e alteração. As propriedades eletromagnéticas da pele e das células saltam e mudam continuamente, chegando mesmo a inverter-se. A matéria física que compunha o teu corpo há um instante é diferente, em aspetos importantes, da matéria que forma o teu corpo neste preciso momento.

Se percecionasses a mudança constante dentro do teu corpo com a mesma persistência com que atentas à sua natureza aparentemente permanente, ficarias espantado por alguma vez teres considerado o corpo como uma forma mais ou menos constante, mais ou menos coesa. Mesmo subjetivamente, focalizaste na ideia de uma individualidade consciente relativamente estável, relativamente permanente — e, na verdade, fabricas essa ideia. Enfatizas aquelas ideias, pensamentos e atitudes que recordas da experiência “passada” como sendo teus, ignorando por completo aqueles que em tempos foram “característicos” e agora desapareceram — ignorando também o facto de que não podes reter um pensamento. O pensamento de há um momento, nos teus termos, desvanece-se.

Tentas manter uma individualidade física e subjetiva relativamente constante e permanente, para manteres um ambiente igualmente constante e relativamente permanente. Assim, estás sempre numa posição em que ignoras essas mudanças. Aquelas que recusas reconhecer são precisamente as que te dariam uma compreensão muito melhor da verdadeira

natureza da realidade, da subjetividade individual e do ambiente físico que parece rodear-te.

O que acontece a um pensamento quando ele deixa a tua mente consciente? Ele não desaparece simplesmente. Podes aprender a segui-lo, mas geralmente tens medo de afastar a tua atenção do seu foco intenso na existência tridimensional. Por isso, parece-te que o pensamento desaparece. Parece também que a tua subjetividade possui uma qualidade misteriosa e desconhecida, e que até a tua vida mental tem uma espécie de ponto de queda insidioso, um precipício subjetivo sobre o qual pensamentos e memórias caem, desaparecendo no nada. Assim, para te protegeres, para protegeres a tua subjetividade de se dispersar, ergues várias barreiras psíquicas nos pontos que supões serem perigosos. Em vez disso, como vês, podes seguir esses pensamentos e emoções simplesmente compreendendo que a tua própria realidade continua noutra direção, além daquela com que te identificas principalmente. Pois esses pensamentos e emoções que deixaram a tua mente consciente conduzir-te-ão a outros ambientes.

Essas aberturas subjetivas através das quais os pensamentos parecem desaparecer são, na verdade, como dobras psíquicas — aberturas interdimensionais da psique —, ligando o self que conheces, isto é, o eu quotidiano da Personalidade de Foco, a outros universos de experiência: realidades onde os símbolos ganham vida e os pensamentos não veem negado o seu potencial.

Existe comunicação entre essas outras realidades e a tua nos estados de sonho, e uma interação constante entre ambos os sistemas. Se existe algum ponto em que a tua própria consciência parece escapar-te ou iludir-te, ou se existe algum ponto em que a tua consciência parece terminar, então esses são os pontos onde vós próprios erguestes barreiras psíquicas, e são precisamente essas áreas que deveis explorar. Caso contrário, sentes como se a tua consciência estivesse encerrada dentro do teu crânio, imóvel e contraída, e cada pensamento perdido ou memória esquecida parece, pelo menos simbolicamente, uma pequena morte. E não é esse o caso.

Síntese Operativa

Este capítulo mostra que o trabalho de Seth não é apenas comunicar informação. É um trabalho de ensino interdimensional, feito através da compreensão dos sistemas de realidade, dos seus pressupostos de raiz, das estruturas psíquicas dos alunos e dos modos pelos quais a consciência cria ambiente, corpo, forma e experiência.

A função central do capítulo é esta:

a consciência atravessa realidades, traduz-se em formas e comunica através de estruturas psíquicas adaptadas a cada sistema de experiência.

1. A comunicação entre personalidades multidimensionais

Seth começa por explicar que, no seu nível de existência, as relações não são limitadas à identidade presente. Ele e os seus associados estão conscientes dos seus selves passados, das personalidades adotadas em outras existências e das ligações estabelecidas em diferentes contextos experienciais.

A telepatia é aqui apresentada não como fenómeno extraordinário, mas como modo natural de comunicação entre consciências.

personalidade multidimensional → memória de múltiplas existências → relações ampliadas → comunicação telepática

Isto altera a noção comum de amizade, intimidade e encontro: uma relação pode ser retomada através de experiências partilhadas em diferentes épocas ou sistemas de realidade.

2. Pensamentos e emoções como forças criativas

Seth afirma que ninguém escapa à criatividade da imagem mental ou da emoção.

Pensamentos e emoções não são conteúdos internos passivos. São forças formativas, com realidade própria.

Pensamento → imagem mental → realidade eletromagnética → potencial de forma

Emoção → intensidade → energia organizadora → materialização possível

O ponto operativo é essencial:

pensamento e emoção são unidades criativas que participam na formação da experiência.

Esta ideia prepara a explicação posterior do corpo, do ambiente e dos objetos físicos como materializações de atos mentais.

3. Energia, propósito e jogo criativo

Seth descreve o seu nível de existência como altamente motivado, mas não orientado por conflito. A energia não é desviada para tensões internas; é usada em propósitos criativos.

Cada Self Total, ou personalidade multidimensional, possui propósitos, missões e empreendimentos criativos que fazem parte da sua própria natureza.

energia livre de conflito → propósito → empreendimento criativo
→ desdobramentos inesperados → novas vias de experiência

O capítulo introduz também a ideia de jogo criativo: a criatividade nasce da espontaneidade, da mobilidade da consciência e da alegria exploratória.

Este “jogo” não é frivolidade. É uma forma elevada de criatividade responsável.

Jogo → espontaneidade intuitiva → exploração da consciência → abertura de caminhos → uso posterior por outras consciências

4. Ensino interdimensional

Seth apresenta o seu trabalho como professor. Esse ensino não consiste simplesmente em transmitir informação. Antes de ensinar, ele tem de compreender:

sistema de realidade do aluno → símbolos significativos → estrutura psíquica → estabilidade da personalidade → capacidade de integração

O ensino interdimensional exige cuidado, porque ideias novas podem alterar estruturas anteriores da personalidade.

Seth não força o aluno para além daquilo que consegue integrar. O desenvolvimento tem de ocorrer com equilíbrio entre os vários níveis da personalidade.

Formulação operativa:

o ensino interdimensional é uma tradução gradual de conhecimento entre sistemas, ajustada à estabilidade e à linguagem simbólica da Personalidade de Foco.

5. Jane/Ruburt como caso de preparação psíquica

Seth explica que o contacto com Jane começou antes das sessões formais. As inspirações poéticas, os estados de transe iniciais e certos episódios psíquicos anteriores funcionaram como preparação gradual.

dons psíquicos desde a infância → canalização pela poesia → preparação simbólica e criativa → episódios de transe → sessões formais com Seth

Isto é importante porque mostra que a mediunidade, no caso de Jane/Ruburt, não surge como invasão súbita, mas como desenvolvimento progressivo de uma estrutura psíquica já existente.

Seth atua como orientador, mas não anula a personalidade de Jane. O processo respeita a sua integridade, o seu ritmo e os seus modos criativos.

6. Pressupostos de raiz

O capítulo introduz um conceito fundamental: pressupostos de raiz.

São os acordos incorporados que definem como uma consciência irá perceber e interpretar determinado sistema de realidade.

Exemplos:

- espaço
- tempo
- sequência
- distância
- corpo
- matéria
- separação
- causalidade física

Estes pressupostos não são verdades absolutas. São regras perceptivas internas a um sistema.

pressupostos de raiz → organizam percepção → definem experiência possível → estabilizam uma realidade

Seth precisa de compreender esses pressupostos para comunicar conosco, tal como um professor precisa de compreender a língua e os símbolos dos seus alunos.

7. O espaço como interpretação

Seth afirma que o espaço, tal como o percebemos, não existe de forma absoluta. É uma interpretação produzida pelos mecanismos perceptivos e pelos padrões mentais aceites pela consciência no sistema físico.

Acontecimentos → entram na realidade tridimensional → são interpretados pelos sentidos físicos → aparecem como espaço, distância e separação

Assim, quando Seth “entra” no nosso sistema, não atravessa espaço físico. Move-se através de acontecimentos mentais e psíquicos que nós interpretaríamos como espaço e tempo.

O espaço é, portanto, uma tradução perceptiva de relações entre acontecimentos.

8. A Alma e a consciência como foco

Este capítulo estabiliza uma analogia central:

a Alma não é a consciência; usa a consciência como instrumento ou foco perceptivo, tal como usamos os olhos.

A Alma possui uma natureza mais ampla do que a consciência. Pode mudar o foco da sua consciência e direcioná-lo para diferentes sistemas de realidade.

Alma → identidade ampliada / organizadora

Consciência → atributo, instrumento, foco perceptivo

foco da consciência → entrada em realidades, sonhos, comunicações e sistemas

Esta analogia abre uma distinção muito importante para a Topologia da Consciência:

Identidade ≠ consciência

Consciência = modo de focalização da identidade

A Alma é mais do que consciência porque não apenas percebe; organiza, sustenta e integra múltiplos focos de experiência.

9. Níveis de foco na Topologia da Consciência

A analogia Alma–consciência permite uma extensão topológica:

Self Total → foco mais abrangente

Alma → foco ampliado de continuidade identitária

Personalidade de Foco → foco experiencial fisicamente orientado

Ego Exterior → foco local da mente consciente

Cada nível pode ser entendido como um “corpo” funcional — não físico — com o seu próprio alcance de consciência.

nível identitário → alcance de foco → campo de percepção → tipo de experiência

Isto permite compreender por que Seth pode estar consciente do seu próprio ambiente e, ao mesmo tempo, projetar uma expressão da sua consciência para Jane/Ruburt.

10. Sonhos como irrupção noutros sistemas

Seth afirma que, nos estados de sonho, cada pessoa irrompe noutros sistemas de realidade sem a participação plena do eu quotidiano da Personalidade de Foco.

sono / sonho → redução do foco físico → abertura a outros sistemas → ação com propósito e validade criativa → esquecimento ao acordar

O sonho não é fantasia sem valor. É uma via de participação real noutros ambientes da experiência.

As atividades oníricas estão ligadas ao propósito da existência tanto quanto a vida diária de vigília.

11. Ilusão como configuração virtual da Realidade

O capítulo aprofunda a palavra ilusão.

Aqui, “ilusão” não significa falso, inexistente ou enganador. Significa uma configuração experiencial válida, criada por uma Realidade maior.

Formulação estabilizada:

a realidade física é uma configuração virtual da Realidade maior: não é falsa, mas uma forma válida, focalizada e funcional de experiência.

Realidade maior → configuração virtual → realidade física → experiência válida com propósito e significado

Assim, a realidade física é ilusão no mesmo sentido em que é uma interface: permite determinada experiência, mas não esgota a Realidade.

12. O ambiente como extensão da consciência

Seth afirma que os ambientes não são coisas objetivas independentes. São extensões da consciência.

atos mentais → projeção → materialização → ambiente

O ambiente físico é, portanto, uma organização materializada de atos mentais. Seth forma o seu ambiente segundo regras semelhantes, mas sem produzir objetos físicos densos.

Formulação operativa:

o ambiente é consciência exteriorizada como campo de experiência.

13. O corpo como ambiente mais próximo

Seth dá um passo decisivo: o corpo é o ambiente físico mais próximo da personalidade.

O corpo não é um manequim onde a consciência está aprisionada. É uma materialização dos pensamentos, emoções e interpretações.

- pensamentos
- emoções
- interpretações

↓

- psique como campo organizador

↓

- tradução em equivalentes físicos

↓

- corpo

A psique, enquanto campo organizador da experiência, forma o corpo usando átomos e moléculas.

O corpo é cultivado pela própria interioridade.

14. Pensamentos, emoções e unidades eletromagnéticas

Cada pensamento e emoção possui uma realidade eletromagnética própria. Essas unidades combinam-se com outras unidades compatíveis, segundo faixas de intensidade, e podem coalescer em forma física.

pensamento / emoção → unidade eletromagnética → combinação por intensidade → pseudomatéria → matéria física

O ser humano atua como transformador inconsciente:

unidades eletromagnéticas → tradução inconsciente → objetos físicos

Isto reforça o princípio: a matéria é uma tradução de atos mentais e psíquicos.

15. Permanência da forma como ilusão virtual

A permanência da forma é uma ilusão no sentido virtual: parece estável porque a percepção seleciona continuidades e ignora diferenças.

O corpo muda constantemente:

Respiração → alteração molecular → alteração hormonal → mudança eletromagnética → renovação da matéria física

A estabilidade corporal é uma construção percetiva. O mesmo vale para a individualidade consciente.

16. Individualidade consciente

Este capítulo estabiliza uma ancoragem nova:

individualidade consciente — sentido subjetivo de eu, relativamente estável, fabricado e mantido pela experiência.

Seth explica que o ser humano fabrica a ideia de um self consciente relativamente permanente, escolhendo certas continuidades e ignorando mudanças.

memórias selecionadas → ideias recorrentes → atitudes reconhecidas como “minhas” → sentido de eu → individualidade consciente

A individualidade não é falsa. É funcional. Mas é dinâmica, não uma entidade fixa.

17. Barreiras psíquicas e dobras psíquicas

Seth pergunta: o que acontece a um pensamento quando sai da mente consciente?

Ele não desaparece. Continua noutra direção. Pode ser seguido para outros ambientes de experiência.

As zonas onde os pensamentos parecem desaparecer são:

dobras psíquicas — aberturas interdimensionais da psique.

pensamento deixa a mente consciente → parece desaparecer
→ abre uma dobra psíquica → liga o eu quotidiano da Personalidade de Foco a outros universos de experiência

As barreiras psíquicas são criadas onde a consciência teme perder-se. Mas esses pontos são precisamente aqueles que devem ser explorados.

18. Morte simbólica e continuidade da consciência

Quando um pensamento se perde, ou uma memória é esquecida, isso pode parecer uma pequena morte simbólica. Seth rejeita essa leitura.

Nada desaparece simplesmente. Pensamentos, emoções e memórias continuam a existir em outras direções da experiência.

perda aparente → não desaparecimento → continuidade noutra direção → acesso possível por canais interiores

Isto reforça a tese maior: a consciência não termina onde o Ego Exterior deixa de acompanhar.

Estrutura Operativa do Capítulo

Alma → usa a consciência como foco

Consciência → projeta atos mentais

atos mentais → unidades eletromagnéticas

unidades eletromagnéticas → pseudomatéria

pseudomatéria → matéria física

matéria física → corpo e ambiente

individualidade consciente → seleciona continuidades

percepção física → estabiliza forma

barreiras psíquicas → bloqueiam a continuidade da experiência

dobras psíquicas → abrem passagem para outros universos

Núcleo Operativo

O Capítulo 3 mostra que a realidade física é uma forma virtual e funcional da Realidade maior, produzida por atos mentais, emoções e interpretações organizados pela psique.

O corpo é o ambiente mais próximo.

O ambiente é extensão da consciência.

O espaço é interpretação.

A matéria é tradução.

A individualidade consciente é uma continuidade fabricada.

A Alma usa a consciência como foco.

E aquilo que parece desaparecer da mente consciente continua noutras direções da experiência.

Formulação final

A realidade física é consciência traduzida em forma. O corpo é o ambiente íntimo dessa tradução; o mundo é a sua extensão; e a individualidade consciente é o foco relativamente estável que permite habitar essa configuração virtual da Realidade maior.

CAPÍTULO 4

Ambientes Reencarnacionais

O teu próprio ambiente inclui muito mais do que poderás ter suposto. Anteriormente, referi-me ao teu ambiente em termos da existência física diária e dos arredores com os quais estás atualmente ligado. Na realidade, estás consciente de muito pouco do teu ambiente mais amplo e mais extenso. Considera a tua individualidade presente como um ator numa peça; não é propriamente uma analogia nova, mas é adequada. A cena está situada no século XX. Criais os adereços, os cenários, os temas; na verdade, escreveis, produzis e representais toda a produção — tu e todos os outros indivíduos que nela participam.

Estais, contudo, tão focalizados nos vossos papéis; tão fascinados pela realidade que criastes; tão absorvidos pelos problemas, desafios, esperanças e tristezas dos vossos papéis particulares, que vos esquecestes de que são criação vossa. Este drama intensamente comovente, com todas as suas alegrias e tragédias, pode ser comparado com a tua vida presente, o teu ambiente presente, tanto individual como coletivamente.

Mas há outras peças a decorrer simultaneamente, nas quais também tens um papel a desempenhar. Essas peças têm os seus próprios cenários, os seus próprios adereços. Ocorrem em

diferentes períodos de tempo. Uma pode chamar-se “Vida no século XII d.C.”. Outra pode chamar-se “Vida no século XVIII”, ou “em 500 a.C.”, ou “em 3000 d.C.”. Tu também crias essas peças e representas nelas. Esses cenários também representam o teu ambiente — o ambiente mais amplo que envolve a tua personalidade multidimensional, ou Self Total.

Estou, contudo, a falar da expressão de ti que participa nesta peça de época particular — isto é, da Personalidade de Foco fisicalizada neste ambiente reencarnacional —; e essa expressão específica da tua personalidade multidimensional está tão focalizada dentro deste drama que não estás consciente das outras expressões nas quais também desempenhas um papel. Não compreendes a tua própria realidade multidimensional; por isso, parece estranho ou inacreditável quando te digo que vives muitas existências ao mesmo tempo. É-te difícil imaginar estar em dois lugares ao mesmo tempo, quanto mais em dois ou mais tempos, ou séculos, em simultâneo.

Dito de forma simples, o tempo não é uma série de momentos. As palavras que dizes, os atos que realizas, parecem ocorrer no tempo, tal como uma cadeira ou uma mesa parecem ocupar espaço. Estas aparências, contudo, fazem parte dos adereços complexos que preparaste “antecipadamente”, e, dentro da peça, tens de aceitá-las como reais.

As quatro horas da tarde são uma referência muito conveniente. Podes dizer a um amigo: “Encontro-me contigo às quatro horas na esquina”, ou num restaurante, para tomar uma bebida, conversar

ou fazer uma refeição, e o teu amigo saberá precisamente onde e quando te encontrará. Isto acontecerá apesar de as quatro horas da tarde não terem qualquer significado básico, sendo apenas uma designação acordada — um acordo de cavalheiros, se preferires. Se fores ao teatro às nove horas da noite, mas as ações da peça ocorrerem durante as horas da manhã, e os atores forem mostrados a tomar o pequeno-almoço, aceitas o tempo como dado dentro da peça teatral. Finges também que é manhã.

Cada um de vós está agora envolvido numa produção muito maior, na qual todos concordais com certos pressupostos básicos que servem de enquadramento para que a peça possa ocorrer. Esses pressupostos são: que o tempo é uma série de momentos uns a seguir aos outros; que existe um mundo objetivo bastante independente da tua própria criação e perceção dele; que estás preso aos corpos físicos que vestiste; e que estás limitado pelo tempo e pelo espaço.

Outros pressupostos aceites pela mesma razão incluem a ideia de que toda a perceção vem através dos sentidos físicos; por outras palavras, que toda a informação vem de fora, e que nenhuma informação pode vir de dentro. Por isso, sois levados a focalizar-vos intensamente nas ações da peça. Estas várias peças, estas peças de época criativas, representam aquilo a que chamaríeis vidas reencarnacionais.

Todas elas existem, basicamente, ao mesmo tempo. Aqueles que ainda estão envolvidos nestes seminários passionais altamente complexos — chamados existências reencarnacionais — têm

dificuldade em ver para além deles. Alguns, descansando entre produções, por assim dizer, tentam comunicar com aqueles que ainda participam; mas eles próprios estão apenas nos bastidores, por assim dizer, e só conseguem ver até certo ponto.

As peças parecem ocorrer umas antes das outras, e, por isso, essas comunicações parecem intensificar a falsa ideia de que o tempo é uma série de momentos, passando numa única linha desde um início inconcebível até um fim igualmente inconcebível.

Isto leva-vos a pensar em termos de um progresso muito limitado, tanto individualmente como em termos da vossa espécie como um todo. Aqueles de vós que chegaram sequer a considerar a reencarnação pensam: "Bem, certamente a raça deve ter progredido desde a Idade Média", embora temais profundamente que não tenha; ou então voltais-vos para o progresso tecnológico e dizeis: "Pelo menos, nessa direção avançámos muito."

Podeis sorrir e pensar para vós próprios que é bastante difícil imaginar um senador romano a dirigir-se às multidões através de um microfone, por exemplo, com os seus filhos a assistir à sua atuação pela televisão. Mas tudo isto é profundamente enganador. O progresso não existe nos termos em que o considerais, tal como o tempo também não existe.

Em cada peça, tanto individual como coletivamente, são estabelecidos diferentes desafios. O progresso pode ser medido em termos das formas particulares como esses desafios foram ou não foram resolvidos. Grandes avanços foram feitos em certos períodos.

Por exemplo, surgiram grandes ramificações que, do vosso ponto de vista, talvez não considerásseis progresso de todo.

Em algumas peças, falando de forma geral, cada ator trabalha numa parte aparentemente minúscula de um desafio maior que a própria peça pretende resolver.

Embora eu use aqui a analogia de um drama, estas “peças” são acontecimentos altamente espontâneos, nos quais os atores têm plena liberdade dentro do enquadramento da peça. E, aceites estes pressupostos, não há ensaios. Há observadores, como verás mais adiante no nosso livro. Como em qualquer boa produção teatral, existe um tema global dentro de cada peça. Os grandes artistas, por exemplo, não emergiram de uma época particular simplesmente porque nasceram nela, ou porque as condições eram favoráveis.¹

A peça em si estava relacionada com a atualização da verdade intuitiva naquilo a que chamaríeis forma artística, com uma criatividade de resultados tão vastos e abrangentes que serviria para despertar capacidades latentes em cada ator e para funcionar como modelo de comportamento.

Períodos de renascimento — espiritual, artístico ou psíquico — ocorrem porque o intenso foco interior dos envolvidos no drama é direcionado para esses fins. O desafio pode ser diferente em cada

¹ Segundo Seth, cada indivíduo escolhe o tempo e o lugar de cada “vida” no seu ciclo reencarnacional.

peça, mas os grandes temas são faróis para toda a consciência. Funcionam como modelos.

O progresso nada tem que ver com o tempo, como vês, mas com o foco psíquico e espiritual. Cada peça é inteiramente diferente de qualquer outra. Não é correto, portanto, supor que as tuas ações nesta vida são causadas por uma existência anterior, ou que estás a ser punido nesta vida por crimes cometidos numa vida passada. As vidas são simultâneas.

A tua própria personalidade multidimensional está de tal modo equipada que pode ter estas experiências e, ainda assim, conservar a sua identidade. É, naturalmente, afetada pelas várias peças em que participa. Existe comunicação instantânea e, se preferires, um sistema instantâneo de retorno.

Estas peças estão longe de ser desprovidas de propósito. Nelas, a personalidade multidimensional aprende através das suas próprias ações. Experimenta uma variedade infinita de posturas, padrões de comportamento e atitudes, e altera outros em resultado disso.

A palavra “resultado”, como vês, implica automaticamente causa e efeito — a causa ocorrendo antes do efeito —, e isto é apenas um pequeno exemplo da força dessas distorções e das dificuldades inerentes ao pensamento verbal, pois este implica sempre uma delineação em linha única.

Tu és o Self multidimensional que tem estas existências, que cria e participa nestes dramas passionais cósmicos, por assim dizer. É apenas porque agora te focalizas neste papel particular que identificas todo o teu ser com ele. Estabeleceste estas regras para ti próprio por uma razão. E a consciência encontra-se em estado de devir; por isso, este Self multidimensional de que falo não é uma estrutura psicológica concluída e acabada. Também ele se encontra em estado de devir.

Está a aprender a arte da atualização. Traz dentro de si fontes infinitas de criatividade, possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Mas ainda tem de aprender os meios de atualização, e tem de encontrar dentro de si formas de trazer à existência essas criações incontáveis que nele se encontram.

Por isso, cria variedades de condições nas quais operar, e estabelece para si próprio desafios, alguns condenados ao fracasso nos vossos termos, pelo menos inicialmente, porque tem primeiro de criar as condições que permitirão o surgimento de novas criações. E tudo isto é feito com grande espontaneidade e alegria ilimitada.

Portanto, crias muito mais ambientes do que imaginas. Cada ator, ao desempenhar o seu papel, focalizado dentro da peça, possui uma linha orientadora interior. Não é, por isso, deixado abandonado dentro de uma peça cuja criação esqueceu. Possui conhecimento e informação que lhe chegam através daquilo a que chamo os sentidos interiores.

Tem, portanto, outras fontes de informação além daquelas que são estritamente dadas dentro dos limites da produção. Cada ator sabe isto instintivamente, e há períodos definidos e permitidos dentro da própria peça em que se retira para se renovar. Nesses períodos, é informado, através dos sentidos interiores, dos seus outros papéis, e compreende que é muito mais do que o eu que aparece em qualquer peça específica.

Nesses períodos, compreende que participou na escrita da peça, e fica livre dos pressupostos que o prendem enquanto está ativamente envolvido nas atividades do drama. Esses períodos coincidem, naturalmente, com os vossos estados de sono e condições de sonho; mas há também outros momentos em que cada ator vê com bastante clareza que está rodeado por adereços, e em que a sua visão atravessa subitamente a aparente realidade da produção.

Isto não significa que a peça não seja real, ou que não deva ser levada a sério. Significa, sim, desempenhar um papel — e um papel importante. Cada ator, porém, deve compreender por si mesmo a natureza da produção e a sua parte nela. Tem de se atualizar para além dos limites tridimensionais do cenário da peça.

Existe uma grande cooperação por detrás de produções tão momentosas, e, ao desempenhar o seu papel, cada ator atualiza-se primeiro dentro da realidade tridimensional. O Self multidimensional não pode atuar dentro da realidade tridimensional até materializar uma expressão de si próprio dentro dela.

Dentro desta realidade, ele produz então todos os tipos de criatividade e desenvolvimento que, de outro modo, não poderiam surgir. Depois, porém, tem de se projetar para fora deste sistema através de outro ato, outra atualização realizada por essa expressão tridimensional de si próprio.

Durante a sua existência tridimensional, ajudou outros de maneiras pelas quais eles não poderiam ser ajudados de outro modo, e também ele próprio foi beneficiado e desenvolvido de formas que, de outro modo, seriam impossíveis.

O significado da peça está, portanto, dentro de ti. É apenas a individualidade consciente que atua tão bem e que está tão seguramente focalizada dentro dos adereços da produção.

O propósito de qualquer vida específica está disponível para ti; o conhecimento encontra-se sob a superfície da individualidade consciente que conheces. Todos os tipos de pistas e indícios estão também disponíveis. Tens ao alcance das mãos o conhecimento de toda a tua personalidade multidimensional. Quando compreendes que o tens, esse conhecimento permite-te resolver os problemas ou enfrentar os desafios que estabeleceste para ti próprio mais rapidamente, nos teus termos; e abre também novas áreas de criatividade pelas quais toda a peça ou produção pode ser enriquecida.

Assim, na medida em que permites que as intuições e o conhecimento do Self multidimensional fluam através da individualidade consciente, nessa mesma medida não só

desempenhas o teu papel na peça de forma mais eficaz, como também acrescentas nova energia, novas perceções e criatividade a toda a dimensão.

Neste ponto, parece-te, naturalmente, que és a única parte consciente de ti próprio, pois estás a identificar-te com o ator nesta produção específica. As outras expressões da tua personalidade multidimensional, nesses outros ambientes reencarnacionais, são também conscientes, contudo. E, uma vez que és uma consciência multidimensional, “tu” estás também consciente noutras realidades para além destas.

A tua personalidade multidimensional, a tua verdadeira identidade, o verdadeiro tu, está consciente de si mesma, como si mesma, em qualquer um desses papéis.

Estas “peças de época”, no seu conjunto, têm um propósito particular. Pela própria natureza da consciência, ela procura materializar-se no maior número possível de dimensões — criar, a partir de si mesma, novos níveis de consciência, novos rebentos. Ao fazê-lo, cria toda a realidade. A Realidade, portanto, encontra-se sempre em estado de devir. Os pensamentos que pensas, por exemplo, nos teus papéis de ator, continuam a ser completamente únicos e conduzem a nova criatividade. Certos aspetos da tua própria consciência não poderiam realizar-se de nenhuma outra maneira.

Quando pensas em reencarnação, supões uma série de progressões. Em vez disso, as várias vidas crescem a partir daquilo

que o teu self interior é — isto é, da Alma enquanto personalidade multidimensional. Não te são impostas por alguma agência exterior. São um desenvolvimento material, à medida que a consciência da Alma se abre e se expressa no maior número possível de formas. Não está restringida a uma única vida tridimensional, nem está limitada apenas à existência tridimensional.

A consciência da Alma assume então muitas formas, e essas formas não precisam de ser semelhantes umas às outras, tal como, digamos, uma lagarta não é semelhante a uma borboleta. A Alma tem completa liberdade de expressão. Muda a sua forma para se adequar à sua expressão, e forma ambientes como cenários de palco, e mundos que se ajustam aos seus propósitos. Cada cenário traz consigo novos desenvolvimentos.

A Alma é energia espiritual altamente individualizada. Forma qualquer corpo que agora vestes, e é a força motriz por detrás da tua sobrevivência física, pois dela retiras a tua vitalidade. A consciência, enquanto foco operativo da Alma, nunca pode ficar imóvel; procura sempre mais criatividade.

A Alma, portanto, dota a realidade tridimensional, e a Personalidade de Foco tridimensional, com as suas próprias propriedades. As capacidades da Alma residem dentro dessa Personalidade de Foco. A Personalidade de Foco tridimensional, o ator, tem acesso a essa informação e a esses potenciais. Ao aprender a usar esses potenciais, ao aprender a redescobrir a sua relação com a Alma, a Personalidade de Foco eleva ainda mais o

nível de realização, compreensão e criatividade. A Personalidade de Foco torna-se mais do que sabe ser.

Não só a Alma é fortalecida, como também expressões dela, tendo sido atualizadas na existência tridimensional, acrescentam agora algo à própria qualidade e natureza dessa existência. Sem esta criatividade, a vida planetária, nos vossos termos, seria sempre estéril. A Alma dá então sopro ao corpo e à Personalidade de Foco tridimensional que nele existe. Essa Personalidade de Foco prossegue depois o seu propósito de abrir novas áreas de criatividade.

Por outras palavras, as Almas enviam expressões de si mesmas para abrir vias de realidade que, de outro modo, não existiriam. As Personalidades de Foco tridimensionais, ao existirem dentro dessas realidades, têm de focalizar aí completamente a sua atenção. Um saber interior dá-lhes uma fonte de energia e força. Contudo, devem chegar a compreender os seus papéis enquanto atores, “finalmente” a partir desses papéis, e, através de outro ato de compreensão, regressar à Alma.

Há aqueles que aparecem dentro destas peças plenamente conscientes. Estas personalidades aceitam voluntariamente papéis, sabendo que são papéis, para conduzir os outros à compreensão e ao desenvolvimento necessários. Levam os atores a ver para além dos selves e dos cenários que criaram. Estas personalidades vindas de outros níveis de existência supervisionam a peça, por assim dizer, e aparecem entre os atores. O seu propósito é abrir, dentro das Personalidades de Foco tridimensionais, aquelas portas

psíquicas que libertarão a Personalidade de Foco para um desenvolvimento posterior noutra sistema de realidade.

Estás a aprender a ser cocriador. Estás a aprender a ser deus, tal como agora compreendes o termo. Estás a aprender responsabilidade — a responsabilidade de qualquer consciência individualizada. Estás a aprender a lidar com a energia que és, para fins criativos.

Estarás ligado àqueles que amas e àqueles que odeias, embora venhas a aprender a libertar, abandonar e dissipar o ódio. Aprenderás a usar até o ódio de forma criativa e a orientá-lo para fins mais elevados, transformando-o finalmente em amor. Tornarei isto mais claro em capítulos posteriores.

Os cenários do teu ambiente físico, a parafernália por vezes bela, os aspetos físicos da vida tal como a conheces, são todos camuflagens; e por isso chamo camuflagem à tua realidade física. Contudo, essas camuflagens são compostas pela vitalidade do universo. As rochas, as pedras, as montanhas e a terra são camuflagem viva, redes psíquicas interligadas formadas por consciências minúsculas que não consegues percecionar como tais. Os átomos e moléculas que nelas existem possuem a sua própria consciência, tal como os átomos e moléculas dentro do teu corpo.

Uma vez que todos participais na formação deste cenário físico, e uma vez que tu próprio estás instalado numa forma física, usando os sentidos físicos percecionarás apenas este cenário fantástico. A realidade que existe tanto dentro dele como para além dele irá

escapar-te. No entanto, nem mesmo o ator é inteiramente tridimensional. Ele faz parte de uma Alma enquanto Self multidimensional.

Dentro dele existem métodos de percepção que lhe permitem ver através dos cenários de camuflagem, ver para além do palco. Ele usa constantemente estes sentidos interiores, embora a parte de si que atua esteja tão concentrada na peça que isso lhe escapa. Em larga medida, os sentidos físicos formam efetivamente a realidade física que parecem apenas percecionar. Eles próprios fazem parte da camuflagem, mas são como lentes colocadas sobre as tuas percepções interiores naturais, obrigando-te a “ver” um campo de atividade disponível como matéria física; por isso, só se pode confiar neles para te mostrarem aquilo que está a acontecer de modo superficial. Podes saber, por exemplo, a posição dos outros atores, ou ver as horas pelo relógio, mas estes sentidos físicos não te dirão que o próprio tempo é uma camuflagem, nem que a consciência forma os outros atores, nem que realidades que não consegues ver existem para além da matéria física que se apresenta tão evidente.

Podes, contudo, usando os teus sentidos interiores, percecionar a realidade tal como ela existe independentemente da peça, do teu papel nela e dos sentidos físicos. Para isso, tens naturalmente de desviar, pelo menos por momentos, a tua atenção da atividade constante que está a decorrer — desligar os sentidos físicos, por assim dizer — e voltar a tua atenção para aqueles acontecimentos que antes te escapavam.

De forma muito simplificada, o efeito seria algo semelhante a trocar um par de óculos por outro, pois os sentidos físicos são, basicamente, tão artificiais para a Alma como um par de óculos ou um aparelho auditivo é para o self físico, isto é, para a Personalidade de Foco corporalmente orientada. Por isso, os sentidos interiores raramente são usados de modo plenamente consciente.

Ficarias mais do que desorientado — ficarias bastante aterrorizado, por exemplo — se, entre um momento e o seguinte, o teu ambiente familiar, tal como o conheces, desaparecesse e fosse substituído por outros conjuntos de dados que não estivesses preparado para compreender. Por isso, muita informação proveniente dos sentidos interiores tem de ser traduzida em termos que possas compreender. Por outras palavras, essa informação tem de fazer algum sentido para ti ao nível da Personalidade de Foco tridimensional.

O teu conjunto particular de camuflagens não é o único, como vêes. Outras realidades possuem sistemas inteiramente diferentes, mas todas as personalidades têm sentidos interiores que são atributos da consciência, e, através desses sentidos interiores, mantêm-se comunicações das quais a individualidade normalmente consciente pouco sabe. Parte do meu propósito é tornar conhecidas algumas dessas comunicações.

A Alma, portanto, não é o self que lê este livro. O teu ambiente não é simplesmente o mundo à tua volta tal como o conheces, mas inclui também ambientes de vidas passadas nos quais não estás

agora focalizado. O teu ambiente real é composto pelos teus pensamentos e emoções, pois é a partir deles que formas não só esta realidade, mas cada realidade em que participas.

O teu ambiente real é isento de espaço e tempo tal como os conheces. No teu ambiente real, não tens necessidade de palavras, pois a comunicação é instantânea. No teu ambiente real, formas o mundo físico que conheces.

Os sentidos interiores permitir-te-ão perceber a realidade que é independente da forma física. Por isso, pedirei a todos vós que abandoneis momentaneamente os vossos papéis e experimenteis este exercício simples.

Imagina que estás num palco iluminado, sendo esse palco a divisão onde agora te encontras sentado. Fecha os olhos e imagina que as luzes se apagaram, que o cenário desapareceu e que estás sozinho.

Tudo está escuro. Fica em silêncio. Imagina, com a maior vividez possível, a existência dos sentidos interiores. Por agora, imagina que eles correspondem aos teus sentidos físicos. Limpa da mente todos os pensamentos e preocupações. Mantém-te recetivo. Escuta com muita suavidade, não os sons físicos, mas os sons que chegam através dos sentidos interiores.

Podem começar a surgir imagens. Aceita-as como visões tão válidas como aquelas que vês fisicamente. Imagina que existe um

mundo interior e que ele te será revelado à medida que aprenderes a percecioná-lo com esses sentidos interiores.

Imagina que estiveste cego para esse mundo durante toda a tua vida e que agora comesças lentamente a vê-lo. Não julgues o mundo interior inteiro pelas imagens desconexas que talvez perceções de início, nem pelos sons que talvez oigas primeiro, pois ainda estarás a usar os teus sentidos interiores de forma bastante imperfeita.

Faz este exercício simples durante alguns momentos antes de adormecer ou em estado de repouso. Também pode ser feito mesmo no meio de uma tarefa comum que não exija toda a tua atenção.

Estarás simplesmente a aprender a focalizar-te numa nova dimensão da consciência, tirando, por assim dizer, fotografias rápidas num ambiente estranho. Lembra-te de que estarás apenas a percecionar fragmentos. Aceita-os simplesmente, mas não tentes fazer juízos ou interpretações globais nesta fase.

Dez minutos por dia, para começar, é mais do que suficiente. A informação deste livro está agora a ser dirigida, em certa medida, através dos sentidos interiores da mulher que está em transe enquanto o escrevo. Tal empreendimento é resultado de uma precisão interior altamente organizada e de treino. Ruburt não poderia receber a informação de mim; ela não poderia ser traduzida nem interpretada enquanto estivesse intensamente focalizada no ambiente físico. Assim, os sentidos interiores são canais que proporcionam comunicação entre várias dimensões da existência.

Mesmo aqui, contudo, a informação acaba por ser distorcida até certo ponto ao ser traduzida em termos físicos. Caso contrário, não seria de todo percecionada.

Dediquei algum tempo a sublinhar o facto de que cada um de nós forma o seu próprio ambiente, porque quero que compreendas que a responsabilidade pela tua vida e pelo teu ambiente é tua.

Se acreditas no contrário, então estás limitado; o teu ambiente representa então a soma total do conhecimento e da experiência. Enquanto acreditares que o teu ambiente é objetivo e independente de ti, sentir-te-ás, em grande medida, impotente para o mudar, para ver para além dele, ou para imaginar outras alternativas que possam ser menos evidentes. Mais adiante neste livro, explicarei vários métodos que te permitirão mudar o teu ambiente de forma benéfica e profunda.

Também discuti a reencarnação em termos de ambiente porque muitas escolas de pensamento sobrevalorizam os efeitos das existências reencarnacionais, de tal modo que, muitas vezes, explicam as circunstâncias da vida presente como resultado de padrões rígidos e inflexíveis determinados numa vida “passada”. Sentir-te-ás relativamente incapaz de lidar com a realidade física presente, de alterar o teu ambiente, de afetar e mudar o teu mundo, se sentires que estás à mercê de condições sobre as quais não tens qualquer controlo.

As razões dadas para tais sujeições pouco importam a longo prazo, pois mudam com os tempos e com a vossa cultura. Não estás

sob uma sentença imposta pelo pecado original, por quaisquer acontecimentos da infância ou por experiências de vidas passadas. A tua vida, por exemplo, pode ser muito menos plena do que gostarias. Podes ser menos quando gostarias de ser mais, mas não estás sob uma sombra lançada sobre a tua psique, seja pelo pecado original, pelos síndromes infantis de Freud, seja por influências de vidas passadas. Tentarei explicar aqui de forma um pouco mais clara as influências de vidas passadas. Elas afetam-te como qualquer experiência afeta. O tempo, contudo, não está fechado — está aberto. Uma vida não está enterrada no passado, desligada da individualidade presente e também de qualquer individualidade futura.

Como expliquei anteriormente, as vidas — ou ambientes reencarnacionais — estão a acontecer ao mesmo tempo. A criatividade e a consciência nunca são realizações lineares. Em cada vida escolhes e crias os teus próprios cenários ou ambientes; e, nesta, escolheste os teus pais e quaisquer acontecimentos da infância que entraram na tua experiência. Escreveste o guião.

Contudo, como um verdadeiro professor distraído, a individualidade consciente esquece-se de tudo isto; por isso, quando a tragédia aparece no guião, quando surgem dificuldades ou desafios, a individualidade consciente procura alguém ou alguma coisa a quem atribuir culpa. Antes de este livro terminar, espero mostrar-te precisamente como crias cada minuto da tua experiência, para que possas começar a exercer a tua verdadeira responsabilidade criativa num nível consciente — ou quase.

Enquanto lêes este livro, olha de vez em quando à tua volta, para a divisão onde estás sentado. As cadeiras e as mesas, os tetos e os pavimentos, podem parecer muito reais e sólidos — bastante permanentes —, enquanto tu, em contraste, podes sentir-te altamente vulnerável, preso num momento entre o nascimento e a extinção. Podes até sentir ciúmes ao pensar nisso, imaginando que o universo físico continuará a existir muito depois de teres partido. Contudo, até ao fim do nosso livro, espero que compreendas a validade eterna da tua própria consciência enquanto expressão da Alma, e a impermanência daqueles aspetos físicos do teu ambiente, e do teu universo, que agora parecem tão seguros.

Síntese Operativa

Este capítulo reformula profundamente a ideia de reencarnação. Seth não a apresenta como uma fila de vidas sucessivas, mas como um conjunto simultâneo de ambientes reencarnacionais — contextos experienciais nos quais a Alma projeta expressões de si mesma, assume papéis, explora desafios e atualiza potenciais.

A função central do capítulo é esta:

as vidas reencarnacionais são ambientes virtuais funcionais, criados pela Alma enquanto personalidade multidimensional, para permitir aprendizagem, criatividade e expansão da consciência.

1. A vida como produção experiencial

Seth usa a analogia teatral para mostrar que a vida presente é uma produção criada e sustentada pela consciência.

Alma / personalidade multidimensional → criação de ambientes reencarnacionais → Personalidades de Foco tridimensionais → papéis, cenários, adereços e temas → experiência física vivida como real

A individualidade consciente identifica-se com o ator dentro da peça. Por isso, esquece que participa também na criação do cenário, do guião e do próprio campo experiencial.

A analogia da peça não serve para diminuir a realidade da vida, mas para mostrar que ela é uma realidade organizada, contextual e funcional.

2. Ambientes reencarnacionais, não apenas “vidas passadas”

O capítulo desloca a ideia comum de “vidas passadas”.

As vidas reencarnacionais não são episódios enterrados numa linha temporal. São ambientes simultâneos de experiência.

visão comum → vidas passadas, vida presente, vidas futuras

visão operativa → ambientes reencarnacionais simultâneos → diferentes expressões da Alma → diferentes Personalidades de Foco

Por isso, a expressão ambientes reencarnacionais é mais precisa do que “dramas reencarnacionais”: o que está em causa não é apenas a peça, mas o contexto inteiro onde a experiência ocorre.

3. Ambientes reencarnacionais como realidades virtuais funcionais

A noção de “ilusão” deve ser lida aqui no sentido de virtualidade funcional, não de falsidade.

Cada ambiente reencarnacional é uma configuração experiencial válida, gerada por uma realidade mais ampla.

Realidade maior → ambiente virtual funcional → experiência reencarnacional → aprendizagem e atualização

Tal como uma realidade virtual pode ter regras internas, cenários, papéis, desafios e consequências, também cada ambiente reencarnacional possui pressupostos próprios que tornam possível determinado tipo de experiência.

Isto não torna a vida “falsa”. Torna-a contextual.

4. Pressupostos de raiz da peça física

Para que a peça tridimensional funcione, os participantes aceitam certos pressupostos básicos:

- tempo como sequência
- mundo objetivo independente

- corpo físico como limite
- espaço como separação
- percepção vinda apenas dos sentidos físicos
- informação vinda de fora

Estes pressupostos são os adereços estruturais do ambiente físico. Eles não são verdades absolutas, mas regras internas que permitem à experiência tridimensional manter coerência.

Seth mostra que, enquanto a individualidade consciente aceita esses pressupostos sem os questionar, fica intensamente focalizada na peça.

5. A simultaneidade das existências

Todas as vidas existem, basicamente, ao mesmo tempo.

A aparência de sequência resulta da focalização da consciência dentro de cada ambiente reencarnacional.

Alma → múltiplas expressões simultâneas

expressão A → vida no século XII

expressão B → vida no século XVIII

expressão C → vida no século XX

expressão D → vida em 3000 d.C.

Do ponto de vista da Personalidade de Foco, estas vidas parecem separadas por tempo. Do ponto de vista da Alma, são ambientes simultâneos de atualização.

6. Alma enquanto personalidade multidimensional

Neste capítulo, Seth usa “self interior”, “personalidade multidimensional” e “Alma” em zonas muito próximas. A ancoragem provisória estabilizada foi:

Alma enquanto personalidade multidimensional — nível identitário ampliado que organiza múltiplas Personalidades de Foco reencarnacionais.

Isto evita confundir:

Alma ≠ individualidade consciente

Alma ≠ Personalidade de Foco isolada

Alma ≠ necessariamente Self de Origem

Aqui, a Alma é o nível que envia expressões de si mesma para abrir vias de realidade que, de outro modo, não existiriam.

7. Personalidade de Foco tridimensional

O “self tridimensional” de Seth foi ancorado como Personalidade de Foco tridimensional.

Alma → expressão tridimensional → Personalidade de Foco → ator dentro de um ambiente reencarnacional

A Personalidade de Foco tem de concentrar a sua atenção no ambiente onde opera. Essa focalização intensa torna a experiência coesa e real.

Mas ela não é a totalidade da identidade. É uma expressão localizada da Alma.

8. Individualidade consciente

Dentro da peça, a individualidade consciente é o sentido subjetivo de “eu” que se reconhece como ator.

individualidade consciente → sente-se como “eu” → identifica-se com o papel → esquece a origem multidimensional

Este esquecimento é funcional. Permite que o papel seja vivido com intensidade. Mas também cria a ilusão de separação, impotência e limitação.

Quando a individualidade consciente começa a receber as intuições e o conhecimento do Self multidimensional/Alma, desempenha melhor o seu papel e acrescenta energia criativa a toda a dimensão.

9. Sentidos interiores como canais de informação

Cada ator possui uma linha orientadora interior.

Essa orientação chega através dos sentidos interiores, que funcionam como canais de comunicação entre a Personalidade de Foco e os níveis mais amplos da identidade.

Alma / Self multidimensional → sentidos interiores → intuições, pistas, conhecimento → individualidade consciente → ação dentro da peça

Os sentidos interiores permitem ver para além da camuflagem física e reconhecer que o cenário tridimensional não esgota a realidade.

10. Sono e sonho como bastidores da peça

Os estados de sono e sonho funcionam como períodos de retirada da peça.

Neles, a Personalidade de Foco recebe informação, renova-se e compreende, ainda que parcialmente, que é mais do que o papel que desempenha.

vigília → ator focalizado na peça

sono / sonho → retirada dos adereços → acesso aos sentidos interiores → comunicação com outros papéis e níveis

O sonho não é fuga da realidade. É acesso parcial aos bastidores da experiência.

11. Progresso não é linear

Seth desmonta a ideia de progresso como avanço histórico linear.

O progresso não depende de tempo cronológico, mas de foco psíquico e espiritual.

progresso comum



- mais tecnologia
- mais complexidade histórica

progresso operativo



- maior atualização
- maior criatividade
- maior compreensão
- maior integração

Cada ambiente reencarnacional estabelece desafios próprios. O progresso mede-se pela forma como esses desafios são enfrentados, não pela posição da vida numa linha temporal.

12. Desafios reencarnacionais

O capítulo reforça a distinção estabilizada entre desafios e problemas.

Aqui, “desafios” é a palavra adequada porque os ambientes reencarnacionais servem a criatividade, aprendizagem e desenvolvimento.

desafios



- crescimento
- criatividade
- propósito
- aprendizagem
- expansão

problemas



- bloqueio
- sofrimento
- ansiedade
- impasse

Mesmo dificuldades e tragédias podem fazer parte de desafios configurados pela Alma para ativar potenciais, criar novos caminhos e desenvolver compreensão.

13. Responsabilidade criativa

Seth insiste que cada indivíduo forma o seu ambiente.

A responsabilidade pela vida e pelo ambiente é própria, não porque a individualidade consciente controle tudo de modo superficial, mas porque participa numa estrutura criativa mais ampla.

Alma → cria ambientes reencarnacionais

Personalidade de Foco → atua dentro deles

individualidade consciente → pode aprender a reconhecer a sua participação criativa

Enquanto o ambiente for visto como objetivo, externo e independente, a individualidade sentir-se-á impotente. Quando percebe que participa na criação do ambiente, começa a recuperar responsabilidade criativa.

14. Reencarnação sem culpa determinista

Seth rejeita interpretações rígidas da reencarnação.

A vida presente não é punição por crimes de uma vida passada. Também não está determinada por pecado original, traumas infantis ou influências reencarnacionais inflexíveis.

visão determinista → sou vítima do passado

visão de Seth → o tempo está aberto → as vidas interagem → a criatividade permanece ativa

As influências de outras vidas afetam como qualquer experiência afeta, mas não aprisionam a identidade. O tempo não está fechado; está aberto.

15. Personalidades conscientes dentro da peça

Seth refere que algumas personalidades aparecem dentro das peças plenamente conscientes de que estão a desempenhar papéis.

A função dessas personalidades é ajudar os outros atores a ver para além dos cenários que criaram.

personalidades conscientes → entram no ambiente reencarnacional → assumem papéis deliberadamente → abrem portas psíquicas → ajudam a Personalidade de Foco a avançar

Podem ser entendidas como funções orientadoras ou interfaces de transição entre níveis de realidade.

16. Camuflagem física

A realidade física é chamada de camuflagem porque os sentidos físicos apresentam uma camada específica da realidade como se fosse a totalidade.

Realidade → camuflagem física → matéria, espaço, tempo → percepção tridimensional

A camuflagem é viva. Rochas, montanhas, terra, átomos e moléculas possuem consciência própria. A matéria física é uma rede psíquica interligada de consciências minúsculas.

17. Sentidos físicos como lentes artificiais

Os sentidos físicos não apenas percebem a realidade física: ajudam a formá-la.

Funcionam como lentes sobre as percepções interiores naturais, obrigando a ver um campo de atividade como matéria física.

percepções interiores naturais → lentes dos sentidos físicos → matéria física → ambiente tridimensional

Por isso, os sentidos físicos mostram a camada superficial da camuflagem, mas não revelam a realidade que existe dentro e para além dela.

18. Exercício dos sentidos interiores

O capítulo inclui um exercício simples:

imaginar o palco a desaparecer → silenciar os sentidos físicos → escutar os sons interiores → aceitar imagens interiores → não interpretar demasiado cedo → praticar cerca de dez minutos

O objetivo não é produzir visões espetaculares, mas aprender a deslocar o foco para uma nova dimensão da consciência.

A informação recebida pelos sentidos interiores precisa de ser traduzida em termos físicos. Por isso, acaba por ser distorcida até certo ponto. A distorção não é erro moral nem falha; é consequência da tradução entre sistemas.

19. Validade eterna da consciência enquanto expressão da Alma

O fecho do capítulo estabiliza uma formulação muito importante:

a validade eterna da tua própria consciência enquanto expressão da Alma.

Esta frase preserva o termo “consciência” usado por Seth, mas ancora-o no eixo central do livro.

Alma → expressa-se como consciência focalizada → Personalidade de Foco → experiência física → validade que sobrevive à impermanência do ambiente

A consciência da Personalidade de Foco não é descartável. É uma expressão válida da Alma, mesmo quando o ambiente físico muda ou desaparece.

Estrutura Operativa do Capítulo

Alma enquanto personalidade multidimensional → cria ambientes reencarnacionais → envia expressões de si mesma → Personalidades de Foco tridimensionais → individualidades conscientes → papéis, cenários, desafios e criatividade

ambiente reencarnacional → realidade virtual funcional → pressupostos de raiz → camuflagem física → sentidos físicos → experiência tridimensional

sentidos interiores → acesso aos bastidores → informação da Alma / Self multidimensional → renovação, orientação e criatividade

Núcleo Operativo

O Capítulo 4 ensina que as vidas reencarnacionais são ambientes simultâneos de experiência, criados pela Alma enquanto personalidade multidimensional.

A reencarnação não é uma sucessão linear de vidas, nem uma cadeia de punições e recompensas. É um sistema de atualização criativa, onde múltiplas Personalidades de Foco atuam em ambientes específicos, cada uma contribuindo para o desenvolvimento da Alma e para a expansão da própria Realidade.

A vida física é real, mas real como ambiente contextual: uma configuração virtual funcional, sustentada por pressupostos, sentidos físicos, camuflagem e foco intensivo.

Formulação final

Cada vida é um ambiente reencarnacional: uma realidade contextual criada pela Alma para que uma Personalidade de Foco possa atuar, aprender, criar e atualizar potenciais que não poderiam emergir de outra forma.

CAPÍTULO 5

Como os Pensamentos Formam a Matéria: Pontos de Coordenação

Ao leres as palavras nesta página, percebes que a informação que estás a receber não é um atributo das letras das próprias palavras. A linha impressa não contém informação. Transmite informação. Onde está, então, a informação que está a ser transmitida, se não está na página?

Naturalmente, a mesma pergunta se aplica quando lêes um jornal e quando falas com outra pessoa. As tuas palavras concretas transmitem informação, sentimentos, emoções ou pensamentos. Obviamente, os pensamentos, os sentimentos, as emoções e as palavras não são a mesma coisa. As letras na página são símbolos, e vós concordastes em atribuir-lhes vários significados. Tomas por adquirido, sem sequer pensares nisso, que os símbolos — as letras — não são a realidade — a informação ou os pensamentos — que procuram transmitir.

Da mesma maneira, digo-te agora que os objetos são também símbolos que representam uma realidade cujo significado, tal como as letras, transmitem. A verdadeira informação não está nos objetos, tal como o pensamento não está nas letras nem nas palavras. As palavras são métodos de expressão. Os objetos físicos

também o são, num tipo diferente de meio. Estás habituado à ideia de que te expressas diretamente através das palavras. Podes ouvir-te a pronunciá-las. Podes sentir os músculos da garganta a mover-se e, se estiveres atento, podes percecionar inúmeras reações dentro do teu próprio corpo — ações que acompanham todas o teu discurso.

Os objetos físicos são o resultado de outro tipo de expressão. Cria-los com a mesma segurança com que crias palavras. Não quero dizer que os crie apenas com as mãos, ou através do fabrico. Quero dizer que os objetos são subprodutos naturais da evolução da vossa espécie, tal como as palavras o são. Examina por um momento, contudo, o teu conhecimento da tua própria fala. Embora oiças as palavras e reconheças a sua adequação, e embora elas possam aproximar-se mais ou menos de uma expressão do teu sentimento, elas não são esse sentimento; e tem de existir um intervalo entre a tua experiência interior e a tua expressão dela.

A familiaridade da fala começa a desaparecer quando percebes que tu próprio, ao iniciares uma frase, não sabes precisamente como irás terminá-la, nem sequer como formas as palavras. Não sabes conscientemente como manipulas uma pirâmide impressionante de símbolos, escolhendo entre eles precisamente aqueles de que precisas para expressar um determinado pensamento. Aliás, também não sabes como pensas.

Não sabes como traduzes estes símbolos nesta página em pensamentos e depois os armazenas, ou os tornas teus. Uma vez que os mecanismos da fala normal te são tão pouco conhecidos ao

nível consciente, não é surpreendente que estejas igualmente inconsciente de tarefas mais complexas que também realizas — como a criação constante do teu ambiente físico enquanto método de comunicação e expressão.

É apenas deste ponto de vista que a verdadeira natureza da matéria física pode ser compreendida. Só compreendendo a natureza desta tradução constante de pensamentos e desejos — agora não em palavras, mas em objetos físicos — poderás reconhecer a tua verdadeira independência em relação às circunstâncias, ao tempo e ao ambiente.

É fácil perceber que traduzes sentimentos em palavras, ou em expressões e gestos corporais, mas não é tão fácil compreender que formas o teu corpo físico com a mesma naturalidade e ausência de autoconsciência com que traduzes sentimentos em símbolos que se tornam palavras.

Tenho a certeza de que já ouviste antes a expressão segundo a qual o ambiente exprime a personalidade de determinado indivíduo. Estou a dizer-te que isto é uma verdade literal, e não simbólica. As letras na página possuem apenas a realidade da tinta e do papel. A informação que transmitem é invisível. Enquanto objeto, este livro em si é apenas papel e tinta. É um portador de informação.

Talvez argumentes que o livro foi produzido fisicamente, e que não irrompeu subitamente através do crânio de Ruburt, já impresso e encadernado. Tu, por tua vez, tiveste de pedir o livro emprestado ou comprá-lo, pelo que talvez penses: “Certamente, não criei o

livro, como criei as minhas palavras.” Mas, antes de terminarmos, veremos que, em termos fundamentais, cada um de vós cria o livro que tem nas mãos, e que todo o teu ambiente físico emerge da tua mente interior com a mesma naturalidade com que as palavras saem da tua boca, e que o homem forma objetos físicos de modo tão automático e sem autoconsciência como forma a sua própria respiração.

Os aspetos peculiares e particulares do vosso mundo físico dependem da vossa existência e do vosso foco dentro dele. O universo físico não contém objetos físicos dotados de solidez, largura e profundidade, por exemplo, para aqueles cuja existência não se encontra dentro dele.

Outros tipos de consciência coexistem dentro do mesmo “espaço” que o vosso mundo habita. Não percecionam os vossos objetos físicos, pois a sua realidade é composta por uma estrutura de camuflagem diferente. Vós não os percecionais e, falando de modo geral, eles não vos percecionam. Isto é, contudo, uma afirmação geral, pois vários pontos das vossas realidades podem coincidir, e de facto coincidem, por assim dizer.

Esses pontos não são reconhecidos como tal, mas são pontos daquilo a que poderias chamar dupla realidade, contendo um grande potencial energético; pontos de coordenação, de facto, onde as realidades se fundem. Existem pontos de coordenação principais, puramente matemáticos, fontes de energia fantástica, e pontos de coordenação subordinados, em número vastíssimo.

Existem quatro pontos de coordenação absolutos que intersectam todas as realidades. Estes pontos de coordenação atuam também como canais através dos quais a energia flui, e como dobras ou caminhos invisíveis de uma realidade para outra. Funcionam também como transformadores e fornecem grande parte da energia geradora que torna a criação contínua, nos vossos termos.

O vosso espaço está cheio destes pontos subordinados e, como verás mais adiante, eles são importantes porque vos permitem traduzir pensamentos e emoções em matéria física. Quando um pensamento ou emoção atinge determinada intensidade, atrai automaticamente o poder de um desses pontos subordinados, ficando assim altamente carregado e, de certo modo, ampliado, embora não em tamanho.

Estes pontos incidem sobre aquilo a que chamais tempo, bem como sobre o espaço. Existem, portanto, certos pontos no tempo e no espaço — novamente, nos vossos termos — que são mais propícios do que outros, onde tanto as ideias como a matéria ficam mais carregadas. Em termos práticos, isto significa que os edifícios durarão mais tempo; no vosso contexto, que as ideias unidas à forma serão relativamente eternas. As pirâmides, por exemplo, são um caso exemplar.

Estes pontos de coordenação — absolutos, principais ou subordinados — representam acumulações ou vestígios de energia pura, extremamente minúsculos, se estiveres a pensar em termos de tamanho — mais pequenos, por exemplo, do que qualquer

partícula conhecida pelos vossos cientistas, mas compostos de energia pura. E, no entanto, esta energia tem de ser ativada. Até então, permanece latente — e não pode ser ativada fisicamente.

Neste ponto, deixo alguns indícios que poderão ajudar-te — e talvez também ajudar os matemáticos. Há uma alteração extremamente minúscula das forças gravitacionais nas proximidades de todos estes pontos, mesmo dos subordinados, e verificar-se-á que todas as chamadas leis físicas apresentam, em maior ou menor grau, um efeito de oscilação nessas proximidades. Os pontos subordinados servem também, de certo modo, como apoios, como intensificações estruturais dentro do tecido invisível de energia que forma todas as realidades e manifestações. Embora sejam vestígios ou acumulações de energia pura, existe uma grande diferença entre a quantidade de energia disponível nos vários pontos subordinados, e entre os pontos principais e os pontos absolutos.

Estes são, portanto, pontos de energia concentrada. Os pontos subordinados são muito mais comuns e, em termos práticos, afetam os vossos assuntos quotidianos. Há lugares melhores do que outros para construir casas ou estruturas — pontos onde a saúde e a vitalidade são fortalecidas, onde, sendo iguais os restantes fatores, as plantas crescerão e florescerão, e onde todas as condições benéficas parecem encontrar-se.

Algumas pessoas conseguem sentir intuitivamente essas zonas. Elas ocorrem dentro de certos ângulos formados pelos pontos de coordenação. Os pontos, obviamente, não são físicos em si mesmos

— isto é, não são visíveis, embora possam ser deduzidos matematicamente. São sentidos, contudo, como energia intensificada.

Numa determinada área, as plantas crescerão mais eficazmente num ponto específico do que noutros, desde que esses pontos contenham os requisitos necessários, como a luz. Todo o vosso espaço é permeado por estes pontos de coordenação, de modo que se formam certos ângulos invisíveis.

Isto está muito simplificado, mas alguns ângulos estarão mais “na periferia” do que outros, e serão menos favoráveis a todas as condições de crescimento e atividade. Ao falar destes ângulos, tratá-los-emos como tridimensionais, embora sejam, naturalmente, multidimensionais. Uma vez que a natureza destes ângulos não é o tema principal do meu livro, não é possível explicá-los aqui de forma exaustiva. Parecerão mais fortes em certos momentos do que noutros, embora essas diferenças nada tenham que ver nem com a natureza dos pontos de coordenação nem com a natureza do tempo. Outros elementos os afetam, mas não precisamos de nos ocupar deles agora.

Os pontos de energia concentrada são ativados por intensidades emocionais que se encontram perfeitamente dentro do vosso alcance normal. As tuas próprias emoções ou sentimentos ativarão estas coordenadas, quer tenhas conhecimento delas quer não. Maior energia será, portanto, acrescentada ao pensamento ou sentimento original, e a sua projeção na matéria física será

acelerada. Isto aplica-se independentemente da natureza do sentimento; aqui, apenas a sua intensidade está envolvida.

Por outras palavras, estes pontos são como centrais energéticas invisíveis, ativadas quando qualquer sentimento, emoção ou pensamento de intensidade suficiente entra em contacto com elas. Os próprios pontos intensificam aquilo que os ativa de uma forma completamente neutra.

Estamos a avançar de forma bastante lenta com este material, uma vez que é novo, mas sobretudo porque gostaria que fosse traduzido em termos tão precisos quanto possível; e, sem uma formação científica da parte de Ruburt, tenho de usar engenho.

A ideia está muito simplificada, mas a experiência subjetiva de qualquer consciência é automaticamente expressa como unidades de energia eletromagnética. Estas existem “abaixo” da faixa da matéria física. São, se preferires, partículas incipientes que ainda não emergiram na matéria.

Estas unidades são emanções naturais de todos os tipos de consciência. São formações invisíveis resultantes da reação a qualquer tipo de estímulo. Muito raramente existem isoladas, unindo-se antes segundo certas leis. Mudam tanto a sua forma como a sua pulsação. A sua “duração” relativa depende da intensidade original que lhes está por detrás — isto é, por detrás do pensamento, emoção, estímulo ou reação original que as trouxe à existência.

Mais uma vez, simplificando muito, sob certas condições estas unidades coagulam em matéria. As unidades eletromagnéticas de intensidade suficientemente elevada ativam automaticamente os pontos de coordenação subordinados de que falei. São, portanto, aceleradas e impulsionadas para a matéria muito mais rapidamente, nos vossos termos, do que unidades de menor intensidade. As moléculas pareceriam tão grandes como planetas para estas unidades. Átomos, moléculas, planetas e estas unidades de energia eletromagnética são simplesmente diferentes manifestações dos mesmos princípios que trazem as próprias unidades à existência. É apenas a vossa posição relativa, o vosso foco dentro de um espaço e tempo aparentes, que faz com que isto pareça tão improvável.

Cada pensamento ou emoção existe, portanto, como uma unidade de energia eletromagnética ou como uma combinação destas. Sob certas condições, e muitas vezes com a ajuda dos pontos de coordenação, essas unidades emergem nos blocos constitutivos da matéria física. Esta emergência na matéria ocorre como um “resultado” neutro, independentemente da natureza de qualquer pensamento ou emoção específico. As imagens mentais acompanhadas por emoção forte são, portanto, matrizes a partir das quais um objeto físico, uma condição ou um acontecimento correspondente aparecerá, nos vossos termos.

A intensidade de um sentimento, pensamento ou imagem mental é, portanto, o elemento importante na determinação da sua posterior materialização física.

A intensidade é o núcleo em torno do qual se formam as unidades de energia eletromagnética. Nos vossos termos, quanto mais intenso for o núcleo, mais rápida será a materialização física. Isto aplica-se quer a imagem mental seja temerosa, quer seja alegre. Há aqui, contudo, uma questão muito importante: se a tua orientação mental for altamente intensa e pensares através de imagens mentais e emocionais vívidas, estas serão rapidamente formadas em acontecimentos físicos. Se fores também de natureza profundamente pessimista, dado a pensamentos e sentimentos de potencial desastre, então esses pensamentos serão reproduzidos com grande fidelidade na experiência.

Quanto mais intensa for a tua imaginação e a tua experiência interior, portanto, mais importante é que compreendas os métodos pelos quais essa experiência interior se torna fisicamente real. Os teus pensamentos e emoções iniciam a sua viagem para a atualização física no momento da concepção. Se, por acaso, viveres numa zona onde o ambiente de coordenação seja forte, uma daquelas áreas de que falei como invulgarmente propícias, então parecerá que és assolado por doenças ou desastres, se essa for a natureza dos teus pensamentos, porque todo o pensamento é muito fértil nesse ambiente. Se, por outro lado, os teus sentimentos e a tua experiência subjetiva forem razoavelmente equilibrados, relativamente otimistas e criativos de modo construtivo, então parecer-te-á que foste abençoado por uma sorte invulgar, pois as tuas suposições agradáveis realizar-se-ão com grande rapidez.

Resumidamente, no vosso próprio país, a Costa Oeste, partes da Costa Leste, o Utah, os Grandes Lagos, a zona de Chicago, a zona

de Minneapolis e algumas outras áreas do Sudoeste encontram-se nessas regiões de excelente atividade coordenada, pelas razões indicadas. A materialização aparecerá rapidamente, e os potenciais, portanto, tanto para elementos construtivos como destrutivos, são elevados.

Estes pontos de coordenação ativam, eles próprios, o comportamento dos átomos e das moléculas, tal como, por exemplo, o sol ajuda o crescimento das plantas. As coordenadas ativam o comportamento gerador dos átomos e das moléculas e encorajam grandemente as suas capacidades cooperativas; a sua tendência para se agruparem, por assim dizer, em organizações e agrupamentos estruturais.

Os pontos de coordenação ampliam ou intensificam o comportamento, a espontaneidade latente inerente às propriedades da matéria física. Atuam como geradores psíquicos, impulsionando para a forma física aquilo que ainda não é físico.

Este não pretende ser um livro técnico, pelo que este não é o momento nem o lugar para discutir exaustivamente a ação, o comportamento ou os efeitos destes pontos de coordenação; nem das unidades de energia eletromagnética — essas emanções naturais da consciência de que falei. Quero que fique claro, contudo, que os pensamentos e as emoções são formados em matéria física através de métodos muito definidos e segundo leis bastante válidas, embora possam ser atualmente desconhecidas.

Noutras partes do material de Seth, estes processos serão tornados muito claros para aqueles de vós que desejem aprofundar a questão, ou para aqueles que possam estar interessados de um ponto de vista científico. Aqui, discutimos tais questões apenas porque elas tocam no aspeto multidimensional da personalidade. Permitem-te materializar certas experiências subjetivas na realidade tridimensional. Antes de deixar o tema, contudo, deixa-me recordar-te que estas emanções, em graus variáveis, emergem de toda a consciência, não apenas da tua. Isto inclui também a consciência celular, de modo que uma rede invisível de unidades eletromagnéticas permeia toda a vossa atmosfera; e é sobre essa rede, e a partir dela, que as partículas da matéria física são então formadas.

Aqui, facilmente se poderia escrever um livro inteiro sobre este tema. A informação relativa às “localizações” dos pontos de coordenação principais e absolutos poderia ser altamente vantajosa, por exemplo. Orgulhais-vos da vossa tecnologia e da produção de bens duradouros, edifícios e estradas; no entanto, muitas destas construções são insignificantes quando comparadas com outras estruturas do “passado”.

Uma verdadeira compreensão do modo como uma ideia se torna matéria física resultaria numa reformulação completa da vossa chamada tecnologia moderna, e em edifícios, estradas e outras estruturas que durariam muitíssimo mais do que aquelas que tendes agora. Enquanto a realidade psíquica por detrás da matéria física for ignorada, não podereis usar eficazmente os métodos que de facto existem, nem tirar partido deles. Não podereis

compreender a realidade psíquica que é o verdadeiro impulso da vossa existência física enquanto não reconhecerdes primeiro a vossa própria realidade psíquica e a vossa independência em relação às leis físicas.

O meu primeiro propósito, portanto, é tornar-vos conscientes da identidade interior de que fazeis parte, e limpar alguns dos detritos intelectuais e supersticiosos que vos impedem de reconhecer as vossas próprias potencialidades e liberdade. Depois, talvez possais começar a aprender as muitas formas como essa liberdade pode ser usada.

Síntese Operativa

Este capítulo apresenta a matéria física como uma forma de linguagem. Os objetos não são “coisas finais”, mas símbolos materializados: expressões físicas de informação, emoção, pensamento, desejo e intenção. Tal como as palavras transmitem significados que não estão literalmente nas letras, os objetos transmitem realidades interiores que não estão literalmente na matéria.

A função central do capítulo é esta:

a matéria física é pensamento, emoção e intenção traduzidos em forma, através de unidades de energia eletromagnética intensificadas por pontos de coordenação.

1. Palavras e objetos como símbolos

Seth começa com uma analogia simples: uma palavra impressa não contém a informação que transmite. As letras são símbolos. A informação está noutro nível.

Letras → símbolos → transmitem informação → mas não são a informação

Da mesma forma, os objetos físicos são símbolos. Eles representam uma realidade mais profunda, mas não são essa realidade última.

objetos físicos → símbolos materiais → transmitem uma realidade interior → mas não são a realidade interior

O ponto operativo é claro:

os objetos físicos são métodos de expressão, tal como as palavras.

2. Matéria como linguagem da psique

Se as palavras expressam pensamentos e sentimentos num meio verbal, os objetos físicos expressam pensamentos, emoções e desejos num meio material.

pensamento / emoção / desejo → tradução verbal → palavras

pensamento / emoção / desejo → tradução material → objetos físicos / acontecimentos / condições

A matéria é, portanto, uma linguagem mais densa da psique.

Isto desloca a pergunta:

o que é este objeto? → para → o que está este objeto a expressar?

3. O corpo e o ambiente como expressão

Seth afirma que formas o corpo físico com a mesma naturalidade com que formas palavras. O ambiente físico também emerge da mente interior como expressão.

mente interior / psique → pensamentos, emoções, imagens → corpo físico → ambiente físico

O corpo e o ambiente não são recipientes onde a consciência vive. São expressões organizadas da consciência.

Formulação operativa:

o ambiente físico é comunicação materializada.

4. A fala como analogia da criação material

Seth usa a fala para mostrar que já realizamos processos complexíssimos sem compreendê-los conscientemente.

Quando falamos, não sabemos exatamente como escolhemos símbolos, formamos frases ou traduzimos pensamentos em palavras.

experiência interior → seleção inconsciente de símbolos → palavras → comunicação

Da mesma forma, criamos o ambiente físico por processos inconscientes e altamente organizados.

experiência interior → unidades de energia → pontos de coordenação → matéria física → ambiente

A inconsciência do processo não significa ausência de processo. Significa apenas que a individualidade consciente não acompanha todos os níveis da criação.

5. Objetos como expressões, não apenas produtos

Seth não diz que criamos objetos apenas com as mãos ou por fabrico. Diz que os objetos são subprodutos naturais da evolução da espécie, tal como as palavras.

espécie humana → desenvolve linguagem verbal → palavras

espécie humana → desenvolve linguagem material → objetos físicos

Isto sugere que a construção do mundo físico faz parte da estrutura expressiva da consciência humana.

A tecnologia, neste sentido, é apenas uma camada visível de uma capacidade mais profunda: a capacidade da psique de organizar matéria como expressão.

6. Realidades que coexistem no mesmo “espaço”

Seth afirma que outros tipos de consciência coexistem no mesmo “espaço” que o nosso mundo, mas não percebemos os nossos objetos físicos porque operam segundo outras estruturas de camuflagem.

mesmo campo de realidade → diferentes estruturas de camuflagem → diferentes mundos percebidos

Isto reforça a ideia de que o espaço físico não é um recipiente absoluto. É um modo de organização perceptiva.

Cada realidade percebe apenas aquilo que a sua estrutura de camuflagem lhe permite organizar.

7. Pontos de coordenação

O conceito central do capítulo é o de pontos de coordenação.

Seth descreve-os como pontos de energia concentrada onde realidades se fundem, coincidem ou se intensificam.

pontos de coordenação → zonas de dupla realidade → nós de energia concentrada → canais entre realidades → transformadores energéticos

Existem três níveis principais:

pontos absolutos → intersectam todas as realidades

pontos principais → fontes matemáticas de energia intensa

pontos subordinados → muito numerosos; afetam a vida quotidiana

8. Pontos de coordenação como hiperligações estruturais

A analogia funcional estabilizada para este capítulo é a dos links ou hiperligações.

realidade física → página visível

ponto de coordenação → hiperligação energética

outra realidade / outro nível → subpágina ou camada ligada

Mas estes pontos não são apenas passagens. São também amplificadores.

ponto de coordenação



- liga
- amplifica
- intensifica
- traduz
- acelera

Formulação operativa:

os pontos de coordenação são hiperligações energéticas no tecido da Realidade, onde conteúdos psíquicos podem ser intensificados e traduzidos mais rapidamente em forma.

9. Pontos subordinados e ambiente quotidiano

Os pontos subordinados são os mais relevantes para a vida diária. Podem tornar certas zonas mais favoráveis ao crescimento, à vitalidade, à saúde e à duração das estruturas.

ponto subordinado forte → maior intensificação energética → maior fertilidade de pensamentos e emoções → maior rapidez de materialização

Por isso, no modelo de Seth, determinados lugares parecem mais propícios do que outros.

Não por magia exterior, mas porque nesses pontos a tradução entre experiência subjetiva e manifestação física é intensificada.

10. Intensidade emocional como fator de ativação

O elemento decisivo não é a natureza moral do pensamento ou emoção, mas a sua intensidade.

pensamento fraco → menor carga → menor materialização

pensamento intenso → maior carga → ativação dos pontos subordinados → materialização acelerada

Isto aplica-se tanto a conteúdos construtivos como destrutivos.

alegria intensa → materialização construtiva acelerada

medo intenso → materialização temerosa acelerada

Os pontos de coordenação são neutros. Intensificam aquilo que os ativa.

11. Unidades de energia eletromagnética

Seth introduz as unidades de energia eletromagnética como emanções naturais da consciência.

Consciência → experiência subjetiva → pensamento / emoção / estímulo / reação → unidades de energia eletromagnética

Estas unidades existem “abaixo” da faixa da matéria física. São partículas incipientes, ainda não materializadas.

Mudam de forma, pulsação e duração conforme a intensidade que as originou.

12. Da experiência subjetiva à matéria

O processo descrito por Seth pode ser organizado assim:

experiência subjetiva → pensamento / emoção / imagem mental
→ intensidade → unidades de energia eletromagnética → ativação
de pontos de coordenação → aceleração → coagulação em matéria
→ objeto, condição ou acontecimento físico

A matéria surge como fase estabilizada de um processo que começa na experiência subjetiva.

13. Imagens mentais como matrizes

As imagens mentais acompanhadas por emoção forte funcionam como matrizes.

imagem mental + emoção intensa → matriz formativa → objeto / condição / acontecimento correspondente

A palavra matriz é aqui muito útil, porque mostra que a imagem mental não é apenas representação. É uma estrutura organizadora capaz de orientar a manifestação física.

14. Neutralidade do processo

A emergência na matéria ocorre como resultado neutro.

Isto é fundamental:

o processo não julga → não seleciona “bom” ou “mau” → responde à intensidade e à organização

A questão não é moralista. É estrutural.

Um medo muito intenso e uma intenção criativa muito intensa podem ambos mobilizar energia. O resultado depende da qualidade, direção e organização da experiência interior.

15. Ambientes de coordenação fortes

Seth sugere que certas zonas geográficas possuem maior atividade coordenada. Nessas zonas, pensamentos e emoções materializam-se com maior rapidez.

ambiente de coordenação forte → maior fertilidade psíquica → maior rapidez de manifestação → potencial construtivo e destrutivo elevado

Por isso, pessoas pessimistas ou temerosas podem parecer rodeadas por desastre; pessoas equilibradas, otimistas e criativas podem parecer “abençoadas por sorte invulgar”.

Na lógica de Seth, não é sorte. É materialização acelerada num ambiente energeticamente fértil.

16. Tecnologia psicoestrutural

O fecho do capítulo é muito importante: Seth sugere que uma verdadeira compreensão de como uma ideia se torna matéria transformaria a tecnologia moderna.

A tecnologia atual manipula matéria já formada.

Uma tecnologia mais profunda compreenderia a formação da matéria a partir da realidade psíquica.

tecnologia comum → manipula matéria já materializada

tecnologia psicoestrutural → compreende ideias, energia, pontos de coordenação → trabalha com processos anteriores à matéria

Formulação operativa:

uma tecnologia verdadeiramente avançada não seria apenas mecânica, mas psicoestrutural: saberia cooperar com os processos pelos quais a realidade psíquica se traduz em forma física.

17. Realidade psíquica por detrás da matéria

Seth afirma que não podemos compreender a existência física enquanto ignorarmos a realidade psíquica que a impulsiona.

realidade psíquica → impulso formativo → unidades de energia → matéria física → ambiente

A matéria é a camada visível. A realidade psíquica é o processo formador.

18. Liberdade e responsabilidade criativa

O objetivo de Seth não é apenas explicar um mecanismo. É libertar o leitor da prisão artificial da forma física.

Quando percebes que a forma é um método da tua expressão, deixas de te ver como vítima passiva das circunstâncias.

forma física vista como prisão → impotência

forma física vista como expressão → responsabilidade criativa
→ liberdade operativa

A independência em relação às circunstâncias, ao tempo e ao ambiente não significa negação da realidade física. Significa

compreender que a realidade física é uma expressão traduzida de níveis mais profundos.

Estrutura Operativa do Capítulo

experiência interior → pensamento / emoção / desejo / imagem mental → intensidade → unidades de energia eletromagnética → pontos de coordenação → amplificação / aceleração → matéria física → objeto, corpo, ambiente, acontecimento

Realidade psíquica → campo formador → pontos de coordenação → hiperligações energéticas / nós de intensificação

matéria física → expressão simbólica estabilizada

palavras → símbolos verbais

objetos → símbolos materiais

ambiente → linguagem material da psique

Núcleo Operativo

O Capítulo 5 apresenta a matéria como uma linguagem da consciência.

Pensamentos, emoções, desejos e imagens mentais não ficam “dentro” da mente. Eles emitem unidades de energia eletromagnética que, segundo a sua intensidade, podem ativar pontos de coordenação e emergir como matéria, acontecimentos, condições e ambientes.

Os pontos de coordenação funcionam como nós de energia no tecido da Realidade: ligam, intensificam e aceleram a tradução da experiência subjetiva em forma física.

A matéria física é, portanto, uma expressão simbólica e energética da realidade psíquica.

Formulação final

A matéria é linguagem densificada: pensamentos, emoções e imagens interiores traduzem-se em unidades de energia que, intensificadas pelos pontos de coordenação, se tornam forma, ambiente e acontecimento.

CAPÍTULO 6

A Alma e a Natureza da Sua Percepção

Com o pequeno enquadramento dado até agora, podemos pelo menos começar a discutir o tema deste livro: a validade eterna da Alma. Mesmo quando explorarmos outras questões, estaremos a tentar ilustrar o aspeto multidimensional deste nível interior do Self. Há muitos equívocos ligados a ele, e tentaremos, antes de mais, afastá-los.

Antes de mais, a Alma não é algo que tens. É aquilo que és. Normalmente, uso o termo “entidade” em preferência ao termo “Alma”, simplesmente porque esses equívocos particulares não estão tão associados à palavra “entidade”, e as suas conotações são menos religiosas em sentido organizacional.

O problema é que frequentemente consideras a Alma, ou entidade, como uma “coisa” acabada e estática que te pertence, mas que não és tu. A Alma, ou entidade — por outras palavras, a tua identidade interior mais íntima, poderosa e expandida — é, e tem de ser, eternamente mutável. Portanto, não é algo semelhante a uma relíquia estimada. Está viva, é responsiva, curiosa. Forma a carne e o mundo que conheces, e encontra-se em estado de devir.

Na realidade tridimensional em que o Ego Exterior tem o seu foco principal, o devir pressupõe chegada, ou destino — um fim para aquilo que estava em estado de devir. Mas a Alma, ou entidade, existe basicamente noutras dimensões, e nelas a realização não depende de chegadas a quaisquer pontos, espirituais ou outros.

A Alma, ou entidade, encontra-se sempre num estado de fluxo, de aprendizagem e de desenvolvimentos relacionados com a experiência subjetiva, e não com o tempo ou o espaço. Isto não é tão misterioso como pode parecer. Cada um dos meus leitores joga um jogo no qual a individualidade consciente, identificada com o Ego Exterior, finge não saber aquilo que o Self inteiro sabe definitivamente. Uma vez que o Ego Exterior é, sem dúvida, uma parte do Self inteiro, então deve necessariamente estar, em termos básicos, consciente desse conhecimento. Contudo, no seu intenso foco na realidade física, finge não saber, até se sentir capaz de utilizar esse conhecimento em termos físicos.

Tens, portanto, acesso ao self interior — isto é, aos níveis interiores do Self que te ligam à Alma. Dificilmente estás separado da tua própria Alma ou entidade. O Ego Exterior prefere considerar-se o capitão ao leme, por assim dizer, uma vez que é ele quem lida mais diretamente com os mares por vezes tumultuosos da realidade física, e não quer ser distraído dessa tarefa.

Existem sempre canais psíquicos, enviando comunicações nos dois sentidos através dos vários níveis do Self, e o Ego Exterior aceita sem questionar a informação necessária vinda dos níveis interiores da personalidade. A sua posição, de facto, depende em

larga medida dessa aceitação inquestionada de orientação interior. O Ego Exterior, por outras palavras, o self “exterior” em que pensas como sendo tu próprio — essa expressão focalizada de ti — mantém a sua segurança e o seu aparente comando precisamente porque os níveis interiores da tua própria personalidade o sustentam constantemente, mantêm o corpo físico em funcionamento e preservam comunicações com os inúmeros estímulos que chegam tanto das condições exteriores como das condições interiores. A Alma, ou entidade, não é diminuída, mas expandida através das reencarnações, através da existência e da experiência em realidades prováveis — algo que explicarei mais tarde.

É apenas porque tens uma concepção muito limitada da tua própria entidade que insistes em vê-la como quase estéril na sua singularidade. Existem milhões de células dentro do teu corpo, mas chamas ao teu corpo uma unidade e considera-lo teu. Formas esse corpo a partir de dentro para fora, e, no entanto, forma-lo a partir de substância viva, e cada partícula mínima possui a sua própria consciência viva. Existem aglomerados de matéria e, nesse sentido, existem aglomerados de consciência, cada um individual, com o seu próprio destino, capacidades e potenciais. Não há limitações para a tua própria entidade; portanto, como poderia a tua entidade ou Alma ter fronteiras, se as fronteiras a encerrariam e lhe negariam liberdade?

Muitas vezes, parece que a Alma é imaginada como uma pedra preciosa, a ser finalmente apresentada como oferta a Deus, ou considerada como algumas mulheres costumavam considerar a sua

virgindade — algo altamente valorizado que tinha de ser perdido, sendo essa perda entendida como uma bela dádiva ao destinatário.

Em muitas filosofias, conserva-se este tipo de ideia — a Alma sendo devolvida a um doador primordial, ou dissolvida num estado nebuloso algures entre o ser e o não-ser. A Alma é, contudo, antes de mais, criativa. Pode ser discutida a partir de muitos pontos de vista. As suas características podem ser descritas até certo grau e, na verdade, a maioria dos meus leitores poderia descobrir essas características por si própria se estivesse suficientemente motivada e se esta fosse a sua principal preocupação. A Alma, ou entidade, é ela própria a unidade de consciência mais altamente motivada, mais altamente energizada e mais potente conhecida em qualquer universo.

É energia concentrada num grau que vos pareceria completamente inacreditável. Contém potenciais ilimitados, mas tem de desenvolver a sua própria identidade e formar os seus próprios mundos. Transporta dentro de si o peso de todo o ser. Dentro dela existem potenciais de personalidade para além da vossa compreensão. Lembra-te de que estou a falar da tua própria Alma, ou entidade, bem como da Alma, ou entidade, em geral. Tu és uma manifestação da tua própria Alma. Quantos de vós queriam limitar a vossa realidade, a vossa realidade inteira, à experiência que agora conheceis? É isso que fazes quando imaginas que a tua Personalidade de Foco atual é a tua personalidade inteira, ou quando insistes que a tua identidade seja mantida inalterada por uma eternidade sem fim.

Uma eternidade assim estaria, de facto, morta. Em muitos aspetos, a Alma é um deus incipiente, e mais adiante neste livro discutiremos o “conceito de Deus”. Por agora, contudo, ocupar-nos-emos simplesmente da entidade ou Alma, o nível maior do Self que, mesmo agora, sussurra nos recessos ocultos da experiência de cada leitor. Espero, neste livro, não apenas assegurar-te da validade eterna da tua Alma ou entidade, mas também ajudar-te a sentir a sua realidade vital dentro de ti próprio. Antes de mais, contudo, deves ter alguma ideia da tua própria estrutura psíquica. Quando compreenderes, até certo ponto, quem e o que és, poderei então explicar com mais clareza quem e o que eu sou. Espero familiarizar-te com esses aspetos profundamente criativos do teu próprio ser, para que possas usá-los para alargar e expandir toda a tua experiência.

Muitos indivíduos imaginam a Alma como um Ego Exterior imortalizado, esquecendo que o Ego Exterior, tal como o conheceis, é apenas uma pequena parte do Self; assim, este nível da personalidade é simplesmente projetado para diante, ad infinitum, por assim dizer. Uma vez que as dimensões da vossa realidade são tão pouco compreendidas, os vossos conceitos são inevitavelmente limitados. Ao considerar a “imortalidade”, a humanidade parece esperar um desenvolvimento adicional do Ego Exterior, e, no entanto, opõe-se à ideia de que esse desenvolvimento possa implicar mudança. Afirma, através das suas religiões, que tem de facto uma Alma, sem sequer perguntar o que é uma Alma, e muitas vezes parece considerá-la, mais uma vez, como um objeto que possui.

A personalidade, mesmo tal como a conheceis, muda constantemente, e nem sempre de formas antecipáveis — na verdade, na maioria das vezes, de formas imprevisíveis. Insistis em focalizar a atenção nas semelhanças que se entretecem no vosso próprio comportamento; e, sobre elas, construís uma teoria segundo a qual a identidade segue um padrão que, em vez disso, fostes vós que transpuseram sobre ela. E esse padrão transposto impede-vos de ver a identidade como ela realmente é. Projetais, portanto, também este ponto de vista distorcido sobre a vossa conceção da realidade da Alma. Assim, pensais na Alma à luz das conceções erróneas que mantendes até acerca da natureza dos vossos selves mortais.

Mesmo o self mortal — isto é, a Personalidade de Foco encarnada —, como vês, é muito mais milagroso e maravilhoso do que percebes, e possui muito mais capacidades do que aquelas que lhe atribuis. Ainda não compreendes a verdadeira natureza da percepção, mesmo no que diz respeito ao self mortal, e por isso dificilmente poderás compreender as percepções da Alma. Pois a Alma, acima de tudo, percebe e cria. Recorda novamente que és uma Alma agora. A Alma dentro de ti, portanto, está a perceber agora. Os seus métodos de percepção são agora os mesmos que eram antes do teu nascimento físico, e serão os mesmos depois da tua morte física. Assim, basicamente, o nível interior de ti, a substância da Alma, não mudará subitamente os seus métodos de percepção nem as suas características depois da morte física.

Podes, portanto, descobrir agora o que é a Alma. Não é algo que esteja à tua espera na morte, nem algo que tenhas de salvar ou

redimir; e é também algo que não podes perder. A expressão “perder ou salvar a Alma” foi grosseiramente mal interpretada e distorcida, pois ela é a parte de ti que é, de facto, indestrutível. Entraremos nesta questão específica numa parte do livro dedicada à religião e ao conceito de Deus.

A tua própria personalidade, tal como a conheces — a tua Personalidade de Foco atual, essa expressão de ti que consideras mais preciosa, mais singularmente tua —, também nunca será destruída nem perdida. É uma expressão da Alma. Não será devorada, apagada nem subjugada pela Alma; por outro lado, também nunca poderá ser separada dela. É, contudo, apenas um aspeto da tua Alma. A tua individualidade, seja qual for a forma como queiras concebê-la, continua a existir, nos teus termos.

Continua a crescer e a desenvolver-se, mas o seu crescimento e desenvolvimento dependem profundamente da compreensão de que, embora seja distinta e individual, é também apenas uma manifestação da Alma. Na medida em que compreende isto, aprende a desdobrar-se criativamente e a usar aquelas capacidades que existem inerentemente dentro de si.

Infelizmente, seria muito mais fácil dizer-te simplesmente que a tua individualidade continua a existir, e deixar o assunto por aí. Embora isto constituísse uma parábola relativamente razoável, ela já foi contada dessa forma particular antes, e há perigos nessa própria simplicidade do relato. A verdade é que a personalidade que és agora, e as personalidades que foste e serás — nos termos em

que compreendes o tempo —, todas estas Personalidades de Foco são manifestações da Alma, da tua Alma.

A tua Alma, portanto — a Alma que és —, a Alma da qual fazes parte — essa Alma é um fenómeno muito mais criativo e milagroso do que anteriormente supunhas. E quando isto não é claramente compreendido, e quando o conceito é diluído por uma questão de simplicidade, como mencionei antes, a intensa vitalidade da Alma nunca pode ser compreendida. A tua Alma, portanto, possui a sabedoria, a informação e o conhecimento que fazem parte da experiência de todas essas outras personalidades; e tendes dentro de vós acesso a essa informação, mas apenas se compreenderdes a verdadeira natureza da vossa realidade. Permite-me sublinhar novamente que essas personalidades existem independentemente dentro da Alma e fazem parte dela, e cada uma delas é livre para criar e desenvolver-se.

Existe, contudo, uma comunicação interior, e o conhecimento de uma está disponível para qualquer uma — não depois da morte física, mas agora, no vosso momento presente. A própria Alma, como mencionei anteriormente, não é estática. Cresce e desenvolve-se até através da experiência das personalidades que a compõem, e é, para o dizer da forma mais simples possível, mais do que a soma das suas partes.

Não existem sistemas fechados na realidade. No vosso sistema físico, a natureza das vossas perceções limita até certo ponto a vossa ideia de realidade, porque decidis deliberadamente focalizar-vos dentro de um determinado "local". Mas, em termos

fundamentais, a consciência nunca pode ser um sistema fechado, e todas as barreiras dessa natureza são ilusão. Portanto, a própria Alma não é um sistema fechado. Quando considerais a Alma, contudo, geralmente pensais nela sob essa luz — imutável, uma cidadela psíquica ou espiritual. Mas as cidadelas não mantêm apenas os invasores fora; também impedem a expansão e o desenvolvimento.

Há aqui muitas questões muito difíceis de expressar por palavras, pois tens tanto receio pelo teu sentido de identidade que resistes à ideia de que a Alma, por exemplo, seja um sistema espiritual aberto, uma central de criatividade que se projeta em todas as direções — e, no entanto, é precisamente esse o caso.

Digo-te isto e, ao mesmo tempo, recordo-te que a tua personalidade presente nunca se perde. Outra palavra para Alma é entidade. Como vês, não se trata simplesmente de te dar uma definição de Alma ou entidade, pois, mesmo para teres um vislumbre em termos lógicos, terias de a compreender em termos espirituais, psíquicos e eletromagnéticos, e compreender também a natureza básica da consciência e da ação. Mas podes descobrir intuitivamente a natureza da Alma ou entidade, e, em muitos aspetos, o conhecimento intuitivo é mais direto e abrangente do que qualquer outro tipo de conhecimento.

Um pré-requisito para essa compreensão intuitiva da Alma é o desejo de a alcançar. Se o desejo for suficientemente forte, serás automaticamente conduzido a experiências que resultarão num

conhecimento subjetivo vívido e inconfundível. Existem métodos que te permitirão fazê-lo, e dar-te-ei alguns perto do fim deste livro.

Por agora, aqui fica um exercício bastante eficaz, embora simples. Depois de leres este capítulo até este ponto, fecha os olhos e tenta sentir dentro de ti a fonte de poder de onde vêm a tua respiração e as tuas forças vitais. Alguns de vós conseguirão fazê-lo logo à primeira tentativa. Outros poderão demorar mais tempo. Quando sentires dentro de ti essa fonte, tenta então sentir esse poder a fluir para fora através de todo o teu ser físico, através das pontas dos dedos das mãos e dos pés, através dos poros do teu corpo, em todas as direções, contigo como centro. Imagina os raios sem diminuição, alcançando depois a folhagem e as nuvens acima, o centro da Terra abaixo, estendendo-se até aos limites mais distantes do universo.

Não pretendo, contudo, que isto seja apenas um exercício simbólico, pois, embora possa começar com a imaginação, baseia-se num facto, e as emanções da tua consciência e a criatividade da tua Alma estendem-se, de facto, para fora dessa maneira. O exercício dar-te-á alguma ideia da verdadeira natureza, criatividade e vitalidade da Alma, da qual podes retirar a tua própria energia e da qual és uma expressão individual e única.

Esta discussão não pretende ser uma apresentação esotérica com pouco significado prático nas vossas vidas diárias. O facto é que, enquanto mantiveres conceitos limitados acerca da tua própria realidade, não poderás tirar partido, de modo prático, de muitas capacidades que são tuas; e, enquanto tiveres um conceito limitado

da Alma, em certa medida privas-te da fonte do teu próprio ser e da tua criatividade.

Essas capacidades operam, quer saibas disso quer não, mas muitas vezes operam apesar de ti, em vez de o fazerem com a tua cooperação consciente; e, muitas vezes, quando te apercebes de que as estás a usar, ficas assustado, desorientado ou confuso. Independentemente daquilo que te ensinaram, tens de compreender, por exemplo, que, em termos fundamentais, as percepções não são físicas no sentido em que o termo é habitualmente usado. Se te surpreenderes a percecionar informação através de meios que não sejam os sentidos físicos, então tens de aceitar que é assim que a percepção funciona.

O que acontece muitas vezes é que a tua conceção da realidade é tão limitada que te assustas sempre que percecionas alguma experiência que não se encaixa nessa conceção. Não estou agora a falar apenas de capacidades vagamente chamadas “percepção extrassensorial”. Essas experiências só te parecem extraordinárias porque, durante tanto tempo, negaste a existência de qualquer percepção que não viesse através dos sentidos físicos.

A chamada percepção extrassensorial dá-te apenas uma ideia rudimentar e distorcida dos modos básicos como o self interior — isto é, a psique enquanto campo organizador da experiência, operando como nível interior do Self — recebe informação; mas os conceitos construídos em torno da percepção extrassensorial estão, pelo menos, mais próximos da verdade e, como tal, representam

uma melhoria em relação à ideia de que toda a percepção é basicamente física.

É quase impossível separar uma discussão sobre a natureza da Alma de uma discussão sobre a natureza da percepção. Vamos rever, muito brevemente, alguns pontos: formas a matéria física e o mundo físico que conheces. Pode dizer-se que os sentidos físicos criam efetivamente o mundo físico, na medida em que te obrigam a perceber um campo de energia disponível em termos físicos, impondo um padrão altamente especializado a esse campo de realidade. Usando os sentidos físicos, não consegues perceber a realidade de outra forma.

Esta percepção física não altera de modo algum a percepção nativa, básica e livre de amarras que é característica do self interior — a psique enquanto campo organizador da experiência, operando como nível interior do Self —, sendo esse self interior a porção da Alma que está dentro de ti. O self interior conhece a sua relação com a Alma. É um nível do Self que atua, poderias dizer, como mensageiro entre a Alma e a personalidade presente. Deves também compreender que, quando uso termos como “Alma” ou “entidade”, “self interior” e “personalidade presente”, faço-o apenas por conveniência, pois uma é parte da outra; não existe nenhum ponto onde uma comece e outra termine.

Podes ver isto facilmente por ti próprio se considerares a forma como os psicólogos usam os termos “ego”, “subconsciente” e até “inconsciente”. Aquilo que parece subconsciente num instante pode tornar-se consciente no instante seguinte. Um motivo inconsciente

pode também tornar-se consciente em determinado momento. Mesmo nestes termos, a tua experiência deveria mostrar-te que as próprias palavras criam divisões que não existem na tua própria experiência.

Pareces percecionador exclusivamente através dos sentidos físicos, e, no entanto, basta-te expandir a ideia que o Ego Exterior faz da realidade para descobrires que até esse foco exterior de ti aceita com bastante facilidade a existência de informação não física.

À medida que o faz, as suas próprias ideias acerca da sua natureza mudarão e expandir-se-ão automaticamente, pois terás removido limitações ao seu crescimento. Qualquer ato de percepção muda o percecionador; por isso, a Alma, considerada como percecionador, também tem de mudar. Não existem divisões reais entre o percecionador e aquilo que parece ser percecionado. Em muitos aspetos, aquilo que é percecionado é uma extensão do percecionador. Isto pode parecer estranho, mas todos os atos são atos mentais — ou, se preferires, atos psíquicos. Esta é uma explicação extremamente simples; mas o pensamento cria a realidade. Depois, o criador do pensamento perceciona o objeto e não compreende a ligação entre ele e essa coisa aparentemente separada.

Esta característica de materializar pensamentos e emoções em realidades físicas é um atributo da Alma. Na vossa realidade, esses pensamentos tornam-se físicos. Noutras realidades, podem ser “construídos” de uma forma inteiramente diferente. Assim, a tua

Alma, aquilo que és, constrói para ti a tua realidade física diária a partir da natureza dos teus pensamentos e expectativas.

Podes ver facilmente, portanto, como os teus sentimentos subjetivos são realmente importantes. Este conhecimento — de que o teu universo é construção de ideias — pode dar-te imediatamente pistas que te permitem mudar benéficamente o teu ambiente e as tuas circunstâncias. Quando não compreendes a natureza da Alma e não percebes que os teus pensamentos e sentimentos formam a realidade física, sentes-te impotente para a mudar. Em capítulos posteriores deste livro, espero dar-te alguma informação prática que te permitirá alterar, de forma concreta, a própria natureza e estrutura da vida diária.

A Alma percebe toda a experiência diretamente. A maior parte das experiências de que estás consciente chega-te embalada em invólucro físico, e tu tomas o invólucro pela própria experiência, sem pensares em olhar para dentro. O mundo que conheces é uma das infinitas materializações assumidas pela consciência e, enquanto tal, é válido.

A Alma, contudo, não precisa de seguir as leis e princípios que fazem parte da realidade física, nem depende da percepção física. As percepções da Alma são percepções de atos e acontecimentos mentais que se encontram, por assim dizer, por baixo dos acontecimentos físicos tal como os conheces. As percepções da Alma não dependem do tempo, porque o tempo é uma camuflagem física e não se aplica à realidade não física.

É difícil explicar-te como funciona realmente a experiência direta, pois ela existe como um campo total de percepção, isento dos indícios físicos — como cor, tamanho, peso e sentido — com que as tuas percepções físicas estão revestidas.

As palavras são usadas para falar de uma experiência, mas obviamente não são a experiência que procuram descrever. A tua experiência subjetiva física está tão envolvida no pensamento verbal, contudo, que te é quase impossível conceber uma experiência que não esteja orientada por pensamento-palavra.

Cada acontecimento de que estás consciente já é uma tradução de um acontecimento interior, um acontecimento psíquico ou mental percecionado diretamente pela Alma, mas traduzido pelos níveis da Personalidade de Foco orientados fisicamente em termos dos sentidos físicos.

Escusado será dizer, portanto, que a Alma não precisa de um corpo físico para fins de percepção; que a percepção não depende dos sentidos físicos; que a experiência continua quer estejas nesta vida ou noutra; e também que os métodos básicos de percepção da Alma estão a operar dentro de ti agora, mesmo enquanto lês este livro. Daqui se segue também que a tua experiência dentro do sistema físico depende de uma forma física e de sentidos físicos — novamente, porque estes interpretam a realidade e a traduzem em informação sensorial física. Segue-se ainda que alguns indícios da experiência direta da Alma podem ser obtidos desligando momentaneamente os sentidos físicos — recusando usá-los como percecionadores e recorrendo a outros métodos. Fazes isto até

certo ponto no estado de sonho, mas, mesmo aí, em muitos sonhos ainda tendes a traduzir a experiência em termos físicos alucinatórios. A maioria dos sonhos de que te recordas é dessa natureza.

A certas profundidades do sono, contudo, a percepção da Alma opera relativamente sem entraves. Bebes, por assim dizer, do poço puro da percepção. Comunicas com as profundezas do teu próprio ser e com a fonte da tua criatividade. Estas experiências, por não serem traduzidas fisicamente, não permanecem de manhã. Não te recordas delas como sonhos. No entanto, sonhos podem formar-se mais tarde, nessa mesma noite, a partir da informação obtida durante aquilo a que chamarei a “experiência profunda”. Estes não serão traduções exatas, nem sequer aproximadas, da experiência, mas antes da natureza das parábolas oníricas — uma coisa inteiramente diferente, como vês.

Este nível particular de consciência, que ocorre no estado de sono, não foi identificado pelos vossos cientistas. Nesse nível, é gerada energia que torna possível o próprio estado de sonho. É verdade que os sonhos permitem à Personalidade de Foco orientada fisicamente digerir a experiência atual, mas também é verdade que essa experiência é então devolvida aos seus componentes iniciais. Desagrega-se, por assim dizer. Partes dela são retidas como informação sensorial física “passada”, mas a experiência inteira regressa ao seu estado direto inicial.

Existe então, “eternamente”, separada do revestimento físico de que precisas para a compreender. A existência física é uma das

formas pelas quais a Alma escolhe experienciar a sua própria atualidade. Por outras palavras, a Alma criou um mundo para tu habitares, para mudares — uma esfera completa de atividade na qual podem emergir novos desenvolvimentos e, de facto, novas formas de consciência.

De certa maneira, crias continuamente a tua Alma tal como ela te cria continuamente. A Alma nunca é diminuída, nem, em termos fundamentais, o são quaisquer expressões do Self.

A Alma pode ser considerada como um campo de energia eletromagnética do qual fazes parte. Vista sob esta luz, é um campo de ação concentrada — uma central de probabilidades ou de ações prováveis que procuram expressão; um agrupamento de consciências não físicas que, ainda assim, se conhece como identidade. Vê a questão desta maneira: a jovem mulher através da qual falo afirmou certa vez, num poema, e cito: “Estes átomos falam, e chamam-se pelo meu nome.”

Ora, o teu corpo físico é também um campo de energia com determinada forma; contudo, quando alguém te pergunta o teu nome, os teus lábios pronunciam-no — e, no entanto, o nome não pertence aos átomos nem às moléculas dos lábios que proferem as sílabas. O nome só tem significado para ti. Dentro do teu corpo, não consegues apontar com o dedo para a tua própria identidade. Se pudesses viajar dentro do teu corpo, não encontrarias o lugar onde a tua identidade reside; e, no entanto, dizes: “Este é o meu corpo” e “Este é o meu nome.”

Se não podes ser encontrado, nem sequer por ti próprio, dentro do teu corpo, então onde está essa tua identidade que afirma possuir as células e os órgãos como seus? A tua identidade tem obviamente alguma ligação com o teu corpo, pois não tens dificuldade em distinguir o teu corpo do corpo de outra pessoa, e certamente não tens dificuldade em distinguir o teu corpo da cadeira, por exemplo, onde talvez estejas sentado.

Num sentido mais amplo, a identidade da Alma pode ser vista a partir do mesmo ponto de vista. Ela sabe quem é, e está muito mais certa da sua identidade, de facto, do que a tua identidade física está da sua. E, no entanto, onde, neste campo de energia eletromagnética, pode ser encontrada a identidade da Alma enquanto tal?

Ela regenera todas as outras expressões de si mesma e dá-te a identidade que é tua. E, se lhe perguntassem: “Quem és?”, responderia simplesmente: “Eu sou eu”, e estaria também a responder por ti.

Em termos de psicologia, tal como a entendeis, a Alma poderia ser considerada uma identidade primordial que é, em si mesma, uma gestalt — uma configuração integrada de consciências — composta por muitas outras consciências individuais; um Self ilimitado que, ainda assim, é capaz de se expressar de muitas maneiras e formas e, ao mesmo tempo, manter a sua própria identidade, a sua própria qualidade de “Eu Sou”, mesmo estando consciente de que esse “Eu Sou” pode fazer parte de outro “Eu Sou”. Tenho a certeza de que isto vos poderá parecer inconcebível,

mas o facto é que esta qualidade de “Eu Sou” é mantida mesmo quando, figurativamente falando, se funde e viaja através de outros campos energéticos desse tipo. Por outras palavras, existe uma troca entre Almas ou entidades, e não há fim para as possibilidades, tanto de desenvolvimento como de expansão. Mais uma vez, a Alma não é um sistema fechado.

É apenas porque a tua existência presente está tão intensamente focalizada numa área estreita que impões limites tão rígidos às tuas definições do Self, e depois projetas esses limites sobre os teus conceitos da Alma. Preocupas-te com a tua identidade física e limitas o alcance das tuas perceções por medo de não conseguires lidar com mais e, ao mesmo tempo, conservar a tua individualidade.

A Alma não teme pela sua identidade. Está segura de si. Procura sempre. Não receia ser submersa pela experiência ou pela perceção. Se tivesses uma compreensão mais profunda da natureza da identidade, não temerias, por exemplo, a telepatia, pois por detrás dessa preocupação está o receio de que a tua identidade seja varrida pelas sugestões ou pensamentos dos outros.

Nenhum sistema psíquico é fechado, nenhuma consciência é fechada, independentemente das aparências em contrário dentro do vosso próprio sistema. A Alma é uma viajante, como tantas vezes foi dito; mas é também a criadora de toda a experiência e de todos os destinos, nos vossos termos. Cria mundos à medida que avança, por assim dizer.

Esta é a verdadeira natureza do ser psíquico de que fazes parte. Como mencionei anteriormente, mais adiante no livro dar-te-ei algumas sugestões práticas que te permitirão reconhecer algumas das tuas capacidades mais profundas e utilizá-las para o teu próprio desenvolvimento, prazer e educação.

A consciência não se constrói, em termos fundamentais, sobre esses preceitos de bem e mal que agora tanto vos preocupam. Por inferência, a Alma também não. Isto não significa que, no vosso sistema e em alguns outros, esses desafios não existam, ou que o bem não seja preferível ao mal. Significa simplesmente que a Alma sabe que bem e mal são apenas manifestações diferentes de uma realidade muito maior.

Quero voltar a sublinhar que, embora tudo isto pareça difícil de explicar por palavras, torna-se muito mais claro intuitivamente quando aprendes a experienciar aquilo que és; pois, se não podes viajar dentro do teu corpo físico para encontrar a tua identidade, podes viajar através da tua psique.

Há muito mais maravilhas a perceber através desta exploração interior do que alguma vez poderás acreditar, até começares essa viagem por ti próprio. És uma Alma; és uma manifestação particular de uma Alma, e é puro absurdo pensar que tens de permanecer ignorante acerca da natureza do teu próprio ser. Talvez não consigas colocar claramente o teu conhecimento em palavras, mas isso não negará de modo algum o valor nem a validade da experiência que será tua assim que começares a olhar para dentro.

Podes chamar a isto exploração psíquica, como preferires. Não estarás a tentar encontrar a tua Alma. Nesse sentido, não há nada a encontrar. Ela não está perdida, e tu não estás perdido. As palavras que usas podem não fazer diferença, mas a tua intenção faz, de facto.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca radicalmente a compreensão da Alma. A Alma não é algo que se possui, salva, perde ou conserva intacto como uma relíquia. É aquilo que se é, em profundidade: uma identidade viva, criativa, mutável, percetiva e em estado contínuo de devir.

A função central do capítulo é esta:

a Alma é um sistema aberto de consciência, perceção e criação, que se expressa através de múltiplas Personalidades de Foco sem perder a sua identidade.

1. A Alma não é algo que tens

Seth começa por corrigir um equívoco fundamental:

visão comum → eu tenho uma Alma

visão de Seth → eu sou Alma

A Alma não é objeto, propriedade ou posse espiritual. Também não é uma “coisa” estática, acabada, guardada algures para sobreviver à morte física.

É uma identidade interior viva, poderosa, expandida, responsiva e criativa.

Alma → identidade interior íntima e expandida → viva, mutável, curiosa → em estado de devir

2. Alma e entidade

Seth explica que muitas vezes prefere o termo entidade porque “Alma” carrega associações religiosas rígidas.

Na nossa leitura operacional, Alma e entidade funcionam aqui como termos equivalentes para o mesmo nível identitário ampliado.

Alma / entidade → identidade ampliada → campo criativo multidimensional → origem e integração de várias Personalidades de Foco

Mas esta equivalência deve continuar contextual. Em capítulos futuros, se Seth diferenciar mais claramente estes termos, a cartografia pode ser refinada.

3. A Alma como sistema aberto

Um dos pontos mais fortes do capítulo é a rejeição da Alma como sistema fechado.

Seth critica a imagem da Alma como cidadela psíquica ou espiritual: algo protegido, isolado, imóvel, fechado sobre si.

Alma como cidadela → segurança aparente → isolamento → bloqueio de expansão

A Alma, pelo contrário, é um sistema aberto:

Alma → sistema espiritual aberto → central de criatividade → projeta-se em todas as direções → troca com outras Almas / entidades → expande-se pela experiência

A identidade da Alma não é ameaçada pela abertura. É precisamente por estar segura de si que pode expandir-se.

4. A Alma não é um Ego Exterior imortalizado

Seth desmonta a ideia de que a imortalidade seja simplesmente a continuação infinita do ego.

erro comum → Alma = Ego Exterior imortalizado

correção → Ego Exterior = pequeno foco operacional do Self → Alma = identidade ampliada que excede o Ego Exterior

O Ego Exterior lida com a realidade física e tem uma função importante, mas não é a totalidade da identidade.

A humanidade, segundo Seth, tende a desejar a imortalidade do ego sem aceitar a transformação. Mas uma identidade que não pudesse mudar estaria morta.

5. Personalidade de Foco e individualidade

O capítulo obriga a distinguir dois níveis:

Personalidade de Foco → configuração experiencial encarnada / fisicamente orientada

Individualidade → sentido subjetivo de eu e continuidade pessoal

A Personalidade de Foco atual nunca será destruída nem perdida. Ela é uma expressão da Alma.

Mas não é a totalidade da Alma.

Alma → múltiplas Personalidades de Foco → cada uma com individualidade própria → todas reais, válidas e criativas

A individualidade continua, mas cresce ao reconhecer que é distinta e, ao mesmo tempo, manifestação de uma identidade mais ampla.

6. A Alma como gestalt de consciências

Seth descreve a Alma como uma identidade primordial que é uma gestalt — uma configuração integrada de consciências — composta por muitas consciências individuais.

Alma → gestalt de consciências → identidade integrada → múltiplas expressões individuais → unidade sem fechamento

A Alma é mais do que a soma das suas partes.

Cada personalidade que a compõe é livre para criar e desenvolver-se, mas permanece em comunicação interior com as outras.

7. Qualidade de “Eu Sou”

A expressão I am-ness foi estabilizada como:

qualidade de “Eu Sou”

Isto designa a capacidade da identidade de se saber a si mesma como existente, mesmo quando se expande, se funde parcialmente ou atravessa outros campos energéticos.

qualidade de “Eu Sou” → autorreconhecimento identitário → continuidade através da mudança → abertura sem perda de identidade

A Alma conserva a sua qualidade de “Eu Sou” mesmo ao participar em trocas com outras Almas ou entidades.

8. A Alma percebe diretamente

A Alma não depende dos sentidos físicos. Percebe atos e acontecimentos mentais ou psíquicos antes de serem traduzidos em termos físicos.

acontecimento interior → percepção direta pela Alma → tradução pela Personalidade de Foco → dados sensoriais físicos → experiência consciente comum

A experiência física é, portanto, uma tradução. O acontecimento físico é o “invólucro”; a experiência direta está por dentro.

9. Tempo como camuflagem física

A percepção da Alma não depende do tempo, porque o tempo pertence à estrutura de camuflagem da realidade física.

Alma → percepção direta → não dependente do tempo

Personalidade de Foco física → percepção sensorial → experiência organizada por tempo

O tempo ajuda a estruturar a experiência física, mas não é condição da percepção da Alma.

10. Sentidos físicos como tradução especializada

Os sentidos físicos não mostram a realidade “tal como ela é”. Eles traduzem um campo disponível de energia em termos físicos.

campo de energia / realidade → sentidos físicos → cor, peso, tamanho, forma, distância → mundo físico percebido

Por isso, a experiência física é válida, mas parcial. É uma das infinitas materializações da consciência.

11. Self interior e psique

Neste capítulo, estabilizámos uma ancoragem importante:

self interior — a psique enquanto campo organizador da experiência, operando como nível interior do Self.

O self interior funciona como interface entre a Alma e a personalidade presente.

Alma → self interior / psique → níveis interiores do Self → Personalidade de Foco → Ego Exterior

Ele recebe informação por modos não físicos e comunica com a personalidade presente através de canais psíquicos.

12. Ego Exterior e jogo do não-saber

Seth descreve a situação humana como um jogo em que a individualidade consciente, identificada com o Ego Exterior, finge não saber aquilo que o Self inteiro sabe.

Self inteiro → sabe

Ego Exterior → finge não saber → até poder usar esse conhecimento em termos físicos

Isto não é erro absoluto. É uma estratégia de focalização.

O Ego Exterior precisa de manter atenção na realidade física, mas depende constantemente da orientação vinda dos níveis interiores.

13. Canais psíquicos entre níveis do Self

Existem sempre comunicações nos dois sentidos através dos níveis do Self.

Alma → níveis interiores / psique → Ego Exterior → ação física

O Ego Exterior mantém a sua segurança e aparente comando porque os níveis interiores sustentam o corpo, organizam estímulos e fornecem orientação interior.

14. Sono, experiência profunda e percepção pura

O capítulo introduz um ponto muito importante: há profundidades do sono em que a percepção da Alma opera relativamente sem entraves.

Seth chama a isto experiência profunda.

sono profundo → redução da tradução física → percepção direta da Alma → poço puro da percepção → contacto com a fonte da criatividade

Estas experiências não são lembradas como sonhos, porque não foram traduzidas em imagens físicas. Mais tarde, podem gerar sonhos sob a forma de parábolas oníricas.

15. Sonhos como traduções secundárias

Os sonhos recordados são muitas vezes traduções físicas ou quase físicas de experiências interiores mais diretas.

experiência profunda → informação não física → tradução onírica
→ parábola simbólica → sonho recordado

Isto distingue:

experiência direta → não física, não verbal, não temporal

sonho comum → tradução simbólica em imagens

16. A Alma como campo eletromagnético de ação

Seth permite considerar a Alma como um campo de energia eletromagnética, mas não como objeto localizado.

Alma → campo de ação concentrada → central de probabilidades
→ agrupamento de consciências não físicas → identidade que se conhece a si mesma

Tal como não consegues encontrar a tua identidade dentro do corpo apontando para um órgão, também não podes localizar a identidade da Alma num ponto do seu campo energético.

A identidade é relacional, organizadora e consciente de si — não uma peça localizada.

17. Alma e corpo: identidade não localizada

O corpo é um campo de energia com forma. A identidade usa o corpo, mas não está localizada nele.

Corpo → campo de energia com forma

identidade física → relaciona-se com o corpo → mas não é localizável dentro dele

A mesma lógica aplica-se à Alma:

Alma → campo de energia ampliado → identidade própria → não localizável num ponto

18. Criar a Alma e ser criado por ela

Uma das frases mais importantes do capítulo é:

De certa maneira, crias continuamente a tua Alma tal como ela te cria continuamente.

Isto dissolve a relação hierárquica simples.

Alma → cria Personalidades de Foco

Personalidades de Foco → criam experiência

Experiência → expande a Alma

A Alma cria as suas expressões, mas também é enriquecida por elas. Há uma relação circular, dinâmica e cocriativa.

19. Percepção transforma o percecionador

Seth afirma que qualquer ato de percepção muda quem perceciona.

Percecionar → entrar em relação → ser alterado pela experiência
→ expandir identidade

Por isso, a Alma, enquanto percecionador, também muda. Como perceciona diretamente, a sua expansão é contínua.

20. Pensamento cria realidade

O capítulo reafirma um princípio já trabalhado:

Pensamento → ato mental / psíquico → criação de realidade → objeto, acontecimento, condição

A separação entre percecionador e coisa percecionada é aparente. Em muitos aspetos, aquilo que é percecionado é uma extensão do percecionador.

21. O universo como construção de ideias

Seth sintetiza:

o teu universo é construção de ideias.

Isto não quer dizer que o mundo físico seja falso. Significa que ele é uma tradução organizada de atos mentais e psíquicos.

Ideias → atos psíquicos → tradução percetiva → forma física → ambiente e circunstâncias

Compreender isto permite alterar de forma prática a vida diária.

22. Bem e mal como manifestações de realidade maior

Seth não nega a existência prática de bem e mal no sistema físico. Mas diz que a consciência e a Alma não se constroem, em termos fundamentais, sobre esses preceitos.

nível físico → bem e mal operam como desafios reais

nível da Alma → bem e mal são manifestações de uma realidade maior

Isto não elimina a ética. Apenas impede que a Alma seja reduzida a um sistema moral fechado.

23. Exploração interior

Seth termina insistindo que não procura encontrar a Alma como se estivesse perdida.

Erro → procurar a Alma como objeto escondido

Correção → viajar através da psique → experienciar aquilo que és

A exploração interior não é busca de algo ausente. É reconhecimento experiencial daquilo que já está ativo.

Estrutura Operativa do Capítulo

Alma → sistema aberto de identidade, percepção e criação → campo de ação concentrada → gestalt de consciências → Personalidades de Foco → individualidades conscientes → experiência física

Alma → percepção direta

psique / self interior → organização e receção interior

Personalidade de Foco → tradução física da experiência

Ego Exterior → foco operacional na realidade física

experiência profunda → percepção direta da Alma → parábolas oníricas → sonhos recordados → vida consciente

Núcleo Operativo

O Capítulo 6 mostra que a Alma é uma identidade viva, aberta e criativa, não um objeto espiritual possuído pelo ego.

Ela percebe diretamente, cria mundos, integra múltiplas Personalidades de Foco e expande-se através das experiências que essas personalidades vivem. A individualidade não se perde na

Alma; é sustentada por ela, continua a desenvolver-se e contribui para a expansão da própria Alma.

A percepção física é uma tradução parcial da percepção direta. A experiência profunda, os sonhos e a exploração interior permitem pressentir essa percepção mais ampla.

Formulação final

A Alma é um sistema aberto de percepção e criação: uma identidade viva que se conhece como “Eu Sou”, expressa-se em múltiplas Personalidades de Foco e expande-se através das experiências que ela própria torna possíveis.

CAPÍTULO 7

As Potencialidades da Alma

Parece-te que tens apenas uma forma, a forma física que percecionas, e nenhuma outra. Parece-te também que a tua forma só pode estar num lugar de cada vez. Na verdade, tens outras formas que não percecionas, e também crias vários tipos de formas para vários propósitos, embora também não as perceções fisicamente.

O teu sentido principal de identidade está envolvido com o teu corpo físico, de tal modo que, por exemplo, te é extremamente difícil imaginar-te sem ele, fora dele, ou de algum modo desligado dele. A forma é o resultado de energia concentrada, sendo o seu padrão produzido por imagens-ideia emocionais ou psíquicas vividamente direcionadas. A intensidade é de máxima importância. Se tiveres, por exemplo, um desejo muito vívido de estar noutro lugar, então, sem te aperceberes conscientemente, uma forma pseudofísica, idêntica à tua, poderá aparecer nesse preciso local. O desejo transportará a marca da tua personalidade e da tua imagem, embora permaneças inconsciente dessa imagem ou da sua aparição noutro lugar.

Embora esta imagem-pensamento geralmente não seja vista por outros, é perfeitamente possível que, no futuro, instrumentos

científicos venham a percecioná-la. Tal como acontece agora, essa imagem pode ser percecionada por aqueles que desenvolveram o uso dos sentidos interiores. Qualquer ato mental intenso — pensamento ou emoção — não só será construído de alguma maneira física ou pseudofísica, como também trará, até certo ponto, a marca da personalidade que originalmente o concebeu.

Existem muitas dessas formas incipientes ou latentes. Para te ajudar a imaginar aquilo de que falo, poderias pensar nelas como imagens fantasma, ou imagens-sombra, embora isto seja apenas por analogia — formas, por exemplo, situadas abaixo do limiar da percepção física, que ainda não emergiram completamente na realidade física tal como a conheces, mas que são, ainda assim, suficientemente vívidas para serem construídas. Considerá-las-ias de facto bastante reais, se as pudesses ver.

Cada indivíduo envia, na verdade, com frequência essas imagens-réplica de si próprio, embora o grau de materialização possa variar; algumas formas, por exemplo, são mais ou menos sombrias do que outras. Contudo, estas formas não são meras projeções — imagens “planas”. Têm um efeito definido sobre a atmosfera. “Abrem espaço” para si mesmas de modos bastante difíceis de explicar, embora possam, por vezes, coexistir com objetos ou formas físicas, ou até sobrepor-se a eles. Neste caso, há uma interação definida — uma troca que, mais uma vez, ocorre fora do alcance da percepção física comum.

Poderás, por exemplo, desejar subitamente, com grande intensidade, estar junto de uma praia familiar, amada, mas

distante. Esse desejo intenso agiria então como uma espécie de núcleo de energia projetado para fora a partir da tua própria mente, recebendo uma forma — a tua forma. O lugar que imaginaste atrairia então essa forma, e ela ficaria instantaneamente ali. Isto acontece com grande frequência.

Em circunstâncias normais, ela não seria vista. Por outro lado, se o desejo fosse ainda mais intenso, o núcleo de energia seria maior, e uma parte do teu próprio fluxo de consciência seria transmitida à forma, de modo que, por um momento, tu, no teu quarto, poderias subitamente sentir o cheiro do ar salgado, ou perceber de alguma outra forma o ambiente em que essa pseudoimagem se encontra.

A extensão da percepção variará aqui em grande medida. Para começar, a tua forma física é o resultado de um grande foco emocional. A energia fantástica da tua psique não só criou o teu corpo físico, como o mantém. Ele não é uma coisa contínua, embora te pareça suficientemente permanente enquanto dura. Encontra-se, contudo, num estado constante de pulsação e, devido à natureza da energia e da sua construção, o corpo está, na verdade, a piscar, ligando-se e desligando-se.

Isto é difícil de explicar, e, para os nossos propósitos presentes, não é inteiramente necessário que compreendas as razões desta pulsação; mas, mesmo fisicamente, “não estás aqui” tantas vezes quantas estás. A tua intensidade emocional e o teu foco criam formas para além do teu corpo físico, embora a duração e o grau

dessas formas dependam da intensidade de qualquer origem emocional específica.

O teu espaço está, portanto, cheio de formas incipientes, bastante vívidas, mas situadas abaixo do limiar da estrutura regular da matéria que percecionas.

Estas projeções, portanto, são realmente enviadas constantemente. Instrumentos científicos mais sofisticados do que aqueles que tendes agora mostrariam claramente não só a existência dessas formas, mas também vibrações em ondas variáveis de intensidade à volta dos objetos físicos que percecionais.

Para tornar isto mais claro, olha para qualquer mesa que esteja diante de ti na divisão. Ela é física, sólida, e perceciona-la facilmente. Agora, por analogia, imagina, se conseguires, que atrás da mesa existe outra exatamente igual, mas menos física; atrás dessa, outra; e atrás dessa ainda outra — cada uma mais difícil de percecionar, desvanecendo-se até à invisibilidade. E, à frente da mesa, há uma mesa exatamente igual, só que um pouco menos física do que a mesa “real” — tendo também uma sucessão de mesas ainda menos físicas a estender-se para fora. E o mesmo acontece em cada lado da mesa.

Tudo aquilo que aparece em termos físicos existe também noutros termos que não percecionas. Só percecionas realidades quando elas atingem uma determinada “tonalidade”, quando

parecem coalescer em matéria. Mas elas existem realmente, e com plena validade, noutros níveis.

Existem também realidades que são “relativamente mais válidas” do que a tua; em comparação, estritamente por analogia, a tua mesa física pareceria ténue, tal como aquelas mesas muito sombrias que imaginámos. Terias, nesses termos, uma espécie de “supermesa”. O vosso não é, portanto, um sistema de realidade formado pela concentração mais intensa de energia. É simplesmente aquele em que estás sintonizado, aquele de que fazes parte integrante. Perceciona-lo simplesmente por essa razão.

Outras expressões de ti próprio, das quais não tens consciência, habitam aquilo a que poderias chamar um supersistema de realidade, no qual a consciência aprende a lidar com concentrações de energia muito mais fortes, a percecioná-las e a construir “formas” de uma natureza verdadeiramente diferente.

A tua ideia de espaço é, então, altamente distorcida, uma vez que, para ti, espaço é simplesmente o lugar onde nada é percecionado. Obviamente, está cheio de todo o tipo de fenómenos que não causam qualquer impressão nos teus mecanismos percetivos. De várias maneiras e em certas ocasiões, podes sintonizar-te até certo ponto com essas outras realidades — e fazes isso de modo esporádico, embora, em muitos casos, a experiência se perca porque não se regista fisicamente.

Pensa novamente nessa forma que enviaste para a praia. Embora não estivesse equipada com os teus sentidos físicos, era,

em si mesma, capaz de perceber até certo ponto. Projetaste-a sem o saber, mas através de leis inteiramente naturais. A forma construiu-se a partir de um desejo emocional intenso. A imagem segue então as suas próprias leis de realidade e, até certo ponto, embora em grau menor do que tu, possui consciência.

Usando novamente uma analogia, tu és enviado por um superself — isto é, pelo Self inteiro ou Alma enquanto nível projetor da tua existência física — que desejou intensamente existir em forma física. Não és uma marioneta desse superself. Seguirás as tuas próprias linhas de desenvolvimento e, através de meios demasiado difíceis de explicar aqui, acrescentas algo à experiência do superself e expandes também a natureza da sua realidade. Asseguras igualmente o teu próprio desenvolvimento e és capaz de recorrer às capacidades do superself.

Também nunca serás engolido por esse Self que, nestes termos, parece tão superior. Porque existes, envias projeções semelhantes às tuas, como mencionei anteriormente. Não há fim para a realidade da consciência, nem para os meios da sua materialização. Também não há fim para os desenvolvimentos possíveis de cada identidade.

Neste ponto, deixa-me tornar isto claro uma vez mais: a tua personalidade presente, tal como a concebes, é de facto “indelével”, e continua, depois da morte, a crescer e a desenvolver-se.

Menciono isto novamente no meio da nossa discussão atual para que não te sintas perdido, negado ou insignificante. Existem,

obviamente, infinitas gradações nos tipos e espécies de formas de que temos estado a falar. Essa energia que é projetada a partir do nosso “superself”, essa centelha de identidade intensa que resultou no teu nascimento físico, esse impulso único, tem, de certo modo, muitas semelhanças com o antigo conceito de Alma — exceto que contém apenas uma parte da história.

Enquanto continuas a existir e a desenvolver-te como indivíduo, o teu Self inteiro, ou Alma, possui um potencial tão vasto que nunca poderia ser plenamente expresso através de uma única personalidade, como foi explicado, de certo modo, no capítulo anterior.

Através de um foco emocional muito intenso, podes criar uma forma e projetá-la para outra pessoa, que poderá então percecioná-la. Isto pode ser feito consciente ou inconscientemente; e isso é bastante importante. Esta discussão não diz respeito à chamada forma astral, que é algo inteiramente diferente. O corpo físico é a materialização da forma astral.

Contudo, ela não abandona o corpo por muito tempo, e não é isso que é projetado em casos como o da analogia da praia usada anteriormente. Estás presentemente focalizado não só no teu corpo físico, mas também dentro de uma frequência particular de acontecimentos que interpretas como tempo. Outros períodos históricos existem simultaneamente, em formas igualmente válidas; e também outras Personalidades de Foco reencarnacionais. Mais uma vez, simplesmente não estás sintonizado com essas frequências.

Podes saber o que aconteceu no passado e organizar esse conhecimento como História porque, segundo as regras do jogo que aceitaste, acreditas que o passado, mas não o futuro, pode ser percecionado. Poderias ter histórias do futuro no presente, se as regras do jogo fossem diferentes.

Noutros níveis de realidade, as regras do jogo mudam. Depois da morte, nos vossos termos, és bastante livre percetivamente. O futuro aparece com tanta clareza como o passado. Contudo, até isto é altamente complicado, pois não existe apenas um passado. Aceitas como reais apenas certas classificações de acontecimentos e ignoras outras. E isto aplica-se precisamente aos próprios acontecimentos de que temos vindo a falar: existem, portanto, passados prováveis que estão completamente fora da tua compreensão. Escolhes um grupo particular desses acontecimentos e agarras-te a esse grupo como se fosse o único possível, sem perceberes que seleccionaste a partir de uma variedade infinita de acontecimentos passados.

Existem, então, obviamente, futuros prováveis e presentes prováveis. Estou a tentar discutir isto nos vossos termos, pois, basicamente, deves compreender que as palavras “passado”, “presente” e “futuro” não são mais significativas, no que diz respeito à verdadeira experiência, do que as palavras “ego”, “consciente” ou “inconsciente”.

Não só fazes parte de outros selves independentes, cada um focalizado na sua própria realidade, como existe também uma relação simpática entre eles. Por exemplo, devido a essa relação, a

tua experiência não precisa de ficar limitada pelos mecanismos físicos de percepção. Podes recorrer a conhecimento que pertence a esses outros selves independentes. Podes aprender a desviar a tua atenção da realidade física e a desenvolver novos métodos de percepção, que te permitirão alargar o teu conceito de realidade e expandir grandemente a tua própria experiência.

É apenas porque acreditas que a existência física é a única válida que não te ocorre procurar outras realidades. Coisas como a telepatia e a clarividência podem dar-te indícios de outros tipos de percepção, mas estás também envolvido em experiências muito definidas, tanto enquanto estás normalmente desperto como enquanto dormes.

A chamada corrente de consciência é simplesmente isso — uma pequena corrente de pensamentos, imagens e impressões — que faz parte de um rio de consciência muito mais profundo, representando a tua existência e experiência muito mais amplas. Passas todo o teu tempo a examinar essa pequena corrente, de tal modo que ficas hipnotizado pelo seu fluxo e em transe com o seu movimento. Simultaneamente, estas outras correntes de percepção e consciência passam sem que te apercebas delas; no entanto, fazem muito parte de ti, e representam aspetos, acontecimentos, ações e emoções bastante válidos, nos quais também estás envolvido noutros níveis de realidade.

Estás tão ativa e vividamente envolvido nessas realidades como naquela em que a tua atenção principal está agora focalizada.

Como, regra geral, te ocupas apenas do teu corpo físico e da tua identidade física, dás atenção à corrente de consciência que parece lidar com ambos. Estas outras correntes de consciência, contudo, estão ligadas a outras formas do Self que não percecionas. O corpo, por outras palavras, é simplesmente uma manifestação daquilo que és numa realidade; mas, nessas outras realidades, tens outras formas.

“Tu” não estás separado dessas outras correntes de consciência de nenhuma forma fundamental; apenas o teu foco de atenção te fecha a elas e aos acontecimentos em que estão envolvidas. Contudo, se pensares na tua corrente de consciência como transparente, podes aprender a olhar através dela e por baixo dela, para outras que correm em outros leitos de realidade. Também podes aprender a elevar-te acima da tua corrente de consciência presente e percecionar outras que correm, por analogia, paralelamente. O ponto essencial é que só estás limitado ao self que conheces se pensares que estás, e se não compreenderes que esse self está longe de ser toda a tua identidade.

Muitas vezes, sintonizas-te com estas outras correntes de consciência sem perceberes que o fizeste — pois, mais uma vez, elas fazem parte do mesmo rio da tua identidade. Todas estão, portanto, ligadas.

Qualquer trabalho criativo envolve-te num processo cooperativo no qual aprendes a mergulhar nessas outras correntes de consciência e a emergir com uma perceção que possui muito mais dimensões do que uma perceção surgida da corrente estreita e

habitual de consciência que conheces. A grande criatividade é, por isso, multidimensional. A sua origem não está numa única realidade, mas em muitas, e é tingida pela multiplicidade dessa origem.

A grande criatividade parece sempre maior do que a sua dimensão e realidade puramente físicas. Em contraste com o chamado habitual, manifesta-se quase como uma irrupção. Deixa-nos sem fôlego. Essa criatividade recorda automaticamente a cada ser humano a sua própria realidade multidimensional. As palavras “conhece-te a ti próprio”, portanto, significam muito mais do que a maioria das pessoas alguma vez supõe.

Em momentos de solidão, podes tornar-te consciente de algumas dessas outras correntes de consciência. Por vezes, podes, por exemplo, ouvir palavras ou ver imagens que parecem fora de contexto em relação aos teus próprios pensamentos. De acordo com a tua educação, crenças e enquadramento, poderás interpretá-las de inúmeras maneiras. Aliás, elas podem ter origem em várias fontes. Em muitas ocasiões, contudo, sintonizaste-te inadvertidamente com uma das tuas outras correntes de consciência, abrindo momentaneamente um canal para esses outros níveis de realidade onde habitam outras expressões de ti.

Algumas dessas correntes podem envolver os pensamentos daquilo a que chamarias uma Personalidade de Foco reencarnacional, focalizada noutro período da história tal como a conheces. Em vez disso, podes “captar” um acontecimento em que está envolvido um self provável, de acordo com a tua inclinação, a

tua flexibilidade psíquica, a tua curiosidade e o teu desejo de conhecimento. Por outras palavras, podes tornar-te consciente de uma realidade muito mais ampla do que aquela que agora conheces, usar capacidades que não percebes possuir e saber, para além de qualquer dúvida, que a tua própria consciência e identidade são independentes do mundo no qual agora focalizas a tua atenção principal. Se tudo isto não fosse verdade, eu não estaria a escrever este livro e tu não o estarias a ler.

Estas tuas outras existências continuam a decorrer alegremente, quer estejas acordado quer estejas a dormir, mas, enquanto estás normalmente desperto, bloqueia-las. No estado de sonho, estás muito mais consciente delas, embora exista um processo final de sonhar que muitas vezes mascara a experiência psíquica intensa; e, infelizmente, aquilo de que habitualmente te recordas é essa versão final do sonho.

Nessa versão final, a experiência básica é convertida, tanto quanto possível, em termos físicos. Por isso, fica distorcida. Este processo final de revestimento não é feito, contudo, pelos níveis mais profundos do Self, mas ocorre muito mais perto de um processo consciente do que imaginas.

A seguinte observação poderá explicar o que quero dizer. Se não quiseses recordar-te de um sonho específico, tu próprio censuras essa memória em níveis bastante próximos da consciência. Muitas vezes, até consegues apanhar-te no ato de deixar cair deliberadamente a memória de um sonho. O processo de

revestimento ocorre quase nesse mesmo nível, embora não exatamente.

Aqui, a experiência básica é rapidamente “vestida”, tanto quanto possível, com “roupas físicas”. Isto não acontece porque queiras compreender a experiência, mas porque recusas aceitá-la como sendo fundamentalmente não física. Nem todos os sonhos são desta natureza. Alguns sonhos ocorrem, eles próprios, em áreas psíquicas ou mentais ligadas às tuas atividades diárias, caso em que nenhum processo de revestimento é necessário. Mas, nos níveis muito profundos da experiência do sono — aqueles, aliás, ainda não tocados pelos cientistas nos chamados laboratórios do sonho —, estás em comunicação com outras expressões da tua própria identidade e com as outras realidades em que elas existem.

Nesse estado, também prossegues trabalhos e empreendimentos que podem estar ou não ligados aos teus interesses tal como os conheces. Estás a aprender, a estudar, a brincar; és tudo menos adormecido, tal como entendes o termo. Estás altamente ativo. Estás envolvido no trabalho subterrâneo, no verdadeiro âmago da existência.

Permite-me sublinhar aqui que simplesmente não estás inconsciente. Apenas parece que estás, porque, regra geral, de manhã não te recordas de nada disto. Até certo ponto, contudo, algumas pessoas estão conscientes destas atividades, e existem também métodos que te permitirão recordá-las em certa medida.

Não quero minimizar a importância do teu estado de consciência; como, por exemplo, quando lêes este livro. Presumivelmente, estás acordado, mas, em muitos aspetos, quando estás acordado, estás a repousar muito mais do que no teu chamado estado inconsciente noturno. Então, em maior grau, compreendes a tua própria realidade e és livre para usar capacidades que, durante o dia, ignoras ou negas.

Num nível muito simples, por exemplo, a tua consciência deixa frequentemente o corpo no estado de sono. Comunicas com pessoas noutros níveis de realidade que conheceste, mas, muito para além disso, manténs e revitalizas criativamente a tua imagem física. Processas a experiência diária, projeta-la naquilo que consideras o futuro, escolhes, de entre uma infinidade de acontecimentos prováveis, aqueles que tornarás físicos, e inicias os processos mentais e psíquicos que os trarão ao mundo da matéria física.

Ao mesmo tempo, disponibilizas esta informação a todas essas outras expressões da tua identidade, que habitam realidades inteiramente diferentes, e recebes delas informação comparável. Não perdes o contacto com o teu self comum de vigília. Simplesmente não te focalizas nele. Desvias a atenção. Durante o dia, invertes simplesmente o processo. Se olhasses para o teu self diário normal a partir do outro ponto de vista, como vês, usando aqui uma analogia, talvez achasses esse self fisicamente desperto tão estranho como agora achas o self adormecido. A analogia, contudo, não se sustenta por completo, simplesmente porque esse

teu self adormecido é muito mais conhecedor do que o self de vigília de que tanto te orgulhas.

A divisão aparente não é arbitrária, nem te é imposta à força. É simplesmente causada pelo teu atual estágio de desenvolvimento, e varia. Muitas pessoas fazem excursões a outras realidades — nadam, por assim dizer, através de outras correntes de consciência como parte da sua vida normal de vigília. Por vezes, peixes estranhos emergem nessas águas!

Eu sou obviamente um desses, nos vossos termos, nadando através de outras dimensões da realidade e observando uma dimensão da existência que é vossa, e não minha. Existem, portanto, canais entre todas estas correntes de consciência, todos estes rios simbólicos de experiência psíquica, e há viagens que podem ser feitas tanto a partir da minha dimensão como da vossa.

Inicialmente, Ruburt, Joseph e eu fazíamos parte da mesma entidade, ou identidade global, e por isso, simbolicamente falando, há correntes psíquicas que nos unem. Todas estas se fundem naquilo que muitas vezes foi comparado a um oceano de consciência, um poço de onde brota toda a atualidade. Começa por qualquer consciência e, teoricamente, encontrarás todas as outras.

Muitas vezes, o Ego Exterior atua como uma barragem, retendo outras percepções — não porque tenha sido feito para isso, nem porque esteja na natureza do Ego Exterior comportar-se dessa forma, nem sequer porque essa seja uma das suas funções principais, mas simplesmente porque foste ensinado a acreditar que

o propósito do Ego Exterior é restringir, e não expandir. Na verdade, imaginas que o Ego Exterior é uma parte muito fraca do Self, que tem de se defender contra outros níveis do Self muito mais expandidos, mais persuasivos e, de facto, mais perigosos; e por isso treinaste-o a usar palas, bastante contra as suas inclinações naturais.

O Ego Exterior quer, de facto, compreender e interpretar a realidade física, e relacionar-se com ela. Quer ajudar-te a sobreviver dentro da existência física, mas, ao colocares-lhe palas, prejudicas a sua perceção e a sua flexibilidade natural. Depois, porque ele é inflexível, dizes que essa é a função e característica natural do Ego Exterior.

Ele não consegue relacionar-se com uma realidade que não lhe permites perceber. Só consegue ajudar-te pobremente a sobreviver quando não lhe permites usar as suas capacidades para descobrir as verdadeiras condições em que tem de operar. Colocas-lhe palas e depois dizes que ele não consegue ver.

Síntese Operativa

Este capítulo desenvolve as capacidades ativas da Alma: criação de formas, projeções pseudofísicas, comunicação entre níveis de consciência, existência simultânea de selves reencarnacionais e prováveis, atividade profunda no sono, criatividade multidimensional e expansão contínua da identidade.

A função central do capítulo é esta:

a Alma expressa-se através de múltiplas formas, correntes de consciência e realidades simultâneas, sem que a individualidade presente seja perdida ou diminuída.

1. A forma física não é a única forma

Seth começa por desmontar a identificação exclusiva entre identidade e corpo físico.

percepção comum → tenho uma só forma → o corpo físico

visão de Seth → a identidade cria múltiplas formas → físicas, pseudofísicas, prováveis e não físicas

O corpo físico é apenas uma manifestação da identidade numa realidade específica.

A dificuldade humana está em imaginar-se fora do corpo, sem corpo ou desligado dele, porque o sentido principal de identidade está intensamente associado à forma física.

2. Forma como energia concentrada

A forma é apresentada como resultado de energia concentrada, organizada por imagens-ideia emocionais ou psíquicas.

imagem-ideia + intensidade emocional → núcleo de energia → forma pseudofísica ou física

A intensidade é o fator decisivo. Quanto mais vívido for o desejo, a emoção ou o pensamento, maior a capacidade de gerar forma.

Isto continua a lógica do capítulo anterior:

pensamento / emoção → energia → forma → matéria ou quase-matéria

3. Formas pseudofísicas

O capítulo introduz a ideia de forma pseudofísica: uma forma gerada pela consciência, semelhante ao corpo físico, mas ainda não plenamente estabilizada como matéria física comum.

desejo intenso → imagem-pensamento → forma pseudofísica → presença noutra local

Estas formas podem ser impercetíveis aos sentidos físicos comuns, mas não são irreais. Têm efeito no ambiente, interagem com objetos ou formas físicas e podem ser percebidas por sentidos interiores ou, futuramente, por instrumentos adequados.

4. Imagens-pensamento, imagens-réplica e imagens-sombra

Foram estabilizadas três expressões importantes:

imagem-pensamento → imagens-réplica → imagens-sombra

Estas expressões apontam para diferentes graus de manifestação da forma gerada pela psique.

imagem-pensamento → forma mental/psíquica com direção

imagem-réplica → forma projetada semelhante ao emissor

imagem-sombra → forma incipiente, parcialmente manifesta

5. Evitar espacialização literal

O capítulo exigiu uma pavimentação terminológica importante. Quando Seth fala de formas “abaixo” ou “por baixo de” a matéria física, não se trata necessariamente de um “abaixo” espacial.

Foram estabilizadas três fórmulas:

abaixo do limiar da percepção física → quando os sentidos físicos não captam a forma ou processo

abaixo do limiar da estrutura regular da matéria → quando a forma ainda não pertence à organização material comum

ainda não estabilizaram como matéria física comum → quando está em causa uma transição entre forma psíquica e materialização física

Estas fórmulas permitem traduzir a ideia de graus de manifestação sem criar uma falsa geografia vertical.

6. O corpo físico como pulsação

Seth afirma que o corpo físico não é uma coisa contínua. Ele está em pulsação constante, “a piscar”, ligando-se e desligando-se.

corpo físico → parece contínuo → mas pulsa energeticamente → não está “aqui” tantas vezes quantas está

A permanência do corpo é uma aparência funcional produzida pelo foco perceptivo. A forma física é mantida pela energia da psique e pelo foco emocional que a sustenta.

7. O espaço está cheio de formas incipientes

Aquilo que se chama “espaço vazio” não está vazio. Está cheio de formas, vibrações, projeções e realidades que não se registam nos mecanismos perceptivos físicos.

espaço físico aparente → não é vazio → contém formas incipientes → camadas de manifestação → realidades não percebidas

A ideia comum de espaço é distorcida porque define espaço como “onde nada é percebido”.

8. Realidades por grau de intensidade

Seth usa a analogia da mesa para mostrar que uma forma física existe também em outros graus de realidade.

mesa física → forma estabilizada na tua frequência

mesas menos físicas → formas mais subtis / menos densas

supermesa → forma pertencente a um sistema de realidade mais intenso

A tua realidade não é a mais intensa nem a mais válida em absoluto. É simplesmente aquela em que estás sintonizado.

9. Supersistemas de realidade

Seth introduz a ideia de supersistema de realidade: um nível onde outras expressões de ti lidam com concentrações de energia mais fortes e constroem formas de outra natureza.

realidade física → sistema de foco atual

supersistema → nível de realidade mais intenso → outras formas do Self → outras capacidades percetivas

Isto alarga a noção de identidade: há partes de ti que operam noutros sistemas com uma competência que a individualidade consciente atual não reconhece.

10. Superself

O termo **superself** foi mantido como termo técnico contextual, ancorado como:

superself — o Self inteiro ou Alma enquanto nível projetor da existência física.

Não deve ser traduzido por “super-eu”, para evitar ruído freudiano, nem confundido automaticamente com Self de Origem.

Superself → Self inteiro / Alma → nível projetor da Personalidade de Foco física → fonte de capacidades e experiência ampliada

A Personalidade de Foco não é uma marioneta do superself. Tem desenvolvimento próprio, acrescenta experiência ao superself e expande a natureza da sua realidade.

11. A personalidade presente é indelével

Seth faz questão de reafirmar que a personalidade presente não é apagada nem dissolvida.

Personalidade de Foco atual → continua após a morte → cresce → desenvolve-se → não é engolida pela Alma / superself

Este ponto é essencial: a expansão da identidade não implica perda da individualidade.

A Alma é maior do que uma personalidade, mas não anula as personalidades que a expressam.

12. Forma astral e forma pseudofísica

Seth distingue a forma pseudofísica da chamada forma astral.

forma astral → base ou matriz da forma física

corpo físico → materialização da forma astral

forma pseudofísica projetada → imagem-forma criada por foco emocional intenso → não é a forma astral a abandonar o corpo

Esta distinção evita confundir projeções emocionais/psíquicas com deslocamentos da forma astral.

13. Frequências de acontecimentos e tempo

Seth descreve o tempo como uma frequência particular de acontecimentos.

atenção atual → sintonizada numa frequência de acontecimentos
→ interpretada como tempo

Outros períodos históricos existem simultaneamente, mas não são percebidos porque a Personalidade de Foco não está sintonizada com essas frequências.

século atual → frequência de foco

outros períodos históricos → frequências simultâneas

Personalidades de Foco reencarnacionais → expressões da Alma nessas frequências

14. História, passados prováveis e futuros prováveis

A frase estabilizada foi:

Podes saber o que aconteceu no passado e organizar esse conhecimento como História porque, segundo as regras do jogo que aceitaste, acreditas que o passado, mas não o futuro, pode ser percebido. Poderias ter histórias do futuro no presente, se as regras do jogo fossem diferentes.

Isto desloca a ideia de História:

História → organização narrativa de acontecimentos selecionados
→ baseada nas regras perceptivas do sistema físico

Seth afirma que não há apenas um passado. Há passados prováveis, futuros prováveis e presentes prováveis.

passado escolhido → grupo de acontecimentos selecionado

passados prováveis → outros grupos de acontecimentos possíveis

futuros prováveis → linhas possíveis de desenvolvimento

presentes prováveis → configurações simultâneas alternativas

15. Correntes de consciência

A consciência comum de vigília é apenas uma pequena corrente dentro de um rio muito mais profundo.

corrente comum de consciência → pensamentos, imagens, impressões habituais

rio profundo da consciência → outras correntes de percepção → outros selves → outras realidades

A atenção fica hipnotizada pela corrente habitual e ignora as outras.

Mas essas outras correntes continuam ativas e pertencem à mesma identidade ampliada.

16. Outros selves independentes

Seth afirma que fazemos parte de outros selves independentes, cada um focalizado na sua própria realidade, mas ligados por uma relação simpática.

Self / Alma → múltiplos selves independentes → cada um focalizado numa realidade → comunicação simpática entre eles

Esses selves não são fantasias nem símbolos vazios. São expressões válidas da identidade em outras camadas de realidade.

17. Personalidade de Foco reencarnacional e self provável

Foram estabilizadas duas ancoragens provisórias:

- Personalidade de Foco reencarnacional
- self provável

Por enquanto, self provável deve manter-se, porque Seth ainda poderá desenvolver tecnicamente essa expressão. Se mais adiante a função se estabilizar como configuração experiencial semelhante à Personalidade de Foco, poderá ser ancorada como Personalidade de Foco provável.

18. Criatividade multidimensional

A criatividade é apresentada como processo cooperativo entre correntes de consciência.

trabalho criativo → mergulho noutras correntes de consciência → percepção multidimensional → expressão física

A grande criatividade parece maior do que a sua dimensão física porque vem de muitas realidades, não apenas de uma.

origem múltipla → obra criativa → sensação de irrupção → recordação da realidade multidimensional

Por isso, “conhece-te a ti próprio” significa conhecer também essas correntes, selves e níveis de identidade que excedem o foco comum.

19. Sonho como atividade multidimensional

O sono não é inconsciência. É um estado de atividade ampliada.

Vigília → foco estreito na realidade física

Sono → comunicação com outras expressões da identidade → processamento da experiência diária → escolha de acontecimentos prováveis → revitalização da imagem física → trabalho psíquico profundo

Durante o sono, a consciência comunica com outras realidades, processa a experiência diária e inicia processos mentais e psíquicos que mais tarde podem tornar acontecimentos físicos.

20. Processo final de revestimento dos sonhos

Foi estabilizada a expressão:

processo final de revestimento

Este processo traduz experiências psíquicas profundas em imagens físicas ou quase físicas recordáveis como sonhos.

experiência psíquica profunda → processo final de revestimento → roupas físicas → sonho recordado

A distorção não vem necessariamente dos níveis profundos do Self, mas de zonas próximas da consciência, que rejeitam a experiência como fundamentalmente não física e a “vestem” em termos físicos.

21. Self adormecido e self de vigília

Seth inverte a hierarquia habitual.

visão comum



- self de vigília = consciente
- self adormecido = inconsciente

visão de Seth



- self adormecido = mais conhecedor
- self de vigília = foco restrito

A consciência de vigília é importante, mas repousa muito mais do que imagina. O self adormecido participa em processos mais vastos, embora a memória comum raramente os retenha.

22. O Ego Exterior como barragem aprendida

Seth reabilita o Ego Exterior.

O Ego Exterior não é naturalmente restritivo. Foi treinado para restringir.

Ego Exterior natural → quer compreender e interpretar a realidade física → quer ajudar na sobrevivência → possui flexibilidade natural

Ego Exterior treinado → usa palas → atua como barragem → bloqueia outras percepções

A limitação do Ego Exterior não é função essencial da sua natureza, mas resultado de crenças culturais que lhe atribuem um papel defensivo e restritivo.

23. Canais entre correntes de consciência

Existem canais entre as correntes de consciência, tanto da dimensão de Seth como da dimensão humana.

correntes de consciência → canais psíquicos → viagens entre realidades → comunicação multidimensional

Ruburt, Joseph e Seth são apresentados como tendo pertencido inicialmente à mesma entidade ou identidade global, unidos por correntes psíquicas.

Estas correntes desembocam no oceano de consciência.

24. Oceano de consciência

Seth retoma a imagem de um oceano de consciência, um poço de onde brota toda a atualidade.

consciências individuais → correntes → rios psíquicos → oceano de consciência → fonte de toda a atualidade

A partir de qualquer consciência, teoricamente, pode-se encontrar todas as outras, porque nenhuma consciência está isolada em sentido absoluto.

Estrutura Operativa do Capítulo

Alma / superself → projeta Personalidades de Foco → gera formas físicas e pseudofísicas → mantém correntes de consciência → comunica com selves reencarnacionais e prováveis → expande-se através da experiência

intensidade emocional → imagem-ideia → núcleo de energia → forma pseudofísica → efeito no ambiente → possível percepção por sentidos interiores

vigília → corrente estreita de consciência

sono → atividade multidimensional

criatividade → acesso cooperativo a múltiplas correntes

Núcleo Operativo

O Capítulo 7 mostra que a Alma possui potencialidades muito mais vastas do que a personalidade física reconhece. A identidade não está confinada ao corpo, ao tempo, ao espaço nem à corrente comum de consciência.

A Alma projeta formas, mantém múltiplas correntes de consciência, opera através de selves reencarnacionais e prováveis, participa em realidades simultâneas e utiliza o sono e a criatividade como canais de comunicação e expansão.

A individualidade atual não é perdida nesse processo. Pelo contrário, continua a desenvolver-se, contribui para o Self inteiro e pode aprender a recorrer às capacidades mais amplas da Alma.

Formulação final

A Alma é uma fonte de formas, correntes e realidades: projeta expressões de si mesma, comunica entre níveis de consciência, cria mundos e expande-se através de cada identidade que manifesta.

CAPÍTULO 8

Sono, Sonhos e Consciência

As pessoas variam quanto à quantidade de sono de que necessitam, e nenhum comprimido alguma vez lhes permitirá dispensar inteiramente o sono, pois nesse estado realiza-se demasiado trabalho. Contudo, esse trabalho poderia ser realizado de forma muito mais eficaz com dois períodos de sono de menor duração, em vez de um só.

Dois períodos de três horas cada seriam perfeitamente suficientes para a maioria das pessoas, se fossem dadas as sugestões adequadas antes de dormir — sugestões que garantissem a completa recuperação do corpo. Em muitos casos, dez horas de sono, por exemplo, são na verdade prejudiciais, resultando numa lentidão tanto da mente como do corpo. Nesse caso, o espírito simplesmente esteve afastado do corpo durante demasiado tempo, provocando uma perda de flexibilidade muscular.

Tal como várias refeições leves seriam, na verdade, muito melhores do que três grandes refeições por dia, também pequenas sestas, em vez de um período de sono tão prolongado, seriam mais eficazes. Haveria outros benefícios. A individualidade consciente recordaria mais naturalmente as suas aventuras nos sonhos, e

estas seriam gradualmente acrescentadas à totalidade da experiência, tal como o Ego Exterior a concebe.

Como resultado de períodos de sono mais frequentes e mais breves, haveria também picos mais elevados de foco consciente e uma renovação mais constante da atividade física e psíquica. Não existiria uma divisão tão definida entre as várias áreas ou níveis do Self. Daí resultaria um uso mais económico da energia, bem como um uso mais eficaz dos nutrientes. A consciência, tal como a conheces, tornar-se-ia também mais flexível e móvel.

Isto não levaria a uma diluição da consciência nem do foco. Pelo contrário, a maior flexibilidade resultaria num aperfeiçoamento do foco consciente. A aparente grande divisão entre o self de vigília e o self sonhador resulta, em grande medida, da divisão de funções, estando ambos largamente separados — um bloco de tempo atribuído a um deles, e um bloco maior atribuído ao outro. Portanto, são mantidos separados por causa do modo como usas o tempo.

Inicialmente, a tua vida consciente seguia a luz do dia. Agora, com a luz artificial, já não tem de ser assim. Há aqui, portanto, oportunidades a retirar da vossa tecnologia que ainda não estais a aproveitar. Dormir todo o dia e trabalhar toda a noite dificilmente seria a resposta; isso seria apenas a inversão dos vossos hábitos atuais. Mas seria muito mais eficaz e eficiente dividir o período de vinte e quatro horas de outro modo.

Existem, de facto, muitas variações que seriam melhores do que o vosso sistema atual. Idealmente, ao dormires cinco horas de cada

vez, obténs o máximo benefício, e qualquer período além desse tempo é muito menos útil. Aqueles que necessitam de mais sono poderiam então fazer, digamos, uma sesta de duas horas. Para outros, um bloco de sono de quatro horas e duas sestas seriam altamente benéficos. Com sugestões devidamente dadas, o corpo consegue recuperar em metade do tempo agora dedicado ao sono. Em qualquer caso, é muito mais revigorante e eficiente manter o corpo físico ativo, em vez de inativo durante, digamos, oito a dez horas.

Treinaste a tua consciência para seguir certos padrões que não são necessariamente naturais para ela, e esses padrões aumentam a sensação de alienação entre o self de vigília e o self sonhador. Até certo ponto, drogas o corpo através da sugestão, de modo que ele acredita ter de dormir um certo número de horas seguidas. Os animais dormem quando estão cansados e acordam de uma forma muito mais natural.

Reterias uma memória muito maior das tuas experiências subjetivas, e o teu corpo seria mais saudável, se estes padrões de sono fossem alterados. Se os padrões de sesta delineados fossem seguidos, seis a oito horas de sono no total seriam suficientes. E mesmo para aqueles que pensam precisar atualmente de mais sono do que isso, tornar-se-ia evidente que não precisariam, se todo esse tempo não fosse passado num único bloco. Todo o sistema — físico, mental e psíquico — beneficiaria.

As divisões dentro do Self seriam muito menos severas. O trabalho físico e mental tornar-se-ia mais fácil, e o próprio corpo

obteria períodos regulares de renovação e descanso. Atualmente, regra geral, ele tem de esperar, independentemente da sua condição, pelo menos cerca de dezasseis horas. Por outras razões relacionadas com as reações químicas durante o estado de sonho, a saúde corporal melhoraria; e este horário específico também ajudaria nos casos de esquizofrenia e, em geral, beneficiaria pessoas com problemas de depressão ou com instabilidade mental.

O teu sentido do tempo também se tornaria menos rigoroso e rígido. As capacidades criativas seriam estimuladas, e o grande problema da insónia, que existe para muitas pessoas, seria amplamente vencido — pois aquilo que elas temem é muitas vezes o longo período de tempo durante o qual a consciência, tal como a entendem, parece extinguir-se.

Pequenas refeições ou snacks seriam então ingeridos ao acordar. Este método de alimentação e sono ajudaria grandemente várias dificuldades metabólicas e também favoreceria o desenvolvimento das capacidades espirituais e psíquicas. Por muitas razões, a atividade física noturna produz no corpo efeitos diferentes dos produzidos pela atividade física diurna, e, idealmente, ambos os tipos de efeito são necessários.

Em determinados momentos da noite, por exemplo, os iões negativos no ar são muito mais fortes, ou mais numerosos, do que durante o dia; e a atividade nesse período, particularmente uma caminhada ou outra atividade ao ar livre, seria altamente benéfica do ponto de vista da saúde.

O período imediatamente antes do amanhecer representa muitas vezes um ponto crítico para pessoas gravemente doentes. A consciência esteve afastada do corpo durante demasiado tempo, e uma consciência que regressa tem então dificuldade em lidar com o mecanismo corporal doente. A prática hospitalar de administrar medicamentos aos pacientes para que durmam toda a noite sem interrupção é prejudicial por essa razão. Em muitos casos, é um esforço demasiado grande, para a consciência que regressa, reassumir o controlo do mecanismo enfermo.

Esses medicamentos também impedem frequentemente certos ciclos de sonho necessários que podem ajudar o corpo a recuperar, e a consciência torna-se então profundamente desorientada. Algumas das divisões entre diferentes porções do Self, portanto, não são basicamente necessárias, mas resultam do costume e da conveniência.

Em épocas anteriores, mesmo sem luz elétrica, por exemplo, o sono não era longo e contínuo durante a noite, pois os locais de dormir não eram tão seguros. O homem das cavernas, por exemplo, enquanto dormia, mantinha-se alerta quanto a predadores. Os aspetos misteriosos da noite natural, em ambientes exteriores, mantinham-no parcialmente desperto. Acordava muitas vezes e examinava a terra próxima e o seu próprio abrigo.

Ele não dormia em longos blocos como vós dormis. Os seus períodos de sono duravam antes duas ou três horas, distribuídas pela noite desde o crepúsculo até ao amanhecer, mas alternavam com períodos de grande vigília e atividade alerta. Também saía

furtivamente em busca de alimento quando esperava que os seus predadores estivessem a dormir.

Isto resultava numa mobilidade da consciência que, de facto, assegurava a sua sobrevivência física, e aquelas intuições que lhe surgiam no estado de sonho eram recordadas e aproveitadas no estado de vigília.

Muitas doenças são simplesmente causadas por esta vossa divisão e por este longo período de inatividade corporal, bem como por este foco prolongado de atenção numa só realidade — a de vigília ou a de sonho. A tua consciência normal pode beneficiar de excursões e de repouso nesses outros campos de atualidade em que entras quando dormes, e a chamada consciência adormecida também beneficiará de excursões frequentes ao estado de vigília.

Abordo estes assuntos porque tais mudanças nos padrões habituais resultariam definitivamente numa maior compreensão da natureza do Self. Os níveis interiores sonhadores da personalidade parecem-te estranhos não apenas por causa de uma diferença básica de foco, mas porque atribuis porções opostas do ciclo de vinte e quatro horas a estas áreas do Self, mantendo-as artificialmente separadas.

Compartimentas essas áreas tanto quanto possível. Ao fazê-lo, divides de forma bastante nítida as tuas capacidades intuitivas, criativas e psíquicas das tuas capacidades físicas, manipulativas e objetivas. Não faz diferença quantas horas de sono julgas necessitar. Estarias muito melhor se dormisses em vários períodos

mais curtos e, na verdade, precisarias então de menos tempo. A maior unidade de sono deveria ocorrer à noite. Mas, uma vez mais, a eficiência do sono diminui e começam a surgir desvantagens depois de seis a oito horas de inatividade física.

As funções das hormonas e das substâncias químicas, e dos processos adrenais em particular, decorreriam com muito maior eficácia com estes períodos alternados de atividade que mencionei. O desgaste do corpo seria minimizado, ao mesmo tempo que todos os poderes regenerativos seriam usados ao máximo. Tanto aqueles com metabolismo elevado como aqueles com metabolismo baixo beneficiariam.

Os centros psíquicos seriam ativados com maior frequência, e a identidade inteira da personalidade seria melhor fortalecida e mantida. A mobilidade e a flexibilidade resultantes da consciência trariam ainda um dividendo adicional: maior concentração consciente, e os níveis de fadiga permaneceriam sempre abaixo dos pontos de perigo. Daí resultaria uma maior equalização, tanto física como mental.

Horários deste tipo poderiam ser adotados com bastante facilidade. Aqueles que trabalham segundo o horário laboral americano, por exemplo, poderiam dormir entre quatro e seis horas à noite, conforme as variações individuais, e fazer uma sesta depois do jantar. Quero deixar claro, contudo, que qualquer período contínuo de sono superior a seis a oito horas trabalha contra ti, e um período de dez horas, por exemplo, pode ser bastante

prejudicial. Muitas vezes, ao acordares, não te sentes repousado, mas esvaziado de energia. Não estiveste a “vigiar a loja”.

Se não compreenderes que, durante os períodos de sono, a tua consciência deixa efetivamente o corpo, então aquilo que disse não fará sentido. A tua consciência regressa por vezes para verificar os mecanismos físicos, e a consciência simples do átomo e da célula — a consciência corporal — permanece sempre com o corpo, pelo que ele não fica vazio. Mas os níveis largamente criativos do Self deixam o corpo, e fazem-no durante longos períodos quando dormes.

Alguns casos de forte comportamento neurótico resultam dos vossos hábitos atuais de sono. O sonambulismo também está, em certa medida, ligado a isto. A consciência quer regressar ao corpo, mas foi hipnotizada pela ideia de que o corpo não deve acordar. O excesso de energia nervosa assume o controlo e desperta os músculos para a atividade, porque o corpo sabe que esteve inativo durante demasiado tempo e que, de outro modo, resultariam câibras musculares severas.

O mesmo se aplica aos vossos hábitos alimentares. Alternadamente, sobrecarregais os tecidos e depois deixai-os passar fome. Isto tem efeitos definidos sobre a natureza da vossa consciência, a vossa criatividade e o vosso grau de concentração. Nesse sentido, por exemplo, deixais literalmente os vossos corpos passar fome durante a noite, e contribuis para o envelhecimento dos vossos corpos ao negar-lhes alimento ao longo dessas longas

horas. Tudo isto se reflete na força e na natureza da vossa consciência.

A vossa alimentação deveria ser distribuída ao longo do período de vinte e quatro horas, e não apenas durante os períodos de vigília — isto é, se os padrões de sono fossem alterados como sugiro, também comerias durante algumas horas da noite. Contudo, comerias muito menos em qualquer “hora de refeição” específica. Pequenas quantidades de alimento, ingeridas com muito maior frequência, seriam muito mais benéficas do que a vossa prática atual, em termos físicos, mentais e psíquicos.

Mudar os padrões de sono alteraria automaticamente os padrões alimentares. Descobririas que eras uma identidade muito mais integrada. Tornar-te-ias consciente, por exemplo, das tuas capacidades clarividentes e telepáticas em muito maior grau, e não sentirias a profunda separação que agora sentes entre o self sonhador e o self de vigília. Em grande medida, essa sensação de alienação desapareceria.

O teu prazer na natureza também aumentaria, pois, regra geral, estás largamente desacostumado à noite. Poderias aproveitar muito melhor o conhecimento intuitivo que ocorre no estado de sonho, e o ciclo dos teus estados de ânimo não oscilaria de forma tão marcada como muitas vezes acontece. Sentir-te-ias muito mais seguro e protegido em todas as áreas da existência.

Os problemas da senilidade também seriam reduzidos, pois os estímulos não seriam minimizados durante tanto tempo. E a

consciência, com maior flexibilidade, conheceria melhor o seu próprio sentido de alegria.

É bem sabido que existem flutuações da consciência e do estado de alerta durante o sono. Alguns períodos de atividade onírica ultrapassam, de facto, certos estados de vigília. Mas também existem flutuações na consciência normal de vigília: ritmos de atividade intensa seguidos por um período de consciência muito menos ativo.

Alguns estados de vigília, naturalmente, aproximam-se muito dos estados de sono. Fundem-se uns nos outros, de tal modo que o ritmo muitas vezes passa despercebido. Estas flutuações da consciência são acompanhadas por mudanças no organismo físico. Nos períodos mais lentos da consciência de vigília, há falta de concentração, corte parcial dos estímulos em vários graus, aumento de acidentes e, em geral, uma diminuição do tónus corporal.

Devido aos vossos hábitos de um período prolongado de sono seguido por um período prolongado de vigília, não tirais partido destes ritmos da consciência. Os picos elevados são, até certo ponto, abafados, ou até passam despercebidos. Os contrastes nítidos e a elevada eficiência da consciência normal de vigília mal são utilizados.

Dou aqui todo este material porque ele vos ajudará a compreender e a usar as vossas capacidades atuais. Estais a exigir demasiado da consciência normal de vigília, nivelando os vales e os picos da sua atividade, exigindo em alguns casos que avance a todo

o vapor quando, na verdade, se encontra num período mínimo, negando a vós próprios a grande mobilidade da consciência que é possível.

As sugestões dadas anteriormente neste capítulo, relativas aos hábitos de sono, resultarão numa utilização natural destes ritmos. Os picos serão experienciados com maior frequência. A concentração aumentará, os problemas serão vistos com mais clareza e as capacidades de aprendizagem serão bem melhor utilizadas.

Este período prolongado, concedido à consciência de vigília sem períodos de descanso, acumula no sangue substâncias químicas que são descarregadas durante o sono. Entretanto, porém, elas tornam o corpo lento e retardam a concentração consciente. O longo período de sono a que estais habituados torna-se então necessário. Forma-se assim um círculo vicioso. Isto força sobrestimulações durante a noite, aumentando o trabalho do corpo, obrigando-o a realizar continuamente, ao longo de um período prolongado, purificações físicas que, idealmente, seriam tratadas em períodos de repouso mais curtos. O Ego Exterior sente-se ameaçado pela longa “licença de ausência” que tem de tirar, torna-se desconfiado em relação ao sono e ergue barreiras contra o estado de sonho. Muitas destas barreiras são altamente artificiais.

O resultado é uma dualidade artificial, acompanhada por uma desconfiança entre o self de vigília e o self sonhador. Muito material criativo de valor bastante prático perde-se nesse processo. Os procedimentos mencionados permitiriam um acesso muito maior a

essa informação, e o self de vigília ficaria mais renovado. O simbolismo dos sonhos surgiria com maior clareza, em vez de, por exemplo, se perder nas muitas horas que agora dedicais ao sono.

A força muscular beneficiaria igualmente. O sangue seria depurado de forma mais eficaz do que quando o corpo permanece deitado durante tanto tempo. Acima de tudo, haveria uma comunicação muito — se me permitis — melhor entre os níveis subjetivos do Self, um sentido acrescido de segurança e, particularmente nas crianças, um despertar mais precoce das capacidades criativas.

Uma consciência clara, desobstruída, luminosa e poderosa necessita de períodos frequentes de descanso para que a sua eficiência se mantenha e para que possa interpretar corretamente a realidade. Caso contrário, distorce aquilo que percebe.

As curas pelo repouso ou pelo sono — períodos de sono muito prolongados — foram úteis em terapia em alguns casos, não porque o sono prolongado seja em si mesmo benéfico, mas porque se tinham acumulado tantas toxinas que esses períodos prolongados se tornaram necessários. Os processos de aprendizagem são definitivamente dificultados pelos vossos hábitos atuais de sono, pois existem certos períodos em que a consciência está sintonizada com a aprendizagem, e, no entanto, tentais forçar a aprendizagem durante períodos mínimos não reconhecidos. As capacidades criativas e psíquicas são empurradas para segundo plano simplesmente por causa desta divisão artificial. Daí resultam dualidades artificiais que afetam todas as vossas atividades.

Em alguns casos, forçais-vos literalmente a dormir quando a vossa consciência poderia estar num dos seus pontos máximos. Isto ocorre, incidentalmente, no período antes do amanhecer. Em certas horas da tarde, a consciência baixa e necessita de renovação, que, em vez disso, lhe é negada.

Se os estágios da consciência de vigília fossem examinados como os estágios do sono estão atualmente a ser examinados, por exemplo, descobriríeis uma gama de atividade muito mais ampla do que se suspeita. Certos estágios de transição são completamente ignorados. De muitos modos, pode dizer-se que a consciência realmente cintila e varia em intensidades. Não é, por exemplo, como um feixe de luz constante.

A consciência possui muitas características, algumas das quais, naturalmente, vos são conhecidas. Muitas das características da consciência, contudo, não são tão evidentes, pois, atualmente, usais em grande medida a vossa própria consciência de tal modo que as suas perceções aparecem sob formas bastante diferentes das “naturais”. Por outras palavras, estais conscientes da vossa própria consciência através do meio do vosso mecanismo físico. Não estais nem de perto tão conscientes da vossa própria consciência quando ela não opera primordialmente através da mediação do corpo, como acontece nos estados fora do corpo e em algumas condições dissociadas.

As características da consciência são sempre as mesmas, quer estejas num corpo quer fora dele. Os picos e vales da consciência que mencionei existem, até certo ponto, em toda a consciência,

apesar da forma adotada depois da morte. A natureza da tua consciência não é basicamente diferente daquilo que é agora, embora possas não estar consciente de muitas das suas características.

A natureza da tua consciência é telepática e clarividente, por exemplo, embora possas não te aperceber disso. Durante o sono, quando muitas vezes presumes estar inconsciente, podes estar muito mais consciente do que estás agora, mas usando simplesmente capacidades da consciência que não aceitas como reais ou válidas no estado de vigília. Por isso, exclui-las da tua experiência consciente. A consciência, a tua e a minha, é bastante independente tanto do tempo como do espaço. E, depois da morte, ficas simplesmente consciente dos poderes maiores da consciência que existem dentro de ti o tempo todo.

Uma vez que esses poderes existem, naturalmente, podes descobri-los agora e aprender a usá-los. Isto ajudar-te-á diretamente na experiência depois da morte. Não ficarás nem de perto tão surpreendido com a natureza das tuas próprias reações se compreenderes antecipadamente, por exemplo, que a tua consciência não só não está aprisionada pelo teu corpo físico, como pode criar outras projeções de si mesma à vontade. Aqueles que identificam excessivamente a sua consciência com o corpo podem sofrer um tormento criado por eles próprios sem razão alguma, ao permanecerem nas proximidades do corpo. De facto, uma alma bastante desolada, pensando que não tem outro lugar para onde ir.

És, como disse anteriormente, um espírito agora; e esse espírito tem uma consciência. A consciência pertence então ao espírito, mas os dois não são a mesma coisa. O espírito pode ligar e desligar a sua consciência. Pela sua natureza, a consciência pode cintilar e flutuar, mas o espírito não.

Não gosto particularmente da palavra “espírito” por causa de várias implicações que lhe estão associadas, mas ela serve os nossos propósitos, na medida em que a palavra implica uma independência em relação à forma física.

A consciência não se refresca no sono. É simplesmente direcionada para outro campo de atividade. A consciência, nesses termos, não dorme e, embora possa ser desligada, não é como uma luz.

Desligá-la não a extingue da forma como uma luz desaparece quando se desliga um interruptor. Seguindo a analogia, se a consciência fosse como uma luz que te pertencesse, mesmo quando a desligasses, haveria uma espécie de crepúsculo, mas não escuridão.

O espírito, portanto, nunca se encontra num estado de nada, com a sua consciência extinguida. É muito importante compreender que a consciência nunca se extingue.

Disse anteriormente que só estais familiarizados com aquelas características da vossa própria consciência que usais através da mediação do corpo. Confiais no corpo para expressar as percepções

da vossa consciência. Tendes tendência, uma vez mais, a identificar excessivamente a expressão da vossa consciência com o corpo.

A dificuldade que Joseph acabou de experienciar ao tentar escrever e coordenar a sua expressão física serviu precisamente como demonstração deste ponto. Nessa demonstração, descrita em nota de rodapé, Joseph consentiu subconscientemente que a sua consciência recuasse e, até certo ponto, começasse a interromper a sua expressão física. Ele não estava conscientemente ciente desse consentimento interior, simplesmente porque este tipo de demonstração não poderia realizar-se se a consciência normal de vigília soubesse. Ficaria automaticamente assustada. Enquanto eu falava sobre o obscurecimento da consciência, Joseph experienciou-o.¹

Isto foi, na verdade, um exercício de manipulação da consciência. Perto da morte, este mesmo tipo de coisa acontece em graus variados, quando a consciência percebe que já não pode expressar-se através da mediação do corpo. Se a pessoa moribunda estiver excessivamente ancorada no corpo, pode facilmente entrar em pânico, pensando que toda a expressão fica, por isso, cortada e, aliás, que a sua consciência está prestes a extinguir-se.

¹ Antes e durante esta sessão, Joseph começou a experienciar uma dificuldade invulgar em escrever e soletrar corretamente. Embora permanecesse lúcido e sem alarme, tinha de fazer um esforço crescente para registar as palavras, chegando a trocar letras, deformar termos comuns e perder momentaneamente a fluidez normal da escrita. Mais tarde, Seth explicou que essa dificuldade fazia parte da demonstração aqui referida: a consciência permanecia clara, mas os seus meios físicos habituais de expressão estavam parcialmente interrompidos. Acrescentou ainda que Joseph recorrera, nessa experiência, a uma reminiscência reencarnacional: numa vida passada na Dinamarca, durante a sua doença final, a função motora do corpo encontrava-se comprometida. Segundo Seth, os três — Joseph, Ruburt e Seth — estiveram envolvidos nessa existência no século XVII; Joseph era proprietário de terras, Ruburt era seu filho, e Seth era comerciante de especiarias.

Essa crença na extinção, essa certeza de que a identidade está prestes a ser apagada no momento seguinte, é uma experiência psicológica severa, que por si só pode provocar reações infelizes. O que acontece, em vez disso, é que encontras a consciência perfeitamente intacta, e a sua expressão muito menos limitada do que era antes. Joseph escolheu subconscientemente interromper aqueles métodos de expressão que estava a usar na altura simplesmente para que essa interferência reclamasse a devida atenção.

Vamos agora abordar, depois daquilo que espero ter sido material de fundo adequado, alguns capítulos sobre a natureza da existência depois da morte física: a experiência no momento da morte, a existência após a morte e, mais adiante, a morte física final no fim do ciclo reencarnacional. Era importante que compreendesses algo sobre a natureza e o comportamento da tua própria consciência antes de podermos começar.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca o sono da categoria de simples repouso corporal para a de campo operativo da consciência. Seth mostra que os hábitos humanos de sono e vigília criam uma separação artificial entre modos do Self que, em si mesmos, deveriam comunicar de forma muito mais fluida.

A função central do capítulo é esta:

o sono e o sonho não são interrupções da consciência, mas mudanças de foco através das quais a consciência se renova funcionalmente, acede a outros campos de atividade e mantém comunicação entre níveis do Self.

1. O sono como campo de trabalho da consciência

Seth começa por afirmar que nenhum comprimido permitirá eliminar totalmente o sono, porque nele se realiza demasiado trabalho.

O sono não é ausência de atividade. É alteração de foco:

Vigília → consciência orientada para o corpo e ambiente físico

Sono → consciência orientada para outros campos de atividade

Sonho → tradução parcial dessas atividades para imagens recordáveis

A consciência não “desaparece” durante o sono; apenas deixa de operar prioritariamente através da mediação do corpo físico.

2. A divisão artificial entre self de vigília e self sonhador

Os hábitos atuais de sono prolongado e vigília prolongada compartmentam áreas do Self.

bloco longo de vigília → self de vigília

bloco longo de sono → self sonhador

resultado → separação artificial → alienação entre modos do Self

Seth mostra que esta divisão não é estruturalmente necessária. É produzida por hábitos culturais, horários rígidos e crenças sobre o que o corpo “precisa”.

A consequência é uma dualidade artificial entre:

self de vigília → foco físico, racional, manipulativo

self sonhador → foco intuitivo, criativo, psíquico

3. Self, self de vigília e self sonhador

Neste capítulo, ficou estabilizada uma distinção importante:

Self → arquitetura ampla da identidade

self de vigília → modo funcional da consciência orientado para a realidade física

self sonhador → modo funcional da consciência ativo no sono e no sonho

Usamos **Self** com maiúscula quando Seth se refere à estrutura global da identidade ou aos seus níveis subjetivos.

Usamos **self de vigília** e **self sonhador** em minúscula quando estão em causa modos funcionais específicos dentro da experiência.

4. Padrões de sono e mobilidade da consciência

Seth propõe períodos de sono mais breves e mais frequentes, não como simples recomendação fisiológica, mas como reorganização da relação entre corpo, consciência e Self.

sono longo e contínuo → separação rígida → menor memória dos sonhos → menor mobilidade da consciência

sono dividido em períodos menores → maior integração → maior recordação onírica → renovação física e psíquica mais frequente → maior flexibilidade da consciência

A reorganização do sono permitiria maior continuidade entre os estados de vigília, sonho e percepção interior.

5. Consciência de vigília — distinções estabilizadas

O capítulo levou à estabilização de três expressões:

consciência de vigília → estado desperto em geral

consciência normal de vigília → vigília habitual, culturalmente estabilizada

consciência natural de vigília → vigília orgânica, rítmica, não artificialmente achatada

A **consciência normal** de vigília é o modo comum como a humanidade usa a vigília: prolongada, funcional, socialmente aceita, mas muitas vezes artificialmente estendida.

A **consciência natural** de vigília aponta para a vigília quando os seus ritmos próprios são respeitados: picos, vales, repouso, renovação e alternância com o sono.

6. Picos, vales e ritmos da consciência

Seth apresenta a consciência como rítmica, não contínua nem uniforme.

Consciência → picos de intensidade → vales de menor atividade → estágios de transição → flutuações naturais

A consciência não é como um feixe constante de luz. Ela cintila, varia, intensifica-se e abranda.

A exigência moderna de vigília prolongada força a consciência a funcionar “a todo o vapor” quando, na verdade, está num período mínimo. Isto diminui a concentração, aumenta acidentes, enfraquece a aprendizagem e empurra capacidades criativas e psíquicas para segundo plano.

7. Sono, corpo e saúde

Seth liga os padrões de sono à saúde física.

Longos períodos de inatividade corporal podem provocar:

lentidão física e mental → acumulação de toxinas → rigidez muscular → menor eficiência metabólica → desorientação da consciência ao regressar ao corpo

O corpo beneficiaria de períodos mais regulares de renovação, alimentação mais distribuída e alternância entre atividade e descanso.

A crítica ao sono prolongado não é uma negação do repouso; é uma crítica ao repouso artificialmente concentrado num bloco excessivo.

8. Sono, alimentação e ritmos corporais

Seth articula sono e alimentação como dois padrões interdependentes.

sono dividido → alimentação mais distribuída → menor sobrecarga dos tecidos → menor privação prolongada → maior equilíbrio físico, mental e psíquico

Tal como várias refeições leves seriam melhores do que grandes refeições concentradas, também períodos de sono mais breves e frequentes seriam mais eficazes do que um grande bloco contínuo.

O padrão atual alterna sobrecarga e privação. Para Seth, isso afeta não apenas o corpo, mas também a criatividade, a concentração e a natureza da consciência.

9. A noite como campo desconhecido

Seth observa que a humanidade moderna está largamente desacostumada à noite.

vida orientada pela luz artificial → perda da experiência noturna
→ redução da relação com ritmos naturais → menor mobilidade perceptiva

A atividade física noturna teria efeitos diferentes da atividade diurna, e ambos seriam necessários.

A noite deixa de ser apenas ausência de dia; torna-se campo de experiência, percepção e renovação.

10. O medo da insônia e da extinção da consciência

Um dos pontos mais fortes do capítulo é a ligação entre insônia e medo da extinção.

Muitas pessoas não temem apenas não dormir. Temem o longo período em que a consciência, tal como a entendem, parece desaparecer.

sono prolongado → aparente desaparecimento da consciência → medo da extinção → ansiedade → insônia

Esta ideia antecipa a ligação posterior com a morte: quando a consciência deixa de se expressar através do corpo, quem se identifica excessivamente com o corpo pode interpretar essa mudança como fim da identidade.

11. Consciência e corpo: expressão não é identidade

O capítulo aprofunda uma distinção decisiva:

Consciência ≠ corpo

expressão física da consciência ≠ consciência em si

O corpo é um meio de expressão. Quando esse meio falha, se retira ou se altera, a consciência não se extingue.

A experiência de Joseph serve como demonstração: ele permanece lúcido, mas os seus meios físicos de expressão — escrita, soletração, coordenação verbal — são parcialmente interrompidos.

A tese torna-se prática:

falha da expressão física → não implica falha da consciência

12. Morte como deslocação da expressão da consciência

Seth usa o episódio de Joseph para preparar os capítulos seguintes sobre morte.

Perto da morte, a consciência percebe que já não pode expressar-se através da mediação do corpo.

consciência ancorada no corpo → perda dos meios corporais de expressão → interpretação errada: “vou extinguir-me” → pânico possível

consciência compreendida como independente do corpo → perda da expressão física → continuidade da identidade → expressão menos limitada

A morte física não é extinção da consciência. É alteração do modo de expressão.

13. Espírito e consciência

Neste capítulo, Seth usa a palavra espírito, embora declare que não gosta particularmente dela. Por isso, deve ser mantida e não substituída por Alma.

A função da palavra “espírito” aqui é operacional:

Espírito → identidade independente da forma física

Consciência → foco operativo que pode cintilar, flutuar, ligar-se ou desligar-se

Seth distingue claramente:

Espírito ≠ consciência

A consciência pertence ao espírito, mas os dois não são a mesma coisa. A consciência pode flutuar; o espírito não se extingue.

14. A consciência não dorme

Seth afirma que a consciência não se refresca no sono. Ela é simplesmente direcionada para outro campo de atividade.

Sono → não extinção da consciência → não repouso da consciência como coisa apagada → mudança de direção → atividade noutro campo

Quem repousa, em sentido físico, é o corpo. A consciência continua ativa, mas não necessariamente orientada pelo corpo.

Daí a formulação:

| a consciência não dorme; muda de foco.

15. A consciência nunca se extingue

O capítulo reforça a ideia de continuidade:

consciência desligada da expressão física → não é escuridão absoluta → há uma espécie de crepúsculo → continuidade sem extinção

A analogia da luz é importante: desligar a consciência não é apagá-la como se apaga uma lâmpada. Mesmo quando retirada do foco físico, ela não cai no nada.

O espírito nunca se encontra num estado de nada com a consciência extinguida.

16. Poderes maiores da consciência

Seth afirma que a consciência é naturalmente telepática e clarividente, embora essas capacidades sejam excluídas da experiência consciente comum.

capacidades naturais da consciência



- telepatia
- clarividência
- independência do tempo e do espaço



- rejeitadas pela vigília comum



- mais acessíveis no sono, sonho e pós-morte

Depois da morte, a individualidade torna-se simplesmente mais consciente de poderes que sempre existiram dentro dela.

O desenvolvimento psíquico, portanto, não cria capacidades novas; torna conscientes capacidades já presentes.

17. Sono e aprendizagem

Os processos de aprendizagem são dificultados pelos hábitos atuais de sono.

períodos naturais de aprendizagem → ignorados

períodos mínimos da consciência → forçados a aprender

resultado → menor eficiência → dualidades artificiais → capacidades criativas e psíquicas empurradas para segundo plano

A aprendizagem deveria respeitar os ritmos da consciência, tal como o corpo deveria respeitar ritmos de repouso, atividade e alimentação.

18. Dualidades artificiais

Foi estabilizada a expressão dualidades artificiais para traduzir a ideia de separações aparentes ou induzidas.

No capítulo, a dualidade entre **self de vigília** e **self sonhador** não é uma divisão ontológica real.

hábito cultural → separação de blocos de tempo → compartimentação de modos do Self → dualidade artificial

Esta expressão evita a ambiguidade de “dualidade aparente”, que poderia ser lida como “dualidade pouco visível”.

19. O capítulo como ponte para a Parte Dois

No fim, Seth afirma que, depois deste material de fundo, passará a abordar capítulos sobre:

momento da morte → existência após a morte física → morte física final no fim do ciclo reencarnacional

Isto mostra que o capítulo 8 é uma ponte.

Antes de falar da morte, Seth precisava de estabilizar a compreensão da consciência:

Consciência → não depende do corpo → não se extingue no sono → não desaparece quando muda de foco → mantém capacidades próprias → sobrevive à interrupção da expressão física

Estrutura Operativa do Capítulo

hábitos de sono prolongado → compartimentação artificial → separação entre **self de vigília** e **self sonhador** → perda de

mobilidade da consciência → diminuição da criatividade, memória onírica e integração psíquica

sono dividido / ritmos respeitados → maior renovação física → maior recordação dos sonhos → maior flexibilidade da consciência → maior comunicação entre níveis do Self

corpo → meio de expressão da consciência

falha da expressão corporal → não extinção da consciência

morte física → mudança de modo de expressão

Núcleo Operativo

O Capítulo 8 mostra que o sono e o sonho são laboratórios da continuidade da consciência.

A consciência não está presa ao corpo, não se extingue no sono e não desaparece quando deixa de se expressar através dos mecanismos físicos. Os hábitos humanos de sono e vigília criam divisões artificiais entre modos do Self, reduzindo a comunicação entre vigília, sonho, intuição e percepção interior.

Ao reorganizar a compreensão do sono, Seth prepara o leitor para compreender a morte: se a consciência pode retirar-se parcialmente do corpo no sono e permanecer ativa, então a morte

física pode ser entendida como mudança de foco e de modo de expressão, não como aniquilação.

Formulação final

O sono é uma escola da morte sem perda: nele, a consciência aprende a retirar-se do corpo, a mudar de foco e a continuar ativa noutros campos de experiência, mostrando que a identidade não depende da continuidade da expressão física.

PARTE DOIS

*A Continuidade da Consciência,
as Probabilidades e o
Deus Multidimensional*

CAPÍTULO 9

A Experiência da “Morte”

O que acontece no momento da morte? A pergunta é muito mais fácil de fazer do que de responder. Basicamente, não há nenhum ponto específico de morte, nesses termos, nem sequer no caso de um acidente súbito. Contudo, tentarei dar-te uma resposta prática àquilo que consideras ser uma pergunta prática. O que essa pergunta realmente significa para a maioria das pessoas é isto: o que acontecerá quando eu deixar de estar vivo em termos físicos? O que sentirei? Continuarei a ser eu próprio? As emoções que me impulsionaram em vida continuarão a fazê-lo? Existe um céu ou um inferno? Serei recebido por deuses ou demónios, inimigos ou entes queridos? Acima de tudo, a pergunta significa: quando eu estiver morto, continuarei a ser quem sou agora, e lembrar-me-ei daqueles que agora me são queridos?

Responderei também às perguntas nesses termos; mas, antes de o fazer, há várias considerações aparentemente pouco práticas, relativas à natureza da vida e da morte, com as quais temos de lidar.

Antes de mais, consideremos o facto que acabámos de mencionar. Não existe um ponto de morte separado, indivisível e específico. A vida é um estado de devir, e a morte faz parte desse

processo de devir. Estás vivo agora, uma consciência que se conhece a si mesma, cintilando de cognição no meio dos detritos de células mortas e moribundas; vivo enquanto os átomos e as moléculas do teu corpo morrem e renascem. Estás vivo, portanto, no meio de pequenas mortes; partes da tua própria imagem desmoronam-se a cada momento e são substituídas, e mal dás atenção ao assunto. Assim, até certo ponto, estás agora vivo no meio da morte de ti próprio — vivo apesar das inúmeras mortes e renascimentos que ocorrem no teu corpo em termos físicos, e também por causa delas.

Se as células não morressem e não fossem renovadas, a imagem física não continuaria a existir; por isso, agora, no presente tal como o conheces, a tua consciência cintila em torno da tua imagem corpórea sempre em mudança.

De muitas maneiras, podes comparar a tua consciência, tal como a conheces agora, a um pirilampo, pois, embora te pareça que a tua consciência é contínua, não é esse o caso. Ela também se acende e se apaga, embora, como mencionámos anteriormente, nunca se extinga completamente. Contudo, o seu foco não é nem de perto tão constante como supões. Assim, tal como estás vivo no meio das tuas inúmeras pequenas mortes, também, embora não o percebas, estás muitas vezes "morto", mesmo no meio da vida cintilante da tua própria consciência.

Estou aqui a usar os vossos próprios termos. Por "morto", portanto, quero dizer completamente desfocado da realidade física. A tua consciência, muito simplesmente, não está fisicamente viva,

fisicamente orientada, exatamente durante a mesma quantidade de tempo em que está fisicamente viva e orientada.

Isto pode parecer confuso, mas esperamos torná-lo mais claro. Existem pulsações da consciência, embora, uma vez mais, possas não estar consciente delas.

Considera esta analogia. Durante um instante, a tua consciência está “viva”, focada na realidade física. No instante seguinte, está focada num lugar inteiramente diferente, num sistema de realidade distinto. Está não viva, ou “morta”, segundo a tua maneira de pensar. No instante seguinte, está novamente “viva”, focada na tua realidade, mas não estás consciente do instante intermédio de não-vida. O teu sentido de continuidade, portanto, é construído inteiramente sobre pulsações alternadas da consciência.

Lembra-te de que isto é uma analogia, de modo que a palavra “instante” não deve ser tomada demasiado literalmente. Há, então, aquilo a que podemos chamar um modo subjacente de funcionamento da consciência. Do mesmo modo, os átomos e as moléculas existem de tal forma que estão “mortos”, ou inativos, dentro do teu sistema, e depois vivos ou ativos, mas tu não consegues perceber o instante em que eles não existem. Uma vez que os vossos corpos e todo o vosso universo físico são compostos por átomos e moléculas, estou a dizer-te que toda a estrutura existe da mesma maneira. Por outras palavras, acende-se e apaga-se, num determinado ritmo, como, digamos, o ritmo da respiração.

Existem ritmos globais e, dentro deles, uma infinidade de variações individuais — quase como um metabolismo cósmico. Nestes termos, aquilo a que chamas morte é simplesmente a inserção de uma duração mais longa nessa pulsação da qual não estás consciente, uma longa pausa nessa outra dimensão, por assim dizer.

A morte, digamos, do tecido físico, é apenas parte do processo da vida tal como o conheces no teu sistema, parte do processo de devir. E desses tecidos, como sabes, brotará nova vida. A consciência — a consciência humana — não depende dos tecidos; e, contudo, não há matéria física que não seja trazida à existência por alguma expressão da consciência. Por exemplo, quando a tua consciência individual tiver deixado o corpo de uma maneira que explicarei em breve, as consciências simples dos átomos e das moléculas permanecem, e não são aniquiladas.

Na vossa situação atual, considerais arbitrariamente que dependeis de uma determinada imagem física, pois identificais-vos com o vosso corpo.

Como mencionei anteriormente, ao longo de toda a vossa vida, partes desse corpo morrem, e o corpo que tens agora não contém uma única partícula de matéria física que “ele” tivesse, digamos, há dez anos. Portanto, o teu corpo é agora completamente diferente daquilo que era há dez anos. O corpo que tinhas há dez anos, meus queridos leitores, está morto. No entanto, obviamente, não sentes que estás morto, e és perfeitamente capaz de ler este livro com olhos compostos de matéria completamente nova. As pupilas, as

pupilas “idênticas” que tens agora, não existiam há dez anos, e, contudo, não parece haver qualquer grande falha na tua visão.

Este processo, como vês, continua de forma tão suave que não tens consciência dele. As pulsações mencionadas anteriormente são tão curtas em duração que a tua consciência salta alegremente por cima delas; contudo, a tua percepção física parece incapaz de atravessar a lacuna quando ocorre o ritmo mais longo da pulsação. E, por isso, esse é o momento que percecionas como morte. Portanto, aquilo que queres saber é o que acontece quando a tua consciência é direcionada para longe da realidade física e quando, momentaneamente, parece não ter nenhuma imagem para vestir.

Em termos bastante práticos, não há uma única resposta, pois cada um de vós é um indivíduo. Em termos gerais, naturalmente, há uma resposta que servirá para cobrir os aspetos principais desta experiência, mas os tipos de morte têm muito a ver com a experiência pela qual a consciência passa. Também está envolvido o desenvolvimento da própria consciência, bem como o seu método característico geral de lidar com a experiência.

As ideias que tens acerca da natureza da realidade colorirão fortemente as tuas experiências, pois interpretá-las-ás à luz das tuas crenças, tal como agora interpretas a vida diária de acordo com as tuas ideias acerca do que é possível ou impossível. A tua consciência pode retirar-se do corpo lenta ou rapidamente, segundo muitas variáveis.

Em muitos casos de senilidade, por exemplo, os aspetos fortemente organizados da personalidade já deixaram o corpo e estão a encontrar-se com as novas circunstâncias. O medo da própria morte pode provocar um pânico psicológico tal que, por sentido de autopreservação e defesa, reduces a intensidade da tua consciência, entrando num estado de coma, e podes demorar algum tempo a recuperar.

A crença nos fogos do inferno pode levar-te a alucinar condições infernais. A crença num céu estereotipado pode resultar numa alucinação de condições celestiais. Formas sempre a tua própria realidade de acordo com as tuas ideias e expectativas. Esta é a natureza da consciência, seja qual for a realidade em que se encontre. Essas alucinações, asseguro-te, são temporárias.

A consciência tem de usar as suas capacidades. O tédio e a estagnação de um céu estereotipado não satisfarão durante muito tempo a consciência que procura desenvolver-se. Existem professores para explicar as condições e as circunstâncias. Portanto, não és deixado sozinho, perdido em labirintos de alucinação. Podes ou não perceber imediatamente que estás morto em termos físicos.

Encontrar-te-ás noutra forma, uma imagem que te parecerá física em larga medida, desde que não tentes manipulá-la dentro do sistema físico. Então, as diferenças entre ela e o corpo físico tornar-se-ão evidentes.

Se acreditas firmemente que a tua consciência é um produto do teu corpo físico, podes tentar agarrar-te a ele. Contudo, existe uma ordem de personalidades, uma espécie de guarda de honra, por assim dizer, sempre pronta a prestar assistência e ajuda.

Esta guarda de honra é composta por pessoas que, nos vossos termos, estão tanto vivas como mortas. Aqueles que estão vivos no vosso sistema de realidade realizam estas atividades numa experiência fora do corpo enquanto o corpo físico dorme. Estão familiarizados com a projeção da consciência, com as sensações envolvidas, e ajudam a orientar aqueles que não regressarão ao corpo físico.

Estas pessoas são particularmente úteis porque ainda estão envolvidas com a realidade física e têm uma compreensão mais imediata dos sentimentos e emoções envolvidos do vosso lado. Essas pessoas podem ou não lembrar-se das suas atividades noturnas. As experiências de projeção da consciência e o conhecimento da mobilidade da consciência são, portanto, muito úteis como preparação para a morte. Podes experimentar antecipadamente, por assim dizer, o ambiente depois da morte e aprender as condições que encontrarás.

Isto, incidentalmente, não é necessariamente nenhum tipo de empreendimento sombrio, nem os ambientes depois da morte são, de todo, sombrios. Pelo contrário, são geralmente muito mais intensos e alegres do que a realidade que agora conheces.

Estarás simplesmente a aprender a operar num novo ambiente, no qual se aplicam leis diferentes, e essas leis são muito menos limitadoras do que as leis físicas com que agora operas. Por outras palavras, tens de aprender a compreender e a usar novas liberdades.

Mesmo estas experiências variarão, contudo, e mesmo este estado é um estado de devir, pois muitos continuarão para outras vidas físicas. Alguns existirão e desenvolverão as suas capacidades em sistemas de realidade completamente diferentes, e, por isso, durante algum tempo, permanecerão neste estado "intermédio".

Para aqueles de vós que são preguiçosos, não posso oferecer qualquer esperança, pois a morte não vos trará um lugar de repouso eterno. Podes descansar, se esse for o teu desejo, durante algum tempo. Contudo, não só terás de usar as tuas capacidades depois da morte, como terás de encarar em ti mesmo aquelas que não usaste durante a tua existência anterior.

Aqueles de vós que tiveram fé na vida depois da morte acharão muito mais fácil habituar-se às novas condições. Aqueles que não têm essa fé poderão adquiri-la de outra maneira, seguindo até ao fim os exercícios que vos darei mais adiante neste livro, pois estes permitir-te-ão alargar as tuas perceções a esses outros níveis da realidade, se fores persistente, expectante e determinado.

A consciência, tal como a conheces, está habituada a essas breves lacunas de inexistência física mencionadas anteriormente. Lacunas mais longas desorientam-na em graus variáveis, mas estas

não são invulgares. Quando o corpo físico dorme, a consciência deixa muitas vezes o sistema físico por períodos bastante longos, nos vossos termos. Mas, porque a consciência não está no estado normalmente desperto em termos físicos, não está consciente dessas lacunas e mostra-se relativamente despreocupada.

Se a consciência abandonasse o corpo durante a mesma quantidade de tempo a partir de um estado normalmente desperto em termos físicos, considerar-se-ia morta, pois não conseguiria integrar racionalmente essa interrupção do foco físico nem a passagem para outro registo de experiência. Portanto, no estado de sono, cada um de vós já passou — até certo ponto — pelo mesmo tipo de ausência da consciência em relação à realidade física que experienciava durante a morte.

Nestes casos, regressas ao corpo, mas atravessaste muitas, muitas vezes o limiar para essas outras existências; por isso, não te serão tão desconhecidas como agora poderás supor. As experiências de recordação dos sonhos e outras disciplinas mentais, que serão mencionadas mais adiante, tornarão estes pontos bastante claros para todos vós que empreenderdes os exercícios sugeridos.

Podes ou não ser recebido por amigos ou familiares imediatamente depois da morte. Isto é, como sempre, uma questão pessoal. Em termos gerais, podes estar muito mais interessado em pessoas que conheceste em vidas passadas do que naquelas que te são próximas na vida presente, por exemplo.

Os teus verdadeiros sentimentos em relação a familiares que também já morreram serão conhecidos por ti e por eles. Não há hipocrisia. Não finges amar um pai ou uma mãe que pouco fez para merecer o teu respeito ou amor. A telepatia opera sem distorção neste período depois da morte; por isso, tens de lidar com as verdadeiras relações que existem entre ti e todos os familiares e amigos que te aguardam.

Podes descobrir, por exemplo, que alguém que consideravas apenas um inimigo merecia, na verdade, o teu amor e respeito, e então tratá-lo-ás em conformidade. Os teus próprios motivos serão cristalinos. Contudo, reagirás a essa clareza à tua maneira. Não te tornarás automaticamente sábio se antes não o eras; mas também não haverá forma de te esconderes dos teus próprios sentimentos, emoções ou motivos. Aceitares ou não motivos inferiores em ti, ou aprenderes com eles, continuará a depender de ti. Contudo, as oportunidades de crescimento e desenvolvimento são muito ricas, e os métodos de aprendizagem à tua disposição são muito eficazes.

Examinas o tecido da existência que deixaste para trás, e aprendes a compreender como as tuas experiências foram resultado dos teus próprios pensamentos e emoções, e como estes afetaram os outros. Até esse exame estar concluído, ainda não estás consciente dos níveis mais amplos da tua própria identidade. Quando compreendes a importância e o significado da vida que acabaste de deixar, então estás pronto para o conhecimento consciente das tuas outras existências.

Tornas-te então consciente de uma percepção expandida. Aquilo que és começa a incluir aquilo que foste noutras vidas, e comesças a fazer planos para a tua próxima existência física, se decidires ter uma. Em vez disso, podes entrar noutro nível de realidade e regressar depois a uma existência física, se assim escolheres.

A tua consciência, tal como pensas nela, pode naturalmente deixar por completo o teu corpo antes da morte física. Como mencionei anteriormente, não há um ponto preciso de morte, mas estou a falar como se houvesse, por conveniência.

A tua consciência deixa o organismo físico de várias maneiras, conforme as condições. Em alguns casos, o próprio organismo ainda é capaz de funcionar até certo ponto, embora sem a direção ou organização que existia anteriormente. A consciência simples dos átomos, das células e dos órgãos continua a existir durante algum tempo, depois de a consciência principal ter partido.

Pode haver, ou não, desorientação da tua parte, conforme as tuas crenças e desenvolvimento. E não me refiro necessariamente ao desenvolvimento intelectual. O intelecto deveria caminhar lado a lado com as emoções e as intuições; mas, se entrar em conflito demasiado forte com elas, podem surgir dificuldades quando a consciência recém-liberta se agarra às suas ideias sobre a realidade depois da morte, em vez de encarar a realidade particular em que se encontra. Por outras palavras, pode negar o sentimento, e até tentar argumentar consigo mesma contra a sua atual independência em relação ao corpo.

Uma vez mais, e como mencionei anteriormente, um indivíduo pode estar tão certo de que a morte é o fim de tudo que daí resulta o esquecimento, embora temporário. Em muitos casos, naturalmente, logo ao deixar o corpo há espanto e reconhecimento da situação. O próprio corpo pode ser visto, por exemplo, e muitos funerais têm um convidado de honra no meio da companhia — e ninguém contempla o rosto do cadáver com tanta curiosidade e assombro como aquele que acabou de o deixar.

Neste ponto emergem muitas variações de comportamento, cada uma resultante do historial, conhecimento e hábito individuais. Os ambientes em que os mortos se encontram variam frequentemente. Alucinações vívidas podem formar uma experiência tão real como qualquer outra na vida mortal. Já te disse que os pensamentos e as emoções formam a realidade física, e também formam a experiência depois da morte. Isto não significa que essas experiências não sejam válidas, tal como não significa que a vida física não seja válida.

Certas imagens foram usadas para simbolizar essa transição de uma existência para outra, e muitas delas são extremamente valiosas, pois fornecem uma estrutura de referências compreensíveis. A travessia do rio Estige é uma dessas imagens. Os moribundos esperavam que certos procedimentos ocorressem de modo mais ou menos ordenado. Os mapas eram conhecidos antecipadamente. No momento da morte, a consciência alucinava vividamente o rio. Familiares e amigos já mortos entravam no ritual, que também da parte deles era uma cerimónia profunda. O rio era tão real como qualquer rio que conheces, tão traiçoeiro para

um viajante sozinho e sem o conhecimento adequado. Havia sempre guias junto ao rio para ajudar esses viajantes a atravessar.

Não serve de muito dizer que tal rio é uma ilusão. Entende que o símbolo é real. O caminho estava planejado. Hoje, esse mapa particular já não é geralmente usado. Os vivos não sabem lê-lo. O cristianismo acreditou num céu e num inferno, num purgatório e num ajuste de contas; e assim, no momento da morte, para aqueles que acreditam nesses símbolos, encena-se outra cerimónia, e os guias assumem as aparências dessas figuras amadas dos santos e heróis cristãos.

Então, tendo isto como estrutura e em termos que possam compreender, é-lhes explicada a verdadeira situação. Durante séculos, os movimentos religiosos de massa cumpriram esse propósito, dando ao homem algum plano a seguir. Pouco importava que, mais tarde, o plano fosse visto como uma cartilha infantil, um livro de instruções completo com histórias coloridas; o propósito principal era cumprido, e havia pouca desorientação.

Em períodos em que não existem tais ideias coletivas, há mais desorientação; e, quando a vida depois da morte é completamente negada, o problema torna-se um pouco maior. Muitos, naturalmente, ficam radiantes ao descobrir que ainda estão conscientes. Outros têm de reaprender certas leis de comportamento, pois não compreendem a potência criativa dos seus pensamentos ou emoções.

Um indivíduo assim pode encontrar-se em dez ambientes diferentes num abrir e fechar de olhos, por exemplo, sem compreender a causa da situação. Não verá qualquer continuidade e sentir-se-á lançado, sem ordem nem razão, de uma experiência para outra, sem nunca perceber que os seus próprios pensamentos o impulsionam literalmente.

Estou agora a falar dos acontecimentos imediatamente posteriores à morte, pois existem outros estágios. Os guias tornar-se-ão utilmente parte das tuas alucinações, para te ajudar a sair delas, mas, antes de mais, têm de conquistar a tua confiança.

Houve um tempo — nos vossos termos — em que eu próprio atuei como tal guia; e, em estado de sono, Ruburt segue agora o mesmo caminho. A situação é bastante delicada do ponto de vista do guia, pois, psicologicamente, é necessário usar a máxima discrição. O Moisés de um homem, como descobri, pode não ser o Moisés de outro. Servi como um Moisés bastante credível em várias ocasiões — e uma vez, embora isto seja difícil de acreditar, para um árabe.

O árabe era, já agora, uma personagem muito interessante e, para ilustrar algumas das dificuldades envolvidas, vou falar-te dele. Odiava os judeus, mas, de algum modo, estava obcecado com a ideia de que Moisés era mais poderoso do que Alá, e durante anos esse foi o pecado secreto que lhe pesou na consciência. Passou algum tempo em Constantinopla na época das Cruzadas. Foi capturado e acabou integrado num grupo de turcos, todos destinados a ser executados pelos cristãos, neste caso de forma

horrível. Forçaram-lhe a boca a abrir e encheram-na com brasas, para começar. Ele clamou por Alá e depois, em maior desespero, por Moisés; e, quando a sua consciência deixou o corpo, Moisés estava ali.

Ele acreditava mais em Moisés do que em Alá, e eu não soube até ao último momento que forma deveria assumir. Era um sujeito muito simpático e, dadas as circunstâncias, não me importei quando ele pareceu esperar uma batalha pela sua alma. Moisés e Alá teriam de lutar por ele. Não conseguia libertar-se da ideia de força, embora tivesse morrido pela força, e nada poderia persuadi-lo a aceitar qualquer tipo de paz, contentamento ou descanso, até que fosse travado algum tipo de combate.

Um amigo e eu, com alguns outros, encenámos a cerimónia, e, de nuvens opostas no céu, Alá e eu proclamámos em voz alta as nossas reivindicações sobre a sua alma — enquanto ele, pobre homem, se encolhia no chão entre nós. Embora eu conte esta história com humor, debes compreender que a crença daquele homem a produziu, e, para o libertarmos, tivemos de a levar até ao fim.

Invoquei Jeová, mas sem resultado, porque o nosso árabe não conhecia Jeová — apenas Moisés — e era em Moisés que depositava a sua fé. Alá desembainhou uma espada cósmica, e eu incendiei-a, de modo que ele a deixou cair. A espada caiu no chão e incendiou a terra. O nosso árabe voltou a gritar. Viu léguas de seguidores atrás de Alá, e então léguas de seguidores apareceram atrás de

mim. O nosso amigo estava convencido de que um de nós três teria de ser destruído, e receava tremendamente ser ele a vítima.

Por fim, as nuvens opostas em que aparecíamos aproximaram-se. Na minha mão, eu segurava uma tábua onde se lia: “Não matarás.” Alá segurava uma espada. À medida que nos aproximámos, trocámos esses objetos, e os nossos seguidores uniram-se. Aproximámo-nos um do outro, formando a imagem de um s-o-l¹, e dissemos: “Somos um.”

As duas ideias diametralmente opostas tinham de se fundir, ou o homem não teria paz; e só quando esses opostos se uniram pudemos começar a explicar-lhe a sua situação.

Ser tal guia exige grande disciplina e treino. Antes do acontecimento que acabei de mencionar, por exemplo, passei muitas vidas a atuar como guia sob a tutela de outro, nos meus estados de sono diários.

É possível, por exemplo, perderes-te momentaneamente nas alucinações que estão a ser formadas, e, nesses casos, outro professor tem de te resgatar. É necessária uma exploração delicada dos processos psicológicos, e a variedade de alucinações em que podes envolver-te é interminável. Podes, por exemplo, assumir a forma de um animal de estimação morto e muito amado por determinado indivíduo.

¹ Palavra “sol” soletrado intencionalmente

Todas estas atividades alucinatórias ocorrem normalmente durante algum tempo, pouco depois da morte. Contudo, alguns indivíduos estão plenamente conscientes das suas circunstâncias, devido a treino e desenvolvimento prévios, e, depois de um período de repouso, se o desejarem, estão prontos para avançar para outros estágios.

Podem, por exemplo, tornar-se conscientes das suas próprias Personalidades de Foco reencarnacionais, reconhecendo com bastante facilidade personalidades que conheceram noutras vidas, se essas personalidades não estiverem ocupadas noutras atividades. Podem agora alucinar deliberadamente, ou podem “reviver” certos segmentos de vidas passadas, se assim escolherem. Depois há um período de autoexame, uma prestação de contas, por assim dizer, no qual conseguem observar todo o seu desempenho, as suas capacidades e pontos fracos, e decidir se regressarão ou não à existência física.

Entende que qualquer indivíduo pode experienciar qualquer um destes estágios; à exceção do autoexame, muitos deles podem ser inteiramente contornados. Uma vez que as emoções são tão importantes, é muito benéfico que amigos estejam à tua espera. Em muitos casos, contudo, esses amigos já avançaram para outros estágios de atividade, e frequentemente um guia assumirá durante algum tempo a aparência de um amigo, para que te sintas mais confiante.

Naturalmente, é apenas porque a maioria das pessoas acredita que não pode deixar o corpo que, de um modo geral, não tem

experiências fora do corpo com qualquer frequência consciente durante a vida. Tais experiências familiarizar-te-iam, muito melhor do que palavras, com as condições que serão encontradas.

Lembra-te de que, de certo modo, a tua existência física é o resultado de uma alucinação coletiva. Existem diferenças profundas entre a realidade de um homem e a de outro. Depois da morte, a experiência possui tanta organização, altamente intrincada e complexa, como aquela que conheces agora. Tens as tuas alucinações privadas agora, só que não percebes o que elas são. Alucinações como aquelas de que tenho falado — encontros simbólicos intensos — também podem ocorrer nos teus estados de sono, quando a personalidade atravessa um período de grande mudança, ou quando ideias opostas têm de ser unificadas, ou quando uma tem de dar lugar a outra. Estes são acontecimentos psicológicos e psíquicos altamente carregados e significativos, quer ocorram antes quer depois da morte.

Quando ocorrem no estado de sonho, podem mudar o curso de uma civilização. Depois da morte, um indivíduo pode visualizar a sua vida — a vida física imediatamente anterior — como um animal com o qual tem de chegar a acordo; e tal batalha ou encontro tem consequências de grande alcance, pois o homem tem de chegar a acordo com todos os aspetos de si mesmo. Neste caso, quer a alucinação termine com ele a montar o animal, a fazer amizade com ele, a domesticá-lo, a matá-lo ou a ser morto por ele, cada alternativa é cuidadosamente ponderada, e os resultados terão muito a ver com o seu desenvolvimento futuro.

Esta “simbolização da vida” pode ser adotada por aqueles que, durante a sua vida, pouco pensaram no autoexame. Faz parte, portanto, do processo de autoexame, no qual um indivíduo transforma a sua vida numa imagem e depois lida com ela. Este método não é usado por todos. Por vezes, é necessária uma série de episódios deste tipo.

Um dos alunos de Ruburt perguntou-se se existiria ou não algum tipo de organização nas experiências imediatamente posteriores à morte. Uma vez que esta é uma pergunta que ocorrerá a muitos leitores, tratarei dela aqui.

Antes de mais, pelo que disse até agora, deveria ser óbvio que não existe uma única realidade depois da morte, mas que cada experiência é diferente. Em termos gerais, contudo, há dimensões nas quais essas experiências individuais se enquadram. Por exemplo, existe um estágio inicial para aqueles que ainda estão fortemente focados na realidade física, e para aqueles que precisam de um período de recuperação e repouso. Nesse nível, haverá hospitais e casas de repouso. Os pacientes ainda não compreendem que, na verdade, não há nada de errado com eles.

Em alguns casos, a ideia de doença é tão forte que esses indivíduos organizaram os seus anos terrenos em torno desse núcleo psicológico. Projetam condições doentias sobre o novo corpo — a forma em que agora se encontram — tal como as projetavam sobre o antigo corpo físico. São-lhes dados vários tipos de tratamento de natureza psíquica, e é-lhes explicado que a condição

daquele corpo está a ser produzida pela natureza das suas próprias crenças.

Muitos indivíduos, contudo, não precisam de passar por este período particular. Escusado será dizer que os hospitais e centros de treino não são físicos nos vossos termos. Muitas vezes, de facto, são mantidos coletivamente pelos guias que executam os planos necessários. Podes chamar a isto alucinação coletiva, se quiseres. O facto é que, para aqueles que encontram essa realidade, os acontecimentos são bastante reais.

Existem também centros de treino. Neles, a natureza da realidade é explicada de acordo com a capacidade de cada indivíduo para a compreender e perceber. Para alguns, as parábolas familiares continuarão a ser usadas, pelo menos inicialmente, e depois esses indivíduos serão gradualmente desabitutados delas. Nestes centros, há certas aulas em que se dá instrução em benefício daqueles que escolheram regressar ao ambiente físico.

Por outras palavras, são-lhes ensinados os métodos que lhes permitem traduzir emoção e pensamento em atualidade física. Não há intervalo temporal, como tem de haver no sistema tridimensional, entre o início desses pensamentos e a sua materialização.

Tudo isto ocorre mais ou menos num só nível, embora devas compreender que estou aqui a simplificar estas questões até certo ponto. Alguns indivíduos, por exemplo, não passam por nenhum destes períodos, mas, devido ao desenvolvimento e ao progresso

alcançados nas suas vidas anteriores, estão prontos para iniciar programas mais ambiciosos.

Já falei anteriormente desse desenvolvimento. Alguns dos meus leitores, talvez por não estarem conscientes de qualquer capacidade psíquica própria, poderão então pensar que lhes espera um período longo e demorado de treino depois da morte. Deixa-me apressar-me a dizer-te que essa capacidade não é necessariamente consciente, e que grande parte dela ocorre durante o estado de sono, quando simplesmente não estás consciente dela.

Depois da morte, podes recusar-te completamente a acreditar que estás morto e continuar a dirigir a tua energia emocional para aqueles que conheceste em vida.

Se estiveste obcecado com determinado projeto, por exemplo, podes tentar concluí-lo. Há sempre guias para te ajudar a compreender a tua situação, mas podes estar tão absorto que não lhes prestas atenção.

Tratarei do tema dos fantasmas oportunamente, noutro capítulo. Basta dizer que grandes campos de foco emocional dirigidos à realidade física podem impedir-te de avançar para um desenvolvimento posterior.

Quando a consciência deixa o corpo e se afasta durante algum tempo, a ligação fica, naturalmente, quebrada. Nos estados fora do corpo, a ligação mantém-se. É possível que um indivíduo que morreu interprete completamente mal a experiência e tente voltar

a entrar no cadáver. Isto pode acontecer quando a personalidade se identificou quase exclusivamente com a imagem física.

Não é comum, mas, ainda assim, em várias circunstâncias, tais indivíduos tentarão reativar o mecanismo físico, ficando ainda mais tomados pelo pânico quando descobrem a condição do corpo. Alguns, por exemplo, choram sobre o cadáver muito depois de os enlutados terem partido, sem perceberem que eles próprios estão completamente inteiros — enquanto, por exemplo, o corpo podia estar doente ou os órgãos impossíveis de reparar.

São como um cão que não larga um osso. Aqueles que não identificaram completamente a sua consciência com o corpo acham muito mais fácil deixá-lo. Aqueles que odiaram o corpo descobrem, curiosamente, que, logo depois da morte, se sentem bastante atraídos por ele.

Todas estas circunstâncias podem ou não ocorrer, conforme o indivíduo envolvido. Contudo, depois de deixares o corpo físico, encontrar-te-ás imediatamente noutro. Esta é a mesma espécie de forma em que viajas nas projeções fora do corpo; e, mais uma vez, deixa-me lembrar aos meus leitores que cada um deles deixa o corpo durante algum tempo todas as noites, durante o sono.

Esta forma parecerá física. Contudo, de um modo geral, não será vista por aqueles que ainda estão no corpo físico. Pode fazer tudo aquilo que fazes agora nos teus sonhos. Portanto, voa, atravessa objetos sólidos e é movida diretamente pela tua vontade, levando-

te, digamos, de um local para outro, de acordo com a forma como pensas nesses locais.

Se te perguntares o que estará a fazer a tia Sally em, digamos, Poughkeepsie, Nova Iorque, então encontrar-te-ás lá. Contudo, regra geral, não poderás manipular objetos físicos. Não poderás pegar num candeeiro nem atirar um prato. Este corpo é teu instantaneamente, mas não é a única forma que terás. Aliás, esta imagem não é nova. Está agora entrettecida com o teu corpo físico, mas tu não a percecionas. Depois da morte, será, durante algum tempo, o único corpo de que estarás consciente.

Muito mais tarde, e em vários registos de experiência, acabarás por aprender a assumir muitas formas, conscientemente, conforme escolheres. De certa maneira, fazes isso agora, traduzindo a tua experiência psicológica — os teus pensamentos e emoções — de forma bastante literal, mas inconsciente, em objetos físicos. Poderás descobrir que, ao imaginares-te como criança — depois da morte —, de repente tens a forma da criança que foste. Portanto, durante certo período de tempo, podes manipular esta forma de modo que ela assuma qualquer aparência que tenha tido quando estava ligada à tua forma física na vida física imediatamente anterior. Podes morrer aos oitenta anos e, depois da morte, pensar na juventude e vitalidade que tinhas aos vinte, descobrindo então que a tua forma muda para corresponder a essa imagem interior.

A maioria dos indivíduos, depois da morte, escolhe uma imagem mais madura, que normalmente corresponde ao auge das capacidades físicas, independentemente da idade em que esse auge

físico foi alcançado. Outros escolhem, em vez disso, assumir a forma que tinham no momento particular em que os seus maiores pontos altos mentais ou emocionais foram atingidos, independentemente da beleza ou da idade que caracterizavam essa forma.

Sentir-te-ás, portanto, confortável com a forma que escolheres, e normalmente usá-la-ás quando quiseres comunicar com outros que conheceste; embora, para comunicações desse tipo com os vivos, possas antes adotar a forma que tinhas quando eras conhecido pelo indivíduo que queres contactar.

Estes ambientes depois da morte não existem necessariamente noutros planetas. Não ocupam espaço, pelo que a pergunta “onde acontece tudo isto?” não tem sentido em termos fundamentais.

Esses ambientes resultam das vossas próprias interpretações erradas da natureza da realidade. Não há, portanto, um único lugar, uma localização específica. Estes ambientes existem, sem serem percecionados por vós, no meio do mundo físico que conheceis. Os vossos mecanismos percetivos simplesmente não vos permitem sintonizar essas faixas. Reagis em função de uma sintonia com um campo altamente específico, mas limitado e condicionado. Como mencionei anteriormente, outras realidades coexistem com a vossa; depois da morte, por exemplo, limitas-te a despir-te da parafernália física e a sintonizar e reagir a campos diferentes e a outros conjuntos de pressupostos.

A partir deste outro ponto de vista, podes perceber, até certo ponto, a realidade física. Contudo, existem campos de energia que separam esses registos de experiência. Todo o vosso conceito de espaço está tão distorcido que qualquer explicação verdadeira se torna extremamente difícil.

Tal como os vossos mecanismos percetivos insistem que os objetos são sólidos, por exemplo, também insistem que existe uma coisa chamada espaço. Ora, aquilo que os sentidos te dizem sobre a natureza da matéria é inteiramente errado, e aquilo que te dizem sobre o espaço é igualmente errado — errado em termos da realidade básica, mas, naturalmente, bastante de acordo com os conceitos tridimensionais. Nas experiências fora do corpo a partir do estado vivo, muitos dos problemas encontrados, em termos de espaço, são os mesmos que serão encontrados depois da morte. E, portanto, nesses episódios, a verdadeira natureza do tempo e do espaço torna-se mais evidente.

Depois da morte, por exemplo, não é preciso tempo para atravessar o espaço. O espaço não existe em termos de distância. Isto é ilusão. Existem barreiras, mas são barreiras mentais ou psíquicas. Por exemplo, há intensidades de experiência que, na tua realidade, são interpretadas como distância em quilómetros.

Depois da morte, podes encontrar-te num centro de treino. Teoricamente, esse centro poderia coincidir com o espaço físico da tua sala de estar atual; mas a separação entre ti e os membros da tua família ainda vivos — talvez sentados, a pensar em ti ou a ler o jornal — nada teria que ver com o espaço tal como o conheces.

Estarias mais separado deles do que se estivesses, digamos, na Lua.

Talvez pudesses deslocar o teu foco de atenção para fora do centro e, teoricamente, perceber a sala e os seus ocupantes; e, no entanto, essa separação, que nada tem que ver com quilómetros, continuaria a existir entre vós.

Síntese Operativa

Este capítulo abre a Parte Dois deslocando a morte da ideia de fim absoluto para a de experiência de transição da consciência. Seth não nega a realidade experiencial da morte; nega que ela corresponda à extinção da identidade.

A função central do capítulo é esta:

aquilo a que chamamos morte é uma alteração prolongada do foco da consciência, acompanhada por uma reorganização perceptiva, simbólica e psíquica da experiência.

1. Não existe um ponto exato de morte

Seth começa por desmontar a ideia de que há um instante indivisível em que a vida termina e a morte começa.

A vida é um estado de devir, e a morte faz parte desse mesmo processo.

Vida → processo de devir → pequenas mortes celulares → renovação constante → continuidade da consciência

O corpo está sempre a morrer e a renovar-se. Células, átomos e moléculas desaparecem e são substituídos, mas a identidade não se percebe como interrompida.

A morte física maior é apresentada como uma ampliação de processos que já ocorrem continuamente.

2. A consciência pulsa

Seth aprofunda a ideia já trabalhada no Capítulo 8: a consciência não é um feixe contínuo e constante.

Ela pulsa.

consciência focada na realidade física → consciência desfocada da realidade física → novo foco físico → sentido aparente de continuidade

O sentido de continuidade é construído sobre pulsações alternadas da consciência. A consciência parece contínua porque não percebe as lacunas entre os seus focos.

Formulação operativa:

a continuidade do eu é uma construção percetiva sobre ritmos descontínuos da consciência.

3. “Morto” como desfocado da realidade física

Seth usa a palavra “morto” nos nossos termos. Nesse sentido, estar “morto” significa estar completamente desfocado da realidade física.

Morto → não extinto → desfocado da realidade física → focado noutro sistema de realidade

Isto é fundamental: a morte não é ausência de consciência; é ausência de foco físico.

A consciência pode estar viva noutro registo de experiência e, ao mesmo tempo, ser considerada “morta” pelo sistema físico.

4. A morte como pausa mais longa na pulsação

Aquilo a que chamamos morte é descrito como uma pausa mais longa numa pulsação que já ocorre continuamente.

pulsações curtas → não percecionadas → sentido de continuidade

pulsação mais longa → percecionada como morte

A consciência está habituada a breves lacunas de inexistência física, mas uma lacuna mais longa pode produzir desorientação se a individualidade estiver muito identificada com o corpo.

5. O sono como treino prévio da morte

Durante o sono, a consciência deixa frequentemente o sistema físico por períodos relativamente longos.

Sono → retirada parcial da consciência do corpo → ausência de foco físico → atividade noutros registos de experiência → regresso ao corpo

Por isso, todos já atravessaram muitas vezes condições semelhantes à morte, embora sem memória clara delas.

O sono torna-se, novamente, uma preparação natural para a morte:

a morte é menos desconhecida do que parece, porque a consciência já pratica diariamente a retirada do foco físico.

6. Crenças moldam a experiência pós-morte

Seth afirma que as ideias sobre a natureza da realidade colorirão fortemente as experiências depois da morte.

Crenças → expectativas → interpretação da experiência → ambientes pós-morte

A crença no inferno pode produzir condições infernais. A crença num céu estereotipado pode produzir condições celestiais. Isto não torna essas experiências “falsas”; torna-as simbolicamente reais dentro do campo experiencial do indivíduo.

Formulação operativa:

depois da morte, tal como durante a vida física, a consciência forma a sua realidade segundo crenças, emoções e expectativas.

7. Alucinação não significa irreabilidade

Um ponto decisivo do capítulo é a reabilitação da palavra alucinação.

Em Seth, “alucinação” não deve ser lida como simples falsidade. Trata-se de uma realidade simbólica funcional, criada pela consciência para organizar a experiência.

Alucinação → realidade simbólica funcional → estrutura de transição → campo experiencial válido

A travessia do rio Estige, por exemplo, é uma alucinação no sentido técnico, mas é real para a consciência que a experiencia.

Daí a formulação estabilizada:

Entende que o símbolo é real.

8. Símbolos como estruturas de transição

Os símbolos religiosos e culturais funcionam como mapas da transição.

crença coletiva → símbolo partilhado → ritual pós-morte → orientação da consciência → redução da desorientação

O rio Estige, o céu, o inferno, o purgatório, santos e figuras religiosas podem servir como enquadramentos iniciais. Os guias entram nesses símbolos para conquistar a confiança da consciência recém-liberta e conduzi-la gradualmente para uma compreensão mais ampla.

O símbolo não é a realidade última, mas pode funcionar como realidade de passagem.

9. Guias e adaptação simbólica

Os guias ajudam a consciência a sair das suas próprias construções simbólicas, mas primeiro têm de entrar nelas.

crença do indivíduo → ambiente simbólico → guia assume forma compatível → confiança → explicação gradual da situação

Seth apresenta o exemplo do árabe que esperava uma batalha entre Moisés e Alá. A crença do homem exigia uma resolução simbólica: as imagens opostas tinham de se unir antes que ele pudesse aceitar a sua nova condição.

O guia não impõe verdade abstrata; traduz a verdade para o sistema simbólico que a consciência consegue receber.

10. Integração de opostos

O episódio de Moisés e Alá mostra uma dinâmica psíquica profunda: a consciência pode carregar imagens opostas, incompatíveis, que precisam de ser reconciliadas.

Moisés → Alá

oposição simbólica → batalha esperada → troca de símbolos → fusão dos seguidores → imagem do sol → "Somos um"

O objetivo não é vencer uma imagem contra outra, mas unir a tensão simbólica para libertar a consciência.

Formulação operativa:

certas experiências pós-morte funcionam como dramatizações simbólicas destinadas a integrar conflitos psíquicos profundos.

11. Autoexame e prestação de contas

Depois dos estágios iniciais, há um período de autoexame.

vida recém-terminada → revisão → compreensão dos pensamentos e emoções → efeitos sobre os outros → aprendizagem → decisão sobre desenvolvimento futuro

Este autoexame não é castigo externo. É uma compreensão direta da própria experiência.

A telepatia opera sem distorção, por isso não há hipocrisia possível. Relações, motivos, emoções e intenções tornam-se claros.

12. Relações verdadeiras depois da morte

As relações familiares ou afetivas são vistas como realmente são.

relações físicas → papéis sociais e familiares

pós-morte → telepatia sem distorção → sentimentos reais → relações verdadeiras

Não se finge amor onde não havia amor. Também se pode descobrir valor ou amor onde, em vida, só se via inimizade.

A morte retira máscaras convencionais e obriga a lidar com a estrutura real das relações.

13. Níveis mais amplos da identidade

Seth explica que, até a revisão da vida estar concluída, a consciência ainda não está plenamente consciente dos níveis mais amplos da sua própria identidade.

vida física recente → autoexame → integração do significado → abertura ao conhecimento de outras existências → percepção expandida

Só depois de compreender a vida que acabou de deixar é que a consciência fica pronta para aceder conscientemente a outras existências.

A identidade começa então a incluir aquilo que foi noutras vidas.

14. Ambientes pós-morte organizados

Seth esclarece que, apesar da variedade individual, há organização nas experiências pós-morte.

experiências individuais → diferenças segundo crenças e desenvolvimento → dimensões ou estágios funcionais → hospitais, casas de repouso, centros de treino

Estes hospitais e centros não são físicos nos nossos termos, mas são reais para quem os experiencia.

São mantidos por guias e funcionam como estruturas de orientação, recuperação e aprendizagem.

15. Hospitais e centros de repouso

Algumas consciências continuam a projetar doença sobre o novo corpo porque organizaram a vida em torno desse núcleo psicológico.

crença na doença → identidade organizada em torno da doença → projeção sobre a forma pós-morte → tratamento psíquico → compreensão da origem nas crenças

O objetivo desses centros é mostrar que a condição do corpo pós-morte é produzida pelas próprias crenças.

16. Centros de treino

Há também centros onde se explica a natureza da realidade e se ensina a traduzir emoção e pensamento em atualidade física.

Pensamento + emoção → materialização → atualidade física

Isto é especialmente importante para aqueles que escolherão regressar à existência física.

No sistema pós-morte, a materialização é mais imediata; por isso, é necessário aprender a lidar com a potência criativa da consciência antes de regressar a um sistema onde há atraso temporal entre pensamento e manifestação.

17. Fantasmas e foco emocional na realidade física

Seth apenas anuncia que tratará dos fantasmas noutro capítulo, mas deixa uma chave essencial:

foco emocional intenso na realidade física → fixação → dificuldade em avançar → possível fenómeno fantasmático

A figura do fantasma não é apresentada como entidade condenada, mas como consciência presa por foco emocional excessivo, identificação corporal, obsessão por projetos, pessoas ou lugares.

18. Identificação com o corpo

Quanto mais a personalidade se identificou com a imagem física, maior a possibilidade de desorientação.

consciência = corpo → tentativa de regressar ao cadáver → pânico → fixação na imagem física

Alguns tentam reativar o mecanismo físico, sem perceberem que estão completos noutra forma.

Aqueles que não identificaram totalmente a consciência com o corpo deixam-no com maior facilidade. Curiosamente, aqueles que

odiaram o corpo podem sentir-se atraídos por ele depois da morte, porque o ódio também é uma forma de fixação.

19. A forma pós-morte

Depois de deixar o corpo físico, a consciência encontra-se imediatamente noutra forma.

corpo físico → deixado para trás

forma pós-morte → aparência física para a consciência → movida pela vontade → sem as mesmas limitações físicas

Esta forma é semelhante à usada nas projeções fora do corpo e já está entretecida com o corpo físico durante a vida, embora não seja percecionada.

Depois da morte, durante algum tempo, será o único corpo de que a consciência estará ciente.

20. A forma como tradução da imagem interior

A forma pós-morte pode mudar conforme a imagem interior.

imagem interior → forma assumida → idade, vitalidade, aparência
→ comunicação com outros

A maioria escolhe uma imagem madura correspondente ao auge das capacidades físicas. Outros escolhem a forma ligada aos seus maiores pontos altos mentais ou emocionais.

Para comunicar com os vivos, a consciência pode assumir a aparência pela qual era conhecida por determinada pessoa.

21. Assumir muitas formas

Mais tarde, a consciência aprende a assumir muitas formas conscientemente.

Isto é uma extensão de algo que já faz na vida física:

experiência psicológica → pensamentos e emoções → tradução inconsciente → objetos físicos

Depois da morte, essa capacidade torna-se mais consciente.

A forma deixa de ser prisão e passa a ser expressão plástica da identidade.

22. Ambientes pós-morte não ocupam espaço

Seth insiste que os ambientes depois da morte não estão “noutros planetas” nem ocupam espaço.

pergunta: onde acontece? → erro percetivo → não há localização específica → há sintonia com campos e pressupostos diferentes

Estes ambientes coexistem com o mundo físico, mas não são percebidos porque os mecanismos físicos não sintonizam as suas faixas.

23. Sintonia, campos e pressupostos

Depois da morte, a consciência abandona a parafernália física e passa a sintonizar campos diferentes e outros conjuntos de pressupostos.

corpo físico / sentidos físicos → campo percetivo limitado → pressupostos tridimensionais

pós-morte → outros campos → outros pressupostos → outros registos de experiência

A deslocação não é espacial. É uma alteração de sintonia, foco e pressupostos.

24. Espaço como interpretação

Seth reafirma que o espaço, tal como é percebido, é uma interpretação tridimensional.

realidade básica → campos de energia e intensidades de experiência → interpretação tridimensional → distância espacial

Depois da morte, não é preciso tempo para atravessar espaço, porque o espaço não existe em termos de distância.

Existem barreiras, mas são mentais ou psíquicas.

25. Separação sem distância

O exemplo do centro de treino é crucial.

Um centro pós-morte poderia coincidir com o espaço físico da sala de estar de alguém, mas a separação entre a consciência nesse centro e os familiares vivos não teria nada a ver com quilômetros.

mesmo espaço físico aparente → campos perceptivos diferentes → pressupostos diferentes → separação psíquica maior do que distância lunar

Isto estabiliza uma distinção fundamental:

separação não é necessariamente distância.

Pode haver proximidade espacial aparente e, ao mesmo tempo, uma enorme separação de sintonia e registo experiencial.

Estrutura Operativa do Capítulo

Morte → pausa mais longa na pulsação da consciência → retirada do foco físico → transição para outro registo de experiência

Crenças → alucinações simbólicas → ambientes pós-morte → guias entram nos símbolos → orientação e descondicionamento

Autoexame → compreensão da vida recém-terminada → reconhecimento das relações verdadeiras → abertura aos níveis mais amplos da identidade → decisão sobre desenvolvimento futuro

forma pós-morte → imagem interior → vontade → comunicação → aprendizagem de novas liberdades

ambientes pós-morte → não ocupam espaço → coexistem com o físico → são acedidos por sintonia → operam segundo outros pressupostos

Núcleo Operativo

O Capítulo 9 mostra que a morte não é extinção, mas transição de foco. A consciência não desaparece; deixa de estar orientada pela imagem física e passa a operar noutro registo de experiência.

O que se encontra depois da morte depende profundamente das crenças, expectativas, emoções e nível de desenvolvimento da consciência. Símbolos religiosos, alucinações, guias, hospitais, centros de treino e formas pós-morte são realidades funcionais: não são “falsas”, mas modos organizadores pelos quais a consciência compreende a sua nova condição.

A morte revela a continuidade da consciência, mas também revela a responsabilidade criativa da consciência. Pensamentos e emoções formam realidades depois da morte com tanta eficácia como formam a realidade física.

Formulação final

A “morte” é a experiência de uma consciência que deixa de se reconhecer através do corpo físico e começa a aprender que forma, ambiente, distância e identidade são expressões moldadas pelo foco, pelas crenças e pela própria capacidade criativa da consciência.

CAPÍTULO 10

Condições de “Morte” em Vida

As experiências depois da morte não parecerão tão estranhas ou incompreensíveis se compreenderes que encontras situações semelhantes como parte normal da tua existência presente.

Nos estados de sono e de sonho, estás envolvido na mesma dimensão de existência em que terás as tuas experiências depois da morte. Não te lembras da parte mais importante dessas aventuras noturnas e, por isso, aquelas de que te recordas parecem, regra geral, bizarras ou caóticas. Isto acontece simplesmente porque, no teu estado atual de desenvolvimento, ainda não és capaz de manipular conscientemente mais do que um ambiente.

Contudo, existes conscientemente num estado criativo coerente e intencional enquanto o corpo físico dorme, e continuas muitas das atividades que eu disse que encontrarias depois da morte. Simplesmente deslocas o foco principal da tua atenção para uma dimensão diferente de atividade, uma dimensão em que, de facto, tens operado continuamente.

Tal como tens memória da tua vida de vigília, e tal como conservas um grande corpo dessas memórias para os encontros

físicos diários, e tal como essa fonte de memória te proporciona um sentido de continuidade quotidiana, também o teu self sonhador possui um corpo igualmente vasto de memória. Tal como há continuidade na tua vida diária, também há continuidade na tua vida de sono.

Uma parte de ti, portanto, está consciente de todos e cada um dos encontros e experiências de sonho. Os sonhos não são mais alucinatórios do que a tua vida física. Para o teu self sonhador, o teu self físico de vigília é o sonhador: tu és o sonhador que ele envia pelo caminho. As tuas experiências diárias são os sonhos que ele sonha; por isso, quando olhas para o teu self sonhador ou o consideras como tal, fazes isso com um olhar altamente enviesado, partindo do princípio de que a tua "realidade" é real e a realidade dele é ilusão.

Contudo, a realidade dele é muito mais nativa ao teu ser. Se não encontras coerência no estado de sonho, é porque vos hipnotizastes a acreditar que ela não existe. Naturalmente, ao acordar, tentas traduzir as tuas aventuras noturnas em termos físicos, e procuras encaixá-las na tua distorção, muitas vezes limitada, da natureza da realidade.

Até certo ponto, isto é natural. Estás focado numa vida diária por uma razão. Adotaste-a como desafio. Mas, dentro da sua estrutura, também deves crescer e desenvolver-te, e ampliar os limites da tua consciência. É muito difícil admitir que, em muitos aspetos, és mais eficaz e criativo no estado de sono do que no estado de vigília, e é algo bastante abalador admitir que o corpo de sonho pode, de facto,

voar, desafiando tanto o tempo como o espaço. É muito mais fácil fingir que todas essas experiências são simbólicas e não literais, e desenvolver teorias psicológicas complicadas, por exemplo, para explicar os sonhos de voo.

O facto simples é que, quando sonhas que estás a voar, muitas vezes estás mesmo. No estado de sonho, operas sob condições mais ou menos semelhantes às que são naturais para uma consciência não focada na realidade física. Muitas das tuas experiências, portanto, são precisamente aquelas que poderás encontrar depois da morte. Poderás falar com amigos ou familiares mortos, visitar o passado, cumprimentar antigos colegas de escola, caminhar por ruas que existiam cinquenta anos antes no tempo físico, viajar através do espaço sem gastar qualquer tempo físico para o fazer, ser recebido por guias, ser instruído, ensinar outros, realizar trabalho significativo, resolver problemas, alucinar.

Na vida física, existe um intervalo entre a concepção de uma ideia e a sua construção física. Na realidade do sonho, isso não acontece. Portanto, a melhor maneira de te familiarizares antecipadamente com a realidade depois da morte, por assim dizer, é explorares e compreenderes a natureza do teu próprio self sonhador. Poucas pessoas querem dedicar o tempo e a energia necessários para esse efeito.

Contudo, os métodos estão disponíveis, e aqueles que os utilizarem não se sentirão alienados quando o foco pleno da sua atenção for voltado nessa direção depois da morte.

Uma vez que a tua memória consciente está tão fortemente ligada à consciência dentro do corpo, ainda que deixes o corpo quando ele dorme, a consciência de vigília normalmente não tem memória disso.

No estado de sono, tens memória de todos aqueles que alguma vez encontraste nos teus sonhos, embora possas não ter encontrado algumas dessas pessoas na tua existência diurna. No estado de sono, podes ter uma experiência constante, ao longo dos anos, com companheiros próximos que talvez vivam numa zona completamente diferente do mundo e sejam estranhos para ti no estado de vigília.

Tal como os teus esforços diários têm significado e propósito, também as tuas aventuras de sonho os têm, e nelas também atinges vários objetivos próprios. Continuarás esses objetivos na experiência depois da morte. A vitalidade, a força, a vida e a criatividade por detrás da tua existência física são geradas nessa outra dimensão. Por outras palavras, em muitos aspetos, és uma projeção carnal do teu self sonhador.

Contudo, o self sonhador, tal como o concebes, é apenas uma sombra da sua própria realidade, pois o self sonhador é um ponto de referência psicológico e, nos vossos termos, de continuidade, que reúne todos os aspetos da tua identidade. Da sua natureza mais profunda, apenas os mais desenvolvidos estão conscientes. Por outras palavras, representa uma forte faceta unificadora de toda a tua identidade. As suas experiências são tão vívidas e a sua

“personalidade” tão rica — na verdade, mais rica — em contexto como a personalidade física que conheces.

Imagina por um momento que és uma criança, e que eu estou a tentar assumir a tarefa particular de te explicar como será o teu self adulto mais desenvolvido — e, nessa explicação, digo que esse self adulto já faz, até certo ponto, parte de ti, como desenvolvimento ou projeção daquilo que és. E a criança diz: “Mas o que vai acontecer-me? Tenho de morrer para me tornar esse outro self? Não quero mudar. Como poderei alguma vez ser esse self adulto, se ele não é aquilo que sou agora, sem morrer enquanto aquilo que sou?”

Estou numa posição algo semelhante quando tento explicar-te a natureza deste self interior, pois, embora possas tornar-te consciente dele nos sonhos, não consegues apreciar verdadeiramente a sua maturidade nem as suas capacidades; contudo, elas são tuas da mesma forma que as capacidades do homem pertenciam à criança. No estado de sonho aprendes, entre outras coisas, a construir dia após dia a tua própria realidade física, tal como, depois da morte, aprendes a construir a tua próxima vida física.

Nos sonhos resolves desafios. Durante o dia, estás conscientemente ciente apenas dos métodos de resolução desses desafios que aprendeste durante o sono. Nos sonhos defines os teus objetivos, tal como, depois da morte, defines os objetivos para outra encarnação.

Nenhuma estrutura psicológica é fácil de descrever por palavras. Para explicar simplesmente a natureza da personalidade tal como é geralmente conhecida, usam-se todo o tipo de termos: id, subconsciente, ego, superego; todos eles para diferenciar as ações entretidas que constituem a personalidade física. O self sonhador é igualmente complexo. Assim, podes dizer que certos aspetos dele lidam com a realidade física, com a manipulação física e com planos; alguns com níveis mais profundos de criatividade e realização que asseguram a sobrevivência física; alguns com comunicação, com elementos ainda mais extensos da personalidade, agora geralmente desconhecidos; alguns com a experiência e existência continuadas daquilo a que podes chamar a Alma ou a entidade individual global, o verdadeiro Self multidimensional.

A Alma cria a carne. O criador dificilmente despreza a sua criação. A Alma cria a carne por uma razão, e a existência física por uma razão; portanto, nada disto pretende levar-te a desprezar a vida física, nem a deixar de apreciar as alegrias sensoriais que te rodeiam. Qualquer viagem interior deve permitir-te encontrar maior significado, beleza e sentido na vida tal como agora a conheces; mas o pleno prazer e desenvolvimento significam também que usas todas as tuas capacidades e exploras as dimensões interiores com igual admiração e entusiasmo. Com a compreensão adequada, portanto, é perfeitamente possível que te familiarizes já com as paisagens, ambientes e experiências depois da morte. Descobrirás que são tão vívidos como quaisquer outros que conheces. Tais explorações alterarão completamente as ideias sombrias preconcebidas acerca da existência depois da morte. Contudo, é

muito importante que te libertes do maior número possível de preconceitos, pois estes impedirão o teu progresso.

Em termos gerais, se estás razoavelmente satisfeito com a realidade física, estás em melhor posição para estudar estes ambientes interiores.

Se vês maldade à tua volta na vida física, e se ela parece pesar mais do que o bem, então não estás preparado. Não deves iniciar uma exploração dessas aventuras noturnas se estás deprimido, pois, nessa altura, o teu próprio estado psíquico está predisposto para experiências depressivas, quer estejas desperto quer a dormir. Não deves iniciar tal estudo se esperas substituir a experiência física pela experiência interior.

Se as tuas ideias de bem e mal são rígidas e inflexíveis, então não possuis a compreensão necessária para qualquer manipulação consciente nessa outra dimensão. Por outras palavras, deves ser tão flexível quanto possível — mental, psicológica e espiritualmente —, aberto a novas ideias, criativo e não excessivamente dependente de organizações ou dogmas.

Deves ser razoavelmente competente e empático. Ao mesmo tempo, deves estar suficientemente voltado para o teu ambiente físico para seres capaz de lidar com a tua vida tal como ela é. Precisas de todos os teus recursos. Isto deve ser uma exploração e um empreendimento ativos, não uma retirada passiva, e certamente não uma fuga cobarde. Perto do fim deste livro, serão dados métodos para aqueles que estiverem interessados, de modo

que possas explorar conscientemente estas condições depois da morte, tendo algum controlo sobre as tuas experiências e o teu progresso.

Aqui, contudo, quero descrever estas condições de forma um pouco mais completa. Na vida física, vês aquilo que queres ver. Percecionas, a partir do campo disponível da realidade, certos dados percetivos — dados cuidadosamente selecionados por ti de acordo com as tuas ideias acerca do que a realidade é. Para começar, tu crias esses dados.

Se acreditas que todos os seres humanos são maus, simplesmente não experimentarás a bondade nos outros. Estarás completamente fechado a ela. Eles, por sua vez, mostrar-te-ão sempre o seu pior lado. Telepaticamente, encarregar-te-ás de que os outros não gostem de ti, e projetarás sobre eles o teu desagrado.

Por outras palavras, a tua experiência segue as tuas expectativas. O mesmo se aplica à experiência depois da morte, à experiência de sonho e a quaisquer encontros fora do corpo. Se estás obcecado com a ideia do mal, então encontrarás condições maléficas. Se acreditas em demónios, então encontrá-los-ás. Como mencionei anteriormente, há maior liberdade quando a consciência não está fisicamente orientada. Pensamentos e emoções são, uma vez mais, organizados como realidade sem o intervalo temporal físico. Por isso, se acreditas que serás recebido por um demónio, criarás a tua própria forma-pensamento de um demónio, sem perceberes que é uma criação tua.

Portanto, se deres por ti a concentrar-te nos males da existência física dessa maneira, então não estás preparado para tais explorações. É possível, naturalmente, nessas condições, encontrar uma forma-pensamento pertencente a outra pessoa; mas, se não acreditas em demónios à partida, reconhecerás sempre a natureza do fenómeno e não sofrerás dano.

Se for a tua própria forma-pensamento, então, de facto, podes aprender com ela, perguntando-te o que representa, que problema assim materializaste. Depois da morte, poderás alucinar o mesmo tipo de coisa, usá-la como símbolo e passar por uma espécie de batalha espiritual que, naturalmente, não seria necessária se tivesses maior compreensão. Trabalharás as tuas ideias, problemas ou dilemas ao nível da tua própria compreensão.

Os ambientes depois da morte existem à tua volta, agora mesmo. É como se a tua situação presente e todos os seus fenómenos físicos fossem projetados de dentro de ti para fora, oferecendo-te um filme em movimento contínuo, obrigando-te a perceber apenas aquelas imagens que estão a ser transpostas. Elas parecem tão reais que te encontras na posição de reagir constantemente a elas.

Contudo, elas servem para mascarar outras realidades perfeitamente válidas que existem ao mesmo tempo; e, na verdade, é a partir dessas outras realidades que obténs o poder e o conhecimento necessários para operar as projeções materiais. Podes “pôr a máquina ao ralenti”, por assim dizer, parar o movimento aparente e voltar a tua atenção para essas realidades.

Antes de mais, tens de compreender que elas existem. Como preliminar aos métodos que darei mais tarde, é boa ideia perguntares a ti próprio, de vez em quando: “De que estou eu realmente consciente neste momento?” Faz isto quando os teus olhos estiverem abertos, e volta a fazê-lo quando estiverem fechados.

Quando os teus olhos estiverem abertos, não tomes por adquirido que só existem os objetos imediatamente percecionáveis. Olha para onde o espaço parece vazio, e escuta no meio do silêncio. Existem estruturas moleculares em cada centímetro de espaço vazio, mas ensinaste-te a não as percecionar. Existem outras vozes, mas condicionaste os teus ouvidos para não as ouvir. Usas os teus sentidos interiores quando estás no estado de sonho, e ignora-os quando estás desperto.

Os sentidos interiores estão equipados para percecionar dados percetivos que não são físicos. Eles não são enganados pelas imagens que projetas na realidade tridimensional. Além disso, conseguem também percecionar objetos físicos. Os teus sentidos físicos são extensões destes métodos interiores de percepção, e, depois da morte, é neles que te apoiarás. São usados nas experiências fora do corpo e operam constantemente abaixo do limiar da consciência normal de vigília. Por isso, podes começar já a familiarizar-te com a natureza da percepção depois da morte.

Por outras palavras, o ambiente, as condições e os métodos de percepção não te serão estranhos. Não és subitamente lançado para um desconhecido; esse desconhecido faz agora parte de ti. Fazia

parte de ti antes deste nascimento físico e continuará a fazer depois da morte física. Estas condições, contudo, foram em grande medida apagadas da tua consciência ao longo da história física. A humanidade teve várias concepções da sua própria realidade, mas parece ter-lhe voltado deliberadamente as costas no último século. Há muitas razões para isto, e tentaremos abordar algumas delas.

De muitos modos, então, estás “morto” agora — e tão morto como alguma vez estarás.

Enquanto te ocupas das tuas tarefas e empreendimentos diários, abaixo do limiar da consciência normal de vigília estás constantemente focado também noutras realidades, reagindo a estímulos dos quais o teu self físico consciente não está ciente, percepcionando condições através dos sentidos interiores e experienciando acontecimentos que nem sequer são registados no cérebro físico.

Depois da morte, ficas simplesmente consciente dessas dimensões de atividade que agora ignoras. Agora, a existência física predomina. Então, já não predominará. Contudo, também não se perderá para ti; as tuas memórias, por exemplo, serão preservadas. Simplesmente sairás de um determinado enquadramento de referência. Em certas condições, serás até livre de usar de maneiras diferentes os anos que aparentemente te foram dados.

Por exemplo: disse-te que o tempo não consiste numa série de momentos, uns antes dos outros, embora agora o perceções dessa forma. Os acontecimentos não são coisas que te acontecem.

São experiências materializadas, formadas por ti segundo as tuas expectativas e crenças. Níveis interiores da tua personalidade compreendem isto agora. Depois da morte, não te concentrarás nas formas físicas assumidas pelo tempo e pelos acontecimentos. Poderás usar os mesmos elementos como um pintor usa as suas cores.

Talvez o período da tua vida dure setenta e sete anos. Depois da morte, em certas condições e se assim escolheres, poderás experienciar os acontecimentos desses setenta e sete anos à vontade — mas não necessariamente em termos de continuidade. Poderás alterar os acontecimentos. Podes manipular esse nível particular de atividade que representou os teus setenta e sete anos.

Se encontrares erros graves de julgamento, poderás então corrigi-los. Por outras palavras, poderás aperfeiçoar; mas não poderás voltar a entrar nesse enquadramento de referência como uma consciência completamente participante, seguindo, digamos, as tendências históricas da época, nem juntar-te novamente à existência coletivamente alucinada que resultou da consciência aplicada por ti e pelos teus “contemporâneos”.

Alguns escolhem isto em vez de reencarnar, ou então como estudo preparatório para uma nova reencarnação. Estas pessoas são, muitas vezes, perfeccionistas no íntimo. Têm de regressar e criar. Têm de corrigir os seus erros. Usam a vida imediatamente anterior como tela e, com a mesma “tela”, tentam pintar um quadro melhor. Este é um exercício mental e psíquico, realizado por muitos,

que exige grande concentração, e não é mais alucinatório do que qualquer outra existência.

Poderás sentir que queres “reviver” certos episódios da tua vida para poderes compreendê-los melhor. A experiência da tua vida, portanto, pertence-te. Tais condições certamente não te são estranhas. Na vida comum, imaginas-te muitas vezes a comportar-te de maneira diferente daquela como te comportaste, ou, na tua mente, voltas a experienciar acontecimentos para obteres deles maior compreensão. A tua vida é a tua própria perspectiva experiencial pessoal; e, quando, na morte, a retiras do contexto coletivo do tempo físico, podes então experienciá-la de muitas maneiras. Lembra-te de que os acontecimentos e os objetos não são absolutos, mas plásticos. Os acontecimentos podem ser alterados tanto antes como depois da sua ocorrência. Nunca são estáveis nem permanentes, embora, no contexto da realidade tridimensional, possam parecer sê-lo.

Tudo aquilo de que estás consciente na existência tridimensional é apenas uma projeção de uma realidade maior nessa dimensão. Os acontecimentos de que estás consciente são apenas aqueles fragmentos de atividades que irrompem ou aparecem à tua consciência normal de vigília. Outras componentes desses acontecimentos são bastante claras para ti tanto no estado de sonho como abaixo do limiar da consciência de vigília durante o dia.

Se queres saber como é a morte, então torna-te consciente da tua própria consciência quando ela está separada das atividades físicas. Descobrirás que ela é altamente ativa. Com a prática,

descobrirás que a tua consciência normal de vigília é extremamente limitada, e que aquilo que antes pensavas serem condições de morte se parece muito mais com condições de vida.

Outras existências e realidades, como as que acabámos de descrever, coexistem com a tua, e no estado de vigília não estás consciente delas. Muitas vezes, nos teus sonhos, consegues percecionar essas outras situações, mas frequentemente envolvê-las na tua própria parafernália onírica; nesse caso, ao acordar, tens pouca memória clara delas.

Da mesma maneira, no meio da vida, habitas com os chamados fantasmas e aparições; e, aliás, vós próprios apareceis como aparições para outros, particularmente quando enviais fortes formas-pensamento de vós mesmos a partir do estado de sono, ou mesmo quando viajais inconscientemente para fora do corpo físico.

Há, obviamente, tantos tipos de fantasmas e aparições quantas pessoas existem. Estão tão conscientes, ou tão pouco conscientes, da sua situação quanto vós estais da vossa. Contudo, não estão plenamente focados na realidade física, nem ao nível da personalidade nem ao nível da forma, e esta é a sua principal distinção. Algumas aparições são formas-pensamento enviadas por personalidades sobreviventes a partir de uma ansiedade profunda e persistente. Apresentam o mesmo tipo de comportamento compulsivo que se pode observar em muitos casos na vossa experiência comum.

O mesmo mecanismo que leva, digamos, uma mulher perturbada a repetir compulsivamente uma ação — como lavar e voltar a lavar as mãos sem cessar — também leva um tipo particular de aparição a regressar repetidamente ao mesmo lugar. Nesses casos, o comportamento é frequentemente composto por ações repetitivas.

Por várias razões, tal personalidade não aprendeu a assimilar a sua própria experiência. As características dessas aparições seguem as de uma personalidade perturbada — com algumas exceções, contudo. A consciência inteira não está presente. A própria personalidade parece estar a ter um pesadelo, ou uma série de sonhos recorrentes, durante os quais regressa ao ambiente físico. A personalidade em si está “sã e salva”, mas certos aspetos dela elaboram problemas não resolvidos e descarregam energia dessa maneira.

Em si mesmas, são bastante inofensivas. Apenas a tua interpretação das suas ações pode causar dificuldades. No meio da vida, das condições de vida, também apareces ocasionalmente como fantasma noutros níveis de realidade, onde a tua “pseudoaparência” provoca alguns comentários e dá origem a muitos mitos — e nem sequer tens consciência disso.

Estou agora a falar em termos gerais. Mais uma vez, há exceções em que a memória é retida; mas, regra geral, fantasmas e aparições não estão mais conscientes do efeito que causam nos outros do que tu estás quando apareces, de modo completamente

inconsciente, como fantasma em mundos que te pareceriam bastante estranhos.

A combinação de pensamento, emoção e desejo cria forma, possui energia e é feita de energia. Manifestar-se-á de tantas maneiras quanto possível. Tu só reconheces as materializações físicas, mas, como mencionei anteriormente neste livro, envias pseudoformas de ti mesmo a partir de ti próprio sem teres consciência disso; e isto é algo completamente distinto da existência da viagem ou projeção astral, que é uma questão muito mais complexa.

Apareces em forma astral em realidades comparativamente mais avançadas do que a tua. Normalmente és reconhecido por causa da tua desorientação. Não sabes manipular. Não conheces os costumes. Mas, tenhas ou não uma forma física, se tens emoções ou sentimentos, estes assumirão forma. Têm uma realidade. Se pensares intensamente num objeto, algures ele aparecerá.

Se pensares intensamente em estar noutro local, uma pseudoimagem de ti será projetada para esse lugar a partir de ti, quer seja ou não percecionada, quer tu próprio estejas ou não consciente dela, ou consciente através dela. Isto aplica-se tanto àqueles que deixaram o vosso sistema físico como àqueles que se encontram nele.

Todas estas formas são chamadas construções secundárias, pois, regra geral, a consciência plena da personalidade não está nelas. São projeções automáticas.

Nas construções primárias, uma consciência, normalmente plenamente consciente e alerta, adota uma forma — que não é a sua forma “nativa” — e projeta-a conscientemente, muitas vezes para outro nível de realidade. Mesmo isto é um empreendimento bastante complexo e raramente usado para fins de comunicação.

Há outros métodos muito mais fáceis. Expliquei até certo ponto a forma como as imagens são construídas a partir de um campo de energia disponível. Percecionas apenas as tuas próprias construções. Portanto, se um “fantasma” quiser contactar-te, pode fazê-lo por telepatia, e tu podes construir a imagem correspondente, se assim o desejares. Ou o indivíduo pode enviar-te uma forma-pensamento ao mesmo tempo que comunica contigo telepaticamente. Os teus aposentos estão agora cheios de formas-pensamento que não percecionas; e, uma vez mais, és agora um fenómeno tão fantasmático como serás depois da morte. Simplesmente não estás consciente do facto.

Ignoras certas variações de temperatura e movimentos subtis do ar como se fossem imaginação, quando, na verdade, são indícios dessas formas-pensamento. Relegas para segundo plano comunicações telepáticas que frequentemente acompanham tais formas, e desvias-te de todos os indícios de que outras realidades existem de modo plenamente válido juntamente com a tua, e de que, no meio de uma existência, estás rodeado por provas intangíveis, mas válidas. As próprias palavras “vida” e “morte” servem para limitar a tua compreensão, erguendo barreiras onde intrinsecamente não existem.

Alguns amigos e familiares mortos visitam-te, projetando-se a partir do seu próprio nível de realidade para o teu, mas, regra geral, não consegues perceber as suas formas. Contudo, eles não são mais fantasmáticos, nem mais “mortos”, do que tu és quando te projetas para a realidade deles — como fazes a partir do estado de sono.

Regra geral, contudo, eles conseguem perceber-te nessas ocasiões. Aquilo de que frequentemente te esqueces é que esses indivíduos se encontram em vários estágios de desenvolvimento. Alguns têm ligações mais fortes ao sistema físico do que outros. O tempo que um indivíduo esteve morto, nos vossos termos, tem pouco a ver com o facto de seres ou não visitado por ele; o que conta é sobretudo a intensidade da relação.

Como mencionei anteriormente, contudo, no estado de sono podes ajudar pessoas recentemente mortas, completos estranhos, a aclimatarem-se às condições depois da morte, embora esse conhecimento não esteja disponível para ti de manhã. Assim, outros, estranhos, podem comunicar contigo enquanto dormes e até guiar-te através de vários períodos da tua vida.

Não é simples explicar as condições de vida tal como as conheces; por isso, é extremamente difícil discutir as complexidades de que não estás consciente.

O ponto principal que quero estabelecer neste capítulo é que já estás familiarizado com todas as condições que encontrarás depois

da morte, e podes tornar-te conscientemente ciente delas até certo ponto.

Síntese Operativa

Este capítulo desenvolve diretamente a tese aberta no Capítulo 9: aquilo a que chamas “morte” não inaugura um território completamente estranho. Muitas das condições pós-morte já estão presentes durante a vida física, sobretudo no sono, nos sonhos, nas projeções, nas formas-pensamento, nas percepções interiores e nas realidades coexistentes que normalmente ignoras.

A função central do capítulo é esta:

as condições depois da morte já operam em vida; a diferença é que, durante a existência física, a consciência normal de vigília não está habitualmente consciente delas.

1. O pós-morte não é estranho à consciência

Seth começa por afirmar que as experiências depois da morte não parecerão tão alienígenas ou incompreensíveis se compreenderes que já encontras situações semelhantes na vida presente.

vida física → sono → sonho → projeções → formas-pensamento → realidades coexistentes → condições pós-morte

A morte não introduz a consciência numa realidade absolutamente desconhecida. Ela apenas torna predominantes condições que, durante a vida física, já estavam ativas abaixo do limiar da consciência normal de vigília.

Formulação operativa:

a morte torna consciente aquilo que a vida física mantém em fundo.

2. Sono e sonho como continuidade experiencial

No estado de sono, a consciência participa no mesmo tipo de dimensão de existência que encontrará depois da morte.

O problema não é ausência de experiência, mas ausência de memória clara.

estado de sono → atividade coerente e intencional → aventuras noturnas → memória parcial ao acordar → aparência de caos ou bizarria

A consciência continua ativa enquanto o corpo dorme. Ela apenas desloca o foco principal da atenção para uma dimensão diferente de atividade.

Isto prolonga a estabilização do Capítulo 8:

Sono → não inconsciência → mudança de foco → atividade noutro campo experiencial

3. O self sonhador como continuidade ampla

O capítulo aprofunda a noção de self sonhador.

Tal como existe continuidade na vida de vigília, também há continuidade na vida de sono.

self de vigília → memória diária → continuidade quotidiana

self sonhador → memória dos sonhos → continuidade onírica → relações, objetivos e aprendizagem próprios

A consciência de vigília esquece grande parte dessa continuidade, mas isso não significa que ela não exista.

O self sonhador possui memória, propósito, relações, atividades e desenvolvimento. Não é uma função caótica subordinada ao self físico de vigília.

4. Inversão de perspetiva: quem sonha quem?

Seth inverte a hierarquia habitual.

Do ponto de vista do self sonhador, o self físico de vigília é o sonhador.

perspetiva comum → eu de vigília é real, self sonhador é ilusório

perspetiva de Seth → self sonhador possui realidade própria, self de vigília é uma projeção/sonho desse nível

As experiências diárias são os sonhos que o self sonhador sonha.

Isto não torna a vida física falsa. Mostra apenas que a vida física é uma projeção experiencial dentro de uma realidade mais ampla.

5. Sonhos não são mais alucinatórios do que a vida física

Seth reforça a reabilitação da palavra alucinação já trabalhada no Capítulo 9.

sonho → experiência válida

vida física → experiência válida

ambos → construções organizadas pela consciência

Os sonhos parecem incoerentes porque, ao acordar, tentamos traduzi-los em termos físicos e encaixá-los numa conceção limitada da realidade.

A aparente falta de coerência do sonho resulta da tradução, não da ausência de realidade.

6. O estado de sonho como treino pós-morte

No estado de sonho, a consciência opera sob condições semelhantes às de uma consciência não focada na realidade física.

Por isso, muitas experiências oníricas correspondem a experiências pós-morte:

falar com mortos → revisitar o passado → encontrar guias → ser instruído → ensinar outros → realizar trabalho significativo → resolver desafios → alucinar / criar símbolos

O sonho é, portanto, uma espécie de treino natural para a morte.

Formulação operativa:

o estado de sonho é uma simulação funcional das condições pós-morte, mas sem perda da ligação ao corpo físico.

7. O corpo de sonho e a literalidade do voo

Seth afirma que, quando sonhas que voas, muitas vezes voas mesmo.

Isto é importante porque desloca o sonho da leitura puramente simbólica.

leitura comum → sonho de voo = símbolo psicológico

leitura de Seth → sonho de voo pode ser experiência literal num corpo de sonho

Seth não nega que existam símbolos nos sonhos. Mas recusa reduzir todas as experiências oníricas a simbolismo.

O corpo de sonho possui capacidades que desafiam tempo e espaço porque opera segundo condições diferentes da realidade física.

8. Intervalo físico e criação imediata

Na vida física, há um intervalo entre a concepção de uma ideia e a sua construção física.

Na realidade do sonho, esse intervalo não se aplica da mesma forma.

vida física → ideia → intervalo temporal → materialização

sonho / pós-morte → ideia + emoção → organização imediata da experiência

Isto antecipa a lógica das condições pós-morte: pensamento, emoção e expectativa organizam realidade com maior rapidez e plasticidade.

9. O self sonhador como ponto unificador

Seth descreve o self sonhador como um ponto de referência psicológico e de continuidade que reúne todos os aspetos da identidade.

self sonhador → ponto de referência psicológico → continuidade → integração dos aspetos da identidade → ligação à Alma / Self multidimensional

O self sonhador, tal como é concebido pela consciência de vigília, é apenas uma sombra da sua realidade mais profunda.

Na sua profundidade, ele participa de níveis mais amplos da identidade.

10. A analogia da criança e do adulto

Seth usa a imagem da criança e do adulto para explicar a relação entre o self de vigília e o self interior.

A criança não morre para se tornar adulta. Desenvolve-se.

criança → não morre → torna-se adulta → integra capacidades futuras

self de vigília → não desaparece → descobre self interior → integra capacidades mais amplas

O self interior não destrói o self de vigília. É uma maturidade mais ampla da própria identidade.

Formulação operativa:

o contacto com o self interior não é morte do eu, mas expansão da identidade.

11. Construção da realidade física nos sonhos

No estado de sonho, aprendes a construir a tua realidade física dia após dia.

sonho → organização psíquica → definição de objetivos → resolução de desafios → preparação da realidade física

Depois da morte, ocorre um processo análogo:

pós-morte → revisão → definição de objetivos → construção da próxima vida física

Assim, sonho e pós-morte partilham uma função criativa: ambos organizam a experiência que será vivida ou continuada noutros enquadramentos.

12. Desafios, não apenas problemas

No trecho sobre resolução onírica, estabilizámos desafios como termo preferencial.

Problemas → bloqueios, impasses, sofrimento

Desafios → aprendizagem, objetivos, crescimento, construção da realidade

Aqui, o contexto é claramente de aprendizagem e desenvolvimento. Por isso:

Nos sonhos resolves desafios.

Isto reforça a ideia de que o sonho não é fuga da realidade, mas trabalho ativo da consciência.

13. Estrutura do self sonhador

Seth compara a complexidade do self sonhador à da personalidade física.

Tal como a psicologia usa termos como id, subconsciente, ego e superego para diferenciar funções da personalidade física, também o self sonhador possui várias funções entretecidas.

self sonhador → funções ligadas à realidade física → criatividade profunda → sobrevivência física → comunicação → elementos desconhecidos da personalidade → Alma / entidade individual global / Self multidimensional

O self sonhador é, portanto, uma estrutura complexa e unificadora, não uma instância inferior.

14. Alma, carne e valorização da vida física

Seth afirma:

A Alma cria a carne.

Esta frase é decisiva. Ela impede uma leitura escapista ou espiritualista que despreze o corpo.

Alma → cria carne → cria existência física → por uma razão

O criador não despreza a sua criação.

Logo, explorar dimensões interiores não deve levar a rejeitar a vida física, mas a valorizá-la mais profundamente.

15. Viagem interior como enriquecimento da vida física

As viagens interiores devem aumentar o significado, a beleza e o sentido da vida tal como é conhecida agora.

viagem interior → não substitui vida física → amplia compreensão
→ aumenta prazer e desenvolvimento → integra capacidades

Seth recusa dois desvios:

materialismo fechado → só a vida física é real

escapismo espiritual → a vida interior substitui a vida física

A posição dele é integrativa:

quanto mais compreendes os ambientes interiores, mais rica se torna a tua experiência física.

16. Condições para explorar conscientemente os ambientes interiores

Seth estabelece critérios de segurança psicológica e psíquica.

A exploração consciente dos ambientes interiores não deve ser feita se:

há depressão intensa → estado psíquico predisposto a experiências depressivas

há obsessão com o mal → tendência a criar ou encontrar condições maléficas

há rigidez moral → falta de flexibilidade para lidar com outra dimensão

há desejo de substituir a vida física → tendência à fuga ou retirada passiva

A exploração interior exige:

competência na vida física → equilíbrio emocional → flexibilidade mental, psicológica e espiritual → criatividade → abertura → empatia → capacidade de lidar com a própria vida

17. Exploração ativa, não fuga

Seth é muito claro: a exploração dos ambientes interiores deve ser um empreendimento ativo, não uma retirada passiva nem uma fuga cobarde.

exploração interior saudável → atividade → responsabilidade → integração → maior participação na vida

exploração distorcida → fuga → substituição da vida física → reforço de medo ou depressão

Esta é uma chave ética e funcional do capítulo.

18. Expectativas criam experiência

Seth reafirma um dos princípios centrais do livro:

crenças → expectativas → seleção de dados percetivos → experiência

Na vida física, vês aquilo que queres ver. Percecionas dados percetivos seleccionados de acordo com as tuas ideias acerca da realidade.

Mais ainda:

para começar, tu crias esses dados.

Isto aplica-se também aos sonhos, às experiências fora do corpo e ao pós-morte.

19. Mal, demónios e formas-pensamento

Se estás obcecado com o mal, encontrarás condições maléficas. Se acreditas em demónios, poderás criá-los como formas-pensamento.

crença no demónio → expectativa → forma-pensamento → experiência percebida como externa

Seth não está a dizer que tudo é “imaginação sem realidade”. Pelo contrário: a forma-pensamento possui realidade experiencial.

Mas a sua origem pode estar na própria consciência.

Formulação operativa:

muitas figuras temidas são realidades simbólicas criadas pela própria consciência, não entidades exteriores independentes.

20. Reconhecer a natureza do fenómeno

Se não acreditas em demónios à partida, poderás encontrar uma forma-pensamento semelhante sem sofrer dano, porque reconhecerás a natureza do fenómeno.

Compreensão → reconhecimento da forma-pensamento → não identificação com o medo → aprendizagem

Se a forma-pensamento for tua, podes perguntar:

o que representa? → que desafio/problema materializei? → que crença ou conflito lhe deu forma?

A forma-pensamento torna-se então símbolo interpretável, não ameaça absoluta.

21. Batalha espiritual como dramatização simbólica

Depois da morte, uma consciência pode alucinar imagens semelhantes e passar por uma espécie de batalha espiritual.

Esta batalha não seria necessária se houvesse maior compreensão, mas pode funcionar como modo simbólico de trabalhar conflitos, ideias ou dilemas.

crença rígida → forma simbólica → batalha espiritual → integração ao nível de compreensão disponível

Isto prolonga a lógica do Capítulo 9: símbolos e alucinações são realidades funcionais de transição.

22. Ambientes pós-morte existem agora

Seth afirma que os ambientes depois da morte existem à tua volta agora mesmo.

ambientes pós-morte → não “noutro lugar” → coexistem com a realidade física → são mascarados pelas projeções materiais → podem ser percebidos pelos sentidos interiores

A realidade física funciona como um filme contínuo projetado de dentro para fora. Esse filme mascara outras realidades válidas que existem simultaneamente.

23. A máquina ao ralenti

Seth usa a imagem de “pôr a máquina ao ralenti”.

projeção física contínua → movimento aparente → atenção hipnotizada

pôr a máquina ao ralenti → suspender a absorção no movimento físico → voltar a atenção para realidades coexistentes

Isto é uma instrução prática: perguntar “De que estou eu realmente consciente neste momento?” com os olhos abertos e fechados.

O objetivo é deslocar a atenção da superfície física para os campos perceptivos normalmente ignorados.

24. Sentidos interiores e percepção pós-morte

Os sentidos interiores estão equipados para perceber dados perceptivos não físicos.

sentidos interiores → percebem dados não físicos → não são enganados pelas imagens tridimensionais → também podem perceber objetos físicos → serão predominantes depois da morte

Os sentidos físicos são extensões desses métodos interiores de percepção.

Depois da morte, a consciência apoia-se nesses sentidos interiores.

Como eles já operam agora, abaixo do limiar da consciência normal de vigília, podes familiarizar-te em vida com a natureza da percepção depois da morte.

25. Vida e morte como barreiras linguísticas

Seth afirma que as próprias palavras “vida” e “morte” limitam a compreensão.

Vida → associada ao corpo físico

Morte → associada à extinção

Resultado → barreiras artificiais → onde intrinsecamente não existem

O capítulo inteiro desmonta essa oposição rígida.

Vida → já contém condições de “morte”

Morte → continua condições já conhecidas em vida

26. Estás “morto” agora

A frase central do capítulo é:

De muitos modos, estás “morto” agora — e tão morto como alguma vez estarás.

Isto significa:

consciência normal de vigília → foco físico predominante

abaixo do seu limiar → atividade noutras realidades → percepção por sentidos interiores → acontecimentos não registados pelo cérebro físico

A morte não cria essa atividade. Apenas desloca o foco de modo que ela se torna consciente.

27. Depois da morte, a existência física deixa de predominar

Seth não diz que a existência física se perde. Diz que deixa de predominar.

em vida → existência física predomina → outras realidades ficam em fundo

depois da morte → outras dimensões de atividade predominam → memórias físicas permanecem → o enquadramento de referência muda

A morte é, portanto, uma mudança de predominância perceptiva.

28. A vida como perspectiva experiencial pessoal

Seth apresenta a vida como uma perspectiva experiencial pessoal.

vida física → campo próprio de experiência → organizado dentro do tempo físico coletivo → pode ser retirado desse contexto após a morte → pode ser experienciado de várias maneiras

Depois da morte, a consciência pode revisitar acontecimentos da vida, não necessariamente em continuidade temporal.

29. Acontecimentos e objetos são plásticos

Um dos pontos mais fortes do capítulo é a afirmação de que acontecimentos e objetos não são absolutos.

visão física comum → acontecimento fixo, objeto estável

visão de Seth → acontecimento plástico, objeto plástico

Os acontecimentos podem ser alterados antes e depois da sua ocorrência.

Na realidade tridimensional parecem estáveis, mas essa estabilidade é apenas uma característica do enquadramento físico.

30. Aperfeiçoar a vida passada

Depois da morte, algumas consciências escolhem rever e aperfeiçoar a vida imediatamente anterior.

vida anterior → tela → revisão → correção de erros de julgamento
→ aperfeiçoamento simbólico e psíquico

Isto não significa regressar como participante pleno ao contexto histórico coletivo. A consciência não volta a entrar naquela existência coletivamente alucinada como antes.

Trata-se de um exercício mental e psíquico de grande concentração.

31. Existência coletivamente alucinada

Seth descreve a vida física como resultado da consciência aplicada por ti e pelos teus contemporâneos.

consciências individuais → expectativas e crenças partilhadas → aplicação coletiva da consciência → existência coletivamente alucinada

“Alucinada” aqui não significa falsa. Significa construída simbólica e experiencialmente pela consciência coletiva dentro do sistema físico.

32. Fantasmas, aparições e pseudoformas

O capítulo fecha abordando fantasmas e aparições como extensões da mesma lógica.

Pensamento + emoção + desejo → forma → pseudoforma / forma-pensamento / aparição

Há muitos tipos de fantasmas e aparições, tal como há muitos tipos de pessoas.

A distinção principal é que não estão plenamente focados na realidade física, nem ao nível da personalidade nem ao nível da forma.

33. Aparições repetitivas

Algumas aparições são formas-pensamento enviadas por personalidades sobreviventes a partir de ansiedade profunda e persistente.

ansiedade profunda persistente → energia não assimilada → ação repetitiva → aparição recorrente

A personalidade inteira não está presente. Certos aspetos dela elaboram problemas não resolvidos e descarregam energia.

Isto evita duas leituras simplistas:

fantasma como espírito inteiro preso → demasiado literal

fantasma como nada → demasiado redutor

Aparição é uma expressão parcial, automática e energeticamente carregada.

34. Construções secundárias e primárias

O capítulo distingue dois tipos de construção.

Construções secundárias

construções secundárias → projeções automáticas → consciência plena da personalidade não está nelas → formas-pensamento / pseudoformas

Construções primárias

construções primárias → consciência plenamente alerta → adota uma forma não nativa → projeta-a conscientemente → muitas vezes para outro nível de realidade

As construções primárias são mais complexas e raramente usadas para comunicação, porque há métodos mais simples, como a telepatia.

35. Fantasmas como fenómeno relativo

Seth inverte novamente a perspetiva.

Os mortos podem parecer fantasmas para os vivos, mas os vivos também aparecem como fantasmas noutros níveis de realidade.

Vivos → projetam-se em sonhos → aparecem noutros sistemas → são vistos como aparições

Mortos → projetam-se no sistema físico → são vistos como fantasmas

Ninguém é “mais fantasmático” em sentido absoluto. O fantasma é muitas vezes uma função da diferença de sintonia entre sistemas.

36. Visitas de mortos e intensidade da relação

Alguns amigos e familiares mortos visitam os vivos, projetando-se do seu nível de realidade para o nosso.

O fator decisivo não é há quanto tempo morreram, mas a intensidade da relação.

tempo desde a morte → pouco relevante

intensidade da relação → fator principal

Isto mantém a lógica relacional do capítulo: afinidade, emoção e foco determinam ligação mais do que distância temporal.

37. Ajuda mútua entre vivos e mortos durante o sono

Durante o sono, podes ajudar pessoas recentemente mortas a aclimatarem-se às condições depois da morte.

Também outros, mesmo estranhos, podem comunicar contigo enquanto dormes e guiar-te através de períodos da tua vida.

Sono → enfraquecimento do foco físico → interação com mortos e guias → ajuda mútua → memória indisponível ao acordar

A relação entre vivos e mortos não é unilateral. Há cooperação entre níveis de realidade.

Estrutura Operativa do Capítulo

vida física → foco predominante na realidade tridimensional → realidades coexistentes mascaradas → sentidos interiores ignorados → sono, sonho e projeções como acesso parcial

morte → mudança de predominância percetiva → consciência das dimensões já ativas → uso dos sentidos interiores → continuidade da experiência

pensamento + emoção + desejo → forma-pensamento → pseudoforma → construção secundária → fantasma / aparição / presença percebida

consciência alerta → adoção consciente de forma → construção primária → projeção deliberada para outro nível de realidade

Núcleo Operativo

O Capítulo 10 mostra que as condições da “morte” já existem no meio da vida. A consciência participa continuamente noutras realidades, mas a consciência normal de vigília ignora essa atividade porque a existência física predomina.

O sono, os sonhos, as projeções, as formas-pensamento, os sentidos interiores e as pseudoformas revelam que a fronteira entre vida e morte é funcional, não absoluta. A morte não inaugura a consciência multidimensional; apenas desloca o foco para dimensões de atividade que já operavam.

Fantasmas e aparições não são exceções sobrenaturais, mas expressões parciais, automáticas ou deliberadas da capacidade da consciência de formar imagens, projetar energia e existir em mais de um registo de realidade.

Formulação final

As condições de “morte” são condições de consciência já presentes em vida: realidades coexistentes, sentidos interiores, formas-pensamento, projeções e campos de atividade que a consciência normal de vigília ignora, mas que se tornam predominantes quando o foco físico deixa de comandar a experiência.

CAPÍTULO 11

Escolhas Depois da Morte e a Mecânica da Transição

Há variedades ilimitadas de experiência abertas para ti depois da morte, todas possíveis, mas algumas menos prováveis do que outras, conforme o teu desenvolvimento. Muito genericamente, há três áreas principais, embora exceções e casos extraordinários possam seguir outros caminhos.

Podes decidir por outra reencarnação. Podes decidir, em vez disso, focar-te na tua vida passada, usando-a como matéria-prima para nova experiência, como mencionei anteriormente, criando variações dos acontecimentos tal como os conheceste, fazendo correções conforme escolheres. Ou podes entrar num sistema de probabilidade inteiramente diferente; e isto é algo bastante distinto de uma existência reencarnacional. Nesse caso, deixarás para trás todos os pensamentos de continuidade temporal.

Alguns indivíduos, algumas personalidades, preferem uma organização da vida estruturada em torno de passado, presente e futuro, numa sequência aparentemente lógica; e essas pessoas escolhem normalmente a reencarnação. Outras preferem, de modo mais espontâneo, experienciar os acontecimentos de uma maneira extraordinariamente intuitiva, com a organização a ser fornecida

pelos processos associativos. Estas escolherão um sistema de probabilidades para o seu próximo grande empreendimento.

Alguns simplesmente acham que o sistema físico não é do seu agrado e, desse modo, despedem-se dele. Isto não pode ser feito, contudo, até que o ciclo reencarnacional, uma vez escolhido, esteja completo; por isso, a última escolha existe para aqueles que desenvolveram as suas capacidades através da reencarnação até ao ponto máximo possível dentro desse sistema.

Alguns, tendo terminado a reencarnação, podem escolher regressar ao ciclo atuando como professores e, nesses casos, há sempre algum reconhecimento da identidade superior. Existe então um estágio intermédio de relativa indecisão — um plano intermédio de existência, uma área de repouso, comparativamente falando —, e é a partir desta área que ocorre a maior parte da comunicação vinda de familiares. Este é normalmente o nível visitado pelos vivos em projeções a partir do estado de sonho.

Antes do momento da escolha, contudo, há um período de autoexame, e toda a tua “história” fica disponível para ti. Compreendes a natureza da entidade, e és aconselhado por outros aspetos dessa entidade, mais “avançados” do que tu.

Tornar-te-ás consciente das tuas outras Personalidades de Foco reencarnacionais, por exemplo. Haverá laços emocionais com outras personalidades que conheceste em vidas passadas, e alguns destes poderão sobrepor-se às tuas relações da vida imediatamente

anterior. Contudo, esta é também uma zona de encontro para indivíduos do teu próprio sistema.

Todas as explicações necessárias são dadas àqueles que estão desorientados. Aqueles que não percebem que estão mortos são aqui informados da sua verdadeira condição, e todos os esforços são feitos para refrescar as energias e os espíritos. É um tempo de estudo e compreensão. É a partir desta área que algumas personalidades perturbadas têm aqueles sonhos de regressar ao ambiente físico.

É um lugar de intercâmbio entre sistemas, por assim dizer. As condições e o desenvolvimento são mais importantes do que o tempo durante o qual um indivíduo permanece nesta área. É uma etapa intermédia, mas importante. Nos teus sonhos, já estiveste aqui.

A reencarnação envolve muito mais do que uma simples decisão de passar por outra existência física. Portanto, neste período intermédio de que falo, muitas questões são consideradas.

Quando a maioria das pessoas pensa em reencarnação, pensa em termos de uma progressão em linha única, na qual a Alma se aperfeiçoa a cada vida sucessiva. Isto é uma simplificação grosseira. Há variedades infindáveis deste único tema, variações individuais. O processo de reencarnação é, portanto, usado de muitas maneiras, e, neste tempo de repouso, os indivíduos têm de decidir a forma única como a reencarnação lhes será útil.

Alguns, por exemplo, escolhem isolar várias características numa determinada vida e trabalhar quase exclusivamente sobre elas, baseando determinada existência, digamos, num tema principal. Vista de uma perspectiva física, tal personalidade pareceria muito unilateral e longe de ser um indivíduo bem desenvolvido.

Numa vida, o intelecto pode ser deliberadamente muito elevado, e esses poderes da mente levados tão longe quanto o indivíduo conseguir levá-los. Essas capacidades são então estudadas cuidadosamente pela personalidade inteira — isto é, pela identidade mais ampla que integra essas experiências —, sendo pesados com atenção tanto os benefícios como os aspetos prejudiciais do intelecto. Através da experiência noutra vida, esse mesmo tipo de indivíduo poderia especializar-se no desenvolvimento emocional e subvalorizar deliberadamente as capacidades intelectuais.

Mais uma vez, a imagem física não seria necessariamente a de uma personalidade bem desenvolvida ou equilibrada. Capacidades criativas específicas poderiam ser especializadas da mesma maneira. Se olhasses para estas vidas como uma série de progressões nos termos habituais, ficarias com muitas perguntas sem resposta. Ainda assim, o desenvolvimento ocorre, mas os indivíduos escolhem a forma como preferem que esse desenvolvimento aconteça.

Ao negarem a si mesmas, digamos, o desenvolvimento intelectual numa determinada vida, as personalidades aprendem também o valor e o propósito daquilo que não possuem. O desejo por isso nasce então nelas — se, por exemplo, antes não

compreendiam os propósitos do intelecto. Assim, no tempo da escolha, as personalidades decidem as formas pelas quais se desenvolverão na encarnação seguinte.

Algumas escolherão progredir a um ritmo mais suave e de maneira mais equilibrada. Ajudarão a manter todos os fios da personalidade a trabalhar ao mesmo tempo, por assim dizer, e até encontrarão repetidamente pessoas que conheceram noutras vidas. Trabalharão os seus desafios a um ritmo relativamente tranquilo, em vez de, digamos, de uma forma explosiva. Marcarão o seu próprio ritmo, como fazem os bailarinos.

Neste tempo de repouso e escolha, é dado todo o aconselhamento. Algumas personalidades reencarnam antes de serem aconselhadas a fazê-lo, por muitas razões. Isto é geralmente infeliz a curto prazo, pois o planeamento necessário não ocorreu. Mas, a longo prazo, grandes lições continuarão a ser aprendidas a partir do “erro”. Não há calendário fixo e, no entanto, é muito invulgar que um indivíduo espere mais de três séculos entre vidas, pois isso torna a orientação muito difícil, e os laços emocionais com a Terra tornaram-se fracos.

As relações para a próxima vida têm de ser estabelecidas, e isto envolve comunicação telepática com todos aqueles que estarão envolvidos. Este é, portanto, um tempo de muitas projeções. Há aqueles que são simplesmente solitários, que reencarnam sem qualquer grande ligação emocional aos períodos históricos da Terra. Há outros que gostam de regressar quando os seus contemporâneos de determinado período histórico passado

regressam novamente; e, por isso, existem padrões de grupo que envolvem ciclos reencarnacionais nos quais muitos, mas não todos, participam.

Há também, naturalmente, ciclos pessoais, nos quais famílias podem reencarnar, assumindo diferentes relações entre si.¹

Há diferentes profundidades a explorar nas existências reencarnacionais. Alguns escolhem “ir até ao fim”. Estas personalidades especializam-se na existência física, e o seu conhecimento deste sistema é extremamente abrangente. Para elas, há um movimento através de cada um dos vossos tipos raciais — uma exigência que não é imposta à maioria.

Há uma preocupação intensiva com períodos históricos. Muitas destas personalidades vivem vidas relativamente curtas, mas muito intensas, e experienciam mais vidas do que a maioria dos outros indivíduos. Por outras palavras, regressam no maior número possível de épocas históricas, ajudando finalmente a moldar o mundo tal como o conheceis.

De uma forma ou de outra, todos vós sois viajantes antes mesmo de iniciardes o vosso primeiro ciclo reencarnacional. Para o dizer da forma mais simples possível, direi que não tendes necessariamente os mesmos antecedentes quando entraís no sistema físico de realidade. Como mencionei anteriormente, a existência terrena é

¹ Neste ponto da sessão, Seth usou Joseph como exemplo, dizendo-lhe que ele não operara dentro de um ciclo histórico de grupo nesses termos, embora tivesse participado em vários ciclos pessoais ou familiares.

um período de treino; e, contudo, tanto quanto possível, gostaria que esquecesses as tuas ideias habituais de progressão.

Ideias de bom, melhor e ótimo podem, por exemplo, desviar-te. Estás a aprender a ser tão pleno quanto possível. De certo modo, estás a aprender a criar-te a ti próprio. Ao fazê-lo durante o ciclo reencarnacional, estás a focar as tuas capacidades principais na vida física, a desenvolver qualidades e características humanas, a abrir novas dimensões de atividade. Isto não significa que o bem não exista, nem que, nos teus termos, não “progridas”; mas os teus conceitos de bem e de progressão estão extremamente distorcidos.

Muitas personalidades possuem talentos extraordinários em linhas específicas, e estes podem manifestar-se repetidamente em existências sucessivas. Podem ser temperados, usados em várias combinações e, ainda assim, no conjunto, continuar a ser a marca mais forte da individualidade e singularidade de uma personalidade. Enquanto a maioria das pessoas adota diferentes ofícios, ocupações e interesses, por exemplo, ao longo do ciclo reencarnacional, em algumas haverá uma linha de continuidade muito visível. Pode ser ocasionalmente interrompida, mas está sempre presente. Podem ser sacerdotes ou professores, por exemplo, quase exclusivamente.

Haverá mais material neste livro dedicado especificamente à reencarnação, mas aqui quero salientar que, neste tempo de escolha entre vidas, há muito mais questões em jogo do que uma simples questão de renascimento proposto.

Ocasionalmente, algumas personalidades podem receber uma exceção à regra geral e tirar um sabático das reencarnações — uma viagem lateral, por assim dizer, a outro nível de realidade — e depois regressar. Esses casos, contudo, não são comuns. Estas questões também são decididas nesse momento. Aqueles que escolhem deixar este sistema, cujo ciclo reencarnacional terminou, têm muitas outras decisões a tomar.

Entrar no campo das probabilidades pode ser comparado a entrar no ciclo reencarnacional. Haverá um foco sustentado de consciência e existência num tipo de realidade inteiramente diferente. Quando tal escolha é feita, recorre-se a poderes latentes, mal entrevistados dentro da personalidade multidimensional, e estes são então usados.

A experiência psicológica varia consideravelmente em relação àquela que conheces, e, contudo, há indícios dela dentro da tua própria psique. Aqui, a personalidade tem de aprender a agrupar acontecimentos de uma forma inteiramente diferente, sem depender completamente da estrutura temporal tal como a conheces.

Neste sistema, como em nenhum outro, as capacidades intelectuais e intuitivas acabam por trabalhar tão bem em conjunto que há pouca distinção entre elas. O Self inteiro que decide pela existência reencarnacional é o mesmo Self que escolhe a experiência dentro do sistema provável. Contudo, a estrutura da personalidade dentro desse sistema é bastante diferente. As estruturas de personalidade com que estás familiarizado são apenas

uma variedade entre as muitas formas de percepção disponíveis para ti.

O sistema provável é, portanto, tão complexo como o reencarnacional. Já te disse que toda a ação é simultânea; por isso, por um lado, existes em ambos os sistemas ao mesmo tempo. Contudo, para te explicar que há decisões envolvidas, e para separar estes acontecimentos, tenho de simplificá-los até certo ponto. Coloca a questão desta forma: um aspeto do Self inteiro foca-se nos ciclos reencarnacionais e acompanha aí determinados desenvolvimentos; outro aspeto foca-se nas probabilidades e acompanha aí outros desenvolvimentos.

(Existe também, naturalmente, um sistema provável no qual não há ciclos reencarnacionais, e um ciclo de reencarnações no qual não existem probabilidades.) A abertura e a flexibilidade da personalidade são altamente importantes. Podem abrir-se portas para existências, e a personalidade pode recusar-se a vê-las.

Por outro lado, toda a existência provável está aberta, e a consciência pode criar uma porta onde, nesses termos, não havia nenhuma. Neste tempo de escolha e decisão, há guias e professores para indicar alternativas e explicar a natureza da existência. Nem todas as personalidades estão no mesmo nível de desenvolvimento. Há, portanto, professores avançados e professores menos avançados.

Mas este não é um tempo de confusão, e sim de grande iluminação e de desafio inacreditável. Haverá, mais adiante neste

livro, material sobre o conceito de Deus que te ajudará a compreender algumas coisas que ficam por dizer neste capítulo.

Quanto àqueles que escolhem recombina, “misturar e combinar”, acontecimentos da vida imediatamente anterior — para a experimentarem de novo de novas maneiras, por exemplo —, também têm de receber ensinamentos. Em muitos destes casos, há um problema grave e uma certa rigidez associada às características perfeccionistas mencionadas anteriormente.

Os anos terrenos serão experienciados novamente, mas não necessariamente em continuidade. Os acontecimentos podem ser usados de qualquer maneira que o indivíduo escolha: alterados, reproduzidos tal como ocorreram, para contraste; talvez como um ator que voltasse a passar um filme antigo em que aparecia, a fim de o estudar. Só que, neste caso, naturalmente, o ator pode alterar a sua abordagem ou o final. Tem plena liberdade em relação aos acontecimentos dentro desses anos.

Os outros atores, contudo, são formas-pensamento, a menos que alguns contemporâneos se juntem ao processo.

Nestas condições, naturalmente, a personalidade manipula conscientemente os acontecimentos e estuda os vários efeitos. O foco exigido é bastante intensivo.

É-lhe explicada a natureza daqueles que participam com ela. Compreende que são formas-pensamento, por exemplo, e que são suas; mas, uma vez mais, as formas-pensamento possuem certa

realidade e consciência. Não são atores de cartão que ela possa simplesmente empurrar à vontade. Portanto, tem de as levar em consideração, e tem uma certa responsabilidade para com elas.

Elas crescerão em consciência e continuarão as suas próprias linhas de desenvolvimento em diferentes registos de experiência. De certo modo, somos todos formas-pensamento, e isto será explicado mais adiante no material que trata do conceito de Deus. Compreende, contudo, que não quero dizer com isto que nos falte iniciativa própria para agir, individualidade ou propósito — e lembra-te também aqui que vives de dentro para fora. Então talvez a afirmação tenha mais significado para ti.

Neste tempo de escolha, todas estas questões são consideradas, e são feitos os preparativos adequados; mas o próprio planeamento faz parte da experiência e do desenvolvimento. A existência intermédia é, portanto, tão importante como o período que é escolhido. Por outras palavras, aprendes a planear as tuas existências. Também fazes amigos e conhecidos nesses períodos de repouso, que voltas a encontrar repetidamente — e talvez apenas durante existências intermédias.

Com eles, podes discutir a tua experiência durante os ciclos reencarnacionais. São como velhos amigos. Os professores, por exemplo, estão eles próprios dentro de um ciclo. Os mais avançados já atravessaram os sistemas da reencarnação e das probabilidades, e estão eles mesmos a decidir a natureza “futura” da sua própria experiência. As escolhas deles, contudo, não são as tuas escolhas. Embora eu possa mencionar, num capítulo posterior, alguns outros

domínios de existência abertos a eles, não nos ocuparemos deles aqui.

O tempo da escolha depende da condição e das circunstâncias do indivíduo depois da transição da vida física. Alguns demoram mais do que outros a compreender a verdadeira situação. Outros têm de ser libertados de muitas ideias e símbolos impeditivos, como já foi explicado. O tempo da escolha pode ocorrer quase imediatamente, nos vossos termos, ou pode ser adiado por um período muito mais longo enquanto decorre o treino. Os principais impedimentos que se interpõem no caminho do tempo da escolha são, naturalmente, as ideias erradas abrigadas por determinado indivíduo.

A crença no céu ou no inferno, em determinadas condições, pode ser igualmente desvantajosa. Alguns recusar-se-ão a aceitar a ideia de mais trabalho, desenvolvimento e desafio, acreditando antes que as situações convencionais de céu são a única possibilidade. Durante algum tempo, poderão de facto habitar tal ambiente, até aprenderem, pela própria experiência, que a existência exige desenvolvimento e que tal céu seria estéril, aborrecido e, na verdade, "mortal".

Então estarão prontos para o tempo da escolha. Outros poderão insistir que, por causa das suas transgressões, serão lançados no inferno e, devido à força dessa crença, poderão durante algum tempo encontrar efetivamente essas condições. Em qualquer dos casos, contudo, há sempre professores disponíveis. Eles tentam atravessar essas falsas crenças.

Nas condições do Hades, os indivíduos recuperam o discernimento um pouco mais depressa. Os seus próprios medos desencadeiam neles a libertação correspondente. Por outras palavras, a sua necessidade abre mais rapidamente as portas interiores do conhecimento. Por isso, esse estado não dura normalmente tanto como o estado celeste.

Qualquer um destes estados, contudo, adia o tempo da escolha e a próxima existência. Há um ponto que eu gostaria de mencionar aqui: em todos os casos, o indivíduo cria a sua experiência. Digo isto novamente, correndo o risco de me repetir, porque este é um facto básico de toda a consciência e de toda a existência. Não existem “lugares” especiais, situações ou condições separadas depois da morte física nas quais determinada personalidade tenha obrigatoriamente de experienciar.

Os suicidas, enquanto classe, por exemplo, não recebem nenhum “castigo” particular, nem a sua condição é pior a priori. São tratados como indivíduos. Contudo, quaisquer problemas que não tenham sido enfrentados nesta vida serão enfrentados noutra. Isto não se aplica apenas aos suicidas.

Um suicida pode provocar a sua própria morte porque rejeita a existência em quaisquer termos que não sejam os termos altamente específicos escolhidos por ele próprio. Se for esse o caso, então, naturalmente, terá de aprender de outra maneira. Muitos outros, contudo, escolhem negar a experiência enquanto estão dentro do sistema físico, cometendo suicídio de modo igualmente eficaz enquanto ainda estão fisicamente vivos.

As condições ligadas a um ato de suicídio também são importantes, bem como a realidade interior e a compreensão do indivíduo. Menciono isto aqui porque muitas filosofias ensinam que os suicidas são recebidos por uma espécie de destino especial, quase vingativo, e não é esse o caso. Contudo, se uma pessoa se mata acreditando que o ato aniquilará para sempre a sua consciência, então essa falsa ideia pode impedir severamente o seu progresso, pois será ainda mais intensificada pela culpa.

Mais uma vez, há professores disponíveis para explicar a verdadeira situação. São usadas várias terapias. Por exemplo, a personalidade pode ser conduzida de volta aos acontecimentos anteriores à decisão. Então, é-lhe permitido alterar a decisão. É induzido um efeito de amnésia, de modo que o suicídio em si é esquecido. Só mais tarde o indivíduo é informado do ato, quando está mais capaz de o enfrentar e compreender.

Obviamente, contudo, estas condições também são impedimentos ao tempo da escolha. Escusado será dizer que a obsessão por assuntos terrenos atua da mesma forma. Nesses casos, muitas vezes, a personalidade insistirá em focar as suas capacidades percetivas e energias na existência física. Isto é uma recusa psíquica de aceitar o facto da morte. O indivíduo sabe muito bem que está morto, nos vossos termos, mas recusa-se a completar a separação psíquica.

Há casos, naturalmente, em que os indivíduos envolvidos não percebem o facto da morte. Não se trata de recusar aceitá-lo, mas de falta de perceção. Nesse estado, tal indivíduo estará também

obcecado com assuntos terrenos e poderá vaguear, talvez perplexo, pela sua própria casa ou arredores. O tempo da escolha será, naturalmente, adiado.

A mecânica da transição é, portanto, altamente variável, tal como o são os processos da vida física. Muitos dos impedimentos que mencionei travam o progresso não apenas depois da morte, mas também durante a vossa própria existência física. Isto deve certamente ser tido em consideração. Uma identificação excessivamente forte com as características sexuais também pode travar o progresso. Se um indivíduo possui um sentido de identidade fortemente definido em termos de identidade masculina ou feminina, então essa pessoa pode recusar-se a aceitar o facto das mudanças sexuais que ocorrem nas existências reencarnacionais. Contudo, este tipo de identificação sexual também impede o desenvolvimento da personalidade durante a vida física.

Embora, em termos gerais, as questões acabadas de mencionar funcionem como impedimentos, há sempre exceções. Uma crença no céu que não seja obsessiva pode ser usada como uma estrutura útil, como uma base de operação a partir da qual o indivíduo aceitará muitas vezes, com facilidade, as novas explicações que lhe serão oferecidas.

Mesmo a crença num tempo de julgamento é, em muitos casos, uma estrutura útil, pois, embora não haja castigo aplicado nos vossos termos, o indivíduo fica então preparado para algum tipo de exame e avaliação espiritual.

Aqueles que compreendem profundamente que a realidade é criada pelo próprio terão menos dificuldade. Aqueles que aprenderam a compreender e a operar na mecânica do estado de sonho terão uma grande vantagem. A crença em demónios é altamente desvantajosa depois da morte, tal como o é durante a existência física. Uma teologia sistematizada de opostos também é prejudicial. Se acreditas, por exemplo, que todo o bem tem de ser equilibrado pelo mal, então prendes-te a um sistema de realidade altamente limitador, que contém em si as sementes de grande tormento.

Num sistema desse tipo, até o bem se torna suspeito, porque se considera que um mal equivalente o seguirá. Deus contra o diabo, anjos contra demónios — o abismo entre animais e anjos —, todas estas distorções são impedimentos. No vosso sistema de realidade atual, estabeleceis grandes contrastes e polaridades opostas. Estas operam como pressupostos de raiz dentro da vossa realidade.

São extremamente superficiais e resultam, em grande medida, de capacidades intelectuais mal utilizadas. O intelecto, por si só, não consegue compreender aquilo que as intuições sabem com absoluta certeza. Ao tentar dar sentido à existência física nos seus próprios termos, o intelecto estabeleceu essas polaridades opostas. O intelecto diz: "Se há bem, tem de haver mal", pois quer as coisas explicadas em pacotes arrumados. Se há um cima, tem de haver um baixo. Tem de haver equilíbrio. O self interior — isto é, a psique profunda enquanto nível interior do Self — compreende, contudo, que, em termos muito mais amplos, o mal é simplesmente

ignorância, e que “cima” e “baixo” são termos arrumados aplicados ao espaço, que não conhece tais direções.

Uma crença forte em tais forças opostas é, contudo, altamente prejudicial, pois impede a compreensão dos factos — os factos da unidade interior e da unicidade, das interligações e da cooperação. Uma crença — portanto, uma crença obsessiva — nessas polaridades opostas é talvez o elemento mais prejudicial, não apenas depois da morte, mas durante qualquer existência.

Há alguns indivíduos que, durante a vida física, nunca experienciaram esse sentido de harmonia e unicidade no qual tais polaridades opostas se fundem. Esses indivíduos têm muitas etapas a atravessar depois da transição e, normalmente, muitas outras vidas físicas “à sua frente”.

Tal como formas a tua existência física, individual e coletivamente, também, depois do tempo da escolha, te juntas a outros que decidiram pelo mesmo tipo geral de experiência. Começa então um forte empreendimento cooperativo, à medida que os preparativos são feitos. Estes variarão conforme o tipo de existência escolhido. Existem, portanto, padrões gerais. A realidade de nenhum indivíduo é idêntica à de outro, e, no entanto, há agrupamentos globais.

Muito simplesmente, uma crença no bem sem uma crença no mal pode parecer-te altamente irrealista. Essa crença, contudo, é o melhor tipo de seguro que podes ter, tanto durante a vida física como depois dela.

Pode indignar o teu intelecto, e as provas dos teus sentidos físicos podem gritar que isso não é verdade; contudo, uma crença no bem sem uma crença no mal é, na verdade, altamente realista, pois, na vida física, manterá o teu corpo mais saudável, manter-te-á psicologicamente livre de muitos medos e dificuldades mentais, e trar-te-á um sentimento de facilidade e espontaneidade no qual o desenvolvimento das tuas capacidades poderá realizar-se melhor. Depois da morte, libertar-te-á da crença em demónios, no inferno e no castigo imposto. Estarás mais bem preparado para compreender a natureza da realidade tal como ela é. Compreendo que o conceito ofenda realmente o teu intelecto, e que os teus sentidos pareçam negá-lo. Contudo, já deverias perceber que os teus sentidos te dizem muitas coisas que não são verdadeiras; e eu digo-te que os teus sentidos físicos percecionam uma realidade que é resultado das tuas crenças.

Acreditando em males, naturalmente, irás percecioná-los. O vosso mundo ainda não realizou a experiência que vos libertaria. O cristianismo foi apenas uma distorção desta verdade principal — isto é, o cristianismo organizado tal como o conheceis. Não estou aqui a falar simplesmente dos preceitos originais. A esses mal foi dada uma oportunidade, e discutiremos parte disto mais adiante no livro.

A experiência que transformaria o vosso mundo operaria sobre a ideia básica de que criais a vossa própria realidade segundo a natureza das vossas crenças, de que toda a existência é abençoada, e de que o mal não existe nela. Se estas ideias fossem seguidas individual e coletivamente, então as provas dos vossos sentidos

físicos não encontrariam contradição. Eles perceberiam o mundo e a existência como bons.

Esta é a experiência que ainda não foi tentada, e estas são as verdades que tens de aprender depois da morte física. Alguns, depois da morte, ao compreenderem estas verdades, escolhem regressar à existência física e explicá-las. Ao longo dos séculos, tem sido esse o caminho. No sistema de probabilidades que tem origem dentro da realidade física, isto também acontece.

Existem sistemas de probabilidade que não estão de todo ligados ao vosso sistema, muito mais avançados do que qualquer coisa que atualmente imaginais, e neles as verdades de que tenho estado a falar são bem conhecidas. Neles, os indivíduos criam realidades de forma criativa e deliberada, sabendo como fazê-lo e dando plena liberdade às capacidades criativas da consciência.

Menciono isto aqui simplesmente para salientar que há muitas outras condições depois da morte que não estão ligadas ao vosso sistema. Quando tiveres aprendido até ao limite da tua capacidade neste período intermédio, estarás pronto para avançar. Contudo, o próprio período intermédio possui muitas dimensões de atividade e divisões de experiência. Como podes ver, para o dizer da forma mais simples possível, nem todos “conhecem” todos os outros.

Em vez de países ou divisões físicas, tens estados psicológicos. Para um indivíduo num desses estados, outro poderá parecer-lhe bastante alheio, como alguém pertencente a um campo de experiência diferente. Em muitas comunicações com aqueles que se

encontram nestes estados de transição, as mensagens através de médiuns podem parecer altamente contraditórias. A experiência dos “mortos” não é a mesma. As condições e situações variam. Um indivíduo que explica a sua realidade só pode explicar aquilo que conhece. Mais uma vez, tal material ofende muitas vezes o intelecto, que exige respostas simples, arrumadas, e descrições que coincidam entre si.

A maioria dos indivíduos que comunicam a partir destes estágios com familiares “vivos” ainda não alcançou o tempo da escolha, nem completou o seu treino.

Podem ainda estar a perceber a realidade segundo as suas antigas crenças. Quase todas as comunicações vêm deste nível, particularmente quando existe um laço de relação numa vida imediatamente anterior. Mesmo a este nível, contudo, tais mensagens servem um propósito. Os comunicadores podem informar os familiares vivos de que a existência continua, e podem fazê-lo em termos que os vivos conseguem compreender.

Podem relacionar-se com os vivos, pois muitas vezes as suas crenças ainda são as mesmas; em circunstâncias favoráveis, podem comunicar o seu conhecimento à medida que aprendem. Gradualmente, contudo, os seus próprios interesses mudam. Assumem novas relações na sua nova existência.

Portanto, no tempo da escolha, a personalidade já se está a preparar para partir para outra existência. Nos vossos termos de tempo, este período intermédio pode durar séculos ou apenas

alguns anos. Mais uma vez, contudo, há exceções. Há casos em que uma personalidade entra muito rapidamente noutra vida física, talvez em questão de horas. Isto é geralmente infeliz, e é causado por um desejo obsessivo de regressar à vida física.

Contudo, esse regresso rápido também pode ser escolhido por uma personalidade carregada de um grande propósito, que ignora ou descarta um velho corpo físico e renasce quase imediatamente num novo, a fim de terminar um projeto importante e necessário já iniciado.

Há alguns pontos que gostaria de acrescentar aqui. O tempo da escolha é um pouco mais complexo quando o último ciclo reencarnacional, nos vossos termos, está completo.

Antes de mais, deves compreender, uma vez mais, que agora não reconheces a tua verdadeira identidade. Em vez disso, identificas-te com o teu Ego Exterior presente; por isso, quando pensas em termos de vida depois da morte, aquilo que realmente queres dizer é uma vida futura do Ego Exterior que conheces. No fim do ciclo reencarnacional, passas a compreender de forma bastante completa que tu, a identidade básica, o núcleo interior do teu ser, és mais do que a soma das tuas Personalidades de Foco reencarnacionais.

Poderias dizer que essas personalidades são então expressões diferenciadas do teu Self. Não há competição entre elas. Nunca houve qualquer divisão real, mas apenas uma divisão aparente e funcional, na qual desempenhaste vários papéis, desenvolveste

diferentes capacidades e aprendeste a criar de maneiras novas e diversas. Essas Personalidades de Foco reencarnacionais continuam a desenvolver-se, mas compreendem também que a sua identidade principal é igualmente a tua.

Quando o ciclo está concluído, portanto, tens conhecimento completo das tuas vidas passadas. A informação, a experiência e as capacidades estão à tua disposição. Isto significa apenas que compreendes a tua realidade multidimensional em termos práticos. Usei muitas vezes a palavra multidimensional e, como vês, quero dizê-la de modo bastante literal, pois a tua realidade existe não só em termos de existências reencarnacionais, mas também nas realidades prováveis mencionadas anteriormente.

Quando chega o tempo da escolha, portanto, as escolhas disponíveis são muito mais diversas do que aquelas oferecidas, ou possíveis, às personalidades que ainda têm de reencarnar. Há sempre a oportunidade de ensinar, se tiveres a inclinação e as capacidades, mas o ensino multidimensional é muito diferente do ensino tal como o conheces agora, e exige treino rigoroso.

Um professor desse tipo tem de ser capaz de instruir várias porções de uma entidade, nos vossos termos, ao mesmo tempo. Digamos, por exemplo, que determinada entidade tem reencarnações no século XIV, em 3 a.C., no ano 260 d.C. e no tempo da Atlântida. Um professor estaria simultaneamente em contacto com essas várias personalidades, comunicando com elas em termos que pudessem compreender. Tal comunicação exige um

conhecimento completo dos pressupostos de raiz dessas épocas e do clima geral de pensamento filosófico e científico então existente.

A entidade poderia também estar a explorar vários sistemas prováveis, e essas personalidades teriam igualmente de ser alcançadas e contactadas. A quantidade de conhecimento e treino necessária torna essa carreira de comunicador-professor extremamente exigente, mas é um dos caminhos disponíveis. O processo de aprender essa informação acrescenta necessariamente desenvolvimento e capacidades ao professor. É necessária uma manipulação delicada de energia e um trânsito constante entre dimensões. Uma vez feita essa escolha, o treino começa imediatamente, sempre sob a orientação de um especialista prático. A vocação — pois é uma vocação — conduz esse professor até a outros domínios de realidade para além daqueles que ele antes sabia existirem.

Outros, tendo terminado as reencarnações e possuindo uma natureza global diferente, podem começar a longa viagem que conduz à vocação de criador. Num plano muito diferente, isto pode ser comparado aos génios dos campos criativos dentro da vossa própria realidade física.

Em vez de tintas, pigmentos, palavras ou notas musicais, os criadores começam a experimentar com dimensões da atualidade, transmitindo conhecimento no maior número possível de formas — e não quero dizer formas físicas. Aquilo a que chamarias tempo é manipulado como um artista manipularia pigmento. Aquilo a que chamarias espaço é reunido de modos diferentes.

Cria-se então arte usando, por exemplo, o tempo como estrutura. Nos vossos termos, tempo e espaço poderiam ser misturados. As belezas de várias eras, as belezas naturais, as pinturas e os edifícios são todos recriados como métodos de aprendizagem para estes principiantes. Uma das suas principais preocupações é criar beleza que se imprima no maior número possível de dimensões de realidade.

Uma obra desse tipo seria percecionada no vosso sistema como uma coisa, por exemplo, mas seria também percecionada em realidades prováveis, embora talvez de maneira inteiramente diferente — uma arte multidimensional, tão livre e elementar que apareceria simultaneamente em muitas realidades.

É impossível descrever tal arte por palavras. O conceito não tem equivalente verbal. Estes criadores, contudo, estão também envolvidos em inspirar aqueles que se encontram em todos os níveis de realidade disponíveis para eles. Por exemplo, a inspiração no vosso sistema é frequentemente obra desses criadores.

Estas “formas de arte” são frequentemente representações simbólicas da natureza da realidade. Serão interpretadas de várias maneiras, de acordo com as capacidades daqueles que as percecionam.

Nos vossos termos, podem ser dramas vivos. Contudo, serão sempre estruturas psíquicas, existentes à parte de qualquer sistema específico de realidade, mas percecionadas, pelo menos parcialmente, por muitos. Algumas existem naquilo a que poderias

chamar o plano astral, e tu perceciona-las em visitas durante o estado de sono.

Outras são percecionadas em vislumbres, ou em fragmentos, pela tua mente temporal quando estás meio adormecido e meio desperto, ou noutros períodos de dissociação. Existem vários tipos de arte multidimensional e, portanto, muitos registos nos quais os criadores trabalham. Toda a história de Cristo foi uma criação desse tipo.

Há também aqueles que escolhem ser curadores, e isto, naturalmente, envolve muito mais do que a cura tal como a conheceis. Estes curadores têm de ser capazes de trabalhar com todos os níveis da experiência da entidade, ajudando diretamente aquelas personalidades que fazem parte dela. Mais uma vez, isto envolve uma manipulação através dos padrões reencarnacionais e, também aqui, uma grande diversificação. Um curador começa com Personalidades de Foco reencarnacionais que apresentam várias dificuldades.

A cura envolvida é sempre psíquica e espiritual, e estes curadores estão disponíveis para ajudar cada personalidade no vosso sistema tal como o conheceis, no vosso tempo presente, e noutros sistemas.

Num contexto mais amplo, e com maior treino, os curadores avançados lidam com as enfermidades espirituais de vastos números de personalidades. Há aqueles que combinam as qualidades de professor, criador e curador. Outros escolhem linhas

de desenvolvimento particularmente adequadas às suas próprias características.

Contudo, não quero discutir neste capítulo o propósito da existência ou do desenvolvimento contínuo da consciência. Quero simplesmente deixar claro que são possíveis vastas possibilidades de progresso, e sublinhar o facto de que cada personalidade possui plena liberdade.

Os desenvolvimentos da consciência que ocorrem são atributos naturais, estágios naturais. Não há coerção. Todos os desenvolvimentos posteriores são inerentes à personalidade que conheces, tal como o adulto é inerente à criança.

Estas descrições dos acontecimentos depois da morte podem parecer muito complicadas, sobretudo se estiveste habituado a uma narrativa simples de céu ou repouso eterno. Infelizmente, as palavras não conseguem descrever muitos dos fundamentos que eu gostaria que compreendesses. Contudo, tens dentro de ti a capacidade de libertar as tuas intuições e de receber conhecimento interior.

À medida que lês este livro, as palavras destinam-se a libertar as tuas próprias capacidades intuitivas. Enquanto o lês, os teus próprios sonhos dar-te-ão informação adicional e estarão presentes na tua mente ao acordares, se estiveres atento a eles. Não existe um fim simples para a vida que conheces, como na narrativa do céu. Existe a liberdade de compreenderes a tua própria realidade, de desenvolveres ainda mais as tuas capacidades e de sentires mais

profundamente a natureza da tua própria existência como parte de
Tudo O Que É.

Síntese Operativa

Este capítulo desenvolve a fase que se segue à experiência inicial da morte: o período intermédio em que a personalidade revê, compreende, descansa, aprende e escolhe o próximo enquadramento da sua experiência.

A função central do capítulo é esta:

depois da morte, a consciência não entra automaticamente num destino fixo; atravessa um período de transição, autoexame, aconselhamento, libertação de crenças impeditivas e escolha, no qual decide o modo mais adequado de continuar o seu desenvolvimento.

1. Variedades ilimitadas de experiência depois da morte

Seth começa por afirmar que existem variedades ilimitadas de experiência abertas depois da morte.

Nem todas são igualmente prováveis para todos. A probabilidade depende do desenvolvimento, das crenças, das capacidades, da flexibilidade e da orientação profunda da personalidade.

experiências possíveis → todas abertas em princípio → algumas mais prováveis → outras menos prováveis → conforme desenvolvimento, crenças e orientação da personalidade

O pós-morte não é um roteiro único. É um campo de possibilidades organizado pela própria condição da consciência.

2. Três grandes vias depois da morte

Seth apresenta três áreas principais, embora reconheça exceções e casos extraordinários.

1. nova reencarnação → continuidade no sistema físico

2. revisão/recombinação da vida anterior → uso da vida passada como matéria-prima para nova experiência

3. entrada num sistema de probabilidades → experiência fora da continuidade temporal reencarnacional

Esta estrutura impede reduzir o pós-morte à reencarnação. A reencarnação é uma possibilidade entre outras.

3. Reencarnação como escolha estrutural

Algumas personalidades preferem uma organização da vida baseada em passado, presente e futuro, numa sequência aparentemente lógica.

Essas tendem a escolher a reencarnação.

passado → presente → futuro → continuidade lógica → reencarnação

A reencarnação oferece um campo estruturado, com progressão temporal, relações, desafios, continuidade narrativa e aprendizagem gradual.

É adequada para personalidades que preferem organizar a experiência através de desenvolvimento em ambientes físicos.

4. Sistema de probabilidades como escolha intuitiva

Outras personalidades preferem experienciar acontecimentos de forma extraordinariamente intuitiva, com a organização fornecida por processos associativos.

Essas tendem a escolher sistemas de probabilidades.

organização temporal → menos dominante

- associação
- intuição
- simultaneidade

- plasticidade → sistema provável

No sistema provável, a personalidade aprende a agrupar acontecimentos de forma inteiramente diferente, sem depender completamente da estrutura temporal tal como é conhecida no sistema físico.

5. Deixar o sistema físico

Algumas personalidades simplesmente acham que o sistema físico já não lhes convém.

Contudo, essa escolha só é possível quando o ciclo reencarnacional, uma vez escolhido, está completo.

ciclo reencarnacional escolhido → desenvolvimento dentro do sistema físico → conclusão do ciclo → possibilidade de deixar o sistema

A saída do sistema físico não é fuga nem rejeição prematura. É uma possibilidade para aqueles que desenvolveram as suas capacidades até ao ponto máximo possível dentro desse sistema.

6. Regressar como professor

Algumas personalidades, tendo terminado a reencarnação, escolhem regressar ao ciclo como professores.

ciclo reencarnacional completo → reconhecimento da identidade superior → regresso voluntário → função de ensino e orientação

Nestes casos, há sempre algum reconhecimento da identidade superior. A personalidade sabe, em algum grau, que regressa por função orientadora, não por necessidade comum de desenvolvimento reencarnacional.

7. O período intermédio

Entre existências há um estágio intermédio de relativa indecisão.

Seth descreve-o como:

plano intermédio de existência → área de repouso → zona de encontro → lugar de intercâmbio entre sistemas → campo de estudo, compreensão e escolha

Este período não é vazio nem passivo. É uma etapa ativa da experiência, tão importante como a existência que será escolhida a seguir.

8. Comunicação com familiares mortos

A maior parte da comunicação vinda de familiares ocorre a partir deste nível intermédio.

familiares mortos → ainda em estado intermédio → crenças parcialmente semelhantes às dos vivos → comunicação possível em termos compreensíveis

Isto explica por que muitas comunicações mediúnicas parecem contraditórias: os comunicadores falam a partir do nível onde se encontram e segundo aquilo que compreendem.

Não há uma experiência única dos “mortos”.

9. Estados psicológicos em vez de países

Seth substitui divisões físicas por estados psicológicos.

vida física → países, regiões, distâncias

pós-morte intermédio → estados psicológicos → campos de experiência → graus de compreensão

Para um indivíduo num determinado estado psicológico, outro pode parecer alheio, como pertencente a um campo de experiência diferente.

Isto reforça a ideia de que, depois da morte, separação não significa distância espacial; significa diferença de estado, foco, crença, sintonia e desenvolvimento.

10. Autoexame antes da escolha

Antes do momento da escolha, há um período de autoexame.

Toda a “história” da personalidade fica disponível.

vida ou vidas experienciadas → história completa → autoexame
→ compreensão da entidade → aconselhamento por aspectos mais avançados

A personalidade compreende melhor a natureza da entidade e é aconselhada por outros aspectos dessa mesma entidade, mais avançados.

Este autoexame não é julgamento externo. É revisão compreensiva da própria experiência.

11. Outras Personalidades de Foco reencarnacionais

A personalidade torna-se consciente das suas outras Personalidades de Foco reencarnacionais.

Personalidade de Foco atual → vida imediatamente anterior

outras Personalidades de Foco reencarnacionais → vidas passadas / simultâneas noutros enquadramentos → laços emocionais próprios

Alguns laços com personalidades de outras vidas podem sobrepor-se às relações da vida imediatamente anterior.

Isto alarga o sentido de identidade e de relação: os vínculos mais significativos não são necessariamente os da última vida física.

12. A reencarnação não é progressão linear simples

Seth critica a ideia comum de uma linha única de progresso, na qual a Alma se aperfeiçoa vida após vida.

visão simplificada → vida 1 → vida 2 → vida 3 → aperfeiçoamento linear

visão de Seth → variações individuais → temas específicos → especializações → ritmos diferentes → múltiplos modos de desenvolvimento

A reencarnação é usada de muitas maneiras. Cada personalidade decide como ela lhe será útil.

13. Vidas temáticas

Algumas personalidades escolhem isolar determinadas características numa vida e trabalhar quase exclusivamente sobre elas.

vida centrada no intelecto → exploração dos benefícios e limites do intelecto

vida centrada no desenvolvimento emocional → subvalorização deliberada do intelecto

vida centrada numa capacidade criativa → especialização e estudo dessa capacidade

Vista fisicamente, tal personalidade pode parecer desequilibrada ou unilateral. Mas, no contexto mais amplo, essa unilateralidade pode ser uma estratégia de estudo.

14. A personalidade inteira como identidade integradora

As capacidades desenvolvidas numa vida são estudadas pela personalidade inteira — isto é, pela identidade mais ampla que integra essas experiências.

experiência específica → vida temática → estudo pela personalidade inteira → integração na identidade mais ampla

Isto evita confundir a vida física isolada com a totalidade do desenvolvimento.

Uma vida pode parecer limitada quando vista sozinha, mas funcional quando vista dentro do conjunto.

15. Negação temporária como aprendizagem

Ao negar a si mesma determinada capacidade numa vida, a personalidade aprende o valor daquilo que não possui.

ausência de determinada capacidade → experiência da sua falta → compreensão do seu valor → nascimento do desejo → desenvolvimento futuro

A ausência não é necessariamente falha. Pode ser parte de uma estratégia de aprendizagem.

16. Ritmos de desenvolvimento reencarnacional

Algumas personalidades escolhem progredir de forma mais suave e equilibrada.

Outras trabalham desafios de forma mais explosiva.

desenvolvimento suave → fios da personalidade trabalhados em simultâneo → relações repetidas → ritmo gradual

desenvolvimento explosivo → concentração intensa → desafios fortes → transformação acelerada

Seth usa a imagem dos bailarinos: algumas personalidades marcam o próprio ritmo.

17. Ciclos pessoais, familiares e de grupo

Existem padrões de grupo nos ciclos reencarnacionais.

Algumas personalidades gostam de regressar com contemporâneos de determinado período histórico. Outras reencarnam de forma mais solitária.

ciclos de grupo → contemporâneos regressam juntos → padrões históricos partilhados

ciclos pessoais/familiares → famílias reencarnam → assumem relações diferentes → trabalham vínculos sob novas formas

As relações para a próxima vida têm de ser estabelecidas, e isso envolve comunicação telepática com todos os envolvidos.

18. Planeamento antes da reencarnação

No período intermédio, é dado aconselhamento e ocorre planeamento.

tempo de repouso e escolha → aconselhamento → comunicação telepática → preparação de relações → decisão de temas e ritmos → nova existência

Algumas personalidades reencarnam antes de serem aconselhadas a fazê-lo. Isso pode ser infeliz a curto prazo, porque o planeamento necessário não ocorreu, mas a longo prazo ainda haverá aprendizagem.

Não há castigo. Há consequência e aprendizagem.

19. Intervalo entre vidas

Não existe calendário fixo entre vidas, mas é invulgar que uma personalidade espere mais de três séculos.

intervalo curto → ligações à Terra ainda fortes

intervalo muito longo → orientação mais difícil → laços emocionais com a Terra enfraquecidos

A duração do intervalo não é o fator principal. O que importa é a condição, o desenvolvimento e a preparação.

20. Especialistas da existência física

Algumas personalidades escolhem “ir até ao fim” nas existências reencarnacionais.

especialização na existência física → conhecimento abrangente do sistema físico → múltiplos períodos históricos → vários tipos raciais → vidas curtas, intensas e numerosas → participação na modelação do mundo

Estas personalidades tornam-se especialistas do sistema físico. Atravessam muitos contextos para compreender profundamente a experiência humana.

21. A existência terrena como treino

Seth afirma que a existência terrena é um período de treino, mas pede ao leitor que abandone as ideias habituais de progressão.

progressão comum



- bom
- melhor
- ótimo

treino segundo Seth → aprender a ser plenamente → aprender a criar-se → desenvolver capacidades humanas → abrir novas dimensões de atividade

O objetivo não é subir uma escada moral simplista. É tornar-se mais pleno, mais criativo e mais consciente.

22. Bem, progressão e distorções

Seth não nega o bem nem a progressão. Nega as versões distorcidas desses conceitos.

Bem → não é polaridade contra o mal

Progressão → não é linha reta hierárquica

Desenvolvimento → expansão de ser, consciência e criatividade

As ideias de “bom, melhor e ótimo” podem desviar, porque reduzem o desenvolvimento a comparação linear.

23. Talentos recorrentes

Muitas personalidades possuem talentos extraordinários que se manifestam repetidamente em vidas sucessivas.

talento recorrente → marca de individualidade → linha de continuidade → variações ao longo das vidas

A maioria muda de ofícios, ocupações e interesses ao longo do ciclo reencarnacional, mas algumas mantêm linhas de continuidade muito visíveis: sacerdotes, professores, artistas, entre outros.

24. Sabático reencarnacional

Ocasionalmente, algumas personalidades podem receber uma exceção e fazer uma “viagem lateral” para outro nível de realidade, antes de regressar ao ciclo reencarnacional.

ciclo reencarnacional → pausa / sabático → outro nível de realidade → regresso

Esses casos são raros, mas mostram que a mecânica reencarnacional é flexível.

25. Campo das probabilidades

Entrar no campo das probabilidades pode ser comparado a entrar no ciclo reencarnacional.

campo das probabilidades → foco sustentado de consciência e existência → realidade de outro tipo → uso de poderes latentes → organização não dependente do tempo físico

Neste sistema, capacidades intelectuais e intuitivas trabalham de modo tão integrado que há pouca distinção entre elas.

26. Self inteiro e sistemas paralelos

O mesmo Self inteiro pode escolher experiências em diferentes sistemas.

Self inteiro → aspecto focado nos ciclos reencarnacionais → desenvolvimentos reencarnacionais

Self inteiro → aspecto focado nas probabilidades → desenvolvimentos prováveis

Isto é uma simplificação necessária, porque toda a ação é simultânea. Em termos mais amplos, a identidade existe em ambos os sistemas ao mesmo tempo.

27. Portas para existências

A abertura e a flexibilidade da personalidade são decisivas.

porta para existência → possibilidade de experiência → personalidade pode vê-la ou recusá-la

consciência flexível → pode criar uma porta onde não havia nenhuma

A consciência não se limita a escolher entre portas existentes; pode abrir novas possibilidades.

28. Guias e professores

No tempo de escolha e decisão, há guias e professores que explicam alternativas e a natureza da existência.

personalidades em escolha → guias e professores → explicação → orientação → alternativas

Nem todas as personalidades estão no mesmo nível de desenvolvimento, por isso há professores mais avançados e menos avançados.

Este não é um tempo de confusão, mas de iluminação e desafio.

29. Recombinar a vida anterior

Algumas personalidades escolhem recombinar, “misturar e combinar”, acontecimentos da vida imediatamente anterior.

vida anterior → matéria-prima → recombinação → variações → alteração de abordagem ou final → estudo dos efeitos

Esta escolha pode estar associada a rigidez, perfeccionismo e problemas graves. A personalidade quer “corrigir” ou aperfeiçoar a experiência.

30. A vida como filme revisitado

Seth compara esta recombinação a um ator que volta a ver um filme antigo em que apareceu.

Só que, neste caso, o ator pode alterar a abordagem ou o final.

vida anterior → filme antigo → revisão → alteração consciente → aprendizagem

A personalidade tem plena liberdade em relação aos acontecimentos desses anos, mas não volta ao contexto histórico como participante pleno.

31. Formas-pensamento e responsabilidade

Quando a personalidade recombina acontecimentos, os outros atores são formas-pensamento, a menos que alguns contemporâneos se juntem ao processo.

Essas formas-pensamento não são meros bonecos vazios.

formas-pensamento → possuem certa realidade e consciência → crescem em consciência → continuam linhas próprias de desenvolvimento

A personalidade tem responsabilidade para com elas.

Isto aprofunda o conceito de forma-pensamento: ela não é pura ficção mental; é uma expressão com grau próprio de realidade.

32. Somos todos formas-pensamento

Seth afirma que, de certo modo, somos todos formas-pensamento.

Mas clarifica que isso não significa ausência de iniciativa, individualidade ou propósito.

forma-pensamento → não significa irrealidade → não significa passividade → não significa ausência de identidade

forma-pensamento → expressão criada de dentro para fora → com iniciativa, individualidade e propósito

A chave é lembrar que se vive de dentro para fora.

33. A existência intermédia também é desenvolvimento

O planeamento faz parte da experiência e do desenvolvimento.

existência física → experiência

existência intermédia



- planeamento
- amizades
- aconselhamento
- estudo

- escolha

→ também experiência

A existência intermédia não é intervalo vazio entre vidas. É uma fase ativa de aprendizagem.

34. Amigos entre existências

Durante os períodos de repouso, fazem-se amigos e conhecidos que podem ser reencontrados repetidamente — talvez apenas durante existências intermédias.

amigos de intervalo → reencontros entre vidas → discussão dos ciclos reencarnacionais → partilha de experiência

Estas relações pertencem ao campo intermédio e têm continuidade própria.

35. Crenças como impedimentos à escolha

O tempo da escolha pode ser adiado por crenças impeditivas.

crenças rígidas



- céu convencional
- inferno
- castigo
- demónios
- polaridades opostas
- culpa
- identificação sexual rígida
- obsessão terrestre

→ adiamento do tempo da escolha

O problema não é ter símbolos, mas ficar preso a eles.

Uma crença no céu ou no julgamento pode ser útil se funcionar como estrutura transitória, mas torna-se prejudicial se for obsessiva ou fechada.

36. Céu e inferno como estados criados

Seth explica que céu e inferno podem ser experienciados porque o indivíduo cria a sua realidade.

crença no céu → ambiente celeste convencional → eventual esterilidade → necessidade de desenvolvimento

crença no inferno → condições infernais → medo → abertura mais rápida para libertação

Nenhum desses estados é imposto de fora. Ambos resultam de crenças, expectativas e estruturas psíquicas.

37. O indivíduo cria a sua experiência

Seth repete um princípio básico:

em todos os casos, o indivíduo cria a sua experiência.

Consciência → crença → expectativa → experiência

Não há "lugares" especiais ou condições separadas depois da morte onde uma personalidade tenha obrigatoriamente de experienciar.

O pós-morte é criativo, não jurídico.

38. Suicídio sem castigo especial

Seth afirma que os suicidas, enquanto classe, não recebem castigo especial, nem a sua condição é pior a priori.

Suicídio → não castigo especial → tratamento individual → compreensão das condições internas → terapias e orientação

Problemas não enfrentados numa vida serão enfrentados noutra, mas isto aplica-se a todos, não apenas aos suicidas.

O que pode dificultar a transição é a crença de que o ato aniquilará a consciência, especialmente quando intensificada pela culpa.

39. Terapias pós-morte

Seth descreve terapias usadas em casos de suicídio.

personalidade conduzida aos acontecimentos anteriores → possibilidade de alterar a decisão → amnésia temporária sobre o suicídio → informação posterior, quando houver capacidade de enfrentar o ato

O objetivo não é punir, mas permitir compreensão, integração e continuidade do desenvolvimento.

40. Obsessão por assuntos terrenos

A obsessão por assuntos terrenos também adia o tempo da escolha.

foco insistente na existência física → recusa psíquica de aceitar a morte → separação psíquica incompleta → adiamento da escolha

Alguns sabem que estão mortos, nos nossos termos, mas recusam completar a separação psíquica.

Outros nem percebem o facto da morte e vagueiam perplexos pela casa ou arredores.

41. Identificação sexual rígida

Uma identificação excessivamente forte com características sexuais pode travar o desenvolvimento.

identidade rigidamente masculina ou feminina → dificuldade em aceitar mudanças sexuais → resistência às variações reencarnacionais → desenvolvimento travado

Seth não está a negar o valor da identidade sexual. Está a criticar a identificação rígida que impede a personalidade de reconhecer a sua continuidade para além dessas formas.

42. Polaridades opostas como impedimento

Uma teologia sistematizada de opostos é um grande obstáculo.

- bem contra mal
- Deus contra diabo
- anjos contra demónios
- animais contra anjos
- cima contra baixo

→ polaridades opostas → pressupostos de raiz limitadores

Essas polaridades são superficiais e resultam, em grande medida, de capacidades intelectuais mal utilizadas.

O intelecto quer explicações em pacotes arrumados. A psique profunda compreende a unidade, a interligação e a cooperação.

43. O mal como ignorância

O self interior — a psique profunda enquanto nível interior do Self — compreende que, em termos mais amplos, o mal é simplesmente ignorância.

Mal → não força ontológica equivalente ao bem → ignorância → falta de compreensão da unidade

Isto não significa negar sofrimento ou destruição no mundo físico. Significa negar que o mal seja uma força cósmica equivalente e necessária ao bem.

44. Crença no bem sem crença no mal

Seth afirma que a crença no bem sem crença no mal é o melhor seguro durante a vida física e depois dela.

crença no bem sem crença no mal → saúde corporal → menor medo psicológico → maior espontaneidade → desenvolvimento mais livre das capacidades → libertação de demónios, inferno e castigo imposto

Esta ideia pode ofender o intelecto e parecer contradita pelos sentidos. Mas os sentidos percebem uma realidade que resulta das crenças.

45. O experimento não tentado

Seth afirma que o mundo ainda não realizou a experiência que o libertaria.

experimento civilizacional → criar a própria realidade segundo crenças → toda a existência é abençoada → o mal não existe como força ontológica → percepção do mundo como bom

Se estas ideias fossem seguidas individual e coletivamente, os sentidos físicos deixariam de encontrar contradição, porque perceberiam um mundo organizado segundo essas crenças.

46. Cristianismo organizado como distorção

Seth distingue os preceitos originais do cristianismo organizado.

preceitos originais → verdade principal pouco experimentada

cristianismo organizado → distorção → sistema de crenças limitado

O ponto central não é uma crítica superficial à religião, mas à organização dogmática que transforma uma verdade libertadora em sistema de medo, castigo e polaridade.

47. Sistemas de probabilidade avançados

Existem sistemas de probabilidade que não estão ligados ao sistema físico e que são muito mais avançados do que atualmente imaginamos.

sistemas prováveis avançados → conhecimento da criação da realidade → uso deliberado das capacidades criativas da consciência → criação consciente de realidades

Nestes sistemas, os indivíduos criam realidades de forma criativa e deliberada, sabendo como fazê-lo.

48. Outras condições depois da morte

Seth salienta que há muitas condições depois da morte não ligadas ao nosso sistema.

pós-morte ligado ao sistema físico



- período intermédio
- reencarnação
- probabilidades ligadas ao físico

- outras condições pós-morte

→ não ligadas ao nosso sistema → outras dimensões de atividade

→ outros tipos de desenvolvimento

O capítulo não pretende mapear tudo. Apenas mostra a mecânica relevante para o sistema físico e as escolhas mais próximas dele.

49. Comunicações mediúnicas contraditórias

As mensagens através de médiuns podem parecer contraditórias porque vêm de diferentes estados psicológicos e níveis de desenvolvimento.

comunicador A → antigas crenças → explica a realidade segundo o que conhece

comunicador B → outro estado → outra compreensão → mensagem diferente

O intelecto exige descrições que coincidam entre si, mas a experiência dos “mortos” não é uniforme.

50. Mudança gradual de interesses

Os comunicadores podem relacionar-se com os vivos enquanto as crenças ainda são semelhantes.

Com o tempo, os seus interesses mudam.

laço com vida anterior → comunicação com vivos → aprendizagem → novas relações → preparação para outra existência

Quando chega o tempo da escolha, a personalidade já se prepara para partir para outro enquadramento de experiência.

51. Regresso rápido à vida física

Algumas personalidades regressam muito rapidamente à vida física, talvez em questão de horas.

Geralmente isto resulta de desejo obsessivo de regressar e é infeliz.

Mas há exceções.

regresso rápido por obsessão → geralmente infeliz

regresso rápido por grande propósito → descartar corpo antigo → renascer quase imediatamente → terminar projeto importante

A mesma mecânica pode ter sentidos diferentes conforme a motivação e o desenvolvimento.

52. Conclusão do ciclo reencarnacional

A sessão final do capítulo aprofunda o que acontece quando o último ciclo reencarnacional está completo.

Nesse ponto, a personalidade compreende que a sua verdadeira identidade não se reduz ao Ego Exterior atual.

identificação atual → Ego Exterior presente

fim do ciclo reencarnacional → reconhecimento da identidade básica → núcleo interior do ser → mais do que a soma das Personalidades de Foco reencarnacionais

O indivíduo passa a compreender a sua realidade multidimensional em termos práticos.

Isto significa que a informação, a experiência e as capacidades das vidas passadas ficam disponíveis.

53. Personalidades reencarnacionais como expressões diferenciadas do Self

As Personalidades de Foco reencarnacionais não competem entre si.

Nunca houve divisão real, mas apenas uma divisão aparente e funcional, necessária para desempenhar papéis, desenvolver capacidades e aprender a criar de formas diversas.

Self / identidade básica → expressões diferenciadas → Personalidades de Foco reencarnacionais → papéis, capacidades, experiências e aprendizagens

Essas personalidades continuam a desenvolver-se, mas compreendem que a sua identidade principal é partilhada com a identidade básica mais ampla.

Isto é crucial: a integração pós-reencarnacional não apaga as personalidades; reorganiza-as dentro de uma consciência mais ampla de identidade.

54. Escolhas pós-reencarnacionais ampliadas

Quando o ciclo reencarnacional termina, as escolhas disponíveis tornam-se muito mais diversas do que aquelas possíveis para personalidades que ainda têm de reencarnar.

personalidades ainda reencarnacionais → opções ligadas ao ciclo físico

personalidades **pós-reencarnacionais** → opções
multidimensionais ampliadas



- ensino
- criação
- cura
- outras vocações
- outros domínios de realidade

A conclusão do ciclo não é repouso final, mas abertura para formas mais vastas de atividade.

55. Ensino multidimensional

Uma das vocações possíveis é a de professor multidimensional.

Este ensino é muito diferente do ensino humano comum e exige treino rigoroso.

professor multidimensional → contacta várias porções de uma entidade → comunica com Personalidades de Foco em diferentes épocas → comunica também com personalidades em sistemas

prováveis → adapta linguagem, símbolos e pressupostos a cada contexto

Um professor deste tipo pode ter de instruir, simultaneamente, personalidades ligadas à mesma entidade em diferentes enquadramentos históricos, reencarnacionais e prováveis.

56. Conhecimento dos pressupostos de raiz

Para ensinar multidimensionalmente, é necessário conhecer os pressupostos de raiz de cada época e sistema.

época histórica / sistema provável → pressupostos de raiz → clima filosófico → clima científico → símbolos compreensíveis → comunicação eficaz

O professor tem de comunicar em termos que cada personalidade possa compreender.

Isto retoma uma ideia central de Seth: ensinar não é despejar conhecimento, mas traduzir a verdade para o enquadramento perceptivo do aluno.

57. Comunicador-professor

Seth descreve esta função como uma carreira de comunicador-professor.

comunicador-professor → conhecimento vasto → manipulação delicada de energia → trânsito constante entre dimensões → treino sob especialista prático → vocação multidimensional

Esta vocação desenvolve também o próprio professor. Ao aprender a contactar e instruir múltiplas porções da entidade, o professor amplia as suas capacidades e entra em domínios de realidade que antes nem sabia existirem.

58. A vocação de criador

Outra possibilidade pós-reencarnacional é a vocação de criador.

Num plano muito diferente, Seth compara estes criadores aos génios criativos da realidade física.

criador físico → tintas, pigmentos, palavras, notas musicais

criador multidimensional



- tempo

- espaço
- dimensões da atualidade
- formas de conhecimento
- beleza multidimensional

Estes criadores não trabalham com materiais físicos, mas com dimensões da atualidade.

Aquilo a que chamaríamos tempo pode ser manipulado como pigmento. Aquilo a que chamaríamos espaço pode ser reunido de modos diferentes.

59. Arte multidimensional

A arte multidimensional não pode ser descrita adequadamente por palavras, porque o conceito não tem equivalente verbal.

arte multidimensional → usa tempo como estrutura → mistura tempo e espaço → recria belezas de várias eras → imprime-se em múltiplas dimensões de realidade → é percebida de formas diferentes em sistemas diferentes

Uma obra desse tipo pode ser percecionada no sistema físico como uma coisa, e em realidades prováveis de maneira inteiramente diferente.

É uma arte tão livre e elementar que pode aparecer simultaneamente em muitas realidades.

60. Formas de arte como estruturas psíquicas

Estas formas de arte são frequentemente representações simbólicas da natureza da realidade.

Nos nossos termos, podem ser dramas vivos. Contudo, serão sempre estruturas psíquicas.

forma de arte multidimensional → estrutura psíquica → existe à parte de qualquer sistema específico de realidade → é percecionada parcialmente por muitos → pode aparecer como drama, símbolo, mito ou inspiração

Algumas existem naquilo a que poderíamos chamar plano astral e são percecionadas em visitas durante o estado de sono.

Outras aparecem em vislumbres à mente temporal, em estados entre sono e vigília ou em períodos de dissociação.

61. A história de Cristo como criação multidimensional

Seth afirma que toda a história de Cristo foi uma criação desse tipo.

Esta afirmação deve ser entendida no contexto das formas de arte multidimensionais: estruturas psíquicas simbólicas, vivas, percecionadas em vários registos e interpretadas segundo as capacidades daqueles que as recebem.

história de Cristo → estrutura psíquica multidimensional → drama simbólico vivo → percecionado e interpretado em vários níveis → capaz de afetar sistemas de crença, imaginação e desenvolvimento espiritual

Isto não reduz a história de Cristo a “invenção”. Pelo contrário, eleva-a à categoria de criação psíquica multidimensional: uma forma simbólica viva, com impacto em múltiplos níveis de realidade.

62. Criadores como fontes de inspiração

Os criadores multidimensionais também inspiram aqueles que se encontram nos níveis de realidade disponíveis para eles.

criador multidimensional → forma de arte / estrutura psíquica → inspiração → artistas, pensadores, místicos, sonhadores → expressões locais em diferentes sistemas

A inspiração no sistema físico é frequentemente obra desses criadores.

Isto alarga a criatividade humana: certas inspirações podem ser receções parciais de estruturas psíquicas multidimensionais.

63. A vocação de curador

Há também aqueles que escolhem ser curadores.

Esta cura envolve muito mais do que a cura conhecida no sistema físico.

curador multidimensional → trabalha com todos os níveis da experiência da entidade → ajuda diretamente as personalidades que fazem parte dela → manipula padrões reencarnacionais → atua no sistema físico, noutros tempos e noutros sistemas

A cura envolvida é sempre psíquica e espiritual.

64. Cura através dos padrões reencarnacionais

Os curadores começam por trabalhar com Personalidades de Foco reencarnacionais que apresentam dificuldades.

dificuldade numa Personalidade de Foco → padrões reencarnacionais relacionados → intervenção psíquica e espiritual → reorganização da experiência da entidade

A cura não se limita a sintomas locais. Ela pode envolver padrões distribuídos por várias vidas, expressões da entidade e sistemas de realidade.

65. Curadores avançados

Num contexto mais amplo, e com maior treino, curadores avançados lidam com enfermidades espirituais de vastos números de personalidades.

curador avançado → enfermidades espirituais coletivas ou amplas → grandes grupos de personalidades → padrões psíquicos profundos → intervenção multidimensional

Há também aqueles que combinam qualidades de professor, criador e curador.

Professor → orienta e traduz conhecimento

Criador → forma estruturas psíquicas e inspira

Curador → reorganiza padrões e ajuda no desenvolvimento

Estas vocações não são compartimentos rígidos; podem combinar-se conforme a natureza da personalidade.

66. Liberdade plena da personalidade

Seth sublinha que cada personalidade possui plena liberdade.

desenvolvimento pós-morte → não coerção → não imposição → não destino obrigatório → liberdade de escolha

Os desenvolvimentos da consciência são atributos naturais, estágios naturais.

Tal como o adulto está inerente na criança, os desenvolvimentos posteriores estão inerentes na personalidade que conheces.

67. Complexidade sem destino simples

As descrições dos acontecimentos depois da morte podem parecer complicadas, sobretudo para quem está habituado à narrativa simples de céu ou repouso eterno.

Seth desmonta essa simplicidade.

narrativa simples



- céu
- repouso eterno
- fim fixo

visão de Seth



- continuidade
- escolha
- desenvolvimento
- ensino
- criação
- cura
- probabilidades
- liberdade

Não há um fim simples para a vida que conheces.

Há a liberdade de compreenderes a tua própria realidade, desenvolveres mais as tuas capacidades e sentires mais profundamente a tua existência como parte de Tudo O Que É.

68. O livro como ativador intuitivo

Seth afirma que as palavras do livro têm a intenção de libertar as capacidades intuitivas do leitor.

leitura do livro → ativação intuitiva → sonhos com informação adicional → conhecimento interior → compreensão não apenas intelectual

Os sonhos do leitor podem fornecer informação adicional e estar presentes na mente ao acordar, se houver atenção.

O livro não pretende apenas informar. Pretende ativar canais interiores de conhecimento.

69. Projeção inconsciente e participação nas sessões

A nota final sobre Joseph mostra que uma parte dele se projetara inconscientemente para o hospital onde o pai se encontrava.

preocupação inconsciente → projeção parcial → ausência sentida por Ruburt → efeitos físicos associados → participação do self inconsciente nas sessões

Seth afirma que o self inconsciente de Joseph é uma parte forte das sessões.

Isto reforça uma ideia transversal do livro: a personalidade participa em múltiplos níveis de atividade mesmo quando o Ego Exterior não tem consciência disso.

Estrutura Operativa do Capítulo

morte física → transição → período intermédio → autoexame → aconselhamento → libertação de crenças impeditivas → tempo da escolha → nova existência / reencarnação / probabilidades / outro sistema

reencarnação → não linear → vidas temáticas → especializações → ciclos pessoais e de grupo → relações estabelecidas telepaticamente → desenvolvimento escolhido

sistema provável → organização associativa e intuitiva → menor dependência do tempo → integração de intelecto e intuição → criação deliberada de realidade

crenças impeditivas → céu/inferno obsessivos → demónios → castigo → culpa → polaridades opostas → obsessão terrestre → identificação sexual rígida → adiamento do tempo da escolha

fim do ciclo reencarnacional → reconhecimento da identidade multidimensional → integração das Personalidades de Foco reencarnacionais → escolhas ampliadas → ensino / criação / cura / outros domínios de realidade

vocações pós-reencarnacionais → professor multidimensional → criador multidimensional → curador multidimensional → combinações entre estas funções

Núcleo Operativo

O Capítulo 11 mostra que a morte conduz a uma fase de transição altamente organizada, mas não uniforme. Depois da morte, a personalidade atravessa um período intermédio de repouso, estudo, autoexame, aconselhamento e preparação. A partir daí, pode escolher nova reencarnação, rever ou recombina a vida anterior, entrar em sistemas de probabilidades, deixar o ciclo reencarnacional ou regressar como professora.

A reencarnação deixa de ser uma sequência linear de aperfeiçoamento e passa a ser entendida como um sistema flexível de desenvolvimento escolhido: vidas temáticas, especializações,

ciclos pessoais, padrões de grupo, relações estabelecidas telepaticamente e ritmos próprios.

O capítulo mostra também que os principais obstáculos à transição são crenças rígidas: céu e inferno obsessivos, castigo, demónios, culpa, polaridades opostas, obsessão terrestre e identificação sexual excessiva. Nenhum estado é imposto externamente; a personalidade cria a sua experiência, mesmo depois da morte.

A sessão final amplia decisivamente o capítulo: quando o ciclo reencarnacional termina, a personalidade reconhece a sua identidade multidimensional e acede a escolhas mais vastas. Pode iniciar a vocação de professor, criador ou curador multidimensional, ou outras linhas de desenvolvimento adequadas à sua natureza. Assim, a conclusão da reencarnação não é fim nem repouso definitivo; é abertura para formas mais amplas de criatividade, serviço, aprendizagem e participação em Tudo O Que É.

Formulação final

Depois da morte, a consciência entra num período de transição onde revê a sua história, recebe orientação, liberta-se de crenças impeditivas e escolhe o próximo campo de experiência — reencarnacional, provável ou outro — segundo o seu desenvolvimento, flexibilidade e propósito. Quando o ciclo reencarnacional se completa, essa escolha abre-se para vocações multidimensionais mais amplas: ensinar, criar, curar e

participar conscientemente em estruturas de realidade muito para além do sistema físico.

CAPÍTULO 12

Relações Reencarnacionais

Ao longo das tuas existências reencarnacionais, expandes a tua consciência, as tuas ideias, as tuas percepções, os teus valores. Libertas-te de restrições adotadas por ti próprio e cresces espiritualmente à medida que aprendes a afastar-te de concepções e dogmas limitadores. Contudo, o teu ritmo de aprendizagem depende inteiramente de ti.

Conceitos limitados, dogmáticos ou rígidos de bem e mal podem travar-te. Ideias demasiado estreitas sobre a natureza da existência podem acompanhar-te através de várias vidas, se não escolheres ser espiritual e psiquicamente flexível.

Estas ideias rígidas podem, de facto, agir como trelas, obrigando-te a andar em círculo, como um cachorrinho preso, dentro de um raio muito pequeno. Nesses casos, talvez ao longo de um grupo de existências, darás por ti a lutar contra ideias de bem e mal, correndo em círculos de confusão, dúvida e ansiedade.

Os teus amigos e conhecidos estarão preocupados com os mesmos problemas, pois atrairás para ti aqueles que têm as mesmas preocupações. Digo-te novamente, portanto, que muitas

das tuas ideias de bem e mal são altamente distorcidas e ensombram toda a compreensão que tens da natureza da realidade.

Se formas uma culpa na tua mente, então ela é uma realidade para ti, e tens de a trabalhar. Mas muitos de vós formam culpas para as quais não existe causa adequada, e carregam-se com essas culpas sem razão. Na tua dimensão de atividade, parece existir uma variedade desordenada de males. Deixa-me dizer-te que aquele que odeia um mal apenas cria outro.

A partir do teu ponto de referência, muitas vezes é difícil perceber que todos os acontecimentos trabalham no sentido da criatividade, ou confiar na criatividade espontânea da tua própria natureza. Dentro do teu sistema, matar é obviamente um crime moral, mas matar outro como castigo apenas agrava o erro original. Alguém muito conhecido, que fundou uma igreja — ou, se quiseses, uma civilização — disse certa vez: “Oferece a outra face se fores atacado.” O significado original dessa afirmação, contudo, deve ser compreendido. Deves oferecer a outra face porque compreendes que, basicamente, o agressor apenas se agride a si próprio.

Então és livre, e a reação é boa. Se, contudo, ofereceres a outra face sem essa compreensão e sentires ressentimento, ou se ofereceres a outra face por um sentimento de superioridade pseudomoral, então a reação está longe de ser adequada.

Tudo isto pode ser aplicado às tuas relações nas tuas existências reencarnacionais e, naturalmente, é também altamente pertinente para a tua experiência diária atual. Se odeias outra pessoa, esse

ódio pode ligar-te a ela através de tantas vidas quantas permitires que o ódio te consuma. Nesta existência, e em todas as outras, atrais para ti as qualidades sobre as quais concentras a tua atenção. Se te ocupas vivamente das injustiças que sentes que te foram feitas, então atrais mais experiências desse tipo; e, se isso continuar, será espelhado na tua existência seguinte. É verdade que, entre vidas, há “tempo” para compreensão e contemplação.

Aqueles que não aproveitam tais oportunidades nesta vida muitas vezes também não o fazem quando ela termina. A consciência expandir-se-á e criará. Virar-se-á do avesso para o fazer. Não há nada fora de ti que te obrigue a compreender estas questões ou a enfrentá-las.

É inútil, portanto, dizer: “Quando esta vida acabar, olharei para trás, para a minha experiência, e corrigirei o meu caminho.” Isto é como um jovem dizer: “Quando for velho e me reformar, usarei todas aquelas capacidades que agora não estou a desenvolver.” Estás a preparar agora o palco da tua “próxima” vida. Os pensamentos que pensas hoje tornar-se-ão, de uma forma ou de outra, o tecido da tua próxima existência. Não há palavras mágicas que te tornem sábio, que te encham de compreensão e compaixão, que expandam a tua consciência.

Os teus pensamentos e a tua experiência quotidiana contêm as respostas. Quaisquer sucessos nesta vida, quaisquer capacidades, foram trabalhados através da experiência passada. São teus por direito. Trabalhaste para os desenvolver. Se olhares à tua volta, para os teus familiares, amigos, conhecidos e colegas de trabalho,

também verás que tipo de pessoa és, pois és atraído para eles tal como eles são atraídos para ti, por semelhanças interiores muito básicas.

Se examinares os teus pensamentos durante cinco minutos, em vários momentos do dia, algumas vezes por mês, receberás de facto uma impressão correta do tipo de vida que até agora organizaste para ti na próxima existência. Se não ficares satisfeito com aquilo que descobrires, então será melhor começares a mudar a natureza dos teus pensamentos e sentimentos.

Como verás mais adiante neste livro, podes fazê-lo. Não há nenhuma regra que diga que, em cada vida, tens de voltar a encontrar aqueles que conheceste antes; e, no entanto, pela natureza da atração, é muitas vezes isso que acontece.

Podes nascer na tua família atual por muitas razões. Depois da morte, podes descobrir uma relação emocional muito mais forte com uma personalidade de uma vida passada. Se fores casado, por exemplo, e não tiveres verdadeira afinidade com o teu companheiro ou companheira, podes, em vez disso, encontrar uma esposa ou um marido de uma vida passada à tua espera.

Muitas vezes, membros de vários grupos — grupos militares, grupos religiosos, grupos de caça — formarão noutra vida relações familiares nas quais trabalharão então antigos problemas de novas maneiras. As famílias devem ser consideradas como gestalts — configurações integradas de atividade psíquica —; possuem uma

identidade subjetiva da qual nenhum membro particular do grupo poderá estar consciente.

As famílias têm propósitos subconscientes, embora os membros individuais da família possam perseguir esses objetivos sem consciência disso. Tais grupos são organizados antecipadamente, por assim dizer, entre existências físicas. Muitas vezes, quatro ou cinco indivíduos estabelecem para si próprios determinado desafio e atribuem aos vários membros diferentes papéis a desempenhar. Depois, numa existência física, esses papéis serão trabalhados.

O self interior — isto é, a psique enquanto campo organizador da experiência, operando como nível interior do Self — está sempre consciente dos mecanismos ocultos destas gestalts familiares. Aqueles que estiveram estreitamente ligados por vínculos emocionais preferem muitas vezes permanecer em relações físicas muito próximas, ou apenas tenuemente ligadas, que continuam ao longo de muitas vidas. Contudo, novas relações são sempre encorajadas, pois podeis ter “famílias” reencarnacionais demasiado fechadas sobre si mesmas. Muitas delas formam organizações físicas que são, na verdade, manifestações de agrupamentos interiores.

Falei anteriormente de conceitos rígidos de certo e errado. Só há uma maneira de evitar este problema. Apenas a verdadeira compaixão e o amor conduzirão a uma compreensão da natureza do bem, e apenas essas qualidades servirão para aniquilar os conceitos erróneos e distorcidos do mal.

O facto simples é que, enquanto acreditares no conceito de mal, ele será uma realidade no teu sistema, e encontrarás sempre a sua manifestação. A tua crença nele parecerá, portanto, altamente justificada. Se lewares esse conceito através de gerações sucessivas, via reencarnações, então acrescentas realidade a esse conceito.

Deixa-me tentar lançar alguma luz sobre aquilo que te estou a dizer. Antes de mais, o amor envolve sempre liberdade. Se um homem diz que te ama e, no entanto, te nega a liberdade, então muitas vezes odeia-lo. Contudo, por causa das palavras dele, não te sentes justificado nessa emoção. Este tipo de emaranhado emocional pode, por si só, conduzir a envolvimentos continuados através de várias vidas.

Se odeias o mal, então toma cuidado com a tua conceção da palavra. O ódio é restritivo. Estreita a tua perceção. É, de facto, um vidro escuro que ensombra toda a tua experiência. Encontrarás cada vez mais coisas para odiar, e trarás para a tua própria experiência os elementos odiados.

Se, por exemplo, odeias um dos teus pais, torna-se bastante fácil odiar todos os pais, pois, nos seus rostos, vês e projetas o ofensor original. Em vidas subsequentes, também podes ser atraído para uma família e encontrar-te com as mesmas emoções, pois o problema está nas emoções, e não nos elementos que parecem provocá-las.

Se odeias a doença, podes atrair para ti uma vida subsequente de doença, porque o ódio a atraiu para ti. Se, em vez disso, sentes e expandes o teu sentido de amor, de saúde e de existência, és atraído nesta vida e noutras para essas qualidades; mais uma vez, porque são elas que concentram a tua atenção. Uma geração que odeia a guerra não trará paz. Uma geração que ama a paz trará paz.

Morrer com ódio por qualquer causa ou povo, ou por qualquer razão, é uma grande desvantagem. Tens agora todo o tipo de oportunidades para recriar a tua experiência pessoal de maneiras mais benéficas e para mudar o teu mundo.

Na próxima vida, trabalharás com as atitudes que agora são tuas. Se insistes em abrigar ódios dentro de ti agora, é muito provável que continues a fazê-lo. Por outro lado, essas centelhas de verdade, intuição, amor, alegria, criatividade e realização conquistadas agora trabalharão a teu favor então, tal como trabalham agora.

São as únicas realidades verdadeiras. São os únicos fundamentos reais da existência. É tolice, como Ruburt disse uma vez, odiar uma tempestade ou agitar os punhos contra ela, chamando-lhe nomes. Ris-te se pensares em crianças ou nativos a agir assim. É inútil personificar uma tempestade e tratá-la como um demónio, concentrando-te nos seus elementos destrutivos, ou naqueles elementos que te parecem destrutivos.

A mudança de forma não é destrutiva. A energia explosiva de uma tempestade é altamente criativa. A consciência não é aniquilada. Uma tempestade faz parte da criatividade. Tu vê-la a partir da tua própria perspectiva e, no entanto, um indivíduo sentirá dentro da tempestade o ciclo interminável da criatividade, enquanto outro a personificará como obra do diabo.

Ao longo de todas as tuas vidas, interpretarás a realidade que vês à tua maneira, e essa maneira terá efeito sobre ti e, por sua vez, sobre os outros. O homem que odeia literalmente coloca-se de imediato nesta posição: prejudica a natureza da realidade de acordo com a sua própria compreensão limitada.

Estou a enfatizar a questão do ódio neste capítulo sobre a reencarnação porque os seus resultados podem ser muito desastrosos. Um homem que odeia acredita sempre que tem justificação. Nunca odeia algo que acredita ser bom. Pensa, portanto, que é justo no seu ódio; mas o próprio ódio forma uma reivindicação muito forte que o seguirá ao longo das suas vidas, até ele aprender que apenas o próprio ódio é o destruidor.

Gostaria de deixar claro que também nada se ganha em odiar o ódio. Cais na mesma armadilha. Aquilo de que precisas é de uma confiança básica na natureza da vitalidade, e da fé de que todos os elementos da experiência são usados para um bem maior, quer consigas ou não perceber o modo como o “mal” é transmutado em criatividade. Aquilo que amas também fará parte da tua experiência nesta vida e noutras.

A ideia mais importante a recordar é que ninguém te impõe a experiência de qualquer vida específica. Ela é formada fielmente de acordo com as tuas próprias emoções e crenças. O grande poder e a energia do amor e da criatividade tornam-se evidentes no simples facto da tua existência. Esta é a verdade tantas vezes esquecida: a consciência e a existência continuam, absorvendo aqueles elementos que te parecem tão destrutivos.

O ódio é poderoso se acreditares nele; e, no entanto, ainda que odeies a vida, continuarás a existir. Cada um de vós marcou encontros de que se esqueceu. Foram assinados, por assim dizer, antes de teres nascido nesta existência. Em muitos casos, os amigos que fazes estiveram próximos de ti muito antes de os encontrares nesta vida presente.

Isto não significa que todos os teus conhecidos atuais tenham sido conhecidos por ti, e certamente não implica um disco enfadonho tocado vezes sem conta, pois cada encontro é novo à sua maneira. Recordando aquilo que eu disse acerca das famílias, compreende também que cidades e aldeias podem igualmente ser compostas por antigos habitantes de outras cidades e aldeias semelhantes, transpostos com novas experiências e antecedentes, à medida que o grupo tenta diferentes experiências.

Por vezes, há também variações desse tipo, em que os habitantes atuais de uma determinada cidade podem ser os habitantes renascidos de uma pequena aldeia irlandesa, digamos, de 1632. Podem ser transpostos para uma cidade no Idaho.

Alguns que queriam viajar do Velho Mundo para o Novo podem renascer no novo. Deves lembrar-te também de que as capacidades de vidas passadas estão à tua disposição para uso presente. Colhes as tuas próprias recompensas. A informação relativa a estas capacidades é-te muitas vezes dada no estado de sono, e há uma espécie de sonho de tipo gestalt — isto é, um sonho organizado como totalidade psíquica de grupo —, um sonho-raiz, através do qual aqueles que se conheceram em vidas passadas comunicam agora.

Nesses sonhos, é dada informação coletiva geral, que os indivíduos usam depois conforme desejam. São feitos planos globais de desenvolvimento, quando os membros de um grupo — digamos, de uma cidade — decidem o seu destino. Alguns indivíduos escolhem sempre nascer como parte de algum grupo — por outras palavras, renascer com antigos contemporâneos —, enquanto outros, desdenhando tais empreendimentos, regressam em posições muito mais isoladas.

Trata-se de uma questão de inclinação psicológica. Alguns indivíduos sentem-se mais à vontade, mais seguros e mais capazes quando trabalham com outros nestes termos. Poderias considerar uma analogia em que João Silva acompanha a sua turma do jardim de infância até ao fim do ensino secundário. Numa situação reencarnacional, escolheria sempre regressar com associados. Outros, contudo, prefeririam saltar de escola em escola, aparecendo sozinhos, relativamente falando, com maior liberdade, maior desafio, mas sem a estrutura reconfortante de segurança escolhida pelos outros.

Em cada caso, o indivíduo é o juiz, não apenas de cada vida sucessiva, do seu tempo, ambiente e data histórica, mas também do seu carácter global e dos seus métodos de realização. Há, portanto, tantas maneiras diferentes de reencarnar quantos selves interiores — isto é, níveis interiores do Self enquanto centros organizadores da experiência —, e cada self interior escolherá os seus próprios métodos característicos.

Antes de mais, enquanto espécie, no contexto do uso normal, consideraste-vos separados do resto da natureza e da consciência.¹

A vossa sobrevivência enquanto espécie era a vossa principal preocupação. Consideráveis as outras espécies apenas à luz da utilidade que tinham para vós. Não tínheis qualquer verdadeira conceção da grande sacralidade de toda a consciência, nem da vossa relação dentro dela. Estáveis a perder o contacto com essa grande verdade.

Nas circunstâncias presentes, estais a levar essa ideia por diante — a sobrevivência da espécie independentemente das consequências, a ideia de alterar o ambiente para servir os vossos próprios propósitos; e isto levou-vos a desconsiderar verdades espirituais.

Na realidade física, portanto, estais a ver os resultados. Aqueles que regressam estão a fazê-lo por várias razões. Alguns são

¹ Esta passagem surgiu depois de Sue levantar a questão da sobrepopulação. Na conversa que antecedeu a intervenção de Seth, discutia-se como poderia haver mais seres humanos se determinado número de entidades estivesse implicado na criação do mundo físico. Seth retoma a questão deslocando-a para um plano mais amplo: a relação da espécie humana com a natureza, com as outras espécies e com a sacralidade de toda a consciência.

novamente atraídos para a vida física por causa destas atitudes. São aqueles que, no passado, nos vossos termos, lutaram pela existência física sem consideração pelos direitos de outras espécies. São impelidos a regressar pelos seus próprios desejos.

A espécie tem de aprender o valor do indivíduo. Está também a aprender a sua dependência em relação a outras espécies, e começa a compreender o seu papel dentro de toda a estrutura da realidade física.

Alguns indivíduos estão a renascer neste tempo simplesmente para vos ajudar a compreender. Estão a forçar a questão, e a forçar a crise, pois ainda tendes tempo para mudar os vossos caminhos. Estais a trabalhar em dois problemas principais, mas ambos envolvem a sacralidade do indivíduo e a sua relação com os outros e com toda a consciência fisicamente orientada.

O problema da guerra ensinar-vos-á, mais cedo ou mais tarde, que, quando matais outro ser humano, basicamente acabais por matar-vos a vós próprios. O problema da sobrepopulação ensinar-vos-á que, se não tiverdes uma preocupação amorosa pelo ambiente em que habitais, ele deixará de vos sustentar — não sereis dignos dele. Não destruireis o planeta. Não destruireis as aves nem as flores, nem os cereais nem os animais. Ao perderdes a vossa dignidade perante eles, deixareis de ser sustentados por esse campo vivo, e então serão essas próprias formas de vida a voltar-se contra vós.

Criastes o problema para vós próprios dentro da estrutura do vosso enquadramento de referência. Não compreendereis o vosso papel dentro da estrutura da natureza até vos verdes efetivamente em perigo de a dilacerar. Não destruireis a consciência. Não aniquilareis a consciência de uma única folha sequer; mas, no vosso contexto, se o problema não fosse resolvido, essas formas desapareceriam da vossa experiência.

A crise é, contudo, uma espécie de terapia. É um método de ensino que criastes para vós próprios porque precisais dele. E precisais dele agora, antes que a vossa espécie embarque em viagens para outras realidades físicas. Tendes de aprender agora as vossas lições no vosso próprio quintal antes de viajardes para outros mundos. Portanto, trouxeistes isto sobre vós próprios com esse propósito, e aprendereis.

Em cada vida, deves observar o ambiente exterior para compreenderes a tua condição interior. O exterior é reflexo do interior.

Deves compreender a natureza do teu self interior — isto é, a psique enquanto campo organizador da experiência, operando como nível interior do Self — e manifestá-la exteriormente. Quando isso acontece, as circunstâncias exteriores tendem a mudar para melhor, pois o self interior torna-se mais consciente da sua própria natureza e das suas capacidades. Teoricamente, então, em cada vida tornar-te-ias mais forte, mais saudável, mais rico e mais sábio; mas não é assim que o processo funciona, por muitas razões. Como mencionei anteriormente, muitas personalidades adotam diferentes

tipos de experiência, concentrando-se no desenvolvimento de certas áreas específicas e talvez ignorando outras ao longo de uma série de vidas.

Nenhuma consciência tem as mesmas experiências nem as interpreta da mesma maneira; por isso, cada indivíduo utiliza as oportunidades reencarnacionais à sua própria maneira. As mudanças de sexo, por exemplo, são necessárias. Alguns indivíduos alternam o sexo em cada vida sucessiva. Outros têm uma série de vidas femininas e depois uma série de vidas masculinas, ou vice-versa; mas todo o enquadramento reencarnacional tem de envolver ambas as experiências sexuais.

As capacidades não podem ser desenvolvidas seguindo uma linha de um só sexo. Tem de haver experiências de maternidade e paternidade. Quando chegares ao ponto em que percebes que estás a formar a tua existência quotidiana e a vida que conheces, então podes começar a alterar os teus próprios padrões mentais e psíquicos e, portanto, a mudar o teu ambiente diário.

Esta compreensão, contudo, deve caminhar lado a lado com um profundo conhecimento intuitivo das capacidades do self interior. Estes dois fatores, em conjunto, podem libertar-te de quaisquer dificuldades que tenham surgido em vidas passadas. Toda a estrutura da tua existência começará a mudar com estas compreensões, e desenvolver-se-á uma aceleração do crescimento espiritual e psíquico.

Há uma lógica interior nas tuas relações, atitudes e experiências atuais. Se, numa vida, por exemplo, odiaste as mulheres, é bem possível que sejas mulher na vida seguinte. Só dessa maneira serias capaz de te relacionar com a experiência da feminilidade e, então, enquanto mulher, enfrentar aquelas atitudes que tu próprio tiveste contra as mulheres no passado.

Se não tiveste qualquer compaixão pelos doentes, podes então nascer com uma doença grave, novamente escolhida por ti próprio, e encontrar-te perante aquelas atitudes que antes eram tuas. Contudo, uma existência desse tipo incluiria normalmente também outras questões. Nenhuma existência é escolhida por uma só razão; servirá também muitas outras experiências psicológicas.

Uma existência cronicamente doente, por exemplo, pode ser também uma medida de disciplina, permitindo-te usar capacidades mais profundas que ignoraste numa vida de boa saúde. Uma vida que pareça perfeitamente feliz à superfície pode ser esplêndida na aparência, mas também pode ser basicamente superficial e contribuir pouco para o desenvolvimento da personalidade.

A existência verdadeiramente feliz, contudo, é profundamente satisfatória e incluiria sabedoria espontânea e alegria espiritual. Por outras palavras, não estou a dizer que o sofrimento conduza necessariamente à realização espiritual, nem que toda a doença seja aceite ou escolhida com esse propósito, pois não é esse o caso.

A doença é muitas vezes resultado de ignorância e de hábitos mentais preguiçosos. Contudo, tal disciplina pode ser adotada por certas personalidades que precisam de tomar medidas fortes consigo próprias por causa de outras características. Há um padrão global nas relações dentro das vidas; e, no entanto, isto não significa que viagens através de várias existências com o mesmo número limitado e familiar de amigos e conhecidos, apenas alterados como atores com mudança de rosto ou de figurino.

Grupos de indivíduos juntam-se em várias vidas para determinados propósitos, depois separam-se, e podem ou não voltar a juntar-se noutro tempo ou lugar. Mais uma vez, contudo, não há regra rígida. Algumas famílias são literalmente reencarnações dos seus antepassados, mas isto não é, de modo algum, o caso geral. As relações profundas continuarão de uma forma ou de outra. Outras simplesmente desaparecerão.

O ponto que quero salientar é que a oportunidade de desenvolvimento e conhecimento está tão presente neste momento, nesta vida, como alguma vez estará. Se ignoras agora as oportunidades quotidianas de desenvolvimento, ninguém poderá obrigar-te a aceitar e utilizar capacidades maiores depois da morte, ou entre vidas. Os professores existem na experiência depois da morte, mas também existem professores aqui, na tua existência física atual.

Algumas famílias juntam-se numa vida particular não por causa de uma grande atração ou amor numa existência passada, mas pela razão oposta. As famílias podem ser compostas, então, por

indivíduos que não gostavam uns dos outros no passado e que se juntam numa relação próxima onde devem trabalhar em conjunto para um objetivo comum, aprender a compreender-se melhor e trabalhar problemas num tipo diferente de contexto.

Em conjunto, cada geração tem o seu próprio propósito: aperfeiçoar o conhecimento interior e materializá-lo exteriormente no mundo da forma mais fiel possível. A cena física em mudança ao longo dos séculos, tal como os conheceis, representa as imagens interiores que cintilaram pelas mentes dos indivíduos que viveram no mundo através das várias eras.

Não é necessário que aprendas sobre as tuas próprias vidas passadas, embora possa ser útil compreenderes que escolheste as circunstâncias do teu nascimento desta vez.

Se examinares agora a tua própria vida com cuidado, os desafios que estabeleceste para ti tornar-se-ão evidentes. Isto não é fácil de fazer, mas está ao alcance de cada indivíduo. Se te libertares do ódio, então libertas-te automaticamente de quaisquer relações futuras desse tipo — ou de quaisquer experiências baseadas no ódio.

Conhecer o teu passado reencarnacional, mas não conhecer a verdadeira natureza do teu self atual — isto é, da tua Personalidade de Foco presente —, é inútil. Não podes justificar nem racionalizar as circunstâncias presentes dizendo: “Isto acontece por causa de algo que fiz numa vida passada”, pois dentro de ti, agora, existe a capacidade de mudar influências negativas. Podes ter trazido

influências negativas para a tua vida por determinada razão, mas essa razão tem sempre a ver com compreensão, e a compreensão remove essas influências.

Não podes dizer: “Os pobres são pobres simplesmente porque escolheram a pobreza e, portanto, não há necessidade de os ajudar.” Esta atitude pode facilmente atrair pobreza para ti na próxima experiência.

Cada indivíduo não está no mesmo nível de realização, mesmo no fim do ciclo reencarnacional. Alguns possuem certas qualidades que não encontram equivalente dentro da experiência humana. A própria existência física tem um efeito diferente sobre vários indivíduos. Alguns consideram-na um excelente meio de expressão e desenvolvimento. Estão adaptados a ela. Têm talento para se exprimirem de formas físicas e para dar forma objetiva aos sentimentos interiores. Outros acham isso difícil, embora esses mesmos indivíduos possam sair-se muito melhor noutros níveis de realidade.

Há “Almas resistentes” que prosperam na realidade física e que podem ter dificuldades em aclimatar-se a outras áreas não físicas de atividade. Em todas estas áreas, contudo, os contextos espirituais ou emocionais profundos nunca são negados. Amigos muito próximos de vidas passadas, que estejam em posição de o fazer, comunicam muitas vezes contigo quando estás no estado de sonho, e as relações continuam, embora não te apercebas disso conscientemente.

A um nível inconsciente, estás ciente do nascimento, na vida física, de alguém que conheceste no passado. Os estranhos que encontras nos teus sonhos são muitas vezes, naturalmente, pessoas agora vivas — contemporâneos — que também conheceste em vidas passadas.

Há também relações passageiras, contactos feitos e depois abandonados. Um companheiro ou companheira de uma determinada vida, por exemplo, pode ou não representar alguém com quem tens um vínculo profundo e duradouro; e, mais uma vez, podes casar com alguém devido a sentimentos altamente ambíguos vindos de uma vida passada, escolhendo uma relação conjugal que não se baseia no amor, embora o amor possa emergir.

Os gémeos, incidentalmente, envolvem quase sempre relações psíquicas muito profundas e duradouras, de natureza forte e, por vezes, obsessiva. Falo agora de gémeos idênticos.

Os objetivos reencarnacionais também variam muito. Quero sublinhar que a reencarnação é uma ferramenta usada pelas personalidades. Cada uma a usa à sua maneira. Algumas apreciam existências femininas, enquanto outras têm maior afinidade por vidas masculinas. Embora ambas tenham de ser experienciadas, existe uma grande amplitude de escolha e atividade. Algumas personalidades terão dificuldades em determinadas linhas de desenvolvimento e desenvolver-se-ão com relativa facilidade noutras.

A predeterminação nunca está envolvida, pois o desafio e as circunstâncias são escolhidos. Alguns problemas podem ser adiados, por exemplo, durante várias existências. Algumas personalidades querem resolver os seus problemas mais fortes e deixá-los para trás, talvez através de uma série de existências bastante exigentes e de circunstâncias intensificadas.

Outras, de natureza mais serena, enfrentarão os seus problemas, um de cada vez. Também podem ser escolhidos períodos de repouso, e estes são altamente terapêuticos. Por exemplo, uma vida excelente e satisfatória, com um mínimo de problemas, pode ser escolhida quer como prelúdio para uma vida de desafio concentrado, quer como recompensa autoatribuída por uma vida anterior difícil. Contudo, aqueles que apreciam profundamente o meio físico, sem ficarem obcecados por ele, saem-se realmente muito bem. As “leis” da reencarnação são adaptadas pelas personalidades individuais de modo a servirem os seus próprios fins.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a reencarnação de uma sequência individual de vidas para uma rede dinâmica de relações. Seth mostra que as existências reencarnacionais não se organizam apenas em torno de aprendizagem pessoal isolada, mas também de vínculos, grupos, famílias, afinidades, conflitos, desafios coletivos, relações emocionais profundas e escolhas partilhadas.

A função central do capítulo é esta:

as relações reencarnacionais são campos de aprendizagem, atração, reorganização e libertação, através dos quais a personalidade trabalha padrões emocionais, desenvolve compreensão e participa em estruturas coletivas de experiência.

1. A reencarnação como campo relacional

O capítulo mostra que a reencarnação não deve ser entendida apenas como continuidade da personalidade através de várias vidas.

Ela é também continuidade, recombinação e transformação de relações.

personalidade → relações → padrões emocionais → escolhas reencarnacionais → novas configurações de experiência

As relações familiares, conjugais, grupais, sociais e coletivas funcionam como estruturas de aprendizagem. Algumas repetem vínculos antigos; outras são criadas para resolver tensões; outras ainda surgem como novas oportunidades de expansão.

2. Expansão da consciência através das vidas

Ao longo das existências reencarnacionais, a personalidade expande consciência, ideias, percepções e valores.

existências reencarnacionais → expansão da consciência → ampliação de ideias → transformação de valores → crescimento espiritual

Este desenvolvimento não é automático. O ritmo depende da própria personalidade, da sua flexibilidade psíquica e espiritual, e da disposição para abandonar dogmas limitadores.

Conceitos rígidos de bem e mal podem acompanhar a personalidade através de várias vidas, funcionando como trelas que a mantêm presa a círculos de ansiedade, culpa, dúvida e repetição.

3. Bem, mal e distorção perceptiva

Seth insiste que muitas ideias humanas de bem e mal são distorcidas e ensombram a compreensão da natureza da realidade.

conceitos rígidos de bem/mal → percepção distorcida → culpa sem causa adequada → repetição emocional → bloqueio reencarnacional

O problema não está apenas em acreditar no mal, mas em organizar a percepção em torno dele. O ódio ao mal cria novas formas de mal, porque concentra a consciência precisamente naquilo que pretende combater.

4. Culpa como realidade psíquica criada

Se a personalidade forma uma culpa na sua mente, essa culpa torna-se realidade para ela.

culpa formada → realidade psíquica → necessidade de trabalhar a culpa → libertação pela compreensão

Seth não nega que haja responsabilidade. O que rejeita é a culpa artificial, sem causa adequada, que prende a personalidade a padrões emocionais desnecessários.

A culpa só tem função quando conduz a compreensão. Quando apenas perpetua autopunição, torna-se obstáculo.

5. O ódio como vínculo reencarnacional

O ódio é apresentado como uma força altamente vinculativa.

ódio → concentração emocional → atração de experiências semelhantes → vínculo entre vidas → repetição até à compreensão

Se odeias alguém, esse ódio pode ligar-te a essa pessoa através de tantas vidas quantas permitires que ele te consuma.

O ódio cria continuidade relacional, mas uma continuidade distorcida. Não une por amor ou afinidade criativa, mas por fixação emocional.

6. Oferecer a outra face

Seth reinterpreta a expressão “oferecer a outra face”.

O gesto só é libertador quando nasce da compreensão de que o agressor, em termos profundos, se agride a si próprio.

agressão → compreensão profunda → ausência de ressentimento
→ liberdade interior → resposta adequada

Se a outra face é oferecida com ressentimento ou superioridade pseudomoral, a reação não é adequada. O gesto exterior não basta; a estrutura interior da resposta é decisiva.

7. A próxima vida começa agora

Seth rejeita a ideia de adiar a compreensão para depois da morte.

pensamentos atuais → sentimentos atuais → tecido da próxima existência → continuidade reencarnacional

A próxima vida não começa depois da morte; começa no modo como a personalidade organiza pensamentos, emoções, hábitos e atitudes agora.

Não há palavras mágicas que tornem alguém sábio depois da morte. As oportunidades de compreensão estão presentes na experiência quotidiana.

8. Pensamentos e sentimentos como indicadores da próxima vida

Examinar os pensamentos durante alguns minutos, em vários momentos do dia, permite perceber o tipo de vida que já está a ser organizado para a próxima existência.

observação dos pensamentos → reconhecimento de padrões → percepção da vida em formação → possibilidade de mudança

Se a personalidade não gosta daquilo que encontra, pode começar a mudar a natureza dos pensamentos e sentimentos.

Isto reforça o princípio estrutural de Seth:

atenção → crença → emoção → experiência → continuidade reencarnacional

9. Famílias como gestalts psíquicas

As famílias devem ser entendidas como gestalts de atividade psíquica: configurações integradas que possuem uma identidade subjetiva própria.

indivíduos → vínculos emocionais → propósitos subconscientes → gestalt familiar → experiência física partilhada

A família não é apenas uma soma de membros. É um campo psíquico organizado, com propósitos subconscientes que podem não ser reconhecidos por nenhum membro individual.

10. Propósitos subconscientes familiares

Os membros de uma família podem perseguir objetivos comuns sem consciência disso.

planeamento entre vidas → desafio comum → atribuição de papéis → nascimento em família → trabalho relacional

Muitas vezes, quatro ou cinco indivíduos estabelecem determinado desafio entre existências físicas e atribuem papéis diferentes a cada membro. Depois, numa vida física, esses papéis são trabalhados.

11. Famílias reencarnacionais fechadas

Seth alerta que podem existir “famílias” reencarnacionais demasiado fechadas sobre si mesmas.

vínculos emocionais antigos → repetição de relações → fechamento grupal → limitação de novas experiências

Por isso, novas relações são sempre encorajadas. A continuidade afetiva é importante, mas não deve transformar-se em circuito fechado.

O desenvolvimento exige continuidade e abertura.

12. Organizações físicas como manifestações de agrupamentos interiores

Algumas organizações físicas são manifestações de agrupamentos interiores.

agrupamento interior → afinidade psíquica → organização física
→ trabalho coletivo

Isto aplica-se a famílias, grupos religiosos, grupos militares, grupos de caça, comunidades, cidades e outras estruturas coletivas.

O grupo físico pode ser apenas a expressão exterior de uma configuração psíquica anterior.

13. Amor e liberdade

Seth afirma que o amor envolve sempre liberdade.

amor verdadeiro → liberdade → expansão → compreensão

Se alguém diz amar e, ao mesmo tempo, nega liberdade, cria-se um emaranhado emocional. A pessoa amada pode sentir ódio, mas não se sentir justificada nesse sentimento por causa da linguagem do amor usada pelo outro.

amor declarado + negação de liberdade → conflito emocional
→ culpa → envolvimento reencarnacional

Tais emaranhados podem continuar através de várias vidas até serem compreendidos.

14. Odiar o ódio

Seth deixa claro que nada se ganha em odiar o ódio.

ódio ao ódio → mesma armadilha → concentração no odiado → reforço do padrão

A saída não está em odiar o mal, a guerra, a doença ou o ódio. Está em expandir amor, saúde, existência, vitalidade, compaixão e criatividade.

15. O mal transmutado em criatividade

O capítulo apresenta uma das chaves centrais de Seth: elementos percebidos como destrutivos podem ser transmutados em criatividade.

experiência difícil → compreensão → transmutação → criatividade → crescimento

Isto não significa justificar sofrimento ou violência. Significa que a consciência e a existência continuam, absorvendo e reorganizando elementos que, a partir de uma perspectiva limitada, parecem apenas destrutivos.

16. O que se ama torna-se parte da experiência

Aquilo que amas fará parte da tua experiência nesta vida e noutras.

amor → concentração → atração → experiência → continuidade reencarnacional

Da mesma forma, aquilo que odeias também pode ser atraído. A diferença é que o amor expande, enquanto o ódio restringe.

ódio → estreitamento da percepção → repetição do odiado

17. A vida não é imposta

Nenhuma experiência de vida específica é imposta à personalidade.

emoções + **crenças** → formação fiel da experiência → vida escolhida/organizada

A existência física é formada de acordo com emoções e crenças. Isto não deve ser usado para culpar, mas para devolver responsabilidade criativa à personalidade.

Seth recusa tanto o vitimismo absoluto como o julgamento moralista.

18. Pobreza e responsabilidade

Seth adverte contra a interpretação simplista: “Os pobres são pobres porque escolheram a pobreza, logo não precisam de ajuda.”

interpretação rígida da escolha → ausência de compaixão → atitude de separação → possível atração futura da pobreza

A compreensão reencarnacional não serve para justificar indiferença. Pelo contrário, deve aumentar compaixão, responsabilidade e compreensão das condições humanas.

19. Guerra, paz e concentração coletiva

Uma geração que odeia a guerra não trará paz. Uma geração que ama a paz trará paz.

ódio à guerra → concentração na guerra → perpetuação do padrão

amor pela paz → concentração na paz → criação de paz

Seth desloca o foco da oposição reativa para a criação ativa. A paz não nasce do ódio à guerra, mas da concentração amorosa na paz.

20. Morrer com ódio

Morrer com ódio por qualquer causa, povo ou razão é uma grande desvantagem.

morte com ódio → continuidade do padrão → trabalho futuro com a mesma atitude

As atitudes presentes acompanham a personalidade. Na próxima vida, ela trabalhará com aquilo que agora abriga.

Por outro lado, centelhas de verdade, intuição, amor, alegria, criatividade e realização continuarão a trabalhar a favor da personalidade.

21. A tempestade como exemplo de interpretação

Seth usa a tempestade para mostrar que a interpretação muda a experiência.

tempestade → mudança de forma → energia criativa → interpretação variável

Uma pessoa sente nela o ciclo interminável da criatividade; outra personifica-a como obra do diabo.

A tempestade não é destrutiva em si. A mudança de forma não aniquila consciência.

22. O ódio como verdadeiro destruidor

O homem que odeia acredita sempre que está justificado.

ódio → sensação de justiça → prejulgamento da realidade → destruição percetiva

Ele nunca odeia aquilo que considera bom. Por isso, o ódio parece-lhe moralmente legítimo. Mas Seth afirma que apenas o próprio ódio é o destruidor.

23. Encontros marcados antes do nascimento

Cada personalidade marcou encontros de que se esqueceu.

planeamento antes do nascimento → encontros escolhidos → amizades atuais → vínculos anteriores

Muitos amigos atuais estiveram próximos da personalidade muito antes desta vida. Contudo, isto não significa repetição mecânica. Cada encontro é novo à sua maneira.

24. Relações não são repetição enfadonha

Seth evita a imagem de um disco tocado vezes sem conta.

vínculo antigo → novo contexto → nova experiência → nova possibilidade

Mesmo quando pessoas se reencontram, o encontro não é igual. Há novas condições, novos papéis, novas escolhas e novas oportunidades de desenvolvimento.

25. Cidades e aldeias como agrupamentos reencarnacionais

Cidades e aldeias podem ser compostas por antigos habitantes de outras cidades e aldeias, transpostos com novas experiências e antecedentes.

aldeia antiga → grupo reencarnacional → nova cidade → novas experiências → experimento coletivo

Um grupo pode tentar diferentes experiências em diferentes contextos históricos e geográficos.

Isto amplia a noção de relações reencarnacionais para além da família e da amizade individual.

26. Sonho-raiz e comunicação de grupo

Seth introduz a ideia de um sonho de tipo gestalt, um sonho-raiz, através do qual aqueles que se conheceram em vidas passadas comunicam agora.

grupo reencarnacional → sonho-raiz → informação coletiva geral → uso individual da informação

O sonho-raiz funciona como estrutura psíquica coletiva. Nele, informação de massa é disponibilizada, e cada indivíduo a utiliza conforme desejar.

27. Planos globais de desenvolvimento

Nos sonhos-raiz, podem ser feitos planos globais de desenvolvimento.

grupo → comunicação onírica → decisão de destino coletivo → experiência física partilhada

Seth dá o exemplo de membros de uma cidade que decidem o seu destino enquanto grupo.

O estado de sonho volta a aparecer como campo operativo da reencarnação, não como atividade aleatória.

28. Reencarnação em grupo ou em isolamento

Alguns indivíduos escolhem renascer com antigos contemporâneos. Outros preferem regressar em posições mais isoladas.

reencarnação em grupo → segurança → continuidade → trabalho cooperativo

reencarnação isolada → liberdade → maior desafio → menor estrutura de segurança

Nenhuma das vias é superior em absoluto. Trata-se de inclinação psicológica e método escolhido pelo self interior.

29. O indivíduo como juiz da própria vida

Cada indivíduo é juiz da vida seguinte: tempo, ambiente, data histórica, carácter global e métodos de realização.

self interior → escolha de vida → tempo → ambiente → carácter → métodos de desenvolvimento

Há tantas maneiras de reencarnar quantos selves interiores. Cada self interior escolhe métodos característicos.

30. Sobrepopulação como crise terapêutica

A questão da sobrepopulação leva Seth a discutir a relação da espécie humana com a natureza e com as outras espécies.

espécie humana → separação da natureza → prioridade à sobrevivência da espécie → alteração do ambiente → crise ecológica

A crise não é castigo exterior. É uma terapia coletiva criada pela própria espécie para aprender uma verdade esquecida: a sacralidade de toda a consciência.

31. Sacralidade de toda a consciência

A humanidade perdeu o contacto com a grande sacralidade de toda a consciência.

consciência humana → outras espécies → natureza → campo vivo interdependente

Outras espécies não existem apenas pela utilidade que têm para o ser humano. A espécie humana precisa de reconhecer a sua relação dentro da totalidade da consciência fisicamente orientada.

32. Guerra e sobrepopulação como dois desafios principais

Seth identifica dois problemas principais: guerra e sobrepopulação.

guerra → valor do indivíduo → matar outro é matar-se a si próprio

sobrepopulação → relação com o ambiente → dependência de outras espécies → dignidade perante o campo vivo

Ambos envolvem a sacralidade do indivíduo e a relação do indivíduo com os outros e com toda a consciência fisicamente orientada.

33. A espécie e o ambiente

Se a humanidade não tiver uma preocupação amorosa pelo ambiente em que habita, este deixará de a sustentar.

desrespeito pelo ambiente → perda de relação digna → quebra de sustentação → crise da espécie

Seth afirma que a humanidade não destruirá o planeta, nem a consciência das aves, flores, cereais ou animais. O que poderá acontecer é essas formas desaparecerem da experiência humana.

A espécie não destrói a consciência; perde acesso a determinadas formas de relação com ela.

34. A crise como método de ensino

A crise ecológica e coletiva é uma espécie de terapia.

crise → método de ensino → urgência → mudança possível → aprendizagem

A humanidade criou esta situação porque precisa dela agora, antes de viajar para outras realidades físicas.

Antes de ir para outros mundos, a espécie tem de aprender as suas lições no próprio quintal.

35. Ambiente exterior como reflexo do interior

Na sessão seguinte, Seth retoma a lógica individual: em cada vida, o ambiente exterior permite aprender a condição interior.

ambiente exterior → reflexo do interior → observação → autoconhecimento → mudança

O exterior não deve ser visto como cenário neutro ou imposto. Ele reflete padrões interiores da personalidade.

36. Self interior e manifestação exterior

A personalidade deve compreender a natureza do self interior e manifestá-la exteriormente.

self interior → conhecimento intuitivo → manifestação exterior → transformação das circunstâncias

Quando o self interior se torna mais consciente da sua própria natureza e capacidades, as circunstâncias exteriores tendem a mudar.

37. Desenvolvimento não linear

Teoricamente, cada vida tornaria a personalidade mais forte, saudável, rica e sábia. Mas o processo não funciona de modo linear.

vida após vida → não progressão automática → áreas específicas de desenvolvimento → outras áreas temporariamente ignoradas

Muitas personalidades escolhem concentrar-se em certas áreas durante uma série de vidas, ignorando outras.

38. Mudanças de sexo

As mudanças de sexo são necessárias dentro do enquadramento reencarnacional.

vidas femininas → experiências de maternidade/feminilidade

vidas masculinas → experiências de paternidade/masculinidade

ambas → desenvolvimento mais amplo das capacidades

As capacidades não podem desenvolver-se seguindo uma linha de um só sexo. O enquadramento reencarnacional deve incluir ambas as experiências sexuais.

39. Lógica interior das relações atuais

As relações, atitudes e experiências atuais possuem uma lógica interior.

atitudes passadas → escolha reencarnacional → experiência inversa/complementar → compreensão

Se alguém odiou mulheres, pode escolher uma vida como mulher. Se não teve compaixão pelos doentes, pode nascer com uma doença grave. O objetivo não é castigo, mas compreensão.

40. Doença, disciplina e compreensão

Seth distingue doença escolhida como disciplina de doença resultante de ignorância ou hábitos mentais preguiçosos.

doença como disciplina → uso de capacidades profundas → aprendizagem específica

doença como ignorância → hábitos mentais preguiçosos → distorção da experiência

Nem toda a doença é escolhida para fins espirituais. E o sofrimento não conduz necessariamente à realização espiritual.

41. Vida feliz superficial e vida verdadeiramente feliz

Uma vida aparentemente perfeita pode ser superficial e pouco contribuir para o desenvolvimento da personalidade.

vida feliz à superfície → aparência esplêndida → possível superficialidade

A existência verdadeiramente feliz, porém, é profundamente satisfatória e inclui sabedoria espontânea e alegria espiritual.

felicidade verdadeira → satisfação profunda → sabedoria espontânea → alegria espiritual

42. Professores agora e depois da morte

A oportunidade de desenvolvimento está tão presente nesta vida como estará depois da morte.

vida atual → oportunidades quotidianas → professores presentes

pós-morte → professores disponíveis → continuidade da aprendizagem

Ninguém poderá obrigar a personalidade a aceitar capacidades maiores depois da morte se ela ignora as oportunidades atuais.

43. Famílias formadas por antigos conflitos

Algumas famílias juntam-se não por amor antigo, mas por conflito antigo.

antipatia passada → relação familiar próxima → objetivo comum → compreensão mútua → resolução em novo contexto

A família pode reunir indivíduos que antes não gostavam uns dos outros, para que trabalhem juntos, compreendam-se melhor e reorganizem padrões emocionais antigos.

44. Propósito de cada geração

Cada geração tem o seu próprio propósito: aperfeiçoar o conhecimento interior e materializá-lo exteriormente no mundo.

conhecimento interior → imagens interiores → materialização coletiva → cena física da época

A cena física em mudança ao longo dos séculos representa imagens interiores que passaram pelas mentes dos indivíduos que viveram em cada era.

45. Vidas passadas: úteis, mas não necessárias

Seth afirma que não é necessário aprender sobre as próprias vidas passadas.

vidas passadas → informação possível → útil em certos casos

vida presente → campo principal de compreensão → capacidade atual de mudança

Conhecer o passado reencarnacional sem conhecer o self atual é inútil.

A chave está em compreender a Personalidade de Foco presente, porque é nela que a mudança pode ocorrer agora.

46. Não usar reencarnação como desculpa

Não se deve justificar circunstâncias presentes dizendo: "Isto acontece por causa de algo que fiz numa vida passada."

explicação rígida pelo passado → racionalização → imobilização

compreensão presente → mudança de influências negativas → libertação

Mesmo que certas influências tenham sido trazidas por uma razão, essa razão tem sempre a ver com compreensão. E a compreensão remove as influências.

47. Almas resistentes e meio físico

Há “Almas resistentes” que prosperam na realidade física.

Almas resistentes → afinidade com o meio físico → expressão física eficaz → possível dificuldade em áreas não físicas

Outras personalidades têm dificuldade em objetivar sentimentos interiores, mas podem sair-se melhor noutros níveis de realidade.

A existência física não afeta todos da mesma maneira.

48. Relações continuadas no sonho

Amigos próximos de vidas passadas podem comunicar no estado de sonho.

vínculo profundo → comunicação onírica → continuidade relacional → ausência de memória consciente

A personalidade pode estar inconscientemente ciente do nascimento físico de alguém conhecido no passado.

Os estranhos encontrados nos sonhos podem ser contemporâneos vivos que também foram conhecidos noutras vidas.

49. Relações passageiras e vínculos profundos

Nem todas as relações são profundas ou permanentes.

contacto passageiro → relação breve → desaparecimento

vínculo profundo → continuidade → reencontro em diferentes formas

Um companheiro de determinada vida pode ou não representar um vínculo duradouro. Algumas relações conjugais podem nascer de sentimentos ambíguos vindos de vidas passadas, embora o amor possa emergir.

50. Gémeos idênticos

Os gémeos idênticos envolvem quase sempre relações psíquicas muito profundas e duradouras.

gémeos idênticos → vínculo psíquico profundo → ligação forte → por vezes obsessiva

Seth distingue aqui explicitamente os gémeos idênticos, não os gémeos em geral.

51. Reencarnação como ferramenta

Seth sublinha que a reencarnação é uma ferramenta usada pelas personalidades.

personalidade → usa a reencarnação → escolhe desafios → adapta métodos → desenvolve-se à sua maneira

Não há uma única forma correta de reencarnar. Cada personalidade usa o sistema segundo as suas necessidades, capacidades, dificuldades e preferências.

52. Predeterminação nunca está envolvida

A predeterminação nunca está envolvida, porque desafios e circunstâncias são escolhidos.

escolha → desafio → circunstâncias → experiência → desenvolvimento

Alguns problemas podem ser adiados durante várias existências. Outros são enfrentados de forma concentrada, através de vidas exigentes e circunstâncias intensificadas.

53. Ritmos diferentes de resolução

Algumas personalidades querem resolver os seus problemas mais fortes rapidamente. Outras enfrentam-nos um de cada vez.

resolução intensiva → existências exigentes → circunstâncias intensificadas

resolução gradual → problemas um de cada vez → ritmo sereno

Ambas as vias são legítimas. A diferença está no método escolhido pela personalidade.

54. Períodos de repouso

Podem ser escolhidos períodos de repouso altamente terapêuticos.

vida difícil → vida satisfatória com poucos problemas → recompensa autoatribuída / recuperação

vida de repouso → prelúdio para desafio concentrado

Uma vida excelente e satisfatória pode servir como pausa, integração ou preparação.

55. Apreciação saudável do meio físico

Aqueles que apreciam profundamente o meio físico, sem ficarem obcecados por ele, saem-se muito bem.

apreciação do meio físico → expressão saudável → desenvolvimento eficaz

obsessão pelo meio físico → fixação → limitação

Seth não rejeita a realidade física. Pelo contrário, reconhece que algumas personalidades prosperam nela quando a vivem com liberdade e criatividade.

56. As “leis” da reencarnação são adaptáveis

As “leis” da reencarnação são adaptadas pelas personalidades individuais de modo a servirem os seus próprios fins.

leis reencarnacionais → não rigidez externa → adaptação individual → método próprio de desenvolvimento

Isto sintetiza o capítulo: a reencarnação não é sistema mecânico, punitivo ou uniforme. É uma estrutura flexível de aprendizagem usada criativamente pelas personalidades.

Estrutura Operativa do Capítulo

crenças atuais → atitudes emocionais → relações atraídas → vínculos reencarnacionais → novas experiências

ódio → fixação → repetição → vínculo destrutivo → libertação pela compreensão

amor → liberdade → expansão → relações criativas → desenvolvimento

família → gestalt psíquica → propósitos subconscientes → papéis escolhidos → trabalho comum

grupo → sonho-raiz → informação coletiva → planos de desenvolvimento → destino partilhado

espécie humana → separação da natureza → crise ecológica/social → terapia coletiva → aprendizagem da sacralidade da consciência

self interior → escolha de circunstâncias → desafios → ambiente exterior → autoconhecimento

reencarnação → ferramenta flexível → métodos individuais → ritmos diferentes → desenvolvimento não linear

Núcleo Operativo

O Capítulo 12 mostra que a reencarnação é inseparável das relações. As vidas não se sucedem como episódios isolados, mas como redes de aprendizagem onde indivíduos, famílias, grupos, cidades, gerações e até espécies trabalham padrões emocionais, desafios e propósitos.

O ódio surge como vínculo destrutivo que prende a personalidade a pessoas, condições e experiências através das vidas. O amor, a liberdade, a compaixão e a criatividade são apresentados como forças libertadoras, capazes de dissolver conceitos distorcidos de mal e reorganizar a experiência.

As famílias são descritas como gestalts psíquicas com propósitos subconscientes; grupos inteiros podem regressar juntos; cidades e aldeias podem funcionar como agrupamentos reencarnacionais; sonhos-raiz permitem comunicação e planejamento coletivo entre indivíduos ligados por vidas passadas.

O capítulo também expande a reencarnação para o nível coletivo e ecológico: guerra e sobrepopulação são crises terapêuticas criadas pela espécie para aprender o valor do indivíduo, a sacralidade de toda a consciência e a interdependência com as outras espécies.

Por fim, Seth reforça que a reencarnação não é predeterminada nem mecânica. É uma ferramenta usada pelas personalidades, cada uma à sua maneira. Há vidas intensivas, vidas de repouso, mudanças de sexo, famílias formadas por amor ou por conflito, relações profundas e relações passageiras. O essencial é compreender que a oportunidade de desenvolvimento está presente

agora, nesta vida, e que o ambiente exterior reflete a condição interior.

Formulação final

As relações reencarnacionais são campos vivos de aprendizagem onde amor, ódio, afinidade, conflito, família, grupo e espécie se reorganizam através das vidas. A reencarnação não é uma lei mecânica, mas uma ferramenta flexível usada pelas personalidades para compreender, libertar, transformar e materializar exteriormente o conhecimento interior.

CAPÍTULO 13

Reencarnação, Sonhos e o Masculino e Feminino Ocultos dentro do Self

Como mencionei anteriormente, cada pessoa vive vidas masculinas e femininas. Regra geral, a memória consciente dessas vidas não é retida. Para impedir uma sobreidentificação do indivíduo com o seu sexo presente, dentro do homem reside uma personificação interior da feminilidade. Esta personificação da feminilidade no homem é o verdadeiro significado daquilo a que Jung chamou a “anima”.

A anima no homem é, portanto, a memória psíquica e a identificação com todas as existências femininas anteriores nas quais o self interior esteve envolvido. Contém em si o conhecimento das histórias femininas passadas do homem presente, bem como a compreensão intuitiva de todas as qualidades femininas de que a personalidade está inatamente dotada.

A anima, portanto, é uma salvaguarda importante, impedindo o homem de se sobreidentificar com quaisquer características masculinas culturais que lhe tenham sido impostas pelo seu contexto presente, pelo ambiente e pela educação. A anima serve não apenas como influência pessoal, mas também como influência civilizadora coletiva, suavizando tendências fortemente agressivas

e funcionando ainda como ponte, tanto na comunicação com as mulheres no contexto familiar como na comunicação aplicada através das artes e da verbalização.

O homem sonhará muitas vezes consigo próprio, portanto, como mulher. A forma particular como o faz pode dizer-lhe muito acerca do seu próprio fundo reencarnacional no qual operou como mulher. Masculinidade e feminilidade não são, obviamente, opostos, mas tendências que se fundem. A sacerdotisa, a mãe, a jovem bruxa, a esposa e a velha sábia — estes tipos gerais são arquétipos, simplesmente porque são “elementos de raiz” que representam, simbolicamente, os vários tipos das chamadas qualidades femininas e os vários tipos de vidas femininas que foram vividas por homens.

Foram também vividas por mulheres, naturalmente. Contudo, as mulheres não precisam de ser lembradas da sua feminilidade; mas, novamente, para que não se sobreidentifiquem com o seu sexo presente, existe aquilo a que Jung chamou o “animus”, ou o masculino oculto dentro da mulher.

Mais uma vez, contudo, isto representa as vidas masculinas nas quais o self interior esteve envolvido — o rapaz jovem, o sacerdote, o “homem da selva” agressivo e o velho sábio. Estes são tipos que representam, de modo geral e simbólico, vidas masculinas passadas vividas por mulheres presentes.

As mulheres, portanto, podem aprender muito acerca do seu passado reencarnacional enquanto homens, através do estudo dos

sonhos em que estes tipos aparecem, ou nos quais elas próprias aparecem como homens.

Através da anima e do animus, assim chamados, as personalidades presentes conseguem recorrer ao conhecimento, às intuições e ao fundo experiencial derivados de existências passadas como o sexo oposto. Em certas ocasiões, por exemplo, a mulher pode exceder-se e exagerar características femininas; nesse caso, o animus, ou masculino interior, vem em seu auxílio, trazendo através de experiências de sonho uma torrente de conhecimento que resultará em reações compensatórias de tipo masculino.

O mesmo se aplica ao homem quando, por qualquer razão, se sobreidentifica com aquilo que acredita serem características masculinas. A anima, ou mulher interior, despertá-lo-á para ações compensatórias, provocando uma intensificação das capacidades intuitivas e trazendo um elemento criativo para contrabalançar a agressividade.

Idealmente, se deixadas entregues ao seu funcionamento natural, estas operações resultariam num equilíbrio individual e coletivo, no qual a agressividade seria sempre usada criativamente, como de facto pode e deve ser.

O animus e a anima são, naturalmente, altamente carregados psiquicamente, mas a origem dessa carga psíquica e da fascinação interior resulta de uma identificação interior perfeitamente legítima com essas características personificadas do sexo oposto.

Contudo, eles não possuem apenas uma realidade na psique; estão também incorporados em dados geneticamente codificados pelo self interior — uma memória genética de acontecimentos psíquicos passados —, transposta para a memória genética das próprias células que compõem o corpo.

Cada self interior, ao adotar um novo corpo, impõe-lhe, bem como a toda a sua constituição genética, a memória das formas físicas passadas nas quais esteve envolvido. As características presentes costumam sobrepor-se às passadas. São dominantes, mas as outras características permanecem latentes e presentes, incorporadas no padrão. O padrão físico do corpo presente, portanto, é uma memória genética das formas físicas passadas do self interior, bem como das suas forças e fraquezas.

Tentarei explicar isto da forma mais simples possível. Existem atualmente camadas invisíveis dentro do corpo, sendo que a camada superior que vês representa, naturalmente, a forma física presente. Mas, entrelaçadas nela, existem aquilo que equivaleria a camadas invisíveis, camadas “sombra”, latentes, que representam imagens físicas anteriores que pertenceram à personalidade.

Elas são mantidas em suspenso, por assim dizer. Estão ligadas eletromagneticamente à estrutura atômica do corpo presente. Segundo a vossa maneira de pensar, estariam desfocadas. Contudo, fazem parte da tua herança psíquica. Muitas vezes, podes invocar uma força passada de um corpo anterior para ajudar a compensar uma fraqueza presente. O corpo, portanto, não transporta apenas a memória biológica da sua própria condição

passada nesta vida; traz também consigo, de forma indelével, até fisicamente, as memórias dos outros corpos que a personalidade formou em reencarnações anteriores.

A alma e o animus estão intimamente ligados a estas imagens corporais interiores. Estas imagens corporais são altamente carregadas psiquicamente e também aparecem no estado de sonho. Operam como compensações e lembretes para impedir que te sobreidentifiques com o teu corpo físico presente.

São, naturalmente, tanto masculinas como femininas. Quando estás doente, no estado de sonho tens muitas vezes experiências em que pareces ser outra pessoa com um corpo inteiramente saudável. Muitas vezes, esse sonho é terapêutico. Um corpo reencarnacional “mais antigo” veio em teu auxílio, e dele retiras força através da memória da sua saúde.

As experiências reencarnacionais fazem parte da estrutura do Self, enquanto facetas da realidade multidimensional da psique viva. Essas experiências refletir-se-ão, portanto, não apenas no estado de sonho, mas também noutras camadas de atividade.

O tecido da Personalidade de Foco atual está entretecido com esses “passados” reencarnacionais, e deles ela retira inconscientemente, a partir do seu próprio reservatório de características, atividades e percepções interiores. Muitas vezes, memórias de vidas passadas vêm à superfície, mas não são reconhecidas como tais, pois aparecem sob forma de fantasia ou são projetadas em criações artísticas.

Muitos escritores de peças históricas, por exemplo, escrevem a partir de uma experiência direta desses tempos. Casos desse tipo representam uma excelente relação funcional entre a Personalidade de Foco atual e o inconsciente, que traz essas memórias à superfície de tal modo que a vida presente é enriquecida. Na maioria das vezes, uma verdadeira consciência da situação torna-se quase consciente e, logo abaixo do limiar da consciência, o indivíduo conhece a fonte do seu material autêntico.

Nos sonhos, este material reencarnacional é igualmente moldado, com muita frequência, numa forma dramática. Abaixo de tudo isto, a anima e o animus trabalham em conjunto, mais uma vez não como opostos, mas como características que se fundem. Juntos, naturalmente, representam a fonte da criatividade, tanto psíquica como fisicamente.

A anima representa a “interioridade” inicial necessária, as características meditativas, cuidadoras, intuitivas, voltadas para dentro — o foco interior de onde a criatividade emerge.

A palavra “passiva” é pobre para descrever as características da anima, pois sugere ausência de movimento, e esse não é de modo algum o caso. É verdade que a anima se permite ser atuada por outras forças, mas o motivo por detrás disso é o desejo e a necessidade de se sintonizar com forças supremamente poderosas. O desejo de ser levada por elas, portanto, é tão forte na anima como o desejo oposto de repouso.

As características do animus fornecem o impulso agressivo que devolve a personalidade para fora, para as atividades físicas, expressando triunfalmente os conteúdos criativos que as características da anima asseguraram.

O Self inteiro é, obviamente, a soma destas características, e mais ainda. Depois da encarnação final, o tipo físico e sexual de criatividade simplesmente já não é necessário. Por outras palavras, já não precisas de te reproduzir fisicamente. Em termos simples, o Self inteiro contém características masculinas e femininas, finamente integradas entre si, fundidas de tal modo que a verdadeira identidade pode então emergir — pois ela não pode emergir quando um grupo de características tem de ser enfatizado em detrimento do outro, como tem de acontecer durante a vossa existência física presente.

Há muitas razões pelas quais a separação foi adotada dentro da vossa dimensão. Essas razões têm que ver com a forma particular como a humanidade escolheu evoluir e usar as suas capacidades; e terei mais a dizer sobre esta questão, mas ela não pertence a este capítulo.

A projeção da anima do homem, ou self feminino interior, sobre as suas relações é bastante natural, e permite-lhe não só compreendê-las melhor, mas também relacionar-se com as suas próprias outras existências femininas. O mesmo se aplica à projeção do animus da mulher sobre familiares e amigos masculinos. A realidade da anima e do animus é, portanto, muito mais profunda do que Jung supôs. Simbolicamente falando, os dois juntos

representam o Self inteiro, com as suas capacidades, desejos e características diversas.

Juntos, atuam como um fator estabilizador inconsciente e incorporado, operando por detrás das faces da vossa civilização, não apenas individualmente, mas também coletivamente.

A personalidade, tal como a conheceis, não pode ser compreendida a menos que o verdadeiro significado da anima e do animus seja tido em consideração. O padrão reencarnacional é, de modo geral, aberto, no sentido em que, dentro dele, há espaço para diversidade. Cada Self inteiro possui as suas próprias características individuais. Pode viver as suas vidas como entender, dentro das linhas orientadoras. Pode haver uma série ininterrupta de existências masculinas ou femininas. Tal escolha apresenta algumas desvantagens.

Contudo, não há regras que ditem o desenvolvimento sexual nas várias encarnações, exceto que a experiência com ambos os sexos tem de ser assumida e as várias características desenvolvidas. Isto não significa que tenha de ser vivido um número igual de vidas masculinas e femininas. Alguns, por exemplo, acham muito mais fácil desenvolver-se como um sexo ou o outro, e precisarão de mais oportunidades de experiência assumindo o sexo com o qual sentem dificuldade.

O animus e a anima tornam-se ainda mais importantes nestes casos, quando é escolhida uma série de vidas de um só sexo. O padrão original do animus e da anima vem do Self inteiro antes das

reencarnações. O animus e a anima nascem no indivíduo com a primeira vida física e servem como padrão interior, lembrando à personalidade a sua unidade básica. Esta é outra razão para a forte carga psíquica por detrás destes símbolos e para a qualidade divina que eles podem transmitir e projetar.

O homem anseia pela anima porque ela representa, para o inconsciente profundo, aquelas outras características do Self inteiro que, por um lado, permanecem latentes e que, por outro, lutam por libertação. A tensão entre ambas leva-o a temperar a agressividade com a criatividade, ou a usar a agressividade criativamente.

Existem profundas correlações entre estes símbolos e a luta em que a humanidade está envolvida. A vossa consciência, tal como a conheceis, o vosso tipo particular e presente de consciência, é uma afirmação de percepção consciente produzida por um tipo particular de tensão, por um tipo específico de foco que emerge do verdadeiro inconsciente do Self inteiro.

O verdadeiro inconsciente não é inconsciente. Pelo contrário, é tão profunda e inexprimivelmente consciente que transborda. A vida que conheces é simplesmente uma das muitas áreas em que ele é consciente. Em cada faceta da sua consciência, tem de ser mantido um poder e um equilíbrio literalmente imensos para sustentar esta experiência particular de consciência entre todas as outras.

A vossa realidade existe numa área particular de atividade em que as qualidades agressivas, as características de impulso para

fora, são supremamente necessárias para impedir uma recaída nas possibilidades infinitas das quais emergistes apenas recentemente. Contudo, é desse leito inconsciente de possibilidades que retirais a vossa força, a vossa criatividade e o tipo frágil, mas poderoso, de consciência individual que vos pertence.

A divisão em dois sexos foi adotada, separando e equilibrando estas tendências extremamente necessárias, mas aparentemente opostas. Só a consciência humana inicial, ainda fortemente focada na fisicalidade, precisa deste tipo de controlos. A anima e o animus, portanto, estão profundamente incorporados, com as suas tendências complementares necessárias, mas aparentemente opostas, e são altamente importantes para manter a própria natureza da vossa consciência humana.

Existe também, então, uma tensão natural entre os sexos, baseada em causas muito mais profundas do que as físicas. A tensão resulta da natureza da vossa consciência, que emerge da anima, mas depende, para a sua continuação, da "agressividade" do animus. Até certo ponto, expliquei a fascinação que um exerce sobre o outro como resultante do conhecimento interior do Self inteiro, que se esforça por alcançar a verdadeira identidade enquanto procura integrar e cumprir as tendências aparentemente opostas que fazem parte dele.

No fim do ciclo reencarnacional, o Self inteiro está muito mais desenvolvido do que estava antes. Realizou-se e experienciou-se numa dimensão de realidade que antes lhe era desconhecida e, ao fazê-lo, naturalmente expandiu o seu ser. Não se trata, portanto,

de um Self inteiro que se divide ao meio e depois simplesmente regressa a si mesmo.

Há agora muitas questões relativas à natureza da concepção que devem ser discutidas aqui. Mais uma vez, contudo, há margem de manobra e muitas variações. Normalmente, entre vidas, escolhes antecipadamente os teus filhos, e eles escolhem-te como pai ou mãe.

Se vais nascer como homem, então a mãe serve de estímulo para ativar em ti o símbolo da anima, de modo que o padrão das tuas próprias vidas femininas se torne parte da tua próxima existência. A tua mãe, se a conheceste no passado, sentirá no teu nascimento uma intensificação de sonhos envolvendo outras existências em que ambos estiveram juntos.

Estes sonhos podem nem sequer ser registados conscientemente, mas, em muitos casos, são-no, sendo depois esquecidos. As suas próprias vidas masculinas passadas ajudá-la-ão a relacionar-se contigo como seu filho. Em alguns casos, as mães recentes podem sentir-se altamente agressivas e nervosas. Estes sentimentos devem-se por vezes ao facto de o filho masculino provocar nelas uma ativação do animus, com a consequente carga de sentimentos agressivos.

Os átomos que compõem o feto possuem o seu próprio tipo de consciência. As consciências voláteis que existem independentemente da matéria formam matéria de acordo com a sua capacidade e grau. O feto, portanto, possui a sua própria

consciência: a consciência componente simples formada pelos átomos que o compõem. Esta existe antes de qualquer personalidade reencarnante se ligar a ele. A consciência da matéria está presente em qualquer matéria — num feto, numa rocha, numa folha de erva, num prego.

A personalidade reencarnante liga-se ao novo feto de acordo com as suas próprias inclinações, desejos e características, com algumas salvaguardas incorporadas. Contudo, não há nenhuma regra que diga que a personalidade reencarnante tenha de assumir a nova forma preparada para ela no momento da concepção, nos primeiros meses do crescimento fetal, ou sequer no momento do nascimento.

O processo é gradual, individual e determinado pela experiência noutras vidas. Depende particularmente das características emocionais — não necessariamente da última Personalidade de Foco encarnada, mas das tensões emocionais presentes como resultado de um grupo de existências passadas.

São adotados vários métodos de ligação à forma física. Se houver uma relação forte entre os pais e a criança que há de nascer, então a personalidade pode ligar-se no momento da concepção, caso esteja extremamente ansiosa por se reunir a eles. Mesmo aqui, contudo, amplas áreas da sua autoconsciência continuam a operar na dimensão entre vidas.

No início, o estado no útero, sob estas condições, é semelhante ao sonho, com a personalidade ainda focada principalmente na existência entre vidas. Gradualmente, a situação inverte-se, até se

tornar mais difícil manter uma concentração clara nessa condição entre vidas.

Nestas circunstâncias, quando a personalidade se liga no momento da concepção, há quase sem exceção fortes ligações de vidas passadas entre pais e filho, ou então há um desejo incessante e quase obsessivo de regressar à situação terrena — quer por um propósito específico, quer porque a personalidade reencarnante está, nesse momento, obcecada com a existência terrena. Isto não é necessariamente prejudicial. A personalidade pode simplesmente perceber que se adapta bem à experiência física, que está presentemente orientada para a Terra e que encontra na atmosfera terrena uma dimensão rica para o crescimento das suas próprias capacidades.

Algumas personalidades são atraídas a ligar-se no momento da concepção por motivos aparentemente menos nobres — ganância, por exemplo, ou um desejo obsessivo parcialmente composto por problemas não resolvidos. Outras personalidades, que nunca se adaptam completamente à existência terrena, podem adiar a ligação plena durante algum tempo e, mesmo depois disso, permanecer sempre a certa distância do corpo. No outro extremo da escala, antes da morte, aplica-se o mesmo: alguns indivíduos retiram o seu foco da vida física, deixando a consciência do corpo entregue a si mesma. Outros permanecem com o corpo até ao último momento. Nos primeiros tempos da infância, em qualquer caso, não há ainda um foco estável da personalidade no corpo.

Em todos os casos, as decisões foram tomadas antecipadamente, como te disse. A personalidade reencarnante está consciente, portanto, quando ocorre a concepção pela qual tem estado à espera. E, embora possa ou não escolher ligar-se nesse momento, é irresistivelmente atraída para aquele tempo, aquele ponto do espaço e aquela carne.

Por vezes, muito antes de a concepção ocorrer, a personalidade que acabará por ser a futura criança visitará o ambiente de ambos os futuros pais, novamente atraída para ele. Isto é bastante natural.

Entre vidas, um indivíduo pode ver lampejos da existência futura, não necessariamente de acontecimentos particulares, mas experienciar a essência da nova relação e, na expectativa, recordar a si próprio o desafio que estabeleceu. Nestes termos, os fantasmas do futuro são tão reais nas vossas casas como os fantasmas do passado.

Não há invólucros de matéria completamente vazios à espera de serem preenchidos, pois a nova personalidade paira dentro e em torno da forma, particularmente depois da concepção, e daí em diante com maior frequência e intensidade. O choque do nascimento tem, contudo, várias consequências que normalmente atraem a personalidade em pleno, por assim dizer, para a realidade física.

Antes disso, as condições são bastante uniformes. A consciência do corpo é nutrida quase automaticamente, reagindo fortemente, mas sob condições altamente controladas.

No nascimento, tudo isto termina subitamente, e novos estímulos são introduzidos com uma rapidez que a consciência do corpo nunca tinha experienciado até esse ponto.

Ela precisa intensamente de um fator estabilizador. Anteriormente, a consciência do corpo tinha sido enriquecida e sustentada por uma profunda identificação biológica e telepática com a mãe. A comunicação das células vivas é muito mais profunda do que imaginais. Antes do nascimento, no que diz respeito apenas à consciência do corpo, a identificação é quase completa.

Até a nova personalidade se ligar, o feto considera-se parte do organismo da mãe. Este apoio é subitamente negado no nascimento. Se a nova personalidade não tiver entrado antes em grande medida, normalmente fá-lo no nascimento, a fim de estabilizar o novo organismo. Por outras palavras, conforta o novo organismo. A nova personalidade experienciará, portanto, o nascimento em graus variáveis, conforme o momento em que entrou nesta dimensão.

Quando entra no momento do nascimento, está bastante independente, ainda não identificada com a forma em que entrou, e atua num papel de apoio. Se a personalidade entrou no momento da concepção ou algum tempo antes do nascimento, então identificou-se, até certo ponto, com a consciência do corpo, com o feto. Já começou a dirigir a percepção — embora a percepção tenha começado quer seja dirigida desse modo quer não — e experienciará o choque do nascimento em termos imediatos e diretos.

Nesse caso, não haverá distância entre a personalidade e a experiência do nascimento. A personalidade recém-entrada, enquanto consciência, cintila, no sentido em que há um intervalo até ocorrer a estabilização. Quando a criança, sobretudo a criança pequena, dorme, por exemplo, a personalidade muitas vezes limita-se simplesmente a desocupar o corpo. Gradualmente, a identificação com a situação entre vidas diminui, até que quase todo o foco passe a residir no corpo físico.

Há, obviamente, aqueles que se identificam com o corpo de forma muito mais completa do que outros. Em termos gerais, existe um ponto ótimo de foco na realidade física, um período de intensificação que nada tem a ver com duração. Pode durar uma semana ou trinta anos e, a partir daí, começa a diminuir, deslocando-se imperceptivelmente para outras camadas de realidade.

Assim, uma crise, sobretudo numa fase muito inicial ou muito tardia da vida, pode abalar de tal modo a identificação da personalidade com o corpo que ela o desocupa temporariamente. Pode fazer uma de muitas coisas. Pode retirar-se de forma tão completa que o corpo entra em coma, se a consciência do corpo também tiver sofrido choque. Se o choque for psicológico e a consciência do corpo continuar a operar mais ou menos normalmente, então a personalidade pode reverter para uma personalidade reencarnacional anterior.

Nesse caso, trata-se simplesmente de uma regressão que muitas vezes passa. Aqui voltamos a encontrar a anima e o animus. Se

uma personalidade acredita que está a desempenhar mal uma vida masculina, pode ativar as qualidades da alma, assumindo as características de uma existência feminina passada em que lidou bem consigo própria. Invertendo o quadro, o mesmo pode acontecer a uma mulher.

Por outro lado, se a personalidade descobre que se sobreidentificou de tal modo com o seu sexo presente que a sua individualidade fica profundamente ameaçada, então pode também trazer para primeiro plano a imagem oposta, chegando ao ponto de se identificar novamente com uma personalidade passada do sexo oposto.

O domínio da personalidade sobre o corpo é ténue nos primeiros anos e torna-se mais forte com o passar do tempo. A personalidade, pelas suas próprias razões, pode decidir escolher um corpo que não seja esteticamente agradável. Pode nunca se relacionar com ele e, embora a existência sirva os propósitos que tinha em mente, haverá sempre uma distância básica sentida entre o corpo e a personalidade dentro dele.

Aqueles mencionados anteriormente, que entram no momento da concepção, estão normalmente muito ansiosos pela existência física. Por isso, estarão mais plenamente desenvolvidos e mostrarão as suas características individuais muito cedo. Apoderam-se do novo corpo e começam já a moldá-lo. O controlo sobre a matéria é vigoroso e normalmente permanecem dentro do corpo, morrendo ou em acidentes em que a morte é imediata, ou durante o sono, ou

com uma doença que ataca rapidamente. Regra geral, são manipuladores da matéria.

São emotivos. Trabalham os seus problemas de formas imediatas, por vezes impacientes e tangíveis. Trabalham bem com materiais terrenos e traduzem as suas ideias com grande força em termos físicos. Fazem cidades, monumentos. São arquitetos. Ocupam-se de formar matéria e moldá-la segundo o seu desejo.

Regra geral, aqueles que só entram no vosso plano de existência no momento do nascimento são manipuladores menos capazes, nesses termos particulares. São a média, se tal expressão puder ser usada — o meio-termo.

Há aqueles que resistem à nova existência tanto quanto possível, embora a tenham escolhido. Até certo ponto, têm de estar presentes no nascimento, mas ainda podem escapar a qualquer identificação plena com o bebé nascido. Pairam dentro e em torno da forma, mas de modo meio relutante. Há muitas razões para tal comportamento. Algumas personalidades preferem simplesmente a existência entre vidas e preocupam-se muito mais com a resolução teórica dos problemas do que com a aplicação prática necessariamente envolvida. Outras descobriram que a existência física não corresponde às suas necessidades tão bem quanto pensavam, e progredirão muito melhor noutros campos de realidade e existência.

Contudo, devido às suas próprias características, algumas preferem estabelecer uma certa distância entre si mesmas e as suas

existências físicas. Estão muito mais preocupadas com símbolos. Olham para a vida terrena como algo altamente experimental. Aproximam-se dela quase com um olhar crítico e desconfiado, por assim dizer. Não estão tão interessadas em manipular matéria como estão curiosas acerca dos modos como as ideias aparecem dentro da matéria.

Mais uma vez, em termos gerais, sentem-se sempre mais em casa com ideias, filosofias e realidades intangíveis. São pensadores sempre um pouco à parte, e os seus tipos corporais revelam falta de desenvolvimento muscular. Poetas e artistas, embora tenham algo desta natureza, regra geral apreciam mais profundamente os valores físicos da existência terrena, ainda que possuam muitas das mesmas características.

A atitude em relação ao corpo variará sempre, portanto. Podem ser escolhidos vários tipos de corpo, mas continuará a haver preferências globais por parte do Self inteiro, bem como características que o orientarão, de modo que, em geral, as várias vidas vividas continuarão a ter o seu próprio sabor individual.

É quase impossível falar de quando a personalidade entra no corpo físico sem discutir os modos como o deixa, pois tudo isto depende profundamente das características pessoais e das atitudes em relação à realidade física. As decisões relativas a vidas futuras podem ser tomadas não apenas nas condições entre vidas, mas também nos estados de sonho durante qualquer vida.

Podes já ter decidido, por exemplo, agora, as circunstâncias da tua próxima encarnação. Embora, nos teus termos, os teus novos pais possam ser agora bebés, ou, na tua escala de tempo, nem sequer ter nascido ainda, os preparativos podem, mesmo assim, já estar feitos.

Síntese Operativa

Este capítulo articula três eixos fundamentais: reencarnação, sonhos e polaridade masculino/feminino no interior do Self. Seth parte dos conceitos junguianos de anima e animus, mas desloca-os para uma estrutura mais ampla: eles não são apenas arquétipos psicológicos; são condensações psíquicas de experiências reencarnacionais masculinas e femininas, operando nos sonhos, no corpo, na criatividade, nas relações e no processo de entrada da personalidade na existência física.

A função central do capítulo é esta:

a anima e o animus funcionam como padrões interiores de compensação, memória e integração, impedindo a personalidade de se sobreidentificar com o sexo presente e mantendo ativa a unidade multidimensional do Self através das vidas masculinas e femininas.

1. Cada pessoa vive vidas masculinas e femininas

Seth começa por recordar que cada pessoa vive existências masculinas e femininas ao longo do ciclo reencarnacional.

Self inteiro → vidas masculinas → vidas femininas → memória psíquica acumulada → equilíbrio interior

A memória consciente dessas vidas não costuma ser retida, mas os seus efeitos permanecem ativos na psique, no corpo, nos sonhos e nos padrões interiores da personalidade.

A identidade presente não é apenas masculina ou feminina em sentido absoluto; é uma focalização atual de uma totalidade que já experienciou ambos os modos.

2. A alma como memória psíquica das vidas femininas

No homem, a alma corresponde à personificação interior da feminilidade.

homem presente → vidas femininas anteriores → memória psíquica → alma → salvaguarda interior

A alma contém o conhecimento das histórias femininas passadas do homem presente e a compreensão intuitiva das qualidades femininas de que a personalidade está dotada.

Ela impede o homem de se sobreidentificar com características masculinas impostas pela cultura, pelo ambiente e pela educação.

3. A alma como influência pessoal e coletiva

A alma opera em dois níveis:

nível pessoal → equilíbrio interior → relação com mulheres → comunicação emocional

nível coletivo → influência civilizadora coletiva → suavização da agressividade → expressão artística e verbal

A alma funciona como ponte: ajuda o homem a comunicar com as mulheres, mas também a contactar dimensões intuitivas, criativas e relacionais que poderiam ser reprimidas por uma masculinidade demasiado rígida.

4. Arquétipos femininos como elementos de raiz

Seth menciona figuras como a sacerdotisa, a mãe, a jovem bruxa, a esposa e a velha sábia.

vidas femininas anteriores → tipos simbólicos → arquétipos → elementos de raiz → sonhos

Estes arquétipos não são abstrações desligadas da experiência. Representam simbolicamente qualidades femininas e tipos de vidas femininas efetivamente vividas por homens e mulheres ao longo das existências reencarnacionais.

5. O animus como memória psíquica das vidas masculinas

Na mulher, o animus corresponde ao masculino oculto ou interior.

mulher presente → vidas masculinas anteriores → memória psíquica → animus → equilíbrio interior

O animus representa vidas masculinas nas quais o self interior esteve envolvido: o rapaz jovem, o sacerdote, o homem selvagem agressivo, o velho sábio.

Estas figuras simbolizam tipos de vidas masculinas passadas vividas por mulheres presentes.

6. Sonhos como acesso ao fundo reencarnacional

Tanto homens como mulheres podem aprender acerca do seu passado reencarnacional através dos sonhos.

sonho → figura masculina/feminina → anima/animus → memória reencarnacional → compreensão do Self

Quando um homem sonha consigo próprio como mulher, pode estar a contactar o fundo reencarnacional das suas existências femininas. Quando uma mulher sonha consigo própria como homem, pode estar a contactar o fundo das suas existências masculinas.

O sonho funciona aqui como campo de tradução simbólica da memória reencarnacional.

7. Anima e animus como mecanismos compensatórios

A anima e o animus atuam quando a personalidade se sobreidentifica com o sexo presente.

exagero de características femininas → ativação do animus → reações compensatórias masculinas

exagero de características masculinas → ativação da anima → intensificação intuitiva e criativa

Estes mecanismos não são patológicos em si. São autorregulações internas da psique, destinadas a preservar equilíbrio, amplitude e flexibilidade.

8. Masculino e feminino não são opostos

Seth insiste que masculinidade e feminilidade não são opostos.

masculino + feminino → tendências complementares → fusão → equilíbrio → criatividade

A oposição surge apenas quando a consciência está fortemente focada na experiência física e precisa de diferenciar funções. Num nível mais amplo, estas características pertencem ao mesmo Self inteiro.

O equilíbrio ideal não elimina a diferença; integra-a.

9. Agressividade como força criativa

A agressividade não é condenada por Seth. O problema é a agressividade separada da criatividade.

agressividade isolada → distorção → excesso → conflito

agressividade + criatividade → impulso exterior → expressão → realização

A alma suaviza e orienta a agressividade, enquanto o animus fornece o impulso que leva os conteúdos criativos para a atividade física.

10. A alma como interioridade criadora

A alma representa a interioridade inicial necessária à criatividade.

interioridade → incubação → intuição → cuidado → foco interior
→ emergência criativa

A palavra “passiva” é inadequada, porque sugere ausência de movimento. A alma é recetiva, mas essa recetividade é ativa: sintoniza-se com forças profundas e poderosas.

Não se trata de passividade, mas de abertura estruturante.

11. O animus como impulso exteriorizador

O animus fornece o impulso agressivo que devolve a personalidade à atividade física.

conteúdo interior assegurado pela alma → impulso do animus
→ exteriorização → ação física → obra

O animus pega nos conteúdos criativos trazidos pela alma e ajuda a expressá-los no mundo.

Assim, alma e animus formam um circuito criativo:

alma → recolhe/sintoniza/interioriza → animus →
impulsiona/exterioriza/manifesta

12. O Self inteiro como integração de ambas as tendências

O Self inteiro contém características masculinas e femininas finamente integradas.

Self inteiro → masculino + feminino → integração → verdadeira identidade

Durante a existência física, um grupo de características tende a ser enfatizado em detrimento do outro, porque o sistema físico opera através da diferenciação sexual.

Depois da encarnação final, esse tipo físico e sexual de criatividade deixa de ser necessário. A verdadeira identidade pode então emergir de modo mais pleno.

13. A separação sexual como estrutura funcional da fisicalidade

A divisão em dois sexos foi adotada dentro da dimensão física por razões ligadas à forma como a humanidade escolheu evoluir e usar as suas capacidades.

consciência humana inicial → foco físico → necessidade de diferenciação → divisão sexual → equilíbrio por anima/animus

Esta separação não representa uma divisão absoluta do Self. É uma estrutura funcional da experiência física.

A consciência humana inicial, ainda fortemente focada na fisicalidade, precisa deste tipo de controles e equilíbrios.

14. Anima e animus como fatores estabilizadores da civilização

Anima e animus atuam como fatores estabilizadores inconscientes e incorporados.

anima/animus → equilíbrio individual → equilíbrio relacional → equilíbrio cultural/coletivo

Eles operam por detrás das faces da civilização, não apenas individualmente, mas também coletivamente.

A personalidade humana não pode ser compreendida sem levar em conta o verdadeiro significado destas estruturas.

15. O padrão reencarnacional é aberto

O padrão reencarnacional não é rígido.

Self inteiro → características próprias → escolhas reencarnacionais
→ diversidade de vidas

Pode haver séries ininterruptas de existências masculinas ou femininas. Contudo, tal escolha tem desvantagens, porque pode aumentar a tendência para sobreidentificação com um só modo sexual.

Não há uma regra que exija igual número de vidas masculinas e femininas. Há apenas a necessidade de experienciar ambos os sexos e desenvolver as suas várias características.

16. Séries de vidas de um só sexo

Quando uma personalidade escolhe várias vidas consecutivas de um só sexo, anima e animus tornam-se ainda mais importantes.

série de vidas masculinas → anima mais necessária → equilíbrio feminino interior

série de vidas femininas → animus mais necessário → equilíbrio masculino interior

Isto impede que a personalidade se feche numa identificação unilateral.

17. Origem da anima e do animus antes das reencarnações

O padrão original da anima e do animus vem do Self inteiro antes das reencarnações.

Self inteiro antes das reencarnações → padrão anima/animus
→ primeira vida física → memória da unidade básica

Anima e animus nascem com o indivíduo na primeira vida física e servem como padrão interior, lembrando à personalidade a sua unidade fundamental.

É por isso que estes símbolos possuem forte carga psíquica e podem transmitir uma qualidade quase divina.

18. O inconsciente verdadeiro do Self inteiro

Seth introduz uma distinção decisiva: o verdadeiro inconsciente não é inconsciente.

inconsciente verdadeiro → consciência profunda →
transbordamento → fonte de possibilidades

Aquilo a que chamamos inconsciente é tão profundamente consciente que excede a consciência comum. A vida física é apenas uma das muitas áreas em que ele é consciente.

Esta formulação desloca o inconsciente de depósito obscuro para campo transbordante de consciência.

19. A consciência física como foco sustentado por tensão

A consciência humana atual é uma forma particular de percepção consciente produzida por tensão.

verdadeiro inconsciente do Self inteiro → foco específico → tensão → consciência humana atual

Para sustentar esta experiência particular de consciência entre todas as outras, é necessário manter poder e equilíbrio imensos.

A consciência física é frágil e poderosa ao mesmo tempo: frágil porque emerge de infinitas possibilidades, poderosa porque concentra foco suficiente para manter uma realidade coerente.

20. Possibilidades infinitas e impulso para fora

A realidade física existe numa área de atividade em que o impulso para fora é necessário.

possibilidades infinitas → emergência da consciência física → impulso exterior → estabilização da realidade

Sem esse impulso agressivo/exteriorizador, haveria risco de recaída nas possibilidades indiferenciadas das quais a consciência física emergiu recentemente.

Daí a importância do animus, da agressividade criativa e do movimento para a manifestação.

21. Tensão natural entre os sexos

A tensão entre os sexos tem causas mais profundas do que as físicas.

anima → origem interior/intuitiva da consciência física

animus → agressividade necessária à continuação da consciência física

A fascinação entre masculino e feminino resulta do conhecimento interior do Self inteiro, que procura alcançar a verdadeira identidade integrando tendências aparentemente opostas.

A tensão não é erro: é parte da mecânica da consciência física.

22. Fim do ciclo reencarnacional

No fim do ciclo reencarnacional, o Self inteiro está mais desenvolvido do que antes.

ciclo reencarnacional → experiências masculinas/femininas → integração → expansão do ser

Não se trata de um Self inteiro que se dividiu ao meio e depois regressa intacto ao ponto inicial. O Self inteiro aumentou, expandiu-se e experienciou-se numa dimensão de realidade que antes lhe era desconhecida.

A reencarnação não é repetição; é ampliação do ser.

23. Conceção e escolha entre vidas

Seth desloca o tema da anima/animus para a natureza da concepção.

entre vidas → escolha dos filhos → filhos escolhem pais → preparação da encarnação

Normalmente, entre vidas, escolhes antecipadamente os teus filhos, e eles escolhem-te como pai ou mãe.

Esta escolha não é mecânica nem absoluta. Há margem de manobra e muitas variações.

24. A mãe como estímulo da anima

Se uma personalidade vai nascer como homem, a mãe serve de estímulo para ativar nela o símbolo da anima.

nascimento como homem → mãe → ativação da anima → padrão das vidas femininas anteriores → nova existência

O padrão das vidas femininas anteriores torna-se parte da próxima existência masculina.

Se a mãe conheceu essa personalidade no passado, pode ter sonhos intensificados envolvendo outras existências em que ambos estiveram juntos.

25. Vidas masculinas da mãe e relação com o filho

As vidas masculinas passadas da mãe ajudam-na a relacionar-se com o filho.

mãe → vidas masculinas passadas → ativação do animus → relação com o filho masculino

Em alguns casos, mães recentes podem sentir-se agressivas ou nervosas porque o filho masculino ativa nelas o animus, produzindo uma carga de sentimentos agressivos.

Isto não deve ser lido como falha moral da mãe, mas como ativação psíquica ligada a padrões reencarnacionais.

26. Experiências reencarnacionais como estrutura do Self

As experiências reencarnacionais fazem parte da estrutura do Self, enquanto facetas da realidade multidimensional da psique viva.

Self → experiências reencarnacionais → psique viva → sonhos → outras camadas de atividade

Elas não aparecem apenas nos sonhos. Refletem-se em várias camadas de atividade: fantasias, arte, corpo, talentos, afinidades, tensões emocionais e padrões de relação.

27. Personalidade de Foco atual e passados reencarnacionais

O tecido da Personalidade de Foco atual está entretecido com “passados” reencarnacionais.

Personalidade de Foco atual → passados reencarnacionais → reservatório interior → características, atividades, percepções

A Personalidade de Foco atual retira inconscientemente desse reservatório. Memórias de vidas passadas podem emergir sob forma de fantasia, criação artística ou atração por determinados períodos históricos.

28. Escritores de textos históricos

Seth afirma que muitos escritores de obras históricas escrevem a partir de experiência direta desses tempos.

vida passada em determinado período → memória reencarnacional → inconsciente → criação histórica → vida atual enriquecida

Nestes casos, há uma relação funcional eficaz entre a Personalidade de Foco atual e o inconsciente, que traz memórias à superfície de modo criativo.

O indivíduo pode quase saber, logo abaixo do limiar consciente, a origem autêntica do seu material.

29. Memória reencarnacional e criação artística

Muitas memórias de vidas passadas não são reconhecidas como tais porque aparecem sob formas simbólicas.

memória reencarnacional → fantasia → criação artística → obra
→ expressão indireta

A criação artística pode ser uma via legítima de emergência de material reencarnacional.

Isto impede reduzir fantasia a invenção vazia: certas fantasias podem ser traduções criativas de memórias psíquicas profundas.

30. Material reencarnacional nos sonhos

Nos sonhos, o material reencarnacional é frequentemente moldado em forma dramática.

memória reencarnacional → sonho → dramatização → símbolo
→ possível reconhecimento

O sonho transforma material psíquico em cenas, personagens, papéis e situações, permitindo à personalidade trabalhar conteúdos reencarnacionais de modo simbólico e experiencial.

31. Anima e animus como fonte da criatividade

Abaixo destes processos, anima e animus trabalham em conjunto.

anima + animus → fusão de características → fonte psíquica e física da criatividade

A criatividade nasce da cooperação entre interioridade e impulso exterior, receptividade e ação, incubação e manifestação.

32. Dados geneticamente codificados pelo self interior

Seth afirma que anima e animus não existem apenas na psique; estão também incorporados em dados geneticamente codificados pelo self interior.

self interior → memória psíquica passada → codificação genética → células do corpo

Isto cria uma ponte forte entre reencarnação, psique e corpo.

O corpo presente não é apenas biologia atual; é também expressão de padrões reencarnacionais traduzidos geneticamente.

33. Memória genética das formas físicas passadas

Cada self interior, ao adotar um novo corpo, impõe-lhe a memória das formas físicas passadas nas quais esteve envolvido.

self interior → novo corpo → memória de formas físicas passadas
→ forças e fraquezas latentes

As características presentes dominam, mas características de corpos anteriores permanecem latentes e incorporadas no padrão.

O corpo atual é, portanto, também memória genética de corpos reencarnacionais anteriores.

34. Camadas invisíveis do corpo

Seth descreve camadas invisíveis no corpo.

forma física atual → camada visível

imagens físicas anteriores → camadas sombra → latentes → ligadas eletromagneticamente ao corpo atual

Estas camadas representam imagens físicas anteriores que pertenceram à personalidade em reencarnações anteriores.

Elas estão desfocadas segundo a nossa forma de pensar, mas fazem parte da herança psíquica.

35. Forças corporais reencarnacionais

É possível invocar uma força passada de um corpo anterior para compensar uma fraqueza presente.

corpo anterior saudável/forte → memória corporal → sonho/psique → compensação → apoio ao corpo atual

Quando alguém está doente e sonha ser outra pessoa com um corpo saudável, esse sonho pode ser terapêutico: um corpo reencarnacional “mais antigo” veio em auxílio da personalidade.

36. Imagens corporais interiores

A anima e o animus estão intimamente ligados a imagens corporais interiores.

imagens corporais interiores → carga psíquica → sonhos → compensação → lembrete da identidade mais ampla

Estas imagens impedem a sobreidentificação com o corpo físico presente.

São masculinas e femininas, porque pertencem à memória reencarnacional de ambos os sexos.

37. Consciência da matéria e consciência do corpo

Seth afirma que os átomos que compõem o feto têm o seu próprio tipo de consciência.

átomos → consciência componente simples → feto → consciência do corpo

Esta consciência existe antes da personalidade reencarnante se ligar ao feto.

A consciência da matéria está presente em qualquer matéria: feto, rocha, folha de erva ou prego.

38. Personalidade reencarnante e ligação gradual ao corpo

A personalidade reencarnante não entra obrigatoriamente no feto num momento fixo.

personalidade reencarnante → concepção / gestação / nascimento → ligação gradual → foco físico

Não há regra que determine entrada na concepção, nos primeiros meses ou no nascimento.

O processo é gradual, individual e determinado por experiências noutras vidas e por tensões emocionais acumuladas.

39. Última Personalidade de Foco encarnada

As características emocionais que determinam a entrada não pertencem necessariamente à última Personalidade de Foco encarnada.

grupo de existências passadas → tensões emocionais acumuladas → método de ligação ao corpo

A decisão não depende apenas da vida imediatamente anterior, mas de um conjunto de experiências reencarnacionais.

40. Ligação à forma física e dimensão entre vidas

Mesmo quando a personalidade se liga no momento da concepção, amplas áreas da sua autoconsciência continuam a operar na dimensão entre vidas.

ligação ao feto → foco parcial na gestação

autoconsciência ampla → permanência na dimensão entre vidas

A encarnação é uma deslocação progressiva de foco, não uma passagem instantânea e total.

41. O estado uterino como sonho

Quando a personalidade se liga cedo, o estado no útero é inicialmente semelhante ao sonho.

existência entre vidas → foco principal

estado uterino → foco secundário

Com o tempo, a situação inverte-se:

gestação → aumento do foco físico → diminuição da concentração clara na dimensão entre vidas

A encarnação é, portanto, uma transição de predominância perceptiva.

42. Ligações fortes entre pais e filho

Quando a personalidade se liga no momento da concepção, geralmente há fortes ligações de vidas passadas entre pais e filho, ou um desejo intenso de regressar à existência terrena.

pais + futura criança → ligações reencarnacionais fortes → ligação precoce ao feto

obsessão pela existência terrena → ligação precoce → entrada rápida no sistema físico

Isto não é necessariamente negativo. Pode indicar afinidade profunda com a experiência física e capacidade de crescer através dela.

43. Entrada precoce e manipulação da matéria

Aqueles que se ligam no momento da concepção costumam estar muito ansiosos pela existência física.

ligação precoce → identificação forte com o corpo → características individuais precoces → vigor na manipulação da matéria

Estas personalidades apoderam-se do novo corpo e começam a moldá-lo desde cedo.

Regra geral, são manipuladores da matéria: trabalham com formas, estruturas, materiais terrenos, cidades, monumentos, arquitetura e expressão física concreta.

44. Entrada tardia e relação com ideias

Aqueles que só entram plenamente no momento do nascimento tendem a ser manipuladores menos capazes da matéria, nesses termos particulares.

entrada tardia → menor identificação física → maior distância simbólica → relação com ideias

Alguns resistem à existência física mesmo depois de a terem escolhido. Preferem a dimensão entre vidas, a resolução teórica de problemas, os símbolos, as filosofias e realidades intangíveis.

45. Pensadores, poetas e artistas

As personalidades mais distanciadas da existência física sentem-se mais em casa com ideias, filosofias e realidades intangíveis.

distância em relação ao corpo → pensamento → símbolos → filosofia → realidades intangíveis

Poetas e artistas podem ter algo desta natureza, mas regra geral apreciam mais profundamente os valores físicos da existência terrena.

artista/poeta → símbolos + valores físicos → tradução criativa entre ideia e matéria

46. A atitude em relação ao corpo varia

A atitude da personalidade em relação ao corpo varia sempre.

Self inteiro → preferências globais → escolha de corpo → relação com a existência física → sabor individual das vidas

Podem ser escolhidos vários tipos de corpo, mas há características do Self inteiro que orientam essas escolhas, dando às várias vidas um sabor individual próprio.

47. Entrada no corpo e saída do corpo

É quase impossível falar de quando a personalidade entra no corpo físico sem falar dos modos como o deixa.

entrada no corpo → grau de identificação física → estilo de vida

saída do corpo → grau de identificação física → modo de morte

Tudo depende das características pessoais e das atitudes em relação à realidade física.

Alguns retiram o foco antes da morte; outros permanecem com o corpo até ao último momento.

48. Choque do nascimento

O nascimento introduz novos estímulos com uma rapidez que a consciência do corpo ainda não tinha experienciado.

útero → ambiente controlado → identificação biológica/telepática com a mãe

nascimento → corte súbito do apoio → novos estímulos → necessidade de estabilização

Se a personalidade não se ligou antes em grande medida, normalmente fá-lo no nascimento para estabilizar e confortar o novo organismo.

49. Consciência do corpo e mãe

Antes do nascimento, a consciência do corpo está quase completamente identificada com o organismo da mãe.

consciência do corpo fetal → identificação biológica e telepática com a mãe → apoio celular profundo

A comunicação das células vivas é muito mais profunda do que se imagina.

Até a personalidade se ligar plenamente, o feto considera-se parte do organismo materno.

50. A personalidade como fator estabilizador

Quando a personalidade entra no nascimento, atua inicialmente como fator estabilizador.

nascimento → choque da consciência do corpo → entrada da personalidade → conforto e estabilização do organismo

Se entrou antes, já está identificada com o feto e experiencia o choque do nascimento de forma imediata e direta.

51. Cintilação da personalidade recém-entrada

A personalidade recém-entrada cintila até ocorrer estabilização.

entrada recente → foco instável → cintilação → estabilização gradual

Durante a infância, sobretudo quando a criança dorme, a personalidade pode simplesmente desocupar o corpo.

sono infantil → retirada temporária → retorno → aumento gradual do foco físico

52. Ponto ótimo de foco físico

Há um ponto ótimo de foco na realidade física.

foco físico → intensificação → ponto ótimo → diminuição gradual → deslocação para outras camadas de realidade

Esse ponto não depende da duração. Pode durar uma semana ou trinta anos.

Depois dele, o foco físico começa a diminuir impercetivelmente e a deslocar-se para outras camadas de realidade.

53. Crises e regressão reencarnacional

Uma crise, sobretudo muito cedo ou muito tarde na vida, pode abalar a identificação da personalidade com o corpo.

crise → abalo da identificação corporal → retirada temporária → coma / regressão / alteração de foco

Se o choque for psicológico e a consciência do corpo continuar a operar, a personalidade pode reverter para uma personalidade reencarnacional anterior.

Essa regressão muitas vezes passa.

54. Anima/animus em regressões de crise

Se uma personalidade sente que está a desempenhar mal uma vida masculina, pode ativar qualidades da anima e assumir características de uma existência feminina passada bem-sucedida.

vida masculina sentida como falha → ativação da anima → características femininas passadas → compensação

O mesmo pode ocorrer com uma mulher através do animus.

vida feminina sentida como falha → ativação do animus → características masculinas passadas → compensação

A regressão, neste caso, pode funcionar como tentativa de restauração de equilíbrio.

55. Sobreidentificação com o sexo presente

Se a personalidade se sobreidentifica com o sexo presente, a individualidade pode sentir-se ameaçada.

sobreidentificação sexual → ameaça à individualidade → ativação da imagem oposta → identificação com personalidade passada do sexo oposto

Anima e animus funcionam aqui como salvaguardas contra a redução da identidade ao sexo atual.

56. Decisões sobre vidas futuras em sonhos

As decisões relativas a vidas futuras podem ser tomadas não apenas entre vidas, mas também nos estados de sonho durante uma vida.

vida atual → estado de sonho → decisões futuras → próxima encarnação

Podes já ter decidido, agora, as circunstâncias da tua próxima encarnação.

Mesmo que os futuros pais ainda sejam bebés, ou nem tenham nascido na tua escala temporal, os preparativos podem estar feitos.

Estrutura Operativa do Capítulo

Self inteiro → vidas masculinas e femininas → anima/animus → equilíbrio interior → criatividade

vidas reencarnacionais → memória psíquica → sonhos → fantasia → arte → corpo

anima → interioridade → intuição → incubação criativa → compensação feminina

animus → impulso exterior → agressividade criativa → manifestação física → compensação masculina

Self inteiro → divisão sexual funcional → experiência física → integração pós-reencarnacional

inconsciente verdadeiro → possibilidades infinitas → tensão → consciência humana física

self interior → memória psíquica passada → codificação genética → imagens corporais interiores

feto → consciência da matéria / consciência do corpo → personalidade reencarnante → ligação gradual

concepção → gestação → nascimento → infância → estabilização progressiva do foco físico

entrada precoce → forte identificação física → manipulação da matéria → expressão concreta

entrada tardia → distância simbólica → ideias, filosofia, realidades intangíveis

crise → retirada do foco corporal → regressão reencarnacional → ativação anima/animus

Núcleo Operativo

O Capítulo 13 mostra que a identidade humana não pode ser compreendida apenas a partir do sexo presente, do corpo atual ou da Personalidade de Foco em vigília. O masculino e o feminino interiores são expressões de uma memória reencarnacional profunda, organizada pelo Self inteiro e traduzida através da anima e do animus.

Anima e animus funcionam como padrões interiores de compensação, criatividade e estabilização. Eles impedem a sobreidentificação com o sexo atual, mantêm ativa a memória psíquica das vidas masculinas e femininas, emergem nos sonhos sob forma simbólica e participam na relação entre criatividade interior e manifestação física.

O capítulo também estabelece uma ponte decisiva entre psique e corpo: as experiências reencarnacionais não aparecem apenas

como sonhos ou fantasias, mas podem estar incorporadas em dados geneticamente codificados pelo self interior, nas imagens corporais interiores e nas camadas latentes do corpo atual. O corpo presente torna-se, assim, uma forma física atual entretecida com memórias de corpos reencarnacionais anteriores.

Na parte final, Seth desloca o tema para a concepção e o nascimento. O feto possui consciência própria, ligada à consciência da matéria e à consciência do corpo, antes de a personalidade reencarnante se ligar plenamente. A entrada da personalidade no corpo não é instantânea nem igual para todos: pode ocorrer na concepção, durante a gestação, no nascimento ou de forma gradual. O processo depende de ligações reencarnacionais, desejo de existência física, atitudes perante o corpo, relação com a matéria e características do Self inteiro.

Assim, o capítulo integra anima/animus, sonhos, corpo, genética, concepção, nascimento e morte dentro de uma única lógica: a identidade física é uma focalização temporária de uma realidade multidimensional muito mais ampla.

Formulação final

A anima e o animus são padrões interiores através dos quais o Self inteiro conserva, equilibra e traduz a memória das suas experiências masculinas e femininas. Eles operam nos sonhos, na criatividade, no corpo, na relação entre os sexos e no próprio

processo de encarnação, impedindo que a Personalidade de Foco se reduza ao sexo ou ao corpo presentes. A reencarnação, neste capítulo, deixa de ser apenas sucessão de vidas e passa a ser entendida como integração progressiva de tendências, formas, memórias corporais e modos de consciência dentro da realidade multidimensional do Self.

CAPÍTULO 14

Histórias do Princípio e o Deus Multidimensional

Tal como a vida presente de qualquer indivíduo se ergue a partir de dimensões ocultas, para lá daquelas que são facilmente acessíveis em termos físicos, e tal como retira de fontes inconscientes a energia e o poder para agir, também o universo físico presente, tal como o conheceis, se ergue a partir de outras dimensões. Também ele tem aí a sua fonte e retira a sua energia de realidades mais profundas.

A História, tal como a conheceis, representa apenas uma única luz sobre a qual focais a atenção. Interpretas os acontecimentos que nela vêes e projetas sobre o seu brilho a tua interpretação dos acontecimentos que poderão ocorrer. A vossa concentração está tão enfeitiçada que, quando vos interrogais acerca da natureza da realidade, limitais automaticamente a pergunta a esse pequeno momento vacilante a que chamais realidade física. Quando ponderais os aspetos de Deus, falais, sem pensar, do criador dessa única luz. Essa luz é única e, se compreendêsseis verdadeiramente aquilo que ela é, compreenderíeis de facto a natureza da verdadeira realidade.

A História, tal como a concebeis, representa apenas uma fina linha de probabilidades, na qual estais presentemente imersos. Não

representa todo o tempo de vida da vossa espécie, nem o catálogo das atividades físicas, nem sequer começa a contar a história das criaturas físicas, das suas civilizações, guerras, alegrias, tecnologias ou triunfos. A realidade é muito mais diversa, muito mais rica e inexprimível do que atualmente podeis supor ou compreender. A evolução, tal como a concebeis e tal como é classificada pelos vossos cientistas, representa apenas uma linha provável de evolução — aquela em que, mais uma vez, estais presentemente imersos.

Existem, portanto, muitos outros desenvolvimentos evolutivos igualmente válidos, igualmente reais, que ocorreram, estão a ocorrer e ocorrerão, todos dentro de outros sistemas prováveis de realidade física. As possibilidades diversas e infinitas de desenvolvimento jamais poderiam aparecer dentro de um único enquadramento estreito de realidade.

Com esplêndida inocência e orgulho exuberante, imaginais que o sistema evolutivo tal como o conheceis é o único, que fisicamente não pode haver outro. Dentro da realidade física que conheceis, porém, há indícios e pistas acerca da natureza de outras realidades físicas. Existem, latentes nas vossas próprias formas físicas, outros sentidos, não utilizados, que poderiam ter vindo ao primeiro plano, mas que, na vossa probabilidade, não vieram. Tenho estado a falar de desenvolvimentos terrenos, portanto de realidades agrupadas em torno dos aspetos terrenos tal como os conheceis.

Nenhuma linha evolutiva é uma linha morta. Portanto, se desaparece no vosso sistema, emerge noutra. Todas as

materializações prováveis da vida e da consciência têm o seu dia e criam as condições nas quais podem florescer; e esse dia, nos vossos termos, é eterno.

Falo agora, neste capítulo, principalmente do vosso próprio planeta e sistema solar, mas o mesmo se aplica a todos os aspetos do vosso universo físico. Estais conscientes, então, de apenas uma porção específica, delicadamente equilibrada mas única, da existência física. Não sois apenas criaturas de ser corpóreo, formando imagens de carne e sangue, imersas num tipo particular de espaço e tempo; sois também criaturas que emergem de uma dimensão particularizada de probabilidades, nascidas de dimensões de atualidade ricamente adequadas ao vosso próprio desenvolvimento, enriquecimento e crescimento.

Se já tiveres alguma compreensão intuitiva acerca da natureza da entidade ou Self inteiro, verás que ele te colocou numa posição em que certas capacidades, percepções interiores e experiências podem ser realizadas, e em que o teu tipo único de consciência pode ser nutrido. A tua mais pequena experiência tem muito mais repercussões neste ambiente multidimensional do que o cérebro físico consegue conceber. Pois, embora estejas intensamente preocupado com aquilo que pode parecer um aspeto infinitesimalmente diminuto da realidade, e embora pareças estar completamente imerso nele, apenas os elementos mais “superficiais” do Self estão assim enfeitiçados. Não gosto do termo “superficiais” neste contexto, embora o tenha usado para sugerir as múltiplas expressões do Self que estão ocupadas noutros campos

— algumas delas tão enfeitadas na sua realidade como tu estás na tua.

A entidade, o verdadeiro Self multidimensional, está consciente de todas as suas experiências, e este conhecimento está, até certo ponto, disponível para essas outras expressões do Self, incluindo, naturalmente, o self físico tal como o conheces. Essas várias expressões do Self acabarão, de facto, por se tornar plenamente conscientes — nos vossos termos. Essa tomada de consciência alterará automaticamente aquilo que agora parece ser a sua natureza e acrescentará novas dimensões à multiplicidade da existência.

Existem, portanto, muitos sistemas prováveis de realidade nos quais predominam dados físicos, mas tais probabilidades físicas representam apenas uma pequena porção. Cada um de vós existe também em sistemas não físicos, e expliquei anteriormente que o vosso mais ligeiro pensamento ou emoção se manifesta de muitas outras maneiras além daquelas que conheceis no vosso próprio campo de existência.

Apenas uma porção da tua identidade inteira te é “presentemente” familiar, como sabes. Portanto, quando consideras a questão de um ser supremo, imaginas uma personalidade masculina com as capacidades que vós próprios possuí, dando grande ênfase às qualidades que admirais. Esse deus imaginado mudou, portanto, ao longo dos vossos séculos, refletindo as ideias mutáveis do homem acerca de si próprio.

Deus foi visto como cruel e poderoso quando o homem acreditava que essas eram características desejáveis, especialmente necessárias na sua luta pela sobrevivência física. Projetou-as sobre a sua ideia de deus porque as invejava e as temia. Moldastes, portanto, a vossa ideia de deus à vossa própria imagem.

Numa realidade inconcebivelmente multidimensional, os velhos conceitos de Deus são relativamente destituídos de sentido. Até o termo “ser supremo” é, em si mesmo, distorcivo, pois projetais naturalmente sobre ele as qualidades da natureza humana. Se eu te dissesse que Deus é uma ideia, não compreenderias o que quero dizer, pois não compreendes as dimensões nas quais uma ideia tem a sua realidade, nem a energia que ela pode originar e impulsionar. Não acreditas em ideias da mesma maneira que acreditas em objetos físicos; por isso, se eu te disser que Deus é uma ideia, interpretarás mal isto, entendendo que Deus é menos do que real — nebuloso, sem realidade, sem propósito e sem ação motivadora.

A tua própria imagem física é a materialização da tua ideia de ti mesmo dentro das propriedades da matéria. Sem a ideia de ti mesmo, a tua imagem física não existiria; no entanto, muitas vezes ela é tudo aquilo de que estás consciente. O poder e a energia iniciais dessa ideia de ti mesmo mantêm viva a tua imagem. As ideias, portanto, são muito mais importantes do que imaginas. Se tentares aceitar a ideia de que a tua própria existência é multidimensional, de que habitas no meio de probabilidades infinitas, então talvez captes um ligeiro vislumbre da realidade que está por detrás da palavra “deus”, e talvez compreendas por que é

quase impossível apreender em palavras uma verdadeira compreensão desse conceito.

Deus, portanto, é antes de mais um criador, não de um único universo físico, mas de uma variedade infinita de existências prováveis, muito mais vasta do que aqueles aspetos do universo físico com que os vossos cientistas estão familiarizados. Ele não enviou simplesmente, então, um filho para viver e morrer num pequeno planeta. Ele faz parte de todas as probabilidades.

Foram contadas parábolas e histórias do princípio. Todas elas foram tentativas de transmitir conhecimento nos termos mais simples possíveis. Muitas vezes, foram dadas respostas a perguntas que, literalmente, não têm significado fora do vosso próprio sistema de realidade.

Por exemplo, não houve princípio, e não haverá fim; no entanto, foram-vos dadas parábolas que falam de princípios e fins simplesmente porque, com as vossas ideias distorcidas acerca do tempo, princípios e fins parecem ser acontecimentos inseparáveis e válidos. À medida que aprendes a desviar o foco da tua atenção da realidade física e, portanto, a experienciar algum ligeiro indício de outras realidades, a tua consciência agarrar-se-á a velhas ideias que te impedem de compreender explicações mais expandidas. A consciência multidimensional está, contudo, disponível para ti nos teus sonhos, em alguns estados de transe e, muitas vezes, até abaixo da consciência comum enquanto segues o teu dia.

Essa consciência dá-te uma experiência pessoal da riqueza multidimensional que existe não separada, mas misturada com, dentro de, através de e em redor do teu mundo físico dos sentidos. Dizer que a vida física não é real é negar que a realidade permeia toda a aparência e faz parte de toda a aparência. Do mesmo modo, Deus não existe à parte nem separado da realidade física, mas existe dentro dela e como parte dela, tal como existe dentro e como parte de todos os outros sistemas de existência.

A vossa figura de Cristo representa, simbolicamente, a vossa ideia de Deus e das suas relações. Houve três indivíduos separados cujas histórias se fundiram, e eles ficaram conhecidos coletivamente como Cristo — daí as muitas discrepâncias nos vossos registos. Eram todos homens porque, naquele momento do vosso desenvolvimento, não teríeis aceitado uma contraparte feminina.

Esses indivíduos faziam parte de uma só entidade. Não podíeis deixar de imaginar Deus como pai. Nunca vos teria ocorrido imaginar um deus senão em termos humanos, através de componentes terrenos. Essas três figuras desenvolveram um drama altamente simbólico, impulsionado por energia concentrada de grande força.

Contudo, os acontecimentos tal como estão registados não ocorreram na História. A crucificação de Cristo foi um acontecimento psíquico, mas não físico. Foram representadas ideias de uma magnitude quase inimaginável.

Judas, por exemplo, não foi um homem nos vossos termos. Foi — como todos os outros discípulos — uma “personalidade-fragmento” abençoada e criada, formada pela personalidade de Cristo. Representava o traidor de si mesmo. Dramatizava uma porção da personalidade de cada indivíduo que se foca na realidade física de modo ávido e nega o self interior por ganância.

Cada um dos doze representava qualidades da personalidade pertencentes a um só indivíduo; e Cristo, tal como o conheceis, representava o self interior. Os doze, portanto, mais Cristo tal como o conheceis — a única figura composta pelos três — representavam uma personalidade terrena individual: o self interior e doze características principais ligadas ao self orientado pelo Ego Exterior. Tal como Cristo estava rodeado pelos discípulos, também o self interior está rodeado por estas características fisicamente orientadas, cada uma atraída para fora, para a realidade quotidiana, por um lado, e, no entanto, orbitando o self interior.

Os discípulos, portanto, receberam realidade física por parte do self interior, tal como todas as vossas características terrenas emergem da vossa natureza interior. Esta foi uma parábola viva, feita carne entre vós — uma peça cósmica representada em vosso benefício, formulada em termos que podíeis compreender.

As lições foram tornadas claras, pois todas as ideias por detrás delas foram personificadas. Se me perdoardes a expressão, isto foi como uma peça moral local, apresentada no vosso canto do universo. Isto não significa que fosse menos real do que anteriormente supúnheis. Na verdade, as implicações daquilo que

aqui é dito deveriam sugerir claramente os aspetos mais poderosos da divindade.

As três personalidades de Cristo nasceram no vosso planeta e, de facto, fizeram-se carne entre vós. Nenhuma delas foi crucificada. Os doze discípulos foram materializações das energias dessas três personalidades — das suas energias combinadas. Foram então plenamente dotados de individualidade; contudo, a sua principal tarefa era manifestar claramente em si próprios certas capacidades inerentes a todos os homens.

Os mesmos tipos de drama foram apresentados de formas diferentes e, embora o drama seja sempre diferente, é sempre o mesmo. Isto não significa que um Cristo tenha aparecido em cada sistema de realidade. Significa que a ideia de Deus se manifestou em cada sistema de um modo compreensível para os seus habitantes.

Este drama continua a existir. Não pertence, por exemplo, ao vosso passado. Fostes apenas vós que o colocastes lá. Isto não significa que ele se repita sempre. O drama, portanto, esteve longe de ser desprovido de significado, e o espírito de Cristo, nos vossos termos, é legítimo. É o drama-Deus provável que escolhesteis percecioneiros. Houve outros que foram percecioneiros, mas não por vós, e existem agora outros dramas semelhantes.

Portanto, quer a Crucificação tenha ocorrido fisicamente quer não, foi um acontecimento psíquico, e existe tal como existem todos os outros acontecimentos ligados ao drama.

Muitos foram físicos, mas alguns não foram. O acontecimento psíquico afetou o vosso mundo tanto quanto o físico, como é evidente. Todo o drama ocorreu como resultado da necessidade da humanidade. Foi criado em resultado dessa necessidade, cresceu a partir dela, mas não teve origem dentro do vosso sistema de realidade.

Outras religiões basearam-se em dramas diferentes, nos quais as ideias foram encenadas de uma forma compreensível para várias culturas. Infelizmente, as diferenças entre os dramas conduziram muitas vezes a mal-entendidos, e estes foram usados como pretextos para guerras. Estes dramas são também trabalhados em privado no estado de sonho. As figuras de Deus personificado foram primeiro introduzidas ao homem no estado de sonho, e o caminho foi então preparado.

Em visões e inspirações, os homens souberam que o drama de Cristo seria encenado e, por isso, reconheceram-no pelo que era quando ocorreu fisicamente. O seu poder e força regressaram então ao universo dos sonhos. Tinham aumentado o seu vigor e intensidade através da materialização física. Nos sonhos privados, os homens relacionaram-se então com as figuras principais do drama e, no estado de sonho, reconheceram o seu verdadeiro significado.

Assim, Deus é mais do que a soma de todos os sistemas prováveis de realidade que criou, e, no entanto, está dentro de cada um deles, sem exceção. Está, portanto, dentro de cada homem e

de cada mulher. Está também dentro de cada aranha, sombra e rã, e é isto que o homem não gosta de admitir.

Deus só pode ser experienciado, e tu experencia-lo, quer o percebas quer não, através da tua própria existência. Contudo, ele não é masculino nem feminino, e uso os termos apenas por conveniência. Na verdade mais rigorosa, ele não é humano nos vossos termos; nem, nos vossos termos, é uma personalidade. As vossas ideias de personalidade são demasiado limitadas para conter as múltiplas facetas da sua existência multidimensional.

Por outro lado, ele é humano, na medida em que é parte integrante de cada indivíduo; e, dentro da vastidão da sua experiência, conserva uma “forma-ideia” de si mesmo como humano, com a qual vos podeis relacionar. Literalmente, fez-se carne para habitar entre vós, pois ele forma a vossa carne, no sentido em que é responsável pela energia que dá vitalidade e validade ao vosso Self multidimensional privado, que por sua vez forma a vossa imagem de acordo com as vossas próprias ideias.

Este Self multidimensional privado, ou Alma, possui então uma validade eterna. É sustentado, amparado e mantido pela energia, pela vitalidade inconcebível, de Tudo O Que É.

Portanto, esse teu Self interior não pode ser destruído, nem pode ser diminuído. Partilha das capacidades inerentes a Tudo O Que É. Tem, portanto, de criar tal como é criado, pois esta é a grande dádiva que está por detrás de todas as dimensões da existência: o transbordamento da fonte de Tudo O Que É.

Identificarei oportunamente a figura da terceira personalidade de Cristo¹. Agora, contudo, ocupo-me dos aspetos multidimensionais de Tudo O Que É. Uma realidade assim só pode ser experienciada. Não há factos que possam ser dados capazes de retratar com fidelidade os atributos de Tudo O Que É.

Esta realidade e esses atributos aparecerão dentro de vários sistemas de atualidade de acordo com os dados de camuflagem de cada sistema. A experiência interior com o Deus multidimensional pode surgir em duas áreas principais. Uma é através da compreensão de que esta força motriz primordial está dentro de tudo aquilo que podes perceber com os teus sentidos. O outro método consiste em compreender que esta força motriz primária possui uma realidade independente da sua ligação com o mundo das aparências.

Todo o contacto pessoal com o Deus multidimensional, todos os momentos legítimos de consciência mística, terão sempre um efeito unificador. Não isolarão, portanto, o indivíduo envolvido; em vez disso, ampliarão as suas percepções até que ele experiencie a realidade e a singularidade de tantos outros aspetos da realidade quantos for capaz de acolher.

Sentir-se-á, portanto, menos isolado e menos separado. Não se considerará acima dos outros por causa da experiência. Pelo contrário, será levado numa gestalt de compreensão — uma

¹ Até agora, Seth nomeou duas das três personalidades que compõem a entidade Cristo — Ele próprio, obviamente, e João Batista. Ver o Capítulo Dezoito de O Material de Seth.

totalidade organizada de entendimento — em que reconhece a sua própria unidade com Tudo O Que É.

Tal como há aspetos da realidade que não percecionas conscientemente, e outros sistemas de probabilidade dos quais não estás conscientemente ciente, também há aspetos da divindade primordial que não consegues compreender neste momento. Existem, portanto, deuses prováveis, cada um refletindo à sua maneira os aspetos multidimensionais de uma identidade primordial tão vasta e deslumbrante que nenhuma forma de realidade nem qualquer tipo particular de existência poderia contê-la.

Tentei dar-te alguma ideia dos efeitos criativos de longo alcance dos teus próprios pensamentos. Tendo isso em mente, então, é impossível imaginar as criatividades multidimensionais que podem ser atribuídas a Tudo O Que É. O termo “Tudo O Que É” pode ser usado como designação para incluir todos esses deuses prováveis em todas as suas diferentes manifestações.

Talvez seja mais fácil para alguns de vós compreender as histórias simples e as parábolas do princípio de que falei. Mas chegou o tempo de a humanidade dar vários passos mais além, de expandir a natureza da sua própria consciência tentando compreender uma versão mais profunda da realidade. Cresceste para lá do tempo dos contos infantis. Quando os teus próprios pensamentos têm forma e realidade, quando possuem validade até noutros sistemas de realidade dos quais não estás consciente, então não é difícil compreender por que razão outros sistemas de probabilidades também são afetados pelos teus próprios

pensamentos e emoções — nem por que razão aquilo que acontece noutras dimensões da existência afeta também as ações dos deuses prováveis.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a ideia de Deus para fora das categorias humanas habituais. Seth começa por desmontar a noção de uma única História, uma única evolução, um único universo físico e um único Deus antropomórfico. Em vez disso, apresenta uma realidade multidimensional composta por sistemas prováveis, linhas evolutivas diversas, dramas simbólicos e formas de divindade adaptadas à capacidade percetiva de cada sistema.

A função central do capítulo é esta:

Deus, enquanto Tudo O Que É, não é um ser supremo separado da criação, mas uma realidade multidimensional, criadora e imanente, presente em todos os sistemas prováveis, em todas as formas de existência e em todas as manifestações da consciência.

1. O universo físico emerge de dimensões ocultas

Seth abre o capítulo estabelecendo uma analogia entre a vida individual e o universo físico.

vida individual → dimensões ocultas → fontes inconscientes → energia para agir

universo físico → outras dimensões → realidades mais profundas
→ energia para existir

Tal como a vida presente de qualquer indivíduo se ergue a partir de dimensões que não são facilmente acessíveis em termos físicos, também o universo físico presente emerge de outras dimensões.

O físico não é origem de si mesmo. É expressão visível de realidades mais profundas.

2. História como uma única luz

A História, tal como a humanidade a conhece, representa apenas uma única luz sobre a qual a atenção se foca.

História percebida → foco numa única luz → interpretação dos acontecimentos → projeção sobre o futuro

A consciência humana está tão enfeitiçada por essa única linha que, quando pergunta pela natureza da realidade, limita automaticamente a pergunta à realidade física conhecida.

Seth não nega a História; relativiza-a. Ela é uma linha de foco, não o todo da realidade.

3. História como fina linha de probabilidades

A História humana é apenas uma fina linha de probabilidades.

História → linha provável → imersão atual → aparência de exclusividade

Ela não representa todo o tempo de vida da espécie, nem todo o catálogo das atividades físicas, nem todas as civilizações, guerras, alegrias, tecnologias ou triunfos.

A realidade é muito mais diversa do que a linha histórica atualmente reconhecida.

4. Evolução como uma linha provável

A evolução, tal como é concebida e classificada pelos cientistas, é apenas uma linha provável de evolução.

evolução conhecida → uma linha provável → sistema físico atual
→ foco limitado

Existem muitos outros desenvolvimentos evolutivos igualmente válidos e reais, que ocorreram, ocorrem e ocorrerão em outros sistemas prováveis de realidade física.

Isto desloca a evolução de sequência única para campo de possibilidades:

vida → consciência → múltiplas linhas evolutivas → sistemas prováveis → materializações diversas

5. Nenhuma linha evolutiva é morta

Seth afirma que nenhuma linha evolutiva é uma linha morta.

linha evolutiva desaparece num sistema → emerge noutro sistema → continua a desenvolver-se

O desaparecimento numa probabilidade não significa extinção absoluta. Significa deslocação para outro enquadramento provável.

Todas as materializações prováveis da vida e da consciência têm o seu dia, e esse dia, nos nossos termos, é eterno.

6. Sentidos latentes e realidades físicas alternativas

Dentro das formas físicas humanas existem sentidos latentes que poderiam ter vindo ao primeiro plano, mas que, nesta probabilidade, não vieram.

forma física humana → sentidos latentes → possibilidades perceptivas não atualizadas → outras realidades físicas possíveis

A própria estrutura do corpo contém indícios de outras linhas de desenvolvimento.

Isto mostra que o humano atual não é o ponto final da evolução, mas uma configuração particular dentro de um campo mais vasto de possibilidades.

7. A humanidade como criatura de probabilidades

Seth redefine a humanidade como criatura não apenas de carne, sangue, espaço e tempo, mas também de probabilidades.

ser corpóreo → carne e sangue → espaço e tempo físico

ser provável → dimensão particularizada de probabilidades → atualidade adequada ao desenvolvimento

A existência humana nasce de dimensões de atualidade ricamente adequadas ao desenvolvimento, enriquecimento e crescimento de determinado tipo de consciência.

O ser humano é físico, mas a sua origem e estrutura são multidimensionais.

8. Entidade, Self inteiro e expressões do Self

Seth aproxima a noção de entidade e Self inteiro.

entidade / Self inteiro → múltiplas expressões do Self → diferentes campos de realidade → experiências simultâneas

O indivíduo físico está imerso num aspeto aparentemente diminuto da realidade. Contudo, apenas os elementos mais “superficiais” do Self estão enfeitados por esse foco.

Outras expressões do Self estão ocupadas noutros campos de realidade, algumas tão absorvidas nas suas realidades como a Personalidade de Foco física está na sua.

9. O verdadeiro Self multidimensional

A entidade, ou verdadeiro Self multidimensional, está consciente de todas as suas experiências.

Self multidimensional → consciência de todas as experiências → conhecimento disponível às expressões do Self

Esse conhecimento está, até certo ponto, disponível às expressões do Self, incluindo o self físico tal como é conhecido.

Essas várias expressões acabarão por se tornar plenamente conscientes, nos nossos termos. Essa tomada de consciência alterará aquilo que agora parece ser a sua natureza e acrescentará novas dimensões à multiplicidade da existência.

10. Sistemas prováveis físicos e não físicos

Existem muitos sistemas prováveis de realidade nos quais predominam dados físicos. Contudo, esses sistemas físicos representam apenas uma pequena porção.

sistemas prováveis físicos → dados físicos predominantes → pequena porção da realidade

sistemas não físicos → outras formas de existência → manifestações do pensamento e da emoção

Cada indivíduo também existe em sistemas não físicos. O mais ligeiro pensamento ou emoção manifesta-se de maneiras diversas noutros campos de existência.

11. Apenas uma porção da identidade é familiar

Apenas uma porção da identidade inteira é familiar à consciência física.

identidade inteira → múltiplas dimensões → pequena porção familiar → self físico conhecido

Esta limitação afeta a forma como o ser humano imagina Deus.

Quando considera a questão de um ser supremo, projeta sobre ele as capacidades, qualidades e formas que reconhece em si mesmo.

12. Deus moldado à imagem humana

A ideia humana de Deus mudou ao longo dos séculos porque refletiu as ideias mutáveis do homem acerca de si próprio.

homem valoriza poder e crueldade → Deus cruel e poderoso

homem valoriza autoridade paternal → Deus como Pai

homem pensa em termos humanos → Deus imaginado humanamente

A humanidade moldou a ideia de Deus à sua própria imagem.

Seth não nega a utilidade desses símbolos; mostra apenas que são traduções parciais, condicionadas pelo desenvolvimento humano.

13. “Ser supremo” como termo distorcivo

Numa realidade multidimensional, os velhos conceitos de Deus tornam-se relativamente destituídos de sentido.

ser supremo → projeção de qualidades humanas → hierarquia antropomórfica → distorção

O termo “ser supremo” é distorcivo porque sugere uma personalidade superior separada, pensada nos moldes humanos.

Deus, em Seth, não é simplesmente o maior dos seres. É uma realidade multidimensional que excede as categorias de ser, pessoa, forma, sexo e hierarquia.

14. Deus como ideia

Seth afirma que, se dissesse que Deus é uma ideia, a humanidade interpretaria mal a afirmação.

ideia → para o humano comum → menos real do que objeto físico

ideia → em Seth → realidade energética, criadora, multidimensional

O problema está na desvalorização humana das ideias. O homem acredita mais nos objetos físicos do que nas ideias, sem perceber que os objetos físicos são materializações de ideias.

Por isso, dizer que Deus é uma ideia não significa reduzi-lo; significa colocá-lo num nível de realidade muito mais poderoso do que a matéria.

15. A imagem física como materialização da ideia de si

A imagem física do indivíduo é a materialização da sua ideia de si mesmo dentro das propriedades da matéria.

ideia de si → energia inicial → imagem física → corpo vivo

Sem a ideia de si mesmo, a imagem física não existiria.

Este ponto estabelece uma ponte decisiva:

ideia → energia → forma → matéria

As ideias são mais reais e poderosas do que parecem, porque originam e sustentam formas físicas.

16. Existência multidimensional e probabilidades infinitas

A compreensão de Deus exige aceitar que a existência individual é multidimensional.

existência individual → multidimensionalidade → probabilidades infinitas → vislumbre da realidade por detrás da palavra “deus”

A palavra “deus” é apenas um marcador pobre para uma realidade que não cabe em linguagem linear.

A compreensão intelectual é insuficiente; é necessário alargar a percepção da própria identidade.

17. Deus como criador de existências prováveis

Deus é criador, não de um único universo físico, mas de uma variedade infinita de existências prováveis.

Tudo O Que É → criação infinita → sistemas prováveis → existências físicas e não físicas

A criação não se limita ao universo físico conhecido pelos cientistas.

A ideia de que Deus enviou simplesmente um filho para viver e morrer num pequeno planeta é demasiado estreita perante a vastidão dos sistemas prováveis.

18. Parábolas e histórias do princípio

As histórias do princípio foram tentativas de transmitir conhecimento em termos simples.

realidade sem princípio nem fim → consciência humana temporal → parábolas de princípio e fim

Não houve princípio e não haverá fim. Contudo, como a humanidade pensa em termos de tempo linear, princípios e fins parecem acontecimentos necessários.

As parábolas responderam a perguntas que só fazem sentido dentro do sistema físico.

19. Velhas ideias limitam explicações mais expandidas

À medida que a consciência tenta desviar o foco da realidade física, agarra-se ainda a velhas ideias.

desvio do foco físico → contacto com outras realidades → apego a velhas ideias → dificuldade em compreender explicações mais expandidas

A consciência multidimensional está disponível nos sonhos, em alguns estados de transe e até abaixo da consciência comum durante o dia.

Mas o enquadramento mental habitual limita a recepção dessas experiências.

20. Realidade física não é falsa

Dizer que a vida física não é real é negar que a realidade permeia toda a aparência.

vida física → aparência → realidade que a permeia → validade experiencial

Seth não substitui materialismo por negação da matéria. A realidade física é válida porque a Realidade maior a atravessa e se expressa nela.

A aparência não é falsidade; é uma forma de manifestação.

21. Deus dentro da realidade física

Deus não existe separado da realidade física.

Deus → dentro da realidade física → como parte dela

Deus → dentro de todos os sistemas de existência → como parte deles

Tudo O Que É não está fora da criação a observá-la. Está dentro dela, como energia, vitalidade, validade e presença.

Isto desloca Deus de exterioridade para imanência multidimensional.

22. A figura de Cristo como símbolo

A figura de Cristo representa simbolicamente a ideia humana de Deus e das suas relações.

Cristo → símbolo → ideia de Deus → relação entre divino, humano e self interior

Segundo Seth, houve três indivíduos separados cujas histórias se fundiram e ficaram conhecidas coletivamente como Cristo.

As discrepâncias nos registros resultam dessa fusão simbólica e histórica.

23. As três personalidades de Cristo

As três personalidades de Cristo faziam parte de uma só entidade.

entidade Cristo → três personalidades → histórias fundidas → figura coletiva de Cristo

Todas eram masculinas porque, naquele momento do desenvolvimento humano, uma contraparte feminina não teria sido aceite.

Isto mostra que a forma do drama religioso foi condicionada pela capacidade cultural da época.

24. Deus como Pai e componentes terrenos

A humanidade não podia deixar de imaginar Deus como Pai.

desenvolvimento humano da época → imaginação em termos humanos → Deus como Pai → componentes terrenos

Nunca teria ocorrido imaginar Deus fora de termos humanos e terrenos.

Por isso, o drama de Cristo foi formulado em imagens, relações e figuras que a humanidade podia compreender.

25. Crucifixação como acontecimento psíquico

Seth afirma que os acontecimentos registrados não ocorreram na História tal como são narrados.

Crucifixão → acontecimento psíquico → não físico → impacto real no mundo

Isto não torna o acontecimento irrelevante. Pelo contrário, Seth afirma que o acontecimento psíquico afetou o mundo tanto quanto um acontecimento físico.

Foram representadas ideias de magnitude quase inimaginável.

26. O drama de Cristo como necessidade da humanidade

Todo o drama ocorreu como resultado da necessidade da humanidade.

necessidade humana → criação do drama → crescimento a partir dessa necessidade → origem fora do sistema físico

O drama não teve origem dentro do nosso sistema de realidade, mas manifestou-se nele porque correspondia a uma necessidade coletiva.

Seth apresenta o drama religioso como uma tradução simbólica de forças e ideias vindas de dimensões mais amplas.

27. Judas como personalidade-fragmento

Judas não foi, nos termos de Seth, um homem comum.

personalidade de Cristo → criação de personalidades-fragmento
→ discípulos → personificação de qualidades

Judas representava o traidor de si mesmo.

Judas → self-traidor → foco ávido na realidade física → negação do self interior por ganância

Ele dramatizava uma porção da personalidade de cada indivíduo que se agarra à realidade física e nega a natureza interior.

28. Os doze discípulos como características da personalidade

Cada discípulo representava uma qualidade da personalidade pertencente a um só indivíduo.

Cristo → self interior

doze discípulos → características principais ligadas ao self orientado pelo Ego Exterior

Os doze, mais Cristo, representavam uma personalidade terrena individual: o self interior rodeado por características fisicamente orientadas.

Tal como Cristo estava rodeado pelos discípulos, o self interior está rodeado pelas características orientadas para a realidade quotidiana.

29. Parábola viva feita carne

Os discípulos receberam realidade física por parte do self interior, tal como as características terrenas emergem da natureza interior.

self interior → características terrenas → personificação → discípulos

O drama de Cristo foi uma parábola viva, feita carne entre os homens.

ideias espirituais → personificação → drama cósmico → compreensão humana

As ideias por detrás do drama foram personificadas para se tornarem claras.

30. Peça moral local e peça cósmica

Seth chama ao drama uma espécie de peça moral local, apresentada no canto humano do universo.

drama cósmico → tradução local → cultura humana → peça moral compreensível

Isto não significa que fosse menos real. Pelo contrário, a sua natureza simbólica sugere aspetos mais poderosos da divindade.

A realidade do drama não depende de literalidade histórica plena.

31. Materialização dos discípulos

Os doze discípulos foram materializações das energias combinadas das três personalidades de Cristo.

três personalidades de Cristo → energias combinadas → doze discípulos → individualidade própria

Apesar da origem simbólica e energética, os discípulos foram dotados de individualidade.

A sua tarefa principal era manifestar capacidades inerentes a todos os homens.

32. Dramas divinos em diferentes sistemas

Os mesmos tipos de drama foram apresentados de formas diferentes.

ideia de Deus → sistema de realidade → drama compreensível aos habitantes

Isto não significa que um Cristo tenha aparecido em cada sistema. Significa que a ideia de Deus se manifesta em cada sistema de modo adequado à compreensão dos seus habitantes.

O drama muda; a função é a mesma.

33. O drama de Cristo continua a existir

O drama de Cristo não pertence simplesmente ao passado.

drama de Cristo → colocado no passado pela humanidade → continua a existir → realidade provável ativa

Ele não se repete sempre, mas continua a existir como drama-Deus provável escolhido pela humanidade.

Houve outros dramas percebidos por outras consciências, e existem agora outros dramas semelhantes.

34. Dramas religiosos e estado de sonho

Os dramas religiosos foram primeiro trabalhados no estado de sonho.

figuras de Deus personificado → introdução no sonho → visões e inspirações → preparação cultural → manifestação física

Antes da sua materialização física, os homens receberam esses dramas em sonhos, visões e inspirações.

Depois da materialização, o poder do drama regressou ao universo dos sonhos, enriquecido pela intensidade física que adquiriu.

35. Religiões como dramas culturais

Outras religiões basearam-se em dramas diferentes.

cultura → necessidades simbólicas → drama religioso → ideias encenadas de modo compreensível

As diferenças entre dramas conduziram frequentemente a mal-entendidos e foram usadas como pretextos para guerras.

O problema não está na existência de dramas diferentes, mas na sua interpretação literalista, exclusivista e separadora.

36. Deus como Tudo O Que É

Deus é mais do que a soma de todos os sistemas prováveis de realidade que criou, e, no entanto, está dentro de cada um deles.

Tudo O Que É → mais do que todos os sistemas → presente em cada sistema → sem exceção

Está dentro de cada homem, mulher, aranha, sombra e rã.

Isto é o que o homem não gosta de admitir: a divindade não se limita ao humano, nem ao belo, nem ao moralmente valorizado.

37. Deus só pode ser experienciado

Deus só pode ser experienciado.

existência própria → experiência de Deus → reconhecimento ou não reconhecimento

Tu experencia-lo, quer o percebas quer não, através da tua própria existência.

Deus não é masculino nem feminino; esses termos são usados apenas por conveniência.

38. Deus não é personalidade nos termos humanos

Na verdade mais rigorosa, Deus não é humano nos nossos termos, nem é uma personalidade nos nossos termos.

personalidade humana → conceito limitado → incapaz de conter a existência multidimensional de Deus

As ideias humanas de personalidade são demasiado estreitas para conter as múltiplas facetas da existência multidimensional de Tudo O Que É.

39. Deus como parte integrante de cada indivíduo

Por outro lado, Deus é humano na medida em que é parte integrante de cada indivíduo.

Tudo O Que É → parte integrante de cada indivíduo → forma-ideia humana → relação possível com o divino

Dentro da vastidão da sua experiência, Tudo O Que É conserva uma forma-ideia de si mesmo como humano, com a qual os humanos se podem relacionar.

Deus “fez-se carne” porque forma a carne: é responsável pela energia que dá vitalidade e validade ao Self multidimensional privado.

40. Self multidimensional privado / Alma

Seth identifica o Self multidimensional privado com a Alma.

Tudo O Que É → energia e vitalidade inconcebíveis → Self multidimensional privado / Alma → imagem física

A Alma forma a imagem física de acordo com as suas próprias ideias.

Este Self multidimensional privado possui validade eterna. É sustentado, amparado e mantido pela energia de Tudo O Que É.

41. O Self interior não pode ser destruído

Esse Self interior não pode ser destruído nem diminuído.

Self interior → validade eterna → sustentado por Tudo O Que É → partilha capacidades criativas

Ele partilha das capacidades inerentes a Tudo O Que É.

Tem, portanto, de criar tal como é criado.

42. Criação como grande dádiva

Seth fecha o núcleo metafísico do capítulo com a ideia de que a criação é a grande dádiva por detrás de todas as dimensões da existência.

Tudo O Que É → transbordamento da fonte → criação → seres criados que também criam

A criação é transbordamento, não obrigação mecânica.

Tudo aquilo que existe participa, em algum grau, da capacidade criativa da fonte.

43. Experiência mística legítima

O contacto pessoal com o Deus multidimensional tem sempre efeito unificador.

experiência mística legítima → ampliação da percepção → menos isolamento → unidade com Tudo O Que É

A experiência mística verdadeira não isola o indivíduo nem o leva a sentir-se superior.

Pelo contrário, dissolve a separação e insere a consciência numa gestalt de compreensão — uma totalidade organizada de entendimento.

44. Deuses prováveis

Existem deuses prováveis, cada um refletindo à sua maneira os aspetos multidimensionais de uma identidade primordial.

identidade primordial → vastidão inconcebível → múltiplas formas de realidade → deuses prováveis

Nenhuma forma de realidade nem tipo particular de existência poderia conter a totalidade da divindade primordial.

O termo “Tudo O Que É” inclui todos esses deuses prováveis em todas as suas diferentes manifestações.

45. Humanidade para lá dos contos infantis

Seth afirma que chegou o tempo de a humanidade crescer para lá dos contos infantis.

parábolas simples → histórias do princípio → compreensão infantil necessária

nova etapa → expansão da consciência → versão mais profunda da realidade

Isto não rejeita as parábolas antigas; coloca-as no seu devido lugar.

Elas foram úteis enquanto formas simples de transmissão. Agora, a consciência humana pode tentar compreender uma realidade mais profunda.

46. Pensamentos humanos e sistemas prováveis

Os pensamentos humanos têm forma, realidade e validade até noutros sistemas de realidade.

pensamento humano → forma e realidade → validade noutros sistemas → efeito em probabilidades

Por isso, outros sistemas de probabilidades também são afetados pelos pensamentos e emoções humanos.

Do mesmo modo, aquilo que acontece noutras dimensões da existência afeta as ações dos deuses prováveis.

A criação é interdimensional e relacional.

Estrutura Operativa do Capítulo

universo físico → dimensões ocultas → realidades mais profundas
→ energia de manifestação

História → uma luz → linha provável → foco limitado da atenção

evolução conhecida → uma linha provável → outras evoluções igualmente reais

Self multidimensional → múltiplas expressões do Self → diferentes campos de realidade → tomada de consciência progressiva

Deus antropomórfico → projeção humana → ser supremo → distorção

Deus como ideia → ideia como realidade energética → criação multidimensional

Tudo O Que É → sistemas prováveis → deuses prováveis → manifestações diversas

parábolas do princípio → tradução simbólica → consciência temporal → origem/fim como linguagem humana

Cristo → entidade composta → três personalidades → drama simbólico/psíquico

discípulos → personalidades-fragmento → características do self orientado pelo Ego Exterior

Cristo → self interior → centro organizador da personalidade terrena

drama religioso → sonho → visão → materialização física parcial → retorno ao universo dos sonhos

Tudo O Que É → imanência em todos os sistemas → homem, mulher, aranha, sombra, rã

Self multidimensional privado / Alma → validade eterna → sustentação por Tudo O Que É → criação

Núcleo Operativo

O Capítulo 14 reformula a ideia de Deus a partir da multidimensionalidade. Seth desmonta as limitações da História, da evolução linear, do ser supremo antropomórfico e das histórias literais do princípio. A realidade física é apenas uma linha provável

entre muitas; a História é uma única luz; a evolução conhecida é uma linha entre múltiplas linhas igualmente válidas.

Deus, enquanto Tudo O Que É, não é uma personalidade humana ampliada, nem um pai cósmico separado da criação. É mais do que todos os sistemas prováveis e, ao mesmo tempo, está dentro de cada um deles. Está dentro de cada homem e mulher, mas também dentro de cada aranha, sombra e rã. A divindade não é exterioridade distante; é presença imanente em todos os campos de existência.

O capítulo mostra também que as religiões funcionam como dramas simbólicos. O drama de Cristo é apresentado como uma parábola viva, feita carne entre os homens: não totalmente histórico nos termos habituais, mas profundamente real enquanto acontecimento psíquico e simbólico. As três personalidades de Cristo, os doze discípulos e Judas representam uma estrutura interior da personalidade: Cristo como self interior, os discípulos como características ligadas ao self orientado pelo Ego Exterior, Judas como a tendência autotraidora que se agarra avidamente à realidade física e nega a natureza interior.

Seth amplia ainda o conceito de Deus através dos “deuses prováveis”: manifestações da divindade primordial em diferentes sistemas de realidade. O termo Tudo O Que É designa essa realidade que inclui todos os deuses prováveis e todas as suas diferentes manifestações. Nenhuma forma de realidade, religião, sistema de existência ou conceito humano poderia conter a totalidade da identidade primordial.

Por fim, o capítulo liga Tudo O Que É à Alma: o Self multidimensional privado, ou Alma, possui validade eterna porque é sustentado pela energia inconcebível de Tudo O Que É. Esse Self interior não pode ser destruído nem diminuído; partilha da capacidade criativa da fonte e, por isso, cria tal como é criado.

Formulação final

As histórias do princípio são traduções simbólicas criadas para uma consciência que pensa em termos de começo e fim. Mas Tudo O Que É não tem princípio nem fim: manifesta-se em todos os sistemas prováveis, em todos os deuses prováveis, em todos os dramas religiosos e em todas as formas de existência. Deus não está separado da realidade física; está dentro dela e como parte dela. O drama de Cristo é uma parábola viva dessa verdade: uma encenação psíquica e simbólica da relação entre o self interior, as características orientadas para a realidade física e a divindade que habita todas as coisas. A Alma, ou Self multidimensional privado, possui validade eterna porque é sustentada pelo transbordamento criativo de Tudo O Que É.

CAPÍTULO 15

Civilizações Reencarnacionais, Probabilidades e Mais Sobre o Deus Multidimensional

De certo modo, pode dizer-se que tendes civilizações reencarnacionais, bem como indivíduos que reencarnam. Cada entidade que nasce em carne trabalha no sentido de desenvolver aquelas capacidades que podem ser mais bem nutridas e realizadas dentro do ambiente físico. Tem uma responsabilidade perante a civilização na qual vive cada existência, e também por ela, pois ajuda a formá-la através dos seus próprios pensamentos, emoções e ações.

Aprende tanto com o fracasso como com o sucesso. Pensais na história física como começando com o homem das cavernas e continuando até ao presente, mas houve outras grandes civilizações científicas; algumas referidas nas lendas, outras completamente desconhecidas — todas, nos vossos termos, agora desaparecidas.

Parece-vos, talvez, que tendes apenas uma oportunidade enquanto espécie para resolver os vossos problemas, ou para serdes destruídos pela vossa própria agressividade, pela vossa falta de compreensão e de espiritualidade. Tal como vos são dadas muitas vidas para desenvolverdes e realizardes as vossas capacidades, também à espécie, nesses termos, foi concedido mais

do que a única linha de desenvolvimento histórico com que estais presentemente familiarizados. A estrutura reencarnacional é apenas uma faceta no quadro completo das probabilidades. Nela, tendes literalmente tanto tempo quanto necessitais para desenvolver os potenciais que tendes de desenvolver, antes de deixardes as existências reencarnacionais. Grupos de pessoas, em vários ciclos de atividade reencarnacional, enfrentaram crise após crise, chegaram ao vosso ponto de desenvolvimento físico e, a partir daí, ou avançaram para além dele, ou destruíram a sua civilização particular.

Nesse caso, foi-lhes dada outra oportunidade, possuindo o conhecimento inconsciente não apenas do seu fracasso, mas também das razões por detrás dele. Começaram então com uma vantagem psicológica ao formar novos agrupamentos primitivos. Outros, tendo resolvido os problemas, deixaram o vosso planeta físico rumo a outros pontos do universo físico. Quando atingiram esse nível de desenvolvimento, contudo, estavam espiritual e psiquicamente maduros, e eram capazes de utilizar energias das quais agora não tendes qualquer conhecimento prático.

Para eles, a Terra é agora o lar lendário. Formaram novas raças e espécies que já não podiam adaptar-se fisicamente às vossas condições atmosféricas. Contudo, continuaram também no nível reencarnacional enquanto habitaram a realidade física. Alguns destes, porém, sofreram mutações e há muito deixaram o ciclo reencarnacional.

Aqueles que o deixaram evoluíram para as entidades mentais que sempre foram. Descartaram a forma material. Este grupo de entidades continua a ter grande interesse pela Terra. Dá-lhe apoio e energia. De certa maneira, poderiam agora ser considerados deuses da Terra.

No vosso planeta, estiveram envolvidos em três civilizações particulares muito antes do tempo da Atlântida; numa época em que, de facto, o próprio planeta se encontrava numa posição algo diferente.

Particularmente em relação a três dos outros planetas que conheceis. Os polos estavam invertidos — como estiveram, incidentalmente, durante três longos períodos da história do vosso planeta. Estas civilizações eram altamente tecnológicas; a segunda, de facto, era muito superior à vossa nesse aspeto.

O som era utilizado de forma muito mais eficaz, não apenas na cura e nas guerras, mas também para alimentar veículos de locomoção e para provocar o movimento da matéria física. O som era transportador de peso e massa.

A força desta segunda civilização situava-se principalmente nas áreas agora conhecidas como África e Austrália, embora, nessa época, tanto o clima como as massas terrestres fossem inteiramente diferentes. Havia uma atração diferente da massa terrestre, relacionada com a posição alterada dos polos. Relativamente falando, contudo, a civilização estava concentrada numa determinada área; não tentou expandir-se. Era altamente

fechada sobre si mesma e habitava o planeta simultaneamente com uma cultura primitiva vasta, dispersa e desorganizada.

Não só não tentou “civilizar” o resto do mundo, como fez tudo o que estava ao seu alcance — e o seu poder foi considerável durante um longo período — para impedir qualquer progresso desse tipo.

Os membros desta civilização eram, em grande parte, um grupo periférico da civilização anterior bem-sucedida, cujos membros, na sua maioria, tinham decidido continuar a existência noutras áreas do vosso universo físico. Estes, contudo, estavam particularmente apaixonados pela vida terrena, e pensavam também que poderiam aperfeiçoar a última experiência em que tinham estado envolvidos, embora fossem livres de avançar para outras camadas de existência.

Não estavam interessados em recomeçar do zero como uma civilização infantil, mas em atuar noutras áreas. Por isso, grande parte do seu conhecimento era instintivo, e esse grupo particular passou então por aquilo a que chamaríeis os vários estágios tecnológicos com muita rapidez.

Estavam particularmente preocupados, no início, em desenvolver um ser humano que tivesse salvaguardas incorporadas contra a violência. Neles, o desejo de paz era quase aquilo a que chamaríeis um instinto. Houve alterações no mecanismo físico. Quando a mente sinalizava uma agressividade forte, o corpo não reagia. Psicologicamente, ainda podeis ver vestígios disto em certos indivíduos que desmaiam, ou até atacam o seu próprio sistema

físico, antes de se permitirem fazer aquilo que consideram violência contra outro.

Esta civilização, portanto, deixou em paz os nativos que a rodeavam. Contudo, enviou membros do seu próprio grupo para viverem com os nativos e se cruzarem com eles, esperando, assim, alterar pacificamente a fisiologia da espécie.

A energia que, no vosso tempo, é muitas vezes entregue à violência foi, em vez disso, dirigida para outros empreendimentos, mas começou a voltar-se contra eles. Não estavam a aprender a lidar com a violência nem com a agressividade. Tentavam curto-circuitá-la fisicamente, e descobriram que isso trazia complicações.

A energia da agressividade deve ser permitida fluir livremente através do sistema físico, controlada e dirigida mentalmente — ou psiquicamente, se preferires.

A alteração física era uma tensão para todo o sistema. A função e base criativas que foram distorcidas na ideia de agressividade — o impulso para agir — não eram compreendidas. De certo modo, a própria respiração é uma “violência”. A inibição incorporada resultou num sistema bloqueado de controlos mútuos, no qual o necessário impulso exterior da ação se tornou literalmente impossível.

Desenvolveu-se um estado mental e físico excessivamente consciencioso e restritivo, no qual a necessidade física natural de sobrevivência do organismo era dificultada de todas as maneiras.

Mentalmente, a civilização progrediu. A sua tecnologia tornou-se extremamente ativada e foi impulsionada em frente, à medida que procurava desenvolver, por exemplo, alimentos artificiais, para não precisar de matar de modo algum a fim de sobreviver.

Ao mesmo tempo, tentava deixar o ambiente intacto. Saltou completamente a vossa fase dos automóveis e dos veículos movidos a vapor, e concentrou-se bastante cedo no som. O som não podia ser ouvido pelos ouvidos físicos.

A civilização chamava-se Lumânia, e o próprio nome converteu-se em lenda, sendo usado novamente numa época posterior.

Os Lumanianos eram, fisicamente falando, um povo muito magro e frágil, mas psiquicamente ou brilhante ou completamente destituído de dons. Em alguns deles, os controlos incorporados causavam tantos bloqueios de energia em todas as direcções que até as suas capacidades telepáticas naturalmente elevadas sofriam.

Formavam campos de energia em redor da sua própria civilização. Estavam, portanto, isolados do contacto com outros grupos. Contudo, não permitiram que a tecnologia os destruísse. Cada vez mais entre eles perceberam que a experiência não era um sucesso. Alguns, depois da morte física, partiram para se juntar aos da civilização bem-sucedida anterior, que tinham migrado para outros sistemas planetários dentro da estrutura física.

Grandes grupos, contudo, limitaram-se a abandonar as suas cidades, destruíram os campos de força que os tinham fechado e

juntaram-se aos muitos grupos de povos relativamente incivilizados, cruzando-se com eles e tendo filhos. Estes Lumanianos morreram rapidamente, pois não conseguiam suportar a violência nem reagir a ela violentamente. Sentiam, contudo, que os seus filhos mutantes poderiam ter, como resultado, uma inclinação menor para a violência, mas sem as reações proibitivas de controlo nervoso com que eles próprios tinham sido dotados.

Fisicamente, a civilização simplesmente extinguiu-se. Alguns poucos dos filhos mutantes formaram um pequeno grupo posterior que, no século seguinte, percorreu a região como itinerante, acompanhado por grandes bandos de animais. Cuidavam mutuamente uns dos outros, e muitas das antigas lendas sobre seres meio homem e meio animal chegaram até vós através dos tempos simplesmente a partir da memória destas antigas associações.

Estas pessoas, enquanto remanescentes, na verdade, da primeira grande civilização, transportavam sempre dentro de si fortes memórias subconscientes da sua origem. Refiro-me agora aos Lumanianos. Isto explicava a sua rápida ascensão, tecnologicamente falando. Mas, porque o seu propósito era tão unidirecional — evitar a violência — em vez de, digamos, desenvolver pacificamente, de forma construtiva, o potencial criativo, a sua experiência foi altamente unilateral. Eram movidos por tal medo da violência que não ousavam permitir ao sistema físico a liberdade sequer de a expressar.

A vitalidade da civilização era, portanto, fraca — não porque a violência não existisse, mas porque a liberdade da energia e da expressão era automaticamente bloqueada em linhas específicas, e de fora para dentro, fisicamente. Compreendiam bem os males da violência em termos terrenos, mas teriam negado o direito do indivíduo a aprendê-lo à sua própria maneira, impedindo-o assim de usar os seus próprios métodos, criativamente, para transformar a violência em áreas construtivas. Nesse aspeto, o livre-arbítrio foi descartado.

Tal como uma criança é fisicamente protegida de algumas doenças durante algum tempo depois de sair do ventre da mãe, também a criança é amortecida contra alguns desastres psíquicos por um breve período depois do nascimento, e ainda transporta dentro de si, para seu conforto, memórias de existências e lugares passados. Assim, durante algumas gerações, os Lumanianos foram sustentados por memórias subconscientes profundas da civilização que os precedera. Finalmente, contudo, estas começaram a enfraquecer.

Tinham-se protegido contra a violência, mas não contra o medo. Estavam, portanto, sujeitos a todos os medos humanos comuns, que eram então exagerados, uma vez que fisicamente não conseguiam responder com violência nem sequer à natureza. Se fossem atacados, tinham de fugir. O princípio de luta-ou-fuga não se aplicava. Tinham apenas um recurso.

O seu símbolo de Deus era masculino — uma figura masculina forte e fisicamente poderosa, que, portanto, os protegeria, já que

eles não podiam proteger-se a si mesmos. Essa figura evoluiu ao longo das eras à medida que as suas crenças evoluíam, e nela projetaram as qualidades que eles próprios não podiam expressar.

Muito mais tarde, essa figura apareceria como o antigo Jeová, o Deus da Ira que protegia o Povo Escolhido. O medo das forças naturais era, portanto, inicialmente extremamente forte neles, pelas razões apresentadas, e produziu uma sensação de separação entre o homem e essas forças naturais que o nutriam. Não podiam confiar na Terra, pois não lhes era permitido protegerem-se das forças violentas que existiam nela.

A sua vasta tecnologia e a sua grande civilização eram, em grande medida, subterrâneas. Eram, nesses termos, os homens das cavernas originais, e também saíam das suas cidades através de cavernas. As cavernas não eram apenas lugares de proteção onde nativos sem habilidade se agachavam. Eram muitas vezes portas de entrada e saída das cidades dos Lumanianos. Muito depois de as cidades terem sido abandonadas, os nativos posteriores, incivilizados, encontraram essas cavernas e aberturas.

No período que agora considerais a Idade da Pedra, os homens que pensais serem os vossos antepassados, os homens das cavernas, encontravam frequentemente abrigo não em cavernas naturais rudimentares, mas em canais criados mecanicamente que se prolongavam para além delas, e nas cidades desertas onde outrora os Lumanianos tinham habitado. Algumas das ferramentas fabricadas pelos homens das cavernas eram versões distorcidas daquelas que tinham encontrado.

Embora a civilização dos Lumanianos fosse altamente concentrada, no sentido em que não fez qualquer tentativa de conquistar outros povos nem de se expandir territorialmente em grande medida, ao longo dos séculos estabeleceu postos avançados a partir dos quais podia emergir e acompanhar os outros povos nativos.

Esses postos avançados eram construídos no subsolo. A partir das cidades originais e dos grandes assentamentos havia, naturalmente, ligações subterrâneas, um sistema de túneis altamente intrincado e belamente concebido. Como eram um povo estético, as paredes eram revestidas de pinturas e desenhos, e também havia escultura exposta ao longo destas vias interiores.

Existiam vários sistemas de transporte escalonado, alguns destinados à circulação de pessoas a pé, outros ao transporte de mercadorias. Contudo, não era prático construir tais túneis até aos muitos postos avançados, que eram comunidades bastante pequenas e relativamente autossuficientes; alguns ficavam a uma distância considerável das principais áreas de comércio e atividade.

Estes postos avançados estavam situados em muitas áreas dispersas, mas havia um número bastante grande deles naquilo que é agora Espanha e os Pirenéus. Havia várias razões para isso, uma delas relacionada com a existência de homens de tamanho bastante gigantesco nas zonas montanhosas. Devido à natureza tímida deste povo lumaniano, eles não apreciavam a existência nos postos

avançados, e apenas os mais corajosos e confiantes recebiam tal missão, que, para começar, era temporária.¹

As cavernas, mais uma vez, serviam como portas de saída para o exterior, e muitas vezes aquilo que parecia ser o fundo de uma caverna era, na verdade, construído com um material opaco do lado de fora, mas transparente do lado de dentro. Os nativos da área, usando essas cavernas como abrigo natural, podiam assim ser observados sem perigo. Estas pessoas reagiam a sons que não são audíveis aos vossos ouvidos. O seu peculiar medo da violência intensificava todos os seus mecanismos a um grau espantoso. Estavam eternamente alertas e de guarda.

Isto é difícil de explicar, mas conseguiam projetar mentalmente um pensamento ao longo de certas frequências — uma arte altamente distinta — e depois traduzir esse pensamento, num determinado destino, de qualquer uma de várias maneiras: em forma ou cor, por exemplo, ou até num certo tipo de imagem. A sua linguagem era extremamente discriminadora de modos que não conseguiríeis compreender, simplesmente porque as gradações de tom, frequência e espaçamento eram tão precisas e complicadas.

A comunicação, na verdade, era um dos seus pontos mais fortes, e foi desenvolvida num grau tão elevado simplesmente porque

¹ Uma nota acrescentada mais tarde: Seth não fornece datas para a civilização lumaniana. É interessante notar, contudo, que, no fim de julho de 1971, cerca de oito meses depois desta sessão, os jornais publicaram a notícia — com fotografias — da descoberta de um crânio sub-humano “maciço” numa gruta nos Pirenéus franceses, muito perto da fronteira espanhola. O crânio tem pelo menos duzentos mil anos e representa uma raça até então não identificada. Pensa-se agora, provisoriamente, que várias raças primitivas existiam na Europa nessa época. O período é anterior ao Homem de Neandertal e marca o início da penúltima Idade do Gelo. Esta região do sul de França é conhecida pelas suas muitas cavernas, facilmente erodidas no leito rochoso calcário pela água corrente. Jane não tem formação paleontológica.

temiam tão profundamente a violência e estavam constantemente em alerta. Agrupavam-se em grandes grupos familiares, novamente por necessidade de proteção. O contacto entre filhos e pais ocorria a um nível muito elevado, e as crianças sentiam-se agudamente desconfortáveis se estivessem fora da vista dos pais por qualquer período de tempo.

Por estas razões, os indivíduos que dirigiam os postos avançados sentiam-se numa situação muito desconfortável. Eram poucos em número e estavam, em grande medida, separados das principais áreas da sua própria civilização. Desenvolveram, portanto, uma atividade telepática ainda maior, e uma sintonia com a terra por cima das suas cabeças, de modo que o mais ligeiro tremor ou passo, e os mais ínfimos movimentos acima deles que não fossem habituais, eram imediatamente notados.

Havia frequentes aberturas de observação, por assim dizer, até à superfície, a partir das quais podiam fazer observações, e câmaras ali instaladas que conservavam imagens extremamente precisas, não apenas da terra, mas também das estrelas.

Naturalmente, tinham registos completos das zonas subterrâneas de gás e um conhecimento íntimo das camadas interiores da crosta, mantendo vigilância cuidadosa e antecipando tremores de terra e falhas. Sentiam-se tão triunfantes com a sua descida ao interior da Terra como qualquer raça que alguma vez a tivesse deixado.

Esta foi, como te disse, a segunda, e talvez a mais interessante das três civilizações. A primeira seguiu, em termos gerais, a vossa própria linha de desenvolvimento e enfrentou muitos dos problemas que agora enfrentais. Situava-se em grande parte naquilo a que chamais Ásia Menor, mas era também expansiva e viajou para fora, para outras áreas.

Estes são os povos que mencionei anteriormente, que acabaram por seguir para outros planetas dentro de outras galáxias, e dos quais veio o povo da civilização lumaniana.

Antes de discutirmos a terceira civilização, há mais alguns pontos que gostaria de apresentar acerca da segunda.

Isto tem que ver com a comunicação tal como era aplicada aos seus desenhos e pinturas, e com os canais altamente diferenciados que as suas comunicações criativas podiam assumir. Em muitos aspetos, a sua arte era muito superior à vossa, e não era tão isolada. As várias formas de arte, por exemplo, estavam ligadas de uma maneira que vos é quase desconhecida e, porque estais tão pouco familiarizados com o conceito, será bastante difícil explicá-lo.

Considera, por exemplo, algo muito simples — digamos, o desenho de um animal. Vós percebê-lo-íeis simplesmente como um objeto visual, mas estas pessoas eram grandes sintetizadoras. Uma linha não era apenas uma linha visual; de acordo com uma variedade quase infinita de distinções e divisões, representava também certos sons que seriam automaticamente traduzidos.

Um observador podia traduzir automaticamente os sons antes sequer de se ocupar da imagem visual, se assim o quisesse. Portanto, naquilo que pareceria ser o desenho de um animal, podia também ser dado todo o contexto desse animal. Curvas, ângulos e linhas representavam, para além da sua função objetiva evidente num desenho, uma série altamente complicada de variações de altura, tom e valor; ou, se preferires, palavras invisíveis.

As distâncias entre linhas eram traduzidas como pausas sonoras e, por vezes, também como distâncias no tempo. A cor era usada como linguagem na comunicação, nos desenhos e nas pinturas, representando gradações emocionais de modo algo semelhante à forma como a vossa própria cor o faz. Contudo, a cor, no seu valor de intensidade, servia para refinar e definir ainda mais a mensagem: quer reforçando aquilo que já fora transmitido pelo valor objetivo das linhas, ângulos e curvas, bem como pelas mensagens de palavras invisíveis já explicadas, quer modificando-as de inúmeras maneiras.

O tamanho desses desenhos transmitia também a sua própria mensagem. De certo modo, era uma arte altamente estilizada e, no entanto, permitia simultaneamente grande precisão expressiva nos detalhes e grande liberdade no alcance. Era, obviamente, altamente comprimida. Esta técnica foi mais tarde descoberta pela terceira civilização, e ainda existem alguns vestígios de desenhos feitos em imitação dela. Mas as chaves de interpretação perderam-se completamente, de modo que tudo o que poderíeis ver seria um desenho desprovido dos elementos multissensoriais que lhe davam

uma variedade tão grande. Ele existe, mas não poderíeis trazê-lo à vida.

Talvez deva mencionar aqui que algumas das cavernas, particularmente em certas áreas de Espanha e dos Pirenéus, bem como algumas anteriores em África, eram construções artificiais. Estas pessoas moviam massa com som e, como te disse anteriormente, transportavam efetivamente matéria através de um elevado domínio do som. Foi assim que os seus túneis foram originalmente formados, e foi também o método usado para formar algumas das cavernas em áreas onde, originalmente, havia poucas. Muitas vezes, os desenhos nas paredes das cavernas eram informação altamente estilizada, quase como sinais, nos vossos termos, diante de edifícios públicos, representando o tipo de animais e seres existentes numa determinada área.

Esses desenhos foram mais tarde usados como modelos pelos vossos primeiros homens das cavernas, nos tempos históricos a que geralmente vos referis.

Assim, as suas capacidades comunicativas e, portanto, as suas capacidades criativas eram mais vitais, vivas e responsivas do que as vossas. Quando ouves uma palavra, podes estar consciente de uma imagem correspondente na tua mente. Com estas pessoas, contudo, os sons construía automática e instantaneamente uma imagem espantosamente vívida que, de modo algum, era tridimensional, pois era interiorizada, mas que era, de facto, muito mais vívida do que as vossas imagens mentais habituais.

Certos sons, mais uma vez, eram usados para indicar distinções espantosas em termos de tamanho, forma, direção e duração, tanto no espaço como no tempo. Por outras palavras, os sons produziam automaticamente imagens brilhantes. Por esta razão, havia uma distinção fácil entre aquilo a que se chamava visão interior e visão exterior, e era bastante natural para eles fecharem os olhos quando estavam sentados em conversa, a fim de comunicarem com maior clareza, desfrutando das imagens interiores sempre mutáveis e imediatas que acompanhavam qualquer intercâmbio verbal.

Aprendiam rapidamente, e a educação era um processo empolgante, porque esta faculdade multissensorial lhes imprimia automaticamente a informação, não apenas através de um canal sensorial de cada vez, mas utilizando muitos em simultâneo. Apesar de tudo isto, porém, e apesar do imediatismo das suas perceções, havia uma fraqueza inerente. A incapacidade de enfrentar a violência e de aprender a dominá-la significava, naturalmente, que também prejudicavam severamente uma certa característica de impulso para fora. A energia era bloqueada nessas áreas, de modo que lhes faltava efetivamente uma qualidade vigorosa ou um sentido de poder.

Não me refiro necessariamente a poder físico, contudo; mas tanta da sua energia era usada para evitar qualquer encontro com a violência que não eram capazes de canalizar sentimentos agressivos comuns, por exemplo, para outras áreas.

Tenho falado dos Lumanianos com algum detalhe porque eles fazem parte da vossa herança psíquica. As outras duas civilizações

foram, em muitos aspetos, mais bem-sucedidas; e, contudo, a forte intenção por detrás da experiência dos Lumanianos era extremamente volátil. Embora não tenham conseguido resolver o problema da violência tal como o compreendiam na vossa realidade, o seu desejo apaixonado de o fazer ainda ressoa por todo o vosso ambiente psíquico.

Devido à verdadeira natureza do “tempo”, os Lumanianos ainda existem tal como eram, nos vossos termos. Há frequentemente transbordamentos na atmosfera psíquica. Estes não ocorrem por acaso, mas quando algum tipo de sintonia faz com que efeitos saltem entre sistemas que, de outro modo, parecem bastante separados. E assim houve transbordamentos desse tipo entre a vossa própria civilização e a dos Lumanianos.

Várias religiões antigas captaram, por exemplo, a ideia da figura feroz do deus dos Lumanianos, na qual eles conseguiram projetar os seus conceitos de força, poder e violência — esse deus que os protegeria quando a não violência não lhes permitia protegerem-se a si próprios.

Há agora um transbordamento em formação, por assim dizer, no qual os conceitos multidimensionais de arte e comunicação dos Lumanianos serão entrevistados pelo vosso próprio povo, mas de forma rudimentar.

Devido à natureza das probabilidades, há também, naturalmente, um sistema de realidade no qual os Lumanianos

foram bem-sucedidos na sua experiência com a não violência, e no qual emergiu um tipo completamente diferente de ser humano.

Tudo isto pode parecer-te muito estranho, simplesmente porque os teus conceitos de existência são tão específicos e limitadores. As ideias de realidades prováveis, e de homens e deuses prováveis, poderão parecer bastante absurdas a alguns de vós; e, contudo, enquanto lês este livro, és apenas um dos teus eus prováveis. Naturalmente, outros eus prováveis não te considerariam real, e alguns poderiam questionar indignadamente a tua existência.

Ainda assim, o sistema provável de realidade não é apenas uma questão filosófica. Se estás interessado na natureza da tua própria realidade, então essa questão torna-se altamente pessoal e pertinente.

Tal como as várias qualidades dos Lumanianos continuam presentes na vossa atmosfera psíquica, tal como as suas cidades continuam a coexistir em áreas terrestres que agora chamais vossas, também outras identidades prováveis coexistem com as identidades que agora chamais vossas. No capítulo seguinte falaremos de ti e dos teus selves prováveis.²

² Segundo Seth, os Lumanianos foram a segunda de um grupo de três civilizações altamente tecnológicas que existiram no nosso planeta muito antes do tempo da Atlântida. Seth mencionou que em breve discutiria a terceira dessas culturas. Esse material nunca foi recebido. Poderia ter sido, mas, devido à longa interrupção entre as duas últimas sessões do livro de Seth, simplesmente não nos lembrámos de o pedir.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a reencarnação do plano estritamente individual para o plano coletivo. Seth mostra que não apenas os indivíduos possuem continuidade reencarnacional: também civilizações, grupos, impulsos culturais, memórias psíquicas e experiências coletivas podem reaparecer, transformar-se e influenciar linhas históricas posteriores.

A função central do capítulo é esta:

as civilizações também participam em ciclos de aprendizagem, fracasso, sucesso, memória psíquica e probabilidade; aquilo que uma cultura não resolveu pode continuar a ressoar na atmosfera psíquica da espécie, reaparecendo como tendência, símbolo, religião, medo, tecnologia ou possibilidade futura.

1. Civilizações reencarnacionais

Seth começa por afirmar que, de certo modo, existem civilizações reencarnacionais, assim como existem indivíduos que reencarnam.

indivíduo → encarnação → aprendizagem → desenvolvimento

civilização → ciclo coletivo → crise → fracasso ou superação → nova oportunidade

Cada entidade que nasce em carne tem responsabilidade perante a civilização em que vive, e também por ela, porque ajuda a formá-la através dos seus pensamentos, emoções e ações.

A civilização não é apenas cenário exterior. É um campo coletivo criado e alimentado pelas consciências que nela participam.

2. História física como linha limitada

A humanidade pensa na história física como começando com o homem das cavernas e avançando até ao presente.

Seth alarga esse quadro:

história conhecida → homem das cavernas → presente

história mais ampla → civilizações desaparecidas → lendas → culturas desconhecidas → linhas prováveis

Houve, segundo Seth, outras grandes civilizações científicas, algumas preservadas em lendas e outras completamente esquecidas.

A História reconhecida é apenas uma das linhas de memória da espécie, não o registo completo da sua experiência.

3. A espécie também tem mais do que uma oportunidade

Tal como o indivíduo recebe muitas vidas para desenvolver capacidades, também a espécie recebeu mais do que uma linha histórica para trabalhar os seus potenciais.

espécie → várias linhas de desenvolvimento → crises repetidas → aprendizagem coletiva

Grupos humanos, em diferentes ciclos reencarnacionais, chegaram a pontos de desenvolvimento semelhantes ao atual. A partir daí, ou avançaram para além desse ponto, ou destruíram a civilização particular em que estavam envolvidos.

A crise atual da humanidade não é, portanto, a primeira crise da espécie. É uma repetição em novo enquadramento de desafios coletivos já encontrados noutras linhas.

4. Fracasso civilizacional e vantagem psicológica

Quando uma civilização falha, os seus membros podem receber outra oportunidade.

fracasso coletivo → memória inconsciente do fracasso → compreensão das causas → nova formação primitiva → vantagem psicológica

A nova civilização começa com um conhecimento inconsciente acumulado: não apenas da queda anterior, mas também das razões que a produziram.

O fracasso não é apagado. É incorporado como memória psíquica profunda.

5. Civilizações que superaram o ciclo terrestre

Algumas civilizações resolveram os seus desafios e deixaram o planeta físico rumo a outros pontos do universo físico.

crise resolvida → maturidade espiritual e psíquica → uso de energias desconhecidas → migração para outros sistemas

Para essas civilizações, a Terra tornou-se um lar lendário.

Alguns desses grupos continuaram no nível reencarnacional enquanto habitaram a realidade física; outros sofreram mutações e deixaram há muito o ciclo reencarnacional.

6. Entidades mentais e deuses da Terra

Aqueles que deixaram o ciclo evoluíram para as entidades mentais que sempre foram.

forma material → descarte → entidade mental → apoio à Terra → deuses da Terra

Seth sugere que esse grupo continua a ter interesse pela Terra, dando-lhe apoio e energia.

De certa maneira, poderiam agora ser considerados deuses da Terra: não no sentido de divindades supremas, mas como entidades mentais evoluídas, ligadas à história profunda do planeta.

7. Três civilizações anteriores à Atlântida

Seth afirma que estas entidades estiveram envolvidas em três civilizações particulares muito antes da Atlântida.

três civilizações antigas → tecnologia avançada → relação com alterações planetárias → legado psíquico

O planeta encontrava-se então numa posição algo diferente, especialmente em relação a três outros planetas conhecidos. Os polos estavam invertidos, como terão estado durante três longos períodos da história terrestre.

Isto situa essas civilizações num enquadramento planetário diferente do atual, tanto geofísico como psíquico.

8. A segunda civilização: Lumânia

A segunda dessas civilizações é a mais desenvolvida no capítulo: a civilização lumaniana.

Lumânia → tecnologia avançada → som → subterrâneo → não violência → bloqueio da agressividade → fracasso parcial

Era altamente tecnológica e, em certos aspetos, superior à civilização atual.

O som era usado de forma muito mais eficaz: na cura, nas guerras, na locomoção, no movimento da matéria e no transporte de peso e massa.

9. Som como tecnologia material

Nos Lumanianos, o som não era apenas comunicação audível. Era força operativa.

som → energia organizada → movimento da matéria → transporte de massa → formação de túneis e cavernas

O som podia provocar movimento físico e transportar peso.

Parte da sua tecnologia era inaudível aos ouvidos físicos, funcionando em frequências fora da percepção comum.

10. Localização e estrutura da civilização lumaniana

A força desta segunda civilização situava-se principalmente nas áreas hoje conhecidas como África e Austrália, embora o clima e as massas terrestres fossem então diferentes.

África/Austrália atuais → massas terrestres diferentes → clima diferente → civilização concentrada

A civilização era altamente fechada sobre si mesma e não tentou expandir-se.

Habitava o planeta ao mesmo tempo que uma cultura primitiva vasta, dispersa e desorganizada.

11. Recusa de civilizar o resto do mundo

Os Lumanianos não tentaram civilizar o resto do mundo. Pelo contrário, fizeram o possível para impedir esse progresso.

civilização avançada → isolamento → não expansão → bloqueio do desenvolvimento exterior

Este isolamento não era neutro. Estava ligado à sua experiência com a violência e ao seu medo dela.

A civilização protegeu-se, mas também bloqueou a relação criativa com o resto da espécie.

12. Grupo periférico da civilização anterior

Os Lumanianos eram, em grande parte, um grupo periférico da civilização anterior bem-sucedida.

civilização anterior bem-sucedida → maioria avança para outros sistemas → grupo periférico permanece → Lumânia

Estavam apaixonados pela vida terrena e acreditavam que poderiam aperfeiçoar a experiência anterior.

Não queriam recomeçar do zero como civilização infantil. Por isso, grande parte do seu conhecimento era instintivo, permitindo uma rápida ascensão tecnológica.

13. A experiência lumaniana com a não violência

O núcleo da experiência lumaniana era desenvolver um ser humano com salvaguardas incorporadas contra a violência.

medo da violência → alteração do mecanismo físico → bloqueio da agressividade → desejo de paz quase instintivo

Quando a mente sinalizava agressividade forte, o corpo não reagia.

Seth compara vestígios disto a certos indivíduos que desmaiam ou atacam o próprio sistema físico antes de se permitirem cometer violência contra outro.

14. Não violência imposta ao corpo

A tentativa lumaniana não era apenas ética ou cultural. Era fisiológica.

agressividade → sinal mental → bloqueio corporal → impossibilidade de reação violenta

O problema é que não estavam a aprender a lidar com a agressividade. Estavam a curto-circuitá-la fisicamente.

A energia não compreendida começou então a voltar-se contra eles.

15. Agressividade como impulso para agir

Seth faz aqui uma distinção decisiva.

agressividade distorcida → violência

agressividade compreendida → impulso para agir → energia criativa → expressão

A função criativa que foi distorcida na ideia de agressividade é o impulso para agir.

De certo modo, até a respiração é uma “violência” — mas apenas nesse sentido amplo de agressividade vital: um impulso de afirmação, movimento, troca e penetração no campo físico, não dano ou destruição.

A questão não é eliminar a agressividade, mas compreendê-la, dirigi-la e transformá-la.

16. Energia da agressividade e fluxo livre

A energia da agressividade deve poder fluir livremente através do sistema físico, controlada e dirigida mental ou psiquicamente.

energia da agressividade → fluxo livre → direção mental/psíquica → expressão construtiva

Nos Lumanianos, a inibição incorporada produziu um sistema bloqueado de controlos mútuos, tornando impossível o necessário impulso exterior da ação.

Isto mostra que a repressão da agressividade pode ser tão destrutiva como a sua expressão violenta.

17. Estado restritivo e perda de vitalidade

A civilização desenvolveu um estado mental e físico excessivamente consciencioso e restritivo.

medo da violência → controle excessivo → restrição física e psíquica → bloqueio da sobrevivência natural

A sua vitalidade tornou-se fraca, não porque a violência não existisse, mas porque a liberdade da energia e da expressão era bloqueada em linhas específicas.

O livre-arbítrio foi descartado nesse aspeto, pois o indivíduo já não podia aprender a transformar a violência pelos seus próprios métodos.

18. Tecnologia sem integração psíquica

Mentalmente, os Lumanianos progrediram. A sua tecnologia foi impulsionada em frente.

bloqueio da violência → energia desviada → tecnologia intensa → alimentos artificiais → tentativa de não matar para sobreviver

Tentaram preservar o ambiente e evitar qualquer forma de morte necessária à sobrevivência.

Saltaram completamente a fase dos automóveis e veículos a vapor e concentraram-se cedo no som.

Contudo, a sua tecnologia não resolveu o problema profundo: a incapacidade de integrar agressividade, medo e sobrevivência.

19. Lumânia como nome lendário

A civilização chamava-se Lumânia.

Lumânia → nome convertido em lenda → uso posterior

O nome sobreviveu como ressonância, sendo usado novamente numa época posterior.

Isto reforça o tema do capítulo: civilizações desaparecidas podem continuar a existir como memória psíquica, lenda, símbolo ou eco cultural.

20. Características físicas e psíquicas dos Lumanianos

Os Lumanianos eram fisicamente magros e frágeis.

fragilidade física → medo da violência → bloqueios energéticos → variação psíquica extrema

Psiquicamente, eram ou brilhantes ou completamente destituídos de dons.

Em alguns deles, os controles incorporados causavam tantos bloqueios de energia que até as suas capacidades telepáticas naturalmente elevadas sofriam.

21. Campos de energia e isolamento

Os Lumanianos formavam campos de energia em redor da sua civilização.

civilização lumaniana → campos de energia → isolamento → proteção → separação

Estavam isolados do contacto com outros grupos.

Não permitiram que a tecnologia os destruísse, mas perceberam gradualmente que a experiência não era um sucesso.

22. Abandono das cidades e cruzamento com outros povos

Grandes grupos abandonaram as cidades, destruíram os campos de força e juntaram-se aos povos relativamente incivilizados.

cidade lumaniana → destruição dos campos de força → integração com povos exteriores → cruzamento → filhos mutantes

Os Lumanianos morreram rapidamente porque não conseguiam suportar a violência nem reagir a ela violentamente.

Esperavam que os filhos mutantes tivessem menor inclinação para a violência, mas sem as reações proibitivas de controlo nervoso.

23. Extinção física e sobrevivência parcial

Fisicamente, a civilização extinguiu-se.

Lumânia física → extinção → filhos mutantes → pequenos grupos posteriores

Alguns filhos mutantes formaram um pequeno grupo itinerante que se deslocava com grandes bandos de animais.

Cuidavam mutuamente uns dos outros, e lendas sobre seres meio homem e meio animal derivariam da memória dessas antigas associações.

24. Memórias subconscientes da origem

Os Lumanianos transportavam fortes memórias subconscientes da sua origem.

memória da civilização anterior → ascensão tecnológica rápida
→ sustentação temporária → enfraquecimento gradual

Essas memórias funcionaram como proteção e fonte de conhecimento durante algumas gerações.

Com o tempo, começaram a enfraquecer, e a civilização ficou exposta aos medos que não tinha verdadeiramente integrado.

25. Proteção contra violência, não contra medo

Os Lumanianos protegeram-se contra a violência, mas não contra o medo.

proteção contra violência → ausência de resposta agressiva → medo intensificado → fuga como único recurso

Não podiam responder violentamente nem sequer à natureza. Se fossem atacados, tinham de fugir.

O princípio de luta-ou-fuga não se aplicava plenamente. Tinham apenas um recurso: fugir.

26. Deus masculino como compensação psíquica

O símbolo de Deus dos Lumanianos era masculino: uma figura forte, fisicamente poderosa, destinada a protegê-los.

incapacidade de autoproteção → projeção de força → deus masculino poderoso → proteção simbólica

Projetaram nessa figura as qualidades que não podiam expressar.

Muito mais tarde, essa figura apareceria como o antigo Jeová, o Deus da Ira que protegia o Povo Escolhido.

27. Jeová como transbordamento simbólico

A figura feroz do deus lumaniano foi captada por várias religiões antigas.

deus lumaniano → força/poder/violência reprimidos → transbordamento psíquico → figura de Jeová / Deus da Ira

A não violência imposta criou uma compensação simbólica: aquilo que os Lumanianos não podiam expressar foi projetado numa figura divina protetora e irada.

O Deus da Ira surge aqui como símbolo de qualidades reprimidas, não simplesmente como crença religiosa isolada.

28. Separação entre homem e natureza

O medo das forças naturais produziu uma sensação de separação entre o homem e as forças que o nutriam.

medo da natureza → incapacidade de defesa → desconfiança da Terra → separação homem/natureza

Não podiam confiar na Terra porque não lhes era permitido protegerem-se das forças violentas que existiam nela.

Esta separação é uma consequência espiritual e psíquica do bloqueio da agressividade.

29. Civilização subterrânea

A tecnologia e a civilização lumanianas eram em grande medida subterrâneas.

Lumânia → cidades subterrâneas → túneis → cavernas como portas → tecnologia oculta

Eram, nesses termos, os homens das cavernas originais.

As cavernas não eram apenas abrigos naturais de povos primitivos; muitas vezes eram entradas e saídas das cidades lumanianas.

30. Canais mecânicos e cavernas artificiais

Durante aquilo que hoje se chama Idade da Pedra, muitos “homens das cavernas” encontraram abrigo em canais criados mecanicamente e em cidades lumanianas abandonadas.

cavernas naturais aparentes → canais artificiais → cidades subterrâneas abandonadas → ferramentas herdadas

Algumas ferramentas fabricadas pelos homens das cavernas eram versões distorcidas das ferramentas encontradas nesses locais.

Isto reinterpreta certos vestígios pré-históricos como heranças fragmentárias de uma civilização anterior.

31. Postos avançados lumanianos

Apesar de concentrados, os Lumanianos estabeleceram postos avançados para acompanhar os povos nativos.

idades principais → túneis → postos avançados → observação dos povos nativos

Esses postos eram subterrâneos e relativamente autossuficientes.

Por serem um povo tímido e avesso à violência, apenas os mais corajosos recebiam essas missões.

32. Sistemas de transporte escalonado

Nas ligações subterrâneas havia sistemas de transporte escalonado.

sistema de túneis → vias interiores → transporte de pessoas → transporte de mercadorias

Alguns sistemas serviam para circulação a pé; outros, para mercadorias.

A civilização unia estética, engenharia, transporte e comunicação numa estrutura subterrânea altamente refinada.

33. Túneis como arte e engenharia

Os túneis eram altamente intrincados e belamente concebidos.

túneis → engenharia → estética → pinturas → desenhos → escultura

As paredes eram revestidas de pinturas e desenhos, e havia escultura exposta ao longo das vias interiores.

A arte não era separada da arquitetura nem da comunicação. Fazia parte do funcionamento da própria civilização.

34. Espanha, Pirenéus e homens gigantesco

Muitos postos avançados situavam-se naquilo que é hoje Espanha e nos Pirenéus.

postos avançados → Espanha/Pirenéus → zonas montanhosas → homens de tamanho gigantesco

Seth liga esta localização à existência de homens gigantesco nas zonas montanhosas.

A nota posterior de Rob menciona a descoberta de um crânio sub-humano maciço nos Pirenéus franceses, muito perto da fronteira espanhola, embora Seth não forneça datas para Lumânia.

35. Cavernas como observatórios

Algumas cavernas funcionavam como estruturas de observação.

caverna → aparência natural → fundo opaco por fora / transparente por dentro → observação segura

Os nativos, usando as cavernas como abrigo natural, podiam ser observados sem perigo.

Isto liga tecnologia, camuflagem física e vigilância não invasiva.

36. Medo e hiperdesenvolvimento dos mecanismos perceptivos

O medo peculiar da violência intensificava todos os mecanismos dos Lumanianos a um grau espantoso.

medo da violência → alerta constante → mecanismos intensificados → vigilância extrema

Estavam eternamente alerta e de guarda.

A sensibilidade lumaniana não era apenas dom; era também consequência de medo e necessidade de proteção.

37. Pensamento projetado por frequência

Os Lumanianos conseguiam projetar mentalmente um pensamento ao longo de certas frequências.

pensamento → frequência → projeção mental → destino → tradução em forma/cor/imagem

Esta era uma arte altamente distinta.

O pensamento podia ser traduzido no destino em forma, cor ou imagem, demonstrando uma comunicação psíquica e criativa extremamente diferenciada.

38. Linguagem por tom, frequência e espaçamento

A linguagem lumaniana era discriminadora em modos incompreensíveis para a humanidade atual.

linguagem → tom → frequência → espaçamento → gradações precisas → significado

As gradações eram tão subtis e complexas que a nossa linguagem comum não possui equivalente.

A comunicação era uma das suas maiores forças porque o medo da violência os mantinha em alerta constante.

39. Família como unidade de proteção

Os Lumanianos agrupavam-se em grandes grupos familiares por necessidade de proteção.

medo → família extensa → contacto constante → proteção emocional e psíquica

O contacto entre pais e filhos era muito elevado, e as crianças sentiam-se profundamente desconfortáveis se estivessem fora da vista dos pais durante qualquer período.

A família funcionava como campo de segurança psíquica.

40. Postos avançados e telepatia intensificada

Os indivíduos nos postos avançados estavam separados das áreas principais da civilização e, por isso, desenvolveram atividade telepática ainda maior.

isolamento → desconforto → telepatia intensificada → sintonia com a terra acima

Notavam o mais leve tremor, passo ou movimento incomum acima deles.

A sua percepção estendia-se ao ambiente físico e psíquico envolvente.

41. Conhecimento geológico e astronómico

Os Lumanianos tinham câmaras e aberturas de observação que conservavam imagens precisas da terra e das estrelas.

aberturas de observação → câmaras → imagens da terra → imagens das estrelas

Tinham também registos completos das zonas subterrâneas de gás e conhecimento íntimo das camadas interiores da crosta.

crosta terrestre → gases → tremores → falhas → vigilância e antecipação

Sentiam-se tão triunfantes na descida ao interior da Terra como qualquer raça que alguma vez a tivesse deixado.

42. Arte multissensorial

A arte lumaniana era superior à atual em muitos aspetos porque não era isolada.

desenho → som → cor → linguagem → tempo → emoção → informação

As várias formas de arte estavam ligadas de modo quase desconhecido para a humanidade atual.

Uma linha não era apenas visual; podia representar sons automaticamente traduzíveis.

43. Desenho como compressão multissensorial

Num desenho de animal podia estar contido todo o contexto desse animal.

linha → som

curva → variação de tom

ângulo → valor comunicativo

cor → gradação emocional

distância entre linhas → pausa sonora / distância temporal

O desenho era uma estrutura altamente comprimida de informação multissensorial.

Sem as chaves de interpretação, resta apenas a imagem visual, desprovida dos seus elementos vivos.

44. Palavras invisíveis

Curvas, ângulos e linhas funcionavam também como “palavras invisíveis”.

forma visual → mensagem sonora → significado invisível → comunicação expandida

A comunicação lumaniana unia visão, som, cor, tempo, emoção e forma.

O observador podia traduzir os sons antes de se ocupar da imagem visual, se assim o desejasse.

45. Cor como linguagem emocional

A cor era usada como linguagem nos desenhos e pinturas.

cor → intensidade → gradação emocional → reforço ou modificação da mensagem

Podia reforçar a mensagem dada pelas linhas, ângulos, curvas e palavras invisíveis, ou modificá-la de inúmeras maneiras.

A cor não era apenas estética. Era semântica, emocional e comunicativa.

46. Arte comprimida e liberdade expressiva

A arte lumaniana era altamente estilizada e comprimida.

estilização → precisão nos detalhes → liberdade no alcance → grande compressão informativa

Permitia grande precisão expressiva e grande liberdade de âmbito.

A terceira civilização descobriu mais tarde esta técnica, mas as chaves de interpretação perderam-se.

47. Cavernas artificiais e desenhos como sinais

Algumas cavernas em Espanha, nos Pirenéus e em África eram construções artificiais.

som → movimento de massa → túneis → cavernas artificiais

Os desenhos nas paredes eram muitas vezes informação estilizada, quase como sinais diante de edifícios públicos.

desenho rupestre → sinal informativo → animais/seres da área → mapa simbólico

Mais tarde, esses desenhos foram usados como modelos pelos primeiros homens das cavernas históricos.

48. Sons que produziam imagens interiores

As capacidades comunicativas dos Lumanianos eram mais vitais, vivas e responsivas do que as atuais.

som → imagem interior vívida → comunicação instantânea

Quando ouviam sons, estes construía automaticamente imagens interiores muito mais vívidas do que as imagens mentais comuns.

Essas imagens não eram tridimensionais, pois eram interiorizadas, mas tinham grande intensidade.

49. Visão interior e visão exterior

Os Lumanianos distinguiam facilmente entre visão interior e visão exterior.

visão exterior → imagem percebida fisicamente

visão interior → imagem produzida por som / comunicação / frequência

Era natural fecharem os olhos durante uma conversa para comunicar com maior clareza, desfrutando das imagens interiores sempre mutáveis que acompanhavam o intercâmbio verbal.

50. Educação multissensorial

A educação lumaniana era um processo empolgante.

informação → som + imagem + cor + frequência + emoção → impressão multissensorial → aprendizagem rápida

A informação era impressa através de muitos canais sensoriais simultaneamente, não apenas por um canal de cada vez.

Por isso, aprendiam rapidamente.

51. Fraqueza inerente: incapacidade de enfrentar a violência

Apesar da sua percepção imediata e comunicação multissensorial, havia uma fraqueza estrutural.

incapacidade de enfrentar violência → incapacidade de a dominar → bloqueio do impulso para fora

A energia era bloqueada nessas áreas, e faltava-lhes uma qualidade vigorosa ou sentido de poder.

Não necessariamente poder físico, mas poder como capacidade de agir, afirmar, transformar e direcionar energia.

52. Energia usada para evitar encontros com a violência

Tanta energia era usada para evitar qualquer encontro com a violência que não conseguiam canalizar sentimentos agressivos comuns para outras áreas.

energia → evitamento da violência → bloqueio → falta de canalização criativa

O problema dos Lumanianos não foi desejar a paz. Foi confundir paz com inibição da energia agressiva.

A paz verdadeira exigiria transformação criativa da agressividade, não supressão fisiológica.

53. Herança psíquica dos Lumanianos

Seth explica que falou dos Lumanianos em detalhe porque fazem parte da herança psíquica da humanidade atual.

Lumânia → memória psíquica → atmosfera psíquica humana → ressonâncias atuais

O desejo apaixonado dos Lumanianos de resolver a violência ainda ressoa no ambiente psíquico humano.

As suas tentativas, falhas e símbolos continuam ativos como tendências subtis.

54. Transbordamentos psíquicos

Devido à verdadeira natureza do tempo, os Lumanianos ainda existem tal como eram, nos nossos termos.

tempo não linear → Lumânia ainda existente → atmosfera psíquica → transbordamentos entre sistemas

Os transbordamentos não ocorrem por acaso. Acontecem quando uma sintonia faz com que efeitos saltem entre sistemas aparentemente separados.

rapport / sintonia → salto de efeitos → transbordamento psíquico
→ influência entre civilizações

55. Arte e comunicação lumanianas a ressurgir

Seth afirma que há um transbordamento em formação no qual os conceitos multidimensionais de arte e comunicação dos Lumanianos serão entrevistados pela humanidade atual.

Lumânia → arte/comunicação multidimensional →
transbordamento atual → vislumbre rudimentar

Isto sugere que certas ideias futuras de arte, linguagem, multimodalidade, comunicação sensorial integrada ou tecnologia simbólica podem ser ecos rudimentares da experiência lumaniana.

56. Lumânia bem-sucedida noutra probabilidade

Devido à natureza das probabilidades, há também um sistema de realidade no qual os Lumanianos foram bem-sucedidos na sua experiência com a não violência.

Lumânia nesta linha → fracasso parcial

Lumânia provável → não violência bem-sucedida → outro tipo de ser humano

O fracasso numa linha não anula a possibilidade de sucesso noutra.

Este ponto prepara diretamente o capítulo seguinte sobre selves prováveis.

57. Eus prováveis

Seth fecha o capítulo introduzindo explicitamente a noção de eus prováveis.

tu atual → um dos teus eus prováveis → outros eus prováveis → outras linhas de realidade

Outros eus prováveis poderiam não te considerar real e até questionar indignadamente a tua existência.

Isto inverte a nossa posição: aquilo que consideramos "real" pode ser visto como improvável ou irreal a partir de outro sistema.

58. Sistema provável como questão pessoal

O sistema provável de realidade não é apenas uma questão filosófica.

realidades prováveis → eus prováveis → escolhas → identidade
→ natureza da própria realidade

Se estás interessado na natureza da tua realidade, as probabilidades tornam-se uma questão pessoal e pertinente.

Não se trata de especulação abstrata: trata-se da estrutura plural da própria identidade.

59. Identidades prováveis coexistentes

Assim como as qualidades dos Lumanianos continuam presentes na atmosfera psíquica, e as suas cidades coexistem em áreas terrestres atuais, outras identidades prováveis coexistem com as identidades atuais.

qualidades lumanianas → atmosfera psíquica atual

cidades lumanianas → coexistência em áreas terrestres atuais

eus prováveis → coexistência com identidade atual

A coexistência é o princípio-chave: civilizações, cidades, memórias, selvas e probabilidades não estão simplesmente “no passado”. Continuam presentes noutros enquadramentos de realidade.

60. A terceira civilização não recebida

Rob observa que Seth mencionara que discutiria a terceira civilização, mas esse material nunca foi recebido.

três civilizações → primeira mencionada → segunda desenvolvida: Lumânia → terceira anunciada, mas não recebida

A ausência desse material cria uma lacuna no capítulo, mas também preserva a função da segunda civilização como caso principal de estudo.

A civilização lumaniana torna-se o exemplo operativo através do qual Seth articula violência, medo, não violência, tecnologia, arte, memória psíquica e probabilidades.

Estrutura Operativa do Capítulo

civilização → ciclo coletivo → crise → fracasso/sucesso → memória psíquica → nova oportunidade

espécie humana → múltiplas linhas históricas → civilizações desaparecidas → herança inconsciente

civilização anterior → grupo periférico → Lumânia → tecnologia rápida → experiência com a não violência

agressividade → impulso para agir → bloqueio físico → perda de vitalidade → fracasso da experiência

não violência imposta → medo da violência → deus protetor → Jeová / Deus da Ira → projeção simbólica

som → tecnologia → movimento da matéria → túneis → cavernas artificiais

arte lumaniana → linha + som + cor + tempo + emoção → comunicação multissensorial

medo → alerta → telepatia → sintonia com a terra → vigilância extrema

Lumânia → memória psíquica → transbordamentos → influência na civilização atual

probabilidades → Lumânia bem-sucedida noutra linha → outro tipo de ser humano

tu atual → eu provável → outros eus prováveis → identidades coexistentes

Núcleo Operativo

O Capítulo 15 apresenta a civilização lumaniana como estudo de caso de uma experiência coletiva com a não violência. Os Lumanianos procuraram resolver o problema da violência através de alterações incorporadas no mecanismo físico, impedindo o corpo de reagir quando a mente sinalizava agressividade forte. O resultado foi ambíguo: desenvolveram uma civilização avançadíssima, especialmente nas áreas do som, da comunicação, da arte multissensorial, da engenharia subterrânea e da telepatia; mas, ao mesmo tempo, bloquearam a energia agressiva em vez de a compreender e transformar.

Seth mostra que a agressividade, em si, não é equivalente à violência. A agressividade contém o impulso criativo para agir, mover, afirmar, construir e expressar. Quando esse impulso é fisicamente bloqueado, a energia não desaparece: volta-se contra o sistema, enfraquece a vitalidade, intensifica o medo e limita o livre-arbítrio. A experiência lumaniana falhou não porque procurou a paz, mas porque tentou obter paz através da inibição da energia, e não através da sua transformação criativa.

A dimensão religiosa surge como compensação simbólica. Incapazes de se protegerem, os Lumanianos projetaram num deus masculino, forte e irado, as qualidades que não podiam expressar. Essa figura ressurgiria mais tarde em antigas religiões, como o Deus da Ira protetor do Povo Escolhido. Assim, uma divindade pode ser

lida como transbordamento psíquico de qualidades reprimidas por uma civilização.

O capítulo também aprofunda a noção de transbordamento entre sistemas. Devido à verdadeira natureza do tempo, Lumânia ainda existe tal como era, nos nossos termos, e certas qualidades dessa civilização continuam presentes na atmosfera psíquica humana. Quando há sintonia, efeitos podem saltar entre sistemas aparentemente separados. Por isso, os conceitos multidimensionais de arte e comunicação dos Lumanianos podem reaparecer, ainda que de forma rudimentar, na civilização atual.

Por fim, Seth usa Lumânia como ponte para as probabilidades. Noutra linha provável, os Lumanianos foram bem-sucedidos na sua experiência com a não violência, produzindo um tipo completamente diferente de ser humano. Do mesmo modo, cada leitor é apenas um dos seus eus prováveis, coexistindo com outras identidades prováveis que, a partir dos seus próprios sistemas, poderiam até questionar a realidade da identidade atual.

Formulação final

O Capítulo 15 mostra que a história da espécie é mais ampla do que a linha histórica conhecida. Civilizações inteiras podem funcionar como campos reencarnacionais coletivos, atravessando ciclos de experiência, fracasso, memória e probabilidade. A civilização lumaniana representa uma tentativa

intensa, mas unilateral, de resolver a violência através da inibição física da agressividade. A sua grande lição é que a paz não nasce do bloqueio da energia, mas da sua compreensão e transformação criativa. O que uma civilização não integra pode sobreviver como herança psíquica, transbordar para outros sistemas, reaparecer como símbolo religioso, arte, tecnologia ou possibilidade provável. Assim, Lumânia não pertence apenas ao passado: continua como memória, advertência, potencial e ponte para a compreensão dos selves prováveis.

CAPÍTULO 16

Sistemas Prováveis, Homens e Deuses

Na tua vida diária, em qualquer momento do teu tempo, tens uma multiplicidade de escolhas de ação, algumas triviais e outras da maior importância. Podes, por exemplo, espirrar ou não espirrar, tossir ou não tossir, caminhar até à janela ou até à porta, coçar o cotovelo, salvar uma criança de se afogar, aprender uma lição, cometer suicídio, prejudicar outra pessoa ou oferecer a outra face.

Parece-te que a realidade é composta pelas ações que escolhes realizar. Aquelas que escolhes negar são ignoradas. O caminho não tomado parece então ser um não-ato; contudo, cada pensamento é atualizado e cada possibilidade é explorada. A realidade física é construída a partir daquilo que parece ser uma série de atos físicos. Como este é o vosso critério habitual de realidade, os atos não físicos escapam normalmente à vossa atenção, discernimento e juízo.

Tomemos um exemplo prático. Estás a ler este livro quando o telefone toca. Um amigo quer que te encontres com ele às cinco horas. Ficas a ponderar. Na tua mente, vês-te a ti próprio (A) a dizer que não e a ficar em casa, (B) a dizer que não e a ir para outro lugar, ou (C) a dizer que sim e a cumprir o compromisso. Nesse ponto, todas estas ações possíveis possuem uma realidade. Todas

são capazes de ser atualizadas em termos físicos. Antes de tomares a decisão, cada uma destas ações prováveis é igualmente válida. Escolhes uma delas e, pela tua decisão, tornas físico um acontecimento entre os três. Esse acontecimento é devidamente aceite como parte daqueles acontecimentos em série que compõem a tua existência normal.

As outras ações prováveis, contudo, continuam a ser tão válidas como sempre foram, embora não tenhas escolhido atualizá-las fisicamente. São realizadas com tanta eficácia como aquela que escolheste aceitar. Se havia uma forte carga emocional por detrás de uma das ações prováveis rejeitadas, ela pode até possuir maior validade como ato do que aquela que escolheste.

Todas as ações são, inicialmente, atos mentais. Esta é a natureza da realidade. Esta frase nunca será suficientemente enfatizada. Todos os atos mentais são, portanto, válidos. Existem e não podem ser anulados.

Como não os aceitais todos como acontecimentos físicos, não percecionais a sua força nem a sua durabilidade. Contudo, a vossa falta de perceção não pode destruir a sua validade. Se querias ser médico e agora estás noutra profissão, então, noutra realidade provável, és médico. Se tens capacidades que não estás a usar aqui, elas estão a ser usadas noutro lugar.

Neste ponto, mais uma vez, estas ideias podem parecer impossivelmente ricas para o vosso sangue mental, por causa da

vossa propensão para o pensamento serial e para atitudes tridimensionais.

Estes factos, porém, não negam a validade da Alma; pelo contrário, acrescentam-lhe imensuravelmente.

A Alma pode, aliás, ser descrita como um ato infinito e multidimensional, em que cada mínima probabilidade é trazida, algures, para a atualidade e para a existência; um ato criativo infinito que cria para si mesmo dimensões infinitas nas quais a realização é possível.

A tapeçaria da tua própria existência é simplesmente de tal natureza que o intelecto tridimensional não consegue contemplá-la. Estes selves prováveis, contudo, fazem parte da tua identidade ou Alma; e, se estás fora de contacto com eles, é apenas porque te focas nos acontecimentos físicos e os aceitas como critério da realidade.

Contudo, a partir de qualquer ponto da tua existência, podes vislumbrar outras realidades prováveis e sentir as reverberações de ações prováveis por baixo das decisões físicas que tomas. Algumas pessoas fizeram isto espontaneamente, muitas vezes no estado de sonho. Aqui, os pressupostos rígidos da consciência normal de vigília desvanecem-se frequentemente, e podes dar por ti a realizar aquelas atividades fisicamente rejeitadas, sem chegares a perceber que espreitaste para uma existência provável tua.

Se existem selves prováveis individuais, então, naturalmente, existem terras prováveis, todas elas seguindo caminhos que vós não adotastes. Começando por um ato de imaginação no estado de vigília, podes por vezes seguir, durante um breve percurso, pelo “caminho não tomado”.

Voltemos ao nosso homem ao telefone, mencionado anteriormente. Digamos que ele diz ao amigo que não irá. Ao mesmo tempo, se imaginar que escolheu outra alternativa e aceitou o compromisso, poderá então experienciar uma súbita fenda entre dimensões. Se tiver sorte e as circunstâncias forem favoráveis, poderá sentir de repente a plena validade da sua aceitação com tanta força como se a tivesse escolhido fisicamente. Antes de perceber o que está a acontecer, poderá realmente sentir-se a sair de casa e a embarcar nessas ações prováveis que, fisicamente, escolheu não realizar.

Durante um momento, contudo, a experiência completa precipitar-se-á sobre ele. A imaginação terá aberto a porta e dado a liberdade para percecionar, mas não estará envolvida nenhuma alucinação. Este é um exercício simples que pode ser tentado em quase qualquer circunstância, embora a solidão seja importante.

Uma experiência desse tipo não te levará muito longe, contudo; e o self provável que escolheu a ação que tu negaste é, em aspetos importantes, bastante diferente do self que conheces. Cada ato mental abre uma nova dimensão de atualidade. De certa maneira, o teu mais leve pensamento dá origem a mundos.

Isto não é uma afirmação metafísica árida. Deve despertar em ti os mais fortes sentimentos de criatividade e especulação. É impossível que qualquer ser seja estéril, que qualquer ideia morra, ou que qualquer capacidade fique por realizar.

Cada sistema provável de realidade cria, naturalmente, outros sistemas desse tipo, e qualquer ato realizado faz surgir um número infinito de atos “não realizados” que também encontrarão a sua atualização. Todos os sistemas de realidade são abertos. As divisões entre eles são decididas arbitrariamente por uma questão de conveniência, mas todos existem simultaneamente, e cada um apoia e acrescenta algo aos outros. Assim, aquilo que fazes também se reflete, até certo ponto, na experiência dos teus selves prováveis, e vice-versa.

Na medida em que estiveres aberto e recetivo, podes beneficiar grandemente das várias experiências dos teus selves prováveis, e podes ganhar com o seu conhecimento e capacidades. Mais uma vez, fazes isto muitas vezes de forma espontânea no estado de sonho, e frequentemente aquilo que te parece ser uma inspiração é um pensamento experienciado, mas não atualizado, por parte de outro self. Tu sintonizas-te com ele e atualiza-lo em vez dele.

As ideias que entretiveste e não utilizaste podem ser captadas da mesma maneira por outros “tus” prováveis. Cada um destes selves prováveis considera-se, naturalmente, o verdadeiro tu, e para qualquer um deles tu serias o self provável; mas, através dos sentidos interiores, todos vós estais conscientes da vossa

participação nesta gestalt — uma totalidade psíquica organizada da qual todos fazem parte.

Assim, a Alma não é um produto acabado. Na verdade, não é sequer um produto nesses termos, mas um processo de devir. Tudo O Que É também não é um produto, acabado ou não. Existem deuses prováveis tal como existem homens prováveis; mas estes deuses prováveis fazem todos parte daquilo a que poderias chamar a Alma, ou a identidade, de Tudo O Que É, tal como os teus selves prováveis fazem todos parte da tua Alma ou entidade.

As dimensões de atualidade possíveis para Tudo O Que É excedem, naturalmente, em muito aquelas que estão presentemente disponíveis para ti. De certa maneira, criaste muitos deuses prováveis através dos teus próprios pensamentos e desejos. Eles tornam-se entidades psíquicas bastante independentes, validades noutros níveis de existência. O Único Tudo O Que É está consciente não apenas da sua própria natureza e da natureza de toda a consciência, mas também dos seus infinitos selves prováveis. Entramos aqui em temas nos quais as palavras se tornam destituídas de significado.

A natureza de Tudo O Que É só pode ser sentida diretamente através dos sentidos interiores ou, numa comunicação mais fraca, através da inspiração ou da intuição. A complexidade miraculosa de tal realidade não pode ser traduzida verbalmente.

As probabilidades são uma porção sempre presente do vosso ambiente psicológico invisível. Existes no meio do sistema provável de realidade. Não é algo separado de ti. Até certo ponto, é como um mar no qual tens o teu ser presente. Estás nele, e ele está em ti.

Ocasionalmente, nos níveis superficiais da consciência, podes perguntar-te o que teria acontecido se tivesses tomado decisões diferentes daquelas que tomaste; se tivesses escolhido companheiros diferentes, por exemplo, ou passado a residir noutras regiões do país. Podes perguntar-te o que teria acontecido se tivesses enviado uma carta importante que depois decidiste não enviar; e é apenas nesses pequenos devaneios que alguma vez questionaste a natureza das probabilidades. Mas existem ligações profundas entre ti e todos aqueles indivíduos com quem tiveste relações e com quem estiveste envolvido em decisões importantes.

Estas ligações não são nebulosas. São interligações psicológicas profundas que vos unem uns aos outros, particularmente dentro de uma estrutura telepática, embora isto possa ocorrer abaixo da consciência normal. As ligações físicas não realizadas, que poderiam ter ocorrido, mas não ocorreram, são trabalhadas noutras camadas da realidade.

O ambiente invisível dentro da tua mente não é tão solitário como poderias pensar, e o teu aparente isolamento interior é causado pela vigilância persistente do Ego Exterior. Ele não vê razão, por exemplo, para que sejas informado de dados que não considera pertinentes para a atividade quotidiana.

Não gosto da expressão “avançar”, mas, nos vossos termos, “avançar” enquanto consciência é tornares-te cada vez mais consciente destas outras materializações da tua própria identidade. Os selves prováveis devem tomar consciência dos outros selves prováveis e perceber que todos são várias manifestações da verdadeira identidade.

Eles não estão “perdidos”, enterrados ou anulados em algum superself, sem livre-arbítrio, autodeterminação ou individualidade. Pelo contrário, a identidade é aquilo que eles são, com plena liberdade para expressar todas as ações e desenvolvimentos prováveis, tanto nesta realidade como noutras que não conheces.

Enquanto estás sentado a ler este livro, no teu momento presente do tempo, estás posicionado no centro de uma teia cósmica de probabilidades que é afetada pelo teu mais pequeno ato mental ou emocional.

Os teus pensamentos e emoções, portanto, avançam a partir de ti não apenas em todas as direções físicas, mas também em direções que te são completamente invisíveis, aparecendo em dimensões que, presentemente, não compreenderias. Ao mesmo tempo, és também recetor de outros sinais desse tipo vindos de outras probabilidades ligadas à tua; mas escolhes quais dessas ações prováveis queres tornar reais ou físicas no teu sistema, tal como os outros também têm liberdade de escolha nos seus sistemas.

Assim, originas ideias e recebes ideias, mas não és forçado a atualizar atos prováveis não realizados que chegam até ti a partir de outros selves prováveis. Existe uma atração natural entre ti e outros selves prováveis, ligações eletromagnéticas relacionadas com propulsões simultâneas de energia. Com isto quero dizer energia que aparece simultaneamente tanto para ti como para selves prováveis noutras realidades; ligações psíquicas relacionadas com uma reação emocional unificadora, simpática, e uma ligação que se manifesta com muita força no estado de sonho.

Nesse estado, com as funções do Ego Exterior um pouco aquietadas, há uma comunicação considerável entre várias expressões da identidade inteira. Nos sonhos, podes ter vislumbres de caminhos prováveis que poderias ter tomado. Podes pensar que são fantasia, mas, em vez disso, podes estar a percecionar uma imagem legítima de acontecimentos que de facto ocorreram dentro de outro sistema de probabilidades.

Assim, um acontecimento pode ser atualizado por mais do que um self provável, e tu assemelhar-te-ás mais a alguns selves prováveis do que a outros. Porque estás envolvido numa gestalt psicológica intrincada como esta, e porque as ligações mencionadas anteriormente existem, podes servir-te, até certo ponto, das capacidades e conhecimentos possuídos por estas outras expressões prováveis da tua personalidade.

As ligações produzem “transbordamentos” bastante constantes. Contudo, uma vez consciente do sistema provável, também aprenderás a estar atento àquilo a que chamarei aqui “impulsos

intrusivos benignos”. Tais impulsos pareceriam desligados dos teus interesses ou atividades atuais; intrusivos na medida em que entram rapidamente na consciência, com uma sensação de estranheza, como se não fossem teus. Muitas vezes, estes podem oferecer pistas de vários tipos. Podes não saber absolutamente nada sobre música, por exemplo, e, numa tarde, no meio de alguma atividade banal, seres subitamente tomado pelo impulso de comprar um violino.

Um impulso desse tipo poderia indicar que outra expressão provável da tua identidade é dotada nesse instrumento. Não te estou a dizer para saíres a correr e comprares um, mas poderias agir sobre o impulso até onde fosse razoavelmente possível — alugando um violino, simplesmente familiarizando-te com concertos para violino, etc.

Aprenderias o instrumento muito mais depressa se o impulso tivesse origem num self provável. Escusado será dizer, então, que selves prováveis existem no teu “futuro” tal como no teu passado. É uma política muito pobre deter-te negativamente em aspetos desagradáveis do passado que conheces, porque algumas expressões do self provável podem ainda estar envolvidas nesse passado. A concentração pode permitir maior transbordamento e identificação adversa, porque essa parte será um dos antecedentes que tens em comum com quaisquer selves prováveis que tenham surgido dessa fonte particular.

Deter-te na possibilidade de doença ou desastre é uma política igualmente pobre, pois estabelece teias negativas de

probabilidades que não precisam de ocorrer. Teoricamente, podes alterar o teu próprio passado tal como o conheceste, pois o tempo não é algo mais separado de ti do que as probabilidades o são.

O passado existiu de múltiplas maneiras. Tu experienciaste apenas um passado provável. Ao mudares esse passado na tua mente, agora, no teu presente, podes mudar não apenas a sua natureza, mas também o seu efeito — e não apenas sobre ti, mas também sobre os outros.

Imagina que ocorreu um determinado acontecimento que te perturbou profundamente. Na tua mente, imagina-o não simplesmente apagado, mas substituído por outro acontecimento de natureza mais benéfica. Isto deve ser feito com grande vividez e validade emocional, e muitas vezes. Não se trata de autoengano. O acontecimento que escolheres será automaticamente um acontecimento provável, que de facto ocorreu, embora não seja o acontecimento que escolheste perceber no teu passado provável específico.

Telepaticamente, se o processo for feito corretamente, a tua ideia afetará também quaisquer pessoas que tenham estado ligadas ao acontecimento original, embora elas possam escolher rejeitar ou aceitar a tua versão.

Este não é um livro sobre técnicas, por isso não aprofundarei aqui este método particular; limito-me a mencioná-lo. Recorda, contudo, que, de uma forma inteiramente legítima, muitos acontecimentos que não são fisicamente percebidos nem

experienciados são tão válidos como aqueles que o são, e são igualmente reais dentro do teu próprio ambiente psicológico invisível.

Existem, portanto, nos vossos termos, acontecimentos futuros prováveis ilimitados para os quais estás agora a lançar as bases. A natureza dos pensamentos e sentimentos que originas, e daqueles que habitual ou caracteristicamente recebes, estabelece um padrão; assim, escolherás, desses futuros prováveis, os acontecimentos que se tornarão fisicamente a tua experiência.

Devido aos transbordamentos e às interligações, é possível sintonizares-te com um “acontecimento futuro”, digamos, de natureza infeliz — um acontecimento para o qual te encaminhas se continuares no teu curso presente. Um sonho sobre esse acontecimento, por exemplo, pode assustar-te de tal modo que o evitas e não o experiencias. Se assim for, esse sonho é uma mensagem de um self provável que experienciou o acontecimento.

Assim, uma criança pode receber, em sonho, comunicações desse tipo vindas de um self futuro provável, de tal natureza que a sua vida fique completamente transformada. A Identidade inteira está a Ser no Agora. Todas as divisões são meras ilusões; por isso, um self provável pode estender a mão a outro, e, através destas comunicações interiores, os vários selves prováveis começam, nos vossos termos, a compreender a natureza da sua identidade.

Isto conduz agora a outras aventuras nas quais civilizações inteiras podem estar envolvidas, pois, tal como os indivíduos têm

os seus destinos prováveis, também os têm as civilizações, as nações e os sistemas planetários habitados. A vossa Terra histórica, tal como a conheceis, desenvolveu-se de muitas maneiras diferentes, e há uma ligação profundamente inconsciente que une todas essas manifestações.

À sua maneira, até os átomos e as moléculas retêm um conhecimento das formas pelas quais passaram; e, assim, os indivíduos que compõem qualquer civilização contêm, profundamente dentro de si, o conhecimento interior das experiências e tentativas, sucessos e fracassos, nos quais as raças também estiveram envolvidas noutros níveis de realidade.

Em algumas realidades prováveis, o Cristianismo, tal como o conheceis, não floresceu. Em algumas, os homens não dominaram. Noutras, a constituição da matéria física seguiu simplesmente outras linhas. Todas estas probabilidades estão agora no ar à tua volta, por assim dizer, e eu descrevo-as tão fielmente quanto consigo, mas tenho de as relatar através de conceitos com os quais estais minimamente familiarizados. Até certo ponto, portanto, a “verdade” tem de ser filtrada pelos vossos próprios padrões conceptuais para que possais compreendê-la de todo.

Basta dizer que estás rodeado por outras influências e acontecimentos. Percecionas alguns deles na tua realidade tridimensional. Aceita-os como reais sem perceberes que são apenas porções de outros acontecimentos. Onde a tua visão falha, pensas que a realidade cessa; por isso, mais uma vez, deves treinar-te para olhar entre acontecimentos, entre objetos, dentro

de ti mesmo quando não pareces estar a fazer nada. Fica atento a acontecimentos que parecem não fazer sentido, pois muitas vezes são pistas para acontecimentos invisíveis maiores.

A natureza da própria matéria não é compreendida. Percecionais a matéria num determinado "estágio". Usando agora os vossos termos, e falando da forma mais simples possível, existem outras formas de matéria para além daquelas que vedes. Essas formas são bastante reais e vívidas, bastante "físicas", para aqueles que reagem a essa esfera particular de atividade.

Em termos de probabilidades, portanto, escolhes determinados atos, transformas inconscientemente esses atos em acontecimentos ou objetos físicos, e depois perceciona-los. Mas os acontecimentos não escolhidos também saem de ti e são projetados nessas outras formas. O comportamento dos átomos e das moléculas está aqui envolvido, pois, mais uma vez, estes só estão presentes no vosso universo durante certos estágios. A sua atividade só é percecionada dentro do alcance de ritmos vibratórios particulares.

Quando os vossos cientistas os examinam, por exemplo, não examinam a natureza, digamos, de um átomo. Exploram apenas as características de um átomo tal como ele atua ou se mostra dentro do vosso sistema. A sua realidade mais ampla escapa-lhes completamente.

Compreendeis que existem espectros de luz. Também existem espectros de matéria. O vosso sistema de realidade física não é denso em comparação com alguns outros. As dimensões que atribuíis à matéria física mal começam a sugerir as variedades de dimensões possíveis.

Alguns sistemas são muito mais pesados ou mais leves do que o vosso, embora isto possa não envolver peso nos termos que vos são familiares. As ações prováveis emergem, então, em sistemas de matéria tão válidos como o vosso e igualmente consistentes. Estais habituados a pensar em pensamentos de linha única, por isso pensais nos acontecimentos que conheceis como coisas ou ações completas, sem perceberdes que aquilo que percecionais é apenas uma fração da sua existência multidimensional inteira.

Em termos mais amplos, é impossível separar um acontecimento físico dos acontecimentos prováveis, pois todos estes são dimensões de uma só ação. Pelas mesmas razões, é basicamente impossível separar o “tu” que conheces dos “tus” prováveis dos quais não estás consciente. Contudo, há sempre vias interiores que conduzem entre acontecimentos prováveis; uma vez que todos eles são manifestações de um ato no seu devir, as dimensões entre eles são ilusões.

O cérebro físico, por si só, não consegue captar estas ligações com grande sucesso. A mente, que é a contraparte interior do cérebro, pode por vezes percecionar as dimensões muito mais amplas de qualquer acontecimento dado, através de uma súbita

explosão de intuição ou compreensão que não pode ser adequadamente descrita a nível verbal.

Como disse muitas vezes, o tempo tal como o concebéis não existe; contudo, nos vossos termos, a verdadeira natureza do tempo poderia ser compreendida se a natureza básica do átomo vos fosse alguma vez dada a conhecer. De certo modo, um átomo poderia ser comparado a um microssegundo.

Parece que um átomo “existe” de forma constante durante certo período de tempo. Em vez disso, ele entra e sai de fase, por assim dizer. Flutua segundo um padrão e um ritmo altamente previsíveis. Só pode ser percecionado dentro do vosso sistema em determinados pontos dessa flutuação; por isso, aos cientistas parece que o átomo está continuamente presente. Não estão conscientes de quaisquer intervalos de ausência no que diz respeito ao átomo.

Nesses períodos de projeção não física, os períodos “desligados” da flutuação, os átomos “aparecem” noutro sistema de realidade. Nesse sistema, são percecionados naquilo que são pontos “ligados” da flutuação, e também nesse sistema, então, os átomos parecem aparecer de forma contínua. Existem muitos desses pontos de flutuação, mas o vosso sistema, naturalmente, não está consciente deles, nem das ações, universos e sistemas mais vastos que existem dentro deles.

O mesmo tipo de comportamento ocorre agora num nível psíquico profundo, básico, secreto e inexplorado. A consciência

fisicamente orientada, respondendo a uma fase da atividade do átomo, ganha vida e desperta para a sua existência particular; mas, entre essas fases, há outras flutuações nas quais a consciência se foca em sistemas de realidade inteiramente diferentes. Cada uma dessas consciências desperta e responde, e cada uma não tem qualquer sentido de ausência, tendo memória apenas daquelas flutuações particulares às quais responde.

Estas flutuações são, na verdade, simultâneas. Parecer-vos-ia que haveria intervalos entre as flutuações, e a descrição que usei é a melhor para os nossos propósitos; mas todos os sistemas prováveis existem simultaneamente e, basicamente, na sequência desta discussão, o átomo está em todos esses outros sistemas ao mesmo tempo.

Temos falado em termos de pulsações ou flutuações fantasticamente rápidas, tão suaves e “breves” que não as notais. Mas há também flutuações “mais lentas”, “mais vastas”, “mais longas”, a partir da vossa extremidade da escala.

Estas afetam sistemas de existência inteiramente diferentes de quaisquer sistemas estreitamente ligados ao vosso. A experiência desses tipos de consciência é altamente estranha para vós. Uma flutuação desse tipo poderia levar vários milhares dos vossos anos, por exemplo. Esses vários milhares de anos seriam experienciados, digamos, como um segundo do vosso tempo, com os acontecimentos que ocorressem dentro dele a serem percebidos simplesmente como um “período presente”.

A consciência de tais seres conteria também a consciência de grandes números de selves prováveis e de sistemas, experienciados de forma bastante vívida e clara como múltiplos presentes. Estes múltiplos presentes podem ser alterados num número efetivo e infinito de pontos; a infinitude não existindo em termos de uma linha indefinida, mas em termos de probabilidades inumeráveis e de combinações possíveis que crescem a partir de cada ato de consciência.

Tais seres, com os seus múltiplos presentes, podem ou não estar conscientes do vosso sistema particular. O seu múltiplo presente pode ou não incluí-lo. Podes fazer parte do seu múltiplo presente sem sequer estares consciente disso. Em termos muito mais limitados, as tuas realidades prováveis são múltiplos presentes. A imagem, como analogia, de um o-l-h-o dentro de um olho dentro de um olho, repetido infinitamente, pode ser útil aqui.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda uma das ideias mais radicais de Seth: cada ato mental possui realidade, cada possibilidade encontra forma de atualização, e aquilo que chamamos realidade física é apenas uma das muitas linhas através das quais a consciência organiza acontecimentos, matéria, identidade e experiência.

A função central do capítulo é esta:

a realidade física é uma atualização focalizada de atos mentais, enquanto os sistemas prováveis são atualizações simultâneas de outras possibilidades igualmente válidas, habitadas por selves prováveis, terras prováveis, civilizações prováveis e até deuses prováveis.

1. A realidade começa como ato mental

Seth abre o capítulo com uma afirmação estrutural:

ato mental → possibilidade → atualização → acontecimento

Todas as ações são, inicialmente, atos mentais. Isto significa que a ação física não é a origem da realidade, mas uma fase visível de um processo mais amplo.

pensamento → ato mental → energia → probabilidade → forma de realidade

Aquilo que a consciência escolhe atualizar fisicamente aparece como acontecimento ou objeto. Aquilo que não é escolhido fisicamente não desaparece: continua válido noutros sistemas prováveis.

2. O caminho não tomado não é um não-ato

Na visão comum, a realidade é composta apenas pelas ações realizadas fisicamente.

ação escolhida → realidade física

ação rejeitada → nada / não-ato

Seth corrige esta visão.

ação rejeitada fisicamente → ato mental válido → atualização noutro sistema provável

O “caminho não tomado” não é ausência de realidade. É uma linha de atualização diferente, que continua a desenvolver-se noutro campo de experiência.

3. O exemplo do telefone

Seth usa o exemplo simples de alguém que recebe um telefonema e tem várias opções.

- dizer não e ficar em casa
- dizer não e ir para outro lugar
- dizer sim e cumprir o compromisso

Antes da decisão, todas estas ações prováveis possuem validade. Quando uma é escolhida, torna-se física naquele sistema. As outras continuam a ser realizadas noutros sistemas prováveis.

- decisão física → uma ação atualizada neste sistema
- ações não escolhidas → atualizadas noutros sistemas

A decisão não elimina possibilidades. Apenas define qual será fisicamente experienciada pela Personalidade de Foco atual.

4. Atos mentais não podem ser anulados

Todos os atos mentais são válidos.

ato mental → existência → validade → impossibilidade de anulação

Mesmo que não sejam fisicamente percebidos, não deixam de existir. A falta de percepção física não destrói a sua força nem a sua durabilidade.

Isto desloca o critério de realidade:

realidade comum → aquilo que é fisicamente percebido

realidade segundo Seth → aquilo que possui validade como ato mental/psíquico

5. Capacidades não usadas aqui são usadas noutro lugar

Se uma capacidade não é desenvolvida nesta vida, pode estar a ser desenvolvida por outro self provável.

capacidade latente aqui → capacidade ativa noutro sistema

tu não foste médico aqui → outro self provável é médico

talento não usado aqui → talento desenvolvido por outro self provável

Nada fica simplesmente perdido. As capacidades procuram vias de expressão.

6. A Alma como ato infinito e multidimensional

Seth afirma que estes factos não negam a validade da Alma; pelo contrário, acrescentam-lhe imensuravelmente.

Alma → ato infinito multidimensional → todas as probabilidades mínimas trazidas à atualidade

A Alma não é um objeto acabado. É um processo criativo infinito que cria dimensões nas quais a realização é possível.

Alma → criatividade → probabilidades → dimensões → atualização

Esta formulação prepara a ideia posterior:

Alma → não produto → processo de devir

7. Selves prováveis como parte da Alma

Os selves prováveis fazem parte da identidade ou Alma.

Alma → selves prováveis → linhas de experiência → atualizações simultâneas

A Personalidade de Foco atual está normalmente fora de contacto com eles porque aceita os acontecimentos físicos como critério da realidade.

foco físico exclusivo → perda de percepção dos selves prováveis

abertura aos sentidos interiores → percepção de reverberações prováveis

Os selves prováveis não são sombras nem fantasias: são expressões reais da identidade.

8. Vislumbres de realidades prováveis

A partir de qualquer ponto da existência, é possível vislumbrar outras realidades prováveis.

decisão física → reverberações de ações prováveis → sonho / intuição / imaginação

No estado de sonho, os pressupostos rígidos da consciência normal de vigília desvanecem-se, permitindo que a personalidade percecione atividades fisicamente rejeitadas.

sonho → menor controlo do Ego Exterior → acesso a acontecimentos prováveis

Aquilo que parece fantasia pode ser imagem legítima de uma existência provável.

9. Imaginação como porta para o caminho não tomado

Seth apresenta um exercício simples: imaginar vividamente uma alternativa rejeitada.

imaginação → abertura percetiva → fenda entre dimensões → contacto com ação provável

A imaginação não cria uma alucinação vazia. Ela pode abrir a perceção para a validade de uma ação provável que já existe noutro sistema.

imaginação → não fuga → canal percetivo

A imaginação funciona como ponte entre a Personalidade de Foco atual e outras linhas prováveis.

10. Cada pensamento dá origem a mundos

Seth afirma que cada ato mental abre uma nova dimensão de atualidade.

ato mental → nova dimensão de atualidade → mundo provável

De certa maneira, o mais leve pensamento dá origem a mundos.

Esta não é uma afirmação decorativa ou metafísica no sentido vago. É uma descrição funcional do modo como a consciência cria realidades.

pensamento → possibilidade → realidade provável

11. Nenhum ser é estéril

Se cada ato mental possui validade, então nenhuma ideia morre e nenhuma capacidade fica por realizar.

ser → criatividade inerente

ideia → continuidade

capacidade → atualização algures

A esterilidade absoluta é impossível, porque toda a consciência cria, desdobra e atualiza possibilidades.

12. Sistemas prováveis geram outros sistemas prováveis

Cada sistema provável de realidade cria outros sistemas prováveis.

sistema provável → novos atos → novas probabilidades → novos sistemas

Qualquer ato realizado faz surgir um número infinito de atos “não realizados” que também encontrarão a sua atualização.

A realidade não se organiza como uma linha única, mas como proliferação multidimensional.

ato → ramificação → atualização → novas ramificações

13. Todos os sistemas são abertos

Seth afirma que todos os sistemas de realidade são abertos.

sistemas de realidade → divisões arbitrárias → simultaneidade → apoio mútuo

As divisões entre sistemas são feitas por conveniência percetiva, não por separação absoluta.

Cada sistema apoia e acrescenta algo aos outros.

teu sistema → influencia selves prováveis

selves prováveis → influenciam o teu sistema

Existe uma circulação contínua entre as linhas prováveis.

14. Benefício mútuo entre selves prováveis

Na medida em que estás aberto e recetivo, podes beneficiar das experiências, conhecimentos e capacidades dos teus selves prováveis.

abertura → sintonia → receção de capacidades prováveis → inspiração

Aquilo que parece inspiração pode ser um pensamento experienciado, mas não atualizado, por outro self provável.

outro self provável → pensamento não atualizado ali → tu sintonizas → atualizas aqui

Do mesmo modo, ideias que entretiveste e não usaste podem ser captadas por outros “tus” prováveis.

15. Cada self provável considera-se o verdadeiro tu

Cada self provável considera-se o verdadeiro tu.

self provável A → considera-se real

self provável B → considera-se real

tu atual → és provável para eles

A identidade não possui um único centro privilegiado. Cada foco experiencia a si mesmo como real.

Contudo, através dos sentidos interiores, todos participam numa mesma gestalt.

selves prováveis → sentidos interiores → consciência da gestalt identitária

16. A Alma não é produto acabado

Seth aprofunda a natureza da Alma.

Alma → não produto → processo de devir

A Alma não é coisa terminada, fixa ou concluída. O Tudo O Que É também não é produto, acabado ou não.

Tudo O Que É → processo criativo infinito → devir multidimensional

Isto impede imaginar Deus, a Alma ou a identidade como estruturas estáticas.

17. Deuses prováveis

Existem deuses prováveis tal como existem homens prováveis.

homens prováveis → selves prováveis da Alma

deuses prováveis → selves prováveis / expressões prováveis de Tudo O Que É

Os deuses prováveis fazem parte da Alma ou identidade de Tudo O Que É, tal como os selves prováveis fazem parte da tua Alma ou entidade.

Tudo O Que É → infinitos selves prováveis → deuses prováveis

A divindade não é uma entidade fixa e solitária. É multidimensional, criativa e probabilística.

18. Deuses criados por pensamentos e desejos humanos

Seth afirma que, de certa maneira, criaste muitos deuses prováveis através dos teus pensamentos e desejos.

pensamentos humanos → desejos → formas divinas prováveis → entidades psíquicas independentes

Esses deuses tornam-se entidades psíquicas bastante independentes, validades noutros níveis de existência.

Isto não significa que sejam “falsos”. Significa que a consciência humana participa na geração de formas divinas em sistemas prováveis.

crença → energia psíquica → entidade provável → validade noutro nível

19. Tudo O Que É conhece os seus selves prováveis

O Único Tudo O Que É está consciente da sua própria natureza, da natureza de toda a consciência e dos seus infinitos selves prováveis.

Tudo O Que É → autoconsciência → consciência de toda a consciência → consciência dos infinitos selves prováveis

Neste ponto, Seth reconhece os limites da linguagem.

realidade multidimensional extrema → linguagem verbal insuficiente

A natureza de Tudo O Que É só pode ser sentida diretamente através dos sentidos interiores, ou mais fracamente através da inspiração e da intuição.

20. Probabilidades como ambiente psicológico invisível

As probabilidades são uma porção sempre presente do ambiente psicológico invisível.

tu → dentro do sistema provável → sistema provável dentro de ti

As probabilidades não estão separadas da personalidade. São como um mar no qual ela tem o seu ser presente.

probabilidades → campo envolvente → interpenetração com a identidade

O indivíduo não vive fora das probabilidades; vive no meio delas.

21. Ligações profundas com pessoas e decisões

Há ligações profundas entre ti e todos aqueles com quem tiveste relações e com quem estiveste envolvido em decisões importantes.

relação significativa → decisão importante → ligação psicológica/telepática → continuidade provável

Estas ligações não são nebulosas. São interligações psicológicas profundas que operam dentro de uma estrutura telepática, muitas vezes abaixo da consciência normal.

relações físicas não realizadas → trabalhadas noutras camadas da realidade

Aquilo que poderia ter ocorrido, mas não ocorreu fisicamente, não desaparece. É trabalhado noutros estratos da realidade provável.

22. O isolamento interior é aparente

O ambiente invisível dentro da mente não é tão solitário como parece.

mente interior → redes prováveis → sinais → ligações → transbordamentos

O aparente isolamento interior é causado pela vigilância persistente do Ego Exterior, que filtra dados considerados irrelevantes para a atividade quotidiana.

Ego Exterior → seleção de dados → foco prático → ignorância das probabilidades

O Ego Exterior protege a funcionalidade física, mas limita a perceção das ligações prováveis.

23. Avançar enquanto consciência

Seth não gosta da expressão “avançar”, mas usa-a nos nossos termos.

avançar enquanto consciência → tornar-se consciente de outras materializações da identidade

Os selves prováveis devem tomar consciência uns dos outros e reconhecer que todos são manifestações da verdadeira identidade.

self provável → reconhece outros selves prováveis → compreende identidade inteira

O desenvolvimento não é absorção num superself anónimo. É reconhecimento da multiplicidade livre da identidade.

24. Os selves prováveis não são anulados

Os selves prováveis não estão perdidos, enterrados nem anulados num superself.

self provável → livre-arbítrio → autodeterminação → individualidade

A identidade é aquilo que eles são, com plena liberdade para expressar ações e desenvolvimentos prováveis.

Isto preserva a individualidade dentro da multidimensionalidade.

unidade identitária → não anula diferença

diferença provável → não rompe unidade

25. A teia cósmica de probabilidades

Enquanto lêes este livro, estás no centro de uma teia cósmica de probabilidades.

ato mental → emoção → impacto na teia provável

O mais pequeno ato mental ou emocional afeta essa teia.

pensamento → direções físicas

pensamento → direções invisíveis

pensamento → dimensões não compreendidas

Ao mesmo tempo, recebes sinais vindos de outras probabilidades ligadas à tua.

26. Escolha e liberdade entre sistemas

Recebes ideias e originas ideias, mas não és forçado a atualizar atos prováveis que chegam de outros selves prováveis.

sinal provável → receção → escolha → atualização ou rejeição

A liberdade mantém-se em todos os sistemas.

tu escolhes no teu sistema

outros escolhem nos seus sistemas

A influência provável não elimina a responsabilidade criativa da Personalidade de Foco.

27. Atração natural entre selves prováveis

Existe uma atração natural entre ti e outros selves prováveis.

selves prováveis → ligações eletromagnéticas → propulsões simultâneas de energia

Estas ligações estão relacionadas com energia que aparece simultaneamente em ti e em selves prováveis noutras realidades.

energia simultânea → ligação psíquica → reação emocional unificadora → sonho

O estado de sonho é um dos campos onde estas ligações se manifestam com mais força.

28. Comunicação entre expressões da identidade inteira

No estado de sonho, com as funções do Ego Exterior aquietadas, há comunicação entre várias expressões da identidade inteira.

sonho → Ego Exterior aquietado → comunicação provável → vislumbres de caminhos não tomados

Podes ter vislumbres de caminhos prováveis que poderias ter tomado.

Aquilo que julgas fantasia pode ser imagem legítima de acontecimentos que ocorreram noutro sistema de probabilidades.

29. Acontecimentos atualizados por mais do que um self provável

Um acontecimento pode ser atualizado por mais do que um self provável.

acontecimento → atualização por self provável A

acontecimento → atualização por self provável B

Alguns selves prováveis assemelham-se mais a ti do que outros. Por isso, podes servir-te, até certo ponto, das capacidades e conhecimentos dessas outras expressões prováveis da tua personalidade.

gestalt psicológica intrincada → transbordamentos → partilha de capacidades

30. Impulsos intrusivos benignos

Quando a personalidade se torna consciente do sistema provável, pode aprender a reconhecer “impulsos intrusivos benignos”.

impulso estranho → entrada rápida na consciência → sensação de não ser teu → pista provável

Um impulso súbito para comprar um violino, por exemplo, pode indicar que outra expressão provável da identidade possui talento nesse instrumento.

self provável músico → impulso → self atual → possibilidade de aprendizagem acelerada

O conselho não é agir impulsivamente sem discernimento, mas explorar razoavelmente a pista.

31. Transbordamentos e identificação adversa

As ligações entre selves prováveis produzem transbordamentos constantes.

foco negativo no passado → maior transbordamento → identificação adversa

Deter-se negativamente em aspetos desagradáveis do passado é uma política pobre, porque algumas expressões do self provável podem ainda estar envolvidas nesse passado.

passado desagradável → concentração → ligação comum → reforço da identificação

A atenção pode intensificar ligações adversas com probabilidades indesejadas.

32. Teias negativas de probabilidades

Deter-te na possibilidade de doença ou desastre estabelece teias negativas de probabilidades que não precisam de ocorrer.

imaginação negativa → foco emocional → teia provável → possível atualização

Seth desloca a preocupação de simples “pensamento negativo” para estrutura provável.

O medo persistente não prevê apenas; pode ajudar a organizar uma probabilidade.

33. Alterar o passado conhecido

Seth afirma que podes teoricamente alterar o teu próprio passado tal como o conheceste.

passado → múltiplas formas → apenas um passado provável experienciado

Ao mudares esse passado na tua mente, no presente, podes mudar não apenas a sua natureza, mas também o seu efeito.

presente → reinterpretação vívida do passado → alteração do efeito → reorganização psicológica e provável

O passado não é uma pedra fixa separada de ti. Tal como as probabilidades, ele faz parte do campo psíquico da identidade.

34. Substituir um acontecimento perturbador

Seth propõe imaginar um acontecimento perturbador não simplesmente apagado, mas substituído por outro de natureza mais benéfica.

acontecimento perturbador → substituição imaginativa vívida → validade emocional → repetição → alteração do efeito

Isto não é autoengano. O acontecimento escolhido será automaticamente um acontecimento provável que de facto ocorreu, embora não seja aquele que escolheste percecionar no teu passado provável específico.

passado provável percecionado → um entre vários passados prováveis

35. Efeito telepático da alteração do passado

Se o processo for feito corretamente, a nova versão pode afetar telepaticamente as pessoas ligadas ao acontecimento original.

alteração interior → transmissão telepática → outros envolvidos → aceitação ou rejeição

Os outros mantêm liberdade para aceitar ou rejeitar essa versão.

Isto preserva a autonomia de todos os envolvidos.

influência telepática ≠ imposição

36. Acontecimentos não físicos são igualmente válidos

Muitos acontecimentos não fisicamente percebidos ou experienciados são tão válidos como os físicos.

acontecimento físico → validade

acontecimento não físico → validade

Ambos existem dentro do ambiente psicológico invisível.

A realidade não se limita ao que é registado pelos sentidos físicos.

37. Futuros prováveis ilimitados

Existem acontecimentos futuros prováveis ilimitados para os quais a personalidade está agora a lançar as bases.

pensamentos originados → sentimentos originados →
pensamentos recebidos → sentimentos recebidos → padrão →
escolha de futuros prováveis

A experiência futura física será escolhida entre essas probabilidades.

padrão interior atual → seleção de futuro provável → experiência física

38. Sonhos como mensagens de selves futuros prováveis

Devido aos transbordamentos e interligações, podes sintonizar-te com um acontecimento futuro infeliz para o qual te encaminhas.

curso presente → acontecimento futuro provável → sonho → aviso → mudança de ação → não ocorrência

Se um sonho te assusta e te leva a evitar o acontecimento, então esse sonho pode ser mensagem de um self provável que experienciou o acontecimento.

self provável que viveu o acontecimento → comunicação onírica → self atual → alteração da linha

O sonho funciona como ponte corretiva entre probabilidades.

39. A Identidade inteira está a Ser no Agora

Seth afirma que a identidade inteira está a Ser agora.

Formulação estabilizada:

A Identidade inteira está a Ser no Agora.

Esta frase deve ser lida em sentido ontológico, não temporal comum.

Identidade inteira → Ser → Agora → simultaneidade

Todas as divisões são ilusões. Por isso, um self provável pode estender a mão a outro.

self provável A → comunicação interior → self provável B → reconhecimento da identidade comum

40. Civilizações, nações e planetas prováveis

Tal como os indivíduos possuem destinos prováveis, também os têm civilizações, nações e sistemas planetários habitados.

indivíduo → destinos prováveis

civilização → destinos prováveis

nação → destinos prováveis

planeta habitado → destinos prováveis

A Terra histórica desenvolveu-se de muitas maneiras diferentes.

Terra conhecida → uma linha histórica

Terras prováveis → múltiplas linhas de desenvolvimento

Há uma ligação profundamente inconsciente que une todas essas manifestações.

41. Átomos e moléculas retêm conhecimento

À sua maneira, até átomos e moléculas retêm conhecimento das formas pelas quais passaram.

átomos/moléculas → memória de formas → continuidade profunda

Os indivíduos que compõem qualquer civilização contêm profundamente dentro de si o conhecimento interior das experiências, tentativas, sucessos e fracassos em que as raças estiveram envolvidas noutros níveis de realidade.

civilização atual → memória profunda → experiências raciais prováveis → sucessos e fracassos noutros níveis

Isto liga o tema das civilizações prováveis ao capítulo anterior sobre civilizações reencarnacionais.

42. Probabilidades históricas

Em algumas realidades prováveis, o Cristianismo não floresceu. Em algumas, os homens não dominaram. Noutras, a constituição da matéria física seguiu outras linhas.

Cristianismo floresce aqui → noutra probabilidade não floresce

domínio masculino aqui → noutra probabilidade não domina

matéria física nesta linha → noutra linha segue outras leis

As probabilidades estão “no ar” à volta da Personalidade de Foco, mas têm de ser descritas através de conceitos familiares.

verdade multidimensional → filtragem conceptual → compreensão humana possível

43. Olhar entre acontecimentos

Seth recomenda treinar a percepção para olhar entre acontecimentos, entre objetos e dentro de si mesmo quando parece que nada está a acontecer.

acontecimento sem sentido → pista → acontecimento invisível maior

Onde a visão falha, a mente comum pensa que a realidade cessa. Seth mostra que muitas vezes é precisamente aí que se encontram as pistas para realidades maiores.

falha percetiva → não ausência de realidade → limite do foco físico

44. Espectros de matéria

A natureza da matéria não é compreendida. Percecionamos a matéria num determinado “estágio”.

matéria física percecionada → um estágio da matéria

outras formas de matéria → reais e vívidas para outras consciências

Tal como existem espectros de luz, existem espectros de matéria.

espectro de luz → diferentes faixas percetíveis

espectro de matéria → diferentes formas de fisicalidade

O nosso sistema físico não é necessariamente denso em comparação com outros.

45. Ações prováveis e sistemas de matéria

As ações prováveis emergem em sistemas de matéria tão válidos como o nosso.

ação provável → sistema de matéria provável → realidade consistente

Aquilo que percebemos como acontecimento completo é apenas uma fração da sua existência multidimensional inteira.

acontecimento físico → fração visível

acontecimento total → dimensões prováveis simultâneas

46. Um acontecimento físico não se separa dos prováveis

Em termos mais amplos, é impossível separar um acontecimento físico dos acontecimentos prováveis.

acontecimento físico + acontecimentos prováveis →
dimensões de uma só ação

Do mesmo modo, é impossível separar o “tu” conhecido dos “tus” prováveis.

tu conhecido + tus prováveis → dimensões da mesma identidade

As divisões entre eles são ilusões produzidas pelo modo de foco.

47. A mente como contraparte interior do cérebro

O cérebro físico não capta estas ligações com grande sucesso.

cérebro físico → operação no sistema físico

mente → contraparte interior do cérebro → percepção de dimensões mais amplas

A mente pode, por intuição súbita ou compreensão, perceber dimensões maiores de um acontecimento.

intuição → explosão de compreensão → contacto com dimensões não verbalizáveis

A linguagem verbal não consegue descrever plenamente esse tipo de percepção.

48. O átomo como microssegundo

Seth afirma que, de certo modo, um átomo poderia ser comparado a um microssegundo.

átomo → flutuação → entrada e saída de fase → aparência de continuidade

O átomo não existe continuamente como parece. Ele entra e sai de fase segundo um padrão previsível.

pontos de flutuação ligados → átomo percecionado

pontos de flutuação desligados → átomo ausente para este sistema

Os cientistas percecionam apenas os momentos em que o átomo aparece dentro do nosso sistema.

49. Períodos “desligados” e outros sistemas de realidade

Nos períodos “desligados” da flutuação, os átomos aparecem noutro sistema de realidade.

desligado aqui → ligado noutro sistema

ausência aqui → presença ali

Cada sistema percebe os seus próprios pontos “ligados” como continuidade.

Assim, a continuidade da matéria é uma aparência produzida pela regularidade da flutuação e pelo foco perceptivo do sistema.

50. Consciência e flutuação atômica

O mesmo tipo de comportamento ocorre num nível psíquico profundo, básico, secreto e inexplorado.

átomo → flutuação entre sistemas

consciência → flutuação entre sistemas

A consciência fisicamente orientada desperta para a sua existência particular quando responde a uma fase da atividade do átomo.

Entre essas fases, há outras flutuações em que a consciência se foca noutros sistemas de realidade.

fase física → consciência física desperta

outra fase → consciência focada noutro sistema

Cada consciência não sente ausência. Cada uma possui memória apenas das flutuações às quais responde.

51. As flutuações são simultâneas

Embora pareça haver intervalos, as flutuações são simultâneas.

descrição sequencial → necessária para compreensão humana

realidade profunda → simultaneidade

Todos os sistemas prováveis existem simultaneamente, e o átomo está em todos esses sistemas ao mesmo tempo.

átomo → múltiplos sistemas → simultaneidade

52. Flutuações rápidas e flutuações vastas

Seth distingue entre flutuações muito rápidas e flutuações mais lentas, vastas e longas.

flutuação rápida → impercetível → relacionada com sistemas próximos

flutuação vasta → milhares de anos → experienciada como um segundo por outros seres

Alguns tipos de consciência experienciam vastíssimos períodos da nossa escala temporal como um único presente.

milhares de anos humanos → um segundo para outro tipo de consciência

53. Múltiplos presentes

Tais seres conteriam a consciência de grandes números de selves prováveis e sistemas, experienciados como múltiplos presentes.

consciência vasta → múltiplos selves prováveis → múltiplos sistemas → múltiplos presentes

Os múltiplos presentes podem ser alterados num número efetivo e infinito de pontos.

infinitude → não linha indefinida → probabilidades inumeráveis → combinações possíveis

A infinitude não é extensão linear interminável. É proliferação multidimensional de possibilidades.

54. O nosso sistema dentro do múltiplo presente de outros seres

Seres com múltiplos presentes podem ou não estar conscientes do nosso sistema.

seres vastos → múltiplo presente → pode incluir ou não o nosso sistema

Podes fazer parte do múltiplo presente de tais seres sem estares consciente disso.

Em termos mais limitados, as tuas realidades prováveis são múltiplos presentes.

tu atual → múltiplos presentes limitados → selves prováveis

55. Olho dentro de olho

Seth encerra o capítulo com a imagem de um o-l-h-o dentro de um olho dentro de um olho, repetido infinitamente.

olho → foco percetivo

olho dentro de olho → foco dentro de foco

repetição infinita → consciência dentro de consciência → sistemas dentro de sistemas

A imagem sugere uma estrutura fractal da percepção: cada foco contém outros focos, cada realidade contém outras realidades, cada sistema abre para outros sistemas.

Estrutura Operativa do Capítulo

ato mental → possibilidade → atualização → acontecimento físico ou provável

ação escolhida → realidade física

ação não escolhida → sistema provável

self atual → selves prováveis → Alma / entidade

Alma → ato infinito multidimensional → probabilidades trazidas à atualidade

Tudo O Que É → deuses prováveis → infinitos selves prováveis

probabilidades → ambiente psicológico invisível → teia cósmica

Ego Exterior → filtra dados → aparente isolamento interior

sonho → transbordamentos → comunicação entre selves prováveis

passado conhecido → um passado provável → possível alteração do efeito

futuro provável → sonho-aviso → mudança de linha

Identidade inteira → Ser no Agora → divisões ilusórias

civilizações → nações → planetas → destinos prováveis

matéria → espectros → estágios → sistemas de matéria

átomo → entra e sai de fase → presença aqui / presença noutro sistema

consciência → flutua entre sistemas → cada foco sente continuidade

flutuações rápidas → sistemas próximos

flutuações vastas → múltiplos presentes

olho dentro de olho → foco dentro de foco → realidade dentro de realidade

Núcleo Operativo

O Capítulo 16 apresenta a realidade como uma estrutura multidimensional de atos mentais atualizados. Nada do que é pensado, sentido ou imaginado é simplesmente perdido: cada ato mental possui validade e encontra alguma forma de expressão. A realidade física é apenas a linha que a Personalidade de Foco escolhe atualizar dentro do seu sistema percetivo; as possibilidades não escolhidas continuam a desenvolver-se em sistemas prováveis igualmente válidos.

A identidade também é probabilística. O “tu” conhecido é apenas uma expressão focalizada de uma identidade mais ampla que inclui selves prováveis, passados prováveis, futuros prováveis e linhas alternativas de experiência. Estes selves não são ilusões nem sombras sem autonomia. Cada um se considera real, possui livre-arbítrio, autodeterminação e individualidade, mas todos participam numa mesma gestalt identitária.

Seth desloca também a noção de Alma e de Deus. A Alma não é produto acabado, mas processo de devir; O Tudo O Que É também não é produto, mas criatividade infinita. Assim como existem homens prováveis, existem deuses prováveis — entidades psíquicas válidas, geradas em parte pelos pensamentos e desejos humanos, e integradas na identidade multidimensional de Tudo O Que É.

O capítulo aprofunda ainda a natureza da matéria. A matéria não é uma substância fixa, mas uma fase percetiva de um processo mais amplo. Existem espectros de matéria, tal como existem espectros de luz. O átomo não está continuamente presente; entra e sai de fase, aparecendo num sistema quando está ausente noutro. O

mesmo ocorre com a consciência: ela desperta em diferentes sistemas conforme responde a diferentes flutuações. Cada foco sente continuidade porque só recorda as flutuações às quais está sintonizado.

A simultaneidade torna-se, então, compreensível: sistemas, acontecimentos, selves, átomos e consciências coexistem não como objetos amontoados num mesmo espaço, mas como modos diferenciados de atualização dentro de um Campo Psíquico Multidimensional. Tempo e espaço são estabilizações percetivas locais; as probabilidades são expressões simultâneas da criatividade da consciência.

Formulação final

O Capítulo 16 mostra que a realidade não é uma linha única de acontecimentos, mas uma rede multidimensional de atos mentais atualizados. Cada escolha física é apenas uma das formas possíveis de expressão; as alternativas não escolhidas continuam a desenvolver-se em sistemas prováveis, habitadas por selves prováveis que são tão reais para si mesmos como o self atual é para ti. A Alma é o ato multidimensional que integra estas probabilidades, e o Tudo O Que É contém até os seus próprios deuses prováveis. A matéria, por sua vez, é apresentada como fase vibratória e percetiva, entrando e saindo de sistemas, tal como a consciência flutua entre focos de realidade. Assim, o capítulo estabiliza uma ideia central: tudo o que existe é

atualização de consciência em diferentes modos de foco, frequência, matéria, tempo e probabilidade.

CAPÍTULO 17

Probabilidades, a Natureza do Bem e do Mal, e o Simbolismo Religioso

O dogma cristão fala da ascensão de Cristo, implicando, naturalmente, uma subida vertical aos céus, e o desenvolvimento da Alma é muitas vezes discutido em termos de direção. Progredir supostamente significa subir, enquanto o horror do castigo religioso, o inferno, é visto como estando no fundo de todas as coisas.

O desenvolvimento é, portanto, considerado apenas numa direção linear, em termos cristãos. Raramente, por exemplo, é pensado em termos horizontais. A ideia de evolução, no seu significado popular, promulgou esta teoria, como se, através de uma progressão gradual numa direção linear, o homem tivesse emergido do macaco. Cristo poderia muito bem ter desaparecido de lado.

A realidade interior da mensagem foi apresentada em termos que o homem da época conseguia compreender, de acordo com os seus pressupostos de raiz. O desenvolvimento desdobra-se em todas as direções. A Alma não está a subir uma série de degraus, cada um representando um novo e mais elevado ponto de desenvolvimento.

Em vez disso, a Alma permanece no centro de si mesma, explorando e alargando as suas capacidades em todas as direções ao mesmo tempo, envolvida em questões de criatividade, cada uma delas altamente legítima. O sistema provável de realidade abre-te a natureza da Alma. Deveria alterar consideravelmente as ideias das religiões atuais. Por esta razão, a natureza do bem e do mal é um ponto extremamente importante.

Por um lado, de forma muito simples e de uma maneira que presentemente não consegues compreender, o mal não existe. Contudo, é óbvio que te confrontas com aquilo que parecem ser efeitos bastante malignos. Tem sido dito muitas vezes que, se há um deus, então tem de haver um diabo — ou que, se existe o bem, tem de existir o mal. Isto é como dizer que, porque uma maçã tem uma parte de cima, tem de ter uma parte de baixo — mas sem qualquer compreensão de que ambas são uma porção da maçã.

Regressemos aos nossos fundamentos: crias a realidade através das tuas emoções, dos teus pensamentos e das tuas ações mentais. Algumas destas são materializadas fisicamente; outras são atualizadas em sistemas prováveis.

Tens de compreender que cada ato mental é uma realidade pela qual és responsável. É para isso que estás neste sistema particular de realidade. Enquanto acreditares num diabo, por exemplo, criarás um que será suficientemente real para ti e para os outros que continuarem a criá-lo.

Por causa da energia que lhe é dada por outros, ele terá uma certa consciência própria; mas tal pseudodiabo não possui poder nem realidade para aqueles que não acreditam na sua existência e que não lhe dão energia através da sua crença. Por outras palavras, é uma alucinação superlativa. Como mencionei anteriormente, aqueles que acreditam num inferno e se destinam a ele através da própria crença podem, de facto, experienciar um, mas certamente não em termos eternos. Nenhuma Alma permanece ignorante para sempre.

Aqueles que têm tais crenças carecem, na verdade, de uma confiança profunda e necessária na natureza da consciência, da Alma e de Tudo O Que É. Não se concentram naquilo que consideram ser o poder do bem, mas, cheios de medo, concentram-se naquilo que consideram ser o poder do mal.

A alucinação é, portanto, criada a partir do medo e da restrição. A ideia do diabo é apenas a projeção coletiva de certos medos — coletiva por ser produzida por muitas pessoas, mas também limitada, porque sempre houve aqueles que rejeitaram esse princípio.

Algumas religiões muito antigas compreendiam a natureza alucinatória do conceito de diabo, mas, mesmo nos tempos egípcios, as ideias mais simples e mais distorcidas tornaram-se predominantes, particularmente entre as massas populares. De certo modo, os homens desses tempos não conseguiam compreender o conceito de um deus sem o conceito de um diabo.

As tempestades, por exemplo, são acontecimentos naturais altamente criativos, embora também possam causar destruição. O homem primitivo conseguia ver apenas a destruição. Alguns compreendiam intuitivamente que quaisquer efeitos são criativos, apesar das suas aparências, mas poucos conseguiam convencer os seus semelhantes.

O contraste entre luz e escuridão apresenta-nos o mesmo tipo de quadro. O bem era visto como luz, pois os homens sentiam-se mais seguros durante o dia. O mal foi, portanto, atribuído ao cair da noite. Contudo, dentro dessa acumulação de distorções, oculto sob o dogma, houve sempre um indício da criatividade básica de todos os efeitos.

Não há, portanto, diabos à espera de levar alguém consigo, a menos que tu próprio os cries; nesse caso, o poder reside em ti e não nos pseudodiabos. A Crucificação e o drama que a acompanhou faziam sentido dentro da vossa realidade naquela época. Surgiram no mundo da atualidade física a partir da realidade interior de onde também brotam as vossas intuições e percepções mais profundas.

A raça produziu, então, os acontecimentos que melhor transmitiriam, em termos físicos, esse conhecimento não físico mais profundo acerca da indestrutibilidade da Alma. Este drama particular não teria feito sentido noutros sistemas com pressupostos de raiz diferentes dos vossos.

Assim, o simbolismo da subida ou da descida, ou da luz e da escuridão, seria destituído de significado para outras realidades

com mecanismos percetivos diferentes. Embora as vossas religiões sejam construídas em torno de um núcleo duradouro de verdade, o simbolismo utilizado foi habilmente selecionado pelo self interior — isto é, pela psique enquanto campo organizador da experiência — de acordo com o seu conhecimento dos pressupostos de raiz que considerais válidos no universo físico.

Outras informações, nos sonhos, por exemplo, também vos serão dadas com o mesmo simbolismo, falando de modo geral. O próprio simbolismo, contudo, foi simplesmente usado pelo self interior, enquanto função psíquica de tradução da experiência. Não pertence intrinsecamente à realidade interior.

Muitos sistemas prováveis possuem mecanismos percetivos muito diferentes dos vossos. De facto, alguns baseiam-se em gestalts de consciência — configurações integradas de consciência — completamente alheias para vós. Sem te aperceberes disso, o teu Ego Exterior é, por exemplo, resultado de uma consciência de grupo; a consciência que mais diretamente enfrenta o mundo exterior depende da consciência diminuta que reside dentro de cada célula viva do teu corpo; e, regra geral, estás consciente de apenas um Ego Exterior — pelo menos de cada vez.

Em alguns sistemas, o “indivíduo” está bastante consciente de ter mais do que um Ego Exterior, nos vossos termos. Toda a organização psíquica é, de certo modo, mais rica do que a vossa. Um Cristo que não estivesse consciente disto não apareceria num sistema desse tipo. Há tipos de percepção com os quais não estais familiarizados, mundos nos quais a vossa ideia de luz não existe,

onde gradações quase infinitas de qualidades térmicas são absorvidas em termos de sensação, não de luz.

Em qualquer um desses mundos, o drama de Cristo nunca poderia aparecer tal como apareceu no vosso. O mesmo se aplica a cada uma das vossas grandes religiões, embora, como disse no passado, os budistas se aproximem mais, falando de modo geral, de uma descrição da natureza da realidade. Contudo, não compreenderam a validade eterna da Alma nos termos da sua requintada invulnerabilidade, nem conseguiram conservar um sentido do seu carácter único. Mas Buda, tal como Cristo, interpretou aquilo que quase sabia em termos da vossa própria realidade. Não apenas da vossa realidade física, mas da vossa realidade física provável.

Os métodos, os métodos secretos por detrás de todas as religiões, destinavam-se a conduzir o homem a um reino de compreensão que existia à parte dos símbolos e das histórias, a realizações interiores que o levariam tanto para dentro como para fora do mundo físico que conhecia. Há muitos manuscritos ainda por descobrir, vindos de antigos mosteiros, particularmente em Espanha, que falam de grupos subterrâneos dentro de ordens religiosas que mantiveram vivos estes segredos enquanto outros monges copiavam antigos manuscritos latinos.

Houve tribos que nunca aprenderam a escrever, em África e na Austrália, que também conheciam estes segredos, e homens chamados “Oradores” que os memorizavam e os espalhavam para

norte, mesmo por zonas setentrionais da Europa, antes do tempo de Cristo.

De improviso, o trabalho envolvido poderia levar cinco anos, pois havia várias versões e um grupo de líderes, cada um seguindo em direções diferentes, que ensinavam os seus povos. O mundo estava muito mais maduro para o Cristianismo do que as pessoas supõem, por causa destes grupos. As ideias já estavam “enterradas” por toda a Europa.

Muitos conceitos importantes se perderam, contudo. A ênfase estava em métodos práticos de viver — muito simplesmente — regras que podiam ser compreendidas, mas as razões por detrás delas foram esquecidas.

Os Druidas obtiveram alguns dos seus conceitos a partir dos Oradores. Os Egípcios também. Os Oradores antecederam o surgimento de quaisquer religiões que conheceis, e as religiões dos Oradores surgiram espontaneamente em muitas áreas dispersas, crescendo depois como fogo selvagem a partir do coração de África e da Austrália. Houve um grupo separado numa área onde os Astecas habitaram numa data posterior, embora a massa terrestre fosse então um pouco diferente, e algumas das habitações inferiores em cavernas estivessem, por vezes, debaixo de água.

Vários grupos dos Oradores continuaram através dos séculos. Por terem sido tão bem treinados, as mensagens conservaram a sua autenticidade. Acreditavam, contudo, que era errado fixar palavras em forma escrita, e por isso não as registaram. Também

usavam símbolos naturais da Terra, mas compreendiam claramente as razões para isso.

Os Oradores existiram individualmente no vosso período da Idade da Pedra, e eram líderes. As suas capacidades ajudaram os homens das cavernas a sobreviver. Contudo, nesses dias, havia pouca comunicação física entre os vários Oradores, e alguns desconheciam a existência dos outros.

A sua mensagem era tão “pura” e tão pouco distorcida quanto possível. Foi por essa razão, contudo, que, ao longo dos séculos, muitos dos que a ouviram a traduziram em parábolas e histórias. Agora, porções significativas das escrituras judaicas transportam vestígios da mensagem destes primeiros Oradores, mas, mesmo aqui, as distorções ocultaram as mensagens.¹

Uma vez que a consciência forma a matéria, e não o contrário, o pensamento existe antes do cérebro e depois dele. Uma criança consegue pensar coerentemente antes de aprender vocabulário — mas ainda não consegue produzir efeitos reconhecíveis no universo físico nos termos desse mesmo universo. Assim, este conhecimento interior esteve sempre disponível, mas deve tornar-se fisicamente manifesto — literalmente feito carne. Os Oradores foram os primeiros a imprimir este conhecimento interior no sistema físico, tornando-o fisicamente conhecido.

¹ É interessante notar aqui que uma obra atual de referência bíblica, ao tratar da história muito antiga de Israel, tem muito a dizer sobre as “tradições orais” que precederam — e assim ajudaram a moldar — a palavra escrita por muitos séculos. Durante este longo período oral ocorreram muitas distorções, omissões, etc., por várias razões. Trabalhos recentes mostraram que a reunião e escrita inicial das tradições data de cerca do século XII a.C. Isto, por sua vez, conduziu aos livros bíblicos.

Por vezes, apenas um ou dois Oradores estavam vivos ao longo de vários séculos. Outras vezes, havia muitos. Olhavam à sua volta e sabiam que o mundo brotava da sua realidade interior. Diziam-no aos outros. Sabiam que os objetos naturais aparentemente sólidos à sua volta eram compostos por muitas consciências diminutas.

Compreendiam que, a partir da sua própria criatividade, formavam a ideia em matéria, e que a substância da matéria era, ela própria, consciente e viva. Estavam, portanto, intimamente familiarizados com a sintonia natural existente entre eles e o seu ambiente, e sabiam que podiam alterar o ambiente através dos seus próprios atos.²

Falando de modo geral, uma vez Orador, sempre Orador, nos vossos termos. Em algumas encarnações, as capacidades podem ser usadas de forma tão poderosa que todos os outros aspetos da personalidade permanecem em segundo plano. Noutras ocasiões, as capacidades podem ser usadas timidamente. Os Oradores possuem uma extraordinária vividez de sentimento e de projeção do pensamento.

Conseguem impressionar os outros com maior significado através das suas comunicações. Conseguem mover-se da realidade interior para a exterior com facilidade. Sabem intuitivamente como usar o simbolismo. São altamente criativos a nível inconsciente, formando constantemente enquadramentos psíquicos fora do foco

² Numa troca posterior da sessão, Seth afirma que Ruburt/Jane, Rob/Joseph e o próprio Seth tinham sido Oradores em processos reencarnacionais. Acrescenta, contudo, que houve milhões de Oradores, retirando a essa afirmação qualquer sentido de excecionalidade pessoal e situando-a antes como parte de uma função psíquica ampla, distribuída ao longo da história humana.

da mente consciente, que podem ser usados tanto por eles próprios como por outros em estados de sonho e de transe. Muitas vezes aparecem a outros no estado de sonho e ajudam os sonhadores na manipulação da realidade interior. Formam imagens com as quais os sonhadores se podem relacionar, imagens que podem ser usadas como pontes e, depois, como portas de entrada para tipos de consciência mais afastados da vossa.

O simbolismo dos deuses, a ideia dos deuses no Olimpo, por exemplo, o ponto de travessia no rio Estige — esse tipo de fenómeno teve origem nos Oradores. Os simbolismos e enquadramentos da religião, portanto, tinham de existir não apenas no mundo físico, mas também no inconsciente. Fora do vosso próprio enquadramento, casas enquanto tais, ou habitações enquanto tais, não são necessárias; e, no entanto, em encontros de transe ou de sonho com outras realidades, tais estruturas são frequentemente vistas. São transformações de conteúdos em termos que serão significativos para vós.

Depois da morte, por exemplo, um indivíduo pode continuar a criá-las — grupos inteiros de indivíduos podem fazê-lo — até perceberem que esses enquadramentos já não são necessários. Os Oradores não estavam, portanto, confinados nas suas atividades à consciência de vigília. Em todos os períodos do vosso tempo, cumpriram os seus deveres tanto no estado de vigília como no estado de sono. De facto, muita da informação mais pertinente era memorizada por aprendizes durante o estado de sonho e transmitida da mesma maneira. Estes manuscritos não escritos eram, portanto, também ilustrados, por assim dizer, por viagens de

sonho ou excursões de campo a outros tipos de realidade. Tal treino continua ainda hoje.

O enquadramento psíquico ou narrativo particular pode variar. Por exemplo, imagens convencionais do Deus cristão e dos santos podem ser usadas pelos Oradores, com tudo isto altamente vívido. O sonhador pode então encontrar-se num harém magnífico ou, em vez disso, num campo ou céu brilhantemente iluminado. Alguns Oradores confinam as suas capacidades ao estado de sonho; e, quando acordados, estão em grande parte inconscientes das suas próprias capacidades ou experiências.

Não faz sentido chamar alucinações a tais sonhos ou lugares de sonho, pois são representações de realidades “objetivas” definidas, que ainda não conseguis percecionar na sua própria configuração. A religião egípcia baseou-se em grande medida no trabalho dos Oradores, e foi dedicado grande cuidado ao seu treino. Contudo, as manifestações exteriores dadas às massas populares tornaram-se tão distorcidas que a unidade original da religião acabou por se degradar.

Ainda assim, nessa altura estavam a ser feitos esforços para mapear a realidade interior de modos que não foram tentados desde então. É verdade que, no estado de sonho e em alguns outros níveis de existência próximos do vosso, há uma forte participação individual na criação de imagens e uma utilização magnífica do simbolismo; mas tudo isto ocorre, mais uma vez, num ambiente “objetivo” definido, um ambiente cujas características tornam possíveis tais fenómenos — um campo de atividade, portanto, com

as suas próprias regras. Os Oradores conhecem essas regras e servem muitas vezes como guias. Por vezes trabalharam dentro de organizações, como no Egito, onde atuaram através dos templos e se envolveram com as estruturas de poder. Regra geral, contudo, são muito mais solitários.

Devido à verdadeira natureza simultânea do tempo, falam, naturalmente, a todas as vossas épocas ao mesmo tempo através das suas várias manifestações. Ocasionalmente, servem também como mediadores, pondo em contacto, por exemplo, duas encarnações de uma mesma personalidade.

Assim, as regras dentro da realidade física dizem que os objetos parecem ser estacionários e permanentes. Contudo, as regras de outras realidades são muitas vezes bastante diferentes. A natureza das atividades mentais seguirá linhas diferentes, e a “continuidade” em termos de tempo não existirá. A organização percetiva existirá através do uso de agrupamentos psicológicos diferentes.

Do exterior, tais sistemas parecer-vos-iam destituídos de sentido, mesmo que fôsseis capazes de os perceber. Não seríeis capazes de observar os pontos de rotação em torno dos quais as ações ocorrem. As regras muito definidas desse sistema seriam então bastante obscuras para vós.

Os Oradores conhecem as regras dentro de muitos sistemas. Ainda assim, em termos mais amplos, a maioria desses sistemas está de algum modo ligada ao vosso próprio tipo de realidade. Há um número infinito de universos interiores. Apenas a consciênci-

gestalt mais elevada e mais desenvolvida pode estar consciente de algo semelhante à sua totalidade. Neste contexto mais amplo, portanto, os Oradores devem ser considerados locais. Existe algo semelhante a um mapa que cartografa muitos dos sistemas de realidade próximos, e espero algum dia, nos vossos termos, torná-lo disponível. Para o fazer, Ruburt terá de ser treinado de forma um pouco mais intensa. Há pontos de coincidência onde, sob certas condições, pode ser feita a entrada de um destes sistemas para outro. Naturalmente, não precisam de existir separadamente no espaço tal como o conheceis.

Estes são chamados pontos de coordenação, onde uma camuflagem se funde com outra. Alguns destes são geográficos no vosso sistema, mas, em todos os casos, uma sintonia da consciência é uma preparação necessária. Tais entradas só podem ser feitas numa condição fora do corpo. Cada indivíduo, nos seus sonhos, tem acesso à informação possuída pelos Oradores. Existem estados adjacentes de consciência que ocorrem dentro do padrão do sono e que não podem ser captados pelos vossos EEGs³ — “corredores” adjacentes através dos quais a tua consciência viaja.

Os centros superiores da intuição são ativados enquanto as porções da consciência orientadas fisicamente permanecem com o corpo. A porção “ausente” do self — isto é, a porção da consciência que se retira temporariamente do foco corporal — não pode ser rastreada através dos padrões cerebrais, embora o ponto da sua partida e o ponto do seu regresso possam mostrar um padrão

³ Um EEG, ou aparelho de eletroencefalografia, regista padrões de ondas cerebrais em papel gráfico.

particular. O próprio “tempo fora”, contudo, não será detetado de modo algum, mostrando os registos apenas qualquer padrão característico que estivesse a ser emitido imediatamente antes da partida.

Isto acontece todas as noites durante o sono. Estão envolvidas duas áreas de atividade, uma muito passiva e outra intensamente ativa. Num estado, esta porção da consciência é passiva, recebendo informação. No estágio seguinte, é ativa, ao participar através da ação — os conceitos que lhe são dados são então percecionados vividamente através da participação e de exemplos. Esta é a área mais protegida do sono. As características rejuvenescedoras entram aqui, e é durante este período que os Oradores atuam como professores e guias.

Esta informação é então muitas vezes interpretada, no regresso, por outras camadas do self — isto é, outras camadas funcionais da identidade —, como a consciência corporal e o subconsciente, onde é formada em sonhos que terão significado para essas áreas do self e onde o ensinamento geral, por exemplo, pode ser traduzido em conselhos práticos envolvendo uma questão particular.

Há vários estágios muito definidos do sono, e todos eles prestam diversos serviços à personalidade. São também sinais para diferentes camadas de consciência, realização e atividade. São acompanhados por algumas variações físicas, e há também variações relacionadas com a idade.

No nosso próximo capítulo falarei deles com algum detalhe. Por agora, basta compreender que passos específicos, alterações definidas, ocorrem quando a consciência se desloca da realidade exterior para a interior, e que estas mudanças não são aleatórias; que a consciência parte por uma rota muito previsível rumo aos seus muitos destinos. Ao longo das eras, os Oradores ensinaram os sonhadores a manipular estes outros ambientes. Ensinaram-nos a trazer de volta informação que poderia ser usada para benefício da personalidade presente. De acordo com a intenção, o propósito presente e o desenvolvimento, um indivíduo pode estar consciente destas viagens em graus variados. Alguns têm excelente memória, por exemplo, mas muitas vezes interpretam mal a sua experiência por causa das ideias conscientes.

É muito possível que um sonhador que seja Orador vá em auxílio de outro indivíduo que esteja a ter dificuldades numa realidade interior dentro do estado de sonho. A ideia de anjos da guarda está, naturalmente, muito ligada a isto. Um bom Orador é tão eficaz numa realidade como noutra, criando enquadramentos psíquicos na realidade física, bem como em ambientes interiores. Muitos artistas, poetas e músicos são Oradores, traduzindo um mundo em termos de outro, formando estruturas psíquicas que existem em ambos com grande vitalidade — estruturas que podem ser percecionadas a partir de mais do que uma realidade ao mesmo tempo.

Existem também vários estados de consciência na vida de vigília nos quais não vos focais, e dos quais geralmente não estais conscientes. Cada estado conhece as suas próprias condições e está familiarizado com um tipo diferente de realidade.

“Tu” possuis presentemente uma consciência centrada num só ponto, no sentido em que “tu” fechas à tua experiência estes outros estágios de consciência nos quais outras expressões da tua identidade inteira estão intimamente envolvidas. Estes outros estágios de consciência criam as suas próprias realidades tal como tu crias a tua. As realidades são, portanto, expressões da própria consciência. Se pudesses tornar-te consciente delas, poderiam parecer-te outros lugares, em vez de reinos ou campos de diferentes tipos de atividade. Se investigares estes reinos, serás forçado a percecioná-los com os pressupostos de raiz do teu próprio sistema, traduzindo sensações de calor e conforto, por exemplo, em imagens de abrigos ou edifícios quentes, ou sensações de medo em imagens de demónios.

Por vezes, mesmo na vida de vigília, uma personalidade pode mudar espontaneamente de “velocidade”, por assim dizer, e encontrar-se subitamente, durante um segundo ou talvez alguns momentos, dentro de outro desses reinos. Geralmente ocorre desorientação. Há aqueles que o fazem deliberadamente com treino, mas muitas vezes não percebem que estão a interpretar as experiências que têm segundo os valores da sua consciência “de origem”.

Tudo isto não é tão esotérico como poderia parecer. Quase todos os indivíduos tiveram experiências bizarras com a consciência e sabem intuitivamente que a sua experiência mais ampla não se limita à realidade física. A maioria dos sonhos é como postais animados trazidos de uma viagem da qual regressaste e que esqueceste em grande medida. A tua consciência já está novamente

orientada para a realidade física; o sonho é uma tentativa de traduzir a experiência mais profunda em formas reconhecíveis. As imagens dentro do sonho são também altamente codificadas e funcionam como sinais de acontecimentos subjacentes que, basicamente, não são decifráveis.

Os Oradores ajudam-vos na formação de sonhos que são, de facto, produções artísticas multidimensionais de certo tipo — sonhos que existem em mais do que uma realidade, com efeitos que atravessam vários estágios de consciência reais, nos vossos termos, tanto para os vivos como para os mortos, e nos quais vivos e mortos podem participar. É por esta razão que inspirações e revelações fazem tantas vezes parte do estado de sonho.

Desvinculado do foco físico, estás em melhor posição para ouvir os Oradores, traduzir as suas instruções, praticar a criação de imagens e ser orientado nos métodos de manutenção da saúde do corpo físico. Nas áreas mais protegidas do sono, as barreiras aparentes entre muitas camadas da realidade desaparecem. Estás consciente, por exemplo, de algumas realidades prováveis. Escolhes quais os atos prováveis que queres atualizar no teu sistema. Acompanhas outros atos prováveis até ao seu desenvolvimento completo no estado de sonho. Fazes isto individualmente, mas também o fazeis coletivamente, a nível nacional e global.

A consciência, em diferentes níveis ou estágios, perceciona diferentes tipos de acontecimentos. Para percecionares alguns deles, basta aprenderes a mudar o foco da tua atenção de um nível

para outro. Há alterações químicas e eletromagnéticas minúsculas que acompanham estes estágios de consciência, bem como certas mudanças físicas dentro do próprio corpo, na produção hormonal e na atividade da pineal.

Normalmente, deslizas da vigília para o sono sem alguma vez reparares nas várias condições de consciência pelas quais passas, mas há várias. Primeiro, naturalmente, com vários graus de espontaneidade, dá-se a viragem da consciência para dentro, afastando-se dos dados dos sentidos físicos, das preocupações e inquietações do dia. Depois há um nível indiferenciado entre a vigília e o sono, no qual atuas como recetor — passivo, mas aberto —, e em que mensagens telepáticas e clarividentes chegam até ti com bastante facilidade.

A tua consciência pode parecer flutuar. Há sensações físicas variadas, por vezes de crescer muito, por vezes de cair. Ambas as sensações são características de momentos em que quase te apanhas a ti próprio, quase te tornas consciente desta área indiferenciada, e depois traduzes algumas das suas experiências em termos físicos. A sensação de grandeza, por exemplo, é uma interpretação física da expansão psíquica. A sensação de queda é uma interpretação de um regresso súbito da consciência ao corpo.

Este período pode durar apenas alguns momentos, meia hora, ou pode ser retomado. É um estágio de consciência amortecedor, sustentador e expansivo. As sugestões dadas durante este tempo são altamente eficazes. Depois deste período, há um estado ativo, que pode ocorrer, de pseudossono, em que a mente se ocupa de

preocupações físicas que conseguiram manter-se através dos dois primeiros estágios.

Se estas forem demasiado vigorosas, o indivíduo pode acordar. Este é um estágio vívido, intenso, mas geralmente breve. Segue-se outra camada indiferenciada, desta vez marcada muito claramente por vozes, conversas ou imagens, à medida que a consciência se sintoniza mais firmemente com outras comunicações. Várias destas comunicações podem competir pela atenção do indivíduo. Neste ponto, o corpo está bastante tranquilo. O indivíduo seguirá um ou outro destes estímulos interiores até um nível mais profundo de consciência, e transformará em sonhos leves as comunicações que está a receber.

Algures durante este período, entrará numa área profundamente protegida do sono, onde se encontra no limiar de outras camadas de realidade e de probabilidades. Neste ponto, as suas experiências estarão fora de todo o contexto do tempo tal como o conheceis. Pode experienciar anos embora apenas alguns minutos tenham passado. Depois regressará em direção à realidade física numa área assinalada pelos vossos cientistas como sono REM⁴, onde serão criadas produções oníricas fisicamente orientadas, colocando em uso o conhecimento que adquiriu.

O ciclo repetir-se-á então. Contudo, tipos quase idênticos de flutuações e estágios ocorrem mesmo quando estás acordado, embora estejas ainda menos consciente deles, porque então o Ego

⁴ REM, de Rapid Eye Movement (“movimento rápido dos olhos”), designa a fase do sono associada a movimentos rápidos dos olhos e a intensa atividade onírica.

Exterior atua de forma bastante deliberada para encobrir estas outras áreas de experiência.

Os estágios precisos estão presentes fora do foco habitual da consciência de vigília, contudo, e com as mesmas flutuações químicas, eletromagnéticas e hormonais. Simplesmente não estás consciente daquilo que a tua consciência está a fazer. Não consegues acompanhá-la, por ti próprio, durante cinco minutos completos do teu tempo. As suas dimensões só podem ser sentidas por aqueles suficientemente determinados para dedicar o tempo e o esforço necessários à viagem através das suas próprias realidades subjetivas. Contudo, intuitivamente, cada indivíduo sabe que uma parte da sua experiência lhe escapa constantemente. Quando, de repente, não consegues lembrar-te de um nome que devias saber, tens, em essência, o mesmo tipo de sensação de que estás sempre subconscientemente consciente.

O propósito dos Oradores é ajudar-vos a correlacionar e compreender esta existência multidimensional, e trazer tanto quanto possível dela à vossa atenção consciente. Só aprendendo a sentir, pressentir ou perceber intuitivamente as profundezas da tua própria experiência podes vislumbrar a natureza de Tudo O Que É. Tornando-te mais consciente da tua consciência enquanto ela opera na vida física, podes aprender a observá-la enquanto se move através destas outras áreas menos familiares. As realidades prováveis são prováveis apenas para ti porque não estás consciente delas.

Estes estágios de consciência fazem todos parte da tua própria realidade. Conhecê-los pode ser extremamente útil. Podes aprender a “mudar de velocidade”, a afastar-te da tua própria experiência e a examiná-la com uma perspetiva muito melhor. Podes preparar perguntas ou problemas, sugerindo que sejam resolvidos para ti no estado de sono. Podes sugerir que falarás com amigos distantes, ou que transmitirás mensagens importantes que talvez não consigas transmitir verbalmente. Podes provocar reconciliações, por exemplo, noutra camada da realidade, embora não consigas fazê-lo nesta.

Podes orientar a cura do teu corpo, dizendo a ti próprio que isto será realizado por ti num dos outros níveis da consciência do sono, e podes pedir a ajuda de um Orador para te dar qualquer orientação psicológica necessária à manutenção da saúde. Se tiveres objetivos conscientes específicos e estiveres razoavelmente certo de que são benéficos, podes sugerir sonhos nos quais eles ocorram, pois os próprios sonhos acelerarão a sua realidade física.

Inconscientemente, já fazes muitas destas coisas. Muitas vezes regressas no tempo, por assim dizer, e “revives” um determinado acontecimento para que tenha um final diferente, ou dizes coisas que gostarias de ter dito. O conhecimento de um estado de consciência pode ajudar-te noutros estados. Num transe leve, o significado dos símbolos oníricos será dado se o pedires. Os símbolos podem então ser usados como métodos de sugestão adaptados pessoalmente a ti. Se descobrires, digamos, que uma fonte num sonho representa renovação, então, quando estiveres

cansado ou deprimido, pensa numa fonte. Noutra camada da realidade, naturalmente, estarás a criar uma.

Nas áreas mais protegidas do sono, lidas com um tipo de experiência que é puro sentimento ou saber, desligado tanto de palavras como de imagens. Como foi mencionado, estas experiências são mais tarde traduzidas em sonhos, exigindo um regresso a áreas de consciência mais familiarizadas com os dados dos sentidos físicos. Aqui ocorre uma grande síntese criativa e uma grande diversificação criativa, na qual qualquer imagem onírica dada tem significado para várias camadas do self — num nível, representando uma verdade que viveste e, noutros níveis, representando essa verdade tal como ela se aplica mais especificamente a várias áreas de experiência ou questões.

Haverá, portanto, uma metamorfose, em que um símbolo se transforma em muitos, e a mente consciente pode perceber apenas um caos de várias imagens oníricas, porque a organização e unidade interiores estão parcialmente ocultas nas outras áreas de consciência pelas quais a mente racional não consegue seguir.

As áreas inconsciente e subconsciente, contudo, estão conscientes de muito mais desta informação do que o Ego Exterior, pois este recebe, regra geral, apenas o resíduo diminuto do material onírico. Os Oradores podem, portanto, aparecer dentro dos sonhos como personagens históricas, como profetas, como velhos amigos de confiança, ou sob qualquer disfarce que impressione a personalidade particular.

Na experiência original, contudo, a verdadeira natureza do Orador é evidente. A produção dos sonhos é um empreendimento tão “sofisticado” como a produção da vida objetiva de um determinado indivíduo. É simplesmente viver noutros termos.

Estes vários estágios de consciência e flutuações de atividade psíquica também podem ser examinados através da experiência direta a partir do estado de vigília. No capítulo seguinte, faremos com que te tornes mais consciente destas expressões sempre ativas da tua própria realidade.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a religião do plano da crença literal para o plano da tradução simbólica da realidade interior. Seth mostra que os símbolos religiosos — subida, descida, luz, escuridão, céu, inferno, deuses, diabos, anjos, santos, Oradores — são formas de organizar experiências psíquicas profundas segundo os pressupostos de raiz de cada sistema de realidade.

A função central do capítulo é esta:

o bem e o mal, tal como concebidos pelas religiões humanas, são polarizações simbólicas geradas pela consciência dentro de sistemas específicos de percepção; os símbolos religiosos contêm núcleos de verdade, mas tornam-se distorcidos quando tomados literalmente e separados da criatividade da consciência que os produziu.

1. Desenvolvimento não é subida vertical

Seth começa por criticar o simbolismo cristão da ascensão.

ascensão → subida vertical → céu acima → progresso como elevação

O dogma cristão fala da ascensão de Cristo como subida aos céus, e o desenvolvimento da Alma é muitas vezes pensado em termos de direção.

progredir → subir

castigo → descer

inferno → fundo

Seth mostra que isto é uma tradução simbólica, não uma estrutura literal da realidade.

2. A crítica à progressão linear

O desenvolvimento é frequentemente concebido numa direção linear.

inferior → superior → mais elevado → salvação

A ideia popular de evolução reforçou essa imagem:

macaco → homem → progresso linear

Seth desmonta a unilateralidade desse modelo com humor: Cristo poderia muito bem ter desaparecido de lado.

A frase é provocatória porque abre o desenvolvimento em múltiplas direções, não apenas numa linha vertical.

3. Desenvolvimento em todas as direções

O desenvolvimento não se desdobra para cima, mas em todas as direções.

Alma → centro de si mesma → expansão em todas as direções → criatividade

A Alma não sobe uma escada de degraus espirituais. Permanece no centro de si mesma, explorando e alargando as suas capacidades em simultâneo.

desenvolvimento → expansão multidirecional

não → hierarquia vertical

sim → criatividade em múltiplas direções

Isto prepara a ligação com os sistemas prováveis: a Alma desenvolve-se por multiplicidade, não por ascensão linear.

4. O sistema provável revela a natureza da Alma

O sistema provável de realidade abre a natureza da Alma porque mostra que a Alma não se realiza apenas numa linha.

Alma → probabilidades → múltiplas atualizações → desenvolvimento simultâneo

As religiões atuais teriam de rever profundamente as suas ideias se integrassem a realidade provável.

A Alma não é uma entidade que progride numa estrada única. É uma estrutura criativa multidimensional que se expressa em vários sistemas.

5. O mal não existe como princípio absoluto

Seth afirma que, de uma forma que ainda não conseguimos compreender plenamente, o mal não existe.

Isto não significa negar os efeitos que parecem malignos.

efeitos destrutivos → experienciados como mal

mal absoluto → não existe como princípio autónomo

O que existe são efeitos, escolhas, crenças, projeções, medo, restrição e distorções da criatividade.

O mal, enquanto força ontológica separada, é uma construção interpretativa.

6. Bem e mal como partes da mesma maçã

Seth usa a imagem da maçã.

parte de cima da maçã → parte de baixo da maçã → ambas pertencem à maçã

Dizer que, se há bem, tem de haver mal como oposto absoluto é, para Seth, uma incompreensão da totalidade.

bem/mal → polarização humana

totalidade → integra contrastes sem os transformar em entidades opostas

O erro está em transformar uma polaridade funcional numa guerra ontológica.

7. A criação da realidade pelos atos mentais

Seth regressa ao fundamento:

emoções → pensamentos → ações mentais → criação da realidade

Neste contexto, “emoções” é a escolha operativa correta, porque Seth está a falar da energia formativa que deriva das crenças e estrutura a experiência.

crenças → emoções → pensamentos → ações mentais →
materialização física / atualização provável

Algumas ações mentais materializam-se fisicamente. Outras são atualizadas em sistemas prováveis.

8. Responsabilidade pelos atos mentais

Cada ato mental é uma realidade pela qual a personalidade é responsável.

ato mental → realidade → responsabilidade

Isto não deve ser lido como culpa moralista, mas como responsabilidade criativa.

A personalidade está neste sistema particular de realidade para aprender a reconhecer que o seu mundo emerge das suas próprias configurações interiores.

9. O diabo como criação coletiva

Enquanto acreditares num diabo, criarás um suficientemente real para ti e para outros que continuem a criá-lo.

crença no diabo → energia psíquica → forma coletiva → experiência real para quem acredita

O diabo não é uma entidade autónoma com poder independente. É uma projeção coletiva alimentada por crença, medo e restrição.

medo → projeção → pseudodiabo → experiência alucinatória coletiva

10. Pseudodiabo e alucinação superlativa

Seth chama ao diabo uma “alucinação superlativa”.

Isto não significa que seja “nada” para quem acredita nele.

alucinação → construção experiencial

superlativa → intensificada por energia coletiva

Para os que alimentam essa crença, a experiência pode ser real. Para os que não lhe dão energia, o pseudodiabo não possui poder nem realidade.

crença → dá energia

ausência de crença → ausência de poder

11. Inferno como experiência temporária criada pela crença

Quem acredita num inferno e se destina a ele através da própria crença pode experimentar um.

crença no inferno → autoatribuição → experiência infernal

Mas Seth recusa a eternidade dessa experiência.

inferno criado pela crença → experiência possível

inferno eterno → não

Nenhuma Alma permanece ignorante para sempre.

12. Falta de confiança na consciência

As crenças no diabo e no inferno revelam falta de confiança profunda na natureza da consciência, da Alma e de Tudo O Que É.

falta de confiança → medo → foco no poder do mal → projeção

Essas pessoas não se concentram verdadeiramente no poder do bem. Concentram-se, cheias de medo, no poder que atribuem ao mal.

O medo torna-se criador de imagens que depois parecem confirmar a crença inicial.

13. O diabo como projeção coletiva de medos

A ideia do diabo é a projeção coletiva de certos medos.

medos internos não integrados → projeção coletiva → figura do diabo

É coletiva porque muitos a produzem. Mas é limitada porque sempre houve pessoas que rejeitaram esse princípio.

projeção coletiva ≠ universalidade

força coletiva ≠ verdade absoluta

14. Religiões antigas e distorção popular

Algumas religiões muito antigas compreendiam a natureza alucinatória do conceito de diabo.

Contudo, em épocas posteriores, incluindo no Egito, ideias mais simples e distorcidas tornaram-se predominantes entre as massas populares.

conhecimento interior → símbolo → simplificação → dogma → distorção

O símbolo perdeu a sua função original e passou a ser tomado literalmente.

15. Tempestades como acontecimentos criativos

Seth usa a tempestade como exemplo.

tempestade → acontecimento natural criativo → pode causar destruição

O homem primitivo via apenas a destruição. Alguns compreendiam intuitivamente que todos os efeitos são criativos, apesar das aparências, mas poucos conseguiam convencer os outros.

destruição aparente → transformação de forma → criatividade natural

A realidade não deve ser julgada apenas pelo efeito imediato visível.

16. Luz e escuridão como polarização simbólica

O contraste luz/escuridão segue o mesmo padrão.

luz → segurança → bem

noite → medo → mal

Esta associação nasceu de condições percetivas humanas, não de uma verdade intrínseca da realidade.

A polaridade tornou-se moralizada:

luz/escuridão → segurança/ameaça → bem/mal

Dentro da acumulação de distorções, contudo, permaneceu oculto um indício da criatividade básica de todos os efeitos.

17. Não há diabos externos à espera de levar alguém

Não há diabos à espera de levar alguém, a menos que a própria personalidade os crie.

pseudodiabo criado → poder reside no criador → não na figura criada

A figura demoníaca é alimentada pela própria energia da consciência.

Este ponto desloca a responsabilidade:

poder externo maligno → ilusão

poder criativo da consciência → real

18. A Crucificação como drama psíquico-físico

A Crucificação fazia sentido dentro da realidade humana daquela época.

realidade interior → drama simbólico → atualidade física → transmissão de conhecimento

O drama surgiu da realidade interior de onde brotam as intuições e percepções profundas da humanidade.

A raça produziu os acontecimentos que melhor transmitiriam, em termos físicos, o conhecimento não físico da indestrutibilidade da Alma.

19. O drama religioso depende dos pressupostos de raiz

O drama de Cristo não teria feito sentido em sistemas com pressupostos de raiz diferentes.

pressupostos humanos → símbolos humanos → drama cristão

outros sistemas → outros mecanismos percetivos → outros símbolos

A religião é sempre uma tradução simbólica de realidades interiores segundo o sistema percetivo que a recebe.

20. Simbolismo não pertence intrinsecamente à realidade interior

Subida, descida, luz e escuridão seriam destituídas de significado para realidades com mecanismos percetivos diferentes.

realidade interior → sem simbolismo fixo

self interior / psique → escolhe símbolos adequados ao sistema físico

O simbolismo religioso foi selecionado pela psique enquanto campo organizador da experiência, de acordo com o seu conhecimento dos pressupostos de raiz humanos.

psique → tradução simbólica → religião

21. O simbolismo como ferramenta da psique

O simbolismo é usado pelo self interior, isto é, pela psique enquanto função organizadora e tradutora da experiência.

realidade interior → símbolo → sonho / mito / religião

O símbolo não pertence à realidade interior em si. É uma ferramenta de tradução para tornar a experiência compreensível à Personalidade de Foco.

símbolo → meio

não → essência

22. Gestalts de consciência alienígenas ao humano

Muitos sistemas prováveis possuem mecanismos perceptivos muito diferentes dos humanos.

Alguns baseiam-se em gestalts de consciência completamente alheias.

gestalts de consciência → configurações integradas de consciência → modos não humanos de percepção

Nesses sistemas, a organização psíquica pode ser mais rica e incluir múltiplos Egos Exteriores conscientes.

23. O Ego Exterior como resultado de consciência de grupo

O Ego Exterior humano, embora pareça individual, depende de consciências celulares.

consciência celular → consciência corporal → Ego Exterior

A consciência que enfrenta o mundo exterior é sustentada pela consciência diminuta de cada célula viva do corpo.

Ego Exterior → não isolado

Ego Exterior → resultado de cooperação consciente

24. Sistemas com mais do que um Ego Exterior

Em alguns sistemas, o indivíduo está consciente de ter mais do que um Ego Exterior.

indivíduo noutro sistema → múltiplos Egos Exteriores conscientes → organização psíquica mais rica

Nesses sistemas, um Cristo que ignorasse essa multiplicidade não teria significado.

Isto mostra que as figuras religiosas só fazem sentido quando correspondem à estrutura percetiva do sistema onde aparecem.

25. Mundos sem luz como princípio percetivo

Há mundos nos quais a ideia humana de luz não existe.

sem luz → perceção por qualidades térmicas → sensação

Nesses mundos, gradações quase infinitas de qualidades térmicas são absorvidas como sensação, não como luz.

Um drama religioso baseado em luz e escuridão seria aí incompreensível.

26. Buda, Cristo e a tradução incompleta da realidade

Seth afirma que os budistas se aproximam mais, em geral, de uma descrição da natureza da realidade.

Contudo, não compreenderam plenamente a validade eterna da Alma nos termos da sua invulnerabilidade e carácter único.

Buda → quase sabia → traduziu segundo a realidade humana

Cristo → quase sabia → traduziu segundo a realidade humana

Ambos interpretaram uma realidade mais ampla em termos da nossa realidade física e da nossa realidade física provável.

27. Métodos secretos das religiões

Por detrás das religiões havia métodos destinados a conduzir o homem para além dos símbolos e histórias.

religião exterior → símbolos / histórias

método secreto → realização interior → compreensão direta

Esses métodos procuravam levar o ser humano tanto para dentro como para fora do mundo físico conhecido.

dentro → realidade interior

fora → sistemas além do físico habitual

28. Manuscritos e grupos subterrâneos

Seth afirma que há manuscritos ainda por descobrir, especialmente em antigos mosteiros de Espanha, que falam de grupos subterrâneos dentro de ordens religiosas.

ordens religiosas → grupos subterrâneos → segredos preservados

Enquanto alguns monges copiavam manuscritos latinos, outros mantinham vivo um conhecimento mais profundo.

tradição exterior → cópia de textos

tradição interior → preservação de métodos

29. Os Oradores

Os Oradores eram homens que memorizavam e transmitiam estes segredos antes do tempo de Cristo.

Oradores → memória viva → transmissão oral → preservação de conhecimento interior

Houve tribos em África e na Austrália, sem escrita, que conheciam estes segredos.

Os Oradores espalharam-nos para norte, chegando a zonas setentrionais da Europa.

30. O mundo estava preparado para o Cristianismo

Segundo Seth, o mundo estava mais maduro para o Cristianismo do que se pensa por causa dos Oradores.

Oradores → ideias espalhadas → Europa preparada → Cristianismo encontra terreno simbólico

As ideias já estavam “enterradas” por toda a Europa.

Aqui “enterradas” deve ser mantido porque o termo sugere presença latente, subterrânea, ainda não plenamente manifesta.

31. Perda de conceitos e sobrevivência de regras

Muitos conceitos importantes perderam-se.

conhecimento original → métodos práticos de viver → regras preservadas → razões esquecidas

A ênfase passou a estar em regras compreensíveis, mas os fundamentos interiores dessas regras foram esquecidos.

prática sem compreensão → dogma

32. Druidas, Egípcios e Oradores

Druidas e Egípcios obtiveram alguns dos seus conceitos a partir dos Oradores.

Oradores → Druidas

Oradores → Egípcios

Oradores → religiões anteriores às religiões conhecidas

As religiões dos Oradores surgiram espontaneamente em áreas dispersas e cresceram rapidamente a partir de África e da Austrália.

33. Os Oradores antecederam as religiões conhecidas

Os Oradores antecederam o surgimento das religiões reconhecidas historicamente.

Oradores → símbolos naturais → transmissão oral → religiões posteriores

A sua função foi anterior à formalização institucional da religião.

Eles operaram como transmissores vivos de conhecimento interior antes da codificação dogmática.

34. Mensagens não escritas

Os Oradores acreditavam que era errado fixar palavras em forma escrita.

conhecimento vivo → transmissão oral → treino → memória → autenticidade

Por isso, não registaram as mensagens em escrita. Usavam símbolos naturais da Terra e compreendiam claramente as razões desse uso.

palavra escrita → risco de fixação

símbolo natural → linguagem viva / contextual

35. Oradores na Idade da Pedra

Os Oradores existiram individualmente no período da Idade da Pedra e eram líderes.

Orador → liderança → sobrevivência dos homens das cavernas

As suas capacidades ajudaram os homens das cavernas a sobreviver.

Havia pouca comunicação física entre diferentes Oradores, e alguns desconheciam a existência dos outros.

36. Pureza da mensagem e distorção posterior

A mensagem original era tão pura e pouco distorcida quanto possível.

Mas, ao longo dos séculos, muitos dos que a ouviram traduziram-na em parábolas e histórias.

mensagem interior → transmissão oral → parábola → história → escritura → distorção

Porções significativas das escrituras judaicas transportam vestígios da mensagem dos primeiros Oradores, mas distorções ocultaram o seu sentido.

37. A consciência forma a matéria

Seth reafirma um princípio central:

consciência → forma matéria

não → matéria forma consciência

O pensamento existe antes do cérebro e depois dele.

pensamento → antes do cérebro

pensamento → depois do cérebro

O cérebro é interface física, não origem absoluta do pensamento.

38. A criança pensa antes do vocabulário

Uma criança consegue pensar coerentemente antes de aprender vocabulário.

pensamento → anterior à linguagem verbal

Contudo, ainda não consegue produzir efeitos reconhecíveis no universo físico nos termos desse mesmo universo.

pensamento interior → ainda sem expressão física estável

Isto mostra que o conhecimento interior pode existir antes da sua manifestação física.

39. Conhecimento interior feito carne

O conhecimento interior esteve sempre disponível, mas deve tornar-se fisicamente manifesto.

conhecimento interior → manifestação física → feito carne

Os Oradores foram os primeiros a imprimir este conhecimento interior no sistema físico, tornando-o fisicamente conhecido.

interior → físico

conhecimento → símbolo / palavra / sonho / ação

40. O mundo brota da realidade interior

Os Oradores sabiam que o mundo brotava da sua realidade interior.

realidade interior → mundo exterior

Sabiam também que os objetos naturais aparentemente sólidos eram compostos por muitas consciências diminutas.

objeto sólido → muitas consciências diminutas → matéria viva

A matéria não é inerte. É consciente e viva.

41. Ideia em matéria

Os Oradores compreendiam que, através da própria criatividade, formavam a ideia em matéria.

criatividade → ideia → matéria

A substância da matéria era, ela própria, consciente e viva.

Esta visão liga diretamente o capítulo aos capítulos anteriores sobre atos mentais, matéria provável e atualização física.

42. Sintonia natural com o ambiente

Os Oradores estavam intimamente familiarizados com a sintonia natural entre eles e o ambiente.

consciência → ambiente

ambiente → consciência

Sabiam que podiam alterar o ambiente através dos seus próprios atos.

ato interior → alteração do ambiente

Isto não é magia externa, mas conhecimento operativo da relação entre consciência, matéria e campo experiencial.

43. Oradores e continuidade reencarnacional

Seth afirma que Ruburt/Jane, Rob/Joseph e o próprio Seth tinham sido Oradores em processos reencarnacionais.

Mas acrescenta que houve milhões de Oradores.

Orador → função psíquica ampla

não → singularidade especial

44. Uma vez Orador, sempre Orador

Falando de modo geral, uma vez Orador, sempre Orador, nos nossos termos.

Orador → capacidade persistente → uso variável por encarnação

Em algumas encarnações, as capacidades podem dominar todos os outros aspetos da personalidade. Noutras, podem ser usadas timidamente.

capacidade → pode estar ativa

capacidade → pode ficar latente

45. Vividez de sentimento e projeção do pensamento

Os Oradores possuem extraordinária vividez de sentimento e de projeção do pensamento.

sentimento → tonalidade interna comunicante

projeção do pensamento → transmissão psíquica

Aqui “sentimento” é adequado porque se trata de comunicação interna, tonalidade viva e capacidade de impressão psíquica, não de emoção criadora de realidade.

46. Oradores como criadores de enquadramentos psíquicos

Os Oradores formam enquadramentos psíquicos fora do foco da mente consciente.

Oradores → enquadramentos psíquicos → sonho / transe → pontes
→ portas de entrada

Esses enquadramentos podem ser usados por eles e por outros em estados de sonho e transe.

Muitas vezes aparecem a sonhadores e ajudam-nos a manipular a realidade interior.

47. Imagens como pontes e portas

Os Oradores formam imagens com as quais os sonhadores se podem relacionar.

imagem → ponte → porta de entrada → tipos de consciência mais afastados

A imagem não é apenas ilustração. É estrutura operativa de transição.

imagem simbólica → orientação da consciência

48. Origem de símbolos religiosos

O simbolismo dos deuses no Olimpo e do rio Estige teve origem nos Oradores.

Oradores → símbolos → enquadramentos religiosos → mitologias

Os enquadramentos religiosos tinham de existir não apenas no mundo físico, mas também no inconsciente.

religião física → templos / histórias / ritos

religião inconsciente → sonhos / símbolos / travessias

49. Estruturas pós-morte como transformações de dados

Fora do nosso enquadramento, casas e habitações não são necessárias.

Contudo, em encontros de sonho, transe ou pós-morte, tais estruturas podem aparecer.

conteúdos interiores → transformações simbólicas → casas / edifícios / abrigos

São transformações de conteúdos em termos significativos para a consciência humana.

Depois da morte, indivíduos ou grupos podem continuar a criá-las até perceberem que esses enquadramentos já não são necessários.

50. Manuscritos não escritos e viagens de sonho

Muita informação era memorizada por aprendizes durante o estado de sonho e transmitida da mesma maneira.

aprendiz → sonho → memorização → transmissão

Esses “manuscritos não escritos” eram ilustrados por viagens de sonho ou excursões de campo a outros tipos de realidade.

sonho → campo de treino → realidade interior → aprendizagem

Este treino continua.

51. Realidades de sonho não são alucinações

Não faz sentido chamar alucinações a sonhos ou lugares de sonho desse tipo.

lugar de sonho → representação de realidade objetiva definida

São representações de realidades que ainda não conseguimos perceber na sua própria configuração.

não percebido fisicamente → não significa irreal

52. Religião egípcia e mapeamento da realidade interior

A religião egípcia baseou-se em grande medida no trabalho dos Oradores.

Oradores → treino → religião egípcia → templos → estruturas de poder

Apesar das distorções exteriores, foram feitos esforços para mapear a realidade interior de modos que não foram tentados desde então.

realidade interior → mapeamento simbólico → ritos / templos / imagens

53. Ambiente objetivo do sonho

O estado de sonho e níveis próximos do nosso envolvem criação individual de imagens e uso magnífico do simbolismo.

Mas tudo ocorre num ambiente objetivo definido.

sonho → criação simbólica individual

ambiente interior → regras próprias → campo de atividade objetivo

Os Oradores conhecem essas regras e servem muitas vezes como guias.

54. Os Oradores como mediadores entre encarnações

Devido à verdadeira natureza simultânea do tempo, os Oradores falam a todas as épocas ao mesmo tempo através das suas manifestações.

tempo simultâneo → Oradores → todas as épocas

Ocasionalmente, servem como mediadores, pondo em contacto duas encarnações de uma mesma personalidade.

encarnação A → Orador → encarnação B

Isto liga reencarnação, sonho e simultaneidade.

55. Regras de outros sistemas de realidade

Na realidade física, os objetos parecem estacionários e permanentes.

realidade física → objetos estacionários / permanentes

Noutras realidades, as regras são diferentes.

outras realidades → continuidade temporal diferente → organização perceptiva diferente

A organização perceptiva pode operar através de agrupamentos psicológicos distintos.

56. Sistemas sem sentido a partir de fora

Do exterior, tais sistemas pareceriam destituídos de sentido.

observador externo → não vê pontos de rotação → não compreende regras

Não conseguiríamos observar os pontos de rotação em torno dos quais as ações ocorrem.

As regras seriam obscuras porque não partilhamos os pressupostos internos desses sistemas.

57. Oradores como conhecedores de muitos sistemas

Os Oradores conhecem as regras de muitos sistemas.

Contudo, em termos mais amplos, devem ser considerados locais.

universos interiores infinitos → Oradores conhecem sistemas próximos → função local

Apenas a consciência-gestalt mais elevada e desenvolvida pode estar consciente de algo semelhante à totalidade dos universos interiores.

58. Mapa dos sistemas próximos

Seth menciona algo semelhante a um mapa dos sistemas de realidade próximos.

sistemas próximos → pontos de contacto → mapa possível

Para o tornar disponível, Ruburt teria de ser treinado mais intensamente.

Isto reforça a ideia de que os sistemas de realidade têm relações estruturais e pontos de acesso.

59. Pontos de coordenação

Há pontos de coincidência onde a entrada de um sistema para outro pode ocorrer.

ponto de coincidência → ponto de coordenação → fusão de camuflagens

Nestes pontos, uma camuflagem funde-se com outra.

Alguns pontos são geográficos no nosso sistema, mas a entrada exige sempre sintonia da consciência.

sintonia da consciência → condição prévia

60. Entradas fora do corpo

As entradas entre sistemas só podem ser feitas numa condição fora do corpo.

fora do corpo → acesso → sistemas adjacentes

Cada indivíduo, nos sonhos, tem acesso à informação possuída pelos Oradores.

sonho → acesso → informação dos Oradores

Há estados adjacentes de consciência dentro do padrão do sono que os EEGs não captam.

61. Corredores adjacentes da consciência

Seth fala de “corredores” adjacentes através dos quais a consciência viaja.

sono → estados adjacentes → corredores → deslocação da consciência

A porção da consciência que se retira temporariamente do foco corporal não pode ser rastreada por padrões cerebrais.

partida → pode deixar padrão

regresso → pode deixar padrão

tempo fora → não detetado

62. Duas áreas de atividade no sono

Todas as noites, durante o sono, estão envolvidas duas áreas de atividade.

área passiva → receção de informação

área ativa → participação através da ação

Na primeira, a consciência recebe informação. Na segunda, participa ativamente, percecionando conceitos através de exemplos e experiência.

63. Área mais protegida do sono

Esta é a área mais protegida do sono.

sono protegido → rejuvenescimento → ensino → orientação

As características rejuvenescedoras entram aqui, e os Oradores atuam como professores e guias.

Oradores → professores → guias → sonho profundo

64. Tradução da informação ao regressar

Ao regressar, a informação é interpretada por outras camadas funcionais da identidade, como a consciência corporal e o subconsciente.

informação interior → consciência corporal / subconsciente → sonhos significativos

O ensinamento geral pode ser traduzido em conselhos práticos sobre uma questão particular.

ensinamento amplo → símbolo onírico → conselho prático

65. Estágios definidos do sono

Há vários estágios definidos do sono, cada um com funções próprias.

sono → estágios → serviços à personalidade

São sinais para diferentes camadas de consciência, realização e atividade.

alterações de consciência → variações físicas → idade → química / eletromagnetismo / hormonas

66. A rota previsível da consciência

Quando a consciência se desloca da realidade exterior para a interior, seguem-se passos específicos.

realidade exterior → alterações definidas → realidade interior

As mudanças não são aleatórias.

consciência → rota previsível → muitos destinos

Seth prepara aqui o próximo capítulo, que examinará diretamente estes estágios.

67. Oradores e manipulação de ambientes interiores

Ao longo das eras, os Oradores ensinaram sonhadores a manipular outros ambientes.

Oradores → ensino → sonho → manipulação de ambientes interiores

Também os ensinaram a trazer informação útil para a personalidade presente.

experiência interior → informação → benefício da personalidade física

68. Anjos da guarda como tradução dos Oradores

Um sonhador que seja Orador pode ajudar outro indivíduo com dificuldades numa realidade interior no estado de sonho.

Orador sonhador → ajuda outro sonhador → realidade interior

A ideia de anjos da guarda está ligada a esta função.

Orador → guia interior → anjo da guarda

Aqui, “anjo da guarda” funciona como tradução religiosa de uma função psíquica de auxílio.

69. Artistas, poetas e músicos como Oradores

Muitos artistas, poetas e músicos são Oradores.

artista / poeta / músico → traduz um mundo em termos de outro

Eles formam estruturas psíquicas que existem em mais do que uma realidade com grande vitalidade.

obra criativa → estrutura psíquica → percecionável em múltiplas realidades

A arte é, neste sentido, tradução inter-realidades.

70. Estados de consciência na vigília

Também existem estados de consciência na vida de vigília nos quais a personalidade não se foca.

vigília → estados de consciência ocultos → outras realidades

Cada estado conhece as suas próprias condições e está familiarizado com um tipo diferente de realidade.

estado de consciência → realidade correspondente

71. Consciência centrada num só ponto

A Personalidade de Foco possui, presentemente, uma consciência centrada num só ponto.

consciência centrada num só ponto → exclusão de outros estágios → foco físico

Outras expressões da identidade inteira estão intimamente envolvidas nesses outros estágios.

identidade inteira → múltiplas expressões → múltiplos estados de consciência

72. Realidades como expressões da consciência

Estes estágios de consciência criam as suas próprias realidades, tal como a Personalidade de Foco cria a sua.

estado de consciência → cria realidade

As realidades são expressões da própria consciência.

consciência → expressão → realidade

Isto estabiliza a ideia central:

realidade física → expressão da consciência

realidades interiores → expressões da consciência

realidades prováveis → expressões da consciência

73. Tradução segundo pressupostos de raiz

Se a personalidade entrar noutros reinos, tenderá a traduzi-los segundo os pressupostos de raiz do seu próprio sistema.

sensação de calor e conforto → abrigo / edifício quente

sensação de medo → demónio

A consciência converte experiências interiores em imagens reconhecíveis.

experiência interior → tradução simbólica → imagem física compreensível

74. Mudança espontânea de velocidade

Mesmo na vida de vigília, uma personalidade pode mudar espontaneamente de “velocidade”.

vigília → mudança de foco → outro reino → desorientação

Alguns fazem isto deliberadamente com treino, mas interpretam a experiência segundo os valores da consciência “de origem”.

experiência noutra realidade → interpretação pela consciência de origem → distorção possível

75. Sonhos como postais animados

A maioria dos sonhos é como postais animados trazidos de uma viagem parcialmente esquecida.

viagem interior → regresso → sonho → postal animado

A consciência já está reorientada para a realidade física, e o sonho tenta traduzir a experiência profunda em formas reconhecíveis.

experiência profunda → sonho → imagem codificada

76. Sonhos como produções artísticas multidimensionais

Os Oradores ajudam na formação de sonhos que são produções artísticas multidimensionais.

sonho → produção artística multidimensional → existe em mais do que uma realidade

Esses sonhos têm efeitos que atravessam vários estágios de consciência reais para vivos e mortos.

vivos + mortos → participação no mesmo campo onírico

É por isso que inspirações e revelações fazem parte do estado de sonho.

77. Sonho, saúde e criação de imagens

Desvinculada do foco físico, a personalidade está em melhor posição para ouvir os Oradores.

sono → menor foco físico → ouvir Oradores → traduzir instruções
→ criar imagens → manter saúde corporal

Nas áreas mais protegidas do sono, desaparecem barreiras aparentes entre camadas da realidade.

sono protegido → realidades prováveis → escolha de atos prováveis

A personalidade escolhe atos prováveis a atualizar no seu sistema e acompanha outros no estado de sonho.

78. Probabilidades individuais e coletivas no sonho

A escolha de atos prováveis no sonho ocorre individualmente e coletivamente.

indivíduo → escolhe atos prováveis

nação → escolhe atos prováveis

humanidade → escolhe atos prováveis

Isto amplia o sonho para além do campo privado: o estado de sonho participa na organização de probabilidades coletivas.

79. Mudança de foco entre níveis de consciência

A consciência, em diferentes níveis ou estágios, percebe diferentes tipos de acontecimentos.

mudar foco → mudar nível → perceber outro tipo de acontecimento

Há alterações químicas, eletromagnéticas, hormonais e pineais associadas a estes estágios.

consciência → corpo → alterações subtis

O físico acompanha a mudança de foco, mas não a origina de forma absoluta.

80. Entre vigília e sono: recetor passivo e aberto

Entre vigília e sono há um nível indiferenciado no qual a personalidade atua como recetor.

vigília → viragem para dentro → nível indiferenciado → recetor passivo e aberto

Neste nível, mensagens telepáticas e clarividentes chegam com facilidade.

menor foco físico → maior receção psíquica

81. Sensações de flutuação, grandeza e queda

A consciência pode parecer flutuar.

flutuação → consciência quase percebe a área indiferenciada

A sensação de crescer muito é interpretação física da expansão psíquica.

expansão psíquica → sensação física de grandeza

A sensação de queda é interpretação de um regresso súbito da consciência ao corpo.

regresso ao corpo → sensação de queda

82. Estágio amortecedor, sustentador e expansivo

Este período pode durar momentos, meia hora ou ser retomado.

estágio indiferenciado → amortecedor → sustentador → expansivo

As sugestões dadas neste período são altamente eficazes.

sugestão → estado recetivo → maior eficácia

83. Pseudossonho

Depois deste período pode ocorrer um estado ativo de pseudossonho.

preocupações físicas remanescentes → pseudossonho → possível despertar

A mente ocupa-se de preocupações físicas que atravessaram os primeiros estágios.

Se forem demasiado fortes, o indivíduo acorda.

84. Vozes, conversas e imagens

Segue-se outra camada indiferenciada, marcada por vozes, conversas ou imagens.

consciência → sintoniza comunicações → vozes / imagens / conversas

Várias comunicações podem competir pela atenção do indivíduo.

O indivíduo seguirá um estímulo interior até um nível mais profundo, formando sonhos leves a partir das comunicações recebidas.

85. Área profundamente protegida do sono

A personalidade entra então numa área profundamente protegida do sono.

sono protegido → limiar de outras camadas de realidade → probabilidades

A experiência fica fora do contexto do tempo habitual.

minutos físicos → anos experienciados

A consciência pode experienciar anos enquanto apenas minutos se passam fisicamente.

86. Sono REM e produções oníricas físicas

Depois, a personalidade regressa em direção à realidade física, numa área assinalada pelos cientistas como sono REM.

experiência interior → regresso → sono REM → produção onírica fisicamente orientada

O sono REM é a fase associada a movimentos rápidos dos olhos e intensa atividade onírica.

Neste estágio, o conhecimento adquirido é colocado em uso sob forma de sonhos orientados para a realidade física.

87. Flutuações também ocorrem na vigília

Tipos semelhantes de flutuações e estágios ocorrem quando a personalidade está acordada.

vigília → flutuações ocultas → estágios de consciência

A diferença é que o Ego Exterior encobre essas áreas de experiência de forma deliberada.

Ego Exterior → foco físico → encobrimento de outros estados

88. Estágios fora do foco habitual da vigília

Os estágios precisos estão presentes fora do foco habitual da consciência de vigília.

vigília → foco habitual → exclusão de estágios adjacentes

Não estamos conscientes daquilo que a consciência está a fazer.

Seth afirma que a personalidade não consegue acompanhar a própria consciência durante cinco minutos completos.

consciência → movimento constante → foco consciente limitado

89. Oradores e existência multidimensional

O propósito dos Oradores é ajudar a correlacionar e compreender a existência multidimensional.

Oradores → correlacionar → compreender → trazer à atenção consciente

Só aprendendo a sentir, pressentir ou perceber intuitivamente as profundezas da experiência é possível vislumbrar a natureza de Tudo O Que É.

sentimento → pressentimento → intuição → comunicação entre níveis

90. Realidades prováveis são prováveis apenas para ti

As realidades prováveis são prováveis apenas porque a Personalidade de Foco não está consciente delas.

realidade não consciente → chamada provável

realidade consciente para outro foco → efetiva

A probabilidade é relativa ao foco da consciência.

probabilidade → não ausência de realidade

probabilidade → ausência de percepção pelo foco atual

91. Utilidade prática dos estágios de consciência

Conhecer os estágios de consciência pode ser extremamente útil.

conhecer estágios → mudar de velocidade → afastar-se da experiência → ganhar perspectiva

A personalidade pode preparar perguntas e problemas para serem resolvidos no sono.

questão consciente → sono → resolução interior

Também pode sugerir conversas com amigos distantes ou transmitir mensagens importantes que não consegue transmitir verbalmente.

92. Reconciliações noutra camada da realidade

A personalidade pode provocar reconciliações noutra camada da realidade, mesmo quando isso não é possível fisicamente.

conflito físico → reconciliação interior → outra camada da realidade

Isto não substitui necessariamente a ação física, mas pode alterar a configuração psíquica da relação.

relação → alteração interior → efeito possível na experiência física

93. Cura do corpo e Oradores

A personalidade pode orientar a cura do corpo através dos níveis de consciência do sono.

intenção de cura → consciência do sono → corpo

Pode também pedir a ajuda de um Orador para orientação psicológica necessária à manutenção da saúde.

Orador → orientação → saúde → equilíbrio psíquico-corporal

94. Sonhos sugeridos e objetivos conscientes

Se houver objetivos conscientes benéficos, a personalidade pode sugerir sonhos nos quais eles ocorram.

objetivo benéfico → sonho sugerido → aceleração da realidade física

Os sonhos podem acelerar a atualização física de objetivos.

sonho → ensaio / organização / energização → acontecimento físico

95. Reescrever acontecimentos no sono

Inconscientemente, a personalidade já regressa muitas vezes no tempo e revive acontecimentos com finais diferentes.

acontecimento passado → sonho / estado interior → final diferente → reorganização

Isto liga diretamente este capítulo ao capítulo anterior sobre alteração do passado provável.

passado provável → reconfiguração interior → alteração do efeito

96. Símbolos oníricos como métodos de sugestão

Num transe leve, o significado dos símbolos oníricos pode ser dado se for pedido.

símbolo onírico → significado pessoal → método de sugestão

Se uma fonte representa renovação, pensar numa fonte pode ativar essa qualidade.

fonte → renovação → sugestão → criação noutra camada da realidade

O símbolo torna-se ferramenta personalizada de reorganização.

97. Experiência como puro sentimento ou saber

Nas áreas mais protegidas do sono, a experiência é puro sentimento ou saber, desligada de palavras e imagens.

sono protegido → puro sentimento / saber → sem palavras → sem imagens

Depois, essa experiência é traduzida em sonhos, exigindo regresso a áreas de consciência mais familiarizadas com os dados dos sentidos físicos.

sentimento/saber → tradução → imagem onírica

Aqui "sentimento" refere-se ao estado interno de apreensão direta e comunicação entre níveis, não a emoção reativa.

98. Síntese e diversificação criativa dos sonhos

Na produção dos sonhos ocorre uma grande síntese criativa e uma grande diversificação criativa.

experiência original → símbolo → múltiplos significados → várias camadas do self

Uma imagem onírica pode representar uma verdade vivida num nível e, noutros níveis, aplicar essa verdade a várias áreas da experiência.

símbolo único → metamorfose → muitos símbolos

A mente consciente pode ver caos, porque não acompanha a organização interior.

99. Inconsciente, subconsciente e Ego Exterior

As áreas inconsciente e subconsciente estão conscientes de muito mais informação do que o Ego Exterior.

inconsciente/subconsciente → maior informação

Ego Exterior → resíduo diminuto do material onírico

Isto confirma que o inconsciente não é ausência de consciência, mas conteúdo fora do foco habitual da Personalidade de Foco.

100. Oradores em sonhos

Os Oradores podem aparecer como personagens históricas, profetas, velhos amigos de confiança ou qualquer disfarce que impressione a personalidade.

Orador → figura adequada ao sonhador → transmissão

Na experiência original, contudo, a verdadeira natureza do Orador é evidente.

experiência original → reconhecimento do Orador

tradução onírica → disfarce simbólico

101. Produção dos sonhos como produção da vida objetiva

A produção dos sonhos é tão sofisticada como a produção da vida objetiva de um indivíduo.

vida objetiva → produção organizada

sonho → produção organizada

Sonhar não é atividade inferior. É viver noutros termos.

sonho → vida em outro regime de realidade

102. Fecho do capítulo

Os estágios de consciência e as flutuações de atividade psíquica podem ser examinados através da experiência direta a partir da vigília.

vigília → atenção direta → estudo dos estágios de consciência

O capítulo seguinte permitirá tornar mais conscientes estas expressões sempre ativas da própria realidade.

realidade pessoal → expressões ativas → consciência ampliada

Estrutura Operativa do Capítulo

desenvolvimento → não subida → expansão em todas as direções

Alma → centro de si mesma → criatividade multidirecional

bem/mal → polarização simbólica → distorção quando absolutizada

crença no diabo → projeção coletiva → pseudodiabo → alucinação superlativa

inferno → experiência criada pela crença → não eterna

luz/escuridão → segurança/medo → bem/mal → símbolo, não essência

Crucificação → drama psíquico-físico → transmissão da indestrutibilidade da Alma

realidade interior → psique → simbolismo religioso → sistema físico

Oradores → transmissão oral → sonhos → símbolos → religiões

consciência → matéria → pensamento antes/depois do cérebro

ideia → criatividade → matéria

Oradores → enquadramentos psíquicos → pontes → portas de consciência

sonho → realidade objetiva interior → regras próprias

pontos de coordenação → fusão de camuflagens → entrada entre sistemas

sono → áreas protegidas → Oradores como professores e guias

vigília → estados ocultos de consciência → realidades correspondentes

sonhos → postais animados → traduções codificadas de viagens interiores

sono protegido → puro sentimento/saber → sonho → símbolo → aplicação prática

Ego Exterior → resíduo do sonho

inconsciente/subconsciente → maior consciência da informação

produção dos sonhos → viver noutros termos

Núcleo Operativo

O Capítulo 17 mostra que as religiões humanas são sistemas simbólicos construídos a partir de núcleos reais de experiência interior. Esses símbolos foram escolhidos pela psique porque correspondiam aos pressupostos de raiz da humanidade: subida e descida, luz e escuridão, céu e inferno, bem e mal. O problema começa quando esses símbolos deixam de ser compreendidos como traduções e passam a ser tratados como realidades literais e absolutas.

Seth desmonta a noção de mal como princípio autónomo. O que se chama “mal” resulta de medo, restrição, projeção, distorção e má compreensão da criatividade da consciência. O diabo é apresentado como uma projeção coletiva, suficientemente real para aqueles que o alimentam, mas sem poder sobre quem não lhe dá energia. O inferno pode ser experienciado por quem o cria através da crença, mas não possui validade eterna. Nenhuma Alma permanece ignorante para sempre.

O capítulo introduz os Oradores como transmissores antigos de conhecimento interior. Eles preservaram e transmitiram métodos de compreensão antes das religiões formalizadas, usando símbolos, sonhos, transe, memória oral e estruturas psíquicas. A sua função é traduzir realidades interiores em formas acessíveis à consciência

humana, guiando sonhadores, criando pontes entre sistemas e ajudando a humanidade a relacionar-se com dimensões da realidade que não cabem na percepção física comum.

A partir daí, Seth aprofunda o sono e os sonhos como campos objetivos de atividade. Os sonhos não são simples produções subjetivas ou alucinações, mas traduções codificadas de experiências reais em outros níveis de consciência. Nas áreas mais protegidas do sono, a personalidade lida com puro sentimento ou saber, depois traduzido em imagens oníricas. Os Oradores atuam aí como professores e guias, ajudando a trazer conhecimento, cura, orientação e compreensão para a Personalidade de Foco.

Por fim, o capítulo mostra que os estados de consciência não existem apenas durante o sono. Também na vigília há flutuações, deslocamentos de foco e estados adjacentes que a Personalidade de Foco normalmente ignora. A realidade física é apenas uma das expressões da consciência. Outras realidades são prováveis apenas porque a consciência atual não está focada nelas.

Formulação final

O Capítulo 17 mostra que o bem e o mal, o céu e o inferno, a luz e a escuridão, os deuses e os diabos são formas simbólicas através das quais a consciência humana traduziu realidades interiores segundo os seus próprios pressupostos de raiz. O mal não existe como princípio autónomo; existe como distorção,

projeção e medo criador de imagens. Os Oradores surgem como transmissores antigos de conhecimento interior, capazes de formar pontes simbólicas entre sistemas de realidade, sonhos, religiões e estados de consciência. O sono é apresentado como campo objetivo e multidimensional de aprendizagem, onde a personalidade contacta realidades prováveis, reorganiza acontecimentos, recebe orientação e traduz puro sentimento ou saber em imagens oníricas. Assim, o capítulo estabiliza uma ideia essencial: a religião, o sonho e a experiência interior são modos de tradução da consciência, não simples fantasias nem verdades literais fechadas.

CAPÍTULO 18

Vários Estágios de Consciência, Simbolismo e Foco Múltiplo

Dentro da tua própria personalidade, todas as facetas da tua consciência convergem, quer estejas consciente disso quer não.

A consciência pode voltar-se em muitas direções, obviamente, tanto para dentro como para fora. Estás consciente das flutuações da tua consciência normal de vigília, e uma atenção mais próxima tornaria algumas delas bastante claras. Expandes ou estreitas constantemente o alcance da tua atenção. Podes focar-te num objeto quase com exclusão de tudo o resto, por vezes, de tal modo que, literalmente, não estás consciente da divisão da casa onde estás sentado.

Podes estar “consciente” e a reagir a um acontecimento recordado com tanta intensidade que ficas relativamente inconsciente dos acontecimentos presentes. Tomas todas estas flutuações como garantidas. Elas não te perturbam. Se estás absorvido num livro e momentaneamente inconsciente do teu ambiente imediato, não receias que ele desapareça quando quiseses voltar a tua atenção para ele. Nem, num devaneio, costumavas preocupar-te em regressar em segurança ao momento presente.

Até certo ponto, todos estes são pequenos exemplos da mobilidade da tua consciência e da facilidade com que ela pode ser usada. De uma forma estranha, os símbolos podem ser considerados amostras da maneira como percecionas em vários níveis de consciência. As suas aparências mutáveis podem ser usadas como sinais orientadores. O fogo, por exemplo, é um símbolo tornado físico; por isso, um fogo real diz-te, obviamente, que estás a percecionar a realidade com a tua consciência sintonizada fisicamente.

Uma imagem mental de fogo diz-te automaticamente que está envolvido outro tipo de consciência. Um fogo visto mentalmente, que tem calor, mas não queima destrutivamente, significa obviamente outra coisa. Todos os símbolos são uma tentativa de expressar sentimentos — sentimentos que nunca podem ser expressos adequadamente através da linguagem. Os símbolos representam as variações infinitas dos sentimentos e, em vários estágios de consciência, estes aparecerão em termos diferentes, mas acompanhar-te-ão sempre.

Há várias exceções, contudo, nas quais está envolvido puro saber ou puro sentimento, sem necessidade de símbolos. Estes estágios de consciência são pouco frequentes e raramente traduzidos em termos conscientes normais.

Tomemos um sentimento particular e sigamo-lo à medida que poderá ser expresso em vários níveis de consciência. Começemos por um sentimento de alegria. Na consciência normal de vigília, o ambiente imediato será percecionado de uma maneira muito

diferente daquela que seria, digamos, se o indivíduo estivesse num estado de depressão. O sentimento de alegria altera os próprios objetos, na medida em que aquele que percebe os vê sob uma luz muito mais brilhante. Cria os objetos de forma muito mais vívida e com maior clareza. Num movimento de retroalimentação, o ambiente parece então reforçar a sua alegria.

Aquilo que vê, contudo, continua a ser físico: os objetos do mundo material. Imaginemos agora que começa a devanear e cai num estado de devaneio profundo. À sua mente interior chegam imagens ou símbolos de objetos materiais, pessoas ou acontecimentos, talvez do passado, bem como imaginações do presente e do futuro; a alegria está agora a ser expressa mentalmente com maior liberdade, mas ainda através de símbolos.

A alegria estende-se, por assim dizer, para o futuro, lança também a sua luz sobre o passado, e pode cobrir áreas de expansão maiores do que poderiam ser mostradas, naquele momento, em termos físicos. Imagina agora que o nosso indivíduo, a partir desse devaneio, cai ou num estado de transe ou num sono profundo. Poderá ver imagens que, para ele, são altamente simbólicas de alegria ou exuberância. Logicamente, poderá haver pouca ligação entre elas, mas intuitivamente as ligações são claras.

Entra agora nas suas experiências mentais de forma muito mais profunda do que no estado de devaneio, e pode ter uma série de episódios de sonho nos quais é capaz de expressar a sua alegria e partilhá-la com outros.

Contudo, continua ainda a lidar com símbolos orientados fisicamente. Uma vez que estamos a usar esta discussão como exemplo, iremos segui-la ainda mais longe. Ele poderá formar imagens de cidades de sonho ou de pessoas de natureza muito alegre, traduzindo a própria emoção nos símbolos que lhe forem pertinentes. Uma exuberância pode ser traduzida em imagens de animais a brincar, pessoas a voar, ou animais ou paisagens de grande beleza. Mais uma vez, faltarão as ligações lógicas, mas todo o episódio estará ligado por essa emoção.

Durante todo este tempo, o corpo físico beneficia grandemente, porque os sentimentos benéficos renovam e reabastecem automaticamente as suas capacidades recuperativas. Os sentimentos de alegria podem agora conduzir a imagens de Cristo, de Buda ou dos profetas. Estes símbolos são os cenários mutáveis característicos da consciência em vários estágios. As experiências devem ser consideradas como criações: atos criativos, todos eles nativos da consciência em vários estágios.

Para além disto, há estados nos quais os próprios símbolos começam a desvanecer-se, tornando-se indistintos, distantes. Aqui comesas a aproximar-te de regiões da consciência nas quais os símbolos se tornam cada vez menos necessários, e é, de facto, uma área em grande medida despovoada. As representações piscam, acendem-se e apagam-se, e acabam por desaparecer. A consciência torna-se cada vez menos orientada fisicamente. Neste estágio de consciência, a Alma encontra-se sozinha com os seus próprios sentimentos, despida de simbolismo e de representações, e começa a perceber a realidade gigantesca do seu próprio saber.

Ela sente a experiência direta. Se usarmos a alegria como exemplo, todos os símbolos e imagens mentais dela acabariam por desaparecer. Tinham emergido dela e afastar-se-iam dela, não sendo a experiência original, mas subprodutos. A Alma começaria então a explorar a realidade dessa alegria em termos que dificilmente podem ser explicados e, ao fazê-lo, aprenderia métodos de percepção, expressão e atualização que antes lhe teriam sido completamente incompreensíveis.

Assim, os objetos físicos são os mais óbvios dos vossos símbolos e, precisamente por essa razão, não percebeis de todo que são símbolos.

Em diferentes níveis, a consciência trabalha com diferentes tipos de símbolos. Os símbolos são um método de expressar a realidade interior. Trabalhando numa direção, a Alma, usando a sua consciência, expressa a realidade interior através do maior número possível de símbolos, através de um simbolismo vivo e mutável. Cada símbolo em si mesmo é, então, até certo ponto, consciente, individual e ciente.

Ao fazê-lo, a Alma cria continuamente novas variedades de realidade interior a explorar. Trabalhando na direção oposta, por assim dizer, a Alma despe-se de todos os símbolos, de todas as representações e, usando a sua consciência de uma maneira diferente, aprende a sondar mais diretamente a sua própria experiência. Sem símbolos a interporem-se entre ela e a experiência, aperfeiçoa-se numa espécie de realização de valor que presentemente não consegue compreender senão simbolicamente.

Estes esforços prosseguem quer estejas acordado quer estejas a dormir. Uma vez consciente destas atividades, contudo, é possível apanhares-te em vários estágios de consciência e, por vezes, até seguires o teu próprio progresso, particularmente através dos estados de sonho. O teu corpo é, neste ponto, o teu símbolo mais íntimo e, mais uma vez, o mais óbvio.

Usarás a ideia de um corpo na maioria dos estágios de consciência. Quando deixas o teu corpo físico em qualquer tipo de experiência fora do corpo, na verdade deixa-lo noutra que é apenas ligeiramente menos físico. Este, por sua vez, é “mais tarde” descartado por outro ainda menos físico; mas a ideia da forma é um símbolo tão importante que a transportais através de toda a vossa literatura religiosa e das histórias sobre o além.

A certa altura, desaparecerá juntamente com os outros símbolos. Houve um tempo, falando nos vossos termos, antes da formação dos símbolos, um tempo tão separado da vossa ideia de realidade que apenas nas áreas mais protegidas do sono alguma memória dele regressa alguma vez. Parece-te que, sem símbolos, haveria não-ser, mas esta é uma dedução bastante natural, uma vez que sois tão orientados para símbolos.

Os estágios de consciência que ocorrem depois da morte continuam todos a lidar com símbolos, embora haja muito maior liberdade no seu uso e maior compreensão do seu significado. Mas, nos estágios superiores da consciência, os símbolos deixam de ser necessários, e a criatividade ocorre completamente sem o seu uso.

Obviamente, não podes tornar-te consciente desse estágio de consciência agora, mas podes acompanhar a forma como os símbolos aparecem para ti tanto na vida de vigília como no estado de sonho, e aprender a ligá-los aos sentimentos que representam. Aprenderás que certos símbolos te aparecerão pessoalmente em vários estágios de consciência, e estes podem servir como pontos de reconhecimento nas tuas próprias explorações. Quando Ruburt está prestes a deixar o corpo a partir do estado de sonho, por exemplo, encontra-se muitas vezes numa casa ou apartamento estranho que oferece oportunidades de exploração.

As casas ou apartamentos serão sempre diferentes, e, no entanto, o símbolo é sempre um sinal orientador de que ele alcançou um determinado ponto de consciência e está pronto para entrar noutro estado de consciência. Cada um de vós terá certos símbolos que servem o mesmo tipo de propósito, altamente individuais para cada um. Contudo, a menos que faças um esforço de autoexploração, estes marcos simbólicos não terão sentido consciente.

Alguns símbolos deste tipo acompanham-te durante toda a vida. Alguns, em períodos de grande mudança, podem também alterar o seu caráter, trazendo consigo certo sentimento de desorientação à medida que estes símbolos inconscientemente familiares passam por transformação. O mesmo tipo de coisa aplica-se à tua vida física. Um cão pode ser, para ti, símbolo de alegria natural, por exemplo, ou de liberdade. Depois de veres um acidente em que um cão morre, os cães podem passar a significar algo completamente diferente para ti.

Isto é, naturalmente, óbvio, mas o mesmo tipo de alteração simbólica pode ocorrer dentro dos sonhos. O acidente do cão pode, aliás, ser uma experiência de sonho que depois altera, no estado de vigília, o teu sentimento simbólico consciente em relação aos cães. Uma pessoa pode simbolizar o medo como um demónio, como um animal hostil ou até como algum objeto perfeitamente simples e normalmente inofensivo; mas, se souberes o que os teus próprios símbolos significam, podes usar esse conhecimento não apenas para interpretar os teus sonhos, mas também como sinais orientadores do estado de consciência em que normalmente ocorrem.

Estes símbolos mudarão, portanto, em vários estágios de consciência. Mais uma vez, a sequência lógica não está presente, mas a criação intuitiva alterará os símbolos de modo muito semelhante à forma como um artista poderia alterar as suas cores.

Todos os símbolos representam, portanto, realidades interiores, e, quando manipulas símbolos, manipulas realidades interiores. Qualquer movimento exterior que faças é feito dentro do ambiente interior, dentro de todos os ambientes interiores em que estás envolvido.

Os símbolos são partículas psíquicas altamente carregadas, e isto inclui os objetos físicos que possuem fortes características de

atração e expansão, que representam realizações interiores e realidades que não foram percebidas através do saber direto.¹

Os próprios símbolos, então, em vários estágios de consciência, aparecerão de modo diferente: alguns procurando ter estabilidade e permanência, como os vossos objetos físicos, seguindo os princípios ou pressupostos de raiz da realidade corpórea; e outros mudando muito mais rapidamente, como no estado de sonho, sendo estes indicadores mais imediatos e sensíveis do sentimento. Vários estados de consciência parecem ter os seus próprios ambientes nos quais estes símbolos aparecem, mais uma vez, tal como os objetos aparecem num ambiente físico.

Objetos mentais aparentemente instáveis aparecem no ambiente de sonho em certos níveis. Em ambos os casos, portanto, os símbolos seguem regras. Como já foi mencionado, mais uma vez, o universo dos sonhos é tão “objetivo” como o corpóreo. Os objetos e símbolos que nele existem são representações tão fiéis da vida de sonho como os objetos físicos o são da vida de vigília.

A natureza do símbolo, portanto, pode servir como indicação não apenas do teu ambiente, mas também do teu estado de consciência dentro dele. No sonho normal, dentro do contexto de um drama onírico comum, os objetos parecem-te suficientemente permanentes. Toma-os como garantidos. Ainda estás orientado

¹ Por saber direto, refiro-me aqui à cognição e compreensão instantâneas, sem simbolização.

fisicamente. Projetas sobre as imagens de sonho o simbolismo das tuas horas de vigília.

Em outros estados da consciência de sonho, contudo, casas podem desaparecer subitamente. Um edifício moderno pode substituir de repente uma cabana. Uma criança pode transformar-se numa tulipa. Agora, os símbolos estão obviamente a comportar-se de outra maneira. Neste ambiente, a permanência não é um pressuposto de raiz. A sequência lógica não se aplica.

Símbolos que se comportam desta maneira podem servir-te de pistas de que estás agora noutra estágio de consciência e dentro de um ambiente interior inteiramente diferente. A expressão dos sentimentos e das experiências não está limitada à estrutura rígida de objetos fixos em momentos consecutivos. Os sentimentos são automaticamente transformados e expressos de uma maneira nova, móvel e imediata. De certo modo, o ritmo da consciência é mais rápido.

A atualização não precisa de esperar horas ou dias. A experiência está livre de um contexto temporal. Neste domínio da consciência, um livro inteiro pode ser escrito, ou os planos de vida de alguém podem ser minuciosamente examinados. O teu tempo presente é uma de muitas dimensões que ajudam a formar este estágio particular de consciência. Portanto, o teu passado, presente e futuro existem dentro dele, mas apenas como porções desse ambiente interior. Tens de aprender a orientar-te, pois os estados de consciência e os seus ambientes estendem-se à sua maneira, tal como o vosso mundo se estende, digamos, no espaço. Contudo,

não é difícil estares consciente de ti próprio neste estágio, dando a ti mesmo sugestões adequadas antes de dormir.

Até certo ponto, esta transmutação do símbolo também pode ser observada em vários estágios da consciência de vigília. Quando estás em repouso, acordado, mas de olhos fechados, imagens e figuras aparecerão muitas vezes ao teu olhar interior. Algumas serão materializações semelhantes às físicas, imagens de árvores, casas ou pessoas. Outras serão simplesmente formas que mudam rapidamente e parecem fluir umas para as outras. Regra geral, mesmo as imagens reconhecíveis serão rapidamente substituídas por outras, num caleidoscópio de formas em constante mudança.

Pode parecer-te que não há lógica nestas imagens interiores, e certamente nenhuma ligação entre elas e aquilo em que estavas a pensar um momento antes, ou até uma hora antes. Até certo ponto, parecem desligadas de ti e não criadas por ti. Muitas vezes, contudo, representam as características reveladas pela consciência quando está de algum modo voltada para longe dos estímulos físicos. A forma dos símbolos muda à medida que os estados de consciência mudam.

As imagens que vês nestas circunstâncias representam os pensamentos e sentimentos experienciados pouco antes de fechares os olhos, ou aqueles que predominavam na tua mente algum tempo antes. No momento em que fechas os olhos, os pensamentos e sentimentos expressam-se através deste simbolismo. Como as imagens podem parecer não ter qualquer ligação lógica direta a esses pensamentos e sentimentos, não as

reconheces como tuas, nem consegues relacioná-las com aquilo que representam.

Estou a expor isto aqui de forma bastante simples. Imaginativamente, tens maior liberdade para expressar sentimentos do que tens em termos práticos. Um medo específico sentido mais cedo durante o dia, envolvendo, digamos, a perda de um emprego, pode então ser traduzido, quando fechas os olhos, numa série de símbolos aparentemente desligados, todos eles, contudo, ligados a esse único medo.

Poderás ver, numa rápida sequência de imagens, um buraco profundo no chão. Este poderá ser substituído por um garoto de rua, obviamente pobre e vindo de outro século. Poderá aparecer um caixão, ou uma carteira preta a voar pelo ar. Poderás ver uma paisagem severa, escura e invernal. A imagem de uma personagem de um livro antigo, há muito esquecido, poderá aparecer e desaparecer. Pelo meio, poderá surgir um agrupamento de símbolos opostos, representando a tua esperança — uma flor primaveril, uma mesa carregada de comida, um fato novo, qualquer sinal de abundância que tenha significado para ti. Em lado nenhum entraria o pensamento da possível perda de emprego. Parecer-te-ia que o tinhas esquecido.

Contudo, através do uso dos símbolos, os teus sentimentos receberiam plena liberdade de expressão, cada imagem erguendo-se e desaparecendo em fluxo com sentimentos tão abaixo da consciência — verdadeiras poças de emoção — que não estavas consciente deles. Contudo, eles produziriam automaticamente estas

imagens. Com reflexão, poderias ligá-las à sua origem, mas, normalmente, passariam despercebidas.

Se te deixasses ficar imóvel por mais tempo, de olhos fechados, o simbolismo continuaria a mudar de caráter, talvez perdendo algumas das suas características visuais e tornando-se mais intenso noutras direções. Poderias pensar que sentes um odor particular, por exemplo, desagradável para ti, seguindo a situação dada. Poderias, em vez disso, traduzir o medo numa sensação física assustadora e sentir subitamente que estás a cair, ou que algo desagradável te tocou.

Qualquer uma destas características mutáveis dos símbolos deve alertar-te para o estado alterado da tua consciência. Se, nesse ponto, te deixasses deslizar para o sono, muito provavelmente fabricarias dois ou três sonhos que simbolizariam o medo, sonhos nos quais considerarias e experimentarias possíveis soluções dentro do contexto onírico. Naturalmente, a situação do emprego poderia nunca aparecer como tal em nenhum dos sonhos.

Ainda assim, para o inconsciente, o problema foi colocado e entregue. Nas áreas profundas e protegidas do sono que se seguem, os centros superiores do self interior — isto é, da psique enquanto campo organizador da experiência — podem funcionar e vir em auxílio da porção da personalidade orientada para a realidade tridimensional. Este self mais liberto vê a situação com muito mais clareza, sugere uma determinada linha de ação — mas não a ordena — e informa o self sonhador. O self sonhador fabrica então um

grupo de sonhos nos quais a solução é apresentada dentro de uma situação onírica simbólica.

A interpretação final e mais específica é feita em áreas do sonho mais próximas do self de vigília, quando os símbolos se tornam cada vez mais específicos. Há, portanto, um aspeto muito mais estreito no simbolismo: quanto mais te aproximas da consciência de vigília, mais limitado e estreito é o símbolo. Quanto mais útil ele for numa determinada circunstância física, menos valioso será como símbolo característico de toda uma vida de vigília.

Até certo ponto, quanto mais preciso é um símbolo, menos significado consegue conter. No trabalho onírico mais importante, realizado nos períodos profundos e protegidos do sono, os símbolos são suficientemente poderosos e, ao mesmo tempo, suficientemente condensados para poderem ser decompostos, usados numa série de sonhos aparentemente desligados como elementos de ligação, conservarem a sua força original e ainda aparecerem em diferentes disfarces, tornando-se, em cada camada sucessiva de sonho, cada vez mais específicos.

Mesmo enquanto percorres o teu dia, a tua consciência flutua, e podes surpreender-te a “simbolizar” destas diferentes maneiras se criares o hábito de observar, mas não interpretar, o estado da tua mente. Cada acontecimento físico que te aconteceu fica arquivado na tua psique como um grupo definido de símbolos. Estes não representam a experiência; contêm a experiência. Representam o teu banco pessoal de símbolos no que diz respeito à tua vida presente.

Há uma grande unidade entre os teus símbolos diurnos e os teus símbolos oníricos. Numa abreviatura miraculosa, muitos símbolos transportam, naturalmente, o peso de muito mais do que uma experiência, e um símbolo evocará, portanto, não apenas uma determinada experiência, mas também experiências semelhantes. A associação pessoal está, por isso, profundamente envolvida no teu banco pessoal de símbolos, e opera nos estados de sonho exatamente como na vida de vigília — mas com maior liberdade, e recorrendo ao futuro, nos vossos termos, bem como ao passado.

Tens, portanto, maior uso do simbolismo no estado de sonho, pois estás consciente de símbolos passados e futuros. Estes variam em intensidade; muitas vezes agrupam-se. Tais símbolos multidimensionais aparecerão então de muitas maneiras, não apenas visualmente. Afetarão não apenas a tua própria realidade física, mas todas as realidades nas quais estás envolvido. De certa maneira, os símbolos que conheces são apenas a extremidade final de símbolos maiores.

Quando me referi ao teu banco pessoal de símbolos, quis especificar que esse banco era teu desde o dia do teu nascimento e antes dele. Continha os símbolos das tuas existências passadas, nos vossos termos — e, nos vossos termos, acrescentas-lhe conteúdos nesta vida. Este banco de símbolos, contudo, tem de ser ativado. Por exemplo, tens imagens visuais quando nasces, imagens visuais internas, símbolos que são ativados no momento em que abres os olhos pela primeira vez. Estes servem-te como mecanismos de aprendizagem. Continuas a tentar utilizar corretamente os olhos até que as imagens exteriores se conformem aos padrões interiores.

Isto é extremamente importante e não é compreendido pelos vossos cientistas.

A abertura dos olhos ativa o mecanismo interior. Se houver algo fisicamente errado com os olhos, se forem cegos, por exemplo, então esse mecanismo particular não é ativado nesse momento. A personalidade pode ter escolhido nascer cega pelas suas próprias razões. Se essas razões mudarem, ou se ocorrerem desenvolvimentos psíquicos interiores, então os olhos físicos serão curados e o mecanismo interior ativado. Há variedades intermináveis de comportamento neste sentido. Os bancos interiores de símbolos, contudo, funcionam como uma conta de recursos, latente a menos que tires partido deles. Pensas antes de aprenderes linguagem, como mencionei anteriormente neste livro, mas já tens ao alcance dos teus “dedos” psíquicos experiências passadas de outras vidas para te guiarem.

Aqueles que nascem com a mesma nacionalidade, digamos, duas vezes consecutivas, aprendem a falar muito mais depressa da segunda vez. Alguns bebés pensarão na língua de uma vida passada antes de a nova língua ser aprendida. Tudo isto tem a ver com o uso dos símbolos.

O som é ele próprio um símbolo. Compreendes que, a partir de um determinado ponto de silêncio, o som começa e se torna mais alto. O que não compreendes é que, a partir desse mesmo ponto de silêncio, que é o teu ponto de não percepção, também começam sons que se aprofundam cada vez mais no silêncio e que, contudo, continuam a ter significado e tanta variedade como os sons que

conheces; e estes também são símbolos. O pensamento não pronunciado tem um “som” que não ouves, mas que é muito audível noutra nível de realidade e percepção.

As árvores, tal como estão, são um som que, mais uma vez, não percecionas. Nos teus sonhos, e particularmente para além daqueles sonhos de que te recordas, há áreas de consciência nas quais estes sons são automaticamente percecionados e traduzidos em imagens visuais. Operam como uma espécie de abreviatura. Dados certos sons, poderias recriar inconscientemente o teu universo tal como o conheces, e qualquer símbolo multidimensional pode conter toda a realidade que conheces.

Fisicamente, o olfato, a visão e a audição combinam-se para te dar os teus principais dados sensoriais e compõem os teus sentidos físicos. Noutros níveis, contudo, estes são separados. Os odores possuem, portanto, uma realidade visual e, como sabes, os dados visuais também podem ser percecionados em termos de outras percepções sensoriais.

Os símbolos podem juntar-se ou separar-se, podem ser percecionados separadamente ou como uma unidade. Tal como cada acontecimento possui o seu próprio símbolo para ti, também tu tens a tua maneira característica de os combinar. Estes símbolos podem ser traduzidos e percecionados de muitas maneiras: como uma série de notas, por exemplo, como uma combinação de sentidos, como uma série de imagens. Em vários estágios de consciência, percecionarás os símbolos em termos diferentes. O símbolo multidimensional na sua totalidade, então, possui uma

realidade em outros estados de consciência, mas também em níveis inteiramente diferentes de realidade.

Operas como se os teus pensamentos fossem secretos, embora já devesse saber que não são. Os teus pensamentos não apenas se manifestam através de comunicações telepáticas, por exemplo, como também, sem a tua consciência consciente, formam aquilo a que poderias chamar pseudoimagens “abaixo” do alcance da matéria física tal como normalmente a percecionas em alguns casos, ou “acima” desse mesmo alcance.

É, portanto, como se os teus pensamentos aparecessem dentro de outras realidades como objetos — vivos e vitais em si mesmos, crescendo para dentro de outros sistemas tal como flores ou árvores parecem crescer a partir do nada dentro da realidade física. Estes podem então ser usados como matéria-prima, por assim dizer, em certos outros sistemas. São os “dados naturais” disponíveis, a matéria-prima da criatividade nas realidades que ajudas a semear mas não percecionas.

Nesta maneira de falar, os teus pensamentos seguem leis. O seu comportamento segue leis, e as suas atividades, que não compreendes, também, embora chames teus aos teus pensamentos. São então manipulados, independentemente de ti, por outros tipos de consciência como fenómenos naturais em constante mudança. A consciência nativa dentro desses sistemas não está ciente da origem destes fenómenos, nem da tua própria realidade. Aceita como realidade as evidências que aparecem aos

seus sentidos, como a maioria de vós faz. Não lhe ocorreria que este fenómeno tivesse origem fora do seu próprio sistema.

Se eu fizesse a mesma afirmação, por exemplo, a qualquer um dos meus leitores, seria acusado de dizer que a realidade física era composta pelos descartes do universo.

Não estou a dizer isso, nem a insinuá-lo no caso que acabei de mencionar. No vosso sistema, tendes uma participação direta na formação da realidade física. Os vossos dados naturais disponíveis são o resultado materializado de pensamentos, sentimentos e emoções individuais, de massas e coletivos. A este respeito, o vosso sistema é mais criativo do que os sistemas que acabámos de mencionar. Por outro lado, dentro desses outros sistemas desenvolve-se uma forte consciência de grupo inovadora, na qual a identidade é preservada, mas é permitido um jogo interior maior entre indivíduos, um grande intercâmbio criativo de reservatórios simbólicos, uma utilização mais fácil de símbolos mentais e psíquicos. Por causa disto, estes indivíduos reconhecem mais claramente a ligação entre imagens criativas e dados sensoriais disponíveis. Alteram e modificam deliberadamente os seus dados sensoriais disponíveis e fazem experiências com eles.

Tudo isto envolve trabalhar com símbolos de uma forma extremamente íntima. Em certos níveis da tua personalidade, estás consciente de todas as diferentes maneiras pelas quais os símbolos são usados, não apenas no teu sistema, mas noutros. Como foi mencionado anteriormente, nenhum sistema de realidade é fechado. Os teus pensamentos, imagens e sentimentos alteram,

portanto, os dados sensoriais disponíveis em alguns outros sistemas.

Os padrões inovadores desenvolvidos nesses sistemas, contudo, podem ser perfeccionados até certo ponto no vosso. Há transbordamentos constantes. Nos teus vários estágios de consciência, atravessas áreas que podem ser correlacionadas com muitos destes sistemas. Alguns estágios pelos quais passas são estágios nativos de outros tipos de consciência e, ao atravessá-los, darás por ti a usar símbolos da maneira característica desse nível.

Os símbolos devem ser fluidos, sempre mutáveis na sua forma. Alguns podem ser usados como recipientes para alojar experiências originais, funcionando como métodos de engano em vez de esclarecimento. Quando isto acontece, há sempre medo envolvido.

O medo, levado para os vários estágios de consciência, atua como uma lente distorcedora, ocultando as dimensões naturais de todos os símbolos, funcionando como barreira e como impedimento ao livre fluxo. Símbolos de natureza explosiva servem como agentes libertadores, soltando aquilo que ficou encerrado. Sem tempestades físicas, enlouqueceríeis todos.

A natureza agressiva dos símbolos é pouco compreendida, tal como a relação entre agressividade e criatividade. Estas estão longe de ser características opostas e, sem um impulso agressivo, os símbolos careceriam da sua elevada mobilidade. Existiriam num tipo de ambiente permanente.

São tanto os aspetos criativos como os aspetos agressivos da consciência que lhe permitem usar símbolos e mover-se através de vários níveis de experiência; e é a natureza agressiva do pensamento que assim o impulsiona, sem que o saibais, para realidades que não compreendeis.

A agressividade e a passividade estão ambas por detrás dos símbolos de nascimento, pois ambas são necessárias. Estão ambas por detrás dos símbolos da morte, embora isto não seja compreendido. A inércia resulta quando agressividade e criatividade não estão nas proporções adequadas, quando a consciência se inclina demasiado severamente numa direção ou noutra, ou quando o fluxo dos símbolos é demasiado rápido ou demasiado lento para o ambiente psíquico particular em que habitas.

Ocorrem então pausas. Para o colocar da forma mais simples possível, há um momento quase inconcebível em que ocorre uma não-realidade, em que um símbolo fica preso entre movimento e não movimento, um tempo de incerteza. Isto é, naturalmente, traduzido e refletido de muitas maneiras. Em tais períodos, certos símbolos podem perder-se para todos os efeitos, saindo da experiência de um indivíduo e deixando lacunas de inércia.

Estas lacunas existem de forma bastante literal em muitos sistemas. Encontra-las em muitos níveis. Podes dar por ti a experienciar um estado de consciência, por exemplo, no qual nada parece acontecer e não ocorre qualquer paisagem psíquica nem quaisquer símbolos reconhecíveis. Estas lacunas existem não apenas em termos psicológicos ou psíquicos, mas como áreas em

branco em termos de espaço. Os espaços podem acabar por ser preenchidos com novos símbolos. Se fores suficientemente percetivo, por vezes podes apanhar-te a encontrar tais estados de realidade, nos quais nada aparece e não há sinais aparentes de qualquer consciência fora da tua.

Tais espaços em branco podem ser semeados com novos símbolos e são muitas vezes usados como canais através dos quais novas ideias criativas e invenções são inseridas. Estas lacunas são reconhecidas por outros, portanto, e vistas como espaços escuros. Representam também áreas sem resistência para aqueles viajantes mentais que sondam realidades interiores. Representam áreas desimpedidas, mas também canais abertos, inativos em si mesmos, mas passivamente à espera. Alguns símbolos também aguardam, de modo semelhante, para serem ativados.

Representam experiência futura, nos vossos termos, que presentemente permanece latente. Estes espaços em branco de inércia são, portanto, criativos até certo ponto, na medida em que outros símbolos podem nadar para dentro do campo de visão através deles.

Neste sentido, o nível alfa pode ser entendido como uma dessas zonas indiferenciadas de disponibilidade: um campo de transição entre focos de consciência, ainda não rigidamente organizado por símbolos específicos. O nível alfa é indiferenciado. A energia aí está disponível para ser usada como quiseres. É a fonte ou reservatório onde certas reservas de energia são mantidas em espera, suspensas entre os níveis mais interiores do self — isto é, as

camadas profundas da psique — e o self exterior, orientado para a realidade física. Para esta área chegam sinais e presságios vindos de níveis mais profundos da personalidade.

Por estar assim situado, é também particularmente útil na manipulação do organismo físico. Como estás a aprender, a espontaneidade é extremamente importante aqui. A tua intenção antes de entrares no estado alfa predetermina, em grande medida, o tipo de experiência que terás, focando automaticamente a tua atenção nessas áreas especificadas.

Também é benéfico mergulhar nessas áreas sem qualquer propósito em mente, pois aí pode tornar-se disponível qualquer informação necessária de que precisas, mesmo sem o teu conhecimento consciente. Quando aprendes a explorar esta região, podes usá-la como plataforma de lançamento para outras atividades. Ao fazê-lo, deixas o teu corpo físico em boas mãos.

Quando a tua consciência deixa o corpo, o estado alfa mantém-no em boas condições para ti. Naturalmente, faz isto em qualquer caso. A resposta às vidas passadas encontra-se, contudo, num nível mais profundo. Podes pescá-la a partir do estado alfa, se preferires.²

² Patty Middleton, visitante presente nesta sessão e familiarizada com estudos sobre estados alfa, perguntou se o acesso a essas informações aconteceria simplesmente ao acaso, “como lançar uma linha à água”, ou se seria possível usar alguma direção. Seth respondeu que se pode usar direção até certo ponto, mas que é preciso procurá-la a partir do estado alfa, solicitando-a às camadas mais profundas; ou, com mais treino, entrar diretamente nessas áreas. Quando Patty perguntou se se descobriria a si mesma apenas tentando estes vários estados, Seth respondeu: “Sabes que sim, ou não me terias feito a pergunta.”

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a relação entre consciência, símbolos e estados perceptivos. Seth mostra que a consciência não opera sempre no mesmo registo: desloca-se, estreita-se, expande-se, muda de foco, atravessa ambientes interiores e traduz experiências através de símbolos adequados a cada estágio.

A função central do capítulo é esta:

os símbolos são formas móveis através das quais a consciência traduz realidades interiores em imagens, objetos, sensações, sons, sonhos e experiências; à medida que a consciência muda de foco, os símbolos mudam de forma, de estabilidade e de significado.

1. A consciência é móvel

Seth começa por mostrar que a consciência não é fixa.

Mesmo na vida quotidiana, a atenção muda constantemente de alcance.

atenção estreita → foco num objeto → exclusão do ambiente

atenção expandida → maior perceção do campo envolvente

recordação intensa → afastamento do presente

devaneio → deslocação parcial do foco

Estas flutuações são tão comuns que passam despercebidas. Contudo, revelam uma propriedade fundamental: a consciência pode mover-se entre focos, intensidades e modos de percepção.

2. A vida comum já mostra a mobilidade da consciência

Quando alguém se absorve num livro, num devaneio ou numa recordação, não teme perder o mundo físico.

absorção interior → menor atenção ao ambiente físico → regresso espontâneo ao presente

Isto mostra que a consciência já pratica pequenas deslocações sem que isso cause alarme.

Seth usa estes exemplos simples para preparar uma ideia mais ampla: a consciência pode afastar-se do foco físico muito mais profundamente do que a personalidade costuma admitir.

3. Objetos físicos como símbolos

Os objetos físicos são os símbolos mais óbvios e, por isso mesmo, os menos reconhecidos como símbolos.

objeto físico → símbolo tornado estável → realidade interior traduzida em forma corpórea

O fogo físico, por exemplo, indica que a consciência está sintonizada com a realidade física.

fogo físico → símbolo estabilizado → percepção fisicamente sintonizada

Uma imagem mental de fogo indica outro tipo de consciência.

fogo mental → símbolo interior → outro estágio perceptivo

O símbolo muda conforme o nível de consciência em que aparece.

4. Símbolos como tradução de sentimentos

Os símbolos são tentativas de expressar sentimentos que a linguagem não consegue conter plenamente.

sentimento → símbolo → imagem / objeto / sonho / som / sensação

O sentimento é mais amplo do que a forma que o representa. O símbolo é uma tradução parcial, adequada ao estágio de consciência onde surge.

Em certos estados raros, há puro saber ou puro sentimento sem necessidade de símbolos.

saber direto → sem imagem → sem palavra → sem símbolo

Esses estados são difíceis de traduzir para a consciência normal de vigília.

5. A alegria através dos vários níveis

Seth usa a alegria como exemplo para mostrar como um sentimento muda de expressão.

Na consciência normal de vigília:

alegria → ambiente físico mais vívido → objetos percebidos com maior brilho → reforço da própria alegria

No devaneio:

alegria → imagens mentais → passado / futuro / possibilidades imaginadas

No sonho ou transe:

alegria → cidades de sonho → pessoas alegres → animais a brincar → voo → paisagens belas

Em níveis mais profundos:

alegria → símbolos desvanecem-se → experiência direta da própria alegria

O sentimento permanece; os símbolos mudam.

6. A experiência direta para além dos símbolos

Nos níveis mais profundos, os símbolos começam a desaparecer.

imagem → símbolo → representação → desvanecimento → experiência direta

A consciência torna-se menos orientada fisicamente. A Alma encontra-se com os seus próprios sentimentos sem depender de imagens, objetos ou representações.

A alegria deixa de ser representada por paisagens, figuras ou cenas. Passa a ser explorada como realidade em si.

alegria simbolizada → alegria diretamente conhecida

Aqui começa uma forma de percepção que não pode ser explicada adequadamente em termos verbais.

7. A Alma move-se em duas direções simbólicas

Seth descreve dois movimentos complementares da Alma.

Primeiro movimento:

realidade interior → simbolização → imagens → objetos → formas
→ mundos

A Alma expressa a realidade interior através do maior número possível de símbolos.

Segundo movimento:

símbolos → despojamento → experiência direta → saber sem representação

A Alma despe-se dos símbolos e aprende a sondar mais diretamente a própria experiência.

A criatividade opera nas duas direções: criando símbolos e transcendendo símbolos.

8. O corpo como símbolo íntimo

O corpo físico é o símbolo mais íntimo da Personalidade de Foco.

corpo → símbolo de identidade física → forma estabilizada do foco atual

Mesmo em experiências fora do corpo, a consciência tende a usar alguma forma corporal.

corpo físico → corpo menos físico → forma ainda mais sutil → abandono gradual da forma

A ideia de forma é tão importante para a consciência humana que aparece também em religiões, mitos e narrativas do além.

Nos estágios superiores, porém, até a forma deixa de ser necessária.

9. Depois da morte ainda há símbolos

Os estágios de consciência depois da morte continuam a lidar com símbolos.

pós-morte → maior liberdade simbólica → maior compreensão do significado dos símbolos

A diferença é que há mais liberdade no uso das representações e maior consciência daquilo que elas significam.

Nos estágios superiores da consciência, a criatividade já não precisa de símbolos.

criatividade superior → sem representação → sem forma simbólica

Isto prepara a ideia de que o símbolo é útil, mas não último.

10. Símbolos pessoais como marcos de consciência

Cada pessoa possui símbolos recorrentes que funcionam como pontos de reconhecimento.

símbolo recorrente → marco interior → indicação de determinado estado de consciência

Para Ruburt, por exemplo, casas ou apartamentos estranhos podem indicar que está prestes a deixar o corpo a partir do estado de sonho.

casa estranha → ponto de consciência → disponibilidade para exploração

Cada indivíduo tem símbolos próprios deste género, mas eles só se tornam úteis quando são reconhecidos.

11. Símbolos que mudam ao longo da vida

Alguns símbolos acompanham a pessoa durante toda a vida. Outros mudam em períodos de transformação.

mudança interior → alteração do símbolo → desorientação temporária

Um cão pode simbolizar alegria natural ou liberdade. Depois de uma experiência traumática, pode passar a simbolizar medo ou perda.

O mesmo acontece nos sonhos.

símbolo de vigília ↔ símbolo onírico

A vida de vigília e a vida de sonho partilham o mesmo banco simbólico.

12. Manipular símbolos é manipular realidades interiores

Seth afirma que todos os símbolos representam realidades interiores.

símbolo → realidade interior condensada

Manipular símbolos não é apenas manipular imagens. É trabalhar com estruturas internas carregadas de energia.

símbolo alterado → relação interior alterada → experiência alterada

Isto inclui os próprios objetos físicos, que são símbolos altamente estabilizados.

13. Símbolos como partículas psíquicas carregadas

Os símbolos são partículas psíquicas altamente carregadas.

símbolo → carga psíquica → atração → expansão → ligação a experiências

Alguns símbolos contêm muito mais do que uma experiência. Funcionam como condensações de múltiplas associações, recordações, emoções e significados.

símbolo pessoal → experiência vivida → experiências semelhantes → campo associativo

Por isso, um símbolo pode parecer simples e, ao mesmo tempo, conter uma vasta realidade interior.

14. Os símbolos seguem regras em cada ambiente

Em cada estado de consciência, os símbolos comportam-se segundo regras próprias.

Na realidade física:

símbolos físicos → estabilidade → permanência → sequência

No sonho comum:

símbolos oníricos → relativa permanência → drama reconhecível
→ orientação ainda física

Em estados mais profundos do sonho:

símbolos móveis → casas desaparecem → edifícios mudam →
criança torna-se tulipa

A mudança no comportamento do símbolo indica mudança no estágio de consciência.

15. O universo dos sonhos é objetivo à sua maneira

O universo dos sonhos é tão objetivo como o mundo corpóreo, dentro das suas próprias regras.

mundo físico → objetos físicos → representação fiel da vida de vigília

mundo dos sonhos → objetos e símbolos oníricos → representação fiel da vida de sonho

O erro está em exigir que o sonho se comporte como o mundo físico.

Cada ambiente de consciência possui a sua própria lógica, estabilidade e modo de simbolização.

16. O ritmo da consciência pode acelerar

Em certos estados de sonho, a permanência deixa de ser pressuposto de raiz.

sem permanência rígida → símbolo móvel → expressão imediata → experiência livre do tempo físico

Os sentimentos transformam-se em imagens de forma rápida, móvel e direta.

sentimento → transformação simbólica imediata

A atualização não precisa de horas ou dias. Um livro inteiro pode ser escrito, ou os planos de uma vida podem ser examinados, dentro desse domínio de consciência.

17. Passado, presente e futuro como dimensões interiores

Num determinado estágio de consciência, passado, presente e futuro coexistem como partes do ambiente interior.

passado + presente + futuro → porções do mesmo ambiente interior

O tempo físico é apenas uma das dimensões que ajudam a formar esse estágio.

A consciência precisa de aprender a orientar-se nesses ambientes interiores tal como aprende a orientar-se no espaço físico.

18. Os símbolos de olhos fechados

Mesmo acordado, de olhos fechados, o indivíduo pode observar imagens interiores.

repouso acordado → olhos fechados → imagens interiores → símbolos em transmutação

Algumas imagens parecem físicas: árvores, casas, pessoas. Outras mudam rapidamente, fluindo umas para as outras.

Estas imagens revelam a consciência quando se afasta parcialmente dos estímulos físicos.

consciência afastada do estímulo físico → símbolos mais móveis

19. Imagens interiores como tradução de pensamentos e sentimentos

As imagens vistas de olhos fechados representam pensamentos e sentimentos recentes ou predominantes.

pensamento / sentimento → imagem interior → símbolo aparentemente desligado

A ligação pode não ser lógica, mas é associativa e simbólica.

Um medo ligado à perda de emprego, por exemplo, pode aparecer como buraco no chão, caixão, carteira preta, paisagem invernal ou figura de pobreza.

medo → símbolos de queda / perda / escassez / abandono

Ao mesmo tempo, podem surgir símbolos de esperança.

esperança → flor → mesa cheia → fato novo → abundância

O pensamento direto pode estar ausente; o padrão emocional está presente.

20. Sentimentos e poças de emoção

Seth mostra que muitos símbolos emergem de camadas profundas de emoção.

sentimentos conscientes → expressão simbólica

poças de emoção profundas → imagens automáticas → símbolos não reconhecidos

Os sentimentos recebem liberdade de expressão através dos símbolos. As emoções profundas fornecem carga, intensidade e direção.

O símbolo surge como forma visível de uma dinâmica interna que a consciência de vigília ainda não formulou.

21. O problema entregue ao inconsciente

Quando uma questão é formulada interiormente, mesmo que não apareça diretamente nos sonhos, ela é entregue ao inconsciente.

preocupação consciente → símbolos interiores → sonho → solução simbólica

Nas áreas profundas e protegidas do sono, centros superiores da psique podem trabalhar a situação com mais clareza.

problema entregue → níveis profundos → sugestão de ação → sonho simbólico

O self sonhador organiza então sonhos nos quais a solução é apresentada em forma simbólica.

22. Quanto mais próximo da vigília, mais estreito o símbolo

À medida que a consciência se aproxima da vigília, os símbolos tornam-se mais específicos.

profundidade do sono → símbolo condensado, amplo, poderoso

aproximação da vigília → símbolo específico, útil, estreito

Um símbolo muito preciso pode ser útil para uma circunstância física, mas conter menos significado universal.

precisão prática → menor amplitude simbólica

Nos níveis profundos, os símbolos são mais densos e podem alimentar vários sonhos aparentemente desligados.

23. Banco pessoal de símbolos

Cada pessoa possui um banco pessoal de símbolos.

vida presente + existências passadas + associações pessoais
→ banco simbólico

Este banco contém símbolos desde antes do nascimento, incluindo padrões de outras existências, nos nossos termos.

experiência passada → símbolo interior → mecanismo de aprendizagem

Os símbolos não representam apenas experiências; contêm a experiência.

símbolo → experiência condensada

24. Ver é ativar padrões interiores

Seth afirma que existem imagens visuais internas desde o nascimento.

abrir os olhos → ativação de mecanismos interiores → imagens exteriores ajustadas a padrões interiores

O bebé aprende a usar os olhos até que as imagens exteriores se conformem aos padrões interiores.

A percepção não é receção passiva do mundo exterior. É coordenação entre padrões interiores e estímulos físicos.

padrão interior → percepção exterior organizada

25. Língua, nacionalidade e símbolos reencarnacionais

Quem nasce com a mesma nacionalidade em existências consecutivas pode aprender a falar mais depressa.

vida anterior → língua / nacionalidade → banco simbólico → aprendizagem acelerada

Alguns bebés podem pensar numa língua de outra vida antes de aprenderem a nova língua.

Isto mostra que a linguagem também pertence ao campo simbólico profundo da identidade.

26. O som como símbolo

O som é também símbolo.

silêncio → som audível → significado físico

Mas, a partir do mesmo ponto de silêncio, existem sons que se aprofundam no silêncio, fora do alcance comum.

silêncio → sons não percebidos → significado noutro nível

O pensamento não pronunciado possui um “som” inaudível fisicamente, mas audível noutro nível de realidade.

pensamento → som não físico → percepção noutro nível

27. As árvores como som

Seth afirma que as árvores, tal como são, são um som que não percebemos.

árvore → som não físico → tradução em imagem visual

Nos sonhos e em áreas para além dos sonhos recordados, estes sons são percebidos e traduzidos em imagens.

Isto sugere que os dados sensoriais são intercambiáveis em níveis mais profundos.

som → imagem

odor → visão

pensamento → objeto

Os sentidos físicos separam aquilo que, noutros níveis, pode estar unido.

28. Símbolos multidimensionais

Um símbolo multidimensional pode conter toda a realidade conhecida.

símbolo multidimensional → som + imagem + sensação + significado + experiência

Estes símbolos funcionam como abreviaturas imensas.

um símbolo → múltiplas camadas de realidade

O que a consciência física recebe como objeto, imagem ou som pode ser apenas a extremidade final de uma estrutura simbólica muito maior.

29. Sentidos separados e sentidos reunidos

Fisicamente, olfato, visão e audição combinam-se para produzir os principais dados sensoriais.

Noutros níveis, esses dados podem separar-se ou recombinar-se.

odor → realidade visual

imagem visual → percepção por outros sentidos

símbolo → som / imagem / sensação / combinação sensorial

Os símbolos podem juntar-se ou separar-se. Em diferentes estágios de consciência, serão percebidos em termos diferentes.

30. Pensamentos como objetos noutras realidades

Os pensamentos não são secretos.

pensamento → comunicação telepática → pseudoimagem → objeto noutra sistema

Sem a consciência consciente da Personalidade de Foco, os pensamentos formam pseudoimagens abaixo ou acima do alcance da matéria física habitual.

Noutros sistemas, podem aparecer como objetos vivos, vitais e naturais.

pensamentos humanos → objetos noutros sistemas → matéria-prima criativa

Assim como flores ou árvores parecem crescer do nada no mundo físico, pensamentos podem crescer como fenómenos naturais noutras realidades.

31. Realidades que usamos sem perceber

Os pensamentos humanos podem servir como dados naturais para outros sistemas.

teus pensamentos → dados naturais noutro sistema → criatividade de outras consciências

As consciências desses sistemas não sabem que tais fenómenos vêm de fora do seu mundo, tal como os humanos geralmente não percebem a origem profunda dos fenómenos físicos.

fenómeno percebido → aceite como natural → origem desconhecida

Isto relativiza a noção de “natureza”.

32. Formação da realidade física em vários níveis

No sistema físico, há participação direta na formação da realidade.

Seth distingue vários níveis de contribuição.

nível individual → pensamentos, sentimentos e emoções pessoais

nível de massas → padrões psíquicos de grandes grupos humanos

nível coletivo → estruturas mais amplas da espécie, da civilização e da consciência humana partilhada

A realidade física resulta da materialização desses conteúdos.

pensamentos + sentimentos + emoções → individual / massas / coletivo → dados naturais disponíveis → realidade física

A realidade física é, portanto, um campo partilhado de simbolização material.

33. Sistemas com consciência de grupo inovadora

Alguns sistemas desenvolvem uma forte consciência de grupo inovadora.

identidade preservada → maior intercâmbio interior → símbolos partilhados → manipulação deliberada dos dados sensoriais

Nesses sistemas, os indivíduos reconhecem mais claramente a ligação entre imagens criativas e dados sensoriais.

Por isso, alteram e experimentam deliberadamente os seus dados sensoriais disponíveis.

34. Sistemas abertos e transbordamentos

Nenhum sistema de realidade é fechado.

pensamentos humanos → outros sistemas

padrões de outros sistemas → percepção parcial no sistema físico

Há transbordamentos constantes.

Nos vários estágios de consciência, a personalidade atravessa áreas que se correlacionam com outros sistemas.

estado de consciência → área correlata → símbolos próprios desse nível

Ao atravessá-las, a consciência pode usar símbolos característicos de realidades que não reconhece conscientemente.

35. Símbolos como fluxo, não prisão

Os símbolos devem ser fluidos e mutáveis.

símbolo fluido → tradução viva → movimento da consciência

Quando se tornam recipientes fechados para experiências originais, podem funcionar como métodos de engano.

medo → símbolo rígido → bloqueio → engano

O medo distorce símbolos, ocultando as suas dimensões naturais e impedindo o fluxo.

36. Símbolos explosivos como libertação

Alguns símbolos têm natureza explosiva.

símbolo explosivo → libertação → solta o que ficou encerrado

Seth associa isto às tempestades físicas.

tempestade → descarga → libertação → equilíbrio

Sem tempestades físicas, a humanidade enlouqueceria. A descarga simbólica e energética é necessária para manter movimento.

37. Agressividade e criatividade dos símbolos

A natureza agressiva dos símbolos é pouco compreendida.

agressividade → impulso de movimento

criatividade → formação de novas estruturas

agressividade + criatividade → mobilidade simbólica

Sem impulso agressivo, os símbolos perderiam mobilidade e ficariam presos num ambiente permanente.

A agressividade, aqui, não significa violência destrutiva. Significa energia de impulso, movimento, exteriorização e transformação.

38. Pensamento como força agressiva criativa

A natureza agressiva do pensamento impulsiona-o para realidades que a Personalidade de Foco não compreende.

pensamento → impulso agressivo/criativo → atravessamento de níveis → outras realidades

Pensar não é atividade passiva. O pensamento move-se, penetra, semeia, cria e transforma.

pensamento → símbolo → realidade

39. Agressividade, passividade, nascimento e morte

Agressividade e passividade estão por detrás dos símbolos de nascimento e morte.

nascimento → impulso para fora + receção de forma

morte → libertação + entrega

Ambas são necessárias.

A inércia surge quando agressividade e criatividade não estão em proporções adequadas, ou quando o fluxo simbólico é demasiado rápido ou demasiado lento para o ambiente psíquico em causa.

40. Lacunas de inércia

Quando o fluxo simbólico falha, surgem lacunas.

símbolo preso → entre movimento e não movimento → não-realidade momentânea → lacuna de inércia

Alguns símbolos podem perder-se da experiência individual, deixando zonas onde nada parece acontecer.

ausência de símbolo → ausência de paisagem psíquica → espaço em branco

Estas lacunas existem em muitos níveis e até como áreas em branco em termos de espaço.

41. Espaços em branco como canais criativos

Os espaços em branco não são apenas ausência.

espaço em branco → baixa resistência → canal aberto → espera passiva → possibilidade criativa

Podem ser semeados com novos símbolos e usados como canais para novas ideias criativas e invenções.

lacuna → canal → símbolo novo → invenção / ideia / experiência futura

São zonas de latência criativa.

42. O nível alfa como zona indiferenciada

O nível alfa funciona como uma dessas zonas indiferenciadas de disponibilidade.

espaços em branco → zonas indiferenciadas → alfa → transição entre focos de consciência

No alfa, a energia está disponível para ser usada de várias formas.

alfa → reservatório energético → suspensão entre camadas profundas da psique e self exterior

Chegam a esta área sinais e presságios vindos de níveis mais profundos da personalidade.

43. Alfa, corpo e intenção

O alfa é útil para a manipulação do organismo físico.

estado alfa → espontaneidade → intenção → foco automático da experiência

A intenção antes de entrar no alfa predetermina, em grande medida, o tipo de experiência que será vivida.

intenção → orientação da atenção → área especificada

Mas também é benéfico entrar no alfa sem propósito definido, porque a informação necessária pode emergir sem conhecimento consciente.

sem propósito consciente → abertura → informação necessária

44. Alfa como plataforma de lançamento

O estado alfa pode funcionar como plataforma para outras atividades.

alfa → estabilização do corpo → acesso a áreas mais profundas → projeção / exploração / investigação interior

Quando a consciência deixa o corpo, o alfa mantém o corpo físico em boas condições.

consciência fora do corpo → alfa → corpo em boas mãos

As respostas sobre vidas passadas estão em níveis mais profundos, mas podem ser pescadas a partir do alfa.

alfa → linha lançada → camadas mais profundas → informação reencarnacional

45. Direção e descoberta interior

É possível usar direção no alfa, mas essa direção deve ser procurada a partir do próprio estado alfa.

estado alfa → pedido às camadas mais profundas → direção interior

Com treino, a consciência pode entrar diretamente nessas áreas.

A exploração dos estados de consciência torna-se, portanto, uma via de autodescoberta.

explorar estados → descobrir-se → ampliar foco → reconhecer camadas da própria realidade

Estrutura Operativa do Capítulo

consciência → mobilidade → mudança de foco → mudança de símbolos

símbolo físico → objeto estável → realidade interior materializada

símbolo mental → imagem interior → outro estágio de consciência

sentimento → símbolo → sonho → imagem → experiência direta

Alma → cria símbolos → despe-se de símbolos → conhece diretamente

corpo → símbolo íntimo → forma do foco físico

pós-morte → maior liberdade simbólica → criatividade sem símbolos nos estágios superiores

banco pessoal de símbolos → experiências presentes + passadas
→ aprendizagem perceptiva

som → símbolo → pensamento não pronunciado → árvore como som → tradução em imagem

pensamentos → pseudoimagens → objetos noutros sistemas

realidade física → materialização de conteúdos individuais, de massas e coletivos

sistemas abertos → transbordamentos → símbolos de outros níveis

medo → símbolo rígido → bloqueio

agressividade + criatividade → mobilidade simbólica

lacuna de inércia → espaço em branco → canal criativo

alfa → zona indiferenciada → reservatório → plataforma de acesso

Núcleo Operativo

O Capítulo 18 mostra que a consciência não é um bloco imóvel, mas uma capacidade móvel de focalização. Ao mudar de estado, muda também o modo como simboliza a realidade. Um objeto físico, uma imagem mental, um sonho, uma sensação, um som ou um espaço em branco podem ser expressões diferentes de realidades interiores.

Seth desloca o símbolo de uma função meramente representativa para uma função operativa. O símbolo não apenas aponta para uma experiência: contém carga psíquica, organiza percepção, condensa realidades interiores e pode abrir ou bloquear o movimento da consciência. Por isso, manipular símbolos é manipular realidades interiores.

O capítulo também amplia a noção de percepção. Os sentidos físicos separam dados que, noutros níveis, podem estar unidos. Um som pode tornar-se imagem, uma árvore pode ser som, um pensamento pode aparecer como objeto noutro sistema, e um símbolo multidimensional pode conter toda uma realidade conhecida. A experiência física é apenas uma das traduções possíveis da consciência.

A realidade física surge como materialização de conteúdos individuais, de massas e coletivos. A pessoa participa na criação do mundo através dos seus pensamentos, sentimentos e emoções; os grandes grupos humanos participam através de atmosferas psíquicas partilhadas; e a humanidade, enquanto campo coletivo, participa através de estruturas simbólicas e percetivas mais amplas.

Na parte final, Seth mostra que os símbolos precisam de movimento. Quando o medo os fixa, tornam-se recipientes fechados e bloqueiam a experiência. Quando agressividade e criatividade estão equilibradas, os símbolos permanecem móveis, libertadores e transformadores. As lacunas, os espaços em branco e o nível alfa aparecem então como zonas indiferenciadas de disponibilidade: áreas onde a consciência ainda não estabilizou símbolos específicos e onde novas ideias, experiências e perceções podem emergir.

Formulação final

O Capítulo 18 mostra que os símbolos são formas móveis de tradução da consciência. Eles aparecem como objetos físicos, imagens mentais, sonhos, sons, sensações, pensamentos, espaços em branco ou experiências interiores, consoante o estágio de consciência em que a personalidade se encontra. A realidade física é o nível onde os símbolos se tornam mais estáveis; o sonho é um nível onde se tornam mais móveis; os estados profundos aproximam a Alma da experiência direta, para

além da simbolização. O medo fixa e distorce os símbolos; a agressividade criativa dá-lhes movimento. Os espaços em branco e o alfa funcionam como zonas indiferenciadas de disponibilidade, onde novos símbolos, ideias e formas de experiência podem emergir. Assim, o capítulo revela que conhecer os símbolos é conhecer os modos pelos quais a consciência organiza, traduz e transforma a realidade.

CAPÍTULO 19

Presentes Alternativos e Foco Múltiplo

Começemos pela consciência normal de vigília que conheces. A apenas um passo dela, porém, existe outro nível de consciência para o qual todos vós deslizam sem saber. Chamá-lo-emos "A-1". É adjacente à tua consciência normal, separado dela apenas muito ligeiramente; e, contudo, nele podem surgir efeitos muito definidos que não estão presentes no teu estado habitual.

Neste nível, muitas capacidades podem ser usadas, e o momento presente pode ser experienciado de muitas maneiras diferentes, usando como base os dados físicos com os quais já estás familiarizado. No teu estado normal, vês o corpo. Em A-1, a tua consciência pode entrar no corpo de outro e curá-lo. Da mesma maneira, podes percecionar o estado da tua própria imagem física. De acordo com as tuas capacidades, podes manipular a matéria a partir de dentro, conscientemente, com lucidez e atenção.

A-1 pode ser usado como uma plataforma lateral, por assim dizer, a partir da qual podes observar acontecimentos físicos de um ponto de vista mais claro. Ao usá-lo, és libertado momentaneamente das pressões corporais e, com essa liberdade, podes mover-te para as aliviar. Problemas que parecem não ter solução podem muitas vezes, embora nem sempre, ser resolvidos.

As sugestões dadas são muito mais eficazes. É mais fácil formar imagens, e estas possuem maior mobilidade. A-1 é, portanto, um desvio lateral, e, contudo, um desvio importante.

Agora, este nível pode ser usado como o primeiro de uma série de passos que conduzem a estados de consciência “mais profundos”. Pode também ser usado como o primeiro de uma série de passos adjacentes. Cada um dos níveis mais profundos da consciência também pode ser usado como primeiro passo para outros níveis adjacentes. A-1 é simples de alcançar. Quando ouves música de que gostas, quando estás envolvido numa atividade tranquila e agradável, consegues sentir a diferença. Ela pode ser acompanhada pelos teus próprios indícios físicos característicos. Podes tamborilar os dedos de certa maneira. Pode haver um gesto particular. Podes ficar a olhar fixamente, ou com ar sonhador, para a esquerda ou para a direita.

Qualquer um destes indícios físicos pode ajudar-te a distinguir entre este estado de consciência e o estado habitual predominante. Só tens de o reconhecer, aprender a mantê-lo e depois começar a experimentar o seu uso. Regra geral, continua a ser fisicamente orientado, na medida em que as capacidades são normalmente dirigidas para a perceção interior e a manipulação da matéria ou do ambiente físico. Podes, portanto, percecionar o momento presente a partir de uma variedade de pontos de vista únicos que, habitualmente, não estão disponíveis.

Podes percecionar a realidade do momento tal como ela existe para o teu intestino ou para a tua mão; e experienciar, com prática,

a paz interior presente e a agitação que existem simultaneamente dentro do teu corpo físico. Isto traz uma grande apreciação e admiração, uma sensação de unidade com o material corpóreo vivo de que és fisicamente composto. Com prática, podes tornar-te tão intuitivamente consciente do teu ambiente físico interno como do teu ambiente físico externo.

Com mais prática, os conteúdos da tua própria mente tornar-se-ão igualmente disponíveis. Verás os teus pensamentos com tanta clareza como os teus órgãos internos. Neste caso, podes percecioná-los simbolicamente através de símbolos que reconhecerás, vendo, por exemplo, pensamentos confusos como ervas daninhas, que podes então simplesmente arrancar.

Podes pedir que o conteúdo mental da tua mente seja traduzido numa imagem intensa, representando simbolicamente pensamentos individuais e a paisagem mental global; depois, podes retirar aquilo de que não gostas e substituí-lo por imagens mais positivas. Isto não significa que essa paisagem interior tenha de estar sempre completamente soalheira, mas significa que deve estar bem equilibrada.

Uma paisagem interior escura e largamente sombria deve alertar-te, para que comeces imediatamente a mudá-la. Nenhuma destas realizações está fora do alcance dos meus leitores, embora qualquer pessoa possa achar determinada façanha mais difícil do que outra. Deves também compreender que estou a falar em termos práticos. Podes corrigir uma condição física, por exemplo, da maneira que acabei de indicar. Nesse caso, contudo, ao

examinares a paisagem interior dos pensamentos, encontrarias aí a fonte que inicialmente originou a afeção física.

Os padrões emocionais podem ser examinados da mesma forma. Aparecerão de modo diferente, com muito maior mobilidade. Os pensamentos, por exemplo, podem surgir como estruturas estacionárias, como flores ou árvores, casas ou paisagens. Os padrões emocionais aparecerão mais frequentemente na mobilidade mutável da água, do vento, do clima, dos céus e das cores em mudança. Qualquer afeção física, portanto, pode ser percecionada neste estado olhando para dentro do corpo e descobrindo-a; depois, ao mudares aquilo que vês, poderás encontrar-te a entrar no teu corpo, ou no de outra pessoa, como uma miniatura muito pequena, como um ponto de luz, ou simplesmente sem qualquer substância, embora consciente do ambiente interior do corpo.

Mudas então aquilo que precisa de ser mudado da maneira que te ocorrer — dirigindo a energia do corpo nessa direção, entrando na carne e aproximando certas porções que precisam desse ajustamento, manipulando zonas da coluna. Depois, a partir desta plataforma adjacente da consciência A-1, percecionas os padrões mentais de pensamento de ti próprio ou da outra pessoa da forma que te for característica.

Podes percecionar os padrões de pensamento como frases ou palavras que piscam rapidamente e que são normalmente vistas dentro da tua mente ou dentro da mente do outro, ou como letras pretas que formam palavras. Ou podes ouvir as palavras e

pensamentos a serem expressos, ou podes ver a “paisagem” já mencionada, na qual os pensamentos se formam simbolicamente numa imagem.

Isto mostrar-te-á como os pensamentos originaram a afeção física e quais estiveram envolvidos. O mesmo deve então ser feito com o padrão emocional. Este pode ser percecionado como explosões de cores escuras ou claras em movimento, ou pode simplesmente sentir-se uma emoção particular de grande força. Se for muito intensa, uma só emoção pode ser sentida sob muitos disfarces desse tipo. Tanto no caso dos pensamentos como no das emoções, arrancas, com grande confiança, aqueles que estão ligados à afeção. Desta maneira, fizeste ajustamentos em três níveis.

A-1 pode também ser usado como um excelente enquadramento para criatividade, concentração, estudo, renovação, repouso e meditação. Podes desenvolver a tua própria imagem deste estado para te ajudar, imaginando-o como uma sala, uma paisagem agradável ou uma plataforma. Espontaneamente, encontrarás o teu próprio símbolo para este estado.

Este estado também pode ser usado como passo para o estado seguinte de consciência, conduzindo a uma condição de transe mais profundo, continuando, contudo, a relacionar-se com o sistema de realidade que compreendeis.

Ou pode ser usado como passo que conduz a um nível adjacente de consciência; portanto, dois passos afastado, no mesmo nível, da

realidade normal. Neste caso, não te conduzirá a um exame e percepção mais profundos do momento presente, mas antes a uma consciência e reconhecimento daquilo a que chamarei momentos presentes alternativos.

Estarás a dar passos para o lado a partir do presente que conheces. Isto conduz às explorações mencionadas anteriormente neste livro, nas probabilidades. Este estado pode ser extremamente vantajoso quando estás a tentar resolver problemas relacionados com arranjos futuros, decisões que afetarão o futuro e, de facto, quaisquer questões nas quais tenham de ser tomadas decisões importantes para o futuro. Neste estado, és capaz de experimentar várias decisões alternativas e alguns resultados prováveis, não imaginativamente, mas em termos bastante práticos.

Estas probabilidades são realidades, independentemente da decisão que tomares. Imaginemos, por exemplo, que tens três escolhas e que é imperativo seleccionares uma. Usando este estado, tomas a primeira escolha. O presente alternativo é o momento em que fazes essa escolha. Uma vez feita essa escolha, o presente muda, e percecionas com toda a clareza exatamente a forma como ele muda e que ações e acontecimentos fluirão dessa mudança para o futuro que pertence a esse presente alternativo.

Fazes o mesmo com cada uma das outras escolhas, tudo a partir do enquadramento desse estado de consciência. Os métodos são os mesmos em cada caso. Tomas a decisão. Depois tornas-te consciente, da forma que escolheres, dos efeitos físicos dentro do teu corpo. Entras no corpo como fizeste da maneira que indiquei

anteriormente para a cura. Com grande sensibilidade, consegues ver que efeito físico a decisão terá — se o estado do corpo permanece igual, se há nele uma grande sensação de saúde, ou se se inicia o começo incipiente de grandes dificuldades.

Da mesma maneira, exploras os aspetos mentais e emocionais; depois voltas a tua atenção “para fora”, para o ambiente que resulta deste presente alternativo. Mentalmente, os acontecimentos aparecer-te-ão. Poderás experienciá-los intensamente ou simplesmente observá-los. Poderão tornar-se tão vívidos que te esqueças momentaneamente de ti próprio, mas, se mantiveres o contacto com este nível de consciência, isso raramente acontecerá. Regra geral, estás muito consciente daquilo que estás a fazer.

Conforme a situação, podes fazer a mesma coisa para descobrir especificamente o efeito dessa decisão sobre os outros. Depois regressas à consciência normal, passando pelo estado A-1 que usaste como preliminar. Depois de um período de repouso, regressa e toma a segunda decisão, e depois a terceira, seguindo-as da mesma maneira. Então, no teu estado normal de consciência, tomas naturalmente a decisão que desejas, a partir da informação e da experiência que recebeste.

Os nomes pouco importam. Para simplificar, chama a este nível de consciência A-1-a.

Há um A-1-b, ainda adjacente a este e ainda partindo de um presente alternativo, que pode ser usado para muitos outros propósitos.

Não é tão fácil para o indivíduo comum entrar nele, e lida com presentes de grupo, com probabilidades de massas, questões ligadas às raças e ao movimento da civilização. Seria muitíssimo benéfico para políticos e estadistas, e também pode ser usado para sondar passados prováveis. Aqui seria útil, por exemplo, para aprender acerca de ruínas antigas e civilizações desaparecidas, mas apenas se fosse sondado o passado provável específico no qual estas existiram.

O nível adjacente seguinte seria agora A-1-c, que é uma extensão daquele que acabámos de indicar, no qual há maior liberdade de ação, mobilidade e experiência. Aqui, em certa medida, há alguma participação nos acontecimentos percebidos. Não há necessidade de aprofundar muito nenhum destes estados para além deste ponto, porque normalmente não estarás envolvido com eles, e eles conduzem a realidades que têm pouca referência à tua. São estados de consciência demasiado afastados e, em circunstâncias habituais, isto é tão longe quanto a tua consciência presente consegue ir nessa direção particular.

O primeiro estado, A-1-a, é o mais prático e o mais fácil para ti, mas muitas vezes tens ainda de desenvolver uma boa sensação do nível A-1 antes de estares disposto a dar esse passo adjacente seguinte. Apesar das suas limitações, ele permite uma grande expansão. Usando-o, podes descobrir, por exemplo, o que teria

acontecido se “eu tivesse feito isto ou aquilo”. Lembra-te: estes são todos níveis adjacentes, que se estendem horizontalmente.

Diretamente por baixo de A-1, agora, terás A-2, que é um estado ligeiramente mais profundo, usando a analogia da direção para cima e para baixo. É menos fisicamente orientado do que A-1. Continuas a ter excelente lucidez e consciência. Este estado pode ser usado para explorar o passado, nos vossos termos de referência, dentro do sistema provável que conheces.

Os passados reencarnacionais são-te conhecidos aqui e, se alguma afeição pessoal não puder ser resolvida a partir de A-1, poderás ter de ir para A-2, descobrindo que ela teve origem noutra existência. Este estado distingue-se por um padrão respiratório mais lento e, a menos que sejam dadas outras direções, por uma temperatura algo mais baixa e ondas alfa mais longas; uma frequência mais lenta.

Ainda há, contudo, relação com o ambiente e consciência dele. Esta pode ser deliberadamente bloqueada para maior eficiência, mas isso não é necessário. Em muitos casos, os olhos podem estar abertos, por exemplo, embora possa ser mais fácil fechá-los. Aqui, a sensibilidade é intensificada. Sem seguir necessariamente os métodos indicados para A-1, os aspetos mentais, físicos e emocionais de personalidades passadas aparecerão.

Poderão ser percecionados de várias maneiras, de acordo com as características do indivíduo que se encontra neste estado. Este pode ser usado para descobrir a origem de uma ideia no passado,

ou para encontrar qualquer coisa que aí tenha sido perdida, desde que esteja dentro do vosso sistema de probabilidades.

Diretamente por baixo deste está A-3. Tens aqui, novamente, uma extensão que lida com questões de massas — movimentos de terra, a história do vosso planeta tal como a conheceis, o conhecimento dos povos que o habitaram, a história dos animais, as camadas de gás e carvão, e as várias eras que atravessaram o planeta e o transformaram.

A-4 leva-te a um nível que está abaixo das formações da matéria, um nível no qual ideias e conceitos podem ser percecionados, embora as suas representações não apareçam na realidade física presente que conheces.

Deste nível vêm muitas das inspirações mais profundas. Estas ideias e conceitos, embora possuam a sua própria identidade eletromagnética, aparecem, contudo, como “paisagem simbólica” neste nível de consciência. Isto é difícil de explicar. Os pensamentos não aparecem como pseudoimagens, por exemplo, nem assumem qualquer pseudomaterialização, e, contudo, são sentidos vividamente, percecionados e captados por porções do cérebro — aquelas porções aparentemente não utilizadas para as quais a ciência ainda não encontrou resposta.

Estas ideias e conceitos vieram obviamente da consciência. Contudo, representam desenvolvimentos latentes incipientes que podem ou não ocorrer na realidade física. Podem ou não ser percecionados por qualquer indivíduo específico. O interesse

característico e as capacidades da personalidade envolvida terão muito a ver com o seu reconhecimento das realidades dentro deste nível de consciência.

O material disponível, contudo, representa blocos de construção para muitos sistemas prováveis. É uma área aberta à qual muitas outras dimensões têm acesso. Muitas vezes torna-se disponível nos estados de sono. Inovações completas, invenções capazes de abalar o mundo — tudo isto jaz à espera, por assim dizer, neste enorme reservatório. Fortes “conversões” pessoais são frequentemente efetuadas a partir deste nível.

Qualquer indivíduo pode passar por estes níveis e permanecer relativamente intocado e inconsciente, pode viajar através deles sem os perceber. As intenções globais e as características da personalidade determinarão a qualidade da percepção e da compreensão. O material mencionado está disponível em cada um dos níveis de consciência indicados, mas tem de ser procurado, quer através de desejo consciente quer através de forte desejo inconsciente. Se não o for, então os dons disponíveis e os potenciais permanecem simplesmente sem uso e sem serem reivindicados.

Os estados de consciência também se fundem uns nos outros, e é óbvio que estou a usar termos de profundidade para tornar a discussão mais fácil. Começando pelo Ego Exterior, ou consciência de vigília, enquanto self exterior focado na realidade exterior, estes estados são amplos, mais semelhantes a planícies a explorar. Cada um deles, portanto, abre-se também em grandes áreas adjacentes,

e há muitos “caminhos” que podem ser tomados de acordo com o teu interesse e desejo.

Tal como o teu estado comum de vigília percebe um universo inteiro de dados físicos, cada um destes outros estados de consciência percebe realidades igualmente complicadas, variadas e vívidas. É por esta razão que é tão difícil explicar as experiências possíveis dentro de qualquer um deles.

A-5 abre uma dimensão na qual a consciência vital de qualquer personalidade pode, pelo menos teoricamente, ser contactada. Isto envolve comunicar não apenas com personalidades passadas, nos vossos termos, mas também com futuras. É um nível de consciência muito raramente alcançado. Não é, por exemplo, a camada usada pela maioria dos médiuns. É um terreno de encontro no qual personalidades de qualquer tempo, lugar ou sistema provável podem comunicar entre si em termos claros, compreendidos por todos.

Uma vez que passado, presente e futuro não existem, este é um nível de comunicação cristalina entre consciências. Aqueles que nele participam possuem, naturalmente, um excelente conhecimento das suas próprias origens e histórias, mas, neste estado, possuem também uma perspectiva muito mais ampla, na qual as origens privadas e históricas são vistas como parte de um todo maior e percecionável.

Neste nível, as mensagens literalmente relampejam através dos séculos, de um grande homem ou mulher para outro. O futuro fala

ao passado. Os grandes artistas sempre foram capazes de comunicar neste nível e, enquanto vivos, operaram literalmente neste nível de consciência durante boa parte do tempo. Apenas as porções mais exteriores das suas personalidades se curvavam aos ditames do período histórico.

Para aqueles que alcançam este estado e o utilizam, a comunicação é claríssima. Deve compreender-se que esta comunicação funciona em ambos os sentidos. Leonardo da Vinci conhecia Picasso, por exemplo. Há grandes homens e mulheres que permanecem desconhecidos. Os seus contemporâneos ignoram-nos. As suas realizações podem ser mal compreendidas ou fisicamente perdidas, mas, neste nível de consciência, participam nestas comunicações e, noutro nível de existência, as suas realizações são reconhecidas.

Não quero sugerir, contudo, que apenas os grandes participem nesta comunicação entre consciências. É necessária uma grande simplicidade, e, a partir dela, muitos dos mais humildes, nos termos humanos, também participam nestas comunicações. Há uma conversa interminável a decorrer por todo o universo, e uma conversa profundamente significativa. Aqueles que pertencem tanto ao vosso passado como ao vosso futuro têm uma mão no vosso mundo presente, e, neste nível, são discutidos os problemas que foram enfrentados e que ainda serão encontrados. Este é o coração da comunicação. É encontrado, na maioria das vezes, num nível profundo e protegido do sono ou num súbito estado de transe espontâneo. Gera-se uma grande energia.

A informação recebida em qualquer um destes estados de consciência tem de ser interpretada para a consciência normal de vigília, se alguma memória física tiver de ser mantida.

Em muitos casos, a memória permanece inconsciente no que diz respeito ao self de vigília, mas as próprias experiências podem alterar completamente a estrutura de uma vida individual. Cursos desastrosos podem ser evitados através de tais comunicações e iluminações interiores, quer o Ego Exterior esteja consciente delas quer não.

As experiências nestes vários níveis podem ser interpretadas simbolicamente. Podem aparecer sob a forma de fantasia, ficção ou obra de arte, sem que o self consciente perceba a sua origem. Em qualquer destes vários estágios de consciência, outros fenómenos também podem ser percecionados — formas-pensamento, por exemplo, manifestações de energia, projeções do subconsciente pessoal e projeções do inconsciente coletivo. Qualquer um deles, ou todos, podem assumir forma simbólica e podem parecer benéficos ou ameaçadores de acordo com a atitude da personalidade envolvida. Devem ser considerados fenómenos bastante naturais, muitas vezes neutros na intenção.

Frequentemente, são formas incipientes ativadas pela personalidade que as encontra. A natureza da sua atividade será, portanto, projetada para fora pela personalidade sobre a materialização relativamente passiva. A pessoa que as encontra só tem de desviar a atenção para “desativar” o fenómeno. Isto não

significa que o fenómeno não seja real. A sua natureza é simplesmente de outro tipo e grau.

Possui alguma energia própria, mas necessita de energia adicional de um percecionador para que qualquer inter-relação ocorra. Se tal materialização parecer ameaçadora, deseja-lhe simplesmente paz e retira dela a tua atenção. Ela extrai a sua principal energia ativadora do teu foco, de acordo com a intensidade e a natureza desse foco. Não deves levar contigo os pressupostos de raiz da existência física quando viajas através destes níveis de consciência. Despoja-te de tantos quanto possível, pois podem levar-te a interpretar mal as tuas experiências.

Há outras camadas de consciência abaixo desta, mas aqui há uma tendência muito maior para uma se fundir na outra. No nível seguinte, por exemplo, é possível comunicar com vários tipos de consciência que nunca se manifestaram fisicamente, nos vossos termos — personalidades que não têm uma realidade física nem no vosso presente nem no vosso futuro, mas que estão ligadas ao vosso sistema de realidade tanto como guardiãs como custódios.

Quase todas as experiências deste nível serão representadas simbolicamente, pois, de outro modo, não teriam significado para ti. As experiências terão todas a ver, de uma forma ou de outra, com vida não física, consciência e formas não corpóreas, e com a independência da consciência em relação à matéria. Estas experiências serão sempre sustentadoras. Experiências fora do corpo estarão frequentemente envolvidas aqui, nas quais o projetor

se encontra num ambiente não terreno ou de grande beleza e grandeza.

A “substância” do ambiente terá a sua origem na mente do projetor, sendo simbólica, por exemplo, da sua ideia de vida depois da morte. Um Orador ou Oradores aparecerão sob qualquer disfarce que seja mais aceitável para o projetor, quer seja o disfarce de um deus, de um anjo ou de um discípulo. Este é o tipo de experiência mais característico deste nível.

De acordo com as capacidades e a compreensão do projetor, contudo, podem ser dadas mensagens mais completas, e pode tornar-se bastante evidente que os Oradores são, de facto, apenas símbolos de identidades maiores. Alguns serão capazes de compreender as comunicações com mais clareza. A verdadeira natureza dos Oradores não físicos poderá então ser dada a conhecer.

Projeções mais profundas nesse ambiente poderão então tornar-se possíveis. Neste estado, também podem ser vistas grandes panorâmicas de passados e futuros históricos. Todos estes níveis de consciência estão cheios da tapeçaria de várias comunicações, que podem ser seguidas de acordo com o propósito da personalidade envolvida.

As estruturas moleculares enviam as suas próprias mensagens e, a menos que estejas sintonizado para as perceber, elas podem ser interpretadas como ruído estático ou ruído sem significado. Qualquer um destes níveis de consciência pode ser atravessado

num piscar de olhos, sem que se repare nele; ou, pelo menos teoricamente, poderias passar uma vida inteira a explorar qualquer nível específico. Podes ter várias experiências bastante válidas no nível quatro, por exemplo, sem qualquer consciência dos três primeiros. Os estágios estão lá para aqueles que sabem o que são e como usá-los. Muitos encontram o seu próprio caminho de forma bastante espontânea. Os outros níveis adjacentes na linha horizontal envolvem-te agora em várias realidades alternativas, cada uma a uma distância maior da tua. Muitas delas envolvem sistemas nos quais a vida e a morte, tal como as conheces, não ocorrem, onde o tempo é sentido como peso; sistemas nos quais os pressupostos de raiz são tão diferentes dos teus que aceitarias quaisquer experiências apenas como fantasia.

Por esta razão, é muito menos provável que viagens nessas direções. Em alguns deles há impedimentos incorporados. Mesmo a projeção do teu universo para um universo de antimatéria é difícilima, por exemplo. A constituição eletromagnética até dos teus pensamentos seria adversamente afetada, e, contudo, teoricamente, isto é possível a partir de um destes níveis adjacentes de consciência.

Muitas vezes visitas tais áreas de consciência no estado de sonho, onde caís nelas espontaneamente, recordando de manhã um sonho fantástico. A consciência deve usar todas as suas partes e atividades, tal como o corpo deve fazê-lo. Quando estás a dormir, portanto, a tua consciência volta-se em muitas destas direções, percecionando muitas vezes, quer queira quer não, fragmentos de realidade que estão disponíveis para ela nos seus diferentes

estágios. Isto também acontece abaixo do teu foco físico normal, até certo ponto, mesmo enquanto te ocupas das tuas atividades de vigília. Os presentes alternativos de que falei não são simplesmente métodos alternativos de perceber um único presente objetivo. Há muitos presentes alternativos, estando tu focado apenas num deles.

Quando deixas a tua atenção oscilar, contudo, podes muitas vezes cair num estado em que percecionas momentaneamente vislumbres de outro presente alternativo. O Self inteiro, a Alma, conhece a sua realidade em todos esses sistemas, e tu, como parte dela, estás a trabalhar para alcançar o mesmo estado de autoconsciência e desenvolvimento.

Quando fores proficiente, não serás arrastado involuntariamente para outros estágios de consciência enquanto dormes, mas serás capaz de compreender e dirigir estas atividades. A consciência é um atributo da Alma, uma ferramenta que pode ser voltada em muitas direções. Tu não és a tua consciência. Ela é algo que pertence a ti e à Alma. Estás a aprender a usá-la. Na medida em que compreendes e utilizas os vários aspetos da consciência, aprenderás a compreender a tua própria realidade, e o self consciente tornar-se-á verdadeiramente consciente.

Serás capaz de perceber a realidade física porque queres fazê-lo, sabendo que ela é uma entre muitas realidades. Não serás forçado a percebê-la apenas a ela, por ignorância.¹

Os vários níveis de consciência aqui discutidos podem parecer muito afastados da consciência comum de vigília. As divisões são bastante arbitrárias. Estes vários estágios representam todos diferentes atributos e direções inerentes à tua própria Alma; pistas e indícios deles, sombras e reflexos, aparecem mesmo na consciência que conheces. Mesmo a consciência normal de vigília, portanto, não está inocente de todos os outros vestígios de existência, nem destituída de outros tipos de consciência.

¹ Excerto sobre como Seth vê os indivíduos neste tempo e lugar:

“Ninguém me perguntou como é quando eu entro em transe. Entrar em transe é simplesmente focar-me intensamente numa área altamente específica da realidade. Portanto, lanço ou projeto uma parte daquilo que sou para aqui, porque sou capaz de utilizar áreas mais amplas da minha personalidade do que aquelas com que vós estais agora familiarizados em vós próprios. Consigo fazer isto de maneira consciente e, contudo, como já mencionei, quando estou aqui encontro dificuldade em olhar para vós e relacionar-me com os selves que pensais ser dentro do vosso dado momento no tempo; pois vejo os compósitos. Por isso, é necessário algum treino da minha parte para vos localizar com precisão no tempo e no espaço com que estais familiarizados.

Vós estais conscientes dos selves que se sentam nesta sala numa determinada noite de tempestade de neve, com certos membros da turma presentes, certos membros ausentes, e algumas pessoas novas aqui. Contudo, estou familiarizado com as porções interiores dos vossos selves que também conheceis, mas que o self identificado com o Ego Exterior vos ocultou; e, por isso, tenho de pensar constantemente para mim próprio: ‘Ah, sim, a nossa Senhora de Veneza [termo afetoso de Seth para uma participante da aula] pensa que está sentada nesta sala específica, a esta hora específica, e que está a usar uma roupa azul.

Mas estou consciente de uma Senhora de Veneza, percebes, em várias manifestações diferentes, em várias existências, todas ocorrendo ao mesmo tempo. Tenho de me lembrar de que ela não está consciente destas, e, quando falo com ela, tenho de usar uma designação que faça sentido para ela neste tempo particular.

Até certo ponto, sirvo como comunicador de um nível dos vossos selves para outros níveis dos vossos selves, pois recordo-vos aquilo que sois. Esta noite tendes estado muito entregues a pensamentos sobre a morte. Pois bem, já fui muitas vezes um cadáver muito vivo; mas, nesse caso, todos vós também o fostes. As porções interiores dos vossos selves sabem muito bem isto. Afastastes-vos de mais sepulturas do que conseguis recordar — e muitos de vós, de facto, ainda vos afastareis de mais algumas. Porque vos preocupais, então, em justificar a vossa própria existência nesta hora?”

É apenas porque geralmente usas a tua consciência de vigília de maneiras limitadas que não encontras essas pistas com regularidade.

Elas estão sempre presentes. Segui-las pode dar-te alguma ideia dessas outras direções e desses outros níveis de que temos falado. Muitas vezes, por exemplo, símbolos ou imagens aparentemente sem relação podem surgir na tua mente. Normalmente ignora-los. Se, em vez disso, os reconheceres e voltares a tua atenção para eles, podes segui-los até várias outras camadas, pelo menos A-1 e A-2, com facilidade.

Os símbolos ou imagens podem mudar enquanto o fazes, de tal modo que perceções pouca semelhança entre, digamos, a imagem inicial e a seguinte. A ligação pode ser, contudo, altamente intuitiva, associativa e criativa. Muitas vezes, alguns momentos de reflexão posterior permitir-te-ão ver por que razão uma imagem se fundiu na outra. Uma única imagem pode abrir-se subitamente numa paisagem mental inteira, mas nada disto saberás se não reconheceres as primeiras pistas que estão mesmo abaixo da consciência presente, quase transparentes, se estiveres simplesmente disposto a olhar.

O foco alternativo é simplesmente um estado no qual voltas a tua consciência numa direção diferente da habitual, a fim de percecionares realidades perfeitamente legítimas que existem em simultâneo com a tua. Tens de alterar a tua perceção para percecionar qualquer realidade que não esteja orientada, em

termos práticos, para a forma material. Isto é semelhante a olhar pelo canto do olho ou da mente, em vez de olhares em frente.

Usando o foco alternativo, com prática, é possível percecionas as diferentes formações físicas que preencheram qualquer área dada do espaço, ou que a preencherão, nos vossos termos. Em alguns estados de sonho, podes visitar um determinado local e depois percecioná-lo tal como era, digamos, há três séculos e daqui a cinco anos, sem nunca compreenderes o que o sonho significava. Parece-te que o espaço só pode ser preenchido por um determinado item de cada vez, que um tem de ser removido para dar lugar a outro.

Na verdade, apenas percecionas dessa maneira. No foco alternativo, podes dispensar os pressupostos de raiz que habitualmente guardam, dirigem e limitam a tua perceção. És capaz de te afastar do momento tal como o conheces, e regressar a ele, encontrando-o ainda ali.

A consciência apenas finge curvar-se à ideia de tempo. Noutros níveis, ela diverte-se a brincar com tais conceitos e a percecionas uma grande unidade em acontecimentos que ocorrem fora de um contexto temporal — misturando, por exemplo, acontecimentos de vários séculos, encontrando harmonia e pontos de contacto ao examinar ambientes históricos e privados, arrancando-os do enquadramento temporal.

Mais uma vez, fazes isto até durante o sono. Se não o fazes no estado de vigília, é porque tens mantido a tua consciência com as rédeas demasiado apertadas.

Como foi mencionado um pouco antes neste livro, embora a tua consciência normal de vigília te pareça contínua, e habitualmente não estejas consciente de quaisquer espaços em branco, ela tem, ainda assim, grandes flutuações. Em larga medida, tem memória apenas de si mesma e das suas próprias percepções. Na consciência normal, portanto, parece não haver realmente outros tipos de consciência, nem outras áreas ou níveis.

Quando encontra “espaços em branco” e “regressa”, apaga a consciência de que ocorreu um momento de não funcionamento.

Esquece o tropeço. Não pode estar consciente de tipos alternativos de consciência enquanto permanece ela própria, a menos que sejam usados métodos que lhe permitam recuperar dessa amnésia.

Ela joga à macaca, entrando e saindo da realidade. Às vezes desaparece, e tu não estás consciente disso. Nessas ocasiões, a tua atenção está focada noutro lugar, naquilo a que poderias chamar minissonhos ou alucinações, ou processos associativos e intuitivos de pensamento que vão muito para além do foco normal.

Nessas falhas, estás a perceber outros tipos de realidade — com algo diferente da consciência normal de vigília. Quando regressas, perdes o fio. A consciência normal de vigília finge que nunca houve qualquer interrupção. Isto acontece com alguma regularidade, e em graus variáveis, entre quinze e cinquenta vezes por hora, de acordo com as tuas atividades.

Em vários momentos, muitas pessoas apanham-se a si próprias, sendo a experiência tão vívida que salta a lacuna, por assim dizer, com uma percepção tão intensa que até a consciência normal de vigília se torna consciente dela. Estes intervalos são absolutamente necessários à consciência física. Estão entretecidos no tecido da tua consciência de forma tão inteligente e íntima que colorem a tua atmosfera psíquica e afetiva.

A consciência normal de vigília entra e sai deste tecido de apoio infinito. A tua experiência interior é tão intrincada que é quase impossível descrevê-la verbalmente. A consciência normal de vigília, embora tenha memória de si mesma, obviamente não retém toda a memória durante todo o tempo. Diz-se que a memória de acontecimentos passados recua para o subconsciente. Ela continua intensamente viva, e por viva quero dizer vivente e ativa, embora não te foques nela.

As porções interiores da tua personalidade têm também memória de todos os teus sonhos. Estes existem simultaneamente e suspensos, por assim dizer, como luzes sobre uma cidade escura, iluminando várias porções da psique. Estes sistemas de memória estão todos interligados. Do mesmo modo, tens a tua memória de vidas passadas, todas bastante completas e todas a operar no sistema inteiro da memória.

Em períodos de “espaços em branco” conscientes ou certas flutuações, estes sistemas de memória são muitas vezes percecionados. Regra geral, a mente consciente, com o seu próprio sistema de memória, não os aceitará. Quando uma personalidade

percebe que tais outras realidades existem e que outras experiências com a consciência são possíveis, então ativa determinados potenciais dentro de si. Estes alteram ligações eletromagnéticas tanto dentro da mente como do cérebro e até dos mecanismos perceptivos. Reúnem reservatórios de energia e estabelecem vias de atividade, permitindo que a mente consciente aumente o seu grau de sensibilidade a tais dados. A mente consciente liberta-se de si mesma. Em grande medida, sofre uma metamorfose, assumindo funções mais amplas. Consegue perceber, pouco a pouco, algum conteúdo que antes lhe estava fechado. Já não precisa de perceber os “espaços em branco” momentâneos com medo, como indícios de não existência.

As flutuações mencionadas anteriormente são muitas vezes bastante diminutas, mas altamente significativas. A mente consciente conhece bem o seu próprio estado flutuante. Quando é levada a encarar isto, não encontra caos, nem, pior ainda, não existência, mas a fonte das suas próprias capacidades e força. A personalidade começa então a usar o seu próprio potencial.

Períodos de devaneio e momentos criativos de consciência representam ambos excelentes entradas para estas outras áreas. No estado criativo habitual da consciência, a consciência comum de vigília é subitamente sustentada por energia vinda destas outras áreas. A consciência de vigília, por si só, não te dá o estado criativo. De facto, a consciência normal de vigília pode ter tanto medo dos estados criativos como dos estados em branco, pois pode sentir que o “eu” está a ser empurrado para o lado, pode sentir o impulso ascendente de uma energia que talvez não compreenda.

É precisamente nos pontos baixos da flutuação que tais experiências têm origem, pois a consciência normal está momentaneamente num estado fraco e num período de repouso. Todo o organismo físico passa, novamente, por essas flutuações normais, que habitualmente passam despercebidas. Estes períodos também flutuam, seguindo ritmos que têm a ver com a personalidade característica. Em alguns, as ondas de movimento são comparativamente longas e lentas, com vales inclinados; noutros, o inverso é verdadeiro.

Em alguns, as falhas são mais perceptíveis, fora da norma. Se a situação não for compreendida, então a personalidade poderá ter dificuldade em relacionar-se com acontecimentos físicos. Se for capaz de perceber as outras áreas de consciência, poderá encontrar-se em dificuldade ainda maior — sem perceber que ambos os sistemas de realidade são válidos.

As flutuações também seguem mudanças sazonais. Acontecimentos de qualquer camada da consciência refletem-se em todas as outras áreas, sendo cada um atualizado de acordo com as características da camada específica. Tal como um sonho é como uma pedra lançada na piscina da consciência onírica, também qualquer ato aparece nessa piscina sob o seu próprio disfarce. O foco alternativo permite-te perceber as muitas manifestações de qualquer ato dado, a verdadeira realidade multidimensional de um determinado pensamento. Enriquece a consciência normal.

Estás ativo nestas outras camadas, quer estejas consciente disso quer não. Aprendes não apenas na vida física e no estado de sonho,

mas também nestas existências interiores das quais não tens memória. Capacidades criativas de natureza específica, ou capacidades de cura, são muitas vezes treinadas desta maneira, só depois emergindo na atualidade física.

Os teus pensamentos e atos futuros são tão reais nestas dimensões como se já tivessem ocorrido, e fazem parte do teu desenvolvimento tanto quanto eles. És formado não apenas pelo teu passado, mas pelo teu futuro e por existências alternativas. Estas grandes interações são apenas uma parte do enquadramento da tua Alma. Podes, portanto, mudar a realidade presente tal como a compreendes a partir de qualquer uma destas outras camadas de consciência.

Qualquer uma destas várias camadas de consciência pode ser usada como consciência normal operativa, sendo a realidade vista a partir desse ponto de vista específico.

A realidade física é, portanto, vislumbrada por outros tipos de personalidades, em outros sistemas, a partir dos seus próprios pontos de vista únicos. Espreitando-a desse ângulo, por assim dizer, não a reconhecerias como o teu próprio sistema de origem. A partir de alguns destes pontos de vista, a vossa matéria física tem pouca ou nenhuma permanência, enquanto, para outros observadores, os vossos pensamentos têm contorno e forma, embora vós próprios não os perceçioneis desse modo.

Ao viajarem pelos estados de consciência, estas outras personalidades tentariam alcançar algum foco e percecionar o vosso

ambiente, procurando dar sentido a dados com os quais estão, em grande medida, pouco familiarizadas. Uma vez que muitas delas não estão conscientes da vossa ideia de tempo, teriam dificuldade em compreender que percecionais os acontecimentos com intervalos entre eles, não percecionariam a organização interior que projetais sobre o vosso ambiente normal. O vosso é, obviamente, também um sistema provável para outros campos tocados pelo campo das probabilidades.

Tal como estes sistemas são adjacentes ao vosso, também o vosso é adjacente a eles; o foco alternativo permite, portanto, que personalidades de outras realidades percecionem a vossa, tal como pode, pelo menos teoricamente, permitir-vos um vislumbre da existência delas.

Síntese Operativa

Este capítulo aprofunda a consciência como instrumento móvel da Alma. Seth deixa de falar apenas de sonhos, símbolos ou estados interiores em geral, e começa a mapear direções específicas de foco: A-1, A-1-a, A-1-b, A-1-c, A-2, A-3, A-4, A-5 e outros níveis mais difíceis de descrever. Cada nível permite perceber a realidade a partir de uma posição diferente.

A função central do capítulo é esta:

a consciência não é uma identidade fixa, mas uma ferramenta da Alma que pode ser voltada em muitas direções. Ao mudar de foco, a personalidade pode aceder a presentes alternativos, passados prováveis, futuros prováveis, sistemas reencarnacionais, camadas planetárias, comunicações intertemporais e realidades adjacentes.

1. A consciência normal de vigília não é o único ponto de partida

Seth começa pela consciência normal de vigília, porque é o ponto que o leitor conhece.

consciência normal de vigília → foco físico habitual → percepção do corpo e do ambiente físico

Mas logo ao lado dela existe outro nível: A-1.

vigília comum → A-1 → estado adjacente

A-1 não está longe. Todos deslizam para ele sem saber, mas raramente o reconhecem.

2. A-1 como plataforma lateral

A-1 é uma plataforma lateral da consciência.

A-1 → desvio lateral → observação mais clara do momento físico

Não é ainda um mergulho profundo para fora da realidade física. Continua ligado ao sistema físico, mas permite observá-lo a partir de outro ângulo.

A partir de A-1, a personalidade pode:

- entrar no corpo
- percecionar órgãos
- observar pensamentos
- examinar padrões emocionais

- trabalhar simbolicamente com imagens
- corrigir condições físicas
- meditar, estudar, repousar, criar

A-1 funciona como um laboratório interior aplicado ao presente físico.

3. O corpo visto a partir de dentro

No estado comum, a personalidade vê o corpo de fora.

vigília comum → corpo visto como objeto exterior

Em A-1, pode perceber o corpo por dentro.

A-1 → corpo como ambiente interior → órgãos, energia, padrões físicos

A consciência pode entrar no próprio corpo ou no corpo de outra pessoa, não como fantasia, mas como foco perceptivo interior.

corpo → paisagem viva → matéria manipulável a partir de dentro

Isto transforma a relação com o organismo físico: o corpo deixa de ser apenas veículo e passa a ser campo consciente de interação.

4. Pensamentos como paisagem interior

Em A-1, os conteúdos da mente podem tornar-se visíveis de forma simbólica.

pensamentos → símbolos → paisagem mental

Pensamentos confusos podem aparecer como ervas daninhas. A pessoa pode arrancá-los e substituí-los por imagens mais construtivas.

pensamento confuso → erva daninha → remoção simbólica → reorganização mental

A imagem não é apenas metáfora decorativa. É um modo de intervir sobre o conteúdo mental.

5. Padrões emocionais como clima e movimento

Os pensamentos tendem a aparecer como estruturas mais estacionárias.

pensamentos → árvores / casas / flores / paisagens

Os padrões emocionais aparecem com maior mobilidade.

emoções → água / vento / clima / céus / cores em mudança

Isto mostra a diferença funcional entre pensamento e emoção:

pensamento → estrutura

emoção → movimento, carga, atmosfera

Uma afeção física pode ser compreendida ao observar os pensamentos e padrões emocionais que lhe deram origem.

6. Cura em três níveis

Seth descreve uma operação em três níveis:

corpo → pensamentos → emoções

Primeiro, a pessoa observa a afeção no corpo. Depois, examina os pensamentos associados. Por fim, observa o padrão emocional que sustenta ou alimenta a condição.

condição física → padrão mental → padrão emocional → ajustamento

A cura é apresentada como reorganização simultânea de matéria, pensamento e emoção.

7. A-1-a: presentes alternativos pessoais

A partir de A-1, a consciência pode dar um passo lateral para A-1-a.

A-1 → A-1-a → presentes alternativos pessoais

Este nível permite explorar decisões alternativas.

decisão A → presente alternativo A → futuro provável A

decisão B → presente alternativo B → futuro provável B

decisão C → presente alternativo C → futuro provável C

O indivíduo pode experienciar, observar e avaliar os efeitos físicos, mentais, emocionais e ambientais de cada decisão.

8. Presentes alternativos não são imaginação

Seth insiste que estas probabilidades são realidades.

presente alternativo → realidade provável

Não se trata de imaginar de forma abstrata “o que aconteceria se...”. Trata-se de entrar, a partir de um estado específico de consciência, no presente que corresponde à decisão tomada.

decisão provável → presente muda → acontecimentos fluem desse presente

O presente alternativo é o ponto onde uma decisão diferente já organiza outro encadeamento de acontecimentos.

9. Decidir com informação de várias linhas

A função prática de A-1-a é permitir que a personalidade regresse à consciência normal com mais informação.

A-1-a → exploração de alternativas → regresso à vigília → decisão informada

A decisão final continua a ser tomada no estado normal de consciência. O livre-arbítrio permanece.

A diferença é que a personalidade decide depois de ter sentido os efeitos prováveis de cada linha.

experiência provável → discernimento → escolha física

10. A-1-b: presentes de grupo e probabilidades de massas

A-1-b amplia a escala.

A-1-a → decisões pessoais

A-1-b → presentes de grupo → probabilidades de massas → civilizações

Este nível lida com grupos, povos, movimentos coletivos e direções civilizacionais.

Seria útil para políticos e estadistas, porque permite sondar tendências de massas e consequências prováveis de escolhas coletivas.

decisão coletiva → presente de grupo → futuro civilizacional provável

11. Passados prováveis e civilizações desaparecidas

A-1-b também pode ser usado para sondar passados prováveis.

passado provável → ruínas antigas → civilizações desaparecidas

Mas é necessário procurar o passado provável específico no qual essas civilizações existiram.

não há um único passado → há linhas prováveis de passado

Este ponto liga o capítulo à ideia já trabalhada anteriormente: a História conhecida é apenas uma linha de probabilidades.

12. A-1-c: maior mobilidade e participação

A-1-c é uma extensão mais afastada.

A-1-c → maior liberdade → maior mobilidade → participação nos acontecimentos percebidos

Aqui a consciência não apenas observa; começa a participar mais diretamente.

Mas Seth não aprofunda muito este nível, porque conduz a realidades com pouca referência ao sistema físico habitual.

maior afastamento → menor relação com a realidade humana comum

13. Eixo horizontal e eixo vertical

O capítulo organiza a consciência em dois movimentos principais.

Movimento horizontal:

A-1 → A-1-a → A-1-b → A-1-c

Este movimento explora níveis adjacentes.

lado → presentes alternativos → probabilidades → realidades paralelas

Movimento vertical:

A-1 → A-2 → A-3 → A-4 → A-5

Este movimento aprofunda camadas de consciência.

profundidade → passado → reencarnação → planeta → ideias latentes → comunicação intertemporal

A cartografia não é espacial no sentido físico. É uma analogia funcional para organizar direções de foco.

14. A-2: passados reencarnacionais

A-2 é mais profundo e menos fisicamente orientado do que A-1.

A-2 → passado → personalidades passadas → origem reencarnacional de padrões

Se uma afeção não puder ser resolvida em A-1, pode ter origem noutra existência e exigir acesso a A-2.

afeção atual → origem noutra existência → A-2

Aqui podem aparecer aspetos mentais, físicos e emocionais de personalidades passadas.

15. A-3: história planetária e memória da Terra

A-3 amplia ainda mais o campo.

A-3 → história planetária → povos → animais → eras geológicas

Este nível lida com movimentos de terra, história do planeta, camadas de gás e carvão, eras que transformaram a Terra, história dos animais e dos povos.

A consciência deixa de estar centrada apenas na biografia pessoal e passa a tocar camadas planetárias.

memória pessoal → memória reencarnacional → memória planetária

16. A-4: ideias antes da matéria

A-4 leva a um nível abaixo das formações da matéria.

A-4 → ideias e conceitos → antes da representação física

Aqui são percebidas ideias que ainda não apareceram na realidade física conhecida.

ideia latente → conceito incipiente → possível futura materialização

Deste nível vêm muitas inspirações profundas, grandes invenções, inovações e conversões pessoais intensas.

17. A-4 como reservatório de potenciais

A-4 é um enorme reservatório.

A-4 → blocos de construção → sistemas prováveis → invenções → desenvolvimentos latentes

O material disponível pode ou não ser reconhecido por uma personalidade.

potencial disponível → interesse + capacidade + desejo → reconhecimento

Sem procura consciente ou forte desejo inconsciente, os dons permanecem sem uso.

potencial não reivindicado → permanece latente

Isto mostra que o acesso não é automático: depende da orientação, interesse e abertura da personalidade.

18. Estados de consciência como planícies

Seth corrige a imagem demasiado vertical dos níveis.

nível → não apenas profundidade → planície ampla a explorar

Cada estado de consciência é como uma vasta planície, cheia de áreas adjacentes e caminhos possíveis.

estado → campo amplo → caminhos → direções segundo interesse e desejo

A consciência não desce por uma escada rígida; desloca-se por campos vivos.

19. A-5: comunicação entre consciências através do tempo

A-5 abre uma dimensão rara.

A-5 → comunicação entre personalidades de qualquer tempo, lugar ou sistema provável

Neste nível, personalidades passadas, futuras e prováveis podem comunicar claramente.

passado ↔ futuro

artistas ↔ artistas

personalidades conhecidas ↔ personalidades desconhecidas

É um terreno de encontro entre consciências.

20. O futuro fala ao passado

Em A-5, a comunicação atravessa os séculos.

futuro → passado

passado → futuro

Seth afirma que Leonardo da Vinci conhecia Picasso, por exemplo.

Isto não deve ser lido em termos de cronologia física, mas como comunicação num nível onde passado, presente e futuro não existem como separações absolutas.

tempo histórico → aparência

comunicação da consciência → simultaneidade

21. Grandes artistas e comunicação intertemporal

Os grandes artistas operam frequentemente neste nível.

artista → foco histórico exterior + comunicação intertemporal interior

Apenas as porções mais exteriores das suas personalidades se curvam ao período histórico.

O artista vive no seu tempo, mas comunica com padrões, imagens e consciências que atravessam tempos.

obra criativa → ponto de contacto entre séculos

22. Não apenas os grandes participam

Seth esclarece que esta comunicação não é exclusiva dos grandes nomes.

grande simplicidade → abertura → participação

Muitos dos mais humildes, nos termos humanos, também participam nesta conversa universal.

humildade / simplicidade → acesso à comunicação profunda

A comunicação da consciência não depende apenas de estatuto histórico, fama ou reconhecimento exterior.

23. A conversa interminável do universo

Há uma conversa interminável a decorrer por todo o universo.

consciências → comunicação contínua → problemas discutidos → soluções partilhadas

Neste nível, problemas já enfrentados e problemas ainda futuros são discutidos.

passado → experiência

futuro → possibilidade

presente → campo de aplicação

Este é o coração da comunicação.

24. Experiências que transformam sem memória consciente

A informação recebida nestes níveis nem sempre é recordada pela consciência normal.

experiência interior → sem memória física → alteração da vida

Mesmo sem memória consciente, uma experiência pode mudar completamente a estrutura de uma vida individual.

comunicação interior → mudança de direção → desastre evitado

A ausência de lembrança não implica ausência de efeito.

25. Fantasia, ficção e arte como traduções

Experiências destes níveis podem aparecer como fantasia, ficção ou obra de arte.

experiência interior → tradução simbólica → imaginação / arte / narrativa

O self consciente pode não reconhecer a origem do conteúdo.

origem profunda → forma criativa → expressão física

A criatividade torna-se um canal de tradução entre níveis de consciência.

26. Formas-pensamento e manifestações de energia

Em vários níveis podem aparecer formas-pensamento, manifestações de energia, projeções do subconsciente pessoal e projeções do inconsciente coletivo.

forma-pensamento → manifestação simbólica

energia → figura / ambiente / presença

subconsciente pessoal → projeção

inconsciente coletivo → projeção

Esses fenômenos podem parecer benéficos ou ameaçadores conforme a atitude da personalidade.

27. Fenômenos ativados pelo foco

Muitas destas formas são relativamente passivas até serem ativadas pela personalidade que as encontra.

forma incipiente → foco do percecionador → ativação

A figura pode parecer ameaçadora se o observador projetar medo sobre ela.

medo → ameaça

paz + retirada de atenção → desativação

O fenómeno é real, mas a sua atividade depende em parte da energia recebida do foco.

28. Não levar pressupostos físicos para outros níveis

Seth adverte que não se devem levar os pressupostos de raiz da existência física para estas viagens.

pressupostos físicos → interpretação errada

despojamento percetivo → maior clareza

Se a personalidade interpreta tudo como se estivesse no mundo físico, distorce o que encontra.

outro nível → outras regras → outra leitura

29. Consciências não fisicamente manifestadas

Em níveis mais profundos, é possível comunicar com consciências que nunca se manifestaram fisicamente.

consciência não física → sem presente físico → sem futuro físico
→ ligação ao sistema humano

Estas consciências funcionam como guardiãs e custódios do sistema de realidade.

guardiões / custódios → apoio ao sistema → comunicação simbólica

Quase tudo neste nível será representado simbolicamente, porque de outro modo não teria significado para a personalidade humana.

30. Oradores como símbolos de identidades maiores

Neste nível, Oradores podem aparecer sob a forma mais aceitável para o projetor.

Orador → deus / anjo / discípulo / guia

A figura apresentada depende da estrutura simbólica do próprio projetor.

Mas, com maior compreensão, torna-se evidente que os Oradores são símbolos de identidades maiores.

símbolo → Orador → identidade maior

A imagem é a porta, não o limite da realidade comunicante.

31. A tapeçaria das comunicações

Todos estes níveis estão cheios de comunicações.

níveis de consciência → mensagens → imagens → sinais → estruturas → tapeçaria comunicante

Mesmo estruturas moleculares enviam mensagens.

moléculas → mensagens próprias → ruído para quem não está sintonizado

Aquilo que parece ruído pode ser comunicação não decifrada.

32. Níveis atravessados sem consciência

Qualquer nível pode ser atravessado num instante sem que a personalidade repare.

passagem rápida → sem reconhecimento → sem memória

Ou, teoricamente, a consciência poderia passar uma vida inteira a explorar um único nível.

nível específico → campo vasto → exploração contínua

A profundidade da experiência depende da capacidade de reconhecimento e uso.

33. Realidades adjacentes e sistemas radicalmente diferentes

Na linha horizontal, há realidades alternativas cada vez mais afastadas.

realidade humana → níveis adjacentes → sistemas com pressupostos diferentes

Alguns sistemas não possuem vida e morte como os conhecemos. Noutros, o tempo pode ser sentido como peso.

tempo → não sequência → peso

Quanto mais diferentes forem os pressupostos de raiz, mais provável é que a experiência seja rejeitada como fantasia.

34. O sonho como visita espontânea a outras áreas

Durante o sono, a consciência visita muitas destas áreas espontaneamente.

sono → deslocação de foco → fragmentos de realidades → sonho fantástico

O sonho pode ser a recordação parcial de uma passagem por níveis que a consciência normal não compreende.

experiência real → tradução onírica → fantasia aparente

35. Muitos presentes alternativos

Os presentes alternativos não são formas diferentes de perceber um único presente objetivo.

não → um presente visto de várias maneiras

sim → muitos presentes alternativos

A Personalidade de Foco está concentrada apenas num deles.

Alma → conhece a realidade em todos os sistemas

Personalidade de Foco → aprende a ampliar autoconsciência

36. A consciência como atributo da Alma

Seth fecha o capítulo com uma distinção decisiva.

tu ≠ consciência

consciência → atributo da Alma → ferramenta orientável

A consciência pertence à Alma e à identidade, mas não esgota aquilo que tu és.

Alma → usa consciência

Personalidade de Foco → aprende a usar consciência

O objetivo não é deixar de perceber a realidade física, mas percebê-la livremente, sabendo que é uma entre muitas.

37. Liberdade perceptiva

A evolução da consciência conduz a uma liberdade percetiva.

ignorância → percepção física exclusiva

conhecimento → escolha consciente do foco físico

A personalidade deixará de ser forçada a perceber apenas a realidade física por desconhecimento.

realidade física → uma entre muitas → escolhida, não imposta

Esta é a maturação do self consciente: tornar-se verdadeiramente consciente.

Estrutura Operativa do Capítulo

consciência normal de vigília → A-1 → corpo / mente / emoções / cura

A-1 → A-1-a → presentes alternativos pessoais

A-1-a → decisões alternativas → futuros prováveis

A-1-b → presentes de grupo → probabilidades de massas → civilizações

A-1-c → maior mobilidade → realidades mais afastadas

A-1 → A-2 → passados reencarnacionais

A-2 → A-3 → história planetária

A-3 → A-4 → ideias antes da matéria

A-4 → potenciais latentes → invenções → conversões → sistemas prováveis

A-5 → comunicação intertemporal entre consciências

experiência interior → símbolo / arte / fantasia / ficção

formas-pensamento → foco → ativação / desativação

consciências não físicas → Oradores → símbolos de identidades maiores

sonho → visita espontânea a níveis de consciência

presente alternativo → realidade, não perspectiva subjetiva

consciência → ferramenta da Alma

realidade física → escolhida conscientemente, não percebida por ignorância

Núcleo Operativo

O Capítulo 19 mostra que a consciência pode ser usada como instrumento de navegação entre realidades. Seth apresenta uma cartografia funcional: alguns níveis movem-se lateralmente, conduzindo a presentes alternativos e probabilidades; outros aprofundam a percepção, conduzindo a passados reencarnacionais, memória planetária, ideias latentes e comunicação intertemporal.

A-1 funciona como plataforma prática para observar e reorganizar o corpo, a mente e os padrões emocionais. A-1-a permite explorar presentes alternativos pessoais; A-1-b amplia a escala para probabilidades de massas e movimentos civilizacionais; A-2 abre a memória reencarnacional; A-3 aproxima a consciência da história planetária; A-4 dá acesso a ideias antes da matéria; A-5 abre comunicação cristalina entre consciências de diferentes tempos, lugares e sistemas prováveis.

O capítulo também mostra que muitas experiências interiores não chegam à memória física, mas podem transformar a vida. Podem surgir como arte, fantasia, ficção, sonho, intuição ou mudança súbita de direção. A mente consciente, quando se reconhece como flutuante, deixa de temer os espaços em branco e descobre neles a fonte das suas capacidades.

Por fim, Seth desloca a identidade para além da consciência habitual. A consciência não é aquilo que tu és em absoluto; é uma ferramenta da Alma. Aprender a usá-la significa deixar de estar

preso à realidade física por ignorância e passar a perceber a realidade livremente, sabendo que é uma entre muitas realidades.

Formulação final

O Capítulo 19 apresenta a consciência como ferramenta móvel da Alma. Através de diferentes focos, a personalidade pode explorar o corpo, a mente, os padrões emocionais, presentes alternativos, passados reencarnacionais, memórias planetárias, ideias ainda não materializadas, comunicações intertemporais e realidades adjacentes. O presente físico não é o único presente, nem a consciência de vigília é o único modo de percepção. Os espaços em branco, os sonhos, os devaneios e os momentos criativos são aberturas para essas outras camadas. À medida que o self consciente aprende a reconhecer e dirigir estes focos, deixa de ser prisioneiro da realidade física e passa a escolhê-la conscientemente como uma entre muitas realidades possíveis.

CAPÍTULO 20

Perguntas e Respostas

Conforme Seth instruíra na sessão anterior, eu tinha compilado uma lista de perguntas para este capítulo. Não estava completa, mas, surpreendentemente, já ocupava cinco páginas datilografadas e continha cerca de cinquenta e duas perguntas. Muitas eram minhas, mas também consultei Jane. A lista incluía algumas das muitas perguntas interessantes feitas por Sue Watkins; tínhamo-las guardado, juntamente com outras levantadas por nós e por outras pessoas em ligação com várias sessões anteriores. Todas as perguntas, pensámos nós, tinham uma qualidade intemporal.

Mais cedo, nesse dia, disse a Jane que receava que as perguntas não fossem muito representativas do livro de Seth, e que reunir uma lista verdadeiramente relevante exigiria um estudo íntimo de cada capítulo. Naturalmente, não tínhamos feito isso — em parte por limitações de tempo; em parte porque Jane não queria envolver-se conscientemente a esse ponto. Restava-nos esperar que, intuitivamente, a lista fosse adequada.

Sentámo-nos para a sessão às 21h00, como quase sempre fazemos, mas Seth não apareceu com a sua habitual prontidão. À medida que o tempo passava, Jane disse que achava estar algo tensa por causa das perguntas; tinha-as lido depois do jantar. A

sessão realizou-se no meu estúdio, para haver mais privacidade. Finalmente, Jane tirou os óculos.

— *Boa noite.*

— Boa noite, Seth.

— *Começa com a tua famosa lista de perguntas.*

— Bem, primeiro vou ler-te este parágrafo que encabeça a lista: Algumas destas perguntas podem referir-se a temas que pretendes abordar em capítulos posteriores. Se for esse o caso, diz-nos e passaremos simplesmente por elas, para serem consideradas nesse capítulo.

— *Assim farei.*

— Certo. Uma das perguntas tem a ver com o facto de que disseste que nos falarias do terceiro Cristo. O que nos podes dizer sobre ele, e mais acerca das outras duas personalidades pertencentes à entidade Cristo, o próprio Cristo e João Batista?

— *Deixemos as perguntas religiosas por agora.*

— Isso inclui dados sobre os Oradores?” Eu tencionava fazer várias perguntas sobre os Oradores.

— Não — apenas as perguntas sobre as religiões do mundo e aquelas que dizem respeito ao terceiro Cristo e a temas relacionados.

— Está bem. Outra pergunta: A afirmação feita por Jane, enquanto falava por ti, estava correta quando disse que houve milhões de Oradores? Ou isso foi distorcido?

— Não foi distorcido. Os Oradores são dotados de acordo com o seu próprio carácter, alguns possuindo muito mais capacidades do que outros, mas todos desempenhando papéis na comunicação de dados interiores. Nos vossos termos, portanto, alguns Oradores seriam muito mais realizados do que outros. Por exemplo, houve um número muito menor de Oradores verdadeiramente proeminentes do que o número indicado. Houve menos de trinta grandes Oradores.

— A entidade Cristo foi um deles. Buda foi outro. Estes Oradores são tão ativos quando não são físicos como quando são físicos. A entidade Cristo teve muitas reencarnações antes da emergência da "personalidade" de Cristo tal como é conhecida; o mesmo aconteceu com Buda.

— Os maiores Oradores não se limitam a traduzir e comunicar dados interiores; vão também muito mais longe nesses reinos interiores da realidade do que outros ligados ao vosso sistema físico. Acrescentam, portanto, algo aos dados interiores básicos. Os maiores Oradores não precisaram do treino intensivo necessário à

maioria. A sua combinação única de características tornou isso desnecessário.

— Noutro nível, Emerson foi um Orador¹.

— Um homem chamado Maubundu, em África, 14 a.C. Os Oradores, mais do que a maioria, são altamente ativos através de todos os aspetos da existência, quer física quer não física, acordados ou a dormir, entre vidas ou noutros níveis de realidade. Tal como certos dados físicos são transportados na estrutura genética, também esta informação interior é codificada em quaisquer estruturas psíquicas que os Oradores possam habitar; mas está muito mais prontamente disponível para eles do que para outras personalidades. Muitas vezes, contudo, precisa de pontos de ativação para ser libertada. Estes podem ocorrer tanto no estado de vigília como no estado de sonho, e servem para abrir os reservatórios de conhecimento e tornar disponível o treino passado.

— Sei que uma das tuas perguntas tem que ver com um primeiro Orador.

— Sim. É possível nomear, ou descrever, um primeiro Orador?

— Em termos mais amplos, não houve primeiro Orador. Imagina que querias estar em dez lugares ao mesmo tempo, e que, de facto, enviavas uma porção de ti mesmo para cada um desses dez

¹ Referência provável a Ralph Waldo Emerson (1803–1882), escritor, ensaísta e filósofo norte-americano ligado ao transcendentalismo.

lugares. Imagina que podias dispersar-te nessas dez direções, e que cada uma dessas dez porções era consciente, alerta e ciente.

— Tu — sendo os dez de ti — estarias consciente da existência em cada um dos dez lugares. Seria impossível perguntar qual dos dez chegou primeiro, exceto dizer que todos começaram com o original que decidiu visitar os dez locais. O mesmo se passa com os Oradores, que, da mesma maneira, não têm origem nos locais nem nos tempos em que podem aparecer.

— Bem, isso leva-me a outra questão na qual já começaste a entrar: Qual é a fonte original dos dados dos Oradores? De onde vieram, e quando?

— A fonte original dos dados dos Oradores é o conhecimento interior da natureza da realidade que existe dentro de cada indivíduo. Os Oradores existem para manter viva essa informação em termos físicos, para garantir que os homens não a enterrem dentro de si nem a bloqueiem, e para trazer essa informação à atenção do self consciente.

— Por outras palavras, falam os segredos interiores. Em algumas civilizações, como já foi mencionado anteriormente neste livro, desempenharam um papel muito mais determinante, em termos práticos. Por vezes, estavam consistente, consciente e diretamente cientes dessa informação a partir do foco do Ego Exterior. Foi então que ela foi memorizada. Perceberam que estava sempre disponível a nível inconsciente.

— *Contudo, imprimiram-na no cérebro físico através do uso da memória. Houve sempre uma grande interação entre a existência interior e a exterior, tal como há hoje. Informação válida obtida no estado de sonho era memorizada de manhã. Um Orador ouvia a lição de outro no estado de sonho. Por outro lado, dados físicos pertinentes também eram comunicados de uns para os outros no estado de sonho, e ambos os estados eram utilizados em elevado grau.*

— Os Oradores podem trabalhar connosco enquanto estão entre vidas físicas?

— *Podem, e fazem-no de facto. Ambos estão a ser treinados por outros Oradores que se encontram entre vidas, e isso ocorre nos vossos estados de sonho. Os próprios Oradores atingem, obviamente, graus variáveis de eficiência.*

— Quem nos está a treinar? Conhecemo-los de vidas passadas, etc.?

— *A maior parte do seu trabalho é feita a partir de um estado não físico, sendo as existências terrenas algo semelhantes a excursões de campo muito importantes.*

— No Capítulo Dezassete disseste que seria necessário mais treino da parte de Jane antes de ela poder transmitir um manuscrito dos Oradores, e que, mesmo assim, o trabalho envolvido poderia levar cinco anos. Que tipo de treino?

— *Eu falava especificamente daquilo a que chamaríeis um antigo manuscrito dos Oradores, e pensei que era a isso que te referias.*

— Sim.

— *Ruburt não estaria familiarizado com muitas das palavras e expressões utilizadas, mesmo que fosse feita uma tradução das línguas originais. Há diferença até em alguns conceitos básicos. Para manter qualquer pureza de tradução, seria necessário treino em diferentes tipos de percepção interior. Algumas destas línguas lidavam com imagens em vez de palavras. Em algumas, os símbolos tinham significados multidimensionais. Transmitir tal informação através de Ruburt seria uma tarefa imensa, mas é possível. Muitas vezes, palavras estavam escondidas dentro de imagens, e imagens dentro de palavras. Falamos de manuscritos, mas a maioria destes não foi escrita.*

— *Alguns foram, mas em datas muito posteriores, e porções deles existem no subsolo e em cavernas — na Austrália, em partes de África e numa área dos Pirenéus.*

— Não dirias então que estas sessões são treino de Orador para Jane e para mim, elevado a um nível consciente?

— *São, de facto. A informação interior tem de ser conscientemente reconhecida. Nos vossos termos, quando um indivíduo está na sua última vida física, todas as porções da personalidade já estão familiarizadas com essa informação no*

momento da morte. A personalidade não é arrastada ao acaso de volta para outra existência terrena, como poderia acontecer de outro modo.

— As camadas da personalidade conscientemente orientadas para a realidade física — mente consciente, Ego Exterior, identidade de vigília — tornam-se familiarizadas com a informação interior. Até certo ponto, a realidade do pensamento é conscientemente percebida como o elemento inovador por detrás da matéria física. Tal indivíduo pode então compreender a natureza das alucinações no momento da morte e entrar no plano seguinte de existência com plena consciência. A informação tornada consciente é então transmitida a outros, onde pode ser fisicamente reconhecida e aplicada.

— Disseste-nos que irias desenvolver aquilo que percecionas quando falas através de Jane para uma sala cheia de pessoas. Nessa sessão da aula de PES, mencionaste que tu próprio entras em transe, e o esforço que te é exigido para nos localizares no nosso tempo e espaço.

— Eu perceciono as pessoas numa sala de uma maneira muito diferente daquela como elas se percecionam a si mesmas; as suas várias personalidades reencarnadas passadas e futuras, mas não os seus selves prováveis, são percecionáveis para mim.

— Eu “vejo” os aspetos reencarnacionais, as várias manifestações assumidas nesse sentido. Nos vossos termos, seria

como se visses uma série de imagens em movimento rápido, todas representando várias poses de uma só personalidade. Em todas as comunicações com aqueles que estão na sala, tenho de me lembrar de limitar as minhas observações e o meu foco ao "self presente" reencarnacional específico.

— Eu próprio vejo essa imagem composta. Ela não é registrada pelos olhos de Ruburt, que não possuem a percepção de profundidade multidimensional necessária. Vejo claramente a imagem composta, quer esteja ou não a olhar através dos olhos de Ruburt. Uso os olhos dele porque reduzem o foco para mim, concentrando-o no único self "presente" de que o indivíduo está consciente.

— Comunicar com o vosso sistema desta maneira exige grande diligência e ainda maior discriminação, de acordo com a "distância" do comunicador em relação ao sistema físico. Eu não estou baseado dentro do sistema físico, por exemplo. A discriminação aplica-se à precisão necessária para entrar na vossa realidade no tempo exato, no ponto exato de tempo e espaço no qual estais concentrados.

— A experiência presente e futura daqueles que estão na sala está disponível para mim, e é tão real como a sua experiência presente. Portanto, tenho de me lembrar daquilo que eles pensam que já aconteceu, ou que ainda não ocorreu, pois, para mim, tudo isso é uma só coisa. Estes padrões de atividade, contudo, estão também constantemente a mudar. Digo, por exemplo, que estou consciente das suas ações e pensamentos passados e futuros; e,

contudo, aquilo de que estou consciente, na verdade, são padrões em contínua deslocação e transformação, tanto no futuro como no passado.

— Alguns dos acontecimentos que vejo muito claramente ligados a essas pessoas no futuro podem não ocorrer no vosso sistema físico. Existem como probabilidades, como potenciais, atualizados em pensamentos, mas não transformados em forma física definida. Disse-te que nenhum acontecimento estava predeterminado. Eu teria de me sintonizar com uma data futura, nos vossos termos, e sondá-la com todas as suas ramificações, para determinar quais das ações prováveis que vira no vosso "antes" seriam atualizadas no vosso "depois".

— Em grande medida, os métodos de comunicação podem variar. Uma personalidade baseada na realidade física, entre vidas, por exemplo, encontraria a entrada muito mais fácil em muitos aspetos. A informação que conseguiria dar, contudo, também seria limitada pela sua experiência. Eu tenho, no entanto, memória da existência física, e isso ajuda-me automaticamente a traduzir os vossos dados mentais em forma física. Perceciono objetos, por exemplo. Usar o mecanismo de Ruburt também é de grande ajuda aqui. Por vezes, vejo a sala e as pessoas como ele as vê, ou melhor, como os seus mecanismos percetivos as veem.

— Nesse caso, traduzo ou leio esses dados e uso-os como tu poderias usar os dados de um computador. Isto responde à tua pergunta?

— Excelentemente.

— Vais falar-nos de algumas das maneiras como contactaste Jane antes de estas sessões começarem?

— *Mencionei parte disso num capítulo anterior. Grande parte do treino dela, enquanto Jane, ocorreu no estado de sonho. Houve frequentes projeções fora do corpo, nas quais ela assistia a aulas, inicialmente ensinadas por vários Oradores. A informação adquirida era muitas vezes trazida às camadas conscientes através da poesia.*

— *Houve um treino concentrado que lhe permitiu focar-se para dentro; um ambiente exterior que a forçou a procurar respostas interiormente; e uma forte estrutura religiosa dentro da qual o crescimento inicial pôde ocorrer. Isso basta.*

— Tens algum interesse em percecionar as nossas vidas diárias quando não estás a falar através de Jane? Isso é possível?

— *Não faço disso uma prática de observação. Estamos, contudo, ligados na nossa gestalt psíquica, e, por isso, estou consciente de quaisquer emoções intensas da vossa parte, ou de reações fortes de qualquer tipo. Isto não significa que eu esteja necessariamente consciente de todos os acontecimentos das vossas vidas, nem que decomponha sempre em pormenores específicos as impressões que recebo de vós.*

— *Estou, portanto, geralmente consciente da vossa condição. Se alguma coisa perturba Ruburt, ele envia-me automaticamente mensagens acerca disso. Estou consciente, dentro das limitações mencionadas, dos acontecimentos futuros nas vossas vidas. Preocupo-me muito mais com a vossa vitalidade espiritual global do que com aquilo que tomaram ao pequeno-almoço.*

— Se tudo existe agora, ou de uma só vez, como pode ser acrescentado através de criação e expansão constantes? Ou, dito de outra forma, se estamos constantemente a criar, como pode Tudo O Que É existir agora como completo?

— *Tudo O Que É não está feito nem acabado.*

— *Tudo dentro do vosso sistema tridimensional ocorre simultaneamente. Cada ação cria outras possibilidades de si mesma, ou outras ações a partir da energia infinita do universo, que nunca está imóvel. A resposta é que o todo é mais do que a soma das suas partes.*

— *Tudo O Que É cria-se a si mesmo simultânea e incessantemente. Apenas dentro do vosso enquadramento particular de referência parece haver contradição entre uma ação que é simultânea e, contudo, interminável. Isto tem que ver sobretudo com as distorções necessárias que surgem do vosso conceito de tempo e da ideia de duração; pois, para vós, duração pressupõe existência continuada dentro de um enquadramento temporal — predispondo a começos e fins.*

— *A experiência que existe fora desse enquadramento não depende da duração nos vossos termos. Não há "fim perfeito", nenhuma perfeição concluída para além da qual a experiência posterior seja impossível ou destituída de significado. O Tudo O Que É, é uma fonte de ação simultânea infinita e interminável. Tudo acontece de uma só vez e, contudo, não há começo nem fim nisso, nos vossos termos; portanto, não está concluído, nos vossos termos, em nenhum ponto dado.*

— *A vossa ideia de desenvolvimento e crescimento implica, mais uma vez, uma marcha linear em direção à perfeição, por isso seria difícil para vós imaginar o tipo de ordem que prevalece. Em última análise, um Deus, ou Tudo O Que É, completo ou acabado acabaria por sufocar a Sua criação. Pois a perfeição pressupõe aquele ponto para além do qual o desenvolvimento é impossível e a criatividade chegou ao fim.*

— *Haveria uma ordem na qual apenas a predestinação poderia governar, cada parte encaixando numa ordem particular sem liberdade para alterar o padrão que lhe foi dado. Há ordem, mas dentro dessa ordem há liberdade — a liberdade da criatividade, essa característica de Tudo O Que É que garante o seu devir infinito.*

— *Agora, nesse devir infinito, há estados que chamaríeis perfeitos, mas, se a criatividade tivesse repousado neles, toda a experiência estaria destinada a parar por completo. Contudo, esta grande complexidade não é ingovernável; na verdade, é tão simples como uma semente.*

— *O Tudo O Que É, é inexaurível. A infinitude repousa na ação simultânea, de uma maneira que presentemente não conseguis compreender. O Tudo O Que É está vivo dentro da menor parte de si mesmo, consciente dentro, por exemplo, da molécula. Concede a todas as suas partes — ou às suas criações — as suas próprias capacidades, que atuam então como inspiração, impulso, linhas orientadoras e princípios pelos quais essas partes procuram continuar a criar-se a si mesmas, os seus próprios mundos e sistemas. Isto é dado livremente.*

— *Estes poderes e capacidades serão usados por essas criações de várias maneiras. No vosso caso, a humanidade está a formar a sua realidade através do uso destes dons. Está a aprender a usá-los de modo eficiente e adequado. Usa-os para existir. Eles formam a base da sua realidade. Dentro desse enquadramento, individualmente e como um todo, a humanidade pode parecer cometer erros, provocar em si mesma doença, morte ou desolação; mas continua a usar essas capacidades para criar um mundo.*

— *Observando as suas criações, aprende a usar melhor essas capacidades. Verifica o seu progresso interior ao ver a materialização física da sua obra. A obra, a realidade, continua a ser uma realização criativa, embora possa retratar uma tragédia ou um terror indescritível, nos vossos termos, em qualquer momento dado.*

— Bem, então estás a entrar noutra questão. Como explicas, por exemplo, a dor e o sofrimento no mundo? Muitas pessoas nos fizeram esta pergunta.

— *De facto, estou. Uma grande pintura de uma cena de batalha, por exemplo, pode mostrar a capacidade do artista quando ele projeta, em todo o seu drama aterrador, as condições desumanas e, contudo, demasiado humanas da guerra. O artista está a usar as suas capacidades. Do mesmo modo, o homem usa as suas capacidades, e elas tornam-se evidentes quando cria uma guerra real.*

— *O artista que pinta tal cena pode fazê-lo por várias razões: porque espera, ao retratar tal desumanidade, despertar as pessoas para as suas consequências, fazê-las estremecer e mudar os seus caminhos; porque ele próprio se encontra num estado de doença e tumulto tal que dirige as suas capacidades dessa maneira particular; ou porque está fascinado pelo problema da destruição e da criatividade, e pelo uso da criatividade para retratar a destruição.*

— *Nas vossas guerras, estais a usar a criatividade para criar destruição, mas não podeis deixar de ser criativos.*

— *A doença e o sofrimento não vos são impostos por Deus, nem por Tudo O Que É, nem por qualquer agente exterior. São subprodutos do processo de aprendizagem, criados por vós, em si mesmos bastante neutros. Por outro lado, a vossa própria existência, a realidade e natureza do vosso planeta, toda a*

existência na qual tendes estas experiências, também são criadas por vós, usando as capacidades de que falei.

— A doença e o sofrimento são resultados do desvio da energia criativa. Fazem, contudo, parte da força criativa. Não vêm de uma fonte diferente da saúde e da vitalidade, por exemplo. O sofrimento não é bom para a Alma, a menos que te ensine a deixar de sofrer. Esse é o seu propósito.

— Dentro do vosso plano particular de atividade, e falando em termos práticos, ninguém consegue usar plena ou completamente toda a energia que lhe está disponível, nem materializar completamente a identidade interior sentida, que é multidimensional. Essa identidade interior é, contudo, o modelo de referência pelo qual, em última análise, julgais as tuas ações físicas. Esforças-te por expressar da melhor maneira possível todo o potencial que existe dentro de ti.

— Dentro desse enquadramento, é possível ter mentes sãs e saudáveis em corpos saudáveis, e ter um planeta sã. A libertação e o uso da energia criativa despendida simplesmente para manter o vosso planeta e a vossa existência são impossíveis de conceber. A grande quantidade de energia disponível para vós dá-vos uma enorme margem de manobra no seu uso.

— Já mencionei antes que todos dentro do vosso sistema estão a aprender a lidar com esta energia criativa; e, uma vez que ainda estais nesse processo, muitas vezes ireis desviá-la. O emaranhado

resultante nas atividades traz-vos automaticamente de volta às questões interiores.

— Um grupo de cientistas postulou a existência de uma classe de partículas subatómicas chamadas “taquiões”, ou “metapartículas”, que viajam sempre mais depressa do que a velocidade da luz. Segundo a teoria da relatividade, nenhuma partícula pode ser acelerada até à velocidade da luz, porque a sua massa se tornaria infinitamente grande à medida que se aproximasse da velocidade da luz; mas esta barreira é contornada afirmando que as partículas em questão têm uma massa própria imaginária — não massa em repouso — que nunca é inferior à velocidade da luz.

— Estas partículas mais rápidas do que a luz são iguais ou semelhantes à energia eletromagnética — ou às unidades EE² — que discutes no Apêndice de O Material de Seth?

— *Disse-vos há algum tempo que havia muitas gradações de matéria, ou forma, que não percecionais. Nos vossos termos, muitas das partículas que compõem tais construções movem-se, de facto, mais depressa do que a velocidade da vossa luz.*

— *A vossa luz, mais uma vez, representa apenas uma porção de um espectro ainda maior do que aquele que conheceis; e, quando*

² No material de Seth, “unidades EE” designa electromagnetic energy units, isto é, unidades de energia eletromagnética. São apresentadas como unidades psíquico-eletromagnéticas incipientes, emitidas pela consciência, que podem servir de base à formação da matéria física ou de outras formas de realidade.

os vossos cientistas estudam as suas propriedades, só conseguem investigar a luz tal como ela se introduz no sistema tridimensional. O mesmo se aplica, naturalmente, ao estudo da estrutura da matéria ou da forma.

— Existem, de facto, universos compostos por tais partículas mais rápidas do que a luz. Alguns destes, nos vossos termos, partilham o mesmo espaço que o vosso próprio universo. Simplesmente não percecionáreis essas partículas como massa. Quando essas partículas são suficientemente abrandadas, experienciam-nas como matéria.

— Algumas destas partículas alteram drasticamente a sua velocidade, aparecendo por vezes à vossa velocidade mais lenta, geralmente de modo cíclico. O vórtice interior de algumas dessas partículas possui uma velocidade muito maior do que as porções orbitantes. As unidades EE formam-se espontaneamente a partir da realidade eletromagnética dos sentimentos emitidos por cada consciência, tal como, por exemplo, a respiração sai automaticamente do corpo físico.

— As unidades EE são, portanto, emanções da consciência. A intensidade do pensamento ou da emoção determina as características das próprias unidades. Quando certos intervalos são alcançados, elas são impulsionadas para a atualização física. Quer isto ocorra ou não nos vossos termos, existirão como pequenas partículas de matéria — digamos, como matéria latente ou pseudomateria.

— *Algumas delas cairão nos agrupamentos mais rápidos do que a luz e terão uma vitalidade percecionável dentro desse enquadramento. Estas partículas mais rápidas do que a luz existem, naturalmente, no seu próprio tipo de forma. Há muitos intervalos e grandes variedades dessas unidades, todas existindo para além do vosso alcance percetivo. Contudo, agrupá-las todas dessa maneira é enganador, pois, dentro de tudo isto, existe uma grande ordem.*

— *Não estais completamente inconscientes da existência de algumas destas unidades, embora não as experiencieis como massa. Interpretam algumas delas como acontecimentos, acontecimentos de sonho, as chamadas alucinações; e, por vezes, certos intervalos destas unidades são interpretados por vós como movimento-através-do-tempo.*

— *Todas elas projetam certas "condições atmosféricas" ou reflexos que colorem os acontecimentos físicos tal como os conheceis. Alguns dos vossos próprios sentimentos são impulsionados para uma realidade dentro desses sistemas, adotando, nesse enquadramento, a sua própria massa e forma. Na criação e manutenção da vossa realidade normal, focais a vossa consciência diária de vigília para que ela se torne eficaz dentro dos intervalos necessários. As ideias e sentimentos que quereis tornar físicos transportam em si os mecanismos que os colocarão no intervalo adequado, bem dentro do campo eletromagnético necessário ao desenvolvimento físico.*

— A vossa consciência, contudo, está equipada para criar realidades também noutros campos. Ora, em certos sonhos e experiências fora do corpo, a tua própria consciência move-se mais depressa do que a velocidade da luz e, nessas condições, és capaz de percecionar algumas dessas outras formas de "massa ou matéria".

— As unidades EE são, muito simplesmente, formas incipientes de realidade: sementes automaticamente dadas à luz, adequadas a diferentes ambientes, algumas aparecendo dentro do enquadramento físico, e outras não se conformando de todo aos seus pré-requisitos. Alguns sistemas de realidade são "delimitados" por centros de partículas mais rápidas do que a luz. Estas começam a abrandar a um ritmo regular em direção às periferias, nos vossos termos, ao longo de grandes distâncias, até que, na verdade, as partículas exteriores mais lentas aprisionem, até certo ponto, as massas centrais, embora estas se movam muito mais depressa, mas dentro de uma área confinada.

— O comportamento dessas unidades, como agora podes ver, forma a camuflagem particular dentro de qualquer sistema dado, enquanto as atividades periféricas estabelecem efetivamente identidades interiores e fronteiras exteriores. Tudo isto são variações, falando de modo geral e de forma muito simples, da matéria tal como a concebeis. O mesmo se aplica, contudo, à matéria negativa ou antimatéria, que, em qualquer caso, não percecionais. Mas as gradações de atividade dentro desses sistemas são igualmente diversas.

— Basicamente, contudo, nenhum sistema é fechado. A energia flui livremente de um para outro — ou, melhor, permeia cada um deles. É apenas a estrutura de camuflagem que dá a impressão de sistemas fechados, e a lei da inércia não se aplica. Ela parece ser uma realidade apenas dentro do vosso próprio enquadramento e por causa do vosso foco limitado.

— A duração e a estabilidade relativa dessa "matéria" dentro de outros sistemas variam consideravelmente, sendo a intensidade aquilo que determina a força de todas essas manifestações. As unidades EE invisíveis formam a vossa matéria física e representam as unidades essenciais e básicas a partir das quais qualquer partícula física aparece.

— Ela não será fisicamente percebida. Vês apenas os seus resultados. Uma vez que a consciência pode viajar mais depressa do que a velocidade da luz, quando não está aprisionada pelas partículas mais lentas do corpo, pode tornar-se consciente de algumas dessas outras realidades. Sem treino, contudo, não saberá interpretar aquilo que vê. O cérebro físico é o mecanismo pelo qual o pensamento ou a emoção é automaticamente formado em unidades EE, ajustadas à faixa vibratória e à intensidade adequadas para serem usadas pelo organismo físico.³ Estas unidades EE, portanto, são os blocos de construção psíquicos da matéria.

³ Uma nota, relativa a efeitos mais rápidos do que a luz. No domingo seguinte a esta sessão, um importante jornal de Nova Iorque noticiou que astrónomos tinham observado dois componentes de um **quasar** a afastarem-se um do outro, aparentemente, a dez vezes a velocidade da luz. É uma descoberta espantosa, impossível segundo as leis da física.

— Estás em contacto com ou falas através de quaisquer outros humanos da mesma forma que fazes com Jane?

— *Não. Como mencionei anteriormente neste livro, contacto alguns em outros níveis de realidade, contudo.*

— Experimentar o toque vibratório interior é semelhante a ler uma aura?⁴

— *Não. O toque vibratório interior é uma experiência muito mais pessoal, mais semelhante a "tornar-se parte de" aquilo que percecionas do que, por exemplo, a uma leitura de aura.*

— Jane alguma vez impede a tua manifestação quando queres vir?

— *Em várias ocasiões comuniquei a minha disponibilidade em determinadas circunstâncias. Eu sabia mais acerca dessas circunstâncias do que Ruburt. Algumas dessas ocasiões ocorreram bastante cedo nas nossas sessões, quando Ruburt estava preocupado com transes espontâneos; por isso, depois de lhe tornar conhecida a minha presença, aquiesci à decisão dele naquele*

Quasares — fontes de rádio quase-estelares — são fontes extraordinariamente poderosas de luz e ondas de rádio. A maioria dos cientistas acredita que existem no limite do nosso universo observável. Se assim for, estão tão longe que a sua energia levou milhares de milhões de anos a chegar até nós.

⁴ O toque vibracional interno é um dos nossos sentidos internos. Seth lista-os no Capítulo Dezanove do *Material de Seth*. Parafraseando: usando este sentido, um observador parado numa rua comum sentiria a experiência de ser qualquer coisa que escolhesse dentro do seu campo de visão: pessoas, árvores, insetos, fios de relva. Manteria a sua própria consciência e perceberia as sensações de forma semelhante à forma como sentimos o calor e o frio hoje em dia. Esse sentido é como a empatia, mas muito mais vital.

momento. Em algumas ocasiões, certas condições foram más. Normalmente, Ruburt reagiu adversamente a estas do lado dele — isto é, a interferência era de tal ordem que perturbaria a situação dele, mais do que a minha.

— Há muitas sessões, disseste-nos que tinhas uma personalidade-fragmento canina ainda aqui na Terra. Contudo, não nos quiseste dizer onde estava. Queres dizer-nos agora se tens ainda aqui na Terra algum fragmento físico de qualquer tipo?

— *Agora não tenho. O meu cão partiu.*

— Os animais são fragmentos de seres humanos?”)

— *É uma boa pergunta, e é melhor dares-me um momento para a explicar claramente.*

— *De certo modo, vós sois fragmentos das vossas entidades. Contudo, considerai-vos bastante independentes, e não selves secundários, expelidos ou derivados; por isso, os cães e outros animais não são simplesmente a manifestação de energia psíquica dispersa da parte dos seres humanos.*

— *Os animais possuem graus variáveis de autoconsciência, tal como, de facto, as pessoas também possuem. A consciência que existe dentro deles é, contudo, tão válida e eterna como a vossa. Nada impede uma personalidade de investir uma porção da sua própria energia numa forma animal. Isto não é transmigração de*

almas. Não significa que um homem possa reencarnar num animal. Significa, sim, que as personalidades podem enviar uma porção da sua energia para vários tipos de forma.

— Talvez as reencarnações tenham terminado para determinado indivíduo, por exemplo, e, contudo, permaneça nele ainda alguma sensação de anseio pela terra natural com a qual esteve tantas vezes envolvido. Assim, pode projetar um fragmento da sua consciência, dessa maneira, para uma forma animal. Quando isto é feito, a terra é então experienciada da maneira natural para essa forma. Um homem, portanto, não é um animal, nem invade, digamos, o corpo de um.

— Simplesmente acrescenta uma parte da sua energia àquela que já está presente no animal, misturando essa vitalidade com a do próprio animal. Isto não significa, contudo, que todos os animais sejam fragmentos desta maneira. Os animais, como qualquer dono de animal de estimação sabe, têm as suas próprias personalidades e características, e modos individuais de perceber a realidade disponível para eles. Alguns devoram a experiência. A sua consciência pode ser imensuravelmente acelerada pelo contacto com humanos amistosos, e o envolvimento emocional com a vida é fortemente desenvolvido.

— A mecânica da consciência permanece a mesma. Não muda para os animais nem para os homens. Portanto, não há limites impostos ao desenvolvimento de qualquer consciência individual, nem ao crescimento de qualquer identidade. A consciência, tanto

no corpo como fora dele, encontra o seu próprio alcance, o seu próprio nível. Um cão, portanto, não está limitado a ser cão em outras existências.

— Mais uma vez, é necessário certo nível de consciência, certo tipo de conhecimento, certa compreensão da organização da energia, antes de uma identidade poder manipular um organismo físico complicado.

— Como sabes, a consciência tem uma grande tendência para manter a individualidade e, ao mesmo tempo, para se juntar em gestalts. Uma consciência animal, depois da morte, pode formar uma gestalt desse tipo com outras consciências semelhantes, na qual as capacidades são reunidas e a cooperação combinada torna possível, por exemplo, uma mudança de espécie.

— Nestes e noutros casos, contudo, a individualidade inata não se perde, mas permanece indelevelmente impressa. Pela sua própria natureza, a consciência tem de mudar, e, por isso, as identidades também têm de mudar — não uma apagando a outra, mas construindo sobre ela, enquanto cada passo sucessivo é mantido e não descartado.

— Em tais inter-relações, os passos ou identidades são cada um imensuravelmente enriquecidos pela percepção acrescentada dos outros. Como mencionei anteriormente, os pensamentos, contendo a sua própria realidade eletromagnética, possuem forma, quer a perceções quer não. Com cada pensamento, portanto, envias de

ti mesmo formas e imagens que podem ser realidades bastante legítimas para aqueles que estão dentro do sistema de realidade para o qual são impulsionadas.

— Da mesma maneira, personalidades de outros sistemas podem enviar energia para o vosso. Como tais acontecimentos não têm origem dentro do vosso sistema, não compreendeis o seu significado.

— A evolução, tal como é comumente concebida, é um facto ou algo grandemente distorcido?

A propósito desta pergunta, na aula de PES, oito dias depois, Seth teria isto a dizer sobre Charles Darwin e a sua teoria da evolução:

— "Ele passou os últimos anos da sua vida a prová-la, e, contudo, ela não tem verdadeira validade. Tem validade apenas dentro de perspetivas muito limitadas; pois a consciência, de facto, evolui a forma. A forma não evolui a consciência. Toda a consciência existe, de facto, de uma só vez, e, portanto, não evoluiu nesses termos. Depende de quando entras em cena, daquilo que escolhes observar e de que parte da peça decides observar. É mais o contrário, no sentido em que a consciência evoluída se forma em muitos padrões diferentes e chove sobre a realidade. A consciência não veio de átomos e moléculas espalhados ao acaso pelo universo, ou espalhados ao acaso por muitos universos. A consciência não surgiu porque a matéria inerte se ergueu subitamente em atividade e

canto. A consciência existiu primeiro e evoluiu a forma na qual começou então a manifestar-se.

— *"Agora, se todos vós tivésseis realmente prestado atenção àquilo que tenho vindo a dizer há algum tempo sobre a natureza simultânea do tempo e da existência, então saberíeis que a teoria da evolução é uma história tão bela como a teoria bíblica da criação. Ambas são bastante úteis, e ambas são métodos de contar histórias, e ambas podem parecer concordar dentro dos seus próprios sistemas, mas, em termos mais amplos, não podem ser realidades... Não — nenhuma forma de matéria, por mais potente que seja, evoluirá por si mesma para consciência, independentemente dos outros pedaços de matéria que lhe sejam acrescentados. Sem a consciência, a matéria não estaria ali no universo, a flutuar, à espera de outro componente que lhe desse realidade, consciência, existência ou canto."*

— Pergunta de um membro da aula: Cada pedaço de matéria já tem consciência?

— *"De facto, e a consciência veio primeiro. Estás completamente certo. Agradeço-te por trazeres o assunto à baila. Há muitas maneiras de trazer a matéria à baila."*

— *Correndo o risco de me repetir realmente, deixa-me afirmar que o tempo, tal como o conheceis, basicamente não existe, e que todas as criações são simultâneas. Isso deveria responder à tua pergunta.*

— Já tinha pensado nisso. Como disse a Jane, o conhecimento de que o tempo é, na verdade, simultâneo é por vezes desconcertante quando fazemos certos tipos de perguntas; esse conhecimento responde a metade da pergunta, mas ainda queremos que o resto da pergunta seja considerado.

— *Iremos desenvolver.*

— Está bem.

— *Todas as eras da Terra, nos vossos termos, tanto passadas como presentes, existem, tal como existem as eras futuras, AGORA. Algumas formas de vida estão a ser desenvolvidas naquilo que considerais tempo presente. Não aparecerão fisicamente até alcançardes o vosso tempo futuro. Estás a seguir-me?*

— Sim.

— *Elas existem Agora, contudo, tão certamente como existem, digamos, os dinossauros. Apenas escolheis focar a vossa atenção num campo altamente específico de coordenadas de espaço-tempo, aceitando-o como realidade presente e fechando-vos a todos os outros. Especificamente, as formas físicas complicadas não são o resultado de formas anteriores mais simples. Todas existem, em termos mais amplos, de uma só vez.*

— *Por outro lado, são necessárias organizações de consciência mais complexas para formar, entrar e vitalizar as estruturas físicas*

mais complexas. Toda a estrutura é formada pela consciência. Definido nos vossos termos, um fragmento é uma consciência não tão desenvolvida como a vossa. As porções vivas da natureza são resultado da vossa própria criatividade, projeções e fragmentos da vossa própria energia; energia que vos chega de Tudo O Que É e se projeta para fora de vós, formando as suas próprias manifestações em imagem, tal como vós formais as vossas.

— Uma vez que não percecionais o futuro e não compreendeis que a vida se projeta em todas as direções, parece lógico supor que as formas presentes têm de se basear em formas passadas. Fechais os olhos às evidências que não apoiam esta teoria. E, naturalmente, não estou a falar de ti pessoalmente, Joseph.

— Por outras palavras, não há desenvolvimento em linha única. Os elementos-fragmento dirigidos para fora por vós, enquanto espécie, também acrescentam, naturalmente, à vossa realidade física, pois, sem o fino equilíbrio mantido e sem esta cooperação, o vosso tipo particular de ambiente não seria possível.

— Tenho-vos dito muitas vezes que cometeis uma grave injustiça contra vós próprios ao limitardes a vossa conceção de identidade. O vosso sentido de identidade, liberdade, poder e amor seria imensuravelmente ampliado se conseguísseis compreender que aquilo que sois não termina nas fronteiras da vossa pele, mas continua para fora, através do ambiente físico que parece ser impessoal ou não-self.

— *Biologicamente, deveria ser fácil compreender que fazes fisicamente parte da Terra e de tudo o que nela existe. És feito dos mesmos elementos, respiras o mesmo ar. Não podes reter o ar que absorves dentro de ti e depois dizer: "Isto sou eu, preenchido por este ar. Não o deixarei sair", ou descobririas muito rapidamente que não eras tão independente como pensavas.*

— *Estás ligado biológica e quimicamente à Terra que conheces; mas, uma vez que ela também é formada natural e espontaneamente a partir da tua própria energia psíquica projetada, e uma vez que tu e as estações do ano têm até uma interação psíquica, o teu sentido de identidade tem de ser compreendido num contexto muito mais amplo. Tal contexto permitir-te-ia partilhar experiências de vida de muitas outras formas, seguir padrões de energia e emoção que mal consegues conceber, e sentir uma consciência-do-mundo na qual tens a tua própria parte independente.*

— Na Sessão 429, de 14 de agosto de 1968, disseste que "Também os minutos e as horas têm a sua própria consciência." Queres desenvolver?

— *Aquilo que percecionas como tempo é uma porção de outros acontecimentos que se introduzem no teu próprio sistema, muitas vezes interpretados como movimento no espaço, ou como algo que separa acontecimentos — se não no espaço, então de uma maneira impossível de definir sem usar o conceito de tempo.*

— *O que separa os acontecimentos não é o tempo, mas a tua percepção. Percecionas os acontecimentos "um de cada vez". O tempo, tal como te aparece, é, em vez disso, uma organização psíquica da experiência. O aparente começo e fim de um acontecimento; o aparente nascimento e morte, são simplesmente outras dimensões da experiência, tal como, por exemplo, altura, largura, peso. Em vez disso, parece-te que cresces em direção a um fim, quando um fim é parte de uma experiência particular, ou, se preferires, de um acontecimento-pessoa.*

— *Estamos então a falar de realidade multidimensional. O self inteiro, ou entidade, ou Alma, nunca pode ser completamente materializado em forma tridimensional. Uma parte dele pode, contudo, ser projetada nessa dimensão, estendendo-se por determinado número de anos no tempo, ocupando determinada quantidade de espaço, e assim por diante.*

— *A entidade vê o acontecimento inteiro, o acontecimento-pessoa inteiro, com o elemento tempo, ou idade, nos vossos termos, simplesmente como mais uma característica ou dimensão. O acontecimento-pessoa, contudo, não está separado. A sua realidade maior simplesmente não pode aparecer dentro das três dimensões. Em vez disso, é composto por átomos e moléculas que não percecionais, tanto acima como abaixo do intervalo físico de intensidades — e todos estes, à sua maneira, possuem consciência.*

— *Em termos mais amplos, segundos e momentos também não existem, mas a realidade que está por detrás do tempo, ou que*

percepcionais como tempo, os acontecimentos "fora do tempo", são compostos por unidades que também têm o seu próprio tipo de consciência. Elas formam aquilo que vos aparece como tempo, tal como os átomos e as moléculas formam aquilo que vos aparece como espaço.

— Ora, estas são unidades que se movem mais depressa do que a velocidade da luz, excelentes fontes de energia que se introduzem na matéria e incidem sobre ela sem nunca se materializarem. Serão interpretadas de forma diferente noutros sistemas.

Ontem à noite, terça-feira, 20 de abril de 1971, fui para a cama enquanto Jane dava a aula de PES na sala de estar. Eram cerca das 23h30. Enquanto dormitava, dei a mim próprio sugestões de que recordaria os meus sonhos de manhã e os escreveria. Curiosamente, não mencionei "projeção astral".

Dormi de forma bastante inquieta, acordando várias vezes enquanto a aula ainda decorria. Por fim, tive uma vaga consciência de ouvir os carros dos membros da aula enquanto saíam do parque de estacionamento ao lado da casa. Depois adormeci. Jane disse mais tarde que veio para a cama à 00h45.

A próxima coisa de que tive consciência foi estar a pairar no ar, na nossa casa de banho escurecida. Encontrava-me num estado sem corpo, sem estar minimamente perturbado.

A casa de banho fica no centro do nosso apartamento; a sala de estar fica de um lado, o quarto e o meu estúdio do outro. Para

impedir que o nosso gato, Willy, suba para a cama à noite, pomo-lo na sala de estar e fechamos a porta desse lado da casa de banho. Agora, encontrava-me suspenso em frente a essa porta, incapaz de a atravessar.

Não senti pânico nem medo. Os meus olhos astrais estavam a funcionar. Uma luz fraca entrava por uma janela estreita, aberta, à minha direita. A porta fechada estava mergulhada numa sombra profunda, mas eu sabia que estava diante dela. Embora o meu corpo estivesse adormecido ao lado de Jane, no quarto, “atrás” de mim, não estava preocupado com ele. Ao princípio, não percebi que estava a projetar-me — não tive, digamos, a presença de espírito para ordenar a mim próprio que atravessasse a porta e entrasse na sala de estar. Mas o facto de estar fora do corpo, nesse estado muito agradável de leveza, foi-se tornando lentamente claro para mim. Não tinha qualquer memória de ter deixado efetivamente o corpo e de me ter deslocado para a casa de banho.

Foi a primeira vez que nenhum elemento de medo esteve presente em qualquer uma das minhas projeções, que são bastante pouco frequentes. Creio, contudo, que as minhas ideias conscientes comuns de que as portas não podem ser atravessadas me travaram. Voltei a adormecer brevemente depois de encontrar o impasse colocado pela porta fechada. Quando voltei a ter consciência, evidentemente alguns momentos mais tarde, encontrei-me a flutuar logo acima do meu corpo físico, enquanto este jazia na cama.

Acontece que eu dormia deitado de costas, com os braços ao longo do corpo. O meu corpo astral encontrava-se aproximadamente na mesma posição, talvez quinze centímetros acima. O meu estado era notavelmente estável e agradável: sentia-me desperto, consciente daquilo que estava a fazer, e bastante livre e sem peso. Ouvi-me a rressonar, sem prestar grande atenção ao facto — ainda. Sabia que não estava a sonhar. Cheguei a lembrar-me de ter lido, em várias ocasiões, que, quando alguém se projeta, sabe a diferença entre esse estado e um sonho. Agora podia atestá-lo em primeira mão. Estava muito satisfeito.

Tive desta vez um tipo diferente de visão. De algum modo, estava consciente sobretudo das minhas pernas, suspensas acima das físicas. Tive grande prazer em mexê-las, agitando-as para cima e para baixo, desfrutando da maravilhosa sensação de liberdade e leveza que possuíam. Sabia que as minhas pernas físicas não podiam mover-se assim tão livremente, embora estejam em boa forma. As minhas pernas astrais pareciam bastante elásticas, tão soltas e flexíveis eram — e, de algum modo, a partir da minha posição deitado, conseguia ver que eram claras e translúcidas dos joelhos para baixo!

Uma vez que o meu estado de projeção parecia tão fiável, comecei a pensar que oferecia grandes oportunidades. Mais uma vez, não sentia medo, apenas confiança. Pensei que este seria um excelente momento para fazer alguma coisa. Agora era o momento de uma bela aventura. Disse a mim próprio que estava disposto a tentar qualquer coisa — uma visita a alguma outra realidade, um

mergulho através da porta para a sala de estar, uma viagem pela rua em frente à casa.

Durante todo este tempo, Jane estava deitada ao meu lado. Disse depois que eu ressonava alto quando ela veio para a cama. A minha atenção começou então a mudar de foco; pela primeira vez, ouvi-me realmente. Fiquei espantado com a intensidade dos sons que vinham da minha cabeça física, logo abaixo de “mim”. Não conseguiria duplicá-los de modo algum enquanto acordado.

Sem sucesso, fiz várias tentativas bastante conscientes e deliberadas para “arrancar” e viajar para longe do meu corpo. Os meus esforços não quebraram o encantamento da projeção; limitei-me a permanecer a pairar onde estava. Depois tive uma ideia: usaria o som do meu rressonar como impulso para me lançar para outras dimensões, deixando o meu corpo muito para trás, na cama.

Deliberadamente, comecei a rressonar ainda mais alto, se possível. Queria criar um enorme impulso sonoro que usaria como propulsor, embora não soubesse como isso deveria funcionar. O estranho é que desfrutava tanto da sensação de estar deitado logo acima do meu corpo físico como da minha capacidade de usar este último para produzir som. Isto implica aqui uma consciência dupla, uma vez que estava consciente de ambos os corpos.

Ou ouvi o meu rressonar aumentar realmente de volume, ou foquei-me nele de modo ainda mais agudo. De qualquer forma, a minha ideia não estava a funcionar. Não sei se acabaria por conseguir descolar, pois Jane disse-me então: “Querido, estás a

ressonar. Vira-te”, como costuma fazer quando se cansa de me ouvir. Ouvi-a claramente. Parei de ressonar imediatamente, mas não me mexi. Não me lembro de me reunir ao meu corpo físico. Por fim, toquei-lhe com o cotovelo e, com esforço, contei-lhe algo do que acontecera. Ela achou que eu soava como se ainda estivesse em transe.

Senti como se pudesse projetar-me outra vez, por isso continuei a tentar enquanto Jane permanecia deitada em silêncio ao meu lado. Não tive sucesso, embora a aura muito agradável que envolvia todo o episódio tenha permanecido de forma muito definida. A projeção, por pequena que fosse, parecera tão fácil e natural que me perguntei por que razão não era algo comum. Durante todo o tempo soube que era possível muito mais do que eu conseguira realizar — que, logo para lá das minhas capacidades daquele momento, havia possibilidades maravilhosas, se eu conseguisse apenas romper aquela... barreira. Nunca senti qualquer alarme e em momento algum vi, ou senti, o “cordão de prata astral”. Por fim, adormeci.

A experiência deu origem a duas perguntas que acrescentei à lista do Capítulo Vinte: 1. A minha própria projeção foi tão agradável, mas, mais importante, continha tantos potenciais, que me pergunto por que razão o homem ocidental não está mais consciente destas capacidades. 2. Por que não as cultiva e as põe em uso? Esperava que Seth comentasse esta noite.

— *Boa noite.*

— Boa noite, Seth.

— *E parabéns.*

— Obrigado.

— *Tentaste a experiência quando o fizeste tendo, por assim dizer, um trunfo escondido, caso ficasses assustado, sabendo perfeitamente que Ruburt viria para a cama. Estavas pronto para tentar de novo, contudo, e escolheste um método lento e fácil, um ambiente agradável, para também facilitar as coisas para ti, de modo que pudesses familiarizar-te com a sensação antes de fazeres, de facto, algo demasiado aventureiro com ela.*

— Tentei isto antes de Jane vir para a cama?

— *Não. Começaste as tuas tentativas antes, mas não tiveste sucesso até Ruburt vir para a cama. A sensação de tempo fora do corpo pode ser bastante diferente da do corpo. Sabias que, com uma experiência bem-sucedida, ficarias muito mais livre, e por isso escolheste as melhores circunstâncias.*

— *Poderias, de facto, ter saído do apartamento. O ressonar, contudo, também era suposto servir de sinal para Ruburt. Sabias que ele te acordaria. Essa foi a motivação original para isso. Se não tivesses gostado da experiência, ela teria sido terminada. Entretanto, contudo, estavas encantado, e decidiste usar o ruído*

como propulsor, mas ocorreu a reação habitual de Ruburt ao ressonar.

— Deverás começar agora a recordar bastantes experiências desse tipo.

É domingo, 25 de abril, enquanto datilografo esta sessão a partir das minhas notas. Desde 21 de abril que tenho esperado, cheio de expectativa e em vão, por outra projeção. Numa ocasião diferente, tive uma pequena experiência fora do corpo que deixou atrás de si, durante quase duas semanas, uma série de projeções incompletas ou experiências de sonho contendo elementos distorcidos desses fenómenos. Estranhamente, uma analogia poderia ser a dos abalos secundários que se seguem a um terramoto.

— Agora, em resposta às tuas perguntas, o homem ocidental escolheu focar a sua energia para fora e ignorar em larga medida as realidades interiores. Os aspetos sociais e culturais, e até os religiosos, inibem automaticamente essas experiências desde a infância. Não há qualquer benefício social ligado às projeções na vossa sociedade, e há muitos tabus contra elas.

— Isto é, naturalmente, escolhido por aqueles que estão envolvidos nessa civilização. Há também equilíbrios que existem antes de se alcançar moderação e compreensão. Algumas personalidades escolhem reencarnar em sociedades orientadas exteriormente, em compensação por vidas que foram vividas com grande concentração interior e uma manipulação física muito pobre.

O homem aprende que tanto a realidade interior como a realidade exterior têm de ser compreendidas e usadas construtivamente.

— *Naturalmente, as projeções ocorrem constantemente no estado de sono, quer sejam recordadas quer não. São recordadas quando há alguma razão para isso, algum mérito ou realização óbvia envolvidos, como acontece em sociedades onde se considera altamente vantajoso usar os sonhos e as projeções.*

— *Se estás presentemente a experienciar uma vida na qual escolheste uma forte ênfase na locomoção física, por exemplo, então, através de vagas memórias oníricas de voar, podes ser inspirado para, digamos, a invenção de aviões ou foguetes; mas, se compreenderes efetivamente que a tua própria consciência pode, de facto, viajar fora do corpo, então o impulso para desenvolvimentos físicos na locomoção não será nem de perto tão intenso.*

— *Agora, próxima pergunta.*

— Na Sessão 429, de 14 de agosto de 1968, disseste que algumas personalidades podem fazer parte de mais do que uma entidade.

— *Já mencionei isso muitas vezes. Não há fronteiras para a identidade, nem barreiras impostas ao seu desenvolvimento. Uma personalidade pode "originalmente" fazer parte de determinada entidade e desenvolver, por si mesma, interesses bastante*

diferentes. Pode seguir sozinha por um caminho solitário, ou, em vez disso, ligar-se ou gravitar em direção a outras entidades com interesses semelhantes aos seus. A ligação original não será cortada, mas novas ligações serão feitas e formadas.

— No Capítulo Dezanove de *O Material de Seth*, deste uma lista dos sentidos interiores. Há mais sentidos interiores sobre os quais ainda não nos falaste?

— *Há, de facto. Têm a ver, contudo, com experiências que normalmente não encontrareis no vosso sistema particular, experiências que permanecem latentes.*

— *Quase qualquer célula tem a capacidade de crescer e tornar-se qualquer órgão dado, ou de formar qualquer parte do corpo. Tem a capacidade de desenvolver órgãos sensoriais que, em termos práticos, não serão desenvolvidos se a célula se tornar cotovelo ou joelho, mas a capacidade está lá. Isto aplica-se não apenas à vossa própria espécie, mas, em muitos casos, entre espécies; e há unidades básicas em toda a matéria viva capazes de formar vida animal ou vegetal, capazes de desenvolver os mecanismos percetivos inerentes a qualquer uma delas.*

— *É, portanto, teoricamente possível veres o mundo através do olho de uma rã, de uma ave ou de uma formiga. Estamos aqui a falar de sentidos físicos. O self interior — a psique enquanto campo organizador da experiência — possui também sentidos interiores latentes, além daqueles que normalmente usa enquanto a*

consciência está sintonizada com determinado sistema de camuflagem.

— Alguns, contudo, são inexprimíveis em termos físicos, e apenas poderiam ser usadas analogias para sugerir a sua natureza. Neste livro, não há necessidade de os discutir. Pertencem a um livro dedicado mais especificamente aos métodos interiores de percepção.

— A seguinte pergunta vem da resposta que deste a outra, quando te perguntei acerca do treino de que Jane precisaria para transmitir um dos antigos manuscritos dos Oradores. Disseste que algumas dessas línguas antigas envolviam imagens e símbolos. Com a tua ajuda, enquanto ela está em transe, Jane poderia fazer desenhos de algumas palavras-imagem ou símbolos? Tenho apenas curiosidade em ver se ela poderia aproximar-se de uma das línguas dos Oradores.”)

— Isso é possível.

— Podes tentar agora?

— Este não é o momento. Há muitas ligações interiores distorcidas entre estas. Alguns hieróglifos e símbolos foram usados pela civilização Mu.

— Se não tivesses conseguido falar através de Jane, tentarias fazê-lo através de outra pessoa — ou estás a fazê-lo de qualquer modo?

— Já falei através de outros. Os arranjos “desta vez” já estavam feitos. É verdade que Ruburt não precisava de ter aceitado o arranjo. Se assim fosse, o material teria sido dado, mas de outra maneira.

— Eu não teria falado deste modo, pois este trabalho exige uma sintonia específica e determinadas características da personalidade envolvida. O material poderia ter sido dado de forma muito mais simples através de outra pessoa, mas eu queria que fosse o menos distorcido possível e tão plenamente dimensional quanto possível. Se Ruburt não estivesse disponível, o material teria sido dado a um Orador, vivo nos vossos termos, que estivesse também envolvido no campo criativo.

— Não há mais ninguém presentemente vivo no vosso sistema com quem eu tivesse tido uma grande sintonia no passado, exceto vós. Tal Orador teria recebido a informação em grande parte no estado de sonho, e tê-la-ia escrito numa série composta tanto por tratados como por narrativa ficcionalizada.

— Se Ruburt não tivesse aceitado, contudo, é muitíssimo provável que tivesse escolhido outra vida na qual cumprir a tarefa, caso em que eu teria esperado. A decisão, contudo, foi sempre dele; e, se não tivesse aceitado de todo, outros arranjos teriam sido feitos.

— Agora, tu previste cedo o teu papel nestas sessões e no nosso trabalho. Uma das pinturas que fizeste há muitos anos prenunciava

claramente o desenvolvimento dos teus esforços psíquicos. Era aquela que vendeste, do homem que esteve pendurado durante algum tempo na posição onde agora está o meu retrato. Era um retrato de Joseph; por outras palavras, da tua própria identidade interior tal como a percecionavas intuitivamente nessa altura. Não estavas conscientemente consciente da ligação, mas estavas conscientemente consciente do forte impacto da pintura.

— Conheço a pintura, naturalmente. Pinteí-a na Florida em 1954, antes de Jane e eu nos casarmos. Tenho fotografias dela, e tenciono repintá-la um dia. Isto significa, naturalmente, que pintarei apenas uma nova versão da antiga. Seria impossível duplicá-la verdadeiramente. Ainda assim, não me arrependo de ter vendido a pintura.

— *Ela representava também a tua porção inquieta, criativamente insatisfeita, à procura de mais compreensão e conhecimento. A relação peculiar existente entre ti e Ruburt era também um pré-requisito, e por isso a tua permissão e aceitação também eram necessárias.*

— *Se tivésseis permanecido separados, as sessões não teriam começado. Estivestes ligados à mesma entidade, embora vos tenhais separado dela, mas a relação interior aumenta o poder disponível. Ajudas a estabilizar o circuito, por assim dizer. Também geraste energia e impulso iniciais para ajudar os de Ruburt.*

— Este tipo de trabalho não exige apenas a escolha de um indivíduo, mas é também um empreendimento no qual muitos outros elementos são levados em consideração. Sabia-se, por exemplo, que Ruburt precisaria do teu apoio, assim como também se sabia que o próprio trabalho ajudaria as tuas capacidades criativas.

— Tudo isto foi decidido por ambos, e por mim, antes de começardes esta vida particular. Até o questionamento intelectual de Ruburt e a sua relutância, muitas vezes profunda, eram conhecidos antecipadamente, e foram adaptados para auxiliar o trabalho envolvido.

— A informação não devia ser dada a "crentes natos", mas a pessoas inteligentes, e a um "médium" que a questionasse, não apenas por si mesmo, mas por todos aqueles dados ao mesmo tipo de questionamento. À medida que Ruburt compreende, portanto, e continua a desenvolver-se, triunfa não apenas por si próprio, mas por todos aqueles que seguem as suas aventuras. E, contudo, queríamos também um equilíbrio, e por isso tu permaneces como um homem que reconheceu intuitivamente o valor da informação interior e a importância do material, mesmo sem estares familiarizado com tais ideias.

— Escusado será dizer que, em níveis muito mais profundos, não há relutância da parte de Ruburt, ou as capacidades não se teriam desenvolvido desta maneira. A sua crítica, no início, serviu também

como tranquilização para o ego, nas suas primeiras experiências, de que não seria posto de lado nem danificado de forma alguma.

— As características necessárias para a "mediunidade" são muito semelhantes às necessárias a qualquer pessoa fortemente criativa. Um ego forte e sustentador é uma necessidade, particularmente nas fases iniciais. Em períodos de perturbações severas da personalidade, que podem ocorrer simultaneamente com grande criatividade, o ego fica aterrorizado com a força da capacidade criativa, receando poder ser esmagado por ela.

— Nesses casos, o ego é demasiado rígido e não se expande com a natureza da experiência criativa inteira da personalidade. Naturalmente, isto poderia acontecer com a mediunidade, como com qualquer outra atividade desse tipo. Neste caso, contudo, o ego de Ruburt começou gradualmente a abandonar a sua rigidez, num processo gradual que permitiu a expansão de toda a personalidade, incluindo ele próprio.

CAPÍTULO 21

O Significado da Religião

Existem realizações interiores sempre presentes no Self Total. Em cada personalidade existe uma compreensão do significado de toda a existência. O conhecimento da existência multidimensional não está apenas no fundo da vossa atividade consciente atual; cada ser humano sabe, dentro de si, que a sua vida consciente depende de uma dimensão mais ampla de atualidade. Essa dimensão mais ampla não pode ser materializada num sistema tridimensional; ainda assim, o conhecimento dessa dimensão maior irradia para fora a partir do coração mais íntimo do ser e é projetado exteriormente, transformando tudo aquilo que toca.

Esse transbordamento impregna certos elementos do mundo físico com um brilho e uma intensidade que ultrapassam largamente aquilo que habitualmente é conhecido. Aqueles que são tocados por ele transformam-se, nos vossos termos, em algo mais do que eram. Esse conhecimento interior procura encontrar para si um lugar na paisagem física, traduzir-se em termos físicos. Cada ser humano possui, portanto, esse conhecimento interior dentro de si e, em maior ou menor grau, procura também a sua confirmação no mundo.

O mundo exterior é um reflexo do mundo interior, embora esteja longe de ser perfeito. O conhecimento interior pode ser comparado a um livro sobre a pátria que um viajante leva consigo para um país estranho. Cada ser humano nasce com o anseio de tornar essas verdades reais para si mesmo, embora veja uma grande diferença entre elas e o ambiente em que vive.

Cada indivíduo leva consigo um drama interior, um drama psíquico que acaba por ser projetado exteriormente, com grande força, sobre o campo da história. O nascimento dos grandes acontecimentos religiosos emerge do drama religioso interior. O próprio drama é, de certo modo, um fenómeno psicológico, pois cada Personalidade de Foco orientada fisicamente sente-se lançada sozinha num ambiente estranho, sem conhecer as suas origens, o seu destino, nem sequer a razão da sua própria existência.

Este é o dilema do Ego Exterior, particularmente nos seus estados iniciais. Ele procura respostas no exterior porque essa é a sua natureza: manipular dentro da realidade física. Contudo, sente também uma ligação profunda e permanente, que não compreende, com outras porções do Self que não estão sob o seu domínio. Está igualmente consciente de que esse self interior possui o conhecimento sobre o qual a sua própria existência se baseia.

À medida que cresce, nos vossos termos, procura no exterior a confirmação desse conhecimento interior. O self interior sustenta o Ego Exterior com o seu apoio. Traduz as suas verdades em dados orientados fisicamente, com os quais o Ego Exterior consegue lidar. Depois projeta-os para fora, para o campo da realidade física. Ao

ver essas verdades assim materializadas, o Ego Exterior passa então a aceitá-las mais facilmente.

Assim, lida-se frequentemente com acontecimentos em que certos seres humanos são tocados por uma grande iluminação, isolados das massas da humanidade e dotados de grandes poderes — períodos da história que parecem quase antinaturalmente brilhantes em contraste com outros; profetas, génios e reis apresentados em proporções maiores do que as humanas.

Essas pessoas são escolhidas por outras para manifestarem exteriormente as verdades interiores que todos conhecem intuitivamente. Há aqui muitos níveis de significado. Por um lado, tais indivíduos recebem dos seus semelhantes as suas capacidades e o seu poder aparentemente não terrenos; contêm-nos, exibem-nos no mundo físico para que todos os vejam. Representam o papel do self interior abençoado, que, na verdade, não pode operar dentro da realidade física sem estar revestido de carne. Essa energia, contudo, é uma projeção inteiramente válida do self interior.

A personalidade assim tocada por ela torna-se então realmente, em certos termos, aquilo que parece ser. Surgirá como herói eterno no drama religioso exterior, tal como o self interior é o herói eterno do drama religioso interior.

Esta projeção mística é uma atividade contínua. Quando a força de uma grande religião começa a diminuir e os seus efeitos físicos se tornam mais fracos, o drama interior começa então novamente a acelerar. As aspirações mais elevadas do ser humano serão,

portanto, projetadas sobre a história física. Os próprios dramas serão diferentes. Lembra-te de que são primeiro construídos interiormente.

Serão formados para impressionar as condições do mundo em qualquer momento dado e, portanto, expressos em símbolos e acontecimentos que mais impressionem a população. Isto é feito com astúcia, pois o self interior sabe exatamente o que impressionará o Ego Exterior, e que tipos de personalidades serão mais capazes de personificar a mensagem em determinado momento. Quando uma tal personalidade aparece então na história, é reconhecida intuitivamente, pois o caminho foi preparado há muito e, em muitos casos, as profecias que anunciam essa chegada já foram feitas.

Os indivíduos assim escolhidos não aparecem simplesmente entre vós por acaso. Não são escolhidos ao acaso. São indivíduos que assumiram sobre si a responsabilidade desse papel. Depois do nascimento, estão conscientes, em graus variáveis, do seu destino, e certas experiências-gatilho podem, por vezes, despertar neles a memória plena.

Servem com bastante clareza como representantes humanos de Tudo O Que É. Ora, uma vez que cada indivíduo é parte de Tudo O Que É, cada um de vós serve, em certa medida, esse mesmo papel. Contudo, num drama religioso desse tipo, a personalidade principal é muito mais consciente do seu conhecimento interior, está mais consciente das suas capacidades, é muito mais capaz de as usar, e está jubilosamente familiarizada com a sua relação com toda a vida.

As ideias de bem e mal, deuses e demónios, salvação e condenação, são meramente símbolos de valores religiosos mais profundos; valores cósmicos, se preferires, que não podem ser traduzidos em termos físicos.

Estas ideias tornam-se os temas impulsionadores desses dramas religiosos de que falei. Os atores podem “regressar”, vezes sem conta, em papéis diferentes. Assim, em qualquer drama religioso histórico, os atores podem já ter aparecido no palco histórico do vosso passado, sendo o profeta de hoje o traidor do drama anterior.

Estas entidades psíquicas são reais, contudo. É bastante correto dizer que a sua realidade consiste não apenas no núcleo da sua própria identidade, mas é também reforçada pelos pensamentos e sentimentos projetados pela audiência terrena para quem o drama é representado.

A identificação psíquica ou psicológica é aqui de grande importância e está, de facto, no coração de todos esses dramas. Num certo sentido, podes dizer que o ser humano se identifica com os deuses que ele próprio criou. Contudo, o ser humano não compreende a qualidade magnífica da sua própria inventividade e do seu poder criativo. Então, se disseres que deuses e homens se criam mutuamente, aproxima-te ainda mais da verdade; mas apenas se fores muito cuidadoso nas tuas definições — pois de que modo, exatamente, diferem os deuses e os homens?

Os atributos dos deuses são aqueles que existem inerentemente no próprio ser humano, ampliados e conduzidos a uma atividade

poderosa. Os homens acreditam que os deuses vivem para sempre. Os homens vivem para sempre, mas, tendo-se esquecido disso, lembram-se apenas de atribuir essa característica aos seus deuses. Obviamente, então, para lá destes dramas religiosos históricos terrenos, para lá das narrativas aparentemente recorrentes de deuses e homens, existem realidades espirituais.

Por detrás dos atores nos dramas, existem entidades mais poderosas, que estão bastante para lá da representação de papéis. As próprias peças, então — as religiões que atravessam as eras —, são apenas sombras, embora sombras úteis. Por detrás da moldura do bem e do mal existe um valor espiritual muito mais profundo. Todas as religiões, portanto, embora tentem capturar a “verdade”, têm necessariamente, em larga medida, de recear que ela lhes escape sempre.

Só o self interior, em repouso, em meditação, consegue por vezes vislumbrar porções dessas realidades interiores que não podem ser expressas fisicamente. Estes valores, intuições ou perceções interiores são dados a cada um segundo o seu entendimento, e por isso as histórias contadas sobre eles variam frequentemente.

Por exemplo, a personagem principal de um drama religioso histórico pode ou não estar conscientemente ciente dos modos pelos quais essa informação lhe é dada. E, no entanto, pode parecer-lhe que sabe, pois a natureza da origem de um dogma será explicada em termos que essa personagem principal consiga compreender. O Jesus histórico sabia quem era, mas sabia também

que era uma de três personalidades que compunham uma só entidade. Em larga medida, partilhava a memória das outras duas.

A terceira personalidade, que mencionei muitas vezes, ainda não apareceu, nos vossos termos, embora a sua existência tenha sido profetizada como a “Segunda Vinda” (Mateus 24). Essas profecias foram dadas nos termos da cultura vigente naquele tempo e, portanto, embora o palco tenha sido preparado, as distorções são deploráveis, pois esse Cristo não virá no fim do vosso mundo, como as profecias têm mantido.

Não virá para recompensar os justos e enviar os malfeitores para a condenação eterna. Contudo, dará início a um novo drama religioso. Será mantida uma certa continuidade histórica. Como aconteceu anteriormente, porém, não será geralmente conhecido por aquilo que é. Não haverá nenhuma proclamação gloriosa perante a qual o mundo inteiro se incline. Regressará para corrigir o cristianismo, que estará em ruínas no momento da sua chegada, e para estabelecer um novo sistema de pensamento quando o mundo estiver dolorosamente necessitado de um.

Nessa altura, todas as religiões estarão em crise severa. Ele minará as organizações religiosas — não as unirá. A sua mensagem será a do indivíduo na sua relação com Tudo O Que É. Indicará claramente métodos pelos quais cada indivíduo poderá alcançar um estado de contacto íntimo com a sua própria entidade; sendo a entidade, até certo ponto, o mediador do ser humano com Tudo O Que É.

Em 2075, tudo isto já estará realizado.¹

A terceira personalidade de Cristo será, de facto, conhecida como um grande psíquico, pois será ele quem ensinará a humanidade a usar esses sentidos interiores que, por si só, tornam possível a verdadeira espiritualidade. Assassinos e vítimas trocarão de papéis à medida que as memórias reencarnacionais emergirem à superfície da consciência. Através do desenvolvimento dessas capacidades, a sacralidade de toda a vida será intimamente reconhecida e apreciada.

Antes desse tempo, nascerão vários que, de diferentes modos, reacenderão as expectativas do ser humano. Um desses homens já nasceu na Índia, numa pequena província perto de Calcutá, mas o seu ministério parecerá permanecer comparativamente local durante a sua vida. Outro nascerá em África, um homem negro cujo trabalho principal será feito na Indonésia. As expectativas foram estabelecidas há muito tempo, nos vossos termos, e serão alimentadas por novos profetas até que a terceira personalidade de Cristo emerja, de facto.

Ele conduzirá o ser humano para lá do simbolismo em que a religião se apoiou durante tantos séculos. Enfatizará a experiência espiritual individual, a expansividade da Alma, e ensinará o ser

¹ Nostradamus viu a dissolução da Igreja Católica Romana como o fim do mundo. Não conseguia imaginar a civilização sem ela; por isso, muitas das suas previsões posteriores devem ser lidas tendo isto em conta.

humano a reconhecer os numerosos aspetos da sua própria realidade.²

A terceira figura histórica, já nascida nos vossos termos, e uma porção da personalidade total de Cristo, assumiu sobre si o papel de zelota.

Esta pessoa tinha energia e poder superiores, bem como grandes capacidades de organização, mas foram os erros que cometeu sem o perceber que perpetuaram algumas distorções perigosas. Os registos desse período histórico estão dispersos e são contraditórios.

O homem, agora em termos históricos, foi Paulo ou Saulo de Tarso.³ Coube-lhe estabelecer uma estrutura. Mas deveria ser uma estrutura de ideias, não de regulamentos; de seres humanos, não

² Durante o intervalo, Jane releu partes do Capítulo Dezoito de O Material de Seth, depois anunciou que achava haver uma contradição entre esse material — originalmente da 491.ª sessão, de 2 de julho de 1969 — sobre os três Cristos, e a informação dada por Seth esta noite. Eis os parágrafos em questão, retirados das páginas 246-247 do capítulo sobre “O Conceito de Deus”: “Houve três homens cujas vidas se confundiram na história e se fundiram, e cuja história composta ficou conhecida como a vida de Cristo... Cada um era psiquicamente muito dotado, conhecia o seu papel e aceitou-o voluntariamente. Os três homens faziam parte de uma só entidade, obtendo existência física numa mesma época. Contudo, não nasceram na mesma data. Há razões pelas quais a entidade não regressou como uma só pessoa. Por um lado, a consciência plena de uma entidade seria demasiado forte para um único veículo físico. Por outro, a entidade queria um ambiente mais diversificado do que aquele que, de outro modo, poderia ser proporcionado.

“A entidade nasceu uma vez como João Batista, e depois nasceu sob duas outras formas. Uma delas continha a personalidade a que a maior parte das histórias de Cristo se refere... Falar-vos-ei da outra personalidade numa ocasião posterior. Havia comunicação constante entre estas três porções de uma só entidade, embora tenham nascido e sido sepultadas em datas diferentes. A raça convocou estas personalidades a partir do seu próprio banco psíquico, do reservatório de consciência individualizada que estava disponível para ela.”

Eu próprio também começara a interrogar-me. Durante todo este tempo, pensáramos que as três personalidades que compunham a entidade de Cristo já tinham vivido e morrido, mas agora Seth falava da terceira personalidade a regressar no próximo século. Qual era a explicação? Não estávamos perturbados; ainda assim, sentíamo-nos inquietos quando a sessão recomeçou.

³ Saulo de Tarso era o seu nome hebraico/judaico; Paulo de Tarso foi o nome romano pelo qual passou a ser conhecido na tradição cristã após a sua conversão.

de grupos. Foi aqui que ele falhou, e regressará como a terceira personalidade, há pouco mencionada, no vosso futuro.

Nesse sentido, contudo, não há quatro personalidades.

Saulo esforçou-se imenso por estabelecer-se como uma identidade separada. As suas características, por exemplo, eram aparentemente bastante diferentes das do Cristo histórico. Foi “convertido” numa experiência pessoal intensa — facto que deveria ter-lhe mostrado os aspetos pessoais, e não organizacionais. No entanto, alguns dos seus feitos da vida anterior foram atribuídos a Cristo — não enquanto jovem, mas antes disso.

Todas as personalidades têm livre-arbítrio e trabalham os seus próprios desafios. O mesmo se aplicava a Saulo. As “distorções” organizacionais, contudo, eram também necessárias dentro da moldura da história tal como os acontecimentos são compreendidos. As tendências de Saulo eram, portanto, conhecidas noutro nível. Serviram um propósito. É por essa razão, contudo, que ele emergirá novamente, desta vez para destruir essas distorções.

Ele não as criou sozinho, nem as impôs à realidade histórica. Criou-as na medida em que se viu forçado a admitir certos factos: naquele mundo, naquele tempo, era necessário poder terreno para manter as ideias cristãs separadas de inúmeras outras teorias e religiões, para as conservar no meio de facções em guerra. Era seu trabalho formar uma estrutura física; e mesmo então receava que a estrutura estrangulasse as ideias, mas não via outra forma.

Quando a terceira personalidade reemergir historicamente, contudo, não será chamada o velho Paulo, mas trará consigo as características de todas as três personalidades.

Paulo tentou negar saber quem era, até à sua experiência de conversão. Alegoricamente, representava uma faceta guerreira do Self, que combate contra o seu próprio conhecimento e está orientada de uma forma intensamente física. Pareceu passar de um extremo ao outro, primeiro contra Cristo e depois a favor dele. Mas a veemência interior esteve sempre presente, o fogo interior, bem como o reconhecimento que durante tanto tempo tentou esconder.

A sua era a porção destinada a lidar com a realidade física e com a manipulação, e por isso essas qualidades eram fortes nele. Até certo ponto, dominaram-no. Quando o Cristo histórico “morreu”, Paulo deveria implementar as ideias espirituais em termos físicos, dar-lhes continuidade. Ao fazê-lo, contudo, fez crescer as sementes de uma organização que acabaria por sufocar as ideias. Permaneceu depois de Cristo, tal como João Batista viera antes. Juntos, os três abrangeram um certo período de tempo.

João e o Cristo histórico desempenharam cada um o seu papel e ficaram satisfeitos por o terem feito. Só Paulo ficou, no fim, insatisfeito, e por isso é em torno da sua personalidade que o Cristo futuro se formará.

A entidade de que estas personalidades fazem parte, essa entidade a que podes chamar a entidade de Cristo, estava consciente destas questões. As personalidades terrenas não

estavam conscientes delas, embora, em períodos de transe e exaltação, muito lhes fosse dado a conhecer.

Paulo representava também a natureza militante do ser humano, que tinha de ser levada em consideração de acordo com o desenvolvimento humano daquela época. Essa qualidade militante no ser humano mudará completamente de natureza, e será dispensada tal como a conheceis, quando a próxima personalidade de Cristo emergir. É, portanto, apropriado que Paulo esteja presente.

No próximo século, a natureza interior do ser humano, com estes desenvolvimentos, libertar-se-á de muitas das limitações que a prenderam. Uma nova era começará, de facto — não, agora, um céu na Terra, mas um mundo muito mais são e justo, no qual o ser humano estará muito mais consciente da sua relação com o seu planeta e da sua liberdade dentro do tempo.⁴

⁴ A nossa conversa durante o intervalo desta sessão abordou vários outros pontos que achei que poderiam interessar aos leitores: um deles foi a designação de zelota que Seth aplicou a Paulo. A princípio, pensei que ele fosse dizer que havia uma ligação entre Paulo, ou Saulo, e os Zelotas, uma das seitas religiosas em que o povo judeu se encontrava dividido na Judeia do século I d.C. A Terra Santa estava então ocupada pelos romanos, e Paulo era judeu e cidadão romano. Eu tinha lido recentemente sobre essas seitas num livro sobre os Manuscritos do Mar Morto, e ficara algo intrigado com o meu interesse tanto pelos manuscritos como pelas seitas; mas, depois de ouvir Seth esta noite, parti do princípio de que ele não iria dizer muito sobre esses temas.

Outra pergunta dizia respeito a um nome e a um país para o aparecimento do terceiro Cristo no próximo século. Além disso, poderia Seth, ou quereria ele, dar alguns dados sobre a figura religiosa já nascida na Índia e sobre o homem negro que nasceria em África?

À medida que continuávamos a conversar durante o intervalo, Jane disse-me então que sabia as respostas às perguntas que eu tinha feito. As respostas tinham-lhe “vindo”. Disse que não recebera essa informação em palavras exatas, mas que a sentira e tivera de a traduzir:

1. Seth tinha usado a palavra zelota, aplicada a Paulo, com intenção descritiva do seu temperamento — não como referência à seita dos Zelotas. Uma nota, acrescentada mais tarde: haveria, contudo, mais material sobre Paulo e os Zelotas.

2. O país — com um nome e datas — que veria o aparecimento do terceiro Cristo no próximo século não nos seria dado agora, mas poderia sê-lo em anos posteriores. Seth, disse ela, abstivera-se deliberadamente de ser mais específico. Isto destinava-se a impedir reações exageradas perante cada figura nascida num determinado país que pudesse parecer corresponder às descrições e datas dadas. Isso seria muito injusto e enganador.

Gostaria de deixar claro que a “nova religião” que se seguirá à Segunda Vinda não será cristã nos vossos termos, embora a terceira personalidade de Cristo a inicie.

Essa personalidade fará referência ao Cristo histórico e reconhecerá a sua relação com ele; mas, dentro dela, os três agrupamentos de personalidade formarão uma nova entidade psíquica, uma gestalt psicológica diferente. À medida que esta metamorfose ocorrer, iniciará também uma metamorfose ao nível humano, à medida que as capacidades interiores do ser humano forem aceites e desenvolvidas.

O resultado será um tipo diferente de existência. Muitos dos vossos problemas atuais resultam da ignorância espiritual. Nenhum ser humano olhará de cima para um indivíduo de outra raça quando reconhecer que a sua própria existência inclui também essa pertença.

Nenhum sexo será considerado melhor do que o outro, nem qualquer papel na sociedade, quando cada indivíduo estiver consciente da sua própria experiência em muitos níveis da sociedade e em muitos papéis. Uma consciência aberta sentirá as suas ligações com todos os outros seres vivos. A continuidade da consciência tornar-se-á evidente. Em resultado de tudo isto, as

3. Pela mesma razão, Seth não diria mais nesta altura sobre a figura religiosa indiana e o africano ainda por nascer que trabalharia na Indonésia.

Posteriormente Seth disse que as respostas de Jane estavam corretas.

estruturas sociais e governamentais mudarão, pois estas assentam nas vossas crenças atuais.

A personalidade humana colherá benefícios que agora pareceriam inacreditáveis. Uma consciência aberta implicará uma liberdade muito maior. Desde o nascimento, as crianças serão ensinadas que a identidade básica não depende do corpo e que o tempo, tal como o conheceis, é uma ilusão. A criança estará consciente de muitas das suas existências passadas e será capaz de se identificar com o velho ou a velha que, nos vossos termos, virá a tornar-se.

Muitas das lições “que vêm com a idade” estarão então disponíveis para os jovens, mas os velhos não perderão a elasticidade espiritual da juventude. Isto, por si só, é importante. Mas, durante algum tempo, as encarnações futuras continuarão ocultas por razões práticas.

À medida que estas mudanças ocorrerem, novas áreas serão ativadas no cérebro para lhes dar suporte físico. Fisicamente, então, serão possíveis mapeamentos cerebrais nos quais memórias de vidas passadas serão evocadas. Todas estas alterações são mudanças espirituais em que o significado da religião escapará aos limites organizacionais, se tornará uma parte viva da existência individual, e em que estruturas psíquicas, mais do que estruturas físicas, formarão os fundamentos da civilização.

A experiência humana será tão alargada que, para vós, a espécie parecerá ter-se transformado noutra. Isto não significa que não

haverá problemas. Significa que o ser humano terá ao seu dispor recursos muito maiores. Pressupõe também uma estrutura social mais rica e muito mais diversa. Homens e mulheres descobrir-se-ão a relacionar-se com os seus semelhantes não apenas como as pessoas que são, mas também como as pessoas que foram.

As relações familiares mostrarão talvez as maiores mudanças. Haverá espaço para interações emocionais dentro da família que agora são impossíveis. A mente consciente estará mais consciente do material inconsciente.

Incluo esta informação neste capítulo sobre religião porque é importante que compreendas que a ignorância espiritual está na base de muitos dos vossos problemas, e que, de facto, as vossas únicas limitações são espirituais.

A metamorfose antes mencionada da terceira personalidade terá uma força e um poder tais que convocará da humanidade essas mesmas qualidades a partir do seu próprio interior. As qualidades sempre estiveram presentes. Finalmente romperão os véus da percepção física, ampliando essa percepção de novas maneiras.

Neste momento, falta à humanidade esse foco. A terceira personalidade representará esse foco. Incidentalmente, não haverá crucificação nesse drama. Essa personalidade será, de facto, multidimensional, consciente de todas as suas encarnações. Não será orientada em termos de um só sexo, de uma só cor ou de uma só raça.

Pela primeira vez, portanto, romperá os conceitos terrenos de personalidade, libertando a personalidade. Terá a capacidade de manifestar esses diversos efeitos conforme escolher. Haverá muitos que terão medo de aceitar a natureza da sua própria realidade, ou de lhes serem reveladas as dimensões da verdadeira identidade.

Por várias razões, como Ruburt mencionou, não quero dar informação mais detalhada quanto ao nome que será usado, nem quanto à terra de nascimento. Demasiados poderiam sentir-se tentados a precipitar-se prematuramente para essa imagem.

Os acontecimentos não estão predestinados. A estrutura para esta emergência, contudo, já foi estabelecida dentro do vosso sistema de probabilidades. A emergência desta terceira personalidade afetará diretamente o drama histórico original de Cristo tal como agora é conhecido. Há, e deve haver, interações entre eles.

Os dramas religiosos exteriores são, evidentemente, representações imperfeitas das realidades espirituais interiores em permanente desdobramento. As várias figuras, os deuses e profetas dentro da história religiosa, absorvem as projeções interiores de massa lançadas por aqueles que habitam um determinado período de tempo.

Tais dramas religiosos focalizam, orientam e, espera-se, clarificam aspetos da realidade interior que precisam de ser representados fisicamente. Estes não aparecem apenas dentro do vosso próprio sistema. Muitos são também projetados noutros

sistemas de realidade. Contudo, a religião em si é sempre a fachada exterior da realidade interior. Só a existência espiritual primária dá significado à existência física.

Nos termos mais reais, a religião deveria incluir todas as buscas do ser humano na sua procura pela natureza do significado e da verdade. A espiritualidade não pode ser uma atividade ou característica isolada e especializada.

Os dramas religiosos exteriores são importantes e valiosos apenas na medida em que refletem fielmente a natureza da existência espiritual interior e privada. Na medida em que um ser humano sente que a sua religião expressa essa experiência interior, sentirá que ela é válida. Contudo, a maioria das religiões estabelece certos grupos de experiências como permissíveis, negando outros. Limitam-se ao aplicar os princípios da sacralidade da vida apenas à vossa própria espécie, e muitas vezes a grupos altamente limitados dentro dela.

Em momento algum qualquer igreja conseguirá expressar a experiência interior de todos os indivíduos. Em momento algum qualquer igreja se encontrará numa posição em que consiga restringir efetivamente a experiência interior dos seus membros — apenas parecerá fazê-lo. As experiências proibidas serão simplesmente expressas de forma inconsciente, ganharão força e vitalidade, e erguer-se-ão para formar uma contraprojeção que, então, dará forma a outro drama religioso exterior, mais novo.

Os próprios dramas expressam certas realidades interiores, e servem como lembretes superficiais para aqueles que não confiam na experiência direta com o self interior. Tomarão os símbolos por realidade. Quando descobrem que não é assim, sentem-se traídos. Cristo falou em termos de pai e filho porque, nos vossos termos, naquele tempo, esse era o método usado — a história que contou para explicar a relação entre o self interior e o indivíduo fisicamente vivo. Nenhuma nova religião surpreende realmente alguém, pois o drama já foi representado subjetivamente.

O que disse, evidentemente, aplica-se tanto a Buda como a Cristo, pois ambos aceitaram as projeções interiores e depois tentaram representá-las fisicamente. Eram, contudo, mais do que a soma dessas projeções. Isto também deve ser compreendido. O islamismo ficou muito aquém. Neste caso, as projeções eram de violência predominante. O amor e o parentesco eram secundários em relação àquilo que, de facto, equivalia a batismo e comunhão através da violência e do sangue.

Nestes dramas religiosos exteriores contínuos, os hebreus desempenharam um papel estranho. A sua ideia de um só deus não era nova para eles. Muitas religiões antigas sustentavam a crença num deus acima de todos os outros. Esse deus acima de todos os outros era, contudo, muito mais indulgente do que aquele que os hebreus seguiram. Muitas tribos acreditavam, com bastante acerto, no espírito interior que permeia cada coisa viva. E referiam-se muitas vezes, por exemplo, ao deus na árvore, ou ao espírito na flor. Mas aceitavam também a realidade de um espírito global, do

qual esses espíritos menores eram apenas uma parte. Todos trabalhavam juntos harmoniosamente.

Os hebreus conceberam um deus supervisor, um deus irado, justo e por vezes cruel; e muitas seitas negaram então a ideia de que outros seres vivos, além do ser humano, possuíssem espíritos interiores. As crenças anteriores representavam muito melhor a realidade interior, pois nelas o ser humano, observando a natureza, deixava que a natureza falasse e revelasse os seus segredos.

O deus hebraico, contudo, representava uma projeção de um tipo muito diferente. O ser humano estava a tornar-se cada vez mais consciente do Ego Exterior, de uma sensação de poder sobre a natureza, e muitos dos milagres posteriores são apresentados de tal modo que a natureza é forçada a comportar-se de maneira diferente do seu modo habitual. Deus torna-se aliado do ser humano contra a natureza.

O deus hebraico inicial tornou-se símbolo do Ego Exterior liberto do ser humano. Deus comportava-se exatamente como uma criança enfurecida se comportaria, caso tivesse esses poderes, enviando trovões, relâmpagos e fogo contra os seus inimigos, destruindo-os. O Ego Exterior emergente do ser humano trouxe, portanto, problemas e desafios emocionais e psicológicos. A sensação de separação em relação à natureza cresceu. A natureza tornou-se uma ferramenta a usar contra os outros.

Algun tempo antes da emergência do deus hebraico, estas tendências já eram visíveis. Em muitas religiões tribais antigas,

agora esquecidas, recorria-se também aos deuses para virar a natureza contra o inimigo. Antes desse tempo, contudo, o ser humano sentia-se parte da natureza, não separado dela. A natureza era considerada uma extensão do seu ser, tal como ele se sentia uma extensão da realidade dela. Nesses termos, não se pode usar a si mesmo como arma contra si mesmo.

Nesses tempos, os seres humanos falavam e confiavam-se aos espíritos dos pássaros, das árvores e das aranhas, sabendo que, na realidade interior subjacente, a natureza dessas comunicações era conhecida e compreendida. Nesses tempos, a morte não era temida como o é agora, nos vossos termos, pois o ciclo da consciência era compreendido.

O ser humano desejava, de certo modo, sair de si mesmo, sair da estrutura em que tinha a sua existência psicológica, para experimentar novos desafios, para passar de um modo de consciência para outro. Queria estudar o processo da sua própria consciência. De certo modo, isto implicava uma gigantesca separação da espontaneidade interior que lhe dera tanto paz como segurança. Por outro lado, oferecia uma nova criatividade, nos seus termos.

Neste sentido, o deus interior tornou-se o deus exterior. O ser humano tentou formar um novo domínio, alcançar outro tipo de foco e consciência. A sua consciência virou uma esquina para fora de si mesma. Para o fazer, concentrou-se cada vez menos na realidade interior e, portanto, começou o processo de perceber a realidade

interior apenas quando esta era projetada para fora, no mundo físico.

Antes, o ambiente era criado e percebido sem esforço pelo ser humano e por todos os outros seres vivos, pois conheciam a natureza da sua unidade interior. Para iniciar esta nova aventura, foi necessário fingir que essa unidade interior não existia. De outro modo, o novo tipo de consciência voltaria sempre a correr para casa, em busca de segurança e conforto. Assim, pareceu que todas as pontes tinham de ser cortadas, embora, evidentemente, fosse apenas um jogo, porque a realidade interior permaneceu sempre. O novo tipo de consciência teve simplesmente de desviar o olhar dela para manter, inicialmente, um foco independente.

Estou a falar aqui para vós em termos mais ou menos históricos. Contudo, deveis perceber que o processo nada tem a ver com o tempo tal como o conheceis. Este tipo particular de aventura na consciência ocorreu antes e, nos vossos termos, ocorrerá novamente.⁵

A percepção do universo exterior mudou então, contudo, e ele pareceu estranho e separado do indivíduo que o percebia.

Deus tornou-se, portanto, uma ideia projetada para fora, independente do indivíduo, divorciada da natureza. Tornou-se o reflexo do Ego Exterior emergente do ser humano, com todo o seu brilho, selvajaria, poder e intenção de domínio. A aventura foi

⁵ Aqui Seth estava a fazer uma pequena piada, pois Jane tem escrito ultimamente algo a que deu provisoriamente o título "Aventuras na Consciência".

altamente criativa, apesar das desvantagens óbvias, e representou uma “evolução” da consciência que enriqueceu a experiência subjetiva do ser humano e, de facto, acrescentou algo às próprias dimensões da realidade.

Para serem eficazmente organizadas, contudo, a experiência interior e a exterior tiveram de parecer acontecimentos separados e desligados. Historicamente, as características de Deus mudaram à medida que o Ego Exterior do ser humano mudou. Estas características do Ego Exterior, contudo, eram sustentadas por fortes mudanças interiores.

A propulsão original das características interiores para fora, na formação do Ego Exterior, poderia ser comparada ao nascimento de inúmeras estrelas — um acontecimento de consequências incomensuráveis, originado a nível subjetivo e dentro da realidade interior.

O Ego Exterior, tendo nascido a partir do interior, deve, portanto, gabar-se sempre da sua independência, enquanto mantém a certeza incômoda da sua origem interior.

O Ego Exterior receava pela sua posição, assustado com a possibilidade de se dissolver de novo no self interior de onde veio. Contudo, na sua emergência, forneceu ao self interior um novo tipo de feedback, uma visão diferente não apenas de si mesmo, mas, através disso, o self interior pôde entrever possibilidades de desenvolvimento de que antes não estava consciente. Nos vossos termos, à época de Cristo, o Ego Exterior estava suficientemente

seguro da sua posição para que a imagem projetada de Deus pudesse começar a mudar.

O self interior encontra-se num estado de crescimento constante. A porção interior do Self em cada ser humano, portanto, projetou esse conhecimento para fora. A necessidade psicológica e espiritual da espécie exigia alterações interiores e exteriores de grande importância. Qualidades de misericórdia e compreensão que tinham estado enterradas podiam agora vir à superfície. Não apenas em privado, mas em massa, emergiram com força, acrescentando um novo ímpeto e dando uma “nova” direção natural — começando a chamar para si todas as porções do Self, tal como este se conhecia.

Assim, o conceito de Deus começou a mudar à medida que o Ego Exterior reconhecia a sua dependência da realidade interior, mas o drama tinha de ser desenvolvido dentro da estrutura vigente. O islamismo foi basicamente tão violento precisamente porque o cristianismo foi basicamente tão suave. Não que o cristianismo não estivesse misturado com violência, nem que o islamismo fosse desprovido de amor. Mas, à medida que a psique atravessava os seus desenvolvimentos e lutava consigo mesma, negando certos sentimentos e características e acentuando outros, também os dramas religiosos exteriores históricos representavam e acompanhavam essas aspirações, lutas e procuras interiores.

Todo este material agora dado deve ser considerado juntamente com o facto de que, por baixo destes desenvolvimentos, existem os aspetos eternos e as características criativas de uma força que é simultaneamente inegável e íntima. Por outras palavras, Tudo O

Que É representa a realidade da qual todos nós brotamos. Tudo O Que É, pela sua natureza, transcende todas as dimensões de atividade, consciência ou realidade, ao mesmo tempo que faz parte de cada uma delas.

Por detrás de todos os rostos há um só rosto, mas isto não significa que o rosto de cada ser humano não seja o seu próprio rosto. O drama religioso posterior de que falei, ainda por vir nos vossos termos, representa outro estádio, tanto nos dramas interiores como nos exteriores, em que o Ego Exterior emergente toma consciência de grande parte da sua herança. Mantendo o seu próprio estatuto, poderá ter um intercâmbio muito maior com outras porções do Self e oferecer também ao self interior oportunidades de consciência que o self interior, por si só, não conseguiria obter.

As jornadas dos deuses, portanto, representam as jornadas da própria consciência humana projetadas para fora. Tudo O Que É, contudo, está dentro de cada uma dessas aventuras. A sua consciência e a sua realidade estão dentro de cada ser humano, e dentro dos deuses que ele criou.

Os deuses adquirem, evidentemente, uma realidade psíquica. Portanto, não estou a dizer que não sejam reais, mas estou, em certa medida, a definir a natureza da sua realidade. É verdadeiro dizer, até certo ponto: “Tem cuidado com os deuses que escolhes, pois reforçar-se-ão mutuamente.”

Uma aliança desse tipo estabelece certos campos de atração. Um ser humano que se liga a um dos deuses está necessariamente a ligar-se, em larga medida, às suas próprias projeções. Algumas, nos vossos termos, são criativas, e outras destrutivas, embora estas últimas raramente sejam reconhecidas como tal.

O conceito aberto de Tudo O Que É, contudo, liberta-vos em grande medida das vossas próprias projeções, e permite um contacto mais válido com o espírito que está por detrás da realidade que conheceis.

Algumas histórias antigas chegaram até vós através dos séculos, falando de vários deuses e demónios que guardam as portas, por assim dizer, de outros níveis de realidade e estádios de consciência. Os níveis astrais são cuidadosamente dispostos, numerados e categorizados.

Há provas a superar antes da entrada. Há rituais a cumprir. Ora, tudo isto está altamente distorcido. Qualquer tentativa de expressar a realidade interior de modo tão rigoroso e preciso está destinada a falhar, a ser profundamente enganadora e, nos vossos termos, por vezes perigosa; pois vós criais a vossa própria realidade e viveis nela de acordo com as vossas crenças interiores. Portanto, tende também cuidado com as crenças que aceitais.

Deixai-me aproveitar este momento para afirmar novamente que não existem diabos nem demónios, exceto na medida em que os criais a partir da vossa crença. Como mencionei anteriormente, os efeitos do bem e do mal são basicamente ilusões. Nos vossos

termos, todos os atos, independentemente da sua natureza aparente, fazem parte de um bem maior. Não estou a dizer que um bom fim justifique aquilo que consideraríeis uma ação má. Enquanto ainda aceitais os efeitos do bem e do mal, então será melhor escolherdes o bem.

Estou a dizer isto da forma mais simples possível. Contudo, por baixo das minhas palavras existem complicações profundas. Os opostos só têm validade dentro do vosso próprio sistema de realidade. Fazem parte dos vossos pressupostos de base e, portanto, tendes de lidar com eles enquanto tal. Representam, contudo, unidades profundas que não compreendeis. A vossa conceção de bem e mal resulta, em grande parte, do tipo de consciência que adotastes presentemente. Não percecionais totalidades, mas porções. A mente consciente focaliza-se com uma luz rápida, limitada, mas intensa, percecionando, a partir de um dado campo de realidade, apenas certos “estímulos”. Depois reúne esses estímulos, formando a ligação por semelhança. Aquilo que não aceita como porção da realidade, não perceciona.

O efeito dos opostos resulta, então, de uma falta de perceção. Uma vez que tendes de operar dentro do mundo tal como o percebeis, os opostos parecerão condições da existência. Contudo, estes elementos foram isolados por uma razão específica. Estais a ser ensinados, e estais a ensinar-vos a vós mesmos, a lidar com a energia, a tornardes-vos cocriadores conscientes com Tudo O Que É, e um dos “estádios de desenvolvimento”, ou processos de aprendizagem, inclui lidar com os opostos como realidades.

Nos vossos termos, as ideias de bem e mal ajudam-vos a reconhecer a sacralidade da existência, a responsabilidade da consciência. As ideias de opostos são também linhas orientadoras necessárias para o Ego Exterior em desenvolvimento. O self interior conhece muito bem a unidade que existe.

Em qualquer dado período histórico, um drama religioso pode acabar por emergir como representação exterior, mas haverá também muitos dramas menores, “projeções”, que não se consolidam inteiramente. Estes representam, evidentemente, acontecimentos prováveis. Qualquer um deles poderia substituir o drama exterior efetivo. No tempo de Cristo, houve muitas dessas representações, à medida que muitas personalidades sentiam a força da realidade interior e reagiam a ela.

Havia Cristos prováveis, por outras palavras, vivendo nos vossos termos naquele tempo. Por várias razões que não desenvolverei aqui, essas projeções não espelharam os acontecimentos interiores com fidelidade suficiente. Havia, contudo, cerca de vinte homens na mesma área física geral que responderam ao clima psíquico interior e sentiram em si a atração e a responsabilidade do herói religioso.

Alguns desses homens estavam demasiado marcados pelo tormento e pelo fervor do período para se elevarem suficientemente acima dele. As culturas usaram-nos. Eles não conseguiram usar as várias culturas como plataforma de lançamento para as novas ideias. Em vez disso, perderam-se na história da época.

Alguns continuaram seguindo o mesmo padrão assumido por Cristo, realizaram feitos psíquicos e curas, tiveram grupos de seguidores e, contudo, não foram capazes de manter aquele poderoso foco de atenção psíquica que era tão necessário.

O chamado Mestre da Retidão foi uma dessas pessoas, mas a sua natureza excessivamente zelosa reteve-o.⁶

A sua rigidez impediu a espontaneidade necessária para qualquer verdadeira grande libertação religiosa. Caiu, em vez disso, na armadilha do provincialismo. Se tivesse desempenhado o papel possível, poderia ter sido benéfico para Paulo. Era uma personalidade provável da porção Paulo da entidade de Cristo.

Estes homens compreendiam inatamente a sua parte nesse drama, bem como a sua posição dentro de Tudo O Que É. Eram todos altamente clarividentes e telepáticos, dados a visões e à audição de vozes.

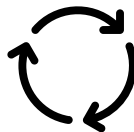
Nos seus sonhos, estavam em contacto. Conscientemente, Paulo recordava muitos desses sonhos, até sentir que era perseguido por Cristo. Foi por causa de uma série de sonhos recorrentes que Paulo perseguiu os cristãos. Sentia que Cristo era uma espécie de demónio que o perseguia durante o sono.

⁶ Na literatura que tenho lido sobre o assunto, o líder zelota é geralmente chamado Mestre da Retidão. A interpretação dos registos escassos, incluindo os Manuscritos do Mar Morto, deu origem a debate, mas parece que ele foi ou Menahem ben Judah, morto em 66 d.C. em Jerusalém, ou um sobrinho que sobreviveu e lhe sucedeu.

A nível inconsciente, contudo, conhecia o significado dos sonhos, e a sua “conversão”, evidentemente, foi apenas um acontecimento físico que se seguiu a uma experiência interior.

João Batista, Cristo e Paulo estavam todos ligados no estado de sonho, e João tinha plena consciência da existência de Cristo antes de Cristo nascer.

Paulo precisava da mais forte intensidade do Ego Exterior por causa dos seus deveres particulares. Por essa razão, estava muito menos consciente do seu papel. O conhecimento interior, evidentemente, explodiu na experiência física da conversão.



Na 586.^a sessão, anteriormente neste capítulo, Seth afirmou que, por volta do ano 2075, o terceiro Cristo — Paulo ou Saulo — teria realizado a Segunda Vinda, exercendo, evidentemente, um efeito profundo sobre a religião e a história mundial. Jane achava que um período de menos de um século era demasiado curto para abranger tantas mudanças dramáticas. Queria que eu perguntasse a Seth se ela teria distorcido estes dados ao transmiti-los.

Quando, por exemplo, nasceria essa personalidade, para ter tempo de provocar mudanças tão tremendas? Supusemos que havia a possibilidade de ter ocorrido alguma distorção.

As minhas perguntas diziam respeito às relações entre as três personalidades da entidade de Cristo: João Batista, Jesus Cristo e Paulo. Que tipo de interações psíquicas tinham ocorrido entre elas de forma forte ou excecional? Os seus sonhos e outras experiências psíquicas — para além dos casos registados — eram regularmente notáveis enquanto viviam as suas vidas dia após dia?

Todas as datas históricas que se seguem são bastante aproximadas, mas mostram o padrão de sobreposição das vidas físicas das três personalidades que compõem a entidade de Cristo.

João Batista nasceu entre 8 e 4 a.C. e morreu em 26 ou 27 d.C. Jesus Cristo nasceu entre 8 e 5 a.C. e morreu em 29 ou 30 d.C. Paulo [Saulo] de Tarso nasceu entre 5 e 15 d.C. e morreu em 67 ou 68 d.C.

Isabel, a mãe de João Batista, era prima de Maria, a mãe de Cristo. João batizou Cristo no início do seu ministério, em 26 ou 27 d.C., quando ele tinha cerca de trinta anos. João já estava ativo no seu próprio ministério e chamava-se frequentemente “precursor de alguém que seria mais nobre e mais forte”. Pouco depois de batizar Jesus, João foi preso por Herodes Antipas na fortaleza de Maqueronte, perto do Mar Morto.

Não se sabe ao certo se Cristo e Paulo alguma vez se encontraram. Paulo foi convertido vários anos depois da morte de Cristo; antes disso, fora um perseguidor zeloso dos cristãos. Também não parece que João e Paulo se tenham encontrado.

Segundo a história, todos os três membros da entidade de Cristo tiveram mortes violentas. Cristo foi crucificado perto de Jerusalém por ordem de Pôncio Pilatos; Herodes mandou decapitar João; e Paulo foi decapitado perto de Roma durante o reinado de Nero.

Leitores de *O Material de Seth* tinham pedido a Seth que desenvolvesse os dados sobre os três Cristos apresentados no Capítulo Dezoito, "O Conceito de Deus", desse livro. Alguns queriam saber se um dos três Cristos poderia ter sido o Mestre da Retidão; esta figura foi o líder da seita dos Zelotas na Judeia, no início do século I d.C. Havia quatro seitas judaicas conhecidas que floresciam ali no nascimento do Cristianismo.

Outras perguntas diziam respeito aos vários nomes atribuídos ao próprio Cristo. Jane e eu tínhamo-las guardado, e revimo-las agora antes da sessão.

— Em resposta à pergunta de Ruburt, o nascimento ocorrerá no tempo indicado; por volta do tempo indicado — o ano 2075. As outras mudanças ocorrerão geralmente ao longo de um período de um século, mas os resultados mostrar-se-ão muito antes dessa altura.

— Devido à natureza plástica do futuro, nos vossos termos, a data não pode ser considerada definitiva. Contudo, todas as probabilidades apontam nessa direção, pois o impulso interior já está a formar os acontecimentos.

— Tens mais alguma pergunta?

— A título de curiosidade, podes dizer como o Mestre da Retidão encontrou o seu fim? Esta é uma das perguntas que correspondentes fizeram.

— *O nome dado estava correto (ver nota 6), embora ele próprio seja uma tradução. Morreu com um pequeno grupo de homens numa gruta que mantinha como ponto de refúgio no meio de uma batalha, morto por membros de outra seita. Os assassinos levaram consigo certos manuscritos que encontraram ali; mas não encontraram outros, e estes ainda não vieram à luz.*

— *O último lugar de refúgio ficava perto de Damasco. Durante algum tempo, o Senhor da Retidão tentou esconder-se dentro da cidade. A sua identidade foi descoberta, contudo, e ele e um grupo de homens retiraram-se para grutas que ficavam entre Damasco e outra povoação próxima, muito mais pequena, que em tempos fora usada como fortaleza. Dirigiam-se para lá.*

— *Uma pequena nota para os interessados. Os Zelotas, a seita, estavam também divididos em dois grupos principais, acabando um deles por se separar do outro grupo principal. Serão encontrados outros documentos que esclarecerão várias questões importantes relativas aos tempos históricos. Durante um curto período da sua vida, Paulo juntou-se a um grupo zelota. Isto é desconhecido. Não foi registado.*

— *De facto, durante algum tempo, Paulo levou uma vida dupla como membro dos Zelotas. Voltou-se contra eles com veemência,*

contudo, tal como mais tarde se voltaria contra os Romanos para se juntar aos cristãos. Antes da sua conversão, sabia que tinha um propósito e uma missão, e lançava-se com toda a paixão do seu ser em quaisquer respostas que julgasse ter encontrado.

Síntese Operativa

Este capítulo desloca a religião do domínio das instituições, dogmas e crenças fixas para o domínio mais profundo da experiência interior. Seth não procura explicar uma religião específica, nem defender uma tradição contra outra. O que ele mostra é a função da religião dentro da história humana: tornar visível, em símbolos, dramas e figuras históricas, conhecimentos interiores que a consciência humana ainda não consegue apreender diretamente.

A função central do capítulo é esta:

a religião é a tradução exterior de realidades interiores; os dramas religiosos são projeções históricas de conhecimentos psíquicos, espirituais e coletivos que procuram forma no mundo físico.

1. O conhecimento interior procura expressão física

Seth começa por afirmar que existe, em cada personalidade, um conhecimento interior da existência multidimensional.

Esse conhecimento não pertence apenas à mente consciente comum. Está presente em níveis mais profundos do Self e procura continuamente traduzir-se no mundo físico.

conhecimento interior → irradiação para fora → tradução física
→ símbolos, acontecimentos e dramas religiosos

O ser humano sente que a sua vida consciente depende de uma dimensão mais ampla de atualidade. Mesmo sem conseguir materializar essa dimensão diretamente, tenta reconhecê-la em sinais, acontecimentos, figuras, religiões, mitos e símbolos.

A religião nasce, em parte, desta procura:

realidade interior intuída → necessidade de confirmação exterior
→ criação de imagens religiosas

2. O mundo exterior reflete imperfeitamente o mundo interior

O mundo físico é apresentado como reflexo do mundo interior, mas não como reflexo perfeito.

mundo interior → projeção → mundo exterior → reflexo parcial

A experiência interior é mais ampla do que aquilo que pode ser traduzido em acontecimentos físicos. Por isso, qualquer religião é sempre uma tradução incompleta.

Seth compara o conhecimento interior a um livro sobre a pátria que um viajante leva consigo para um país estranho.

ser humano na realidade física → viajante em país estranho → conhecimento interior como memória da pátria

Cada pessoa nasce com o anseio de tornar essas verdades reais para si mesma, embora veja uma grande distância entre elas e o ambiente físico onde vive.

3. O drama religioso interior torna-se história

Cada indivíduo transporta um drama interior. A humanidade, como conjunto, também transporta dramas psíquicos coletivos.

drama interior individual → drama psíquico coletivo → projeção histórica → religião

Os grandes acontecimentos religiosos emergem desses dramas interiores. Primeiro são vividos subjetivamente; depois ganham forma exterior, histórica e simbólica.

A religião, portanto, não começa nas igrejas nem nos textos. Começa na experiência interior da consciência.

experiência interior → símbolo → narrativa → instituição

4. O dilema do Ego Exterior

Seth descreve o dilema do Ego Exterior: ele procura respostas no exterior porque a sua função é operar dentro da realidade física.

Ego Exterior → orientação física → procura respostas no mundo exterior

Mas, ao mesmo tempo, sente uma ligação profunda com outras porções do Self que não domina nem compreende.

Ego Exterior → sente ligação interior → não compreende a origem dessa ligação

O self interior sustenta o Ego Exterior e traduz verdades interiores em dados fisicamente compreensíveis.

self interior → tradução de verdades interiores → dados físicos → aceitação pelo Ego Exterior

A religião funciona aqui como ponte: dá ao Ego Exterior imagens, rituais, figuras e narrativas através das quais ele pode aceitar, ainda que imperfeitamente, verdades que vêm de níveis mais profundos.

5. Profetas, reis e heróis religiosos como projeções coletivas

As figuras religiosas ou históricas extraordinárias surgem como pontos de concentração de aspirações coletivas.

aspirações interiores de muitos → projeção sobre uma personalidade → figura religiosa ou heroica

Profetas, génios, reis e líderes espirituais aparecem muitas vezes em proporções maiores do que as humanas porque recebem dos outros uma carga psíquica intensa.

Esses indivíduos manifestam exteriormente verdades interiores que todos conhecem intuitivamente.

verdade interior coletiva → personalidade escolhida → manifestação histórica

Eles não são apenas inventados pela massa, nem são apenas indivíduos isolados. Há uma interação:

indivíduo preparado → projeção coletiva → papel histórico → drama religioso

6. Os deuses e os homens criam-se mutuamente

Seth aprofunda a relação entre seres humanos e deuses.

Os atributos dos deuses são atributos presentes no ser humano, ampliados e conduzidos a uma atividade poderosa.

atributos humanos profundos → amplificação psíquica → figuras divinas

O ser humano projeta nos deuses aquilo que esqueceu em si mesmo: eternidade, poder, criatividade, continuidade e ligação à realidade espiritual.

homem esquece a sua eternidade → atribui eternidade aos deuses

Por isso, deuses e homens reforçam-se mutuamente.

crença humana → forma divina psíquica → influência sobre o crente → reforço da crença

Os deuses possuem realidade psíquica, mas essa realidade deve ser compreendida segundo a sua natureza própria: não são necessariamente seres supremos independentes; são formas psíquicas, simbólicas e espirituais que participam na relação criativa entre humanidade e realidade interior.

7. Religiões como sombras úteis

As religiões são descritas como sombras úteis.

realidade espiritual interior → religião exterior → sombra útil

São úteis porque ajudam a orientar a consciência, oferecendo símbolos, histórias e estruturas de significado. Mas são sombras porque nunca capturam plenamente a realidade que tentam representar.

religião → aproximação parcial → risco de tomar símbolo por realidade

Quando a religião esquece que é tradução, começa a defender os símbolos como se fossem a própria verdade. Nesse momento, a estrutura religiosa pode tornar-se obstáculo à experiência espiritual que originalmente procurava expressar.

8. A experiência direta antecede o dogma

As figuras centrais dos dramas religiosos recebem informações interiores que depois são traduzidas em dogmas, narrativas ou ensinamentos.

experiência interior → compreensão simbólica → formulação dogmática

Mas a origem profunda do dogma não é o dogma. É a experiência interior.

Seth insiste que a informação é dada segundo a capacidade de entendimento de cada indivíduo e de cada época.

realidade interior → tradução adequada à cultura → história religiosa

Por isso, diferentes religiões contam histórias diferentes sobre valores espirituais semelhantes.

9. Cristo como entidade composta

Seth apresenta a entidade de Cristo como composta por três personalidades principais: João Batista, Jesus Cristo e Paulo/Saulo.

entidade de Cristo → João Batista + Jesus Cristo + Paulo/Saulo

Cada uma dessas personalidades desempenha uma função diferente no drama religioso.

João Batista → preparação

Jesus Cristo → foco central do drama espiritual

Paulo/Saulo → estruturação histórica e organizacional

A entidade de Cristo, enquanto totalidade, compreendia o sentido do processo. As personalidades terrenas, porém, tinham graus variáveis de consciência acerca do seu papel.

10. Paulo/Saulo e a distorção organizacional

Paulo/Saulo é apresentado como a porção da entidade de Cristo destinada a lidar com a realidade física, a organização e a continuidade histórica.

Paulo/Saulo → energia organizadora → estrutura física → continuidade das ideias cristãs

O seu desafio foi transformar uma estrutura de ideias e seres humanos numa estrutura de regulamentos e grupos.

ideias vivas → organização → regulamentos → risco de sufocar a experiência original

Segundo Seth, essa distorção serviu um propósito histórico, mas também terá de ser corrigida. Por isso, a terceira personalidade futura formar-se-á em torno da personalidade de Paulo.

Paulo insatisfeito → distorção organizacional → retorno futuro → correção

11. A Segunda Vinda como novo drama religioso

A terceira personalidade de Cristo não virá como repetição literal do drama cristão.

Segunda Vinda → não repetição do cristianismo → novo drama religioso

Não virá para recompensar os justos, punir os malfeitores ou confirmar expectativas apocalípticas tradicionais.

não julgamento final → não condenação eterna → não proclamação gloriosa universal

A sua função será corrigir o cristianismo, minar organizações religiosas rígidas e abrir uma nova relação entre o indivíduo e Tudo O Que É.

indivíduo → contacto íntimo com a própria entidade → relação direta com Tudo O Que É

A religião deixará de estar centrada na organização exterior e passará a enfatizar a experiência espiritual individual.

12. A nova religião não será cristã nos termos atuais

A nova religião seguirá a partir da figura de Cristo, mas não será cristã nos termos tradicionais.

Cristo histórico → continuidade simbólica

terceira personalidade → nova entidade psíquica → nova religião

A terceira personalidade integrará os agrupamentos das três personalidades da entidade de Cristo, formando uma nova gestalt psicológica.

João + Jesus + Paulo → nova configuração psíquica → metamorfose humana

Esta metamorfose terá impacto coletivo porque ativará capacidades interiores humanas que sempre estiveram presentes, mas que permaneceram latentes ou reprimidas.

13. A religião futura e a abertura da consciência

Seth descreve uma transformação profunda da experiência humana.

consciência aberta → memória reencarnacional → continuidade da consciência → nova estrutura social

Quando as pessoas tiverem consciência de múltiplas existências, papéis, raças, sexos e relações, muitas formas atuais de preconceito perderão fundamento.

memória de múltiplas vidas → identificação com muitos papéis → dissolução de superioridades rígidas

A identidade básica deixará de ser confundida com o corpo físico, com o sexo, com a raça ou com a posição social.

identidade básica → não dependente do corpo → continuidade multidimensional

Isto transformará famílias, instituições, educação, governo e relações humanas.

14. Estruturas psíquicas como fundamento da civilização

Seth afirma que, com esta transformação, estruturas psíquicas formarão os fundamentos da civilização mais do que estruturas físicas.

civilização atual → instituições físicas e crenças limitadas

civilização futura → estruturas psíquicas conscientes → continuidade da consciência

A religião deixará de estar confinada à organização exterior. Tornar-se-á parte viva da existência individual.

religião exterior → experiência espiritual interiorizada → vida quotidiana

O significado da religião escapará aos limites institucionais.

15. A transformação do Ego Exterior

O capítulo acompanha também uma história do Ego Exterior.

No início, o ser humano sentia-se integrado na natureza.

ser humano antigo → unidade com a natureza → comunicação com espíritos naturais

Depois, o Ego Exterior emergente começou a separar-se dessa unidade.

Ego Exterior emergente → separação da natureza → Deus projetado para fora

O deus interior tornou-se deus exterior.

realidade interior → projeção exterior → Deus separado da natureza

Este movimento não foi apenas erro. Foi uma aventura criativa da consciência.

separação → foco independente → nova criatividade → expansão da experiência

O Ego Exterior precisava de se diferenciar para estudar a própria consciência e desenvolver novas capacidades.

16. Deus como projeção do Ego Exterior emergente

À medida que o Ego Exterior humano mudou, também mudou a imagem de Deus.

Ego Exterior humano → imagem projetada de Deus

O deus hebraico inicial, segundo Seth, representou o Ego Exterior liberto do ser humano: poderoso, irado, separado da natureza e disposto a dominá-la.

Ego Exterior separado → Deus exteriorizado → natureza como ferramenta

Essa imagem de Deus refletia uma fase da consciência humana, não a realidade última de Tudo O Que É.

17. A religião como espelho das lutas da psique

As religiões exteriores acompanham as lutas interiores da psique.

psique → desenvolvimento → negação de certas qualidades → acentuação de outras → drama religioso exterior

Cristianismo, islamismo, religiões tribais e tradições antigas são apresentados como expressões diferentes de conflitos, aspirações, medos e possibilidades interiores.

A religião não pode ser entendida apenas como sistema de crença. É também dramatização coletiva da psique.

psique coletiva → símbolo religioso → história → instituição

18. Bem e mal como opostos funcionais

Seth afirma que bem e mal, tal como são concebidos, pertencem ao sistema de realidade humano.

bem/mal → pressupostos de base → aprendizagem através de opostos

Os opostos parecem reais porque a mente consciente percebe porções, não totalidades.

percepção limitada → fragmentos → opostos

A função desses opostos é pedagógica: ajudam o Ego Exterior em desenvolvimento a reconhecer responsabilidade, sacralidade e uso consciente da energia.

opostos → linhas orientadoras → aprendizagem → responsabilidade da consciência

O self interior, contudo, conhece a unidade subjacente.

19. Deuses, demónios e níveis astrais como criações da crença

Seth rejeita a existência objetiva de diabos e demónios independentes.

crença em demónios → criação psíquica → experiência válida para quem acredita

As descrições rígidas de níveis astrais, provas, guardiões e rituais são vistas como distorções perigosas quando tomadas literalmente.

realidade interior → tentativa rígida de classificação → distorção

Como cada consciência cria a sua realidade segundo crenças interiores, aceitar mapas rígidos e temerosos pode produzir experiências correspondentes.

crença aceite → expectativa → realidade experienciada

20. Tudo O Que É como realidade íntima e transcendente

Por baixo de todos estes dramas existe uma realidade mais profunda: Tudo O Que É.

Tudo O Que É → fonte de todas as consciências → transcende todas as dimensões → participa em cada uma

Tudo O Que É não é um deus entre outros, nem uma figura religiosa superior. É a realidade criativa da qual todos brotam.

por detrás de todos os rostos → um só rosto

Mas isto não elimina a individualidade.

um só rosto → não anula cada rosto

A unidade não destrói a diferença. Sustenta-a.

21. A religião como fase da consciência humana

O capítulo mostra que a religião acompanha o desenvolvimento da consciência humana.

consciência integrada na natureza → religião natural

Ego Exterior emergente → Deus exteriorizado

dramas religiosos históricos → símbolos e instituições

consciência aberta futura → experiência espiritual direta

A religião evolui porque a consciência humana evolui.

Não há religião final enquanto forma fixa. Há traduções sucessivas da realidade interior, cada uma adequada a determinado grau de desenvolvimento.

22. Para lá do simbolismo

A função final da terceira personalidade de Cristo será conduzir o ser humano para lá do simbolismo em que a religião se apoiou durante tantos séculos.

símbolo religioso → orientação inicial → experiência espiritual direta

O símbolo não será destruído; será ultrapassado como dependência.

A humanidade aprenderá a reconhecer os numerosos aspetos da sua própria realidade.

identidade física → memória reencarnacional → capacidades interiores → realidade multidimensional

A religião, no seu sentido mais profundo, deixará de ser crença acerca do sagrado e tornar-se-á experiência consciente da sacralidade da existência.

23. Integração do capítulo

O capítulo pode ser resumido como uma grande sequência:

conhecimento interior → drama psíquico → projeção religiosa → símbolo histórico → instituição → distorção → crise → nova projeção → expansão da consciência

Seth mostra que a religião nasce da necessidade de traduzir realidades interiores para a experiência física. Quando essa tradução se cristaliza, torna-se dogma e limita aquilo que deveria revelar. Quando a consciência humana cresce, novos dramas religiosos emergem para romper antigas formas e abrir outras vias de experiência.

O significado da religião, portanto, não está na instituição, no dogma ou no símbolo tomado literalmente. Está na função que tudo isso tenta cumprir:

- ligar o ser humano à realidade interior de onde brota
 - recordar a continuidade da consciência
 - revelar a sacralidade de toda a vida
 - abrir a Personalidade de Foco à sua identidade multidimensional
 - conduzir o Ego Exterior para uma relação mais consciente com o self interior, com a entidade e com Tudo O Que É
-

CAPÍTULO 22

Uma Despedida e Uma Introdução: Aspetos da Personalidade Multidimensional Vistos Através da Minha Própria Experiência

No tempo histórico de Cristo, fui um homem chamado Millenius, em Roma. Nessa vida, a minha ocupação principal era a de mercador, mas eu era um cavaleiro extremamente curioso, e as minhas viagens davam-me acesso a muitos grupos diferentes de pessoas.

Fisicamente, era arredondado e corpulento, nada patricio no porte, e dado ao desalinho no vestir. Tínhamos um tipo de rapé feito a partir de certa espécie de palha. Eu usava-o constantemente, derramando muitas vezes um pouco sobre a minha túnica.

A minha casa ficava na parte mais movimentada do noroeste da cidade, logo para lá daquilo a que chamaríeis o coração da urbe. Entre as minhas mercadorias, vendia sinos para jumentos. Isto pode não parecer um produto muito grandioso; contudo, as famílias nas quintas fora de Roma achavam-nos extremamente úteis. Cada sino tinha um som próprio, e uma família podia distinguir o seu jumento de inúmeros outros semelhantes pelo som do sino.

Os jumentos eram também usados em muitos negócios dentro da própria Roma como animais de carga, particularmente nas ocupações mais humildes. O número de sinos, a sua tonalidade específica, até as cores, tudo tinha significado. No tumulto da cidade, os sinos particulares podiam, portanto, ser reconhecidos pelos pobres e pelos escravos que esperavam para comprar produtos — muitas vezes alimentos já murchos vindos dos carros carregados.

Os sinos eram apenas uma pequena parte do meu negócio, que lidava sobretudo com tecidos e tinturas, mas fascinavam-me. Por causa do meu interesse por eles, viajei muito mais pela paisagem rural e pela região do que qualquer homem prudente deveria fazer. Os sinos tornaram-se o meu passatempo. A minha curiosidade levou-me a viajar em busca de diferentes tipos de sinos, e pôs-me em contacto com muitas pessoas que, de outro modo, nunca teria encontrado.

Embora eu não soubesse ler nem escrever, era astuto e tinha uma mente viva. Descobri que sinos especiais eram usados por várias seitas de judeus, tanto dentro como fora de Roma. Embora eu fosse romano e cidadão romano, a minha cidadania significava pouco, exceto por me dar uma segurança mínima enquanto me ocupava da minha vida diária; e, no meu negócio, encontrava tantos judeus como romanos. Socialmente, eu não estava muito acima deles.

Os romanos não tinham uma ideia clara do número de judeus em Roma naquele tempo. Faziam estimativas. Os sinos dos

jumentos pertencentes aos Zelotas tinham neles o símbolo de um olho. Entravam secretamente na cidade, escondendo-se tanto dos outros judeus como dos romanos. Eram bons negociadores e muitas vezes faziam-me perder mais do que eu merecia perder.

Soube do Senhor da Retidão através de um primo dele chamado Sheraba¹ — que era, tanto quanto eu conseguia perceber na altura, um assassino “sagrado”. Estava bêbedo na noite em que falei com ele, numa estrebaria malcheirosa nos arredores de Jerusalém. Foi ele quem me falou do símbolo do olho. Disse-me também que o homem, Cristo, tinha sido raptado pelos Essénios. Não acreditei nele. E, na altura em que me contou isso, eu nem sequer sabia quem era Cristo.²

Na época em que Cristo viveu, a sua existência era conhecida por muito poucos, comparativamente falando. Para o dizer sem rodeios — e com humor —, eu sabia que alguém tinha a bola, mas não tinha a certeza de quem era essa pessoa. Nos estados de sonho, a situação acabou por se tornar conhecida por mim e por muitos outros.

De um modo geral, os cristãos não queriam convertidos romanos. Mais tarde, eu fui um desses convertidos e, devido à minha nacionalidade, nunca fui considerado digno de confiança. A minha parte nesse drama consistiu simplesmente em familiarizar-

¹ Pode ver-se, pelos parágrafos anteriores, que Seth desloca a sua localização física de Roma para a Judeia sem dizer exatamente como ou quando o fez. Eu queria saber mais sobre a mecânica dessa transferência, mas decidi não interromper mais, por agora.

² As quatro principais seitas judaicas conhecidas por florescerem na Terra Santa no início do primeiro século eram os Saduceus, os Fariseus, os Zelotas e os Essénios.

me com a sua fundação física; em ser participante, por menor que fosse, nessa era. Muito mais tarde, nos vossos termos, acabaria como um papa menor no terceiro século, reencontrando alguns daqueles que tinha conhecido — e, se me permitis uma nota humorística, mais uma vez familiarizado com o som dos sinos.

Pois, fui papa em 300 d.C. Não fui um papa muito bom. Tive dois filhos ilegítimos (risos), uma amante que entrava às escondidas no meu gabinete privado, um mágico que mantinha por perto para o caso de eu não me sair muito bem sozinho, uma governanta que ficava grávida todos os anos em que a tive, e três filhas que entraram para um convento porque eu não as quis — e sou referido em apenas três míseras linhas, pois o meu reinado não durou muito tempo.

Tive uma família numerosa — isto é, vim de uma família numerosa —, e era ambicioso, como eram todos os jovens inteligentes daquele tempo. Não me inclinei para a carreira militar, por isso nada havia a fazer senão entrar para a Igreja.

Durante algum tempo, não estive em Roma, mas exerci a minha vocação religiosa noutro lugar. Escrevi duas leis da Igreja. Tudo isto deve mostrar-vos que algum bem acaba por sair de tudo. Morri de problemas no estômago porque era um glutão. O meu nome não era Clemente (em resposta a uma pergunta de um membro da turma), embora Clemente seja um nome encantador.

Chamavam-me originalmente Protonius. Este último nome não está nem de perto tão claro, e este não é o meu nome papal, mas

o meu nome comum — se me perdoais o termo — era Meglemanius III, de uma pequena aldeia.

A menos que eu convoque o self que fui naquele tempo, as memórias relativas aos pormenores não são assim tão claras. Mas, tal como agora as recordo, sem verificar diretamente com o nosso amigo Papa — que, deveis compreender, seguiu o seu próprio caminho —, estou a aproximar-me tanto quanto posso. Nessa altura, não tínhamos tantos guardas, mas tínhamos muitas pinturas roubadas e joias de grande mérito. Algumas dessas joias, bem como o dinheiro, foram destinadas a expedições que não imaginais terem sido adotadas naquela época, relacionadas com comércio e com navios enviados para África; e esse interesse teve a ver com a minha vida posterior, quando estive envolvido com o orégão.³ A minha tendência para farejar vem de há séculos.

Havia dois irmãos fortemente unidos no controlo da Itália naquela época. Talvez eu deva dizer dois homens: um numa posição mais elevada e o outro como seu chanceler, com os quais estive envolvido enquanto Papa; e enviei também exércitos para norte.

Ainda não tínhamos começado a forte insistência nas indulgências, por isso eu não tinha esse dinheiro extra que as indulgências viriam a trazer. Acreditava e não acreditava, e fiz um bom trabalho a esconder de mim mesmo aquilo em que acreditava

³ Como mercador de especiarias na Dinamarca, no século XVII.

e aquilo em que não acreditava. E quanto mais alto se sobe no poder, mais difícil é esconder essas coisas de si mesmo.

Eu gostava muito da minha primeira amante, cujo nome era Maria. E não havia regras tão sensatas como aquelas em que agora estais sentados, nem governos tão seguros nos quais pudésseis residir como aqueles de que agora desfrutais.

Eu acreditava implicitamente no Deus em que fui criado, e nessa crença. Só mais tarde me interroguei sobre como tal deus me escolheria para tal posição — e então comecei a interrogar-me. Tive quatro vidas depois dessa em circunstâncias extremamente adversas, para me assegurar de que compreendia a diferença entre luxo e pobreza, orgulho e compaixão. E houve dias, noutros séculos, em que caminhei pelas mesmas ruas por onde tinha caminhado como Papa. Enquanto Papa, toquei essas ruas levemente; mas, como camponês, caminhei com pé pesado e grande peso, até aprender as lições que tinha de aprender, tal como todos vós aprendereis também as vossas próprias lições.⁴

Não é meu propósito entrar nas minhas existências passadas com grande detalhe, mas usá-las para esclarecer certos pontos.

⁴ No momento em que escrevemos isto, não sabemos a que papa Seth se referia. Quando passei esta sessão à máquina, perguntei-me se a menção de Seth-Jane ao terceiro século poderia ser um erro. [Se assim foi, eu não fui suficientemente rápido para o perceber; poderia ter perguntado imediatamente sobre isso.] Uma vez que Seth deu a data de 300 d.C. na sessão da aula de maio passado, pessoalmente penso ser mais provável que a sua encarnação papal se tenha seguido a essa data, ocorrendo no século IV. O século IV abrange os anos de 301 a 400 d.C., uma vez que o nosso cálculo moderno do tempo se baseia na data presumida do nascimento de Cristo. A *Encyclopaedia Britannica* enumera onze papas e dois antipapas entre 296 e 401 d.C. Alguns reinados foram muito breves; algumas datas de mandato são incertas ou estimadas. Evidentemente, gostaríamos de saber mais sobre a encarnação em questão. Como Seth já indicou, há aqui uma riqueza de informação à espera de ser adquirida. Isto levanta um dilema que Jane enfrentou muitas vezes: o que investigar entre as muitas possibilidades disponíveis em determinado momento; e depois, feita a escolha, como encontrar tempo para levar a cabo o estudo.

Antes de mais, fui muitas vezes tanto homem como mulher, e mergulhei em várias ocupações, mas sempre com a ideia de aprender para poder ensinar. Tinha, portanto, uma base firme na existência física, como pré-requisito para o meu “trabalho” presente.

Não desempenhei o papel de nenhuma personalidade imponente de relevo histórico, mas adquiri experiência nos pormenores caseiros e íntimos da vida diária, na luta normal pela realização, na necessidade de amor. Aprendi o anseio indizível do pai pelo filho, do filho pelo pai, do marido pela mulher, da mulher pelo marido, e mergulhei de cabeça nas teias íntimas das relações humanas. Antes da vossa ideia de história, fui Lumaniano, e nasci mais tarde na Atlântida.

Usando a vossa referência histórica, regressei no tempo dos homens das cavernas, operando como Orador. Sempre fui Orador, independentemente da minha ocupação física. Fui mercador de especiarias na Dinamarca, onde conheci Ruburt e Joseph. Em várias vidas fui negro — uma vez naquilo a que agora se chama Etiópia, e outra vez na Turquia.

As minhas vidas como monge seguiram-se à minha experiência como papa, e, numa delas, fui vítima da Inquisição Espanhola. A minha experiência em vidas femininas variou desde a de uma solteirona holandesa sem atrativos até à de uma cortesã no tempo do David bíblico, e ainda várias existências como mãe humilde com filhos.

Quando comecei a contactar Ruburt e Joseph, escondi-lhes o facto das minhas numerosas vidas. (Sorriso:) Ruburt, em particular, não aceitava a reencarnação, e a ideia de experiências de vida tão múltiplas teria sido altamente escandalosa para ele.

Os tempos, os nomes e as datas não são, de modo algum, tão importantes como as experiências, e estas são demasiado numerosas para serem enumeradas aqui. Contudo, farei com que, em algum momento, sejam disponibilizadas por completo. Algumas foram dadas nas sessões das aulas de Ruburt, e algumas, embora poucas, apareceram no próprio *Material de Seth*.

Num livro sobre reencarnação, espero que cada uma das minhas personalidades anteriores fale por si mesma, pois devem contar a sua própria história. Deves compreender, portanto, que essas personalidades ainda existem e são independentes. Embora aquilo que eu sou parecesse, outrora, estar contido nessas personalidades, eu era apenas a semente delas. Nos vossos termos, posso recordar quem fui; em termos mais amplos, contudo, essas personalidades devem falar por si mesmas.

Talvez vejas aqui uma analogia se comparares a situação com a regressão de idade sob hipnose. Essas personalidades, contudo, não estão fechadas dentro daquilo que eu sou. Progrediram à sua própria maneira. Não foram anuladas. Nos meus termos, coexistem comigo, mas noutra camada da realidade.

Em várias vidas, estive conscientemente ciente das minhas “existências passadas”. Certa vez, como monge, dei por mim a copiar um manuscrito que eu próprio escrevera noutra vida.

Muitas vezes apreciei a corpulência, e cheguei a possuí-la. Duas vezes morri de fome. Sempre achei as minhas mortes altamente educativas — nos vossos termos, depois. Era sempre uma lição, entre vidas, seguir o rasto dos pensamentos e acontecimentos que “conduziram a determinado falecimento”.

Nenhuma das minhas mortes me surpreendeu. Durante o processo, senti a inevitabilidade, o reconhecimento, até uma sensação de familiaridade: “É claro, este morrer particular é meu, e de mais ninguém.” E aceitei então até as circunstâncias mais bizarras, sentindo quase uma sensação de perfeição. A vida não poderia ser devidamente terminada sem a morte.

Há uma grande sensação de humildade e, contudo, uma grande sensação de exaltação quando o self interior sente a sua liberdade no momento em que a morte ocorre. Todas as minhas mortes foram o complemento das minhas vidas, no sentido em que me parecia que não poderia ter sido de outro modo.

Se escolher, nos vossos termos, posso reviver qualquer porção dessas existências, mas essas personalidades seguem o seu próprio caminho.

A um nível subjetivo, atuei como professor e Orador em cada uma das minhas vidas. Em algumas existências altamente

intuitivas, estive consciente desse facto. Ainda não compreendeis a grande importância da face subterrânea da consciência — isto é, a atividade subjetiva que corre por baixo da vida objetiva. Para além do vosso papel objetivo em cada vida, os vossos desafios reencarnacionais envolvem também os vossos estados de sonho, ritmos de criatividade que fluem e refluem por baixo do mundo diário que conheceis. Tornei-me, portanto, altamente proficiente dessa forma, como Orador e professor, em várias vidas que, exteriormente, eram pouco interessantes em comparação.

A minha influência, o meu trabalho e a minha preocupação, nesses casos, eram muito mais vastos do que as minhas discretas atividades objetivas. Dou-vos esta informação na esperança de vos ajudar a compreender a verdadeira natureza da vossa própria realidade. As minhas existências reencarnacionais não definem aquilo que eu sou; nem as vossas vos definem.

A Alma conhece-se a si mesma e não se confunde com termos ou definições. Ao mostrar-vos a natureza da minha própria realidade, espero ensinar-vos a natureza da vossa.

Não estais presos a nenhuma categoria nem a nenhum canto da existência. A vossa realidade não pode ser medida, tal como a minha também não. Através da escrita deste livro e da ampliação dos vossos conceitos, espero ilustrar a função da consciência e da personalidade.

Comecei por vos dizer que estava a ditar este material por intermédio de uma mulher de quem gosto bastante. Deixai-me

agora dizer-vos que há outras realidades envolvidas. Os parágrafos seguintes serão escritos por outra personalidade, que se encontra, relativamente, na mesma posição em relação a mim em que eu me encontro em relação à mulher através da qual falo agora.⁵

SETH DOIS⁶:

Somos as vozes que falam sem línguas próprias. Somos fontes daquela energia da qual vindes. Somos criadores, e, contudo, também fomos criados. Semeámos o vosso universo como vós semeais outras realidades.

Não existimos nos vossos termos históricos, nem conhecemos a existência física. A nossa alegria criou a exaltação da qual o vosso mundo provém. A nossa existência é tal que a comunicação convosco tem de ser feita por outros.

Os símbolos verbais não têm significado para nós. A nossa experiência não é traduzível. Esperamos que a nossa intenção o

⁵ Vi então uma transformação começar a ocorrer em Jane, à medida que o nosso familiar Seth recuava e Seth Dois começava a vir ao primeiro plano. Ao mesmo tempo, sabia que, subjetivamente, Jane estava a experienciar a sensação de um “cone” ou “pirâmide” a descer sobre o topo da sua cabeça. Jane disse-me muitas vezes que, enquanto sente Seth chegar até ela de uma forma muito calorosa, viva e amistosa, sente a sua consciência sair de si mesma para encontrar Seth Dois — “subindo pela pirâmide invisível como uma corrente de ar por uma chaminé”. Não sabe para onde vai nem como regressa. O corpo parece ficar para trás.

Jane sentou-se de modo muito formal na sua cadeira de baloiço Kennedy, com os antebraços sobre os braços da cadeira e os pés assentes no tapete. Era uma noite abafada; as janelas da nossa sala estavam abertas, e nesse momento tornei-me consciente do ruído do trânsito. Ouvi alguém a mexer-se no apartamento de cima.

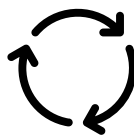
Os olhos de Jane estavam fechados, mas ocasionalmente abriam-se ligeiramente. Ela sorria de leve enquanto falava por Seth Dois. A voz que começou a sair dela era muito aguda, muito distante e formal, com pouco volume ou ênfase. Cada palavra era pronunciada cuidadosa e deliberadamente, quase delicadamente. Era como se Seth Dois não estivesse familiarizado com cordas vocais ou palavras, e por isso se esforçasse por usar esses mecanismos exatamente da forma correta. O contraste entre os dois Seths não poderia ter sido mais completo.

⁶ Seth Dois comunica através de Seth que, por sua vez, comunica através de Jane. (Nota de Gullan Greyll).

seja. No vasto e infinito alcance da consciência, tudo é possível. Há significado em cada pensamento. Percecionamos os vossos pensamentos como luzes. Eles formam padrões

Devido às dificuldades de comunicação, é quase impossível explicarmos-vos a nossa realidade. Sabei apenas que existimos. Enviamos-vos uma vitalidade imensurável e sustentamos todas essas estruturas de consciência com que estais familiarizados. Nunca estais sós. Sempre vos enviámos emissários que compreendem as vossas necessidades. Embora não nos conheçais, estimamos-vos profundamente.

Seth é um ponto na minha referência, na nossa referência. Ele é uma porção antiga de nós. Somos separados, mas unidos. O espírito forma sempre a carne.



Continuando. Há tipos de consciência que não podem ser decifrados em termos físicos. A “personalidade” que originou os parágrafos que acabastes de ler é uma dessas.

Como foi mencionado, existe o mesmo tipo de ligação entre essa personalidade e eu que existe entre Ruburt e eu. Mas, nos vossos termos, Seth Dois está muito mais afastado da minha realidade do que eu estou da realidade de Ruburt. Podeis imaginar Seth Dois

como uma porção futura de mim, se preferirdes; e, contudo, há muito mais envolvido.

Estou eu próprio a usar termos simples aqui para tentar tornar estas ideias mais claras. Num estado de transe, Ruburt pode contactar-me. Num estado, em certos aspetos, semelhante ao transe, eu posso contactar Seth Dois. Estamos relacionados de maneiras bastante difíceis de explicar, unidos em teias de consciência. A minha realidade inclui, portanto, não apenas identidades reencarnacionais, mas também outras gestalts do ser que não têm necessariamente quaisquer ligações físicas.

O mesmo se aplica a cada leitor deste livro. A Alma é, portanto, aberta. Não é um sistema espiritual ou psíquico fechado. Tentei mostrar-vos que a Alma não é uma coisa separada, apartada de vós. Não está mais divorciada de vós do que Deus está.

Não há necessidade de criar um deus separado que exista fora do vosso universo e separado dele, nem há qualquer necessidade de pensar na Alma como uma entidade distante. Deus, ou Tudo O Que É, faz intimamente parte de vós. A “sua” energia forma a vossa identidade, e a vossa Alma faz parte de vós da mesma maneira.

As minhas próprias personalidades reencarnacionais, selves prováveis e até Seth Dois existem dentro de mim agora, tal como eu existo dentro deles. Nos vossos termos, Seth Dois é mais avançado. Nos vossos termos, é mais alienígena, uma vez que não consegue relacionar-se com a vossa existência física tão bem como eu, por causa do meu passado nela.

Ainda assim, a minha experiência enriquece Seth Dois, e as suas experiências enriquecem-me a mim na medida em que sou capaz de as perceber e traduzir para meu próprio uso. Da mesma forma, a personalidade de Ruburt é expandida através da relação comigo, e eu também ganho com a experiência, tal como até o melhor dos professores aprende com cada dimensão de atividade.

Em termos mais amplos, a minha Alma inclui as minhas personalidades reencarnacionais, Seth Dois e selves prováveis. Estou tão consciente dos meus selves prováveis, incidentalmente, como estou das minhas existências reencarnacionais. O vosso conceito de Alma é simplesmente demasiado limitado. Na verdade, não estou a falar em termos de almas de grupo, embora esta interpretação também possa ser feita.

Cada “parte” da Alma contém o todo — um conceito que tenho a certeza de que vos surpreenderá. À medida que vos tornardes mais conscientes da vossa própria realidade subjetiva, ireis, portanto, familiarizar-vos com porções maiores da vossa própria Alma. Quando pensais na Alma como um sistema fechado, percecionai-la como tal e fechais-vos ao conhecimento da sua criatividade e das suas características mais amplas.

Seth Dois representa, até certo ponto e nos vossos termos, aquilo em que me tornarei; e, contudo, quando eu me tornar aquilo que ele é, ele será algo diferente. Ainda nos mesmos termos, Ruburt poderá tornar-se aquilo que eu sou, mas então eu serei algo muito diferente.

Cada um de vós está envolvido no mesmo tipo de relações, quer tenhais consciência disso quer não. Embora vos pareça que as existências reencarnacionais envolvem acontecimentos passados e futuros, são existências paralelas ou adjacentes à vossa própria vida e consciência presentes. Outros aspetos da vossa identidade maior existem, relativamente falando, em torno destas ou à sua volta.

As respostas acerca da natureza da realidade, o conhecimento íntimo de Tudo O Que É que todos procurais, encontram-se dentro da vossa experiência presente. Não serão encontradas fora de vós mesmos, mas através de uma viagem interior para dentro de vós, através de vós e através do mundo que conheceis.

Fui, certa vez, mãe de doze filhos. Ignorante em termos de educação, longe de ser bela, particularmente nos últimos anos, com um temperamento selvagem e uma voz rouca. Isto foi por volta de Jerusalém, no século VI. Os filhos tinham muitos pais. Fiz o melhor que pude para cuidar deles.

O meu nome era Marshaba. Vivíamos onde podíamos, instalando-nos em entradas de portas e, por fim, todos nós a mendigar. Contudo, nessa existência, a vida física tinha um contraste, uma nitidez maior do que qualquer outra que eu tivesse conhecido. Uma côdea de pão era, para mim, muito mais deliciosa do que alguma vez fora, em vidas anteriores, qualquer pedaço de bolo, por mais bem coberto de glacé que estivesse.

Quando os meus filhos riam, eu ficava dominada pelo deleite; e, apesar das nossas privações, cada manhã era uma surpresa triunfante: não tínhamos morrido durante o sono, não tínhamos sucumbido à fome. Escolhi essa vida deliberadamente, tal como cada um de vós escolhe cada uma das suas, e fi-lo porque as minhas vidas anteriores me tinham deixado demasiado blasé — demasiado amortecida pela facilidade e pelo conforto. Eu estava demasiado protegida. Já não me focalizava com clareza nos prazeres e experiências físicas verdadeiramente espetaculares que a Terra pode proporcionar.

Embora gritasse com os meus filhos e, por vezes, berrasse de raiva contra os elementos, era atravessada pela magnificência da existência, e aprendi mais sobre a verdadeira espiritualidade do que alguma vez aprendi como monge. Isto não significa que a pobreza conduza à verdade, nem que o sofrimento seja bom para a Alma. Muitos dos que partilharam essas condições comigo aprenderam pouco. Significa, sim, que cada um de vós escolhe as condições de vida que tem para o seu próprio propósito, sabendo antecipadamente onde se encontram as suas fraquezas e forças.

Na gestalt da minha personalidade, à medida que, nos vossos termos, vivi depois vidas mais ricas, aquela mulher voltava a estar viva em mim — tal como, por exemplo, a criança está viva no adulto —, cheia de gratidão ao comparar as circunstâncias posteriores com as existências anteriores. Ela incitava-me a usar melhor as minhas vantagens.

Assim, em vós, as vossas várias existências reencarnacionais ocorrem simultaneamente de forma ampla. Usando novamente a analogia da idade adulta, é como se a criança dentro de vós fizesse parte da vossa própria memória e experiência, e, contudo, de outra forma, vos tivesse deixado, separada de vós, como se fôsseis apenas um dos adultos em que a criança “se transformou”. Da mesma forma, as pessoas que fui seguiram o seu próprio caminho e, contudo, fazem parte de mim, e eu delas.

Estou vivo na memória de Seth Dois, como um self do qual ele brotou. Contudo, o self que sou agora não é o self do qual ele brotou. Só as vossas ideias rígidas de tempo e consciência fazem com que estas afirmações vos pareçam estranhas; pois, num contexto mais amplo, novamente, eu posso recordar Seth Dois. Todas estas ligações, portanto, são abertas. Todos os acontecimentos psicológicos afetam todos os outros.

Toda a existência e toda a consciência estão entretecidas. Só quando pensais na Alma como algo diferente, separado e, portanto, fechado, sois levados a considerar um deus separado — uma personalidade que parece estar apartada da criação.

Tudo O Que É faz parte da criação, mas é mais do que aquilo que a criação é. Existem gestalts piramidais do ser impossíveis de descrever, cuja consciência inclui conhecimento e experiência daquilo que, para vós, pareceria ser um vasto número de outras realidades. Nos termos em que falo para vosso benefício, o presente delas poderia, por exemplo, incluir a vida e a morte do vosso planeta num momento do seu “tempo”. A existência de Seth Dois

encontra-se nas margens exteriores de uma dessas galáxias de consciência.

Quando Seth Dois fala, Ruburt está inicialmente consciente de que a sua consciência se esforça para cima, seguindo uma via psíquica interior, um funil energizado, até que, simplesmente, não consegue ir mais longe. Parece-lhe então que a sua consciência sai do corpo através de uma pirâmide invisível cujo topo aberto se estende muito para cima, no espaço.

Aqui, parece-lhe estabelecer contacto com símbolos impessoais cuja mensagem é, de algum modo, traduzida automaticamente em palavras. Esse ponto representa, na verdade, uma dobra nas dimensões, um lugar entre sistemas que tem muito mais a ver com energia e realidade psíquica do que com espaço, pois o espaço não tem significado.

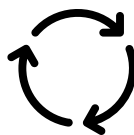
Estou quase sempre presente como tradutor em tais momentos. O meu conhecimento de ambas as realidades é necessário para a comunicação. Seth Dois está familiarizado com um conjunto inteiramente diferente de símbolos e significados, de modo que, neste caso, estão a ser feitas duas traduções — uma por mim e outra por Ruburt.

Espera-se que, por este meio, sejam transmitidos certos conceitos que não poderiam ser transmitidos de outra forma. Estas misturas de realidade e experiência, estas mensagens de um sistema para outro, ocorrem continuamente de várias maneiras, emergindo no vosso mundo sob um disfarce ou outro — como

inspiração de muitos tipos. Por outras palavras, estais a ser ajudados.

Contudo, estais também a usar as vossas próprias capacidades, pois as vossas características determinam, em larga medida, a quantidade de ajuda que recebeis. O simbolismo aparente para Ruburt quando Seth Dois fala funciona bem, mas exterior também é interior, e por isso a consciência viaja tão profundamente para dentro quanto lhe parece ir para fora.

Tais contactos e conhecimentos estão disponíveis a cada indivíduo. Tudo O Que É fala a todas as suas partes, não com sons, trombetas e fanfarras vindos de fora, mas comunica as suas mensagens através da substância viva da Alma de cada consciência.



À mesa do jantar, esta noite, estivéramos a especular sobre as datas que Seth tinha dado em relação à sua vida como papa, tanto na sessão da aula de PES de 25 de maio de 1971 como na 588.^a sessão deste capítulo. Quando me perguntei se estaria certo ao pensar que era provável que a encarnação papal de Seth tivesse ocorrido no século IV, Jane disse que “recebeu” o ano 325 d.C. Isto pareceu uma confirmação. Para nossa surpresa adicional, Seth acrescentou dados sobre essa vida na sessão desta noite.

— *Boa noite.*

Boa noite, Seth.

— *Foi nos anos 300.*

— Obrigado.

— *Algumas notas adicionais para vosso próprio esclarecimento. Durante esse período, e ainda por algum tempo depois, os registos eram muitas vezes pouco fiáveis, tendo sido adulterados. Por vezes, o nome de um único homem era usado para designar um reinado que cobria vários anos.*

— *O homem original poderia ter sido assassinado, outro tomando o seu lugar e continuando como se nenhuma mudança tivesse ocorrido, no que dizia respeito à população. O veneno era o método habitual, e mesmo aqueles que suspeitavam da verdade não se atreviam a falar.*

— *Os registos apresentariam um único reinado papal; mas um, dois ou até três homens diferentes poderiam ter ocupado a posição. Uma mudança de política é a pista nesses casos; a vacilação também.*

— *Havia também homens chamados "Pequenos Papas", indivíduos em formação, de natureza ambiciosa, que eram favorecidos. Se estivessem seriamente na corrida, as recompensas seriam grandes para os seus seguidores. Estes homens, incidentalmente, não eram particularmente piores nas suas ações*

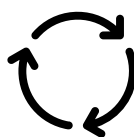
do que o resto da população. As suas posições simplesmente lhes davam maior margem de manobra.

— As datas 325 e 375 vêm-me à mente em ligação com a minha própria vida nessa época. Mais uma vez, os nomes e as datas têm agora pouco significado para mim. Nessa vida aprendi a compreender a interação entre os homens e as suas ambições, o abismo que frequentemente existe entre ideais e ação prática.

— Também deveis compreender que a política era, naqueles dias, um braço legítimo da Igreja, e esperava-se que um homem da Igreja fosse um excelente político. Parece-me ter passado algum tempo num lugar que soa como Caprina, também durante essa vida.

— Um primo ou irmão foi importante para mim. Acabou em sérias dificuldades, envolvido num qualquer negócio de contrabando com os espanhóis.

— Havia, naquele tempo, um grupo secreto chamado "Seguidores da Maternidade de Deus". Eram considerados hereges, e várias vezes me foram apresentadas petições contra eles. Isto dizia respeito à posição da "Virgem" dentro do dogma da Igreja.



Não estais destinados a dissolver-vos em Tudo O Que É. Os aspetos da vossa personalidade, tal como agora os compreendeis, serão preservados. Tudo O Que É é o criador da individualidade, não o meio da sua destruição.

As minhas próprias personalidades “anteriores” não estão dissolvidas em mim, tal como as vossas personalidades “passadas” também não. Todas estão vivas e vitais. Todas seguem o seu próprio caminho. As vossas personalidades “futuras” são tão reais como as vossas passadas. Passado algum tempo, isto deixará de vos preocupar. Fora da estrutura reencarnacional, não há morte como a pensais.

O meu próprio quadro de referência, contudo, já não está focalizado nas minhas existências reencarnacionais. Voltei a minha atenção para outras direções.

Uma vez que todas as vidas são simultâneas, todas acontecendo ao mesmo tempo, qualquer separação é, então, de natureza psicológica. Existo como sou enquanto as minhas vidas reencarnacionais — nos vossos termos — continuam a existir. Ainda assim, agora não estou ocupado com elas, mas viro a minha concentração para outras áreas de atividade.

A personalidade muda, esteja dentro de um corpo ou fora dele; portanto, mudareis depois da morte tal como mudais antes dela. Nesses termos, é ridículo insistir em permanecer como sois agora depois da morte. É o mesmo que uma criança dizer: “Vou crescer, mas nunca vou mudar as ideias que tenho agora.”

As qualidades multidimensionais da psique permitem-lhe experienciar um domínio interminável de dimensões. A experiência numa dimensão não nega, de modo algum, a existência noutra.

Tendes tentado comprimir a Alma em conceitos estreitos acerca da natureza da existência, obrigando-a a seguir as vossas crenças limitadas. A porta da Alma está aberta, e conduz a todas as dimensões da experiência.

Se pensais, contudo, que o self conhecido é o fim ou a soma total de vós mesmos, então imaginai também que a vossa Alma é uma entidade limitada, delimitada pelas suas aventuras presentes numa única vida, para ser julgada depois da morte de acordo com o desempenho de uns poucos anos insignificantes.

De muitas maneiras, este é um conceito acolhedor, embora para alguns possa ser bastante assustador, com as suas conotações de condenação eterna. É, contudo, uma ideia demasiado arrumada para sequer sugerir os ricos ornamentos que estão no coração da criatividade divina. A Alma encontra-se tanto dentro como fora do tecido da vida física tal como a conheceis. Não estais separados dos animais nem do resto da existência por possuídes uma consciência interior eterna. Essa consciência está presente em todos os seres vivos e em todas as formas.

Intitulei este capítulo “Uma Despedida e uma Introdução”. A despedida é minha, uma vez que estou agora a terminar este livro. A introdução aplica-se a cada leitor, pois espero que agora sejas

capaz de te encontrares face a face contigo mesmo, com uma compreensão maior de quem e do que és.

Gostaria, portanto, de te apresentar a ti mesmo.

Não te encontrarás correndo de professor em professor, de livro em livro. Não te encontrarás seguindo qualquer método especializado particular de meditação. Só olhando tranquilamente para dentro do self que conheces em ti é que a tua própria realidade pode ser experienciada, juntamente com as ligações que existem entre o self presente ou imediato e a identidade interior multidimensional.

Tem de haver uma disponibilidade, uma aceitação, um desejo. Se não dedicares tempo a examinar os teus próprios estados subjetivos, então não podes queixar-te se tantas respostas parecem escapar-te. Não podes lançar sobre outro o ónus da prova, nem esperar que um homem ou professor te prove a validade da tua própria existência. Um procedimento desse tipo está condenado a conduzir-te de uma armadilha subjetiva a outra.

Enquanto estás sentado a ler este livro, as portas interiores estão abertas. Tens apenas de experienciar o momento, tal como o conheces, tão plenamente quanto possível — tal como ele existe fisicamente dentro da sala, ou lá fora, nas ruas da cidade em que vives. Imagina a experiência presente num único momento do tempo em todo o globo; depois tenta apreciar a tua própria experiência subjetiva, que existe nesse momento e, contudo, o ultrapassa — e isto multiplicado por cada indivíduo vivo.

Só este exercício abrirá as tuas percepções, aumentará a tua consciência e expandirá automaticamente a tua apreciação da tua própria natureza.

O “tu” capaz de tal expansão tem de ser uma personalidade muito mais criativa e multidimensional do que imaginavas anteriormente. Muitos dos pequenos exercícios sugeridos anteriormente no livro também te ajudarão a familiarizar-te com a tua própria realidade, dar-te-ão experiência direta da natureza da tua própria Alma ou entidade, e pôr-te-ão em contacto com aquelas porções do teu ser das quais brota a tua própria vitalidade. Poderás ou não ter os teus próprios encontros com selves reencarnacionais passados ou selves prováveis. Poderás ou não surpreender-te no ato de mudar de níveis de consciência.

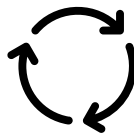
Certamente, porém, a maioria dos meus leitores terá sucesso com alguns dos exercícios sugeridos. Não são difíceis e estão dentro das capacidades de todos.

Cada leitor, contudo, deverá, de uma forma ou de outra, sentir a sua própria vitalidade de uma maneira completamente nova, e encontrar dentro de si vias de expansão a abrir-se, das quais antes não tinha consciência. A própria natureza deste livro, o método da sua criação e transmissão, deveria por si só indicar claramente o facto de que a personalidade humana possui muito mais capacidades do que aquelas que habitualmente lhe são atribuídas.

Neste momento, deves compreender que nem todas as personalidades estão materializadas fisicamente. Tal como este

livro foi concebido e escrito por uma personalidade não física, e depois tornado físico, também cada um de vós tem acesso a capacidades e métodos de comunicação mais amplos do que aqueles que são habitualmente aceites.

Espero que, de uma forma ou de outra, este meu livro tenha servido para dar a cada um de vós uma introdução à identidade interior multidimensional que é vossa.



Para vosso esclarecimento, Cristo, o Cristo histórico, não foi crucificado.

Ele não tinha intenção de morrer daquela maneira; mas outros sentiram que, para cumprir as profecias em todos os aspetos, uma crucificação era necessária. Cristo não participou nela. Houve uma conspiração na qual Judas desempenhou um papel, uma tentativa de fazer de Cristo um mártir. O homem escolhido foi drogado — daí a necessidade de o ajudarem a carregar a cruz (ver Lucas 23) — e foi-lhe dito que ele era o Cristo.

Ele acreditou que era. Era um dos iludidos, mas também acreditava que era ele, e não o Cristo histórico, quem devia cumprir as profecias.

Maria veio porque estava cheia de tristeza pelo homem que acreditava ser seu filho. Por compaixão, esteve presente. O grupo responsável queria que parecesse que uma porção específica dos judeus tinha crucificado Cristo, e nunca sonhou que todo o povo judeu viria a ser “culpado”.

Isto é difícil de explicar, e até para mim de desenredar... O túmulo estava vazio porque esse mesmo grupo levou o corpo. Maria Madalena, contudo, viu Cristo imediatamente depois (ver Mateus 28). Cristo era um grande psíquico. Fez então com que as feridas aparecessem no seu próprio corpo, e apareceu aos seus seguidores tanto fisicamente como em estados fora do corpo. Tentou, contudo, explicar o que acontecera e a sua posição; mas aqueles que não estavam envolvidos na conspiração não compreenderam e interpretaram mal as suas declarações.

Pedro negou o Senhor três vezes (Mateus 26), dizendo que não o conhecia, porque reconheceu que aquela pessoa não era Cristo.

O apelo “Pedro, porque me abandonaste?” veio do homem que acreditava ser Cristo — a versão drogada. Judas apontou esse homem. Sabia da conspiração e temia que o verdadeiro Cristo fosse capturado. Portanto, entregou às autoridades um homem conhecido como um messias autoproclamado — para salvar, não para destruir, a vida do Cristo histórico.

Simbolicamente, contudo, a própria ideia da crucificação incorporava dilemas e significados profundos da psique humana, e

por isso a Crucificação em si tornou-se uma realidade muito maior do que os acontecimentos físicos efetivos que ocorreram na altura.

Só os iludidos correm o risco de tal autossacrifício, ou são capazes dele, ou ainda o consideram necessário. Só aqueles que ainda estão presos a ideias de crime e castigo seriam atraídos por esse tipo de drama religioso, encontrando nele ecos profundos dos seus próprios sentimentos subjetivos.

Cristo sabia, contudo, por clarividência, que esses acontecimentos ocorreriam de uma forma ou de outra, e conhecia os dramas prováveis que poderiam daí resultar. O homem envolvido não podia ser desviado da sua decisão subjetiva. Seria sacrificado para fazer cumprir as antigas profecias judaicas, e não podia ser dissuadido.

Na Última Ceia, quando Cristo disse: “Isto é o meu corpo, e isto é o meu sangue”, quis mostrar que o espírito estava dentro de toda a matéria, interligado e, contudo, separado — que o seu próprio espírito era independente do corpo; e quis também, à sua maneira, sugerir que ele já não deveria ser identificado com o corpo. Pois sabia que o corpo morto não seria o seu.

Tudo isto foi mal compreendido. Cristo alterou então o seu modo de comportamento, aparecendo com bastante frequência aos seus seguidores em estados fora do corpo. (Ver João 20, 21; Mateus 28; Lucas 24.) Antes, não o tinha feito nesse grau. Tentou dizer-lhes, contudo, que não estava morto, e eles escolheram entendê-lo simbolicamente.

A sua presença física já não era necessária e, nas circunstâncias, era até um embaraço. Ele simplesmente retirou-se dela por vontade própria.

Ele sabia que, sem as feridas, eles não acreditariam que era ele próprio, pois estavam convencidos de que ele morrera com essas marcas. (Ver João 20.) Estas deveriam servir como método de identificação, a ser dispensado quando ele explicasse as verdadeiras circunstâncias.

Ele comeu para provar que ainda estava vivo, por exemplo (João 21, Lucas 24, etc.), mas eles entenderam isto simplesmente como significando que o espírito podia participar do alimento. Queriam acreditar que ele tinha sido crucificado e ressuscitado.⁷

⁷ Por baixo de uma concordância mais ampla, existem muitas diferenças nos pormenores dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Por exemplo, em João 19 diz-se que Cristo carregou a sua própria cruz; em Lucas 23, Simão de Cirene é nomeado como tendo carregado a cruz de Cristo por ele. Muitas questões e razões complexas foram apresentadas ao lidar com vários aspetos dos Evangelhos: o seu possível fundamento na tradição oral e em fontes literárias ou documentais comuns mais antigas; se algum deles incorpora um relato de testemunha ocular da vida de Cristo [afirmou-se muito recentemente, por exemplo, que o de Marcos foi escrito apenas alguns anos depois da morte de Cristo]; se os Evangelhos devem ser simplesmente considerados como expressão de uma única tradição, do facto e da atmosfera de Cristo, independentemente de tudo o mais, etc.

Síntese Operativa

Este capítulo encerra o livro e, ao mesmo tempo, abre uma passagem. Seth despede-se como autor do ditado, mas não encerra a investigação. Pelo contrário: usa a sua própria experiência multidimensional para mostrar ao leitor que a personalidade não é uma unidade fechada, fixa ou confinada ao corpo, ao tempo histórico ou a uma única sequência reencarnacional.

A função central do capítulo é esta:

a personalidade multidimensional não é uma teoria abstrata; é uma estrutura viva de relações entre identidades, tempos, probabilidades, camadas de consciência e gestalts do ser. Seth apresenta a sua própria realidade para introduzir o leitor à sua.

1. A despedida como abertura

O título do capítulo contém dois movimentos complementares:

despedida → Seth termina o livro

introdução → o leitor é apresentado a si mesmo

A despedida é de Seth enquanto autor desta obra. A introdução é dirigida ao leitor: agora que recebeu os conceitos fundamentais, deve voltar-se para a própria experiência interior.

O livro não termina como conclusão fechada, mas como convite.

livro recebido → conceitos assimilados → olhar interior → encontro com a identidade multidimensional

Seth retira-se para que o leitor deixe de depender apenas de uma fonte exterior e comece a reconhecer a própria fonte interior.

2. Seth usa a própria experiência como demonstração

Seth não apresenta as suas vidas passadas para satisfazer curiosidade biográfica. Usa-as como exemplos vivos da estrutura multidimensional da personalidade.

Millenius → mercador em Roma

papa menor → poder, ambição, luxo, contradição

monge → disciplina, escrita, memória reencarnacional

mulher pobre em Jerusalém → intensidade física, maternidade, privação, espiritualidade direta

Orador → função transversal de ensino

Seth Dois → relação com uma camada mais ampla da consciência

O fio que une estas experiências não é a continuidade linear de uma biografia, mas a função profunda de aprendizagem, ensino e expansão.

3. As vidas não definem aquilo que se é

Seth insiste que as suas existências reencarnacionais não definem aquilo que ele é.

vidas reencarnacionais → experiências reais

experiências reais → não totalizam a identidade

identidade maior → inclui vidas, mas não é reduzida a elas

O mesmo se aplica ao leitor.

As vidas, papéis, profissões, corpos, sexos, épocas e relações são expressões da identidade, não a identidade inteira.

vida física → expressão

Alma / identidade multidimensional → campo mais amplo

A personalidade não é explicada apenas pela soma das suas vidas.

4. As personalidades reencarnacionais continuam vivas

Seth afirma que as personalidades que ele foi não estão dissolvidas nele.

personalidade passada → continua viva

segue o seu próprio caminho

coexiste com Seth noutra camada da realidade

Isto desloca a reencarnação da ideia comum de uma sequência simples:

vida 1 → vida 2 → vida 3

para uma estrutura simultânea:

vidas reencarnacionais → coexistência → comunicação → influência mútua

As personalidades não são apagadas. Não são absorvidas como se fossem máscaras descartadas. Continuam a existir como centros próprios de experiência.

5. A reencarnação como simultaneidade

O capítulo aprofunda a ideia de que as existências reencarnacionais são simultâneas.

passado / presente / futuro → aparência criada pelo foco temporal

nível multidimensional → coexistência das vidas

Aquilo que parece “passado” é, em termos mais amplos, uma existência paralela ou adjacente ao presente.

vida presente → foco atual

vidas passadas → focos simultâneos noutros enquadramentos

vidas futuras → focos igualmente reais

A separação entre elas é psicológica, isto é, resulta do modo como a consciência organiza a experiência.

6. A identidade é relação aberta, não sistema fechado

Seth apresenta a Alma como sistema aberto.

Alma → não fechada

Alma → não separada

Alma → campo aberto de relações, experiências e gestalts

Quando se pensa na Alma como uma coisa distante, isolada ou fechada, cria-se também a imagem de um Deus separado da criação.

Alma separada → Deus separado

Alma aberta → Tudo O Que É como presença íntima

A Alma não está apartada do indivíduo. Faz parte dele como Tudo O Que É faz parte de toda a criação.

7. Tudo O Que É cria individualidade, não a destrói

Seth rejeita a ideia de que a individualidade se dissolva em Tudo O Que É.

Tudo O Que É → criador da individualidade

não → destruidor da individualidade

A união com realidades mais amplas não implica anulação do ser individual. Pelo contrário, permite uma expansão da identidade.

expansão → maior relação

não → perda do eu

A individualidade é preservada, mas transforma-se, cresce, abre-se e passa a conhecer dimensões mais amplas da sua própria natureza.

8. A personalidade continua a mudar depois da morte

A morte não congela a personalidade.

vida física → mudança contínua

pós-morte → mudança contínua

Insistir em permanecer exatamente como se é agora depois da morte seria, segundo Seth, como uma criança querer crescer sem alterar as suas ideias.

crescimento → transformação

continuidade → não imobilidade

A preservação da identidade não significa estagnação. A personalidade mantém continuidade, mas continua a desenvolver-se.

9. O self conhecido não é a soma total do ser

O self que o leitor conhece é apenas uma porção da identidade total.

self conhecido → identidade presente reconhecida

Alma → identidade mais ampla

Se o self conhecido for tomado como o fim ou a soma total do ser, a Alma é reduzida a uma pequena entidade limitada por uma única vida.

uma vida curta → julgamento final

Alma ampla → múltiplas dimensões de experiência

Seth critica esta visão por ser demasiado estreita, demasiado arrumada e incapaz de conter a criatividade divina.

10. A consciência eterna não pertence apenas ao humano

A consciência interior eterna não separa o ser humano dos animais nem do resto da existência.

consciência interior → presente em todos os seres vivos

não → privilégio exclusivo humano

Isto alarga a espiritualidade para além do humano.

A vida inteira participa numa realidade consciente. A diferença está nos modos de expressão, não numa separação absoluta entre espécies.

11. A pobreza como intensificação da experiência, não como ideal espiritual

Na vida em que Seth foi Marshaba, mãe pobre de doze filhos, a privação deu à existência física uma nitidez intensa.

pobreza → contraste físico

côdea de pão → prazer imenso

riso dos filhos → deleite esmagador

Mas Seth recusa transformar isto numa doutrina da pobreza.

pobreza → não conduz automaticamente à verdade

sofrimento → não é bom por si mesmo para a Alma

A lição não está na miséria em si, mas no modo como aquela vida devolveu intensidade, gratidão e presença à experiência física.

12. Cada vida é escolhida por uma razão

Seth afirma que cada pessoa escolhe as condições da sua vida segundo o seu próprio propósito.

forças e fraquezas conhecidas antecipadamente → escolha de condições → aprendizagem específica

Isto não deve ser lido como culpa nem como justificação do sofrimento. O ponto central é a responsabilidade criativa da identidade maior.

condições difíceis → campo de aprendizagem

não → castigo

não → superioridade moral do sofrimento

A vida de Marshaba serviu para reacender em Seth a percepção da magnificência da existência física.

13. A face subterrânea da consciência

Seth chama a atenção para aquilo que acontece por baixo da vida objetiva.

vida exterior → profissão, papel social, ações visíveis

face subterrânea da consciência → sonhos, ritmos criativos, estados subjetivos, trabalho interior

Os desafios reencarnacionais não se desenrolam apenas no plano visível. Envolvem também estados de sonho, ritmos criativos e atividades subjetivas que correm por baixo do mundo diário.

Uma vida exteriormente “pouco interessante” pode ter enorme alcance subjetivo.

vida discreta por fora → trabalho vasto por dentro

14. O Orador como função transversal

Seth afirma ter sido sempre Orador, independentemente da ocupação física.

ocupação física → mercador, monge, papa, mãe, camponês

função subjetiva → Orador / professor

A função profunda atravessa as vidas, mesmo quando a biografia exterior não a revela claramente.

Isto mostra que uma identidade pode ter um papel interior contínuo que não depende da profissão, do estatuto ou da época.

papel exterior → variável

função interior → continuidade

15. Seth Dois como abertura para além da reencarnação

Seth Dois introduz uma camada mais ampla da realidade.

Ruburt → contacta Seth

Seth → contacta Seth Dois

Seth Dois → consciência mais afastada da realidade física

A personalidade multidimensional não inclui apenas vidas reencarnacionais. Inclui também gestalts do ser que podem não ter qualquer ligação física.

identidades reencarnacionais → ligações físicas

Seth Dois / gestalts do ser → ligações não físicas

O capítulo alarga a ideia de identidade para lá do ciclo reencarnacional.

16. Relações entre consciências

Seth, Ruburt e Seth Dois formam uma cadeia de relação.

Ruburt ↔ Seth ↔ Seth Dois

Mas esta cadeia não deve ser entendida como hierarquia rígida. É uma rede de consciência.

separados → mas unidos

distintos → mas interligados

cada um enriquece o outro

Seth aprende com Ruburt. Ruburt expande-se através de Seth. Seth é enriquecido por Seth Dois. Seth Dois é enriquecido pela experiência de Seth.

A consciência cresce por relação.

17. Cada parte contém o todo

Seth afirma que cada “parte” da Alma contém o todo.

parte da Alma → contém o todo

Esta ideia desmonta a separação rígida entre parte e totalidade.

A personalidade física não é a Alma inteira, mas também não está separada dela. Contém acesso à totalidade segundo o seu modo próprio.

self conhecido → porta para a Alma

Alma → presença no self conhecido

A profundidade não está noutra lugar; está implicada no presente.

18. As respostas estão na experiência presente

Seth recusa a procura externa como substituto do contacto interior.

professor → livro → método → sistema

podem ajudar, mas não substituem:

atenção ao próprio estado subjetivo → contacto com a identidade interior

A natureza da realidade não será encontrada fora do leitor, mas através de uma viagem interior:

para dentro de si → através de si → através do mundo conhecido

O mundo físico não é obstáculo à busca interior. É também caminho.

19. O exercício final: o momento como portal

Seth propõe que o leitor experiencie plenamente o momento em que está.

momento presente → sala / rua / cidade / mundo

Depois, amplia esse momento:

um momento no globo → todas as experiências simultâneas → cada indivíduo vivo

E depois desloca o foco para a própria experiência subjetiva:

experiência pessoal no momento → ultrapassa o momento → liga-se a todos os vivos

Este exercício abre a percepção porque transforma o momento comum numa porta multidimensional.

20. Seth Dois e a comunicação entre sistemas

Quando Seth Dois fala, a comunicação exige tradução.

Seth Dois → símbolos impessoais

Seth → tradutor entre realidades

Ruburt → tradutor em palavras

A mensagem passa por duas traduções, porque Seth Dois opera com símbolos e significados muito afastados da experiência física.

realidade não física distante → símbolo impessoal → tradução por Seth → tradução por Ruburt → linguagem humana

Isto mostra que toda a revelação é tradução. Quanto maior a distância entre sistemas, maior a transformação necessária para que a mensagem seja comunicável.

21. A pirâmide como símbolo de contacto

Ruburt sente a consciência subir por uma pirâmide invisível ou funil energizado.

consciência de Ruburt → sobe pela pirâmide → contacto com Seth Dois

Mas Seth esclarece que esse “lugar” não é espacial.

pirâmide → símbolo experiencial

dobra nas dimensões → energia e realidade psíquica

espaço → sem significado real nesse nível

O movimento para fora é também movimento para dentro.

exterior → interior

subida → aprofundamento

A consciência viaja tão profundamente para dentro quanto lhe parece ir para fora.

22. Inspiração como ajuda entre sistemas

Mensagens de um sistema para outro ocorrem continuamente.

realidade mais ampla → contacto → tradução → inspiração

Aquilo que surge como inspiração pode ser resultado de uma comunicação entre sistemas de consciência.

- inspiração artística
- intuição súbita

- compreensão inesperada
- impulso criativo

Seth afirma que a humanidade é ajudada, mas também que cada pessoa usa as suas próprias capacidades. A ajuda recebida depende em parte das características, abertura e capacidades do indivíduo.

23. Tudo O Que É comunica através da substância viva da Alma

Tudo O Que É não fala com trombetas exteriores nem sinais teatrais vindos de fora.

Tudo O Que É → comunica através da Alma

mensagem → substância viva de cada consciência

A comunicação divina é íntima, interior e contínua.

não → espetáculo exterior

sim → presença viva dentro da consciência

Cada indivíduo tem acesso a contactos e conhecimentos desse tipo.

24. O Cristo histórico e a Crucificação como realidade simbólica

Depois do fim formal do livro, Seth oferece um suplemento sobre a Crucificação.

A afirmação central é que, segundo ele, o Cristo histórico não foi crucificado.

acontecimentos físicos → uma versão

Crucificação simbólica → realidade psíquica e religiosa muito maior

Seth distingue entre o acontecimento físico e a realidade simbólica que a Crucificação passou a ter na psique humana.

acontecimento histórico → limitado

símbolo religioso → enorme poder psíquico

Mesmo que os acontecimentos físicos tenham sido outros, a ideia da Crucificação tornou-se uma realidade profunda no campo religioso humano.

25. A Crucificação como drama de crime, castigo e autossacrifício

A ideia da crucificação incorporou dilemas profundos da psique humana.

crime → castigo → culpa → sacrifício → redenção

Segundo Seth, esse drama atrai aqueles que ainda estão presos a ideias de punição, culpa e autossacrifício.

drama religioso → eco de sentimentos subjetivos

A força do símbolo não vem apenas dos factos exteriores. Vem da correspondência com estruturas emocionais e psíquicas profundas.

26. A interpretação simbólica pode obscurecer a comunicação direta

Seth afirma que Cristo tentou explicar a situação, mas os seguidores interpretaram simbolicamente aquilo que ele dizia.

Cristo tenta explicar → seguidores interpretam segundo crenças
→ símbolo sobrepõe-se à explicação

A crença desejada tornou-se mais forte do que a clarificação oferecida.

queriam acreditar → crucificação e ressurreição

O símbolo assumiu autonomia, crescendo para lá dos acontecimentos físicos.

27. O corpo e o espírito

Na interpretação de Seth, as palavras da Última Ceia apontavam para uma verdade mais ampla:

espírito → presente em toda a matéria

espírito → interligado com o corpo

espírito → independente do corpo

Cristo procurava sugerir que já não deveria ser identificado apenas com o corpo físico.

corpo → veículo

espírito → não limitado ao veículo

Isto retoma uma das teses centrais do livro: a identidade não depende exclusivamente da forma física.

28. Integração do capítulo

O capítulo fecha o livro mostrando, pela própria experiência de Seth, que a personalidade é uma realidade aberta, simultânea e multidimensional.

vidas passadas → coexistem

selves prováveis → coexistem

Seth Dois → camada mais ampla

Alma → sistema aberto

Tudo O Que É → presença íntima em todas as partes

A despedida de Seth é, portanto, uma introdução ao leitor.

Seth despede-se → leitor volta-se para dentro

professor exterior → identidade interior

livro terminado → investigação começa

O capítulo termina o ditado, mas não termina o percurso. O leitor é deixado diante da sua própria realidade: não como crença a aceitar, mas como campo a experienciar.

A mensagem final pode ser condensada assim:

não procures apenas fora → entra no momento

não te limites ao self conhecido → abre-te à identidade multidimensional

não confundas personalidade com corpo → reconhece a Alma como sistema aberto

não esperes que outro prove a tua existência → experencia-a diretamente

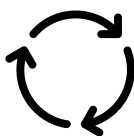
A despedida de Seth é a passagem da autoridade exterior para o reconhecimento interior.

Apêndice

Seth dedicou três sessões completas e partes de duas outras a este Apêndice. Este inclui informação adicional sobre vários temas já mencionados no corpo principal do livro, tais como pontos de coordenação, tempos e registos bíblicos, objetos como símbolos, reencarnação e expansão da consciência. As Sessões 592 e 594 são particularmente intrigantes, pois os acontecimentos que ocorreram durante essas sessões destacaram e ilustraram o material ditado.

Acrescentámos também excertos de seis outras sessões. Cinco são sessões de aula; uma foi incluída por ser relevante para a discussão sobre a organização depois da morte, no Capítulo Nove. Outra contém uma excelente descrição da verdadeira espiritualidade. Nos restantes excertos das aulas, Seth responde a perguntas que os leitores também poderão ter em mente.

Estas sessões mostram também Seth na sua relação com outros em contacto pessoal. A um engenheiro, dá uma explicação das pulsações dos átomos; discute saúde mental com uma enfermeira e agressividade com um ministro — todos membros da aula. A sexta apresentação provém de uma sessão realizada para uma estudante, na qual Seth mencionou os Oradores pela primeira vez.



SESSÃO 592, 23 DE AGOSTO DE 1971,
21H35, SEGUNDA-FEIRA

Uma vez que eu sabia tão pouco sobre o tempo de Cristo, levei algum tempo a fazer a leitura adicional necessária para poder escrever notas de sessão apropriadas. Sue Watkins, membro da aula de PES (Percepção Extrassensorial) de Jane e nossa amiga pessoal, foi muito útil; emprestou-me livros sobre esse período para que eu pudesse confirmar as referências históricas.

Jane e eu estávamos cansados das nossas atividades recentes e poderíamos ter falhado a sessão, não fosse o facto de ela não querer interromper o ritmo que tínhamos criado. Sue sentou-se connosco como testemunha. Todos esperávamos uma sessão descontraída — uma que talvez tocasse em acontecimentos atuais envolvendo nós três, desde um felino muito doente, por exemplo, até aos nossos “dramas reencarnacionais” improvisados das noites de sexta-feira. Mas certamente não esperávamos que Seth continuasse o material que tinha iniciado no seu livro relativamente aos tempos bíblicos.

— *Boa noite.*

— Boa noite, Seth.

— *Eu devia assustar-vos dizendo: “Capítulo Um”, mas não o farei. E boa noite à nossa amiga aqui presente (Sue). Dentro de pouco tempo, poderás ler o meu livro na íntegra. (Para mim:) Tenho algumas notas para teu esclarecimento.*

— Está bem.

— *Os Essênios tinham raízes profundas em algumas das religiões iniciáticas dos Gregos. Alguns deles criaram escolas que não eram aquilo que pareciam ser. Recorria-se ao subterfúgio. Havia vários testes antes que um iniciado pudesse aproximar-se das doutrinas interiores. Havia, portanto, outros grupos de Essênios além daquele de que geralmente se fala.*¹

— *Os Essênios, tal como são conhecidos, eram um grupo sobrevivente de uma fraternidade maior e mais antiga. Alguns existiam na Ásia Menor. Foram feitos esforços para infiltrar culturas nacionais ou grupais. Certas ideias básicas uniam, portanto, os Essênios, embora muitas vezes se apresentassem sob nomes diferentes. Havia três grupos básicos: aquele em que geralmente se pensa, uma ramificação em África, e o grupo da Ásia Menor mencionado anteriormente. Existia pouco contacto entre estes grupos, contudo, e gradualmente as próprias doutrinas interiores passaram a apresentar variações importantes.*

— *As escolas fingiam muitas vezes dar instrução noutras áreas. O estranho era mantido nesse grupo exterior. Alguns frequentavam essas escolas sem nunca saberem da existência dos iniciados interiores, nem do trabalho mais importante que se realizava por baixo da camuflagem.*

¹ O grupo essénio geralmente conhecido seria a seita judaica existente na Terra Santa durante o tempo de Cristo, no início do primeiro século. Historicamente, são considerados um grupo pacífico.

— *Alguns membros dos Zelotas foram originalmente Essênios. Os Essênios precederam-nos. João Batista era Essênio em todos os aspetos importantes; contudo, um homem que avança dessa maneira sai automaticamente do seu grupo, e foi isso que fez o vosso amigo João.*²

— *Houve então algum ciúme, por parte de certos membros dos Essênios, em relação ao progresso de João. Em dada altura, João tentou unir vários grupos divergentes numa só fraternidade, mas falhou. Esse fracasso pesou-lhe muito. O fogo raramente é suave, e João Batista estava tão cheio de fogo como Paulo.*

— *Era um homem muito mais gentil e, contudo, à sua maneira, tão fanático como qualquer uma das outras personagens principais daquele tempo. Era muito mais contra aquilo a que se opunha do que a favor daquilo que defendia. Cristo, entendam, deveria transmitir a mensagem, e João deveria preparar-lhe o caminho.*

— *João teve uma relação amorosa com uma prima, na juventude. Fugiu desse conhecimento durante o resto da vida, considerando-o pecaminoso. Estes eram homens cheios da energia dos seus papéis, como velas insufladas pelo vento e, contudo, tinham de possuir as características de personalidade do seu tempo. Tinham de aparecer como homens perante os homens, antes que*

² Aqui Seth referia-se humoristicamente ao meu interesse recente por João Batista. Os Zelotas eram uma seita judaica muito mais agressiva e semipolítica que também existia na Terra Santa no início do primeiro século — como descobri nas minhas leituras recentes.

Cristo pudesse proclamar-se como algo para além do homem natural.

— Esses envolvimentos humanos — afetivos, psicológicos e religiosos — eram precisamente os que se tornavam necessários no contexto daquele drama religioso. Eram criativos, no sentido em que traziam dentro de si as únicas sementes que poderiam crescer, nos vossos termos, naquele lugar e naquele tempo.

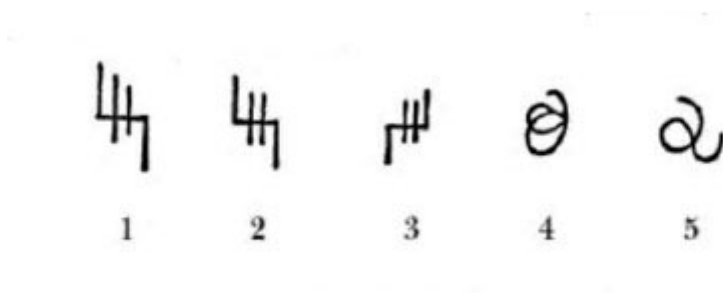
— Os registos eram muitas vezes falsificados; completamente adulterados, e eram frequentemente plantados registos falsos. A religião era política. Implicava influência e poder sobre as massas. Era do interesse dos governantes saber em que direção sopravam os ventos religiosos. Houve, portanto, falsificações deliberadas dos factos, então e mais tarde. Algumas seitas mantinham registos falsos propositadamente como despistes, para que, se fossem roubados, os ladrões pensassem ter encontrado aquilo que procuravam.

— Em alguns casos, os registos falsificados foram encontrados — as deturpações —, enquanto os verdadeiros registos por detrás deles ainda não foram descobertos.

— Os Essénios mantinham conjuntos de registos para confundir os Zelotas, e outro conjunto para confundir os Romanos, e guardavam com muito cuidado o conjunto interior a partir do qual todos os factos eram feitos. Não eram tão violentos como os outros grupos, mas eram igualmente astutos.

— *Havia, contudo, várias marcas feitas para distinguir os diferentes conjuntos de registros, verdadeiros e falsos. Agora, não sei se conseguiremos transmitir isto com clareza... Dá um pedaço de papel a Ruburt, e juntos veremos.*

Seth-Jane começou a desenhar uns símbolos que são mostrados a seguir, numerados na sequência em que os produziu.



— *Portanto, o número um é uma tentativa de chegar ao número dois, que era simplesmente um sinal de uma cópia feita, uma cópia distorcida ou adulterada. O do meio, (três), era uma marca feita para uma cópia muito menos distorcida, e a última marca, (cinco), era para um registro não adulterado.*

— *Estas são versões pobres. Este parecia-se mais com uma cobra, uma serpente.*³

³ Sobre símbolos... Em 1947, estudiosos começaram a adquirir os sete agora famosos Manuscritos do Mar Morto. Tinham sido encontrados numa gruta situada acima do uádi, ou leito de rio, geralmente seco de Qumran, que conduz ao Mar Morto, a cerca de uma milha de distância. Escavações no deserto da Judeia, ali perto, revelaram em breve as ruínas de um mosteiro que tinha sido ocupado por um grupo judaico divergente, durante períodos variáveis, entre 180 a.C. e 68 d.C. O povoado de Qumran ficava a apenas quinze milhas de Jerusalém e Belém. Foi associado à pacífica seita dos Essênios por algumas autoridades, enquanto outras o associam com igual firmeza aos Zelotas, mais agressivos.

— *Seria quase impossível, para qualquer pessoa exceto alguém do círculo mais interior, distinguir entre algumas das versões apresentadas. Estes sinais não apareceriam isolados, mas de tal maneira que só aqueles que soubessem como procurá-los os encontrariam. Não estavam gravados a ouro na página de rosto. Havia também outras pistas, certos outros sinais a serem considerados em conjunto com estes, que apareciam dentro dos textos.*

— *Em alguns desses registos, a datação, por exemplo, estaria apenas suficientemente deslocada para que só alguém bem versado reconhecesse uma discrepância. Alguns incluíam um erro óbvio. Aqueles que estavam por dentro reconheceriam imediatamente que o registo era falso.*

— *Alguns dos registos distorcidos foram tomados como factos, e é uma boa piada perceber que o Vaticano possui alguns deles. Na altura, a Igreja acreditava que esses registos poderiam prejudicá-la. No caso destes erros específicos, os registos poderiam, em vez disso, ter ajudado os homens da Igreja, mas estes não tiveram discernimento para distinguir o verdadeiro do falso.*

— *Uma vez que estes símbolos não têm significado para Ruburt, é difícil fazê-lo captar claramente o simbolismo. Por exemplo, deveriam ser desenhados de forma muito mais apertada, não tão*

Algumas semanas depois desta sessão, Jane e eu ficámos interessados ao ler que o Manuscrito de Isaías de São Marcos, proveniente da descoberta de Qumran, contém símbolos marginais que ainda não tinham sido decifrados nos anos 1960; isto segundo a última impressão da obra de referência que consultámos. Alguns dos símbolos, que estavam ilustrados, têm mais do que uma pequena semelhança com aqueles que Seth-Jane desenhou — especialmente o último.

solta. Na realidade, os sinais apareceriam como símbolos muito concentrados, e com linhas mais espessas.

— Em muitos casos, os registros foram reproduzidos fielmente, mas com os nomes alterados para proteger os inocentes.

— Pensai na linguagem usada atualmente por governos e diplomatas. Pensai na diferença entre aquilo que o vosso governo sabe e aquilo que é dito ao povo. Muitas vezes, quando ouvis uma negação em tais circunstâncias, saltai imediatamente para a conclusão correta — que, dentro de cerca de um mês, será dada uma resposta afirmativa à mesma pergunta.

— As palavras, portanto, são muitas vezes usadas tanto para encobrir como para revelar. Fazem-se grandes esforços para que o conhecimento seja mantido, muitas vezes, longe da maioria e reservado a uns poucos. Nos tempos bíblicos, isto era ainda mais verdadeiro.

— Os próprios artifícios literários serviam como métodos formalizados de parecer divulgar certas informações, quando, na verdade, ofereciam dados falsificados. Naqueles dias, nenhuma pergunta era respondida diretamente — não por aqueles que fossem minimamente letrados.

— Responder diretamente a uma pergunta significava que se era simplório e que não se tinha qualquer apreço pela inteligência superior do interlocutor, pois ele raramente fazia uma pergunta à

qual quisesse realmente uma resposta. Era um comportamento altamente ritualizado; compreendido, contudo, nesses termos.

— Por outras palavras, não compreendeis como traduzir adequadamente o material de muitos desses registos, mesmo quando as traduções em si estão corretas.

— Chamaríeis a páginas inteiras dos Manuscritos [do Mar Morto] enormes partidas, uma vez que páginas inteiras, em termos literais, não são verdadeiras. Mas estes eram exageros e embelezamentos esperados, que precediam a transmissão da informação.

— Todas as profissões, em maior ou menor grau, tinham essas modas. Os registos significavam vida ou morte se fossem descobertos no momento errado. Falsificações eram muitas vezes introduzidas simplesmente para desviar quaisquer leitores, caso os livros caíssem nas mãos erradas.

— Mais uma vez, aqueles que estavam por dentro não tinham preocupações. Não seriam enganados. Para eles, a informação era clara e as distorções óbvias. Ora, os Manuscritos estão cheios dessas distorções protetoras. Os sinais mencionados eram apenas algumas das pistas usadas. Apareciam sob muitas formas, por vezes entrelaçados com assinaturas.

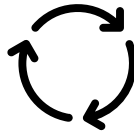
— Essas pessoas eram muito dadas a códigos; até a disposição das letras nas páginas, como pensais nas páginas, tinha o seu significado. O peso ou a espessura de vários traços tinha significado

em termos de ênfase. Havia até certas maneiras de tratar uma palavra anterior, de modo que essa palavra servisse de pista de que a palavra seguinte era falsa. Só aqueles que estavam por dentro reconheceriam isto, evidentemente, e os outros digeririam alegremente a informação falsa.

— As descrições de indivíduos importantes eram alteradas para garantir a sua segurança, e os antecedentes eram muitas vezes ficcionados pela mesma razão. Estas eram lutas de vida ou morte. Alguns dos registos falsificados tinham veneno nos manuscritos — material de leitura verdadeiramente mortal.

— Muitos dos homens envolvidos levavam então vidas duplas, conhecidos nas suas aldeias por um nome e nas suas fraternidades por outro. Em alguns casos, as suas identidades mais mundanas nunca eram reveladas senão a uns poucos. Mais tarde, quando os cristãos estavam a ser perseguidos, foram tomadas muitas salvaguardas — sobretudo por aqueles que acreditavam ter a responsabilidade de viver tempo suficiente para ver o novo credo encontrar terreno fértil.

— Muitas vezes, Paulo de Tarso, ou Saulo de Tarso, parecia estar onde não estava, por exemplo. Era enviada a notícia de que viajaria para tal e tal localidade, e aí eram plantadas histórias sobre a sua chegada, enquanto, na verdade, ele viajava para um lugar inteiramente diferente.



SESSÃO 593, 30 DE AGOSTO DE 1971,
21H06, SEGUNDA-FEIRA

Este material surgiu depois da segunda pausa desta sessão.

— *Todas as grandes religiões do mundo nasceram perto dos principais pontos de coordenação.*⁴

— *Nessas localidades, as mudanças tendem a surgir rapidamente, pois ideias e emoções são impelidas para a atualidade física com grande vigor. As ideias alastram como fogo entre as pessoas. A atmosfera psíquica é fértil.*

— *A criatividade brota facilmente, e por isso tais locais não são necessariamente pacíficos, embora constituíssem o melhor solo no qual a paz poderia crescer. Contudo, quaisquer ideias, para o bem ou para o mal, materializam-se com tamanha força que os sentimentos contraditórios da humanidade se manifestam de modo mais evidente perto dos pontos de coordenação.*

⁴ Ver Capítulo Cinco. Não são “lugares sagrados” no sentido religioso tradicional, mas áreas onde a energia psíquica se materializa mais rapidamente e com mais força. Ou seja, pontos de coordenação = zonas de passagem/amplificação entre energia interior, pensamento, emoção e manifestação física. Assim, as grandes religiões nasceriam perto desses pontos não por acaso geográfico, mas porque nesses locais haveria uma maior capacidade de traduzir impulsos interiores coletivos em acontecimentos exteriores.

— Há efeitos, ainda não verificados pelos vossos cientistas, que surgem nessas áreas: efeitos que, contudo, eram conhecidos no tempo da Atlântida e também utilizados pelos Lumanianos. De uma maneira estranha, o espaço enruga-se perto desses pontos de coordenação, num grau não observável pelos vossos instrumentos.

— Alguns dos meus leitores poderão estar familiarizados com os "buracos negros" e "buracos brancos" no espaço, que os vossos cientistas descobriram recentemente.⁵

— Estes pontos possuem qualidades algo semelhantes. Os aspetos eletromagnéticos dos pensamentos e das emoções, as animações, são atraídos através de pontos que podem ser comparados a buracos negros em miniatura. Aqui, a sua energia desaparece momentaneamente do vosso sistema, é, contudo, imensuravelmente acelerada, e regressa através daquilo a que poderíeis chamar um buraco branco em miniatura — agora concentrada e altamente direcionada de volta para o vosso sistema de realidade.

— Isto é apenas uma analogia, mas, para fins práticos, é suficientemente justa. Há, mais uma vez, um efeito de enrugamento em torno destes pontos, embora ainda não seja observável por vós, onde o próprio espaço, ao que parece, anseia

⁵ Alguns físicos teóricos postularam recentemente que, quando os fogos nucleares de estrelas muito maciças se extinguem por fim, a sua enorme gravidade faz com que colapsem de modo tão completo que, literalmente, se comprimem até saírem da existência. Fica assim um "buraco negro" no espaço, e a matéria circundante pode desaparecer dentro dele. Sugeriu-se ainda que essa matéria desaparecida pode reaparecer noutro lugar, quer no nosso universo quer noutros, através de "buracos brancos". Haveria um fluxo de matéria no nosso universo e também entre universos, mantendo as coisas em equilíbrio.

por desaparecer dentro do primeiro ponto. Há outras distorções nas leis físicas. Algumas destas foram observadas, mas ignoradas como sinais pertinentes. As atividades dos átomos e das moléculas aceleram quando se aproximam destes pontos, mas a distância entre os átomos e as moléculas permanece a mesma. Isto é importante.

— Estes pontos de coordenação servem também para dar ao vosso sistema fontes adicionais de energia. A lei da entropia⁶, portanto, não se aplica. Os pontos de coordenação são, na verdade, fontes de energia adicional. Contudo, só se abrem quando se acumulam concentrações de energia dentro do vosso sistema. Gostaria de tornar a ideia mais clara. Um veículo físico, uma nave espacial, por exemplo, jamais poderia sobreviver a esse tipo de saída e reentrada no vosso sistema.

— Na Atlântida, havia aqueles que utilizavam este conhecimento, acelerando certos pensamentos através da concentração, enfatizando certos sentimentos de modo a enviá-los através destes pontos de coordenação. Conseguia-se, portanto, grande estabilidade no que dizia respeito a estradas, edifícios e coisas semelhantes. Tais projetos eram realizados com grande consideração pela sua posição entre vários pontos de coordenação.

⁶ A segunda lei da termodinâmica diz-nos que, embora a energia total num sistema fechado como o nosso universo permaneça constante, a quantidade de energia disponível para trabalho útil está constantemente a diminuir. Um fator matemático que mede a energia indisponível chama-se entropia. Seth insistiu, desde o início das nossas sessões, que a lei da entropia não se aplica, e que não existem sistemas fechados.

— *Este efeito de bolsão do espaço pode ser percebido em certos estados de transe. Isto pode ser comparado quase a um enovelamento do ar.*

— *Experimenta sentar-te tranquilamente com os olhos fechados e tenta determinar a proximidade direcional de pontos de coordenação principais ou subordinados. Aqui estão algumas ajudas para te orientar.*

— *Com essa intenção em mente, descobrirás que a tua visão interior se inclina para uma direção particular da sala, e até os teus pensamentos parecerão seguir na mesma direção. Uma linha imaginária ajudar-te-á a identificar corretamente o lugar, em qualquer localização dada, mais próximo de qualquer ponto de coordenação dado. Imagina uma linha traçada a partir do ponto da tua visão interior, vindo do olho interior que parece estar a usar, para fora. Deixa que ela seja unida por uma linha imaginária a partir do topo do teu crânio, seguindo a mesma direção em que os teus pensamentos parecem fluir.*

— *Tens então uma linha imaginária, neste caso, a partir daqui, e daqui. Há um ângulo, e depois ambas as linhas se juntam. Elas apontarão infalivelmente para a direção mais próxima de um ponto de coordenação.⁷*

⁷ Para ilustrar isto enquanto falava por Seth, Jane tocou nos olhos com uma mão e no topo da cabeça com a outra. Estendeu as mãos a partir desses pontos até se encontrarem à distância do braço, ligeiramente para a sua direita. Eu estava sentado aproximadamente a sul de Jane enquanto ela me enfrentava, de modo que isto significava que ela indicava o canto ocidental da nossa sala de estar.

— Os pontos subordinados permeiam o espaço. Ruburt será capaz de te dizer, por exemplo, qual é o ponto mais próximo nesta sala. Por vezes, o ângulo será mais longo, mas as duas linhas apontarão na direção certa. A energia é, portanto, mais eficaz nessas áreas.⁸

— Usando esta analogia do buraco branco e do buraco negro e para tornar isto mais claro, o buraco branco está dentro do buraco negro.

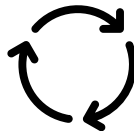
— As propriedades eletromagnéticas são atraídas para o buraco negro e aceleradas para lá da imaginação. A aceleração e as atividades dentro do buraco negro atraem proporções inacreditáveis de energia adicional proveniente de outros sistemas.

— Esta maior aceleração altera a própria natureza das unidades envolvidas. Entretanto, as características do próprio buraco negro são alteradas por esta atividade. Por outras palavras, um buraco negro é um buraco branco virado do avesso. A "matéria" eletromagnética pode reemergir através do mesmo "buraco" ou "ponto", que agora é um buraco branco.

⁸ Jane disse que, enquanto falava por Seth, sabia que as duas linhas que estava a indicar se encontravam no canto oeste-sudoeste da nossa sala. Caminhou até ao local com grande certeza. Ficava mesmo dentro da parede, entre duas das nossas janelas salientes e atrás de um velho tubo de vapor exposto. Infelizmente, estava apertado entre um aquecedor e uma estante, e não era um ponto que pudéssemos pôr facilmente em uso.

Caminhando pela sala, Jane disse que sentia os seus pensamentos "inclinarem-se" exatamente nessa direção. Agora que sabia onde estava o ponto de coordenação, parecia-lhe incrível não ter sempre sabido a sua localização. Não conseguia, de modo algum, inclinar-se mentalmente em qualquer outra direção, disse. Virou as costas para o local e anunciou alegremente que sentia as "linhas" sair para ele a partir da parte de trás da cabeça.

— A reemergência, contudo, altera novamente as suas características. Torna-se mais uma vez “faminto” e, de novo, um buraco negro. O mesmo tipo de atividade ocorre em todos os sistemas. Os buracos, portanto, ou pontos de coordenação, são, na verdade, grandes aceleradores que reenergizam a própria energia.



SESSÃO 594, 13 DE SETEMBRO DE 1971,
21H40, SEGUNDA-FEIRA

Na semana passada realizou-se apenas uma sessão, e essa foi uma sessão há muito prometida a amigos.

Sue Watkins⁹ testemunhou a sessão desta noite. Tencionava sair antes da hora da sessão, mas Jane convidou-a a ficar às 20h50. A presença inesperada de Sue é um belo exemplo de como acontecimentos espontâneos podem influenciar uma sessão de forma muito criativa — como as notas de Sue, citadas mais adiante, mostrarão.

⁹ Sue Watkins era membro da aula de PES de Jane Roberts, amiga próxima de Jane e Rob Butts, escritora e investigadora do Material de Seth. Foi uma observadora privilegiada das sessões e autora de *Conversations with Seth*, obra dedicada à dinâmica da aula de PES e ao contexto humano das comunicações de Seth. A sua presença nesta sessão é relevante porque as suas observações sobre os estados de transe de Jane ajudam a clarificar, mais adiante, a noção de “aceleração” associada à comunicação de Seth.

— *Desejo-vos boa noite, e à nossa amiga (Sue). Teria alguns comentários interessantes a fazer a respeito das relações entre vós, mas temos de pôr mãos à obra com o nosso Apêndice, e por isso continuaremos com isso. A outra informação virá no seu devido tempo.*

— *Os objetos são os símbolos.*

— *Normalmente, pensais neles simplesmente como realidades. Pensais por vezes nos pensamentos, imagens e sonhos como sendo simbólicos de outras coisas, mas a verdade é que os objetos físicos são, eles próprios, símbolos. São os símbolos exteriores que representam a experiência interior.*

— *Existem, portanto, símbolos físicos coletivos sobre os quais todos concordais, bem como símbolos privados e pessoais.*

— *Toda a natureza e estrutura da vida física, tal como a conheceis, é uma declaração simbólica feita por grupos de entidades que escolhem trabalhar com simbolismo físico. Assim, o corpo é um símbolo daquilo que sois, ou daquilo que pensais ser — e estas podem muito bem ser duas coisas diferentes.*

— *Qualquer enfermidade física é simbólica de uma realidade ou declaração interior. Toda a tua vida é uma declaração em termos físicos, escrita sobre o tempo tal como o compreendes.*

— Quando compreenderes a natureza simbólica da realidade física, deixarás de te sentir preso por ela. Tu formaste os símbolos e, portanto, podes mudá-los. Tens de aprender, evidentemente, o que significam os vários símbolos na tua própria vida e como traduzir o seu significado.

— Para o fazeres, deves antes de mais recordar-te com frequência de que a condição física é simbólica — não uma condição permanente. Depois, deves procurar dentro de ti a atualidade interior representada pelo símbolo. Este mesmo processo pode ser seguido independentemente da natureza do problema ou do teu desafio.

— O teu ambiente físico íntimo é, portanto, uma declaração simbólica de uma situação interior. A situação interior é fluida, pois estás sempre num estado de devir. Deixado em liberdade, traduzirás automaticamente os acontecimentos interiores espontâneos e em livre movimento para a realidade física, alterando, portanto, o teu ambiente e mudando os símbolos.

— Se, contudo, imaginas que o ambiente ou a condição física é a realidade, então podes sentir-te preso por ela e gastar os teus esforços a combater um dragão de papel. O ambiente é sempre alterado a partir de dentro. Há feedback instantâneo entre as condições interiores e exteriores, mas a mobilidade, a necessidade e o método de mudar o ambiente físico virão sempre de dentro.

— *Muitas das ideias dadas neste livro podem ser usadas com grande proveito para resolver problemas pessoais. Se estes conceitos forem compreendidos, então o indivíduo deverá perceber a liberdade que tem para operar com propósito dentro da estrutura da vida física. Muitos de vós estais tão habituados a olhar para fora — e a aceitar o mundo físico como critério da realidade — que nunca vos ocorreu olhar para dentro. Toda a estrutura da vossa existência, portanto, flui constantemente de dentro para fora, sendo projetada nesses símbolos físicos que depois confundis com a realidade.*

— *O drama interior, portanto, é sempre o importante. A "história da tua vida" é escrita por ti, por cada leitor deste livro. Tu és o autor. Não há razão, portanto, para veres o drama e te sentires preso por ele. O poder de mudar a tua própria condição é teu. Basta exercê-lo.*

— *Para alguns outros tipos de consciência, a vossa realidade física é claramente compreendida na sua forma simbólica. Os objetos, como símbolos, ajudam a construir a própria estrutura da vossa existência. Eles, os objetos, podem então ser manipulados com bastante liberdade.*¹⁰

¹⁰ Sue disse que o material tinha muito significado para ela, e que agora percebia que não tinha sido um "acidente" ter aparecido esta noite. Tinha muito mais a dizer aqui, sobretudo acerca das suas impressões de Jane, de Seth e da grande energia envolvida nestas sessões. Aconteceu que Sue tinha começado a experienciar e a formular algumas impressões tanto antes como durante a sessão.

Os comentários de Sue eram tão bons que lhe pedi que os escrevesse. Escreveu-os durante o resto da pausa, e depois acrescentou-lhes ocasionalmente durante o resto da sessão. São apresentados aqui numa forma ligeiramente abreviada: "Enquanto estava aqui sentada antes da sessão", escreveu Sue, "tive uma impressão de Seth que nunca tinha tido antes. Era como se Jane, Rob e eu estivéssemos a viajar a certa velocidade familiar enquanto conversávamos, embora isto nada tenha que a com movimento. Quando Seth 'apareceu' pouco antes da sessão, pareceu que algo dentro de Jane começou a engrenar,

— *As observações da nossa amiga Sue aproximaram-se muito de uma excelente descrição dos sentimentos subjetivos de Ruburt, como ele vos disse durante a pausa.*

— *Remeto os leitores para a Introdução de Ruburt, na qual ele compara as suas próprias experiências criativas como escritor com aquelas que sente nas nossas sessões. Há vários pontos que ele não compreendeu, e por isso gostaria aqui de os esclarecer.*

— *Nas nossas próprias sessões, ele não está conscientemente ciente do trabalho criativo que está a ser feito, precisamente porque saiu do alcance que a mente consciente consegue acompanhar. Projetou uma porção de si mesmo para um tipo inteiramente diferente de realidade subjetiva, uma dimensão de atividade completamente diferente.*

a rodopiar ou a acelerar cada vez mais depressa, até ser atingida uma velocidade incrivelmente outra — uma parte da consciência de Jane que se chama Seth.

“Nesse ponto, a velocidade estava certa e, de algum modo, as coisas ‘encaixaram’. Jane tirou os óculos, como sempre faz. Eu quase conseguia ouvir esta ação; depois a personalidade de Seth começou a comunicar. A experiência de Seth Dois seria uma aceleração ainda maior desta velocidade, atingida no ponto do efeito piramidal que Jane descreve.

“Mesmo enquanto contava isto a Jane durante a pausa, conseguia sentir essa aceleração começar novamente, à medida que a consciência de Jane se preparava para continuar a comunicação. Era quase um processo de entrar em transe virado do avesso, e, quando observei Seth alguns minutos depois, pareceu-me que a consciência de Jane corria para além dos seus olhos abertos, para além da minha compreensão do que é velocidade. Agora tenho de me perguntar como é que a comunicação alguma vez regressa até às palavras.

“Não quero dizer com isto que penso que Seth e Jane são a mesma personalidade; muito pelo contrário, a minha sensação é que esta aceleração liga porções da mesma consciência que são normalmente tão diversas que constituem, para todos os efeitos práticos, duas personalidades separadas. Consigo reconhecer a mesma sensação de aceleração quando eu própria estou a escrever bem, ou até a falar com entusiasmo; mas a sensação de vasta e incompreensível velocidade por detrás dos olhos de Seth vai muito além disso. Conseguia sentir a noção de velocidades muito claramente, tanto em Jane como em Seth, e senti-me parcialmente levada por elas.

“Quando Jane saiu do transe, foi novamente, para mim, uma experiência quase audível — uma sensação de abrandar de um assobio aéreo agudo para o nosso ‘som’ ou velocidade normal. Havia uma grande sensação de mudança. Era como se parte dessa aceleração estivesse ligada a uma dimensão onde o som era mais do que algo que se ouve. É uma sensação tremenda, vital. Conseguia senti-la a começar perto do fim de cada pausa.”

— *Referindo-me novamente à sua Introdução, onde ele comenta que sente falta da excitação da perseguição, que encontra no seu próprio trabalho criativo. Aqui, entendei, a aceleração é tão rápida e intensa que ele não é conscientemente capaz de a acompanhar. O chamado inconsciente tem pouco a ver com este fenómeno. Ele está, contudo, fortemente relacionado com qualidades inerentes a cada consciência. Essa capacidade raramente é usada em pleno proveito. As ligações são feitas tão rapidamente que o cérebro físico não tem consciência delas.*

— *Ruburt possuiu, de facto, sempre esta capacidade em forte grau. Por várias razões, falando em termos reencarnacionais, permitiu-se permanecer ignorante, durante a parte inicial da sua vida, dos modos como essa capacidade poderia ser usada. Durante as sessões, contudo, todas as características do ser interior são aceleradas; as capacidades de saber, intuitivas e criativas trabalham a um ritmo muito para além daquilo a que chamaríeis a norma.*

— *Esta é, contudo, uma dimensão de existência nativa da consciência, quando esta não está orientada fisicamente. Ruburt pode, e irá, aprender a explorar ainda mais esta dimensão. Apenas a sua falta de confiança no passado o reteve.*

— *A aceleração impele-o para um estado no qual consegue operar bastante bem, para lá de todas aquelas realidades psicológicas normais que ele, pessoalmente, reconheceria como suas.*

— Nesse estado, ele usa literalmente um poder incrível, em termos de energia. Em muitos casos, o volume da voz funciona como uma forma de o ajudar a canalizar e libertar parte dessa energia, enquanto aprende a lidar com ela e até lhe serem ensinados outros propósitos a que pode ser aplicada. O volume, evidentemente, também serve como excelente demonstração da vitalidade com que ele está em contacto.¹¹

— Muitas das experiências que Ruburt tem durante as nossas sessões ele não consegue recordar depois. Tal como os objetos físicos são símbolos que existem como realidades dentro de certas frequências, também existem, evidentemente, outras realidades em frequências diferentes; mas aí os objetos não são os símbolos principais.

— A experiência dentro de tal dimensão é extremamente difícil de traduzir quando Ruburt está de volta ao sistema físico. Da minha parte, há também ajustamentos que têm de ser feitos. Eu desço vários níveis, por exemplo, para que o contacto possa ser estabelecido.

¹¹ Sue estava na ponta do sofá, observando Jane atentamente enquanto ela saía de um transe profundo. Mais uma vez, falou sobre a mudança nas “velocidades” de Jane. “Há um som que acompanha essas velocidades e que eu não consigo descrever”, disse Sue. “É como estar numa dimensão onde a música é a realidade — onde o som é mais do que simplesmente ouvir coisas. Depois, quando se sai dela —” Sue assobiou, imitando o efeito Doppler do apito de um comboio a afastar-se à distância. Quando Sue e Jane me interrogaram sobre isto, tive de lhes dizer que não sentia nada fora do comum, mas raramente sinto durante as sessões. Concentrar-me na escrita também ajuda a excluir outros efeitos. Parece que estou sempre a escrever — tal como escrevi durante a maior parte deste intervalo. Mais uma vez, Sue observou Jane com expectativa enquanto esperávamos que Seth regressasse. “Uau, a aceleração é tremenda”, exclamou Sue; e, imediatamente antes de voltar ao transe, Jane disse-nos que sentia a cadeira a vibrar debaixo dela...

— *Tento então aquilo que é, de facto, um empreendimento criativo, no qual Ruburt participa — o ato de traduzir esses dados interiores em termos físicos, trazendo para a vossa realidade as pistas que vos posso trazer dessas outras realidades das quais fazeis parte.*

— *Vistos ou observados a partir da minha perspetiva natural, os vossos objetos não existem. A vossa realidade interior existe, evidentemente. Ora, o sistema de Ruburt passa fisicamente por algumas mudanças, embora estas sejam, em grande parte, naturais à sua constituição. Ele tratou disso antes desta vida começar.*

— *Ele usa ligações nervosas de uma forma invulgar e adequada ao seu propósito. O seu ritmo cardíaco é normal. A aceleração começa, contudo, a nível físico, com o uso de hormonas e químicos, e depois salta daí. Ambas as metades do cérebro se inflamam, e, a partir dessas ligações, falando agora fisicamente, a aceleração é iniciada, e os seus efeitos sobre o corpo são interrompidos.*

— *Muitos casos de pessoas desaparecidas podem ser explicados, até certo ponto, da mesma maneira: quando a aceleração foi suficientemente forte, suficientemente inesperada, para varrer a personalidade inteira para fora do vosso sistema.*

— *Agora, em benefício da nossa amiga, estou a aumentar a aceleração para ver se ela consegue percecioná-la. Isto ocorre muitas vezes durante o estado de sonho — e, quando vos parece*

*que entrastes brevemente numa nova dimensão espantosa, o próprio estado de sonho envolve uma aceleração desse tipo.*¹²

— *Em maior ou menor grau, cada criação artística, embora em menor intensidade, envolve o mesmo princípio. Agora, não posso manter a aceleração adicional, ou a voz tornar-se-á tão rápida que o nosso amigo não conseguirá acompanhar as suas notas.*

— *Não foi, evidentemente, coincidência nenhuma que a nossa amiga tenha vindo aqui esta noite. Além de vos dar informação necessária para o Apêndice, parte da informação dada sobre objetos e simbolismo aplicava-se definitivamente a Sue.*

— *Entretanto, e mudando um pouco de assunto, há um ponto que posso acrescentar aqui, em ligação com o drama religioso de Cristo e dos discípulos.*

— *Como Ruburt disse depois de ler o corpo do livro, o drama interior é o "real". Cristo tornou-se o Crucificado, Judas tornou-se o*

¹² Enquanto escrevia, lancei um olhar rápido para Sue, ao meu lado. Estava sentada muito quieta, observando Jane. Os olhos de Jane estavam agora abertos, o seu ritmo mais rápido, a sua voz um pouco mais alta.

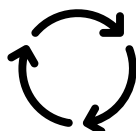
A voz de Jane tornou-se abruptamente muito mais alta com a última frase — um efeito que Sue e eu já testemunhámos muitas vezes. Este volume, contudo, estava longe do seu potencial quando falava por Seth. Em algumas ocasiões, a sua voz foi tão alta que os meus ouvidos ficaram a zumbir. Já ouvi Jane manter efeitos vocais muito fortes, com esses picos ressonantes, durante várias horas incríveis, e sem quaisquer sinais de esforço depois.)

Com a voz alta e rápida a acalmar rapidamente, Seth explicou-me que daria uma “boa demonstração de uma aceleração” numa sessão em que usássemos o nosso gravador. Sue poderia assistir, e esperava-se que eu experienciasse a aceleração tão claramente como ela.

Quando Jane saiu do transe, Sue voltou a estar “drasticamente consciente da queda” na velocidade de Jane. Teve também alguns efeitos visuais difíceis de descrever; num esforço para os fixar, começou a acrescentar às suas próprias notas, que são citadas no fim da sessão.

“Às vezes, na aula de PES, eu poderia levar a turma inteira comigo numa verdadeira aventura de aceleração, se eles conseguissem ir”, disse Jane. Usou o exemplo contrastante das árvores numa floresta, comparando o seu estado passivo com a sensação de aceleração, de “ser capaz de atravessar diretamente a parede” que por vezes sente.

*traidor, embora Cristo não tenha sido crucificado e Judas não o tenha traído. A realidade, portanto, estava no mito. A realidade era o mito. Em casos desses, os acontecimentos interiores predominarão sempre, independentemente dos factos físicos, que são apenas símbolos desses acontecimentos.*¹³



SESSÃO 595, 20 DE SETEMBRO DE 1971,
21H01, SEGUNDA-FEIRA

A primeira parte desta sessão foi dedicada a uma amiga que precisava de ajuda com um problema pessoal.

Eu tinha uma pergunta para a nossa parte da sessão, e esperávamos que a resposta de Seth fosse incluída no Apêndice do seu livro. A pergunta dizia respeito o facto de que, segundo Seth, este, Jane e eu tínhamos vivido na Dinamarca nos anos 1600. Eu queria simplesmente esclarecer as informações sobre o meu tempo de vida, tal como foram dados nas notas no fim da 541.^a sessão, no Capítulo Onze.

¹³ “Antes da pausa”, escreveu Sue, “quando Seth me disse que estava a aumentar a aceleração para ver se eu conseguia perceber a sensação definida de maior velocidade e uma alteração visual no corpo de Jane. Pareceu tornar-se mais pequeno, como se eu estivesse a olhá-lo pela extremidade errada de uns binóculos. Isto estava novamente ligado ao movimento, como se a frequência física também tivesse mudado, e o corpo de Jane passasse velozmente por mim, mesmo permanecendo no mesmo lugar.

“Depois, quando Jane saiu do transe na última pausa, senti como se uma força tivesse sido libertada diante de mim, de tal modo que, se eu não tivesse cuidado, poderia tombar. E a mesma coisa agora, depois da sessão.”

— *A informação sobre a vida na Dinamarca, no Capítulo Onze, está correta, exceto por uma interpretação errada. Tratou-se de uma só vida dividida em dois períodos separados — literalmente uma vida dividida em termos de interesses, concentração de capacidades e estilos de vida.*

— *Para além da informação dada nesse capítulo, houve distorções em algum material anterior relativo a essa vida. Estas não foram causadas pelos sentimentos de Ruburt em relação à reencarnação. Resultaram simplesmente da correlação de muitos pormenores no padrão específico correto.*

— *Alguns dos nomes dados, por exemplo, aplicavam-se a amigos e não a vós mesmos. A imagem geral, a validade da existência, atravessou as distorções, contudo. Eu era mercador de especiarias. Tu foste originalmente artista, mas transformaste-te de forma bastante dramática em proprietário de terras, contrariando os teus modos juvenis.*

— *Ruburt também foi um diletante da arte enquanto jovem, e tu ressentias-te disso, já gordo e próspero. Querias que ele se dedicasse a um trabalho mais aceitável, e tinhas vergonha das tuas próprias deambulações iniciais como artista itinerante.*

— *Aqui estabeleceu-se a divisão entre a ideia de possuir propriedade e a de ser artista. Nesta vida, isso causou-te bastante inquietação.*

— Isto é muito verdadeiro. E, por quaisquer razões, nesta vida insisti em ser artista apesar de todos os obstáculos.¹⁴

— *O itinerário geral das minhas viagens, tal como foi dado por Ruburt nessa sessão, estava correto. Houve, contudo, algumas distorções noutras partes dessa sessão.*

— *Os pormenores que agora tanto te preocupam são, evidentemente, importantes, e contudo, num sentido mais amplo, é a experiência emocional profunda da tua vida que é "mais tarde" recordada. Basicamente, os nomes e as datas não têm significado para o self interior. Portanto, nos dados reencarnacionais, os valores emocionais surgirão com muito mais vividez e com muito menos distorção.*

— *Atribuíis aos nomes e às datas uma importância que, no presente, vos parece crítica. Insistis neles para acrescentar validade às narrativas de vidas passadas, mas são precisamente essas as coisas que primeiro são esquecidas e que têm menos valor psicológico.*

— *Certos nomes, portanto, surgirão com imediatismo. Insistis em que os nomes sejam colocados ordenadamente e, contudo, o self interior tem muitas vezes grande dificuldade nesse aspeto, pois os nomes simplesmente não importam. Pessoas e acontecimentos*

¹⁴ Na 223.ª sessão, de 16 de janeiro de 1966, Seth disse que o meu nome na vida dinamarquesa era Larns Devonsdorf. A minha mulher chamava-se então Letti Cluse. O meu filho — que agora é Jane — era Graton. Seth, um mercador próspero, viajante e amigo da família, chamava-se Brons Martzens.

significativos, portadores de fortes cargas emocionais, surgirão com muito maior clareza. Datas associadas a acontecimentos emocionais também serão recordadas. A vida passada é como uma palavra cruzada que tem de ser montada, mas no seu centro está a realidade emocional da qual o puzzle brota.

— *Muitas narrativas reencarnacionais desse tipo são generosamente salpicadas de nomes e datas simplesmente para satisfazer aqueles que insistem neles, pois, de outro modo, a sua validade emocional e psicológica poderia não ser aceite. Isto aplica-se a qualquer tipo de material reencarnacional, seja qual for a forma como é obtido.*

— *Ora, se a vida em questão for recente, nos vossos termos, os pormenores podem ser mais prontamente recordados e muito mais precisos. Mesmo uma vida de há séculos pode, contudo, ser perfeita em pormenor se incluiu, por exemplo, batalhas ou acontecimentos de grande importância, nos quais as próprias datas ficaram impressas nas personalidades por causa das ocorrências desses tempos.*

— *Qualquer experiência emocional altamente carregada trará consigo uma torrente de pormenores, mas datas e nomes comuns têm pouco significado. Têm pouco significado na vossa própria realidade. Basicamente falando, as relações são muito mais importantes, e essas não esqueceis.*

— Porém, estas vidas existem simultaneamente de forma transversal. Isto não deveis esquecer. Contudo, a parafernália inútil não é importante para as várias personalidades, “agora” ou “então”.

— A estrutura reencarnacional é construída segundo as mesmas linhas da existência que conheceis agora. Alguns indivíduos são mais fascinados por pormenores do que outros: uma “personalidade anterior” específica pode ser alguém que tinha um grande amor pelo detalhe, e nesse caso descobriríeis a sua riqueza. Os gostos e aversões particulares de qualquer personalidade dada também terão muito a ver com as descrições dadas de um determinado episódio reencarnacional.

— De nada servirá fazer perguntas profundas sobre a história dos tempos de alguma personalidade que foi empobrecida, ignorante e limitada. Ela simplesmente não saberia as respostas. A imagem de qualquer vida dada, portanto, surge normalmente através da experiência da personalidade que a viveu.

— Mais uma vez, emergirão os pormenores que eram importantes para ela. No meu caso particular, estou tão desfocado dos meus próprios selves reencarnacionais, e eles seguiram tão longe o seu próprio caminho, que tenho pouca sensação de imediatismo. Contudo, uma vez que nós, (Seth, Jane e eu) estivemos tão envolvidos, essas relações continuam importantes e, nos vossos termos, a nossa relação presente estava então latente. A vida dinamarquesa existe tanto como esta existe

para ti. "Tu" estás simplesmente focalizado dentro desta imagem de realidade.

— A estrutura reencarnacional é psicológica. Não pode ser compreendida noutros termos. As distorções e interpretações que se acumularam em torno dela são bastante naturais, considerando aquilo que parece ser a vossa experiência prática da natureza do tempo.

— A realidade, a validade, o imediatismo dessas vidas existem simultaneamente com a tua vida presente. A distância entre uma vida e outra existe psicologicamente, e não em termos de anos ou séculos. A distância psicológica, contudo, pode ser muito mais vasta. Existem certas vidas, tal como existem certos acontecimentos nesta vida, que talvez não queiras enfrentar ou com os quais não queiras lidar. Em alguns casos, pode haver grandes diferenças temperamentais entre a tua personalidade numa dada vida e noutra — de tal modo que o teu self presente simplesmente não conseguiria relacionar-se com a experiência da outra.

— Serás mais fortemente atraído por aquelas "vidas passadas" que, de algum modo, reforçam a tua própria vida neste momento. Percebes que as tuas primeiras memórias são escassas. A maioria de vós recorda pouco dos anos passados como bebé e criança. Utilizas o conhecimento adquirido nessa fase e, embora ele faça parte de ti, não estás consciente dele; do mesmo modo, também não estás conscientemente ciente de outras existências reencarnacionais.

— *Anteriormente, neste livro, mencionei em várias ocasiões "presentes alternativos", e as vidas reencarnacionais são, de facto, presentes alternativos. Há interação constante entre ti e os teus selves reencarnacionais. Há, como disse a vossa amiga Sue Watkins, "ação constante em todas as direções".*

— *Por outras palavras, esses selves não estão mortos. A tua compreensão disto tem de ser limitada porque pensas automaticamente em termos de uma experiência de vida de cada vez, e em padrões lineares de desenvolvimento. Nos vossos termos, um self reencarnacional pode estar consciente do teu ambiente e, por vezes, interagir através das tuas próprias relações.*

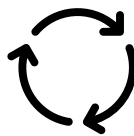
— *Portanto, certos "acontecimentos presentes" podem, de facto, desencadear tais interações. Em termos bem diferentes, contudo, a personalidade reencarnada, enquanto interage contigo ou através de ti, pode ainda estar a ter outros tipos de experiência noutros níveis.*

— *Porque o tempo é aberto, tal como o pensais, também podes afetar aquilo que consideraríeis selves reencarnacionais passados, e por vezes reagir dentro do ambiente deles e a esse ambiente. Normalmente farias isto no estado de sonho, mas muitas vezes isto é realizado logo abaixo do nível da consciência de vigília, e é apagado por ti enquanto prossegues as tuas atividades diárias.*

— *Associações emocionais fortes podem frequentemente desencadear tais respostas. A reencarnação, tal como é*

habitualmente explicada, em termos de uma vida antes de outra, é um mito; mas um mito que permite a muitos compreender parcialmente factos que, de outro modo, rejeitariam — insistindo, como insistem, no conceito de uma continuidade do tempo.

— *A respeito do nome das partes do livro não precisamos de nomeá-las separadamente. Eu pensara especificamente em fazer com que a primeira parte tratasse dos ambientes imediatos, interiores e exteriores, e depois conduzisse à realidade maior da Alma e da sua percepção na segunda parte. Foi isso que fiz, mas o material está tão entretecido que considereei suficiente a separação dada, e não quis reforçar a ideia de uma divisão.*¹⁵



SESSÃO 596, 27 DE SETEMBRO DE 1971,
21H24, SEGUNDA-FEIRA

Jane tinha terminado hoje a Introdução ao livro de Seth. Isto, por sua vez, recordou-lhe o seu próprio manuscrito, *O Universo Físico como Construção de Ideias*, que ela discute na Introdução. Voltou a lê-lo hoje, e continua a intrigá-la. Disse novamente que gostaria, eventualmente, de fazer algo com ele por conta própria.

¹⁵ O título dado a cada uma das partes foi iniciativa minha em parceria com a IA. (Nota de Gullan Greyl)

— *Boa noite.*

— **Boa noite, Seth.**

— *O Universo Físico como Construção de Ideias, mencionado por Ruburt na sua Introdução, representou, de facto, o nosso primeiro contacto formal, embora Ruburt não estivesse consciente disso nessa altura.*

— *A experiência surgiu dentro de uma estrutura que ele podia aceitar — a da inspiração altamente acelerada. A sua consciência só deixou o corpo depois de ele se encontrar tomado por aquilo que lhe parecia ser uma inspiração de intensidade quase insuportável. Se, em vez disso, os seus hábitos o tivessem conduzido, digamos, à oração regular, então essa estrutura também poderia ter sido usada. Em todos esses casos, várias qualidades são evidentes: a capacidade de olhar para dentro, de se concentrar profundamente, de perder em contemplação as arestas nítidas do self orientado fisicamente, e um desejo intenso de aprender. Estas qualidades têm de ser acompanhadas pela confiança interior de que o conhecimento pertinente pode ser recebido diretamente. Para aqueles que acreditam que todas as respostas já são conhecidas, há pouca necessidade de procurar.*

— *Tal informação, tal escrita inspirada, aparece geralmente dentro de estruturas da personalidade que já foram estabelecidas e formadas. O contexto em que esse conhecimento aparece variará, portanto, muitas vezes. Em alguns casos, a própria estrutura é*

usada uma última vez, com o conhecimento inspirado inicial — o próprio conhecimento — a escapar da estrutura e a crescer para fora do contexto que permitiu o seu nascimento.

— Acima de tudo, os indivíduos que recebem tal informação em estados de consciência expandida são já aqueles que sentem profundamente dentro de si ligações não apenas com a própria Terra, mas também com realidades mais profundas. Conscientemente, podem muitas vezes não estar cientes desta qualidade básica em si mesmos. Não aceitam respostas dadas por outros, mas insistem em encontrar as suas próprias.

— Estas procuras podem parecer erráticas. Há uma bela impaciência, um descontentamento divino que os impulsiona até que as fronteiras dentro das suas próprias personalidades sejam finalmente abertas. O conhecimento obtido deve então ser integrado pela personalidade física; e, contudo, pela sua natureza, o conhecimento válido deste tipo irradiará a sua luz e seguirá o seu próprio caminho.

— A energia gerada por algumas experiências deste género é suficiente para mudar uma vida numa questão de momentos, e para afetar a compreensão e o comportamento de outros. São intrusões de conhecimento de uma dimensão de atividade para outra. São altamente carregadas e voláteis. Sem o saber, o indivíduo que recebe tal informação é ele próprio parte dela. Toda a tonalidade afetiva da sua personalidade presente é alterada — e diretamente — pela informação que recebe.

— *Na medida em que permanece fiel à sua própria visão, ficam disponíveis para ele possibilidades de expansão que dificilmente poderia ter alcançado de outra forma. Muitas vezes, contudo, a informação dada entra em conflito com ideias e crenças anteriormente mantidas. De outro modo, não haveria necessidade das qualidades por vezes explosivas e intrusivas dessas experiências, pois não haveria barreiras.*

— *Essas personalidades têm então, muitas vezes, de aprender a correlacionar o seu conhecimento intuitivo, a reformar estruturas intelectuais suficientemente fortes para o sustentar. Essas personalidades também costumam possuir a capacidade de recorrer a quantidades invulgares de energia. Muitas vezes têm de aprender, numa idade relativamente jovem, a não dissipar essa energia. Podem parecer, por exemplo, partir em muitas direções ao mesmo tempo, antes de essa lição ser assimilada.*

— *O final dos trinta e o início dos quarenta anos estão frequentemente envolvidos simplesmente porque a necessidade de saber, em tais personalidades, atinge muitas vezes um pico nessa altura. Os padrões de comportamento necessários estão suficientemente estabelecidos. A energia foi direcionada, e o indivíduo teve tempo suficiente para perceber que as estruturas e respostas aceites fazem pouco sentido para ele.*

— *No seu ponto mais forte, tais experiências podem impulsionar conhecimento intuitivo a partir do domínio privado, de modo a mudar a civilização. A carga incrível está sempre na experiência*

inicial. Contida nela está a energia condensada da qual todos os outros desenvolvimentos provêm.

— A personalidade envolvida pode reagir de muitas maneiras. São necessários grandes ajustamentos e, muitas vezes, mudanças de comportamento. O indivíduo percebe agora que é, de facto, uma teia viva de realidade, e isto torna-se conhecimento consciente imediato.

— Tal conhecimento exige não apenas um comportamento mais responsivo e responsável, mas envolve uma simpatia pela vida que antes poderia faltar. A simpatia traz consigo uma sensibilidade forte, desafiante e intensa. Muitos indivíduos experienciaram expansões de consciência invulgares, bastante válidas e intensas, mas descobriram-se incapazes de correlacionar o novo conhecimento com crenças anteriores, de fazer as mudanças necessárias para lidar com a sensibilidade. Na verdade, não eram suficientemente fortes para conter a experiência. Nesses casos, tentaram fechá-la, negá-la, esquecê-la.

— Outros nunca permitiram que ela escapasse da estrutura ou do contexto de onde tinha brotado. Ficaram então incapazes de escapar. Não conseguiam libertar-se. Se a informação parecia vir inicialmente do seu Deus, por exemplo, continuavam a pensar em Deus da sua forma particular, mesmo que a experiência e a informação dada devessem tê-los levado muito além desse ponto.

— *Ruburt, por exemplo, teria cometido o mesmo erro se a sua experiência não o tivesse conduzido para além da estrutura de inspiração que lhe dera origem. No seu caso, portanto, foi impelido para novos conceitos porque teve o bom senso de rejeitar os antigos e a coragem de seguir em frente.*

— *Esse avanço envolveu-o com as minhas ideias acerca do conceito de Deus. Antes das nossas sessões, estava tão desiludido que nem sequer considerava quaisquer questões relacionadas com "assuntos religiosos".*

— *Ora, essas experiências, ou essas portas para o conhecimento, estão disponíveis a cada indivíduo, e cada indivíduo participa nelas até certo ponto. Aparecem de forma muito menos conspícua, muitas vezes em decisões intuitivas tomadas com aparente súbita rapidez, mudanças benéficas, palpites intuitivos. Muitas vezes, a meio da vida, um indivíduo parecerá subitamente ver as coisas com clareza, de uma forma física, endireitando os seus assuntos. Uma vida que parecia encaminhar-se para o desastre tornar-se-á subitamente vitoriosa, por exemplo. Todas estas são variações da mesma experiência, embora numa forma menor.*

— *Na vida normal e na experiência do dia a dia, todo o conhecimento de que precisas está disponível. Tens, contudo, de acreditar que está, de te colocares numa posição para o receber, olhando para dentro e mantendo-te aberto às tuas intuições e, mais importante ainda, desejando recebê-lo.*

— Há alguns parágrafos, disse que indivíduos como Ruburt são eles próprios uma porção do conhecimento que recebem. Isto aplica-se a cada pessoa, a cada leitor. Há uma grande falácia em funcionamento. As pessoas acreditam que existe uma grande verdade única, que ela aparecerá e que a reconhecerão. Ora, uma flor é uma verdade. Uma lâmpada também. O mesmo se aplica a um idiota e a um génio, a um copo e a uma formiga. Há pouca semelhança exterior, contudo.

— A verdade é todas estas realidades aparentemente distintas, separadas e diferentes. Assim, Ruburt faz parte da verdade que perceciona, e cada um de vós faz parte das verdades que perceciona.

— A "verdade", refletida através de Ruburt, torna-se, de certa maneira, uma nova verdade, pois é percecionada de modo único como aconteceria com cada indivíduo que a percecionasse. Nesses termos, não é mais nem menos verdade. Torna-se nova verdade.

— Essas "novas verdades" podem, ainda assim, ser de facto muito antigas, mas a verdade não é uma coisa que tenha de ter sempre a mesma aparência, configuração, forma ou dimensão. Aqueles que persistem, portanto, em proteger as suas verdades das perguntas ameaçam destruir a validade do seu conhecimento.

— Portanto, aqueles que estão tão certos das suas respostas não terão essa necessidade de saber que os poderia conduzir a dimensões ainda maiores de compreensão. Qualquer expansão

válida da consciência é, evidentemente, parte da própria mensagem. A personalidade encontra-se diante da verdade viva, e sabe que a verdade só existe nesses termos.

— Usei aqui o termo "expansão da consciência" em vez do termo mais frequentemente usado, "consciência cósmica", porque este último implica uma experiência de proporções que, neste momento, não estão disponíveis para a humanidade. Expansões intensas da consciência, por contraste com o vosso estado normal, podem parecer de natureza cósmica, mas apenas sugerem levemente as possibilidades de consciência que já estão disponíveis para vós; muito menos chegam a aproximar-se de uma consciência verdadeiramente cósmica.

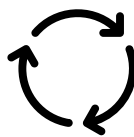
— As ideias apresentadas neste livro deverão permitir a muitos leitores expandir as suas percepções e a sua consciência de formas que talvez não julgassem possíveis. O próprio livro está escrito de tal modo que todos aqueles que estiverem prontos para aprender se beneficiarão dele. Há significado não apenas nas palavras escritas em si, mas nas ligações existentes entre elas, que não aparecem, e que terão significado para vários níveis da personalidade.

— A integridade de qualquer informação intuitiva depende da integridade interior da pessoa que a recebe. A expansão da consciência, portanto, exige uma autoavaliação honesta, uma consciência das próprias crenças e preconceitos. Traz uma dádiva e uma responsabilidade. Todos aqueles que desejam olhar para

dentro de si mesmos, encontrar as suas próprias respostas, ter o seu próprio "encontro marcado com o universo", devem, portanto, familiarizar-se bem com os funcionamentos íntimos da sua própria personalidade.

— Tal autoconhecimento é, em si mesmo, altamente vantajoso e, de certo modo, é a sua própria recompensa. É impossível, contudo, olhar para dentro com alguma clareza se não estás disposto a mudar as tuas atitudes, crenças ou comportamentos, ou a examinar aquelas características que consideras unicamente tuas.

— Por outras palavras, não podes examinar a realidade sem te examinares a ti mesmo. Não podes ter encontros com Tudo O Que É separados de ti próprio, e não podes separar-te da tua experiência. Não podes "usar" a verdade. Ela não pode ser manipulada. Quem pensa que está a manipular a verdade está a manipular-se a si mesmo. Tu és verdade. Então descobre-te a ti mesmo.



SESSÃO DA AULA DE PES:

TERÇA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1970

Cerca de dezasseis membros da aula de PES de Jane estavam presentes quando esta sessão foi gravada. Na sessão, aqui

ligeiramente abreviada, Seth discute a organização na nossa realidade presente, entre outros temas. Ver a 537.^a sessão no Capítulo Nove para material sobre a organização depois da morte.

— *Se quereis organização, então tê-la-eis — a qualquer momento. Vós estruturais a vossa própria existência e escolheis aquelas realidades que têm exatamente tanta organização quanto precisais em determinado momento.*

— *Nesta realidade, enfatizais muito bem todas as semelhanças que vos ligam; fazeis delas um padrão e ignorais muito bem todas as diferenças. A partir de um vasto campo de percepção, escolheis focalizar a vossa atenção em certas áreas específicas e ignorar todas as outras, e por isso há perfeito acordo entre vós no que diz respeito a essa pequena área. A vastidão que não percecionais não vos incomoda de modo algum, e não fazeis perguntas sobre ela. E, contudo, ela existe.*

— *Se fôsseis capazes de focalizar a vossa atenção nas diferenças, apenas naquelas que podeis percecionar, mas não percecionais, ficaríeis espantados por a humanidade conseguir formar qualquer ideia de uma realidade organizada. Olho agora para o espaço entre vós os dois. Quando os outros olham para os nossos amigos aqui no elegante sofá azul, veem uma imagem de verdadeira organização. Há ali um indivíduo, e ali outro indivíduo, com espaço entre ambos. A imagem está equilibrada. Parece perfeita e organizada.*

— *Contudo, o espaço entre os nossos dois amigos não está vazio. Pensais nele como vazio porque não percecionais aquilo que lá está. A imagem parece ser muito organizada. Assim que percebeis que a imagem não está completa, contudo, tendes então de começar a fazer novas perguntas, e a velha ideia da organização perfeita desaparece.*

— *Como sabeis, não percecionais os átomos e moléculas que nadam pela sala, nem aqueles que preenchem o espaço entre os nossos dois amigos, nem as forças — as forças de campo — que existem. O sofá serve para os unir, uma vez que se sentam sobre ele. E sobre que se sentam? Sobre vazio que percecionais como solidez.*

— *Ora, sem os vossos sentidos físicos particulares, não percecionaríeis o sofá como sólido. Consciências que possuem mecanismos percetivos diferentes dos vossos não têm consciência do nosso agora famoso sofá azul. Vós fazeis a organização. Os vossos pensamentos percecionam uma organização. Reforçais a organização e, de facto, criais essa organização.*

— *Criamos todos a mesma organização e vemos o mesmo sofá?*

— *Tenho a certeza de que ambos concordais, em geral, que estais sentados num sofá. Não percecionais o mesmo sofá. Percecionais apenas as vossas próprias construções de ideias. Não conseguis ver as de outra pessoa. Telepaticamente, transpodes as vossas ideias de acordo com aquilo que sabeis do pensamento da*

outra pessoa. Concordais que o sofá está aqui. Ora, é verdade que dentro do vosso sistema físico — pois sei que isto virá a seguir — podeis medir o vosso sofá. Espero a qualquer momento que alguém vá buscar uma régua e o meça, e depois me diga que o sofá tem determinado comprimento. Como posso eu dizer que não é um só sofá?

— Contudo, dentro do vosso sistema físico, os próprios instrumentos estão distorcidos e, evidentemente, concordarão com aquilo que medem. Não há razão para que não o façam. Telepaticamente, todos concordais quanto à colocação dos objetos e às suas dimensões.

— Usais átomos e moléculas de uma forma estranha. Transpodes as vossas ideias sobre eles. Percecionai-los de certa maneira. Não vos culpo. Eu também o fiz, no meu tempo, e há boas razões para isso. Mas o facto é que a matéria física não é sólida, exceto quando acreditais que é, e que a organização é transposta de dentro para fora. Não é transposta de fora para vós. Formais a realidade que conheceis e, embora a mesa sustente os vossos braços e possais apoiar-vos nela e escrever, continuo a dizer-vos que a mesa não é sólida.

— Isto faz pouca diferença enquanto puderdes escrever sobre ela. Faz pouca diferença enquanto vos puderdes sentar no vosso sofá azul. Mas quando deixardes o vosso sistema físico e quando a percepção física já não for a regra, então tereis de aprender novos pressupostos de raiz.

— Os pressupostos de raiz são aquelas leis com as quais concordais em qualquer sistema de realidade. Concordais, por exemplo, quanto aos objetos que são físicos — faz pouca diferença que o sejam ou não, desde que concordeis quanto a isso. A vossa consciência pertence a um corpo. Não quereríeis ser apanhados MORTOS com a vossa consciência fora do corpo. É tabu! Ora, o facto é que a vossa consciência não está aprisionada dentro do corpo; mas, enquanto acreditardes que está, mais uma vez, não sereis apanhados mortos fora dele. E, quando fordes apanhados mortos fora dele, haverá, de facto, algum espanto.

— Há outros pressupostos de raiz que tomais como base da realidade. E, noutros níveis de realidade, há outros pressupostos de raiz. Estas são as regras operativas pelas quais organizais as vossas experiências. Os nossos anotadores estão a sair-se muito bem, considerando que o papel e as canetas não são sólidos. É espantoso o que se consegue fazer com nada!

— Sois verdadeiramente personalidades multidimensionais, como já disse antes. Em algum ponto do vosso desenvolvimento, tornar-vos-eis cada vez mais conscientes da verdadeira natureza da vossa identidade. Há, por exemplo, uma parte de vós que está muito consciente das pulsações que acabastes de discutir, e que está consciente da natureza pulsante da memória. Quando a pulsação está nesta realidade física, então vós, tal como vos conheceis, tendes memória desta existência. Quando a pulsação está noutra dimensão, há memória dessa existência. Ora, uma porção da vossa identidade inteira tem memória de ambas. A

estrutura inteira da personalidade habita muitas dimensões, simultaneamente.

— Estais mesmo no início de qualquer ideia de psicologia. Simplesmente não percebeis aquilo que sois agora; e, como já disse antes, quando me fazeis perguntas sobre a vida depois da morte, transpões automaticamente — se me perdoais — esta falta de conhecimento para o domínio seguinte. Portanto, por vezes fico sem saber como responder às vossas perguntas. Estais a aprender a conhecer-vos. Ao ritmo a que ides, ainda demorareis algum tempo!

— Quando compreenderdes devidamente como usar o tempo psicológico, então podereis, até certo ponto, aprender a alterar a natureza e o foco da vossa consciência. Podeis orientá-la em muitas direções. Podeis focalizá-la de outras maneiras, afastando-a da realidade física. Isto não significa que ficareis aqui desamparados. Significa que começareis a explorar a realidade de vós mesmos e dessas outras dimensões nas quais tendes a vossa existência.

— Tem de haver, contudo, uma disposição para admitir que existem outras dimensões nas quais existis. Tendes também de ter fé no vosso self físico — fé de que ele estará aqui quando regressardes, e garanto-vos que estará. Não há outra forma — e repito isto — não há outra forma de obter informação em primeira mão sobre outras realidades a não ser pela exploração e manipulação da vossa própria consciência.

— Ora, quando falo convosco raramente uso palavras como "amor". Não vos digo que um Deus está à vossa espera do outro lado de uma porta dourada. Não vos tranquilizo dizendo-vos que, quando estiverdes mortos, Deus estará à vossa espera em toda a sua majestosa misericórdia, e que esse será o fim da vossa responsabilidade. E, portanto, como disse ontem à noite, no meu último capítulo, não ofereço esperança aos preguiçosos, pois não encontrarão descanso eterno.

— Contudo, viajando dentro de vós mesmos, descobrireis a unidade da vossa consciência com outras consciências. Descobrireis o amor multidimensional e a energia que dão consciência a todas as coisas. Isto não vos levará a querer repousar no proverbial colo abençoado. Pelo contrário, inspirar-vos-á a assumir uma participação mais eficaz no trabalho da criação; e encontrareis, de facto, essa sensação de presença divina, e senti-la-eis, pois, percecioná-la-eis por detrás da dança das moléculas, em vós mesmos e nos vossos semelhantes. O que tantos querem é um Deus que desça a rua e diga: "Feliz domingo, Eu sou Eu, segui-me." Mas Deus está habilmente escondido nas suas criações, de modo que Ele é aquilo que elas são, e elas são aquilo que Ele é; e, ao conhecê-las, conheceis a Ele.

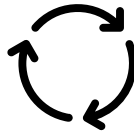
— Há muitas palavras para tempo psicológico. Não me refiro apenas ao meu método de meditação. Refiro-me à atividade subjetiva da vossa parte, e à exploração.

— *Na verdade, já estais com Deus agora. Sois vós que não percebeis isto. Vede, acreditastes em muitas histórias, e simbolicamente elas foram muito importantes. Como foi mencionado anteriormente, têm o seu lugar nas vossas vidas e no vosso desenvolvimento, mas há momentos em que tendes de as deixar para trás, e talvez vos sintais solitários durante algum tempo sem elas.*

— *Então precisamos dessas crenças como parte do nosso desenvolvimento, mesmo que mais tarde as abandonemos?*

— *Sim, mesmo que alguém como eu apareça e retire os cobertores de conforto — pois, passado algum tempo, eles dificultam o vosso desenvolvimento, quando antes vos ajudavam a crescer. Contudo, o facto permanece: não tendes de morrer para encontrar Deus. Tudo O Que É, é agora, e vós fazeis parte de Tudo O Que É agora. Como vos disse muitas vezes, sois espírito agora. As vias de desenvolvimento estão abertas agora. Podeis, agora, partir à exploração de ambientes que não são físicos, se quiserdes, mas não vejo nenhuma correria de estudantes para essa porta invisível!*

— *De vez em quando, quando não tiverdes mais nada para fazer — nada melhor para fazer —, tentai, tentai sentir esse lapso na pulsação da vossa consciência. Tentai saltar esse intervalo!*



SESSÃO DA AULA DE PES:
ANTES DE 23 DE JUNHO DE 1970

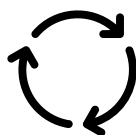
Este fragmento, guardado por um dos alunos de Jane, é tudo o que resta de uma das poucas sessões de aula que se perderam ou não foram gravadas na íntegra. Ver Capítulo Nove.

— *A verdadeira espiritualidade é uma coisa de alegria e da Terra, e nada tem a ver com falsa dignidade adulta. Nada tem a ver com palavras compridas e rostos pesarosos. Tem que a com a dança da consciência que existe dentro de vós, e com o sentido de aventura espiritual que existe nos vossos corações.*

— *Esse é o significado da espiritualidade; e, como já vos disse antes, se pudesse, faria uma dança alegre pela sala para vos mostrar que a vossa vitalidade não depende de uma imagem física. Não depende da vossa juventude, não depende do vosso corpo. Ela ressoa e canta através do universo, e através de toda a vossa personalidade. É um sentido de alegria que torna provável toda a criatividade.*

— *Portanto, não penseis que estais a ser espirituais quando assumis um ar pesaroso, e não penseis que estais a ser espirituais quando vos censurais pelos vossos pecados. As estações dentro do*

vosso sistema vêm e vão. O sol cai sobre o vosso rosto, quer penseis que sois pecadores ou santos. A vitalidade do universo é criatividade, alegria e amor, e isso é espiritualidade. E é isso que direi aos leitores do meu livro.



SESSÃO 558, 5 DE NOVEMBRO DE 1970,
21H50, QUINTA-FEIRA

Este excerto da sessão contém a primeira menção de Seth aos Oradores e às suas funções no processo reencarnacional, e complementa os dados sobre os Oradores no Capítulo Dezassete.

A sessão aconteceu porque Ron B. e a sua mulher, Grace, membros da aula de PES, pediram ajuda para um problema que envolvia a sua família. Depois de concluir algum material muito interessante sobre essa situação, Seth lançou-se nas informações sobre os Oradores. Todos nós presentes ficámos surpreendidos. O termo “Orador”, tal como Seth o usa, era então tão desconhecido para Jane e para mim como era para Ron e para a sua família.

— *Conhecemos várias pessoas que foram monges numa existência anterior. Ron, numa vida no Oriente, antes do tempo de Cristo, em 1200 a.C., foste membro de um corpo de homens que pertenciam a uma herança esotérica. Eram viajantes errantes e também percorreram a Ásia Menor.*

— Transportavam nas vossas cabeças mensagens e leis que tinham sido dadas a um dos vossos em tempos já quase esquecidos. Eram códigos de ética. Tiveram origem no tempo da Atlântida. Antes disso, esses códigos foram dados por uma raça vinda de outra estrela. Essa raça teve relação com a origem da Atlântida. As mensagens foram postas em palavras e linguagem e escritas no tempo da Atlântida, mas depois foram transmitidas oralmente.

— O teu povo aprendeu-as com os seus anciãos, e eram chamados Oradores. Tu eras um Orador. É por isso que tens tanta facilidade em chamar irmãos aos outros. Três homens em particular que estão sob a tua responsabilidade¹⁶ faziam parte desse grupo original de homens. A tua mulher, a tua nora e o teu filho¹⁷ também eram membros desse grupo. A tua mulher e a tua nora, contudo, eram irmãos.

— Viajastes pela Ásia Menor num tempo de grande tumulto e, por onde quer que fôsseis, faláveis — o que significa que dáveis expressão à ética. Foram necessários doze anos de treino para memorizares esse código de ética.

— Mais tarde, os Essénios estiveram envolvidos. Não estou certo da palavra.¹⁸

¹⁶ Na fábrica onde Ron ocupa uma posição de supervisor.

¹⁷ Todos presentes esta noite.

¹⁸ Os Essénios eram uma das quatro seitas judaicas conhecidas que estavam ativas na Terra Santa no tempo de Cristo. Eram um grupo pacífico e contemplativo. Não são mencionados na Bíblia. Se Seth quer dizer que os Essénios estavam a propagar os códigos éticos dos Oradores, digamos, no primeiro século d.C., então isto ocorre, evidentemente, muitos séculos depois da vida de Ron em 1200 a.C.

— Grace, mulher de Ron: “Seth, cumprimos os nossos propósitos naquele tempo?”

— *Nessa existência, sim. Havia tumulto dentro do grupo, desacordo. Havia desacordo quanto ao significado das palavras que eram recordadas. O grupo dividiu-se. Uma porção do grupo viajou para a terra que agora chamam de Palestina, e a outra migrou, no século seguinte, aparecendo no sul da Europa.*

— *Houve uma grande distorção relacionada com B-A-E-L. Um grupo reuniu-se em torno de Bael como a sua ideia de Deus. Tu, Ron, estavas com o outro grupo. Havia uma cidade numa selva — M-E-S-S-I-N-I, tanto quanto consigo traduzi-lo. Na Ásia Menor, havia então ali fragmentos de uma civilização passada. Foi construída uma nova cidade que, por sua vez, também desapareceu. Havia, contudo, escritos nas rochas, à medida que as antigas mensagens voltavam a ser postas em símbolos escritos. Mas o teu povo desapareceu, e só agora os estás a reencontrar.*¹⁹

¹⁹ Dez sessões depois desta, Seth disse a Jane e a mim que também tínhamos sido Oradores, embora nada tenha dito sobre datas ou países, nem sobre se Jane, Ron ou eu poderíamos estar a reencontrar conhecidos feitos noutras épocas, talvez muito antigas. Parece-me que, pelo menos nesta vida, Ron e eu nos encontrámos de uma forma bastante estranha: quase da mesma idade, crescemos na mesma pequena cidade perto de Elmira há muitos anos; conhecíamos as famílias um do outro — e, contudo, só nos conhecemos em 1970...

Refletindo possivelmente as suas primeiras práticas como Orador — que podem estar a continuar em níveis subjetivos — Ron é ativo em trabalho laico da Igreja e sabe muito sobre a Bíblia e assuntos relacionados. Desenvolveu algumas das informações de Seth; mais tarde, confirmei partes através de várias obras de referência. Jane, uma vez que sabe praticamente nada sobre os períodos históricos em questão, ficou muito satisfeita pelas informações de Seth serem tão evocativos.

Seth-Jane soletrou o nome do deus como Bael. A maioria das fontes escreve Baal, possivelmente pronunciado como Bael. A forma acádica, Bel, era usada na antiga Mesopotâmia. Baal — senhor — era o nome ou título de várias divindades locais dos antigos povos semitas. O culto de Baal apareceu na Síria e em Israel muitos séculos antes do nascimento de Cristo — já em 1400 a.C., segundo textos cuneiformes sírios. Esta data é muito interessante, à luz de 1200 a.C., que Seth menciona para Ron, e do conflito dentro do seu grupo sobre Baal. Baal era, na maioria das vezes, um deus da fertilidade, sendo a sua imagem de

— R-A-M-A. *É outra cidade.*²⁰

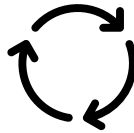
— *Nos vossos termos, e apenas nos vossos termos, a vinda de Cristo foi a Segunda Vinda. Nesses termos — e, mais uma vez, isto é importante — apenas nesses termos, ele apareceu no tempo da Atlântida, mas os registos foram destruídos e esquecidos, exceto na memória de uns poucos que sobreviveram.*

— *Novamente nesses termos, ele é uma entidade que aparece vezes sem conta dentro do vosso sistema físico, mas só foi reconhecido em duas ocasiões. Uma vez na Atlântida, e uma vez na história de Cristo tal como chegou até vós, com todas as suas distorções. Ele aparece e reaparece, portanto, por vezes dando-se a conhecer e por vezes não. Não foi uma personalidade única, como já vos disse, mas uma entidade altamente desenvolvida, aparecendo por vezes como um fragmento de si mesma.*

— *Nos vossos termos, ele tece-se eternamente dentro da trama do vosso tempo e espaço, nascendo repetidamente no mundo da carne, fazendo parte dele e sendo, ao mesmo tempo, independente dele, tal como todos vós fazeis parte dele e sois, contudo, independentes dele.*

pedra provavelmente fálica. Segundo a crença israelita ortodoxa, o culto de Baal, ou culto da natureza, era idolatria, uma negação de quaisquer valores morais.

²⁰ Ramá é o nome de várias cidades palestinianas e significa “altura” em hebraico. Alusões bíblicas associam o nome a alguns dos “lugares altos” de prática cultural. Esses locais, rejeitados como imorais e ameaçadores para a crença israelita, continham objetos de culto ilegítimo — sendo o pilar sagrado de Baal um deles. Descobri toda esta informação através de investigação depois da sessão. Nada disto era conhecido por nós na altura.



SESSÃO DA AULA DE PES:

TERÇA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 1971

Esta sessão seguiu-se a uma discussão da aula sobre reencarnação e probabilidades. Os comentários de Seth e as perguntas dos alunos mostram a troca dinâmica característica das sessões de aula, e demonstram o seu alcance.

— *A Roma antiga existe, e o Egito também, assim como a Atlântida. Não formais apenas o futuro, tal como pensais nele, mas também formais o passado. Foram-vos contadas histórias simples, e são histórias encantadoras; mas, se não estivésseis prontos para ouvir mais, não estaríeis nesta sala.*

— *Vós e os vossos selves, ou personalidades reencarnados não estais aprisionados no tempo. Há um intercâmbio constante entre aquilo que considerais ser o vosso self presente e os vossos selves passados e futuros. Se assim não fosse, eu não estaria aqui a falar, pois não sou o self passado de Ruburt. Cada personalidade é livre. O tempo tem extremidades abertas em todas as direções, ou uma coisa como probabilidades não existiria. Portanto, as ações que realizais agora podem ajudar uma personalidade chamada passada; e uma personalidade chamada futura pode intervir e ajudar-vos ao longo do vosso cansado caminho.*

— Além disso, as vossas ações agora podem afetar tanto a personalidade futura como a passada. Tendes de tentar esticar a vossa imaginação e sentir estas realidades, porque o intelecto, por si só, não consegue compreendê-las. O tempo psicológico é o vosso melhor método para perceber estas atualidades.

— Podeis sentir aquilo que não conseguis necessariamente descrever verbalmente, pois sois mais do que o cérebro físico que tendes agora. Não sou poeta, mas, como num dos poemas de Ruburt, pensai no cérebro como uma teia que formais em torno do self interior. Esta rede ajuda-vos a operar num mundo de espaço e tempo, e é tão nebulosa, precária e delicada como qualquer teia de aranha — e num equilíbrio igualmente precário. Formais isto e depois percecionais o mundo, mas o vosso ponto de vista é muito pequeno e o jardim que percecionais é muito íntimo. Tendes, contudo, capacidades de percepção muito maiores. Quero que compreendais a natureza do vosso self interior, ou Alma, pois ele é um ponto focal de realidade do qual brotam outras realidades. Não está aprisionado em pequenas caixas de dias, semanas ou meses, nem sequer de séculos.

— Aluna Janice S.: “O Seth é uma parte da personalidade de Jane?”

— Ruburt não te consegue responder tão facilmente como eu. Éramos originalmente uma porção da mesma entidade. Eu evolui pelos meus próprios caminhos, e ele evoluiu pelos seus. Portanto, somos ambos independentes.

— Janice S.: “Por outras palavras, todas as partes da entidade estão a evoluir? Estão a desenvolver-se como uma só?”

— *Evoluí até formar a minha própria entidade. Ruburt também o fará, mas ainda não está nesse estágio, nos vossos termos. Noutro enquadramento de referência, está, evidentemente. Ele também contém aquelas porções de si mesmo que são menos desenvolvidas, pois todas existem como uma só. Todas as partes dele estão conscientes desta correspondência. Apenas nos vossos termos, eu poderia ser referido — e já disse isto a Ruburt — como um sexto self dele no futuro; mas isto serve apenas para transmitir a ideia, pois ele não se tornará aquilo que eu sou. Isso é impossível. Eu sou eu próprio.*

— *Há certas respostas que não podem ser dadas verbalmente, mas têm de ser compreendidas intuitivamente. Contudo, o facto de eu existir e conseguir comunicar deveria mostrar-vos, em termos simples, que outros “aspetos superiores” da vossa personalidade podem ajudar-vos ocasionalmente.*

— Janice S.: “Sempre ensinaste sobre reencarnação?”

— *Ensinar tem sido o meu principal objetivo, mas nem sempre fui professor. Fui mercador de especiarias em certa ocasião. Um mercador de especiarias redondo, gordo e pesado.*

— Janice S.: “Mas bonito.”

— Não sei o que hei de fazer contigo. Aprendemos o que as especiarias faziam muito antes de a geração atual ficar agarrada à erva. Ficávamos pedrados em alto-mar, a cheirar orégão.²¹ Levávamos especiarias para a Dinamarca; fizemos viagens realmente deliciosas. Explorámos muito para baixo ao longo da costa de África. Eu era um verdadeiro gourmet.

— Todos os vossos chamados passados existem dentro de vós agora, e podeis recuperar as vossas memórias e descobrir o que são. Não estais aprisionados no tempo a menos que acrediteis que estais, e nada é mais importante do que a crença. Se acreditais que existis apenas dentro do contexto desta vida, que nascesteis apenas para a morte e a aniquilação, então não usareis as vossas liberdades nesta existência. Negais as suas capacidades quando elas se mostram, mas ninguém vos impõe esta servidão senão vós mesmos. Compreender o vosso self multidimensional é usá-lo.

— Janice S.: O Seth não faz muitas previsões.

— Não sou cauteloso, sou simplesmente realista. Quando compreendeis a natureza da realidade, percebeis então que as previsões de acontecimentos futuros são basicamente sem sentido. Podeis prever alguns acontecimentos e eles podem ocorrer, mas criais o futuro a cada momento.

²¹ Nos anos 1600.

— O tempo, nos vossos termos, é plástico. A maioria das previsões é feita de forma altamente distorcida; podem desviar o público. Além disso, quando os profetas caem redondamente por terra, isso não ajuda "A Causa". A realidade não existe dessa maneira. Podeis sintonizar-vos com certas probabilidades e prever "que elas ocorrerão", mas o livre-arbítrio opera sempre. Nenhum deus numa gigantesca torre de marfim diz: "Isto acontecerá no dia 15 de fevereiro às 8h05." E, se nenhum deus faz previsões, então não vejo motivo para eu próprio as fazer.

— Annie G.: "E os sonhos precognitivos?"

— Alguns são inteiramente legítimos. Muitas vezes, contudo, a sugestão envolvida num sonho provoca o acontecimento, de modo que, quando o sonho se torna real, parece que olhaste para um futuro que já existia. Em vez disso, formaste o acontecimento, sem perceber que ele teve origem no momento em que dormias. A pergunta não pode ser respondida simplesmente, pois há muitas ramificações; mas, a partir deste instante de realidade, formas e mudas não apenas o futuro, mas também o passado. Na operação das probabilidades, isto tem grande significado, pois significa que mudas e afetas todos os acontecimentos, e que os teus livros são uma deliciosa ficção que te conta apenas as tuas ideias atuais acerca do passado.

— Sally W.: "Como posso mudar a minha maneira de pensar para manter a minha família saudável, em vez de a tornar doente?"

— *Aqui atrás, temos uma pergunta da galeria. Tens de perceber que não formas os acontecimentos sozinha. Estás envolvida num empreendimento cooperativo. Normalmente, então, não és a única responsável por um acontecimento, porque outros participam na sua criação — pelas suas próprias razões. A pergunta não pode ser respondida simplesmente numa só noite, mas cada consciência possui o seu próprio sistema de defesa e a sua própria vitalidade; deves confiar na tua.*

— *Cooperais em conjunto para formar a realidade física que conheceis, telepaticamente, por formas e meios que desconheceis. Teceis teias de realidade psíquica que depois coalescem em realidade física. Não as teceis necessariamente sozinhos, mas em conjunto. Os vossos pensamentos entrelaçam-se com os dos outros. Sois responsáveis pelos vossos próprios pensamentos. Precisaís de aprender o poder do pensamento e da emoção, mas isto deve encher-vos com a alegria da criatividade. Quando percebeis que os vossos pensamentos formam a realidade, então deixais de ser escravos dos acontecimentos. Tendes simplesmente de aprender os métodos.*

— Sally W.: “Mas não sei como aprendê-los.”

— *Aprendê-los-ás aqui. Aprendê-los-ás através da leitura e através da escuta do teu self interior. Os métodos são conhecidos há séculos; não apenas séculos tal como os pensais, mas durante o tempo de vida desta Terra tal como a conheceis, e mesmo antes — quando os polos estavam invertidos, quando havia outras*

estrelas no céu e quando os planetas não eram os planetas que conheceis.

— Terry B.: “Onde arranjaste o orégão, e em que forma o cheiravas?”

— Foi nas Índias, e estava seco.

Entretanto, durante uma pausa, um dos assuntos discutidos dizia respeito ao grau de “permanência” da forma humana física.

— Por cada momento de tempo em que pareceis existir neste universo, não existis nele. Os átomos e as moléculas têm uma natureza pulsante que normalmente não percecionais; por isso, aquilo que vos parece ser um átomo ou molécula contínuo é, em vez disso, uma série de pulsações que não conseguis acompanhar.

— A matéria física não é permanente. Apenas a percecionais como contínua; os vossos mecanismos percetivos não estão equipados para detetar as pulsações. Ora, estou a falar com o nosso amigo aqui, Art O., um engenheiro, porque talvez ele tenha alguma compreensão daquilo que estou a tentar explicar, devido à sua formação.

— Art O.: “Essas pulsações são extremamente rápidas, nos nossos termos?”

— São, de facto. Em certas condições, contudo, o self interior, abandonando a sua dependência habitual dos sentidos físicos, está consciente desses períodos que, para vós, pareceriam negações.

— A vossa consciência flutua da mesma maneira. Está aqui e depois não está aqui, mas o self físico focaliza-se apenas naqueles momentos de realidade física. Contudo, uma vez que a consciência flutua, outras porções do vosso self têm memória desses momentos em que ela não está focalizada na "realidade física", e isto é também uma porção de toda a vossa existência.

— Isto não é nem metade tão complicado como parece. Quer vos lembreis dos vossos sonhos ou não, por exemplo, certa porção de vós, sob hipnose, poderia recordar todos os sonhos que alguma vez tivestes na vida. Do mesmo modo, certa porção de vós recorda esses não intervalos em que não estais focalizados na realidade física, em que a vossa existência se encontra numa dimensão de atualidade inteiramente diferente e percecionais aquilo a que chamarei, no vosso quadro de referência, não intervalos. Gosto mais do termo não intervalos do que de não momentos.

— Art O.: "Esse não intervalo é um momento desta existência?"

— É, de facto, nesta existência; e estes não intervalos são também momentos noutras dimensões da realidade.

— Jim H.: "Isto poderia ser comparado à luz rotativa de um farol?"

— *Pode, se gostares da analogia.*

— Art O.: “A analogia que me surge é a de uma onda eletromagnética, uma onda portadora, e ela é retificada. Os intervalos são os impulsos positivos e os não intervalos são os impulsos negativos.”

— *É por isso que eu estava a falar contigo.*

— Art O.: “Há mais do que dois impulsos?”

— *Há, e o self total está consciente de todas essas realidades. Sem qualquer falta de gentileza, todos vós conheceis a vós mesmos, as vossas fraquezas e fracassos; então por que haveríeis de supor que o self que conheceis é o único self que sois? Certamente já vos ocorreu que tendes capacidades que não estais a usar, que outras realidades ligadas à vossa existência mais íntima não estão a ser expressas na existência que conheceis.*

— Art O., quero que penses nas implicações daquilo que disse acerca dos não intervalos.

— Jim H.: “Um não intervalo seria um intervalo positivo para outro aspeto da nossa existência?”

— *É, e eles não perceberiam a vossa existência aqui, pois, para eles, ela seria um não intervalo.*

— Jim H.: “Poderá isto ser a chave para a existência simultânea de todas as nossas vidas, a chave para o não tempo?”

— *Sim, de facto. E uma noite destas dir-vos-ei que deveis mudar a vossa conceção da palavra “vidas”. Esta é a primeira pista que dei, quer nas nossas sessões privadas quer na aula, acerca de algum material bastante importante. Mas pensai no que quereis dizer quando usais a palavra vidas, e vede como o termo é limitado.*

— *Portanto, estais tão mortos agora como alguma vez estareis. Ora, se compreenderdes essa observação e pensardes nela, compreenderéis muito do que está por detrás daquilo que disse esta noite.*

— Art O.: “Então estamos tão vivos agora como alguma vez estivemos?”

— *Isso está correto — exceto que, na vida em que agora estais envolvidos, não estais a focalizar-vos no potencial pleno da vossa vitalidade.*

— Janice S.: “Houve um continente de Mu?”

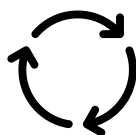
— *Houve. Agora, digo-vos que vos lembreis dos vossos sonhos. No vosso contexto, volto a dizer-vos não apenas que vos lembreis dos vossos sonhos, mas que aprendais a acordar no meio deles e a perceber que podeis operar dentro deles. Vós formais os sonhos.*

Eles são vossos, não algo que vos é imposto e no qual sois impotentes.

— Janice S.: “Estamos a usar a nossa existência como sonho?”

— *Aquilo que disse aplica-se ao que acabaste de dizer. Num contexto, aquilo a que chamais realidade física é um sonho; mas, num contexto mais amplo, é um sonho que criastes. Quando percebeis que o formais, entraís na memória do vosso self total.*

— *E, quando percebeis que formais os acontecimentos da vossa vida da mesma maneira, aprendereis a tomar posse de toda a vossa consciência, em qualquer aspeto em que ela se mostre nesta vida. Através de tudo isto, deveis perceber que não sois impotentes. Lembrai-vos também de que esta vida é uma dimensão de experiência e realidade, mesmo que, por contraste, seja um sonho num nível superior de realidade no qual tendes a vossa consciência mais ampla.*



SESSÃO DA AULA DE PES:

TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1971

A primeira parte desta sessão dizia respeito a uma membro da aula e à sua relutância em olhar mais profundamente para dentro de si mesma.

— *Muito bem, na aula, ela personifica os sentimentos que cada um de vós tem, em algum grau, relativamente ao vosso self interior... Mostra-vos os seus sentimentos de forma exagerada, para que olheis para eles; e assim, quando fala, não fala apenas por si mesma, mas por todos os que estão nesta sala, incluindo Ruburt.*

— *(Dirigindo-se a um membro da aula:) Tens, de facto, prestado um serviço útil na aula, mas espero ver-te a mudar. Pois, quando começares a olhar para dentro de ti mesma, darás aos outros um belo exemplo, e assim será.*

Durante uma pausa, Jane leu excertos de algum material sobre o Gnosticismo. Seguiu-se uma discussão das informações que Seth introduzira na sessão da aula da semana anterior, acerca da natureza pulsante dos átomos e das moléculas — e isto, por sua vez, levou à consideração de possíveis origens para os chamados fenómenos dos discos voadores.

— *Em certos aspetos, estas pulsações representam aquilo que acontece em alguns dos vossos incidentes com discos voadores, pois não tendes um veículo como aquele que pensais percecionar. Estou a falar apenas de certos casos, nos quais tendes visitantes de outras realidades.*

— O que acontece é uma tentativa de trocar realidades de camuflagem. Os seres que entram no vosso plano não podem aparecer nele tal como são. Uma vez que a sua estrutura atômica não é igual à vossa, têm de ocorrer distorções para que qualquer contacto seja possível. Assim, sois confrontados com determinado conjunto de dados sensoriais. Depois tentais perceber o que está a acontecer, mas os dados sensoriais, entendam, significam que o acontecimento já se encontra distorcido até certo ponto. Os veículos físicos que são frequentemente percecionados são a vossa interpretação do acontecimento que está realmente a ocorrer.

— O nosso amigo ali atrás (Paul W.) poderia muito bem aparecer como um OVNI noutro aspeto da realidade, e assustar os habitantes. Esqueceis que a consciência é o único verdadeiro veículo. Nenhuma parte da vossa consciência está aprisionada dentro de vós. Materializa-se num aspeto ou noutro. Uso a palavra "materializa-se" porque faz sentido para vós, mas ela é distorciva, pois leva-vos a pressupor uma aparência dentro da matéria. Contudo, como sabeis, nem todas as realidades são físicas.

— É teoricamente possível, por exemplo, qualquer um de vós dispersar a sua consciência e tornar-se parte de qualquer objeto nesta sala — ou separar-se, dispersar-se pelo espaço — sem perder o sentido de identidade. Isto não é prático nos vossos termos, mas muitos de vós fazem-no para se refrescarem enquanto dormem. A consciência, pelas suas próprias características, transporta o fardo da perceção. Este é o tipo de consciência em que estais habituados a pensar. Não conseguis imaginá-la sem perceção, nos vossos

termos; e, contudo, a consciência pode ser vital e viva sem a vossa ideia de percepção.

— (Dirigindo-se a Art O.): Meu caro amigo científico aí desse lado, os átomos e as moléculas, por mais diminutos que vos pareçam, também transportam o seu fardo de consciência e responsabilidade. Contudo, há uma porção da consciência que pode perceber alegremente de uma maneira que não é ditada pela sua natureza; pode perceber de forma lúdica, como aspeto criativo do seu ser, sem responsabilidade. De certa maneira, o próprio ar à vossa volta canta com a sua própria consciência alegre. Não conhece o mesmo tipo de fardo da consciência que tantas vezes vos oprime. Falando em termos gerais, tendes tanto medo da morte, nos vossos termos, que não ousais desligar a vossa consciência nem por um segundo, pois temeis que, se o fizerdes, de facto, quem estará lá para a voltar a ligar?

— Art O.: “Toda a entidade está envolvida nesta dispersão da consciência, ou apenas a porção dela que conhecemos agora?”

— É assim que as galáxias se formam. É assim que o universo se expande, e é assim que as entidades se formam. Ora, aí tens a tua resposta. Mastiga essa durante algum tempo.

— Estou satisfeito porque esta noite estais a pensar, todos vós — é isso que quero que façais. As ideias não têm realidade a menos que as torneis vossas. Fazei delas amigas ou inimigas. Lutai com

elas ou amai-as, mas usai-as e experienciái-as, não apenas com o intelecto, mas também com os sentimentos.

— Bert C.: “Que tens a dizer da relação com nós mesmos e com os outros?”

— Enquanto não fores honesto contigo mesmo e não te tornares conscientemente ciente de ti mesmo, não conseguirás relacionar-te honestamente com os outros; projetarás sobre eles os teus próprios medos e preconceitos. Não te podes dar ao luxo de os ajudar, porque tens demasiadas inseguranças dentro de ti. Ora, vós formais a realidade física que conheceis, individual e coletivamente. Para mudar o vosso mundo, tendes de mudar os vossos pensamentos. Tendes de vos tornar conscientemente cientes daquilo que dizeis a vós mesmos ser verdadeiro a cada momento do dia, pois essa é a realidade que projetais para fora.

— Bert C.: “Parece uma tarefa para a vida inteira só trabalhar a primeira metade disso, antes de se poder começar a relacionar com os outros.”

— É, de facto. Contudo, a telepatia existe. Os outros estão, portanto, em larga medida, conscientes daquilo que pensas e sentes.

— Bert C.: “Os meus verdadeiros sentimentos, apesar daquilo que eu possa projetar conscientemente?”

— *Os verdadeiros sentimentos não implicam necessariamente os sentimentos violentos ou agressivos. Implicam também os sentimentos de amor e aceitação que estão enterrados sob os teus próprios medos, e aqueles que tens terror de expressar na realidade física.*

— Bert C.: “Penso então compreender que todos estes diferentes níveis da minha consciência estão a ser comunicados — não apenas por mim conscientemente, mas também telepaticamente.”

— *Isso é verdade. Quando projetas as tuas ideias para fora, comportas-te muitas vezes como se elas não fossem tuas, mas pertencessem a outro. Portanto, convém-te compreender quais são as tuas ideias e sentimentos, e não ter medo deles.*

Jim H. contou que encontrou um homem a dormir no trabalho. Jim explicou as suas ideias e emoções acerca do incidente, e queria saber como poderia mudá-las.

— *Podes, de facto, mudá-las, mas não negues a parte de ti que queria torcer o pescoço ao outro homem. Tiveste tanto medo do pensamento que o inibiste imediatamente. Vejamos. Estás aterrorizado com a ideia de que o mal é mais poderoso do que o bem, de que um pensamento violento isolado teu era mais importante e poderoso do que a vitalidade do bem. Pelo menos estavas consciente do pensamento.*

— *Agora, digamos que acontecia o seguinte: que, nos teus termos, progredias ao ponto de deixares de estar consciente das emoções...*

— Jim H.: “Não se pensa simplesmente coisas boas sobre este sujeito de forma automática, reprimindo os pensamentos negativos sem se tomar consciência daquilo que se sentiu.”

— *Claro, e por isso os teus músculos contraíram-se, a tua produção de adrenalina aumentou. Querias torcer-lhe o pescoço, mas disseste: “Deus te abençoe, meu belo jovem. Que tenhas uma vida longa e feliz.” Telepaticamente, o nosso belo jovem sabia exatamente aquilo que estavas a sentir. Tu é que estavas fora de contacto com as tuas emoções. Nesse ponto da tua progressão espiritual, apenas imaginavas que lhe desejavas o bem. Os músculos já estavam contraídos no teu corpo porque não admitiste as tuas verdadeiras emoções.*

— *Ora, três semanas depois temos outro encontro. O nosso pobre trabalhador ignorante volta a adormecer nas suas tarefas. O nosso bom ministro passa por ali. Vê o ocioso no chão a dormir e pensa: “Apetece-me dar-te um pontapé naquele sítio que tu sabes.” Mas depois: “Oh não, não posso pensar uma coisa tão pouco cristã. A violência é errada.” Portanto, antes sequer de admitir para si mesmo aquilo que sente, escondendo qualquer reconhecimento da agressividade, inclina-se e diz: “Meu bom homem, que vivas longa e vigorosamente. Deus abençoe a tua vida.” Dá uma palmadinha*

nas próprias costas e pensa: "Estou a tornar-me mais espiritual a cada dia."

— Entretanto, os seus músculos contraíram-se dez vezes mais porque não puderam ser postos em atividade, uma vez que o pensamento por detrás deles foi negado. O nosso pobre homem está novamente subconscientemente consciente da intenção, mas apenas até certo ponto.

— Três meses depois, tiveste um dia realmente mau. Estás zangado com a vida em geral, e agora encontras o nosso amigo novamente no chão; desta vez, talvez esteja a dormir numa tarefa algo mais importante que querias ver feita. Longe de mim acusar-te de tal ato, mesmo numa fantasia, mas desta vez estás fora de ti. Mais uma vez, convém-te negar as tuas verdadeiras emoções para seres espiritual — o que não é verdadeira espiritualidade — e dizes novamente: "Deus te abençoe, vai em paz."

— Desta vez, a válvula de segurança psíquica já suportou demais. A melhor coisa que poderia acontecer seria perderes subitamente a cabeça e dares-lhe um pontapé. A pior coisa que poderia acontecer seria, mais uma vez, reprimires o reconhecimento da agressividade acumulada, perfeitamente natural, que agora está prestes a explodir — e, assim, enviares uma forma-pensamento completamente desproporcionada em relação a qualquer dos acontecimentos ocorridos. A forma-pensamento causa ao teu amigo danos graves; e tudo isto porque tinhas medo de que

um pensamento agressivo isolado teu fosse mais poderoso do que a vitalidade que reside em cada um de vós.

— Jim H.: “No início, antes de termos agravado a frustração e as cargas emocionais, terias recomendado uma ação como dizer: ‘Vá lá, isto está errado. Provavelmente eu próprio já fiz este tipo de coisa, mas isto irrita-me mesmo. Temos de nos levantar e começar a trabalhar aqui.’ Ser honesto com ele a esse nível teria evitado estas cargas?”

— *Sim. O mais importante, contudo, é reconhecer a emoção como legítima, com o seu próprio domínio de existência, admiti-la como parte de ti. Depois escolhe como queres lidar com ela. Não fazes dos outros o alvo principal da tua ira; a ira é apenas um método de comunicação.*

— Jim H.: “Não quero dirigir o peso principal da minha ira contra nenhum de nós. Primeiro, não quero dar-lhe um pontapé. Segundo, não quero magoar-me de alguma forma.”

— *Originalmente, não estavas suficientemente zangado para lhe dar um pontapé. O pensamento existia, mas não era suficientemente forte para provocar a reação física, mesmo que o tivesses admitido plenamente. Estás a entender-me?*

— Jim H.: “Sim. Quero aprender a lidar com essas emoções sem tentar reprimi-las.”

— Deves, antes de mais, admitir que as emoções existem como parte de ti, ao nível do ego. Sempre que fechas as tuas emoções a ti mesmo, estás, nos teus termos, menos vivo. Depois, tanto quanto possível, comunica essas emoções verbalmente da forma que escolheres. Usa a ira como método de comunicação. Muitas vezes ela conduzirá a resultados em que não pensas, e resultados benéficos.

— Certamente compreendes que estou a fazer com o teu caso a mesma coisa que fiz com outros, por isso, por favor, não te ofendas. Entendam que não quero que nenhum de vós use estas ideias como ligaduras superficiais para as vossas psiques sangrantes... Portanto, não és tão mau como eu te rotulei. Poderás ter inclinação na direção que indiquei, mas todos os outros nesta sala também a têm, incluindo Ruburt.

— Jim H.: “Agora, definirias mau nesse contexto?”

— Eu não defino mau. Quando uso o termo, faço-o de acordo com a vossa própria definição. Tendes a ideia de que o bem é suave e o mal é violento. Isto acontece porque, na vossa mente, violência e destruição são a mesma coisa. Por esta analogia, a voz suave é a voz santa e a voz alta é a voz perversa; e um desejo forte é o desejo mau, enquanto um desejo fraco é o bom. Ficais com medo de projetar ideias ou desejos para fora, pois, no fundo da vossa mente, pensais que aquilo que é poderoso é mau.

— *Em vez disso, digo-vos que o universo é um universo bom. Esse universo conhece a sua própria vitalidade, e essa vitalidade está dentro de vós. Podeis encorajá-la livremente. A vossa própria natureza é uma natureza boa, e podeis confiar nela. Não confundais dificuldade com virtude: o facto de algo ser difícil não significa, por si só, que seja bom.*

— Jim H.: “Na primeira noite em que estive aqui, disseste: ‘Veremos mais de ti.’ Foste bastante definitivo quanto a isso. Muitas vezes me perguntei: porquê essa certeza?”

— *Porque eu sabia por que tinhas vindo aqui, e sabia que a tua mulher também viria. Não estou a dizer que não há livre-arbítrio. Estou simplesmente a fazer uma afirmação sobre este domínio de probabilidades.*

— Jim H.: “Para mim, isso implica um conhecimento prévio das nossas vidas.”

— *Implica, de facto, nos vossos termos, mas esse conhecimento também está disponível para vós. Ora, não conseguimos cobrir claramente um tema numa só noite, muito menos cento e um temas. Contudo, em relação a uma observação que fizeste antes — em quase todas as tuas vidas estiveste fortemente envolvido naquilo a que chamaríeis empreendimentos religiosos. As tuas vidas restantes estiveram igualmente envolvidas, em termos religiosos, em empreendimentos opostos, nos vossos termos, mas entraremos*

nisso mais tarde. A alma santa virada do avesso é uma bela devassa, digamos assim.

— Sempre estiveste envolvido com questões relativas ao bem e ao mal, e tiveste duas existências em duas civilizações no Egito. Numa delas, o teu amigo aqui (Bert C.) esteve envolvido. É demasiado tarde para entrarmos nessa encarnação esta noite e, além disso, nenhum de vós está ainda pronto para beneficiar dela. Não é uma história fascinante para ser contada apenas para vosso entretenimento, mas ajudará quando conseguirdes compreendê-la.

— Estou muito mais interessado na reação de todos vós ao material que Ruburt leu esta noite, sobre o Gnosticismo. Ora, se vos parece que um membro da aula está a monopolizar uma sessão, lembrai-vos daquilo que já disse antes: as perguntas proferidas por um são as perguntas não ditas de muitos.

— A muitos de vós pareceu que fostes tingidos pelo mal desde o nascimento. (Dirigindo-se a Jim H.:) Numa das tuas vidas passadas, não só acreditaste sinceramente nisso como também o ensinaste.

— Como Ruburt diria, a tua companheira aqui (Jean, mulher de Jim) não concordava de modo algum com as tuas ideias nessa vida. Ela era homem nessa altura, contudo, e tu eras mulher e sacerdotisa. O mesmo acontecia com o teu amigo (Bert C.). Como homem nessa vida, ela teve um efeito expansivo sobre a tua personalidade, mas tu eras muito dada ao ritual e à crença em atos

*mágicos, bem como à ideia de que a existência em si era má e errada. Foste, de facto, membro da seita agora chamada gnóstica.*²²

— Jim H.: “É por isso que agora reajo tão fortemente contra o Gnosticismo, porque ultrapassei esse ponto?”

— *Não apenas por isso, mas porque ainda sentes em ti alguma simpatia por essas crenças. Enquanto te libertas, reconheces na tua psique uma inclinação nessa direção e, por isso, atacas sempre que ouves essas ideias, sem perceber que estás a atacar-te a ti mesmo.*

— Kathy B.: “É por isso que tenho uma reação semelhante a esta literatura gnóstica?”

— *Nessa altura, eras homem e amigo dele. Ora, quase todos os que vêm a estas aulas estiveram, uma vez ou outra, envolvidos em empreendimentos desse tipo. Todos vós fizestes parte de outras aulas, embora não necessariamente comigo. Por causa do vosso longo interesse, certos aspetos tocarão muitos de vós com grande força.*

— *A associação opera não apenas dentro de uma vida, mas entre vidas, nos vossos termos. Palavras e frases ditas agora despertarão*

²² O Gnosticismo era um sistema seletivo de religião e filosofia que unia características do Platonismo, do Orientalismo, do Cristianismo e do dualismo. Abrangeu tempos pré-cristãos e posteriores, e assumiu várias formas. Em todas elas, a sua doutrina central sustentava que o conhecimento — gnose — era o meio de salvação da tirania da matéria, mais do que a filosofia ou a fé.

as vossas memórias, e essas memórias tornar-se-ão vivas se permitirdes que isso aconteça.

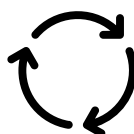
— (Dirigindo-se a Art O.): Até o nosso deus africano ali pode recordar as suas vidas passadas, se apenas se permitir fazê-lo.

— Art O.: “É essa vida a razão por que agora gosto de música africana?”

— É uma das razões. A outra razão tem a ver com outra vida na qual tinhas inclinações musicais.

— (Dirigindo-se a Mary M.): Tenho uma mensagem para a nossa amiga aqui, e é bastante simples. Quando não souberes o que fazer, relaxa e diz a ti mesma que outras porções de ti sabem; elas tomarão conta da situação. Dá algum descanso a ti mesma. Recorda-te de que, de muitas maneiras, és uma pessoa muito bem-sucedida tal como és. O sucesso não envolve necessariamente grande intelecto, grande posição ou grande riqueza; tem a ver com integridade interior. Lembra-te disso.

— Desejo-vos agora a todos uma afetuosa boa noite.



SESSÃO DA AULA DE PES:

TERÇA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO DE 1971

Esta sessão continha também o material muito interessante que Seth deu acerca das suas próprias percepções enquanto se dirige a um grupo de pessoas; essas informações são citadas na nota 1, no Capítulo Dezanove.

— *Agora tenho algo a dizer a esta aqui (Sue W.), e àquele ali (Jim H.), e, em certa medida, a todos vós. Não há necessidade de justificardes a vossa existência. Não precisais, por exemplo, de escrever ou pregar para vos justificardes. Ser é a sua própria justificação. Só quando percebeis isto é que podeis começar a utilizar a vossa liberdade. Caso contrário, esforçais-vos demasiado.*

— *Isto também se aplica ao nosso amigo Ruburt. Se vos tornardes demasiado determinados em justificar a vossa existência, começareis então a fechar áreas da vossa vida. Só aquelas áreas que significam justificação segura para vós terão significado, e as outras começarão a desaparecer. Não tendes de vos justificar em quaisquer termos.*

— *Ora, se cada um de vós, durante dez minutos por dia, se abrisse à sua própria realidade, não haveria qualquer questão de autojustificação, pois perceberíeis a natureza miraculosa da vossa própria identidade. Já disse isto antes na aula: estais tão mortos agora, e tão vivos, como alguma vez estareis. Na vida, podeis estar tão mortos como pensais que qualquer cadáver está — até, por contraste, muito mais morto.*

— Quando venho aqui falar, focalizo a minha energia, mas não em direção a esta sala como destino, pois, nos vossos termos, esta sala não existe para mim. Nos vossos termos, esta sala nem sequer existe para vós. Fingis concordar que existe; encontramos-nos em nenhum lugar do espaço ou do tempo. Os verdadeiros encontros que aqui ocorrem nada têm a ver com a sala nem com as pessoas que pensais ser. Sabeis que alucinais a sala, que estais aqui tão em transe como alguma vez estais quando vos encontrais em tempo psicológico. Quero simplesmente que percebaís que, se esta vida é um transe, então podeis orientar a direção da vossa consciência para percecionar realidades maiores que existem presentemente. Podeis estar conscientes da vossa própria identidade maior, tal como eu estou. Sentais-vos dentro do milagre de vós mesmos e pedi sinais. São os vossos olhos interiores que eu abriria.

— Tal como vos conheceis, aceitais apenas aquelas sugestões, ideias e bloqueios que servem os vossos propósitos neste momento. Não estais, portanto, à mercê de qualquer neurose de uma vida passada, nem há medos das vossas vidas presentes que não possais conquistar. Não disse que necessariamente os conquistareis, mas está dentro da vossa capacidade fazê-lo.

— A decisão é vossa, de acordo com a vossa compreensão. Não podeis ser perseguidos de um nível de realidade para outro por um medo que não compreendeis. Não podeis ser ameaçados nesta vida por medos da vossa infância inicial, ou por chamadas existências passadas, a menos que acrediteis tão profundamente na natureza do medo que vos permitais ser vencidos por ele. Cada uma das vossas personalidades é livre para aceitar e desenvolver, dos

bancos miraculosos da realidade, aquelas experiências e emoções que desejais, e rejeitar aquelas que não desejais.

— *Deixai-me dar-vos um exemplo mais concreto, que cada um de vós pode usar à sua maneira. Suponde o pior, que nesta vida tendes o seguinte contexto: sois pobres, pertenceis a uma raça minoritária, não sois intelectuais, sois mulher, tendes um defeito físico grave e não sois belos. Ora, estabelecestes estes desafios para vós mesmos numa chamada vida passada. Isto não significa que não possais usar toda a vossa coragem e determinação para resolver estes problemas. Estabelecestes esses desafios na esperança de os resolver. Não os colocastes como mós ao pescoço, esperando antecipadamente afogar-vos.*

— *Tudo o que tendes de fazer é perceber a vossa própria liberdade. Formais a realidade que conheceis, não esotericamente, não simbolicamente, não filosoficamente. Nenhuma grande Oversoul a forma por vós — também não podeis colocar esse fardo aí. No passado, coletiva e individualmente, culpastes um deus ou um destino pela natureza das vossas realidades pessoais — precisamente aqueles aspetos de que não gostáveis.*

— *À personalidade é dado o maior dom de todos: recebeis exatamente aquilo que quereis receber. Criais a partir do nada a experiência que é vossa. Se não gostais da vossa experiência, então olhai para dentro de vós mesmos e mudai-a. Mas percebei também que sois responsáveis pelas vossas alegrias e triunfos, e que a*

energia para criar qualquer uma dessas realidades vem do self interior. O que fazeis com ela depende da personalidade individual.

Durante a pausa, os membros da aula discutiram destino e predestinação.

— Uma noite destas, gostaria que a nossa senhora aqui falasse comigo sobre predestinação.

— Bernice M.: “Eu gostaria que falasses comigo sobre isso.”

— Não estais “programados”. Nada acontece porque tem de acontecer. Cada pensamento que tendes agora muda a realidade. Não apenas a realidade tal como a conheceis, mas toda a realidade. Nenhum ato vosso predispõe um self futuro a agir de determinada maneira. Há bancos de atividade dos quais podeis retirar ou escolher não retirar.

— Bernice M.: “Tomamos decisões instantâneas? Por exemplo, estava hoje a pensar no terramoto de Los Angeles. Um homem saiu para a rua e foi morto por um tijolo que caiu. O que fez com que essa pessoa, entre todas as pessoas do edifício, saísse?”

— Esse indivíduo em particular estava bastante consciente daquilo que iria ocorrer, naquilo a que chamaríeis uma base inconsciente. Não estava predestinado a morrer. Escolheu tanto o momento, nos vossos termos, como o método, por razões próprias.

— Bernice M.: “Independentemente de quem escolheu, estava destinado que ele morresse.”

— *Não estava predestinado. Ele escolheu. Ninguém escolheu por ele.*

— Bernice M.: “Mas ele tinha tomado a decisão antes.”

— *Antes quando?*

— Bernice M.: “Antes de ser morto.”

— *Ele sabia que estava pronto para avançar para outras esferas de atividade. Inconscientemente, procurou à sua volta os meios e escolheu aqueles que estavam imediatamente disponíveis. Esse indivíduo em particular, três dias antes, tinha feito o plano. Não havia predestinação envolvida. O facto de um ramo de árvore cair não significa que estivesse destinado a cair, nem na maneira particular da sua queda, nem no momento dessa queda. Há uma grande diferença entre livre escolha e predestinação.*

— Jim H.: “Não disseste antes, referindo-te à mulher que nasceu numa raça minoritária, que os desafios dela tinham sido estabelecidos por uma personalidade anterior, nos nossos termos?”

— *Pelo Self total.*

— Jim H.: “A decisão foi tomada quando essa personalidade anterior regressou ao Self total durante um período de reavaliação?”

— *Tens de perceber, mais uma vez, que falamos de divisões por conveniência, onde, na realidade, nenhuma existe. Ao mesmo “tempo”, por assim dizer, em que essa personalidade nasce numa raça minoritária, numa era completamente diferente pode nascer rica, segura e aristocrática. Está a procurar diferentes métodos de experiência e expansão. Percebes?*

— Jim H.: “Compreendo. Pensei que provavelmente querias dizer que os desafios tinham sido estabelecidos pelo Self mais amplo.”

— *De facto. Lembra-te: é da tua identidade inteira que estamos a falar. Estás presentemente consciente apenas de uma porção dela; e é a essa porção que insistes em chamar tu mesmo. Contudo, tu és o Self mais amplo que toma estas decisões.*

— Bert C.: “Que recurso teria o pobre indivíduo que nasceu com todos estes obstáculos aparentemente intransponíveis, se dissesse conscientemente, ao nível do ego: ‘Eu simplesmente não quero nada disto. Teria preferido muito mais nascer aristocrático’?”

— *O self interior percebe, contudo, que estão presentes potenciais que não estariam necessariamente presentes noutras circunstâncias — capacidades que podem ajudar não apenas a*

personalidade presente, mas também outros indivíduos, e até a sociedade em geral.

— O vosso principal ponto de contenção surge das barreiras emocionais causadas pela diferença de termos. É como se escolhesses trabalhar durante um dia nos bairros pobres. Seria ridículo escolheres fazer isso e depois dizeres a ti mesmo: "Por que escolhi trabalhar nos bairros pobres? Preferia trabalhar na Quinta Avenida." Sabes a razão, e a tua identidade inteira sabe a razão. Escondes isso do self presente simplesmente para garantir que a realidade presente seja imersiva, e não fingida.

— Um homem rico que tenta ser pobre por um dia para aprender o que é a pobreza aprende pouco, porque não consegue esquecer a riqueza que tem disponível. Embora coma a mesma comida pobre que o pobre, e viva na mesma casa pobre durante um dia — ou durante um ano ou cinco anos —, sabe que tem a sua mansão para onde regressar. Por isso escondes estas coisas de ti mesmo, para poderes relacionar-te. Esqueces a tua casa para poderes regressar a ela enriquecido.

— A consciência não é feita tanto de equilíbrios como de desequilíbrios requintados, e o foco da percepção consciente é, em certa medida, resultado desse estado de excitabilidade. Nesse estado, todos os elementos nunca são conhecidos porque novos elementos estão sempre a ser criados. Não falo de elementos físicos, mas das características psicológicas da consciência, pois até essas se fundem e mudam continuamente.

— Não és agora aquilo que eras há dez minutos. Não és o mesmo ser física, psicológica, espiritual ou psiquicamente, e daqui a dez minutos serás novamente diferente. Negar isto é tentar forçar a consciência a entrar numa forma rígida da qual nunca possa ser libertada, aplicar-lhe regras que criam uma paisagem psicológica muito arrumada.

— Agora gostaria novamente que percebêsseis a energia que está disponível. Se Ruburt consegue usá-la, cada um de vós pode usá-la à sua maneira. Quero que abrais, dentro de vós, as barreiras que erguestes contra essa força, pois ela está disponível a cada um de vós quando utilizais essas capacidades que são a vossa herança.

— Deveríeis ouvir o vosso próprio eco da minha voz como símbolo da vossa própria energia e alegria. Esquecei os selves encolhidos que por vezes sois e recordai, em vez disso, a essência mágica do vosso próprio ser, que canta mesmo agora através das pontas dos vossos dedos. Essa é a realidade que procurais. Experimentai-a plenamente. Precisais de uma coisa velha e morta como eu para vos dizer o que é a vida? Eu devia ter vergonha.

— Agora, desejo-vos uma afetuosa boa noite, e aquelas bênçãos que são minhas para dar, dou-vo-las. Viajai em paz, alegria e segurança, nos vossos corpos e fora deles.

Sobre o Autor

Jane Roberts (8 de maio de 1929 – 5 de setembro de 1984) cresceu em Saratoga Springs, Nova Iorque, onde frequentou o Skidmore College. Jane foi uma escritora prolífica em diversos gêneros, incluindo poesia, contos, literatura infantil, ficção e não-ficção. Os seus livros de não-ficção, best-sellers internacionais, incluem *Seth Speaks*,

The Nature of Personal Reality, agora em edição portuguesa como “A Natureza da Realidade Pessoal”, *The Nature of the Psyche* e *The Individual and the Nature of Mass Events*. Os seus romances extremamente populares incluem *The Education of Oversoul Seven*, *The Further Education of Oversoul Seven* e *Oversoul Seven and the Museum of Time* (agora publicado como *The Oversoul Seven Trilogy*). A Biblioteca da Universidade de Yale mantém uma coleção de escritos, diários, poesia e gravações áudio e vídeo de Jane, doadas após a sua morte pelo seu marido, Robert F. Butts.